TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA NA PAN-AMAZÔNIA: TECNOLOGIAS SOCIAIS DO BRASIL, BOLÍVIA E PERU



MÔNICA DE NAZARÉ FERREIRA DE ARAÚJO

NAEA EDITORA

TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA NA PAN-AMAZÔNIA: TECNOLOGIAS SOCIAIS DO BRASIL, BOLÍVIA E PERU

NAEA EDITORA

Universidade Federal do Pará – UFPA
Reitor: Emmanuel Zagury Tourinho
Vice-Reitor: Gilmar Pereira da Silva
Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação: Maria Iracilda da Cunha Sampaio

Núcleo de Altos Estudos Amazônicos – NAEA
Diretor Geral: Armin Mathis
Diretora Adjunta: Mirleide Chaar Bahia

Editora
Editor-Chefe: Silvio José de Lima Figueiredo
Diretora Executiva: Aurilene Ferreira

Conselho Científico
Presidente - Prof. Dr. Armin Mathis – Universidade Federal do Pará.
Vice-Presidente – Profa. Dra. Mirleide Chaar Bahia - Universidade Federal do Pará.
Profa. Dra. Ana Paula Vidal Bastos – Universidade Nacional de Brasília.
Prof. Dr. Carlos Alberto Mejías Rodriguez – Universidad de La Habana, Cuba.
Prof. Dr. Germán Alfonso Palacio Castañeda – Universidad Nacional de Colombia, Letícia.
Prof. Dr. Julien Meyer – Université Grenoble Alpes, CNRS, GIPSA-lab, France.
Prof. Dr. Josep Pont Vidal – Universidade Federal do Pará.
Profa. Dra. Maria Manuel Rocha Teixeira Baptista – Universidade de Aveiro, Portugal.
Prof. Dr. Miguel Pinedo-Vasquez – Columbia University – New York, EUA.
Prof. Dr. Ronaldo de Lima Araújo – Universidade Federal do Pará.

Coordenação de Comunicação e Difusão Científica
Prof. Dr. Armin Mathis

MÔNICA DE NAZARÉ FERREIRA DE ARAÚJO

TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA NA PAN-AMAZÔNIA: TECNOLOGIAS SOCIAIS DO BRASIL, BOLÍVIA E PERU

BELÉM/NAEA
2024

Texto revisado conforme as regras do novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Diagramação
Ione Sena

Criação da capa
Ibrahim Mansur Azevedo Said

Revisão
Roseany Caxias

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A663t

Araújo, Mônica de Nazaré Ferreira de.
Turismo de base comunitária na Pan-Amazônia [livro eletrônico] : tecnologias sociais do Brasil, Bolívia e Peru / Mônica de Nazaré Ferreira de Araújo. – Belém: NAEA, 2024.
564 p. : 16 x 22 cm

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: https://www.naea.ufpa.br/index.php/livros-publicacoes?start=70
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-7143-235-2

1. Turismo de base comunitária. 2. Empreendedorismo. 3. Pan-Amazônia. I. Título.

CDD 380.145.

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

© Direitos Reservados à Editora Naea
Av. Augusto Corrêa, nº 1 - Campus Universitário do Guamá, CEP: 66.075-750
Belém, Pará, Brasil
(91) 3201-7231 | naeaeditora@gmail.com

Aos povos amazônidas, por seu trabalho
diário para viverem dias melhores.

AGRADECIMENTOS

Ao meu querido irmão Luiz Marcos, pelo seu fundamental incentivo para a realização desse trabalho.

À minha irmã Cristina Maria, por suas solicitudes em atender-me nas horas que mais eu precisava.

À minha estimada irmã Cecília Maria e ao meu cunhado Ibrahim, pelas vibrações boas que foram forças verdadeiras.

Ao meu sobrinho Mateus, por insistir em sempre revalorizar a VIDA.

Ao meu estimado tio Jorge Ferreira, por me propiciar o apoio e a tranquilidade necessários para minha excelente estadia em Belém.

À minha supervisora, Ligia Simonian, por nunca poupar esforços intelectuais para que eu desempenhasse a contento o trabalho a que me propus. E mais, por também dedicar momentos preciosos de sua convivência comigo. Muitíssimo obrigada!

À Coordenação e equipe do PPGDSTU/NAEA/UFPA, pela completa assistência que foi um facilitador ideal para que eu desenvolvesse esse trabalho.

À minha amiga boliviana Aydee Omos, que abriu as necessárias portas institucionais daquele país.

À querida amiga salvadorenha Karla Lorena, pela presteza em atender-me quando eu mais precisava. Gratidão!

Às amigas Gilna Bitar, Bruna Lima e Karen Saavedra, pela solidariedade e preocupação constante.

Aos amigos e colegas de trabalho, Luiz Antônio Pinheiro, Davi Alysson da Cruz Andrade e Ruan Tavares Ribeiro, pela força e companheirismo de sempre.

À Aliete Cutrim, pelo auxílio doméstico ao longo da escrita deste trabalho.

Ao PNPD/CAPES, pela bolsa de estudo, que se tornou essencial no processo da pesquisa, e à Universidade Federal do Maranhão (UFMA), por valorizar meu trabalho.

Ao Editor-chefe da Editora do NAEA, Silvio José de Lima Figueiredo, pelo incentivo à publicação desta obra.

Sabedoria pode ser que seja ser mais
estudado em gente do que em livros.

Manuel de Barros

APRESENTAÇÃO

O Turismo de Base Comunitária (TBC) é apresentado, na presente obra, como a estratégia para a *sustentabilidade socioambiental de territórios*, a partir da concepção de uma *tecnologia social*, visto que ele surge como uma possível solução empreendedora, sustentável e reaplicável de transformação socioeconômica na Pan-Amazônia e Amazônia Brasileira.

Nota-se que a autora inicia os seus estudos no campo epistemológico do TBC, *timidamente*, paralelamente aos seus estudos doutorais, à época no Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA), da Universidade Federal do Pará (UFPA), em meados, dos anos de 2011 e 2012, participando de colóquios, com imersão empreendedora na experiência de TBC do Movimento de Mulheres das Ilhas de Belém (MMIB), com a coordenação dos dois projetos de extensão relacionados ao TBC/MMIB, da Faculdade de Turismo (FACTUR) e do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas (ICSA), da UFPA.

Peremptoriamente, na condição de doutora, a autora dedica-se com maestria aos estudos, tanto ontológico como epistemológico do TBC, por meio de seus projetos de extensão financiados via editais da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA), na Região Turística (RT) do Parque Nacional (PARNA) dos Lençóis Maranhenses, especificamente no município de Santo Amaro do Maranhão.

À perspectiva das possibilidades e limites do TBC, a presente obra conduz o leitor a navegar pelas águas dos rios da Pan-Amazônia, em busca de perceber e aperceber as complexidades da vida socioeconômica *cabocla ribeirinha*, (des) conectada à exuberante fauna e flora amazônicas.

Nessa direção, o Brasil, a Bolívia e o Peru são as *áreas geográficas* da Pan-Amazônia recortadas para a imersão investigativa da autora, com o *objeto de análise* do TBC e sua constituição, ao nível de uma perspectiva comparativa.

No Brasil, as *unidades de análise* foram os territórios da Amazônia Brasileira. Primeiramente, da Amazônia Brasileira Oriental, no estado do Pará, a saber: i. Ilha de Cotijuba, com maior ênfase em face à experiência consolidada de TBC do MMIB; ii. Comunidades Quilombolas África-Laranjituba e Moju-Miri; iii. Comunidade de Santo Amaro, situada no Refúgio de Vida Silvestre Metrópole da Amazônia. Segundamente, na Amazônia Brasileira Ocidental, nos territórios do estado do Amazonas, a saber: na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, especificamente a Pousada Uacari; e nas comunidades de Boca do Mamirauá, Vila Alencar e Caburini; além de incursões complementares na comunidade do Tiririca, na Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Rio Negro.

Na Bolívia, de acordo com a autora, as unidades de análise foram o destino Rurrenabaque-Madidi-Pampas, nomeadamente nos empreendimentos Chalalan Ecolodge, pertencente à comunidade de San José de Uchupiamonas, e Madidi Jungle Ecolodge, no Parque Nacional e Área de Manejo Integral Madidi. Além de seu entorno, Villa Alcira e San Miguel de Bala, propriedades dessas comunidades tacanas. E, de modo adicional, também o território de Mashaquipe Ecolodge.

E, no Peru, a imersão investigativa deu-se nos empreendimentos Ñape Lodge e Posada Amazonas, de propriedade da Comunidade Nativa do Inferno, localizadas no entorno da Reserva Nacional Tambopata. E, ainda, de maneira suplementar, o Tambopata Guest House e a Casa Matsiguenka

está situada no interior do Parque Nacional Manu, de propriedade das comunidades de Tayakome e Yomibato.

Isso posto, na obra, o enquadramento filosófico foi o do pós-positivismo, a partir da assertiva de Bruyne *et al.* (1991), que menciona que urge compreender a necessidade da interação a níveis de complexidade do conhecimento e da emancipação de perspectivas predominantemente positivistas. E, no que tange ao enquadramento epistemológico, a obra enquadra as categorias teóricas do "*Turismo de Base Comunitária*", por perceber-se a aderência deste modelo de gestão de negócios ao empoderamento coletivo, e o "*Desenvolvimento Comunitário para a sustentabilidade*", visto que a razão disso é perceber o papel e compromisso das instituições articuladoras para a sintropia institucional das tecituras sociais (NORTH, 1990, apud NÓBREGA & FIGUEIREDO, 2012), com fins de perfilamento da tecnologia social do TCB.

E, quanto ao enquadramento metodológico, a autora enquadrou, a partir do Método Comparado, com a recolha de dados primários, por meio da aplicação das técnicas de levantamento bibliográfico e documental, da observação sistemática, da entrevista com o instrumento de inquérito por entrevistas, sob a amostragem não probabilística e não intencional, com roteiros pré-estruturados, regida por critérios de conveniência e/ou disponibilidade dos entrevistados. E, análise iconográfica, para dar suporte ilustrativo circunstancial.

E, ainda, no enquadramento metodológico, a pesquisa foi desenvolvida quanto aos objetivos de maneira exploratória; quanto aos procedimentos, no contexto de múltiplos casos. E, quanto à natureza dos dados, de modo qualitativa.

Ademais, embora a obra seja concebida a partir do relatório de estudos pós-doutorais da autora, a linguagem empreendida é clara e

objetiva, com o rigor acadêmico exigido, mas não exclui os leitores que não têm domínio teórico do TBC. Pelo contrário, a leitura torna-se envolvente, conduzindo o pensamento para o imaginário social das comunidades tradicionais amazônicas que, diariamente, tentam sobreviver com dignidade em meio ao caos da pressão antrópica por seus territórios.

E, de fato, essa obra procura dar um contributo, mas no sentido do conhecimento da possibilidade do TBC enquanto uma tecnologia social, a considerar quando o objeto de estudo é a realidade assimétrica de comunidades locais detentoras de capital relacional e elementos-chave de atrativos naturais, culturais e produção agroalimentar na Pan-Amazônia.

E, por fim, considera-se assim estar reunido nesta obra um conjunto de importantes contributos, para uma compreensão melhor, não apenas da descrição linear das comunidades-chave do processo, mas também da possibilidade do fortalecimento de redes de pesquisadores interessados na temática do TBC na Pan-Amazônia, com o propósito ético de pesquisas interinstitucionais que consigam perfilar os modelos teóricos explicativos subjacentes aos processos de desenvolvimento da tecnologia social do TBC, principalmente em territórios tardios economicamente nesta imensa Amazônia Internacional.

Eduardo Lima dos Santos Gomes[1]

---

[1] Professor Associado I da Universidade Federal do Pará (UFPA) e Doutor em Ciências Socioambientais (NAEA/UFPA).

PREFÁCIO

Apenas mais recentemente é que a problemática do Turismo de Base Comunitária – TBC vem sendo investigada e debatida no âmbito da produção científica sobre a Pan-Amazônia. Inclusive, essa modalidade de turismo encontra-se implementada em algumas áreas dessa região, a saber, Bolívia, Brasil e Peru, tendo, inclusive, empreendimentos desses três países recebido prêmios mundiais de TBC[1] e um recebido certificado de lugar de TBC[2] (Araújo, 2024). Esta obra – *Turismo de Base Comunitária na Pan-Amazônia: as tecnologias sociais do Brasil, Bolívia e Peru* – traz os resultados do pós-doutorado da Dr.ª Mônica de Nazaré Ferreira de Araújo feito na região[3].

Mas antes de adentrar nas discussões da autora, é de se lembrar sobre a importância de outras autoras e autores e de conceitos mais gerais. Assim, o conceito de "microfísica do poder" proposto por Foucault (1979) e sua obra homônima são relevantes nesta direção e tratam dos abusos em âmbito local, o que implica em todo cuidado na efetivação do planejamento e no desenvolvimento do TBC. A coexistência em espaços justapostos pode gerar

---

1 Precisamente, em Chalalan (Bolívia), em Mamirauá (Brasil), e em Posada Amazonas (Peru).

2 Em Rurrenabaque-Madidi-Pampas (Bolívia).

3 Pós-Doc. realizado como bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES/Programa Nacional de Pós-Doutorado – PNPD junto ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido – PPGDSTU (Núcleo de Altos Estudos da Amazônia – NAEA/ Universidade Federal do Pará – UFPA. Isso entre 2019 e 2021 e sob a minha orientação. A Prof.ª Dr.ª Araújo é Prof.ª Adjunta do Departamento de Turismo e Hotelaria da Universidade Federal do Maranhão – UFMA.

conflitos envolvendo o poder, pois a disputa sobre os espaços e os recursos neles existentes podem inviabilizar localmente a possibilidade do TBC.

Os conceitos de sustentabilidade e de bom viver são essenciais para o TBC – como se vê em "Tendências recentes quanto à sustentabilidade no uso dos recursos naturais pelas populações tradicionais amazônidas" (Simonian, 2007) e em "Buen vivir: germinando alternativas al desarrollo" (Gudynas, 2011). Mas pressões externas de segmentos socais de base capitalista podem dificultar, ou mesmo inviabilizar essa proposta! Os ataques sobre os territórios das comunidades tradicionais e sobre os seus *modus vivendi* são apenas alguns exemplos nessa direção.

As pesquisas teóricas e de campo realizadas pela autora deste livro foram difíceis, mas instigantes e reveladoras, como posto por Araújo (2024, p. 42):

> Certos estudos, como demonstrados por Gómez, Falcão, Castillo, Correia e Oliveira (2015) indicam o Turismo de Base Comunitária (TBC) como um empreendimento bottom-up que se define pelo ajuntamento de atores sociais que procuram soluções para dirimir determinados problemas locais de diversas matizes – socioambiental, econômico, ambiental, cultural e/ou político. Esta realidade se manifesta no cooperar e no protagonizar da comunidade para viabilizar um plano no sentido de controlar as ações relacionadas ao turismo.

Assim, o TBC implica, no mais das vezes, na existência de comunitárias e de comunitários das áreas rurais em busca de soluções para problemas locais, cooperação e protagonismo via planos para o desenvolvimento do turismo. E o que se oferece às e aos visitantes é todo um acervo ecológico, histórico e cultural com base nas suas próprias existências e experiências. Assim e pelo que se depreende desta obra, é que se oferece o básico – hospedagem nas próprias residências ou nas proximidades, e gastronomia

com base em produtos locais cultivados e produzidos pelas próprias famílias –, e também muito mais.

No TBC, também são disponibilizados passeios com pegadas ecológicas na ilharga ou nas áreas mais distantes em que se mostram as maravilhas locais – cachoeiras, lagos, furos em meio à floresta, trilhas...; e também o patrimônio histórico: a saber: os sítios arqueológicos, igrejas, monumentos, a arquitetura local... No que respeita ao patrimônio imaterial, em geral revelado via repentes e contação de estórias no entardecer e à espera do jantar, ou mesmo após essa refeição. Como se percebe, esse é um turismo bem diferenciado do turismo de massa. Sua marca é o local, com suas especificidades. E sobre isso os pan-amazônidas foram muito criativos antes da Pandemia da Covid-9.

Tal modalidade de turismo também tem a preocupação com um retorno econômico justo para as comunidades que a promovem, bem como a valorização cultural do local e as trocas de experiências (Araújo, 2024). Com relação a tais trocas, tem sido comum a organização de oficinas envolvendo ensinamentos específicos, a exemplo da gastronomia, do artesanato, do ensino de técnicas agrícolas, pesqueiras etc. Ainda como parte de tais trocas, têm-se oficinas sobre a participação das mulheres no desenvolvimento, nas políticas públicas, acerca de sustentabilidade, de práticas turísticas de TBC etc.

Como ensina Araújo, no Brasil pan-amazônico, o TBC já tem uma tradição, principalmente entre as comunidades ribeirinhas. No estado do Pará, há quilombolas, caboclas ribeirinhas e caboclos ribeirinhos em parte das ilhas próximas de Belém, onde se pode encontrar essa modalidade de turismo. E no estado do Amazonas, tem-se TBC na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá – RMDS e em outras áreas

próximas de Manaus, inclusive algumas habitadas por indígenas. Por sua vez, nas Amazônias da Bolívia e do Peru, são grupos de comunitários indígenas das tradições Aymara e Quéchuas que dominantemente desenvolvem esse segmento do turismo.

Assim, o TBC recoloca aspectos do turismo para a responsabilidade das comunidades da Pan-Amazônia de origens diversas, mas principalmente as indígenas e as quilombolas. Essa responsabilidade implica em gestão, governança, criatividade dentre outros aspectos desse *métier*. Isso é muito importante porque agrega uma série de conhecimentos e experiências às comunidades e às pessoas envolvidas com esse turismo. Por sua vez, eles e elas agregam valores novos – quer materiais, quer imateriais – a esse segmento do terceiro setor da economia.

Ainda como assinalado por Araújo (2024), as Universidades – públicas e privadas – e mesmo outras instituições têm cooperado com discussões, oficinas e outros treinamentos relacionados ao TBC junto às comunidades tradicionais. Inclusive e no mais das vezes, esse tipo de trabalho não recebe remuneração e é feito com base na empatia acerca das necessidades e dos interesses de tais comunidades. Mas, eventualmente, empresas têm também se associado a tais empreendimentos comunitários. Assim, esses grupos podem ser nacionais e/ou internacionais, assim como públicos ou privados.

A pesquisa a partir deste Pós-Doc. da Dr.ª Araújo é, certamente, uma das mais ricas e diversificadas que se conhece acerca do TBC. Ela trabalhou em áreas em que o TBC era ainda incipiente, e até em sítios em que o turismo já se encontrava bem mais sofisticado. No Brasil, investigaram-se áreas de TBC desde Belém, a capital do estado do Pará, e a partir de Manaus, capital do estado do Amazonas. Assim, nesses *loci*, a pesquisa incidiu em Laranjituba-

África, Moju-Miri, Santo Amaro, ilha de Cotijuba, RDS Mamirauá (TBC com premiação internacional), aldeia de vila Alencar, Caburini, município de Novo Airão e a RDS Rio Negro.

Na Amazônia boliviana, nos tempos pré-pandemia, o TBC se desenvolveu muito. Ali a autora observou o avanço "das institucionalidades, de contextos e olhares". Nesta região, as políticas públicas têm contribuído para com os avanços. Dentre os *loci* de TBC bolivianos, os mais importantes então identificados são: o Rurrenabaque-Madidi-Pampas (com certificação de local), o Parque Nacional e a Área Natural de Manejo Integrado Madidi, a comunidade de San José de Uchupiamonas, o Albergue Ecológico Chalalan (com premiação internacional), a vila Alcira e o Albergue, a comunidade de San Miguel e o Albergue, o Madidi Jungle Ecolodge e o Mashaquipe Ecolodge.

Ainda no período pré-pandemia, no Peru amazônico o TBC também cresceu muito e, inclusive, se tornou um destino importante em que pese todo o patrimônio arqueológico poderoso do país. E isso apesar do isolamento de algumas das 37 comunidades indígenas vinculadas a oito povos distintos, a saber: Harakbut, Ese'Eja, Yine, Quichua, Aru, Amahuaca e os Mashco Piro e os Iñapari. Dentre os locais que mais sucesso vinham fazendo, têm-se a serra de Madre de Dios, a Reserva Nacional Tambopata, a Comunidade Nativa do Inferno, o Ñape Lodge, a Posada Amazonas, a Tambopata Guest House, o Parque Nacional Manu e a Casa Matsiguenka.

Note-se que todas as experiências de TBC investigadas e que constam neste livro, avançaram em muito, quer em termos de marco legal, ou de planejamento, de implementação e de gestão. Ainda, há de destacar-se a questão dos aprendizados por parte das comunitárias e dos comunitários, o que envolveu todas as atividades requeridas pelo TBC. No âmbito deste livro, Araújo (2024, p. 505) ressalta alguns elementos comparativos, a saber:

[...] marco jurídico-institucional – com suas políticas públicas – origens históricas, participação na tomada de decisões e organização comunitária, parcerias, capacitação, comercialização dos produtos, mercados, ações ambientais, benefícios, problemas enfrentados, entendimentos sobre TBC/TC/TRC e desafios a serem transpostos.

E apesar dos avanços, conforme as descrições e as discussões que constam dessa obra, com o advento da pandemia da Covid-19, muito do que se construíra em termos de TBC na Pan-Amazônia se perdeu, principalmente porque o vírus chegou e se expandiu entre as populações locais. Em 2020, a baixa de empregos no setor foi grande, havendo um empobrecimento generalizado, com o fechamento de empresas e de outros empreendimentos, como o das pousadas locais. Aliás, detectou-se isso na maioria das áreas pan-amazônicas de TBC, como em Salar de Uyuni, Copacabana, Rurrenabaque-Madidi-Pampas e a Rede TUSOCO (Bolívia) ou Cotijuba (Brasil).

Em muitas dessas áreas, as populações locais tiveram que entrar em quarentena, o que lhes custou um ano ou mais de inatividade (Araújo, 2024). Inclusive, a falta de álcool 70, de máscara, de alimentos e a vacinação tardia dificultou em muito a recuperação dessa atividade econômica. E mesmo com o fim da quarentena – que variou de local para local, de país para país – o retorno às atividades turísticas de base comunitária foi lento e dependeu em muito de apoio externo, como dos próprios Estados Nacionais e também da Organização Mundial do Turismo (OMT), da Biosphere etc.

Neste ponto, a autora aponta para a importância da participação das comunidades no âmbito da gestão do TBC no Brasil, na Bolívia e no Peru. E o destaque dentro dessa perspectiva é para os fóruns coletivos e com ênfase nas decisões de cunho operacional (questões menores) e nas

decisões das assembleias comunitárias (para decisões sobre questões mais amplas/importantes). Todavia, a pesquisa na Pan-Amazônia revelou que a cooperação e a parceria são estratégias centrais nos contextos de TBC.

Todavia, é de se observar o quão honrosa e gratificante foi a experiência com a supervisão do Pós-Doc. realizado junto ao PPGDSTU pela Dr.ª Araújo. Nesse percurso, a felicidade tornou-se grande ao vir a saber que ela fez jus à bolsa de Pós-Doc. financiada pelo PNPD/CAPES e então disponibilizada ao Programa. Além de toda a *expertise* da Dr.ª Araújo, inclusive em âmbito internacional, isso tornou-se garantia de que a proposta constante do projeto apresentado no processo de seleção viria a ser realizado mais que a contento, e assim o foi.

Para finalizar, agradecimentos são devidos à autora deste livro, pela possibilidade de ela ter partilhado aulas de campo dessa prefaciadora na Terra Quilombola Laranjituba-África e de ter com ela dividido a etapa de pesquisa de seu Pós-Doc., realizada no município de Novo Airão, estado do Amazonas; e, também, se agradece pelo convite para produzir este prefácio e ainda se deseja que essa obra seja um sucesso enorme!

Ligia T. L, Simonian.
Professora Titular da UFPA,
com atuação no NAEA

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	27
1.1	Metodologia	31
2	APORTES MULTIDIMENSIONAIS DO TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA	41
3	PROJETOS DE TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA DESENVOLVIDOS NO PAN-AMAZÔNIA BRASILEIRA	53
3.1	Pará	53
3.2	Amazonas	139
4	PROJETOS DE TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA DESENVOLVIDOS NA AMAZÔNIA BOLIVIANA	257
4.1	O Turismo na Bolívia: institucionalidades, contextos e olhares	258
4.2	Destino Rurrenabaque-Madidi-Pampas: aspectos institucionais e de mercado	281
4.3	Parque Nacional e Área Natural de Manejo Integrado Madidi	300
5	PROJETOS DE TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA DESENVOLVIDOS NA AMAZÔNIA PERUANA	389
5.1	Alguns dados sobre o Turismo no Peru	391
5.2	Considerações sobre a política pública de turismo rural comunitário na Amazônia peruana: institucionalidades, contextos e olhares	394

5.3 Notas breves sobre o turismo de selva no Peru 413
5.4 Caracterização da Reserva Nacional Tambopata 427
5.5 Comunidade Nativa do Inferno e o turismo rural comunitário 432
5.6 Parque Nacional Manu 487
5.7 Casa Matsiguenka 492

6 ANÁLISE COMPARATIVA E DISCUSSÕES: PROJETOS DE TURISMO COMUNITÁRIO, TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA E TURISMO RURAL COMUNITÁRIO NA PAN-AMAZÔNIA BRASILEIRA, BOLIVIANA E PERUANA ... 505
6.1 Resultados e discussões 506

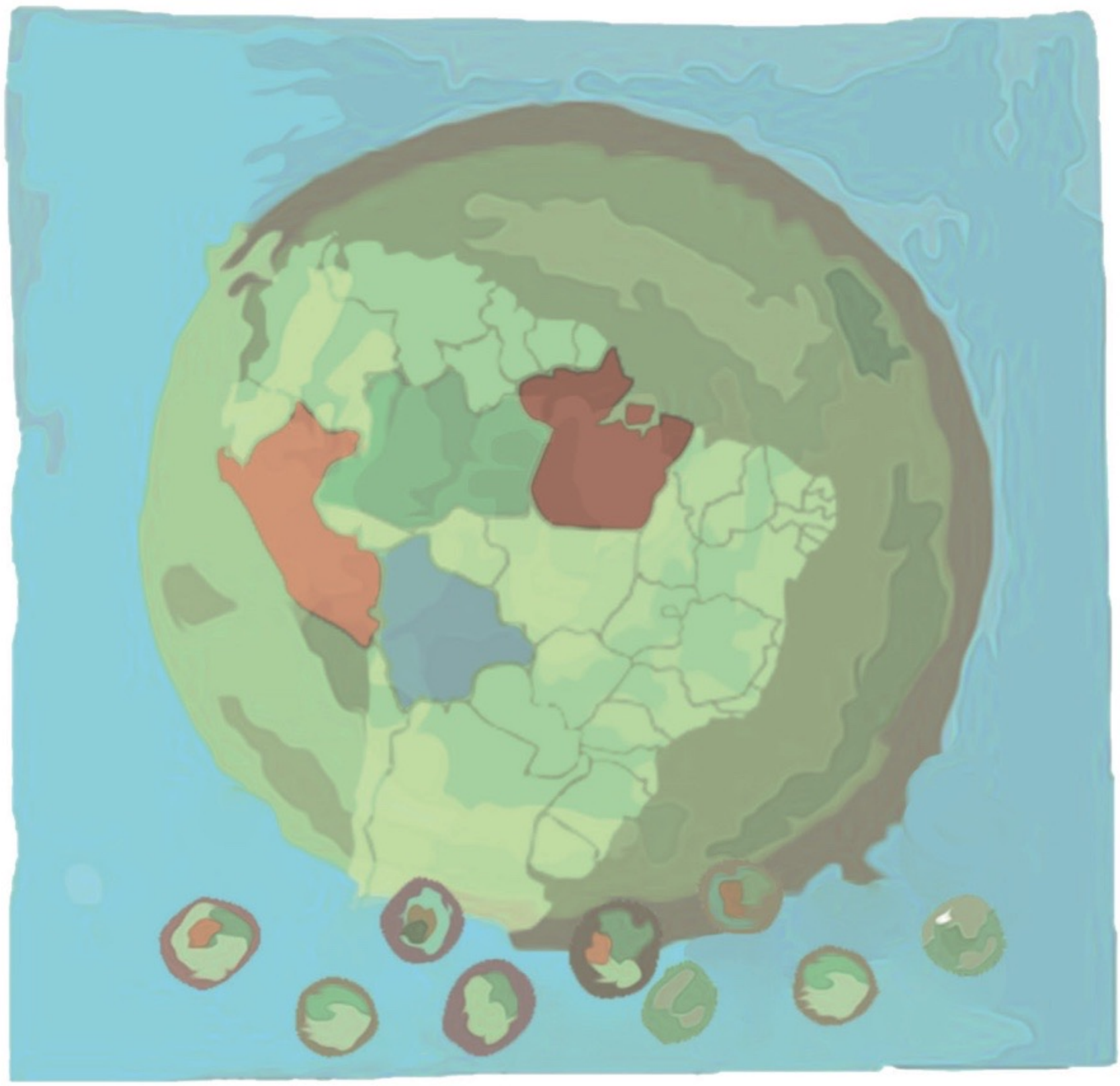
7 CONCLUSÃO E LIÇÕES APRENDIDAS 535
7.1 Lições aprendidas 538

LISTA DE ILUSTRAÇÕES 541

LISTA DE FOTOGRAFIAS 543

LISTA DE SIGLAS 551

REFERÊNCIAS 555



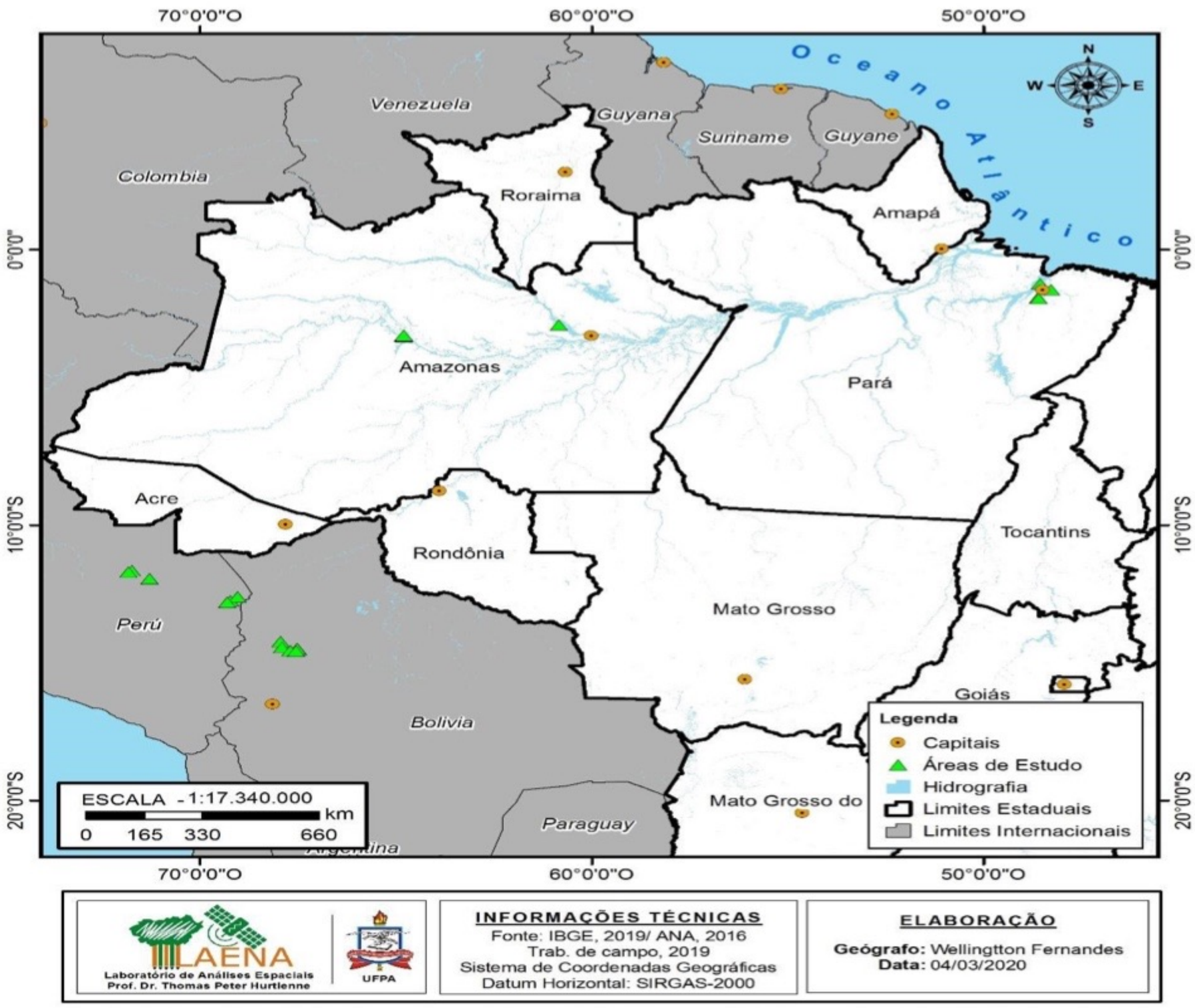
1 INTRODUÇÃO

Um dos temas da contemporaneidade turística que mais tem levado a estudos no universo amazônico é o do Turismo de Base Comunitária (TBC), ou Turismo Comunitário (TC), e isso apresentar-se-á de modo conceitual mais adiante no decorrer do texto. Esse assunto se justifica pelas seguintes razões: em primeiro lugar, pela importância que se deve ter em tratar o meio ambiente natural com mais civilidade, isto é, com cuidados especiais devido à sua fragilidade. Em segundo plano, e não menos relevante, esta é a possibilidade de visitantes, nacionais ou estrangeiros, conhecerem o *modus vivendi* de comunidades ribeirinhas, indígenas e quilombolas.

E por último, apresentam-se os benefícios, de ordem tanto material quanto imaterial e de outras naturezas resultantes desse relacionamento, que envolvem toda uma complexidade que existe em um movimento turístico. Isso se dá na medida em que algumas necessidades, como a vontade de viajar e conhecer novas culturas, se fazem presentes. Nesse sentido, toda uma engrenagem é acionada para permitir que isso aconteça, propiciando que pessoas das mais diversas características circulem em torno de espaços que podem gerar determinadas satisfações e experiências dos mais diversos matizes. Portanto, a viagem turística é solo fértil para novos conhecimentos.

Dito isso, de acordo com essas orientações, foi que se escolheu esse tema como base para os estudos acadêmicos de pós-doutorado, que têm como título da pesquisa "O turismo de base comunitária na Pan-Amazônia: análises de projetos desenvolvidos no Brasil, Bolívia e Peru" (Mapa 1).

Mapa 1 - Localização das áreas de estudo na Pan-Amazônia



Fonte: Laboratório de Análises Espaciais Prof. Dr. Thomas Hurtienne (LAENA/ NAEA/UFPA), 2020.
Autoria: Mônica Araújo, 2019. Produção técnica: Wellington Fernandes, 2019.

Outrossim, relatam-se, nessa fase introdutória, algumas impressões que marcaram sobremodo a pesquisadora. Dentre tantas, destacam-se, no que diz respeito aos comunitários entrevistados, as questões de orgulho, de pertencimento, de fazerem parte de uma microssociedade, que não deixa de ser um universo cultural que, de modo singular, lhes traz felicidades; outra perspectiva marcante foi sentir os esforços despendidos pelos comunitários para fazerem as "coisas" acontecerem a contento para os turistas, como, por exemplo, a compra de gelo em outra comunidade,

porque a comunidade visitada não possui energia elétrica, o que dificulta, sobretudo, a operacionalização do TBC.

A partir do que foi explicitado, ficam evidentes as dificuldades cotidianas que enfrentam esses empreendedores pequenos, mas elas não os movem a oferecer para o viajante o melhor possível. Ademais, é manifesto que os comunitários se esforcem para proporcionar o melhor de si ao outro. Fica registrado, portanto, que existem deficiências no que respeita às atribuições do Estado para apoiar esses empreendimentos, que de uma maneira ou de outra dependem dele enquanto poder maior.

Por outro lado, o que se sobressai, ainda em termos de impressão, no que tange ao que foi observado, é a persistência dos comunitários em adotar esse modelo de gestão de turismo como uma alternativa de sobrevivência. Tal processo de TBC demanda longo tempo para se efetivar, dadas as condições culturais da comunidade que não está afeiçoada a esse tipo de trabalho, apesar de eventualmente serem ofertadas com diversas ajudas, como de organizações não governamentais (ONG), universidades, cooperações internacionais, instituições públicas, dentre outros.

O fato é que é imprescindível que haja um tempo histórico para que as comunidades consigam se acostumar a conceber esse tipo de atividade que, sem dúvida, é provedora de benefícios para todos.

Para além do que foi observado e sentido, resta o fato, aliado a todo o aparato científico-metodológico que requereu a pesquisa, de que se conseguiu ter uma visão muito mais ampla do TBC, porém, ao mesmo tempo, focal. Viu-se um certo universo e suas particularidades. Isso só foi possível porque foi amparada por um arcabouço de vivências diante do objeto da investigação. A partir desse momento, que continua presente, espera-se que essa vastidão de conhecimentos adquiridos se reflita em novos caminhos a percorrer em busca de desafios a serem suplantados.

A saber, a pesquisadora pretende, após essa época pandêmica da Covid-19, continuar sua empreitada extensionista-investigativa, a ter

por base projetos de TBC no Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses (PNLM), mais precisamente nas comunidades do município de Santo Amaro do Maranhão.

Diante do que foi exposto, é necessário afirmar que se está quase pronta, uma vez que tudo está em construção, para outras impressionantes veredas científico-investigativas, tanto em áreas rurais, quanto urbanas.

No que tange à estruturação deste livro, o mesmo divide-se em quatro partes. A primeira diz respeito aos aspectos introdutórios que se remetem às razões que levaram à escolha do tema da pesquisa, e ainda às impressões provindas do espaço antropológico pesquisado, bem como a algumas perspectivas a serem alcançadas. Incluem-se, também, discussões conceituais que possibilitam a elucidação do que se está tratando. Além disso, estão inclusos os passos metodológicos dados para este estudo.

A segunda parte do trabalho refere-se à dimensão teórica em termos de revisão de literatura já definida, que alcançou seus objetivos em linhas semelhantes aos referidos estudos. Em seguida, a terceira parte apresenta os *loci* e seus aspectos referentes às discussões do TBC e suas respectivas circunstâncias históricas, político-institucionais, culturais e turísticas dos três países investigados, com maior aprofundamento para as comunidades eleitas. E mais, discorre-se sobre faces estruturais e naturais, dentre outras. Outrossim, nesse capítulo, fazem-se, de modo analítico-descritivo, incursões sobre a multivisão dos comunitários do que venha a ser compreendido como TBC ou TC.

Nessa discussão, remete-se, com ênfase, às questões comunitárias relacionadas à implantação do TBC/TC, a considerar alguns dados históricos, problemas e dificuldades para sustentar tal atividade turística. Também, fala-se sobre a participação da comunidade na gestão dos empreendimentos, a comercialização do produto TBC, bem como as estratégias utilizadas para transpor determinadas dificuldades.

Abordam-se, ainda, as articulações projetadas entre os atores sociais das quatro esferas, quais sejam: nacional, regional, municipal e comunitário. Além desses fatos, discutem-se as ações realizadas nas comunidades no que respeita à conservação do meio ambiente e às bases erigidas para a qualificação profissional dos comunitários.

É mister salientar que apesar de ter-se escolhido o método comparativo para analisar tal problemática, algumas vezes, não foi possível a investigação de modo tão sistematicamente preciso sobre os itens elencados acima. No entanto, tal proceder não prejudicou a análise pretendida.

A prosseguir, na quarta parte deste livro, apresenta-se a análise comparativa e discussões dos processos de construção do TBC ou TC dos países estudados, enfatizando suas similitudes, diferenças e particularidades. Entretanto, ressalva-se que, para efeito de comparação, nem sempre é possível encontrar homogeneidade em todos os elementos comparativos, visto que, por exemplo, a cada empreendimento comunitário encontrar-se em determinado nível de organização, isto é, estão em diferentes estágios de desenvolvimento do TBC/TC.

Na quinta parte, faz-se a conclusão da pesquisa e aponta-se para alguns importantes estudos que poderão ser realizados futuramente sobre o TBC, não apenas na Pan-Amazônia, mas também em outros países latinos e quiçá africanos.

A seguir, são apresentados os devidos procedimentos metodológicos utilizados na investigação, por demais acurada, a que se propõe.

1.1 Metodologia

A pesquisa realizada teve o enquadramento filosófico do pós-positivismo. Isto é, a partir da assertiva de Bruyne *et al*. (1991), que mencionam que urge compreender a necessidade da interação a níveis de complexidade

do conhecimento e da emancipação de perspectivas predominantemente positivistas. Essas são questões cruciais na reformulação do pensamento científico-contemporâneo.

Assim procedendo, a presente metodologia comporta subdivisões. A primeira é teórico-bibliográfica e tem o propósito de construir o modelo teórico-conceitual a partir da captura da informação científica sistematizada. Esta tem o fito de recolha da literatura mais relevante para o domínio temático da proposta de investigação.

Com isso, recortou-se, como categorias analíticas, o "Turismo de Base Comunitária", por perceber-se a aderência deste modelo de gestão de negócios ao empoderamento coletivo, e o "Desenvolvimento Comunitário para a sustentabilidade". Entende-se que a razão disso é a garantia ética de sustentabilidade (Irving; Mendonça, 2004), que perpassa pelos valores psicossociais do tecido social consolidado.

A segunda subdivisão comporta a pesquisa empírica por meio da aplicação da técnica da amostragem não probabilística e não intencional, de acordo com Reis *et al*. (2015). Tal técnica é regida por critérios de conveniência e/ou disponibilidade dos inquiridos. O propósito foi a coleta etnográfica. Assim, pôde-se encontrar informações passíveis de respostas que se coadunassem com a sua estratégia de captura de dados.

Para tanto, teve-se uma amostra por julgamento e conveniência, aceitável e selecionada como representativa a seguir como critério para a escolha das experiências de TBC. Estas, em sua maioria, foram definidas por terem mais relevância para e pelo território e mercado, além de representatividade local.

Para dar substrato teórico ao método de captura de informações, investiu-se em pesquisas bibliográficas e documentais, sobretudo na Biblioteca do NAEA/UFPA. Nesse ínterim, além das buscas em livros e revistas, consultaram-se as principais bases de dados eletrônicas científicas concernentes ao assunto e algumas páginas da internet a cada iniciativa de

TBC pesquisada. Utilizou-se, segundo os ensinamentos de Dencker (2002) e Martins (2004), o método qualitativo, e conforme orienta Simonian (2007), foi feito um amplo registro fotográfico dos mais variados aspectos dos *loci.*

No que tange ao instrumento de coleta de dados, utilizou-se a técnica de entrevista, que conforme os ensinamentos de Dencker (2002), é uma comunicação verbal com estrutura previamente definida para se obterem determinadas informações de pesquisa. Outrossim, foram utilizadas as visões de Dencker (2002), Gil (1996) e Günther (2006), com relação ao instrumental qualitativo de pesquisa, para se compreender os vínculos entre a subjetividade dos atores sociais e a objetividade da realidade, o que leva a um desvelamento de comportamentos.

Semiestruturadas, as entrevistas circularam em torno de quatro eixos do turismo de base comunitária que foram eleitos para nortear a referida pesquisa: o empreendedorismo; a comercialização; a participação dos atores/comunitários no processo; e a aprendizagem social.

Portanto, as interlocuções, no cômputo geral, tiveram duração média de 50 minutos de gravação cada uma e, em seguida, foram transcritas. Os entrevistados estiveram cientes dos objetivos da pesquisa e não se opuseram à reprodução dessas informações.

A produção do conhecimento social requer ter por base aspectos conceituais importantes sobre a realidade que se quer estudar. No presente contexto deste estudo, foi escolhido o método comparativo (Schneider; Schimitt,1988) para a análise de dados, mesmo que em realidades diferentes. Os autores evidenciam que tal instrumento de análise foi definido para colher explicações e fazer um apanhado geral das questões epistemológicas e metodológicas conexas à utilização da comparação no desenvolvimento do conhecimento em ciências sociais.

Conforme May (2004, p. 231 apud Quaresma, 2008), a comparação baseia-se em um enfoque de caráter pluralista, por ter em mira as mudanças mais gerais e as experiências e ações compartilhadas frente às preocupações

e pressões similares. Isso permite ações sobre o futuro por via de um conhecimento "comparativo maior das nossas práticas presentes e das suas consequências potenciais" (May, 2004, p. 234 apud Quaresma, 2008, p. 46). Assim, esta pesquisa tem como objeto as relações que se estabelecem pelos atores sociais e de como estes estão relacionados às áreas pesquisadas no que respeita a alguns aspectos do TBC.

Portanto, foram consideradas as seguintes linhas: políticas públicas específicas, surgimento, participação e organização comunitária, parcerias, comercialização dos produtos, mercados e problemas enfrentados. Em outras palavras, priorizou-se investigar como se deu a construção do TBC, via trajetória de certas experiências e de sua comparação nos países selecionados.

A esse respeito, as questões norteadoras da entrevista, para as organizações turísticas em tela, estão delineadas a partir da seguinte estrutura: a) caracterização do respondente; b) descrição e histórico da organização/comunidade; c) visão sobre o conceito de TBC/TC; d) potencialidades e estratégias para o posicionamento das organizações turísticas no mercado de TBC; e) organização comunitária; f) as implicações do TBC para o empoderamento comunitário; g) capacitação profissional; h) relacionamento institucional entre atores; i) políticas específicas para o TBC/TC; e j) problemas, desafios e perspectivas.

Nessa direção, em termos comparativos, esta pesquisa revela como o TBC tem suas bases construídas na Amazônia brasileira, boliviana e peruana. E, segundo diz Quaresma (2008), essa abordagem metodológica permitiu apresentar diferenças e diversidades no âmbito processual. Para Schneider e Schimitt (1988), deve-se obedecer aos seguintes passos para sistematizar o método comparativo: escolher entre duas ou mais séries de fenômenos; definir os elementos que se quer comparar; e, por fim, as generalizações.

Assim, empreendeu-se uma análise de cunho comparativo sobre 11 iniciativas de TBC nesses três países Pan-Amazônicos. Evidencia-se que, em termos de universo pesquisado, algumas investigações foram mais densas e outras menos, mas tão importantes quanto, pois ajudaram na composição de análises sobre os entendimentos do TBC em determinado *locus*. Isso se deu porque alguns projetos de TBC já têm uma história de estabelecimento em seus respectivos países e outros estão ainda em estágio embrionário, porém, em condições de se desenvolverem.

E mais, embora se tenha escolhido previamente pesquisar as experiências que são referências de TBC no Brasil, Bolívia e Peru – por meio da literatura –, deparou-se durante este caminho metodológico, no entanto, com outras realidades. Estas complementaram importantes informações, que se traduziram em conhecimentos sobre o processo de construção do TBC naqueles *loci*, sem, contudo, abandonar o roteiro sistemático sobre as questões formuladas.

A se concluir, segundo Schneider e Schimitt (1988), esse método propiciará todo um instrumental para se fazer uma análise comparativa dessas iniciativas de TBC. Em resumo, a questão metodológica implica uma série de sentidos que se congeminam para se encontrar resultados. Sobremodo, é importante ressaltar que os métodos colaboraram, em termos de qualidade, para uma melhor aproximação de certos fenômenos que se apresentam.

Nesse sentido, as experiências e os *locis* de atuação na Pan-Amazônia, respectivamente, foram, conforme descrição a seguir. Em sua totalidade, 98 pessoas foram distribuídas da seguinte maneira: 47 no Brasil, 25 na Bolívia e 26 no Peru. Diante dessa perspectiva, consideraram-se para as entrevistas os gestores, e/ou técnicos dos empreendimentos turísticos e comunitários, suas lideranças e atores diversos que atuam no TBC. A conveniência deu-se a partir da disponibilidade dos interlocutores em responder às perguntas

abertas, elaboradas a partir das inquietações da pesquisadora em entender o TBC em seus vários matizes.

Fica marcado o fato de que tais entrevistados, ao serem convidados para participarem da pesquisa como informantes, nenhum deles se negou para tanto, inclusive permitiram que fossem fotografados, o que foi por demais importante para a investigação.

Por ordem cronológica, iniciou-se a pesquisa de campo no mês de abril/2019, nas comunidades de Laranjituba-África, em que cinco pessoas foram entrevistadas, e Moji-Miri, em Benevides, quando foi feita uma reunião organizada pela Associação Comunitária local e entrevistou-se uma pessoa. Esta primeira atividade de pesquisa deu-se por ocasião da disciplina Fundamentos Teóricos da Interdisciplinaridade, da Professora Ligia Simonian (NAEA/UFPA), quando se aproveitou para executá-la.

Em seguida, no mês de maio de 2019, ocorreu o II Fórum Estadual de Turismo de Base Comunitária do Pará, na cidade de Belém, ocasião em que se fez duas viagens: uma à Comunidade de Santo Amaro, localizada no Refúgio de Vida Silvestre (REVIS) Metrópole da Amazônia, pertencente aos municípios de Ananindeua, Benevides, Marituba e Santa Izabel do Pará; e outra para a Ilha de Cotijuba, na região metropolitana de Belém. Em ambas, aproveitou-se para realizar pesquisas, quando foram entrevistadas seis pessoas em Santo Amaro e duas em Cotijuba.

Ressalta-se que tais viagens foram pioneiras enquanto grupo organizado por operadoras turísticas de Belém, que aproveitaram o Fórum para lançar pacotes tanto para Santo Amaro quanto para Cotijuba, esta via Rede Açaí. Tal rede comporta o Movimento de Mulheres das Ilhas de Belém (MMIB) e os empreendimentos de turismo, que trabalham sob uma perspectiva de base comunitária. Após o evento, retornou-se, ainda, no mês de maio, à Ilha, para dar continuidade à investigação, momento em que mais oito informantes foram entrevistados, no âmbito da Açaí.

No mês de agosto, ocorreu a viagem para continuar a pesquisa de campo no exterior, a começar pela Bolívia, mais precisamente pela capital do país, La Paz, onde se iniciaram as entrevistas. Ao dar prosseguimento às pesquisas, foi-se, por duas vezes, ao destino Rurrenabaque-Madidi-Pampas. Na primeira ida, entrevistaram-se informantes dos municípios de Rurrebanaque e San Buenaventura e da Comunidade de Villa Alcira – onde está situado o *Zip Line Canopy y Cabañas*, de propriedade desta – nos arredores do Parque Nacional y Área de Manejo Integral Madidí (PNAMI Madidí), no Departamento de Beni. Conheceu-se ainda o *Madidi Jungle Ecolodge*, no PNAMI Madidí, para entrevistas e visita técnica.

Logo depois, regressou-se para La Paz, onde se participou, por três dias – 3, 4 e 5 de setembro, em tempo integral, a convite da Red TUSOCO (*Red Boliviana de Turismo Sostenible y Comunitario*), de uma oficina "*Capacitaciónen Gestión y Adminsitración* de Turismo Comunitario". No referido evento, organizado pelo Projeto INCAmino, no Hotel *Condesa*, foram feitas mais algumas entrevistas.

Ainda em setembro, já na segunda ida à Rurrenabaque, seguiu-se até o *Chalalan Ecolodge*, no PNAMI Madidí, quando a pesquisadora se hospedou e realizou as entrevistas como também *tours*. Nessa estadia de quatro dias, ainda a convite da equipe do Ministério das Comunicações da Bolívia, participou-se de um vídeo promocional do empreendimento. Regressou-se ao município Rurrenabaque, para mais entrevistas, e foi-se ainda à Comunidade de San Miguel – proprietária do empreendimento San Miguel de Bala –, situado nos arredores do citado parque, para entrevistas e visita técnica ao albergue. Finalmente, encerraram-se os encontros com os entrevistados em Rurrenabaque.

De regresso a La Paz, fez-se, também, um *tour* ao *Salar de Uyuni*, principal produto turístico da Bolívia, localizado no Departamento de Potosí e Oruro, sudoeste boliviano. Dessa maneira, foram terminados os trabalhos de pesquisa naquele país, perfazendo um total de 25 pessoas entrevistadas.

Partiu-se em seguida para Cuzco, Departamento homônimo, no Peru, no mês de setembro, momento em que se iniciou uma série de entrevistas nessa cidade. Viajou-se até a região de Madre de Díos, em Puerto Maldonado, onde algumas entrevistas foram realizadas. Continuou-se a fazer esse trabalho na Reserva Nacional (RN) Tambopata, município de Tambopata.

Logo depois, foi-se conhecer a Comunidade Nativa de Inferno para dar sequência ao roteiro do trabalho e fazer-se agendamentos. Em seguida, regressou-se a Puerto Maldonado. Prosseguiu-se na pesquisa dirigindo-se ao Ñape *Lodge*, no entorno da RN Tambopata para entrevistas e a seguir retornou-se a Puerto Maldonado/Tambopata para dar continuidade àquelas. Imediatamente, deslocou-se até a Posada Amazonas, para dar sequência ao que estava fazendo. Tanto no Ñapelodge quanto na *Posada Amazonas*, a pesquisadora hospedou-se e realizou alguns *tours* oferecidos aos hóspedes.

Ao voltar a Puerto Maldonado, ocorreu a visita ao *Mariposario Tambopata*e e então finalizaram-se as investigações de campo no Peru. De regresso a Cusco, viajou-se para visitar o Santuário de *Machu Picchu*, que se constitui em seu maior destino turístico.

De regresso ao Brasil, em início de outubro, prosseguiram-se as pesquisas de campo no Estado do Amazonas, onde se participou, a princípio, na cidade de Tefé, de uma capacitação, na qual a autora foi selecionada. Tratou-se do Curso de "Multiplicadores em Planejamento e Gestão do Turismo de Base Comunitária", na cidade de Tefé, de 15 a 19 de outubro. Este foi promovido pelo Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (IDSM) e estendeu-se até a Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (RDSM).

Nessa Unidade de Conservação (UC), fica a Pousada Uacari, que é uma estrutura flutuante, quando então teve-se a oportunidade de nela hospedar-se – tanto durante as aulas práticas do curso quanto no fazimento da pesquisa – e conhecê-la. Foi-se à comunidade de Vila Alencar, que é uma aldeia, e aproveitou-se para realizar um *survey*. Tal curso

propiciou adentrar-se especificamente no objeto da pesquisa e possibilitou elucidações de determinadas questões para a compreensão do que se propunha a vir estudar.

Após o referido evento, iniciou-se a pesquisa de campo, propriamente dita, na citada Uacari e em três comunidades, a saber: Boca do Mamirauá, Caburinie Vila Alencar. Dentro desses espaços, presenciaram-se os diversos elementos que compõem aquele sistema natural conjugado com os seus aspectos socioculturais e turísticos. Apuraram-se, sobremodo, as impressões dos atores sobre o processo já consolidado (Pousada Uacari) e em andamento do TBC (comunidades), e suas respectivas dinâmicas naquela RDS Mamirauá.

Portanto, observaram-se e colheram-se dados sobre seus cotidianos e suas tentativas de solução; a estruturação das comunidades, no que respeita a seus equipamentos turísticos – meios de hospedagem, lojas de artesanato, pequenos comércios e centros comunitários –, inclusive seus atrativos, bem como a movimentação de turistas e a logística que se impõe.

Igualmente, durante essa fase de campo, salienta-se que a pesquisadora foi plenamente acompanhada por uma guia local, a atender à exigência do IDSM. Essa profissional, além de ter articulado a agenda de entrevistas nas comunidades, orientou os *tours* aquáticos e as trilhas pela RDS Mamirauá. Em retorno à Tefé, fez-se a última entrevista e realizou-se pesquisa documental na Biblioteca Henry Bates, do IDSM. Em cálculo geral, foram feitas 18 entrevistas.

De volta a Manaus, a pesquisadora encontrou-se com a professora Ligia Simonian que, a partir daquele momento, se incorporou à pesquisa de campo, no papel de supervisora, e foram até o município de Novo Airão, onde se iniciou o segundo campo na RDS Rio Negro, precisamente na comunidade do Tiririca.

Naquela comunidade, foram feitas entrevistas com alguns interlocutores e ainda se visitou o empreendimento turístico local, que é

um restaurante onde existe uma pousada anexa em construção e uma loja de artesanato. Em termos gerais, adotou-se a mesma linha metodológica aplicada anteriormente na RDS Mamirauá.

De volta a Novo Airão, realizou-se uma série de entrevistas com atores que estão diretamente envolvidos com aquele Universo pesquisado. Paralelo a isso, foi feito um *tour* técnico ao Parque Nacional de Anavilhanas e uma visita ao Projeto do Boto-Cor-de-Rosa. Estes, embora não tenham sido *loci* de pesquisa, foram determinantes para uma melhor compreensão da dinâmica do turismo naquela área. Ademais, fez-se uma visita técnica em instalações do *Anavilhanas Jungle Lodge* – onde se aproveitou para fazer mais uma entrevista – e do *Mirante do Gavião Amazon Lodge*, que são referências em termos de equipamentos hoteleiros na região.

Em seguida, visitou-se a Fundação Almerinda Malaquias, importante centro de educação e de formação profissional – marcenaria, reciclagem de papal e sabonetes artesanais. Nesse centro, encontra-se uma loja que comercializa produtos artesanais. E por fim, no retorno a Manaus, fez-se a última interlocução da pesquisa referente à RDS Rio Negro. Ao término desse percurso, foram empreendidas sete entrevistas. Esse, portanto, foi o caminho trilhado por esta pesquisadora para compreender realidades tão significativas que propiciam um novo olhar sobre a tão vasta Amazônia.

2 APORTES MULTIDIMENSIONAIS DO TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA

Ao definir um determinado objeto, fenômeno ou atividade, pontos imprescindíveis para dar início a um preciso estudo (Oliveira Júnior, 2010), é sobremodo importante buscar seus modos de ser, bem como suas adjacências com relação a outros congêneres.

Desse modo, Goeldner, Ritchie e McIntosch (2002) afirmam que o turismo pode ser pensado como um conjunto de fenômenos que se inter-relacionam e que tem como foco a interação de uma diversidade de atores – turistas, empresas, governos locais e comunidades anfitriãs – num movimento de atração e recepção de turistas e outros visitantes. Essa dinâmica de relações que caracteriza o turismo perpassa por um composto de atividades, prestações de serviços e pontos setoriais que ensejam experiências de viagens.

A continuar, os autores supracitados, imediatamente, complementam que toda essa complexidade tem como base a logística de transporte, a hospedagem, a alimentação, o sistema de compras, os entretenimentos, os serviços de hospitalidade, ofertados tanto para indivíduos quanto para grupos que estejam fora do local de onde vivem. Destaca-se também que os turistas se apropriam, de uma maneira ou de outra, da cultura local e usufruem do meio ambiente que naturalmente lhes é ofertado.

Todo esse movimento turístico, que se respalda numa base estrutural física, relacional e espacial, redunda na pressão ocasionada por correntes turísticas emergentes de âmbito mundial, conforme Maldonado (2005). O autor diz que elas se expressam também em um acúmulo de projetos

comunitários de turismo, nos contextos indígenas ou rurais, por via de agentes externos como organizações não governamentais (ONG), empresas de capital privado e entidades públicas, e ainda de cooperação de lastro internacional.

Portanto, são esses os mecanismos, entre outros, que vão nortear toda essa problemática que ora se estuda. No entanto, mesmo que decorridos 15 anos, constata-se uma recorrência desses problemas, o que tem feito pensar-se em como resolvê-los.

Certos estudos, como demonstrados por Gómez, Falcão, Castillo, Correia e Oliveira (2015), indicam o TBC como um empreendimento *bottom-up* que se define pelo ajuntamento de atores sociais que procuram soluções para dirimir determinados problemas locais de diversas matizes – socioambiental, econômica, ambiental, cultural e/ou política. Essa realidade se manifesta no cooperar e no protagonizar da comunidade para viabilizar um plano no sentido de controlar as ações relacionadas ao turismo.

Nessa prática turística, são vivenciadas experiências como o plantio, a pesca e a hospedagem junto com moradores (Gómez; Falcão; Castillo; Correia; Oliveira, 2015), o que difere absolutamente do que costuma ser oferecido pelo turismo de massa.

Para Rodriguez (2018), o Turismo Comunitário (TC) tem sido visto como algo inovador e tem tido um desenvolvimento largo em países africanos, bem como na América do Sul, mais notadamente no Peru e no Equador.

Embora os autores acima citados utilizem os termos TBC e TC como se fosse algo de natureza semelhante, encontraram-se na Bolívia sentidos diferentes para estes sem, no entanto, mudar o seu significado essencial. Este, por sua vez, é traduzido pelo protagonismo da comunidade como um todo ou parte dela.

No contexto boliviano, Villca[1] distingue as concepções do seguinte modo: no TBC, uma ou mais famílias indígenas decidem criar um projeto. Isso significa que fazem o investimento, desenham o produto, distinguem serviços, contratam pessoas e traçam circuitos, organizando toda a operação e gestão do empreendimento. Eles têm consciência de que tudo que está em torno deles, como os recursos naturais, é de propriedade coletiva.

E mais, diz Villca que eles vêm de um território comunitário e de um espaço coletivo e que por isso decidiram criar projetos turísticos que oferecem serviços de transporte, de alimentação, de hospedagem e guias indígenas para acompanhar os roteiros. A diferença consiste no envolvimento de apenas uma família e não de toda a comunidade, como acontece com o TC. Nesse último, cita o Chalalan Ecolodge, propriedade da comunidade de San José de Uchupiamonas, Amazônia boliviana, e sob controle desta foi concebido para gerar trabalho e renda e produzir benefícios para toda a comunidade.

Nos tempos presentes, percebe-se que as iniciativas de turismo gerenciadas pelas comunidades, fortalecidas de capital social, são exemplares para o empreendedorismo. Desse modo, o modelo de gestão de negócios centrado no empoderamento local das comunidades organizadas ganhou uma dimensão global no entendimento de Cañada (2015). Assim, o localismo não mais se limita à articulação em rede dessas experiências.

Os estudos de Araújo e Gelbcke (2008), Lee e Jan (2019) e Cabañilla, Lastra-Bravo e Pazmiño (2017) indicam que o TBC é um modelo de negócios em que a organização social, dotada de ferramentas gerenciais, promove produtos e serviços. Ou seja, esta é uma alternativa de inclusão social, de geração de rendas e trabalho, além de um meio de desenvolvimento local centrado no protagonismo dos comunitários.

---

[1] Anotações de campo em entrevista no dia 31 de agosto de 2019, a Alex Villca Limaco, no município de Rurrenabaque; Co-fundador do *Madidi Jungle Ecolodge*, Licenciado em turismo e Máster em turismo "Mercadeo y la comercialización de turismo".

A respeito, Maldonado (2005) apresenta metodologias para a apreciação e análise das atividades rural e indígena de TBC na América Latina. Essa análise consistiu em compreender o comportamento do que se experiência para um diagnóstico estratégico, seguido de um direcionamento para dar novos sentidos a essas iniciativas.

Nesse contexto, vê-se a importância do empoderamento comunitário para empreender ideias que conduzem a comunidade local à gestora do produto turístico. Observa-se que isso exige um lastro de capital social que, segundo Putnam (2000), muitas vezes é negligenciado pela comunidade, por questões de ordem pessoal. Isso inibe relações de confiança, comunicação e reciprocidade, os três elementos-chave do capital social que, conectados, dialogam entre si.

As experiências exitosas de TBC no Brasil iniciaram-se nos idos da década de 1990, segundo Bartholo *et al.* (2009), a ter-se como exemplo as experiências da Prainha do Canto Verde (Ceará) e da RDS Mamirauá (Amazonas).

Não obstante, tem-se hoje o TBC como via de desenvolvimento local, modelo de negócios empreendedor comunitário, de empoderamento comunitário e de economia solidária e compartilhada. Assim, o TBC, nessa lógica de mercado turístico, ganha espaço até então dominado pelas firmas. Conforme Cabañilla (2018), o TBC é um modelo de gestão que pode manter as comunidades sustentáveis, e o benefício comum é compartilhado por todos.

O plano de negócios, antes debatido na esfera acadêmica, já faz parte do planejamento e gestão das comunidades organizadas pelo e para o TBC. Importa frisar que o processo de aprendizagem social (Jacobi; Santos, 2017) é de suma importância, pois constrói os meios pelos quais as comunidades envolvidas buscarão a autogestão na atividade turística. Ainda, Jacobi e Santos (2017) mencionam os processos participativos como exercícios de cidadania para incentivar a responsabilidade individual e a cooperação coletiva. Seriam essas as bases para instauração do TBC em um determinado espaço.

No TBC, a aprendizagem social é um elo perfeito para a formação do capital social, do planejamento e da gestão, principalmente na comercialização dos produtos. Com relação ao dito, Cañada (2015) ressalta que a maioria das experiências fracassa por falta de um envolvimento sério e afetivo dos participantes na construção do TBC. Assim, o processo inicial deve ser autônomo e ter na cooperação a articulação para a consolidação das experiências de TBC. Nesse arco de conexões complexo, vê-se bem nítida uma linha objetiva de futuro do TBC.

Contudo, o que se verifica é o fracasso das experiências, movido pelas dificuldades de não serem mais autônomas. Isso se dá porque muitas erram em terceirizar suas responsabilidades de promoção e comercialização para os entes cooperativos que começaram o processo. Cañada (2015) assim sinaliza e vê isso como fulcral para a autogestão das comunidades que iniciaram o TBC.

Nesse sentido, o mercado do TBC é exigente, pois como indica a literatura especializada, a demanda é altamente sensível em termos de valorização cultural, promoção de rendas às comunidades e troca de experiências. Posto isso, há a necessidade de transferência de conhecimentos às comunidades locais partícipes do TBC por entidades governamentais e não governamentais.

Nesses termos, Giampiccoli, Saayman e Jugmohan (2015) salientam que os entes governamentais devem protagonizar a facilitação do desenvolvimento do TBC. De fato, isso é correto, uma vez que grande parte das experiências de TBC iniciou suas atividades com interlocução de entes governamentais, principalmente as Instituições de Ensino Superior e não governamentais.

Sobre esse aspecto de discussão, é indubitável o papel das universidades na condução do processo de TBC. Por meio de suas práxis extensionistas, o conhecimento é transferido para as comunidades detentoras de potencial para o TBC, o que as leva a autogerir-se no processo.

A exemplo, citam-se os trabalhos de extensão com interface na pesquisa que vêm sendo desenvolvidos no município de Santo Amaro do Maranhão, na região do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses. A esse respeito, Araújo *et al.* (2019) apresentam os resultados de ações realizadas pelas docentes e alunos da Universidade Federal do Maranhão, da Universidade Federal do Pará e do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão.

Trata-se de um projeto realizado nas comunidades de Betânia, Travosa e na sede deste município, com o fito da promoção de ações para capacitar comunitários a consolidarem o modelo factível de gestão do TBC (Araújo *et al.*, 2019). Os autores utilizaram uma base metodológica que se mirou em uma abordagem de cunho participativo, com a realização de cinco seminários integrativos e visitas a campo. Em uma etapa seguinte, foram realizadas nove oficinas de aprendizagem social com os temas assim definidos: modelagem de negócios para o ecoturismo e TBC, cooperação para pequenos empreendimentos turísticos e associativismo para o TBC. Além de melhores práticas de TBC no Pará.

Outrossim, informam os autores supracitados que se fizeram 13 consultorias individuais com os comunitários-empreendedores as quais culminaram em 13 devolutivas. Tais documentos trazem orientações sobre a gastronomia regional, rede & café e entretenimento, além de serem ilustrativos. Seguem os autores dizendo que foram entregues 13 livros-caixa, 13 livros de registro de visitantes e o adesivo do projeto.

Em assim fazendo, os autores afirmam que essa práxis resultou no envolvimento de aproximadamente 60 comunitários partícipes do projeto, que receberam capacitação. Durante esse processo, os comunitários foram, sobremodo, preparados para darem continuidade, de modo mais aprimorado, para essa atividade econômica como mais uma alternativa para otimizarem suas rendas.

Dessa maneira, concluem os autores que o alinhamento estratégico do projeto centrado na formação de capital social foi importante para consolidar o protagonismo local dessas comunidades no TBC. Posto isso, houve um reforço para as expectativas de um possível turismo inclusivo, associado à produção local, e o fortalecimento das atividades econômicas existentes naquele território.

Ademais, ressalta-se que este projeto se iniciou em janeiro de 2018, com previsão de término em dezembro de 2021 (Araújo *et al.*, 2019). Tal projeto tem o apoio da Prefeitura Municipal de Santo Amaro do Maranhão e aporte financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA), via edital público.

Pressupõe-se, portanto, a partir do que foi expresso por esses autores, a importância que podem ter as instituições de ensino superior e tecnológico como propulsoras de projetos dessa natureza, sobretudo quando se tem a anuência da comunidade e o envolvimento desta, bem como da prefeitura local. Eis um exemplo de esforço coletivo envolvendo diversos atores, como é preconizado de acordo com os princípios do TBC, que são sustentáculos à sua organização.

Araújo e Gelbcke (2008, p. 366) precisam que, ao se tratar de TC, deve-se, sobretudo, pôr em evidência o que se entende por conceito de território

> [...] pois enseja o desenvolvimento do turismo a partir de critérios e prioridades pautadas nos interesses das comunidades autóctones; induzindo a construção de sistemas produtivos localizados através do fortalecimento de atividades tradicionais.

A questão do território no TBC merece destaque, pois faz parte do contexto que prioriza o desenvolvimento local com o fortalecimento das atividades produtivas. Portanto, esse modelo de negócio promove a exportação de produtos agroalimentares, o que leva à possibilidade de escoamento da produção familiar comunitária.

Todavia, é importante notar que a percepção dos residentes quanto às fases de desenvolvimento do TBC é crucial. Isso porque, às vezes, faltam-lhes os conhecimentos apropriados para compreenderem o ciclo de vida dos produtos, por mais que o modelo de negócios advenha da comunidade.

Lee e Jan (2019) atestam em suas pesquisas em Taiwan que as percepções dos residentes diferem com relação aos estágios de desenvolvimento do turismo centrado na comunidade. Por sua vez, as estratégias adotadas devem se coadunar com essas diferentes etapas.

Não restam dúvidas que o TBC exige das comunidades uma auto-organização coletiva da gestão da atividade turística. A ter por vista isso, o papel da educação para a cidadania é de mais-valia, no que concerne ao incentivo da mudança de comportamento dos participantes do TBC. Assim, o protagonismo não deve estar centrado em um único membro que apresenta qualificações e habilitações de estudos para tal feito.

As investigações de Peralta e Alencar (2008), em duas comunidades ribeirinhas da RDS Mamirauá, indicam que o ecoturismo provocou mudanças sociais. Isso se revelou principalmente nos grupos de mulheres, com a introdução do trabalho assalariado e a sensação do bem-estar social da população. As autoras refletem ainda sobre as mudanças que estas atividades introduzem na dinâmica familiar quanto à organização do trabalho e relações de gêneros.

Então, fica patente que toda atividade turística, que tem como base o tecido social, provoca mudanças sociais, econômicas, culturais, ecológicas ou políticas. Vê-se que, a partir da acumulação do estoque de capital social, o tecido consolida-se ao ponto de congeminar elementos com vistas ao desenvolvimento local. Nestes termos, Neiman e Barros-Freire (2020) ressaltam que os processos participativos e a percepção comunitária dos territórios para o desenvolvimento turístico é essencial para o posicionamento estratégico das comunidades.

A pesquisa de Simonetti, Nascimento e Chaves (2016), realizada em comunidades da Amazônia brasileira, detecta que existe uma compreensão irrisória acerca do significado amplo do TBC pelos comunitários. Isso se dá, segundo os autores, devido à atividade ocorrer no ambiente comunitário envolvendo poucos moradores, embora o protagonismo destes esteja em início de processo. Citam que a comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro está mais pronta para o desenho de gestão. Com isso, a comunidade de fato preocupa-se com os recursos ambientais de sua AP, o que continuará atraindo visitantes.

Uma outra comunidade amazônida – São Thomé – pode ser vista de modo bem diferente da anterior, ainda segundo a mesma pesquisa. Devido à desarticulação dos próprios comunitários, o protagonismo é algo a ser conquistado, e o TBC ainda não se consolidou. O que prevalece é um envolvimento maior de duas famílias com o turismo, e os demais membros são chamados para colaborarem, esporadicamente, em atividades pontuais. Na vila de Paricatuba, o TBC poderia ser uma alternativa, o que não acontece devido à falta de articulação, dificultando, assim, a organização para o turismo.

Nesse sentido, o TBC deve se colocar muito além de uma simples alternativa e, sim, se posicionar economicamente. Ali residem muitas comunidades locais ávidas por um desenvolvimento justo e mais sustentável.

Refletir sobre novas possibilidades de desenvolvimento do turismo nos diversos espaços dispostos no mundo requer, conforme Moraes, Irving e Mendonça, (2018), sobretudo, compreender como são arquitetadas as experiências vistas como TBC.

Nesse âmbito, a considerar o conceito de TBC apresentado pelo ICMBIO (2018), este o especifica como um modelo de gestão da visitação cujo centro está no protagonismo da comunidade. Tal modelo promove benefícios coletivos, gera vivência intercultural e qualidade de vida. Além

disso, almeja valorizar a história e a cultura de determinadas comunidades tradicionais, assim como se vale dos recursos das Unidades de Conservação de modo sustentável com fitos recreativos e educativos.

Dentro dessa ordem de pensamento, o trabalho em rede entre aqueles que participam do desenvolvimento do turismo pode proporcionar certos benefícios para todos. Erkus-Öztürk e Eraydin (2010) indicam quatro indicadores que orientam uma rede. Primeiramente, consideram que não há dúvida de que as redes colaboram para diminuir os custos de transação e, por outro lado, admitem uma exploração de economia dita de escala, o que compreende determinadas atividades.

Seguem os autores supracitados afirmando que, em segundo lugar, as redes podem potencialmente evitar custos decorrentes da resolução de conflitos entre parceiros a longo prazo. Desse modo, afirmar que as redes baseadas em aprendizagem são importantes para o aumento de capacidades das empresas por meio de regras que orientam o comportamento interativo das entidades envolvidas. Em um terceiro indicador, demarcam que as redes colaborativas melhoram a coordenação de políticas e ações, além de promoverem consideráveis impactos econômicos, sociais e ambientais do turismo em estratégias de desenvolvimento.

E, por último, consideram esses autores que as redes estão abertas a uma maior participação de atores pequenos com recursos limitados no processo decisório, o que é, sem dúvida, importante para quem não pode buscar o desenvolvimento sustentável de modo independente.

Segundo Castells (1999), as redes tornaram-se a organização dominante em todos os campos da atividade humana, pois buscam construir-se em termos de identidade individual e coletiva, atribuída ou feita para mostrar-se como base de significado social.

Ressalta-se a investigação de Nardelli, Vianna e Nitsche (2016), que analisaram o arranjo socioprodutivo de TBC desenvolvido pela Rede TUSOCO na Bolívia. O seu intuito foi de dar caráter sistêmico às informações

de cunho descritivo no que tange ao modo como as comunidades locais gestionam o turismo. Os autores, portanto, concluíram que as instituições e organizações comunitárias buscam desenho de organização do trabalho, aliando utilidade e solidariedade com vistas à promoção do desenvolvimento local, reequilibrando, quando necessário, o mercado turístico.

Por outro lado, afora a dependência de fatores exógenos, os autores supracitados afirmam a necessidade de se revalorizar a espacialidade micro, pois esta é identitária com relação ao contexto do território. Mais um dado importante que foi aludido é o fomento à ajuda social, além do mutualismo e do fortalecimento de elos relacionais.

A continuar-se a frisar as principais conclusões dos autores, estes afirmam que:

> Um projeto sistêmico de turismo em rede articula-se com a promoção de atividades econômicas coletivas na autogestão, valorização cultural (identidade), tolerância e respeito aos modos de vida tradicionais e diversos, preservação/conservação do ecossistema, desenvolvimento comunitário local para a ecossocioeconomia, interlocução entre pares, organização integrada e participativa com possibilidades de desenvolvimento, especialmente nos serviços de proximidade e à comunidade (Nardelli; Vianna; Nitsche, 2016, p. 123).

Pontuou-se, ainda, na investigação, que determinados aspectos têm por características relevantes um incremento ao desenvolvimento ordenado das comunidades pequenas, dando valor à cultura, à microssociedade local e ao meio ambiente. Isso é, sobremodo, importante também para se compreender como valorizamos modos de organização integrada e microespacialidades, visando desenvolvimento endógeno.

O TBC está intrinsecamente vinculado a determinadas características de território e organização social da comunidade, bem como do protagonismo desta. É ela o principal móvel que possibilita o desenvolvimento com características bem particulares, como, por exemplo, sua autogestão. Desse modo, vislumbra-se que, apesar das adversidades e complexidades próprias

em gerir de modo compartilhado as iniciativas comunitárias, estas são passíveis de se apresentarem como alternativas de geração de trabalho e renda. Se forem conciliadas à conservação do meio ambiente, conseguir-se-á um turismo de bases sustentáveis.

E é essa a bússola que norteia a presente pesquisa, a qual teve como ponto central as experiências Pan-Amazônicas de TBC/TC, as quais se detiveram em três países: Brasil, Bolívia e Peru, que a seguir serão expostos.

3 PROJETOS DE TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA DESENVOLVIDOS NA PAN-AMAZÔNIA BRASILEIRA

Este capítulo vai referir-se a aspectos que dizem respeito aos projetos de TBC que estão a acontecer, precisamente nos estados do Pará e Amazonas. A ordem cronológica de apresentação do conteúdo dá seguimento à pesquisa de campo que foi realizada na Pan-Amazônia brasileira, com exceção da realizada no Amazonas, que foi feita depois da investigação na Bolívia e no Peru. Embora não tão simétricas em termos de questionamento com relação às suas realidades, devido ao fator tempo, algumas carregam mais profundez no que tange aos interesses e objetivos da pesquisa.

Como lastro para a investigações, detiveram-se as falas dos entrevistados e suas respectivas análises que se expressam com a montagem do discurso, que foi fundamental para se compreender os contextos e realidades do TBC.

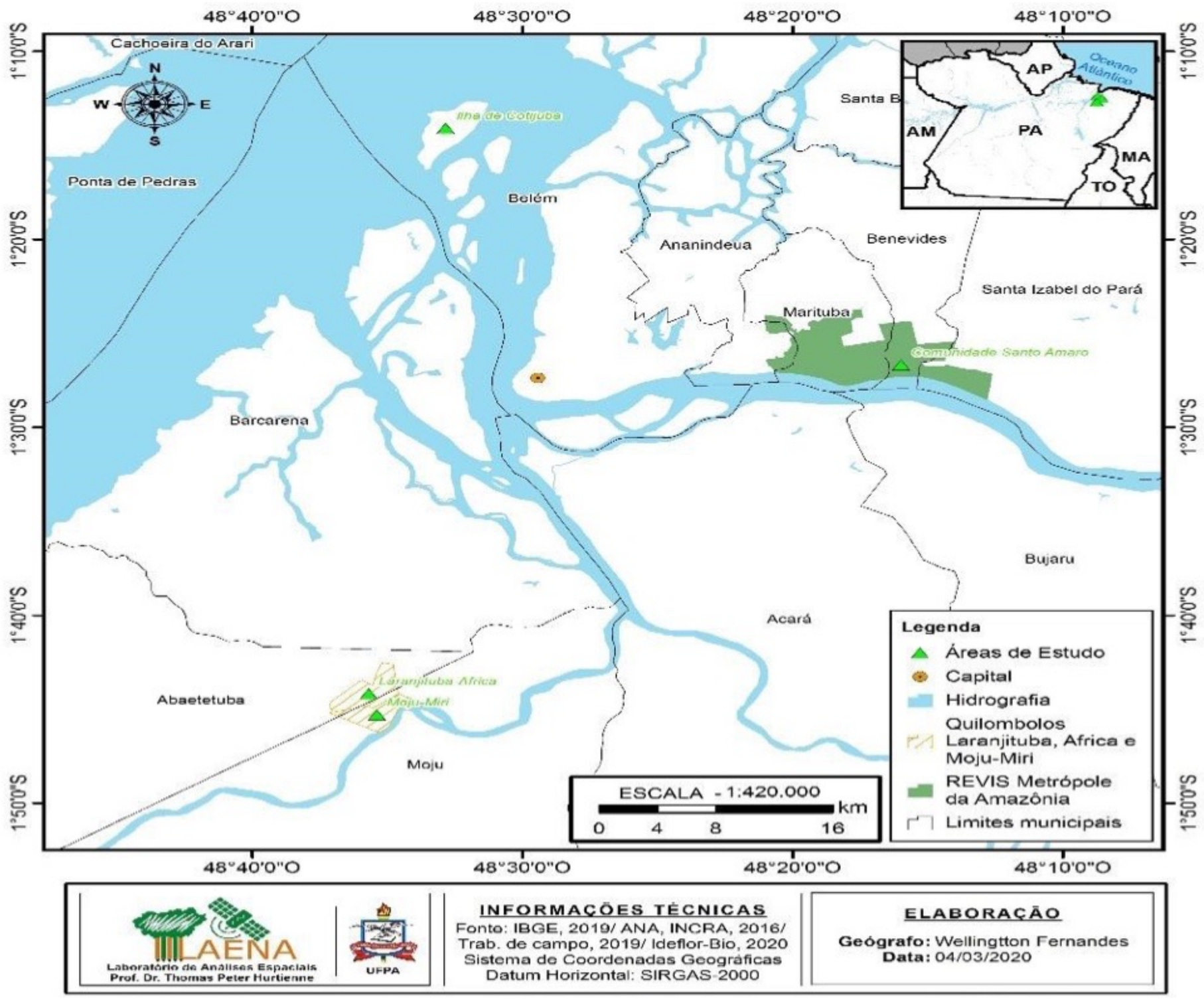
Esses aspectos colhidos tratam dos seguintes temas: história das comunidades, início do TBC, problemas a serem transpostos tanto da comunidade quanto especificamente do TBC, visão sobre TBC, condições infraestruturais e serviços – sistema de hospedagem e de alimentação –, atividades de lazer, produção artesanal das comunidades, perfil da demanda, comercialização, organização comunitária, políticas públicas que interferem no TBC, capacitação, benefícios advindos do turismo, participação social, governança das comunidades, ações de conservação implantadas e desafios a serem suplantados.

3.1 Pará

A seguir, apresentar-se-ão as comunidades e seus projetos de TBC localizados no estado paraense, a começar pelas comunidades

remanescentes de quilombolas Laranjituba-África (CRQLA), Moju-Miri, Santo Amaro e Ilha de Cotijuba (Rede Açaí).

Mapa 2 - Localização das comunidades quilombolas de Laranjituba-África, Moju-Miri, Ilha de Cotijuba e Santo Amaro



Fonte: Laboratório de Análises Espaciais Prof. Dr. Thomas Hurtienne (LAENA/ NAEA/UFPA), 2020.
Autoria: Mônica Araújo, 2019. **Produção técnica**: Wellington Fernandes, 2019.

Comunidade Remanescente Quilombola Laranjituba-África (CRQLA): perfis histórico, geográfico, socioeconômico e turístico

Ao fazer uma breve contação da história do surgimento dos quilombos Laranjituba e África, a partir de oralidade histórica de seus

antepassados, Reale e Aguiar (2015) relatam a vida de Luis Rezende Moraes, negro escravo comprado para fins reprodutores, por um senhor de engenho de nome Raimundo Barata, dono de terras – na região do baixo Rio Moju – que produziam cacau, farinha, e extraíam madeira nas vilas de Aguapé, Camorituba, Cabresto, Guajará-una, Samaúma, Moju-Miri. O nascimento dessas comunidades se dá quando da fuga de Luis Moraes, propagando a instauração do território quilombola de Caeté, que contém outros quilombolas: África, Laranjituba, Samaúma, Moju-Miri e Cacoal.

A CRQLA era desmembrada em duas, por volta do ano 2000. Segundo Souza, Simonian e Maués (2016), uma delas era conhecida por África, nome adquirido desde a sua fundação por meio de negros escravizados, trânsfugas do Movimento da Cabanagem ocorrido nos inícios do século XIX. A segunda, de nome Laranjituba, há muito tempo chamava-se comunidade de São Sebastião.

Os referidos autores relatam que, nos idos de 2001, tornou-se uma comunidade só, que foram unificadas e reconhecidas pelo governo estadual paraense como Família Remanescente de Quilombo Comunidade Laranjituba e África. Então, foi-lhe concedido o domínio territorial pelo Título de Reconhecimento de Domínio Coletivo. Contudo, em 2013, a referida Terra Quilombola (TQ) passou a ser certificada pela Fundação Palmares.

No que tange à sua localização, a CRQLA fica no baixo rio Caeté e ocupa uma área de 118,04 ha, o que equivale a 5.772,83m². Conforme Pará (2010 apud Souza; Simonian; Maués, 2016) esta região está configurada como um polígono de sete lados com limites definidos. Na parte setentrional, tem como limite as terras da Comunidade Sumaúma, a leste limita-se com a margem direita do rio Caeté, faz fronteira ao sul com as terras da Comunidade Castanhanduba e porção oriental pelas terras ocupadas por quem de direito.

Essas comunidades há muito, em torno de 300 anos, têm um elo sociocultural com a cidade vizinha de Moju, que dá por via fluvial, anteriormente à categorização de município. Entretanto, as mudanças de âmbito administrativo não causaram alterações políticas com relação às normas de caráter deliberativo usadas pelos costumes das referidas comunidades. Assim, em decorrência dessa regra, o território hoje se alia a dois municípios (Nascimento, 2017). Em primeiro lugar, se relaciona politicamente com Moju e em segundo, geográfica e comercialmente, com Abaetetuba.

No que tange à economia das CRQLA, segundo Nascimento (2017), elas desenvolveram sua maneira peculiar de se organizar economicamente, de modo autônomo. Produzem seus principais bens de consumo para suprirem suas necessidades, além de comercializarem o excedente. A economia local é caracterizada como agroextrativista. Os gêneros alimentícios provêm fundamentalmente de suas lavouras, das atividades pesqueiras e da criação de animais. Cultivam também hortaliças. O açaí (*Euterpe oleracea*), com o tempo, passou de produção para o consumo para ser comercializado o seu excedente. O sistema econômico local está muito atrelado aos alimentos que se consomem, primordialmente a mandioca (*Manohotesculenta*) e o *Euterpe oleracea.*

Dentre outras atividades econômicas, o extrativismo é fundamental para a formação de renda familiar (Nascimento, 2017). Tem-se ainda a coleta de castanha-do-Pará (*Bertholletiaexcelsa*), a extração de cascas, de raízes e sementes para fins farmacêuticos e gastronômicos. Também se colhem frutas diversas como o bacuri (*Platoniainsignis*), cacau (*Theobromacacao)*, cupuaçu (*Theobromagrandiflorum*), jatobá (*Hymenaeacourbaril*), umari (*Poraqueiba sericea Tulasne*), piquiá (*Caryocarvillosum*), uxi (*Endopleurauchi*), dentre outras que dão no conhecido inverno amazônico.

No artesanato, eles têm uma maneira de aumentar a renda das famílias. Dentre seus principais produtos, encontra-se a cestaria, provinda

> [...] das fibras de guarumã, gamelas em madeira de sucata de floresta, canoa, peças ornamentais em resíduos de açaí, biojoias. Ainda em matéria de artesanato, a comunidade orgulhosamente produz artesanato utilitário em cerâmica refratária. Sendo este um produto que, muito além da utilidade, representa para as comunidades um elemento fundamental de sua identidade. Pois essa atividade produtiva se confunde com a história do território, por meio dos saberes e fazeres presentes nessa importante atividade (Nascimento, 2017, p. 45).

Para uma informante[1], o turismo se resume a forasteiros que vêm sempre para passear. Estes vão mais para África do que para Laranjituba, porque lá tem a cerâmica (Fotografia 1) como atrativo. Tem-se ainda, de acordo com Reale e Aguiar (2015), a confecção de máscaras ritualísticas (Fotografia 2), herança preservada de uma cultura antiga, que também são apreciadas como símbolos decorativos.

Fotografia 1 - Cerâmicas produzidas na comunidade



Fonte: Janise Viana, 2019.

[1] Maria dos Santos, anciã da comunidade de Laranjituba. Entrevista concedida em abril de 2019.

Fotografia 2 - Máscara ritualística



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Conexas a essas atividades econômicas, têm-se também iniciativas de Turismo Comunitário que, segundo Nascimento (2017), propiciam uma renda extra para as famílias. Classifica o autor que essa atividade turística se expressa de duas maneiras. De modo direto, os comunitários prestam serviços turísticos, e, de maneira indireta, as famílias podem comercializar produtos ou disponibilizar serviços para o projeto "Filhos do Quilombo" que, por sua vez, é responsável pela ordenação dessas atividades.

Ao ser entrevistado, o líder comunitário[2] assevera que esse modo de fazer turismo tem dupla relevância, ou seja, além de gerar renda, é importante para a conservação dos recursos naturais e colabora para a promoção da organização comunitária. Ademais, ressalta que há inclusive a contribuição do turismo para a construção de conhecimento no que diz respeito à criação de animais pequenos utilizados para a alimentação, para o desenvolvimento social e ainda possibilita o monitoramento das áreas de preservação permanentes.

Uma outra entrevistada[3] afirma que o Turismo Comunitário é basicamente a integração de visitantes com os moradores. Ela exemplifica que esses momentos integrativos perpassam pelos afazeres cotidianos da comunidade, pelo seu modo de vida, pela maneira de como trabalham. Para uma moradora de Laranjituba[4] o turismo se configura por meio de um grupo de pessoas que aportam na comunidade para conhecer a cultura local. Estes chegam, ficam nas casas, conhecem a realidade e geralmente se vão no mesmo dia.

No que concerne ao perfil dos visitantes, Nascimento (2017) informa que são estudantes, pesquisadores (Fotografia 3) e pessoas com interesse em identidade cultural e meio ambiente. E no que respeita às atividades oferecidas, estas se concretizam em banhos de igarapés, caminhadas pelas trilhas (Fotografia 4) com condutor local, que durante o percurso profere conhecimentos, em que estão incluídas lendas, saberes e fazeres. Além disso, são feitas apresentações de uma culinária repleta de elementos naturais que se encontram no lugar.

---

2 Raimundo Magno. Entrevista concedida em abril de 2019.

3 Presidente da Associação de Moradores das Comunidades África e Laranjituba. Entrevista concedida em abril de 2019 às autoras.

4 Socorro, moradora da comunidade Laranjituba, atuante na associação. Entrevista concedida em abril de 2019.

Fotografia 3 – Grupo de pesquisadores e acadêmicos do NAEA



Fonte: Raimundo Nascimento (2019).

Fotografia 4 – Caminhada pela trilha



Fonte: Janise Viana, 2019.

No que tange aos possíveis aspectos positivos e negativos relacionados à presença de visitantes em seus territórios, relatou a informante[5] que a maioria destes é composta de estudantes e pessoas de outros países. Diz

[5] Presidente da Associação de Moradores das Comunidades África e Laranjituba. Entrevista concedida em abril de 2019 à autora.

ainda que o aspecto positivo disso é que os que vêm pela universidade terminam por apresentar determinados saberes que até então não se conheciam. E o negativo é que estes dominam as informações do lugar e jamais retornam.

Entretanto, segundo a entrevistada, houve uma exceção, que foi a entrega pela Professora Ligia Simonian, do NAEA/UFPA, de um livro que em um de seus capítulos versa sobre a referida comunidade. Então, o que se está fazendo hoje é que pessoas lá vão fazer trabalhos, assinem um documento especificando que se comprometem com o retorno das informações passadas pelos comunitários.

Um outro relato sobre os benefícios e malefícios apontados diz respeito ao que uma interlocutora[6] avalia. Afirma esta que o ponto positivo são os estudantes que visitam a comunidade trazendo conhecimentos e levam. Ainda diz que o turismo possibilita a aproximação com outras pessoas. Do lado negativo, há poucos produtos para vender a esses visitantes, porque não se organiza para vendê-los.

A presença de estudantes sempre é bem-vinda, dado que a Sra. Socorro reforça no que diz o relato acima acerca destes. Entretanto, indica como negativo que alguém possa estar entremeado no grupo desses alunos, um infiltrado da Vale do Rio Doce, o que preocupa. E afirma que é importante não dar informações a pessoas erradas.

Comunidade de Moju-Miri: breves notas

De acordo com o presidente da comunidade de Moju-Miri, o que se tem como positivo é que o turismo é um gerador de renda para a comunidade. Os visitantes chegam e compram produtos artesanais e biscoitos feitos localmente, por exemplo. Quanto ao negativo, não se têm condições de melhor acomodá-los.

---

6 Maria dos Santos.

Com respeito à pretensão de se ter algum projeto que tenha como objetivo o turismo, diz o presidente da referida comunidade que não se tem ainda, mas vislumbra-se ter. O problema é que não se sabe como fazê-lo.

Outra associada entrevistada considera que se pretende trabalhar o turismo, mas não se sabe como. No entanto, seria importante para ela se houvesse turismo. O que importa, continua a informante, é desenvolver o turismo local com os artesanatos e um bom espaço para hospedagem. Além disso, tem-se muito a explorar como a floresta, por exemplo, sem falar do açaí parol (Fotografia 5), de coloração verde. Este açaí tem sua preparação quando da entressafra para o consumo familiar, e é colhido ainda em fase de amadurecimento, por isso é esverdeado, mas um pouco pintado com a cor do açaí maduro, ou seja, roxo, o chamado "açaí pintado".

Fotografia 5 - Açaí parol com farinha de tapioca



Fonte: Andrey Leão (2019).

A seguir, apresentam-se aspectos diversos referentes à comunidade de Santo Amaro e suas principais conexões com o TBC, resgatando alguns fragmentos de sua história, práticas vivenciadas e como este foi formatado.

Turismo de Base Comunitária: articulações iniciais, atrativos, serviços e aspectos infraestruturais

Em sua origem, as iniciativas para o desenvolvimento do TBC na comunidade de Santo Amaro, segundo João Hüffner, foram de responsabilidade do Instituto de Desenvolvimento Florestal e da Biodiversidade do Estado do Pará (IDEFLOR-BIO). O Fórum de Gestão do TBC do Pará, a Associação Brasileira de Turismólogos e Profissionais do Turismo/Seccional Pará (ABBTUR/PA) e Faculdade Pan – Amazônica (FAPAN) apoiaram com alguns trabalhos essa frente. Diz que, por exemplo, fizeram um intercâmbio com pessoas da ilha de Cotijuba para falarem sobre suas experiências. Cita como exemplo Rubenita Justiniana, mais conhecida como Nita, que tratou sobre a questão da condução, além de outras pessoas, para falarem sobre a importância do turismo e os benefícios que o mesmo pode trazer para a comunidade.

Nesse sentido, é um projeto recente e está-se a começar uma parceria. Ainda para o primeiro roteiro que aconteceu em maio, foram necessárias várias visitas para ajudarem na precificação dos serviços e dos produtos, como na identificação dos atrativos turísticos.

Quanto aos atrativos da comunidade, João Hüffner refere-se em primeiro lugar à fabricação de chocolates. Menciona também os passeios de barco, desde a saída da alça viária até a comunidade, além das trilhas, com os seus atrativos naturais e os banhos de igarapés, sem falar na comida, que é maravilhosa.

Ao ser questionado dos possíveis entraves sobre a operação do primeiro roteiro comercializado para Santo Amaro, o entrevistado acima cita principalmente a captação de pessoas para participar, e explica que no TBC se "[...] você convida cem pessoas, apenas dez se dispõem a comprar o que comercialmente não é muito atrativo [...]" (informação verbal)[7]. Além de ser um produto/serviço muito diferenciado.

---

[7] João Hüffner.

Quando perguntado o porquê de apenas uma família da Comunidade de Santo Amaro ter aderido ao projeto, João Hüffner justifica pelo fato de que o TBC é algo muito novo na região, apesar de ter surgido no Brasil na década iniciada em 1970. Ainda há muita desconfiança no que toca à participação. Para se ter uma ideia, o projeto efetivado em Cotijuba com oito pessoas das comunidades de Fazendinha e Porção, hoje já tem 30 participantes.

Com relação à continuidade da parceria entre o Fórum e a comunidade de Santo Amaro, João Hüffner ressalta que o Fórum é uma instituição permanente. É composto de pessoas que recebem informações sobre os projetos de TBC, constantemente, por meio de seus *e-mails*. Utiliza-se, também, o *WhatsApp,* que é um meio de informação ligado às redes sociais, que objetiva buscar sugestões e está aberto às discussões constantes.

Muito especificamente, ressalta o entrevistado, Hüffner, que depois deste II Fórum (Fotografias 6 e 7), foi entregue ao Secretário Estadual de Turismo do Pará, André Orengel Dias, uma proposta de Projeto de Lei para regulamentação e fomento do TBC no Pará. Diz também que, na verdade, foi uma provocação ao Governo Estadual, com o objetivo de torná-lo um agente nessa luta, ou seja, que este encampe a ideia de desenvolver e fomentar o TBC. O que se compreende é que deva ser uma política pública de turismo.

Fotografia 6 – Mesa Diretora do II Fórum de Gestão de TBC do Pará



Fonte: Autoria: Mônica Araújo (2019).

Fotografia 7 – A pesquisadora e a Sra. Rubenita Justiniana.



Fonte: Autoria: Mônica Araújo (2019).

Sobre a participação da SETUR com relação ao TBC, João Hüffner afirma que a nova gestão, por meio do Secretário, tem-se mostrado sobremodo atenciosa. O referido gestor, segundo o entrevistado, participou do II Fórum e também está tentando articular algumas demandas como a que pleiteia um local para que se possa fazer um tipo de espaço de escoamento da produção artesanal das comunidades que trabalham com o TBC, o que tem se constituído um problema para escoar o produto e alcançar o mercado consumidor. Está-se aguardando uma resposta da SETUR ainda para esse semestre de 2019.

A ter em vista a participação da operadora Guajará, que comercializou o primeiro roteiro de TBC para a comunidade de São Amaro, a entrevistada Irailde Brabo Rodrigues[8] também coloca que houve uma parceria com o

[8] Turismóloga, especialista em Planejamento e Gestão do Ecoturismo na Amazônia e proprietária de uma Operadora de Turismo de Base Comunitária.

IDEFLOR e o Ecomuseu da Amazônia, por meio do Sr. João Hüffner, que teve a ideia de oferecer um roteiro (Fotografias 8, 9 e 10) no II Fórum de Gestão do Turismo de Base Comunitária do Pará. Percebeu-se que quando em visita prévia àquela comunidade, a mesma não dispunha de roteiro formatado. Então, fez-se um trabalho para ser comercializado no evento.

Fotografia 8 - Reunião antes do roteiro



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Fotografia 9 - Trapiche para Santo Amaro



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Fotografia 10 – Grupo de visitantes na lancha



Fonte: Rubenita Justiano, 2019.

O TBC de Santo Amaro teve sua primeira experiência, de fato, quando recebeu o grupo do II Fórum de TBC (Fotografia 11), com a família (Fotografia 12) do Sr. Rosinaldo Furtado da Silva e de sua esposa, Sra. Maria Eliane Reis da Cruz, ambos agricultores que moram naquela comunidade há 18 anos. É uma comunidade eminentemente católica. Diz a entrevistada Maria Eliana que antigamente existia uma igreja em que havia festejos para Santo Amaro. Daí procede o nome da comunidade, composta de 12 famílias, que têm como principal atividade econômica a agricultura, além de exercer o extrativismo com o *Euterpe oleracea*, que é o carro-chefe, o *Theobromacacao* e a banana (*Musa*), que são produtos que têm a finalidade de venda.

Fotografia 11- Primeiro grupo de TBC para Santo Amaro



Fonte: Mônica Araújo (2019).

Fotografia 12 – Casa da Família do Senhor Rosivaldo Silva



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

De acordo com a entrevistada Maria Eliane, o TBC começou com os profissionais do IDEFLOR-BIO/PROJETO AGROVÁRZEA, entre os anos de 2015 a 2017. Esses técnicos falaram que o terreno de Santo Amaro estava dentro do Refúgio de Vida Silvestres Metrópole da Amazônia (REVIS). Continua a entrevistada dizendo que os moradores tinham o hábito de desmatar muito, mas aprenderam com o IDEFLOR-BIO a viver sem cometer esse tipo de ação. Foi-lhes mostrado um conhecimento que não se tinha e concluíram que no local havia um potencial de turismo. Ademais, o Sr. Rosinaldo Silva afirma que sempre o IDEFLOR-BIO traz propostas de novos caminhos a percorrer.

Sobre o TBC, a interlocutora Maria Eliane acha que é bom, interessante, porque há uma troca de conhecimento: "Eles aprenderam conosco. E a gente com eles" (informação verbal)[9]. Já o Sr. Rosinaldo Silva enfatiza que o TBC ajuda um pouco, pois melhora o sustento familiar.

Em se tratando dos principais atrativos turísticos da comunidade, destaca-se, segundo a informante, a trilha da Paxiúba (*Socrateaexorrhiza*), palmeira encontrada na floresta e muito usada antigamente nos interiores para a construção de casas de madeira e de alvenaria. Nos passeios, os turistas podem tomar banho nos igarapés, passear de canoa, fazer trilhas (Fotografia 13), acompanhar a extração do *Euterpe oleracea* e também do *Theobromacacao*. Além disso, pode-se ver os animais e as árvores, como: o cedro (*Cedrelafissilis*), que está em extinção; o cajuí (*Anacardiumoccidentale*); o jatobá (*Hymenaeacourbaril*), que é madeira de lei; sem falar na exuberante samaumeira (*Ceiba Pentandra*) (Fotografia 14). A melhor época de visitação é no verão, que começa no final de maio até o final de outubro, período em que se encontra muito *Euterpe oleracea*.

---

9 Maria Eliana Reis da Silva.

Fotografia 13 - Trilha conduzida pelo Sr. Rosivaldo Silva



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Fotografia 14 - Pé da Samaumeira



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

A complementar, Rosinaldo Silva diz haver na trilha, de aproximadamente uma hora e meia de duração, a visualização de diversas árvores como o Parapará (*Jacarandacopaia*), Seringueira (*Hevea brasiliensis*), Lacre (*Vismiaguianensis*), Marupá, *Hymenaeacourbaril*, Pacaxi, Apuí, Cuiarana, Taná, Virola, Breu-Branco, Breu-Vermelho (Areu-Areu) e Tauari. Dentre os animais, tem-se a cutia (*Dasyprocta*), o veado (*Cervidae*), o tatu (*Dasypodidae*), a paca (*Cuniculus paca*), a preguiça (*Folivora*), a mucura (*Didelphis marsupialis),* o macaco preto (*Primates*), o quandu (*Coendou prehensilis),* a surucucu (*Lachesismuta*), a jararaca (*Bothrops jararaca*) e muitos outros. Tem-se ainda a possibilidade de atravessar em direção ao outro lado do rio e visualizar as árvores.

Como não existe meios de hospedagem na comunidade, em caso de os visitantes quererem pernoitar, a casa do Sr. Rosinaldo comporta até dez pessoas para dormirem em rede. Diz a entrevistada, Maria Eliane, que malgrado não tenha havia nenhum tipo de capacitação para desenvolver o turismo, a Sra. Letícia, turismóloga do IDEFLOR-BIO fez uma oficina, explicando como se prepara um café-da-manhã e almoço para o visitante.

Entre os itens servidos pela manhã (Fotografia 15), estão os bolos de macaxeira, de milho, de cacau, café com leite, café preto, chocolate natural de cacau, sucos de goiaba, de cupuaçu e a pupunha. Tudo produzido localmente, bem como as receitas. E no cardápio do almoço (Fotografia 16), é servido peixe dourada frito, camarão – da água doce pescado pela comunidade –, açaí e a galinha caipira.

Fotografia 15 - Mesa posta do café-da-manhã



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Fotografia 16 - Demonstração do peixe frito e do camarão



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Fotografia 17 - Detalhe do açucareiro em cima da folha de bananeira



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

No que tange aos principais benefícios que o turismo pode trazer para a comunidade, a considerar que esta, pelo momento, só teve um pacote oferecido, Maria Eliana aponta que a atividade turística propiciaria uma renda para as famílias. Alega que a comercialização do açaí é feita por um atravessador que vai para Belém e que a entressafra acontece de novembro a junho e a safra começa em junho. Então, vislumbra-se no turismo uma fonte alternativa de renda que quebraria essa dependência da comunidade pelo açaí. O outro informante, Rosivaldo Silva, evidencia que o conhecimento a ser adquirido é o principal benefício.

Um problema crucial que foi apresentado pela Sra. Maria Eliane diz respeito à falta de água encanada, o que além de ser uma dificuldade para a

comunidade, pode comprometer o desenvolvimento da atividade turística. Diz a entrevistada que para se obter água recorre-se às comunidades de Maravilha e de Caraparu, quando a trazem em garrafões transportados em barco. Além da questão da água, Sr. Rosinaldo Silva alega que a ausência de transporte próprio impõe-se com mais uma dificuldade, sem falar que o acesso é ruim. Aponta-se ainda como solução, definir uma base de organização social para atrair famílias que estão dispersas do processo.

Sobre o TBC, Maria Eliane acha que seria a união das famílias, em que se ofereceriam serviços como se fosse um turismo em família, o que resultaria, ao ver dela, em educação e conhecimentos para a comunidade. Em se falando das expectativas com a chegada do primeiro grupo de turista, diz a referida entrevistada que a família ficou muito ansiosa, mas que gostaram muito da presença e espera que voltem, e revela: "[...] fiquei realizada, porque a gente já recebeu pessoas simples, de outras comunidades. Mas, turistas foi a primeira vez" (informação verbal)[10]. Espera que o TBC se instale definitivamente em Santo Amaro e ainda diz que o TBC seria muito importante para a conservação do meio ambiente.

Comenta ainda Irailde Rodrigues que apesar de apenas uma família estar envolvida nos serviços turísticos, precisa-se fazer um trabalho para que outras famílias participem, o que significa que se pretende avançar mais, congregar mais comunitários nessa iniciativa do TBC. Afirma que a receptividade da família que está na ponta de lança desse projeto tem um perfil fundamental para o TBC, é agradável e acolhedora. E observa a entrevistada que, como instrutora e por trabalhar nessa área, acha necessária uma formação que envolva palestras e mais informações para que outras famílias adiram ao projeto.

Ao ser indagado como a operadora pretende realizar esse trabalho de base em Santo Amaro, Irailde Rodrigues diz que o primeiro passo é conversar com a comunidade, depois fazer uma avaliação deste trabalho com os parceiros, e após essa etapa, realizar um mapeamento das necessidades

10 Maria Eliane Reis da Cruz.

prioritárias. E sugere focar nas trilhas e principalmente na sinalização, bem como na formatação para orientar o condutor local, sem esquecer que a comunidade integra o REVIS Metrópole da Amazônia.

A Operadora Guajará trabalha além de Santo Amaro, que está iniciando-se nesse momento, com as ilhas de Cotijuba e do Combu e Bragança. Com relação à expansão do TBC na Amazônia, Irailde Rodrigues diz perceber um crescimento e complementa que o TBC tem tudo para dar certo e que se foque com mais precisão nesse modelo de gestão. Quando esta começou a estudar turismo, não se falava em TBC. Ouvia-se sobre o ecoturismo e o turismo rural.

O perfil do turista que o Operador Guajará recebeu em 2017 foi de profissionais, estudantes e pesquisadores que estão na área. Quanto ao perfil desejável de profissionais para trabalhar no TBC, a entrevistada, Irailde Rodrigues, diz que em primeiro lugar é necessário que ele saiba se comunicar com as pessoas e ter humildade suficiente ao chegar nos lugares que não conhece. Em segundo, tentar compreender o lugar e as pessoas. E enfatiza que não se pode chegar e ir mudando tudo. Aos poucos, fazê-los compreender a importância de se mudar algumas coisas, se necessário, para que o TBC aconteça.

Por fim, Irailde Rodrigues revela também que sempre amou a ideia de trabalhar com comunidades – desde que era neófita em turismo na UFPA – e quando o profissional trabalha com o que gosta, naturalmente, tudo tende a dar certo.

Ao ser questionada sobre a atuação do SEBRAE no TBC do Pará e de como é articulado esse trabalho, a entrevistada Leda Rosana Barreira Magno[11] menciona que a instituição tem uma vivência na atuação de turismo há mais de vinte anos. Isso é sustentado por uma base de fundamentação que há muito vem sendo desenvolvida pelo SEBRAE/

[11] Atua na Gerência Regional Metropolitana do SEBRAE/Pará, na linha de empreendedorismo; Graduada em Psicologia e em Turismo pela UFPA. Tem algumas Pós-Graduações.

Nacional. Há dois meses, iniciou-se um ciclo de desenvolvimento do turismo que se mira na promoção da rota internacional, que consiste em três sentidos de atuação. A primeira rota é a da comida ribeirinha, com a "pegada" regional das populações tradicionais, que agrega valor ao turismo. No entanto, o foco não está centrado apenas no TBC, mas o contempla.

Com relação à expectativa do trabalho que está sendo realizado na comunidade de Santo Amaro, Leda Magno destaca que a receptividade é o que mais se sobressai no que realiza a população tradicional. Para que a rota seja comercializada, é sobremodo importante vivenciar e conhecer o dia a dia do ribeirinho amazônico, e agregar valor com refinamentos nos serviços que possam ser ofertados.

Como exemplo, a entrevistada citada menciona as boas práticas de produção na hora da elaboração de um prato e da composição do cardápio com origem de base local, a amazônida. Dá como mais um exemplo, dessa vez concreto, a produção de chocolate (Fotografias 18 e 19) ainda totalmente artesanal, e isso tem uma razão de ser. O artesanal gera agregação à rota a partir do momento em que você o caracteriza com elemento diferenciado, personalizado.

Fotografia 18 - Mesa para oficina de chocolate



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Fotografia 19 - Embalagem com brigadeiros para venda durante o roteiro



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

O conceito de origem à mesa agrega valores. Continua Leda Magno que o detalhamento dos serviços que podem ser acoplados já foram mapeados e indicados como orientadores para o empreendedor conseguir melhores preços ao ofertar esses serviços. Tal detalhe pode levar o turismo a ser uma alternativa sustentável para a família. Ressalta a entrevistada que não cabe ao SEBRAE inventar a roda, mas aperfeiçoá-la. Ao inserir-se nesse dia a dia comunitário, o SEBRAE amplia e a sua visão com o intuito de melhor para empreender. O que significa ofertar serviços de melhor qualidade e segurança alimentar, o que adiciona valor à rota.

Sobre quando o turista vai a uma determinada localidade, Leda Magna enfatiza que

> [...] além de viver aquela experiência, ele quer levar um pouco dessa experiência, como nós estamos fazendo aqui. Mas, sempre "pegando" a vertente de que é necessário respeitar o Meio Ambiente. Respeitar a cultura de como se fazer sem, principalmente, descaracterizar o produto que a gente vivenciou. Ou seja, não sair da origem e tentar

> ao máximo possível não desvirtuar a cultura que é apresentada (informação verbal)[12].

Vê-se, portanto, que o trabalho proposto às comunidades pelo SEBRAE tem muito de ordem pedagógica, ou seja, é necessário ensinar os rudimentos quanto à sua afinação do TBC, para que sejam levadas a bom termo.

De acordo, ainda, com Leda Magno, o diferencial que mais chama a atenção nesse roteiro de Santo Amaro são as trilhas, que têm uma enorme potencialidade, mas que é necessário por isso mesmo que seja feito o zoneamento botânico para identificar cada espécie. É preciso reconhecer a origem das árvores, quais os produtos que podem ser associados a elas, como compostos ativos da natureza. Isto é muito importante porque assim se trabalha o eixo da cadeia de valor. Por exemplo, quando se está diante de uma árvore de cupuaçu, é preciso conhecer a composição do fruto para servir a indústria de alimentos ou de cosméticos.

Então, afirma Leda Magno que a trilha gera uma agregação de valor, mas, obviamente, tudo isso precisa ser trabalhado, precisa de segurança. O mais importante quando se trata de trilha é trazer um pouco do contexto amazônico para dentro delas, inclusive cita que as lendas amazônicas podem ser contadas para os visitantes, o que é algo que está fora ou além dos grandes centros urbanos.

A continuar-se, diz que o SEBRAE tem, em conjunto com o Ministério do Turismo, um plano de desenvolvimento que alia o eixo empresarial, o de comportamento empreendedor e o de inovações e tecnologias previstas. E mais, com o conceito de turismo inteligente. Esse conjunto passa a se compor na Rota como uma alternativa a mais para que as pessoas possam construir seus próprios roteiros. Nesse contexto, a entrevistada afirma que há previsões que incluem capacitações para os públicos que estão sendo atendidos.

---

12 Leda Magna, em entrevista à autora, em 2019.

Quando questionada de como as universidades poderiam contribuir para esse projeto de TBC, por exemplo, na comunidade de Santo Amaro, Leda Magno recorre ao conceito de capital intelectual que está dentro de SEBRAE, que tem uma Matriz de Atuação que é composta dentro da região metropolitana por mais de 197 instituições. Por outro lado, a Universidade traz um pouco da pesquisa e da extensão, o que resulta em propostas de alternativas entre a teoria e a prática.

Para que a comunidade consiga, diz a referida entrevistada, tem que, a partir dos saberes tradicionais, fazer com que isso agregue valor as atividades econômicas a partir do turismo. Portanto, a Universidade traz o conhecimento que pode agregar valor à qualificação desses roteiros. Essa é contribuição que a Universidade traz.

Ao relatar sobre a sua experiência no roteiro de Santo Amaro, como profissional de turismo, Leda Magno diz que já atua há mais de doze anos no planejamento, na organização e na operacionalização do turismo, inclusive no agenciamento. Por isso, diz que é possível sonhar com um turismo utópico ou, nas suas palavras, "com um turismo muito conceitual". Ainda afirma que é preciso sair da teoria e centrar-se na prática, ou seja, ajudar as comunidades que estão se afastando dessas culturas, desse meio ambiente, do conceito de sustentabilidade.

O que acontece, portanto, é que as comunidades não conseguem mais manter uma sobrevivência, gerar rendas a partir dos produtos que elas têm, que é um produto de alto valor agregado que está no mercado. O que a entrevistada Leda Magno acha mais importante é que seja feito um turismo efetivo, que gere resultado para todos. Este é o grande desafio presente e futuro para quem trabalha com o turismo, independentemente da esfera em que atue.

E ainda, ao falar de pesquisa sobre o TBC, diz que o propósito dessas é gerar conhecimento para o desenvolvimento das comunidades. A pesquisa,

segundo a entrevistada, pode fazer a diferença no dia a dia de quem convive com todas as dificuldades dessas populações tradicionais. O diferencial da pesquisa é que ela pode fazer as coisas acontecerem.

No rol de entrevistas, tem-se a avaliação de Maria Luiza Costa[13], que participou do II Fórum e é empreendedora que faz mapeamento para desenvolver áreas para que se possa empreender por meio de *startups*. O seu trabalho consiste em capacitações para empreendedores fomentarem a economia de um determinado local. E ainda desenvolver relações públicas junto ao poder público, às universidades e à sociedade civil para resolver os problemas via capacitação profissional.

Se por um lado essa junção de forças é uma excelente articulação, por outro, diz a entrevistada Maria Luiza, está-se a vivenciar um período em que tudo está se deteriorando. Por conseguinte, o TBC é uma oportunidade para que se possa unir o que está se desenvolvendo com o que a universidade está pensando. Comenta, entretanto, que o que falta nas Universidades é o estudante vivenciar, visitar mais áreas, conhecendo as necessidades e, a partir daí, fazerem seus constructos teóricos e produzirem artigos e livros que vão tentar explicar determinadas realidades e propor soluções. Ela ainda menciona:

> [...] é uma boa estratégia das universidades para desenvolverem o TBC junto com a comunidade. Desenvolvendo a comunidade local para receber, dando uma qualidade de atendimento através das qualidades e, também da hotelaria (informação verbal).

Em suma, quaisquer conhecimentos só poderiam emergir tendo por base o que de fato acontece nas comunidades.

No que diz respeito à visita técnica que foi feita à comunidade de Santo Amaro, a entrevistada, Maria Luiza, comenta que o grupo foi recebido da maneira mais simples possível e atenciosa pela família do

---

13 Contadora e técnica em hospedagem e hotelaria.

Sr. Rosinaldo da Silva. Ressalta que com relação a outras áreas visitadas em seu trabalho, essa comunidade se destaca pela hospitalidade (Fotografia 20). Segunda a mesma, o que é necessário é fazer alguns ajustes no que se faz e também divulgar esse tipo de roteiro, para que possa receber visitantes.

Fotografia 20 - "Mimo" entregue no final do roteiro



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

A continuar-se, Maria Luiza, frisa que o senhor Rosinaldo da Silva relatou que só a família dele aceitou participar do Projeto do IDEFLOR e que este está sendo muito propício. Inclusive, ele fala com relação a conhecimentos do plantio e refere-se também à questão da organização turística dentro da área. Enfatiza ainda que este senhor supracitado se preocupa muito com a sustentabilidade, com a poluição sonora e com a quantidade de visitantes, para que estes não sujem aquele espaço natural.

Ao identificar os principais atrativos, a entrevistada, Maria Luiza, listou as trilhas, os passeios de barquinhos e a receptividade. Comentou ainda que poderia ser melhor trabalhado um espaço mais adequado para o descanso, que já é oferecido em redes, a considerar que as pessoas vão passar o dia. Sugere que é um ótimo espaço para comemorar aniversários ou realizar eventos outros.

Com relação ao que foi servido, a informante mencionada acima classificou como excelente, tanto no que diz respeito à quantidade de alimentos, provindos da própria área, quanto à variedade desses. Ainda afirma que a apresentação dos pratos foi muito bem-vinda, principalmente pelo fato de não terem passado por capacitação de gestão.

Acrescenta que: "[...] mesmo assim, eles nos atenderam muito bem, levando em consideração que foi a primeira vez que eles receberam um grupo" (informação verbal). A partir dessa avaliação, depreende-se que esta família, pioneira e empreendedora, realmente assimilou a proposta do TBC e que a mesma tem uma vocação natural para receber um turista que procura uma comunidade.

Concernente à questão do meio ambiente e de como o TBC pode contribuir para conservar esse, a entrevistada acima avalia que não se trata de conservá-lo, mas é importante que se atente para o fato de que é necessário limpá-lo também. Observa que esta é uma questão para os próprios estudantes de cursos superiores, para se reunirem com os doutores das universidades e buscarem alternativas para o lixo, como a reciclagem. Assim também fazerem barcos flutuantes, por exemplo, construídos com o material das garrafas PET.

Entende-se ser necessária uma solução para essa questão, que é um problema muito grande, não só em Belém, mas no arquipélago. E só por meio disso pode-se sustentar o TBC para que os comunitários se autossustentem sem a intervenção do poder público. Propõe-se, ainda, uma alternativa que deve ser discutida com engenheiros sanitários que estão nas universidades.

Explica também a interlocutora, Maria Luiza, que como se está em área do Lago Bolonha e ainda por estar-se em um local onde se juntam todos os rios, toda essa área é contaminada. É necessário que o poder público, a sociedade civil e os acadêmicos busquem alternativas para solucionar esses grandes problemas. A prosseguir, a informante diz que esteve no Paraná, que tem um trabalho de transformar garrafas PET em roupas e tecidos, o que seria uma alternativa para a região Norte. Precisa-se buscar soluções para esse tipo de problema – resíduos sólidos – que é mundial.

Ao tentar explicar a sua visão sobre o TBC, a entrevistada interroga-se se seria uma política pública, uma organização ou um instituto. Pensa ser uma alternativa de primeiro passo para o desenvolvimento e afirma que, para o desenvolvimento de uma economia local, é preciso ver quais os problemas dela e tentar resolvê-los. Cita que ao falar-se em turismo, tem-se que saber do que se está falando, o que pode ser Turismo Comunitário, turismo de massa ou turismo ecológico.

Então, tem-se que pensar, e a tomar-se o exemplo da comunidade de Santo Amaro, viu-se que é um local no qual não se joga lixo no chão. E pergunta a informante: quais seriam as formas que eles se propuseram e/ou conduziram para que isso não acontecesse? Diz que a questão que se levanta é que é uma responsabilidade do poder público estruturar, porque os empreendedores/empresários não desenvolvem a questão do turismo sozinho. Precisa-se de estrutura para esse se desenvolver a contento. Outra questão para além da infraestrutura e da documentação necessária para se trabalhar com o TBC é a capacitação de pessoas.

Em síntese, o que se pode fazer para fomentar esses projetos de turismo, sobretudo os de base comunitária? Maria Luiza diz que para desenvolver esse tipo de projeto é preciso de dinheiro e documentação para se ter respaldo e buscar recursos externos. Do contrário, pode-se cair nas mãos de terceiros, os quais vão conseguir o dinheiro e vão desviá-los.

Então, a questão do TBC, visto a partir de dados estatísticos e dessa visita realizada em Santo Amaro, não tem apenas finalidade financeira, de empreendedorismo, tem um fito de soluções que precisam ser práticas.

Trata-se de unir relações públicas, sociedade civil e as universidades para se encontrar soluções para os problemas detectados e apontar-se saídas para que venham a beneficiar a comunidade. Então, ao mencionar sua participação no II Fórum, Maria Luiza, aponta que devem acontecer mais debates, serem mais divulgados, para que essa discussão frutifique em educação empreendedora e, a partir disso, as pessoas comecem a saber gerenciar o seu próprio negócio e a definir o seu valor financeiro. É essa a sua compreensão sobre o que venha a ser o TBC.

Ilha de Cotijuba: Turismo de Base Comunitária e a Rede Açaí

O texto a seguir apresenta uma discussão a partir dos conteúdos de fala dos entrevistados que estão envolvidos, direta e indiretamente, com o turismo em Cotijuba e que, por conseguinte, contribuíram para a elucidação da arquitetura da pesquisa ora realizada em alguns espaços daquela ilha.

Contextos e dinâmicas sobre o Turismo de Base Comunitária

A ilha de Cotijuba, distante 33 km da capital paraense de Belém, é a terceira maior ilha em dimensão do arquipélago belenense (Gomes et al., 2017). Afigura-se com um potencial turístico autêntico, expresso por seus cenários de beleza natural, hábitos nativos e culinária exótica amazônida. Na sequência, apresentam-se os principais pontos de discussão do TBC dessa ilha.

a) Considerações sobre o Movimento de Mulheres das Ilhas de Belém e o Turismo de Base Comunitária

Para discorrer sobre as origens do Movimento de Mulheres das Ilhas de Belém e o Turismo de Base Comunitária, mais precisamente da Rede Açaí, ntrevistou-se Maria Lídia Lopes dos Santos[14]. Ela descreve que o MMIB se iniciou em 1998, quando era estudante de Serviço Social na Universidade da Amazônia (UNAMA). Os professores já falavam da Ilha de Cotijuba, que tem 15 km de praias, praticamente desabitada.

Em seguida, a entrevistada e mais a Dona Antonia Gomes, também assistente social, foram conhecer a ilha, e decidiu-se que se montaria um negócio, uma granja, uma das primeiras na ilha. Começou-se a perceber que as pessoas gostavam do ambiente e iam para acampar na praia. Quem ia para Cotijuba eram, basicamente, universitários e naturalistas, e começou-se a vender comida para esse público.

A prosseguir-se, diz-se que, como era ligada a movimentos sociais, Dona Antonia foi para a Associação de Produtores locais. E lá descobriu os trabalhos das mulheres, uma vez que os homens eram apenas associados, mas quem de fato trabalhava eram as mulheres. A partir daí, começou-se o empoderamento com a geração de renda provinda do trabalho feito com doces e aproveitamentos de frutas. Diz que a amiga ficava em Cotijuba e ela em Belém.

Revela Maria Lídia que o MMIB foi foco de muitos estudos e conta que o docente Eduardo Lima dos Santos Gomes[15], na época Professor da Faculdade de Estudos Avançados do Pará (FAEPA), trouxe uma turma de estudos para pesquisar sobre o turismo de Cotijuba, que não era ainda um

---

14 Coordenadora administrativa do MMIB, assistente social aposentada e proprietária da Pousada Sol e Lua.

15 Atualmente, é diretor e pesquisador da Faculdade de Turismo da UFPA.

TBC, e fazer um Projeto de Extensão. A partir dessa ideia dele, começou-se a pensar na ilha como um campo de estudos.

Consequentemente partiu-se, para uma busca de geração de renda para o Movimento e para a manutenção da Associação. O resultado disso é que a questão do turismo foi se aprofundando, mas como ocorre com todas as Associações, o MMIB também sofreu no quesito gestão.

> [...] é muito difícil você compreender a gestão do terceiro Setor, porque as pessoas confundem uma gestão com todo um trabalho ou com qualquer trabalho que uma Associação requer. Por exemplo: se eu sou gestora de uma associação, eu tenho o meu trabalho de gestão e de organização interna. Esse é o trabalho da gestão, mas se eu saio, por exemplo, para essa parte que é do turismo, eu já não estou mais na gestão. Eu já estou exercendo um outro trabalho que pelo qual deveria ser remunerada (informação verbal)[16].

Cita outro exemplo, referindo-se ao MMIB, que tem o projeto da Priprioca (*Cyperusarticulatus)*. Houve mais de 20 reuniões no ano passado, em 2018, paralelas a esses projetos.

E enfatiza ainda que isso não significa ser uma gestão de associação, mas uma gestão de projetos. Na verdade, quando vem dos parceiros, nunca são contemplados a associação ou a pessoa que gerencia este projeto. Assim, acaba-se sendo voluntário do MMIB e do parceiro que trouxe o projeto. Nessa discussão, percebe-se que é importante saber separar o que é um movimento social, com todos os seus significados e abrangências, e a gestão de projetos, algo concreto, imediato. Não obstante, percebe-se a preocupação do MMIB com a busca da formatação de novos projetos que se coadunem com seus objetivos. E o TBC parece ser um deles.

Então, a informante Maria Lídia dos Santos revela que na sua gestão, que acontece há dois anos, seu discurso já era esse, pois se fazia necessário esclarecer e buscar entendimento com esse modo de pensar. Menciona

---

16 Maria Lídia Lopes dos Santos, em entrevista à autora, 2019.

também que as eleições estão próximas e que não tem quem queira concorrer porque o trabalho é muito pela fama e *status* do MMIB e acaba a pessoa tendo de arcar com despesas próprias para trabalhar, quando, na verdade, isso tudo tem sido feito por amor. No entanto, diz que o MMIB (Fotografia 21) está crescendo e as perspectivas tendem a mudar. Então, espera-se trazer o TBC para Cotijuba de acordo com os objetivos do Movimento, que intenciona gerar renda para o lugar, preservando as pessoas no seu lugar de origem, valorizando e mantendo sadio o meio ambiente.

Fotografia 21 - Fachada da instalação do Movimento de Mulheres das Ilhas de Belém



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Ao fazer uma breve retrospectiva, também, sobre o início da discussão do TBC na Ilha de Cotijuba, Adriana Maria Gomes de Lima[17] relata, com conteúdos similares aos da entrevistada Maria Lídia, que teve o seu *start* com o trabalho de Ecoturismo desenvolvido pelo Professor Eduardo Gomes

[17] Proprietária e gerente da Pousada Quarto crescente, sócia fundadora do Movimento de Mulheres da Ilha de Belém (MMIB) e produtora de biojoias.

dos Santos Lima, quando se começou a perceber um tipo de turismo voltado para o Meio Ambiente e para a comunidade. Isso se deu em 1998. Havia algo de muito teórico nessa perspectiva, como a descoberta do que tinha a Ilha para se enquadrar dentro desse tipo de turismo, o que significava a pesquisa do referido professor e, por outra via, o aprendizado de quem com ele trabalhava.

Portanto, havia-se que pensar em alternativas para desenvolver o Ecoturismo, porém ainda não se tinha o conhecimento dessa teoria. Então, o professor Eduardo Gomes começou a discorrer sobre possibilidades que poderiam se criar. Concluiu-se, então, que de imediato não seria possível se desenvolver muita coisa, porque não havia base, ou seja, hotéis, restaurantes, artesanato etc., mesmo que já estivessem organizadas no MMIB. Foi feita uma projeção disso, ao longo de dez anos, para se começar a construir algo sobre o TBC.

Depois desse início, deteve-se em iniciativas que tratassem da questão do artesanato. O MMIB, junto com o professor Eduardo Gomes e outras universidades particulares começaram a visualizar roteiros que pudessem viabilizar o projeto. A Prefeitura não desempenhou nenhum papel com relação ao que se estava fazendo, tudo ficou por conta desse grupo.

Em verdade, teve-se a parte inicial teórica, mas havia outras questões relacionadas ao MMIB para resolver, como a agricultura, o extrativismo, dentre outras que iam aparecendo. Realizou-se uma parceria com uma empresa para plantar ervas aromáticas, o que foi sobremodo interessante. Aliado a isso, foram sendo desenvolvidas questões relativas ao artesanato, como os papéis reciclados e artesanais.

Após alguns anos, uniu-se tudo isso, transformando-se em produtos turísticos para serem apresentados. Em seguida, recebeu-se a visita dos integrantes do projeto Bagagem para, juntos com estes, se organizarem com o objetivo de apresentar um produto turístico finalizado, a partir do plantio. A entrevistada Adriana Lima relata:

> [...] quando o pessoal chegou, nós já tínhamos tudo organizado. Na visita ao plantio, eles entraram com uma parte e a gente organizou junto com eles. E foi aí a nossa primeira experiência de como apresentar o que a gente tinha. A nossa primeira visualização de que já havia um produto, e que já poderíamos de certa forma vender esse produto (informação verbal).

Fazer a introdução do projeto Bagagem no MMIB resultou em aprendizado e possibilidades concretas para se trabalhar com o turismo.

Entretanto, não se chamava esse movimento de pacote de TBC, e sim de uma visita. Começou-se, então, a receber estudantes, de escolas de ensino médio e fundamental. A partir daí, começou-se a organizar o roteiro de um dia, no qual se chega e se conhece o espaço da frente da Ilha. Depois, vai-se para a Associação do MMIB e são conhecidos os projetos da Ilha. No entanto, o foco é na visita externa na área de um produtor, que tem o plantio dessa raiz aromática. Aí, termina-se na praia com um almoço em um restaurante de um associado ao MMIB.

Com o passar do tempo, foram feitas parcerias com outras operadoras, o que significa que, quanto mais operadoras houver, mais se vendem pacotes. É um relacionamento muito salutar devido ao fato de que se coloca o preço e eles colocam o preço deles. É importante que se diga que se trabalha com operadoras de planilhas abertas, isto é, com preços compartilhados.

Isso foi muito interessante com relação ao grupo de consultoras da Natura, que se recebe desde 2009, para dinamizar o turismo, além de receber outros grupos. Diz ainda:

> [...] como a gente é uma comunidade bem organizada que trabalha com a empresa Natura, então, eles sempre reúnem presidentes e diretores também para conhecerem a Associação. Por ano, acho que temos de três a quatro visitas da Natura, onde o MMIB vende este pacote (informação verbal).

Para Eduardo Gomes, o modelo de TBC do MMIB tem como diferencial a oferta turística, ao apresentar o circuito do protagonismo dessas mulheres, por meio dos projetos que desenvolvem com a Natura, dentre outros. E foi possível, por intermédio deste roteiro turístico, agregar outros colaboradores da oferta, tais como: transportes, monitores, senhoras do café-da-manhã, as barracas das associadas para o almoço na praia e a lojinha de artesanato do MMIB. Logo, percebe-se o efeito multiplicador da atividade turística na comunidade local. E isso fortalece cada vez mais o empoderamento do MMIB como uma organização social comprometida com o desenvolvimento endógeno via modelo de negócios centrado no TBC.

Foi assim, portanto, que se configuraram as bases do turismo. Em 2019, depois de 10 anos, então, inaugura-se a Rede Açaí, que inicia um trabalho com os empreendedores locais e com as operadoras para comercializarem o produto TBC de Cotijuba.

b) Caracterização do Turismo em Cotijuba

Para compor o quadro de características relacionadas à questão do Turismo em Cotijuba, optou-se preliminarmente, por destacar as atividades econômicas locais, a dar destaque para o turismo, enfatizando seus atrativos, equipamentos, serviços e a visão que os atores têm sobre o turismo.

Sobre as principais atividades econômicas de Cotijuba, Adriana Lima enfatiza que é a agricultura, os serviços de transportes, o funcionalismo público e o setor de turismo, como bares, restaurantes, pousadas e pequenos comércios. Além disso, a transferência de renda do governo, via bolsas e benefícios, compõem e dinamizam a economia local.

Ao caracterizar o turismo de Cotijuba, a entrevistada deixa bem claro que na região impera o turismo de massa, que, sem dúvida, atrapalha muito a rotina de quem mora na Ilha. Veja-se o relato de Adriana Lima:

> O Turismo de Massa são pessoas que vêm no feriado, no mês de julho para aproveitar a praia e beber. É muito, muito, pesado isso, tanto que a população da Ilha triplica, quadruplica aqui. São quase quarenta mil pessoas, em um final de semana [...]. E isso, atrapalha muito a rotina de quem mora aqui (informação verbal).

E mais, com relação à coleta de resíduos sólidos, há uma empresa de Belém que contrata as pessoas da Ilha para este recolho. Entretanto, isso ocorre na parte mais urbanizada da cidade, o que significa que nas partes mais periféricas do lugar a coleta fica a desejar.

Ademais, ainda tem outro impacto negativo que é o aumento da demanda pelo posto de saúde, porque acaba dificultando o atendimento à população local. Diz ainda Adriana Lima que é algo malfazejo, porque dá muito trabalho para os moradores, no entanto, deixa um pouco de dinheiro no local.

No conjunto da oferta turística que compõe os atrativos de Cotijuba, segundo o entrevistado Fernando Ferreira dos Santos[18], está a natureza exuberante, que é um ornamento artístico para o olhar, com suas praias de rios (Fotografia 22), igarapés, árvores frutíferas e trilhas. Além da cultura local, que se exibe com seus artesãos, principalmente, os ceramistas com suas palhas do tucumã e biojoias. Nesse mosaico de atrativos, uma outra entrevistada, Odilene de Carvalho Lemos[19], exalta que a culinária regional desponta com seus peixes como a pescada-branca (*Cynoscion*leiarchus), o filhote (*Brachyplathystomafilamentosum*) (Fotografias 23 e 24) e a dourada (*Salminusbrasiliensis*), que são os mais procurados. Além de peixes, tem-se o camarão-rosa (*Farfantepenaeussubtilis*) e o regional, e frutas como o tucumã (*Astrocaryumaculeatum*), o taperebá (*Spondiasmombin L.*), o cupuaçu (*Theobromagrandiflorum*), dentre outras.

---

[18] Proprietário e condutor de passageiros (moradores e turistas) de Cotijuba, mestre de obras, soldador e eletricista.

[19] Proprietária e *Chef* do Restaurante Sonho Meu, produtora de óleo natural de coco, artesã/grupo de biojoias e coordenadora social do MMIB.

Fotografia 22 - Praia do Vai Quem Quer



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Fotografia 23 - Filhote (*Ceviche* de) servido no abacaxi para o jantar



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Fotografia 24 - Mesa posta para o jantar



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Em seu depoimento sobre os principais atrativos turísticos da ilha, Maria Lídia Santos enfatiza que, sobretudo, é a natureza, com suas trilhas. Cita como exemplo a trilha do Pela Porcos, a da Priprioca, que faz parte do projeto que o MMIB desenvolve, e é uma trilha que chama muito a atenção das pessoas. Além disso, tem-se a praia com água doce de rio, com suas grandes ondas, que é um atrativo para muita gente, inclusive muito comentada na internet, o que quase não existe em outros lugares.

Ressalta que se alguém vai visitar os quintais das casas dos comunitários (Fotografia 25), se deparará com muitas espécies de frutas e árvores, como a andiroba (*Carapaguianensis*), o pracaxi (*Pentaclethramacroloba*

Wild), o mogno (*Swieteniamacrophylla*) e o angelim (*Dinizia excelsa Ducke*), espécies conhecidas como de valor grande. Além de tudo isso, tem-se o tucumã (*Astrocaryumaculeatum*), que é um atrativo vegetal que precisa ser preservado.

Fotografia 25 - Plantas no quintal



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

O artesanato feito em Cotijuba perpassa pelos talentos artísticos de Dona Antonia de Maria Mesquita[20], de 70 anos, aposentada, que começou a fazer seu curso de artesanato sobre argila (Fotografia 26 e 27) na casa de Sr. Antoniel, antigo administrador da ilha. Aprendeu com o professor Carlos e Josiel, quando teve o primeiro contato com esse tipo de material. Depois, disse que foi a professora Terezinha quem trouxe outros professores para ministrarem cursos diversificados, como os de panelas refratárias e os de telhas. Diz ser uma artesã, que não trabalha só com a argila, mas com outros tipos de materiais, como a palha do Tucumã, com os quais faz chapéus, cestas, bolsas, descanso de panelas, porta-guardanapos, chamados de cestaria. Trabalha apenas com a filha.

---

20 Artesã em atividade e dona de casa.

Fotografia 26 - Peças artesanais



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Fotografia 27 - Panelas de argila



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

A prosseguir, Dona Antônia diz que suas peças são vendidas mais para os turistas, o que, segundo a entrevistada, é muito importante, porque

elas acabam sendo divulgadas em outros lugares. Diz, inclusive, que já saiu em revista e está famosa; foi reconhecida depois de mais velha. Revela ainda que confecciona arranjos de flores e vários remédios, por exemplo, o óleo de andiroba (Fotografia 28 e 29), com o qual faz um repelente e o óleo de pracaxi para dor de ouvido, dor de garganta, e contra inflamação, além do óleo de coco, utilizado para passar no cabelo, servindo também como repelente e amaciante de pele.

Fotografia 28 - Óleo de Pracaxi, andiroba e mel de abelha



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Fotografia 29 - Embalagem dos produtos



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

E em termos de infraestrutura e equipamentos, segundo João Gabriel Pinheiro Hüffner[21], têm-se as pousadas localizadas à beira-rio, na praia/comunidade do Vai Quem Quer – esta mais distante do centro urbano – e na do Farol. Tais praias, principalmente nos meses de férias, são para visitantes que procuram algo mais agitado, o que não é encontrado nas comunidades. Mas, nesses sítios, embora não se tenha pousadas e restaurantes, convive-se com a hospitalidade dos moradores.

E ainda o referido entrevistado comenta que, especialmente na comunidade do Poção, já se trabalha com hospedagem familiar, isto é, as pessoas podem se hospedar na casa do próprio morador que já teve um trabalho de capacitação para receber esses hóspedes. Mas, a infraestrutura turística propriamente dita está no centro; nas comunidades do Flexeiro, da Fazenda e do Vai Quem Quer está mais longínqua.

c) Visão dos atores sobre o turismo de base comunitária

Ao ser indagada sobre a visão que tem do TBC, Adriana Lima considera que apesar de Cotijuba ser caracterizada por um espaço de turismo de massa, o TBC é fundamental porque resgata toda uma cultura de tradição e possibilita a criatividade das pessoas. Cita, como exemplo, que o turista ao chegar em uma comunidade vai visualizar uma pessoa fazendo farinha, o que é uma tradição que mostra a cultura de um povo.

Uma outra visão sobre o TBC é de João Hüffner, que a expressa como uma grande potencialidade para as regiões das ilhas de Belém, a partir de trabalhos já desenvolvidos. Do ponto de vista de outra entrevistada, Odilene Lemos, ela entende o TBC como um trabalho coletivo, cada um sendo responsável pela qualidade do serviço que oferece.

---

21 Turismólogo, presidente do Fórum Estadual de Turismo de Base Comunitária do Pará, servidor público municipal em Belém e professor universitário.

Acerca de sua visão sobre o TBC, a entrevistada Maria Lídia Santos entende que se trata de um movimento que pretende integrar mais a comunidade, a considerar que a ilha tem um total de 16 km, mas é de difícil comunicação. E de certo modo, tenta-se integrar essas comunidades. Ela observa que a primeira integração foi quando lá chegou e não tinha rua, tudo era feito pela praia. E quando veio o TBC, que chegou com a primeira gestão do governo do Edmilson Rodrigues, teve o Sr. Humberto que fez uma rua, fato que começou a integrar estas comunidades. Diz que: "[...] é mais uma reunião social do que financeira" (informação verbal). Então, para a entrevistada, o TBC significa integração de pessoas.

Complementa Maria Lídia Santos e Dona Antonia que o que chamou atenção à época foi a condição de que Cotijuba era um bolsão de miséria, e que essa realidade precisaria ser mudada em termos sociais.

Quando perguntado sobre a sua visão sobre o TBC, Sr. Fernando Santos, de modo simples e objetivo, fala sobre envolvimento com pessoas que moram na comunidade ressaltando seus produtos, benefícios e valores. Afirma ainda que o TBC traz 100% de benefícios e diz:

> [...] parecia inútil, passa ter valor agora. E este valor é visto no sorriso de cada pessoa que participa. Assim, nós nos tornamos conhecidos e valorizados com o nosso trabalho e o nosso local é realmente muito importante para nós e para todas as pessoas que participam (informação verbal).

Entretanto, o entrevistado entende também que todos os projetos têm os seus problemas, que são suplantados pelos pontos positivos.

O TBC, para o entrevistado Celito de Jesus Barbosa da Costa Júnior[22], tem o objetivo de valorizar o meio ambiente, não o degradar, pois se for destruído, não se tem como trabalhar. E afirma que é importante que se trabalhe com o que se gosta: "[...] no meu caso, no barco, e no da Rubenita Justinina, por exemplo, trabalha na parte que ela gosta, e eu acho que é isso

---

[22] Informações do entrevistado.

o Turismo de Base Comunitária" (informação verbal). Diz que o turismo praticado na ilha, o de massa, leva as pessoas a não apreciarem o que se tem de mais belo, ficam apenas com a praia, a música e as bebidas e deixam de vivenciar as maravilhas que se pode ofertar.

Sobre já ter vivenciado outras experiências de TBC, Celito Júnior diz que se está conhecendo esse tipo de movimento agora. Não sabe, momentaneamente, dizer se é ou não melhor trabalhar com este. No entanto, acha, pelo que já conhece, que seja melhor trabalhar com o TBC do que com o de massa, de fim de semana, que é muita correria.

Outra informante, Antonia Mesquita, diz que não tem entendimento sobre o que significa esse TBC, mas só pelo fato de os turistas virem visitar a ilha e conhecer seus trabalhos, isso já é importante. Com relação aos benefícios que o turismo traz para a comunidade, aponta a compra de seus produtos. Quanto à sua participação na Rede Açaí, diz que foi convidada pelo MMIB. Enfatiza que a ilha é um espaço natural e que deve ser preservado. Ela aponta que os transportes constituem um sério problema: "[...] a gente quer ir lá na frente e não pode. Também tem a questão dos transportes dos alunos. Quando tem reunião, a minha filha não participa porque não tem o transporte. E eu não sou liderança aqui na comunidade" (informação verbal).

Na tessitura sobre sua história enquanto integrante da Rede Açaí, a entrevistada Gláucia Cristiane Rodrigues da Silva[23] principia falando que, por ter outra visão do TBC, esperava outro tipo de serviço. Porque a mesma tinha o entendimento de que o turista vinha só no final de semana, comia, bebia e jogava todo o lixo na praia. No entanto, ao participar de palestras e curso de como receber o turista e de como incluí-lo no trabalho que se está desenvolvendo, educa os funcionários para orientar os turistas a não deixaram lixo no litoral, o que se coaduna com o projeto do meio ambiente. Isso significa que, na história da entrevistada, houve um choque de

[23] Gerente e proprietária da Pousada e restaurante Farol, administradora de empresas e membro do MMIB.

percepção com relação ao turista, pois esta passou a vê-lo não apenas como alguém que ela pudesse ganhar dinheiro, mas passou a se interessar por aquele como pessoa que é parte de um projeto muito maior.

Rede Açaí de Turismo de Base Comunitária

Neste subitem, apresenta-se a Rede Açaí como uma teia bem articulada de empreendedores que estão a iniciar a construção de uma nova configuração para o TBC, visto que este já teve em seus primórdios o MMIB como seu principal precursor.

Veja-se a seguir, a partir das falas dos entrevistados, todo esse processo de fazimento da referida rede e seus respectivos desdobramentos.

Há que se ressaltar que esse estudo é por demais embrionário, devido ao seu pouco tempo, pois a rede Açaí foi iniciada em maio de 2019, como se tratará no desenrolar desse texto.

a) Articulações iniciais e o papel do Fórum Estadual de Turismo de Base Comunitária do Pará

Sobre a Rede Açaí, Adriana Lima diz que há muito se ouvia falar de Rede, inclusive o próprio professor Eduardo Gomes mostrou a Rede Tucum, além de outras Redes do Nordeste, que são bastante conhecidas, como a Turisol. Nos anos de 2017 e 2018, foi empreendida uma parceria sobremodo forte com o Ecomuseu da Amazônia, por via do turismólogo João Hüffner, que teve a ideia de implantar um relacionamento participativo.

Desse modo, começou-se a organizar a ideia de Rede junto ao Ecomuseu e ao grupo de empreendedores – pessoal do barco, de restaurantes e pousadas. Tal grupo, além de realizar seu trabalho, tinha o intuito de fazer outro tipo de trabalho como alternativa de renda para as épocas em que o turismo é mais baixo. Consideram, ainda, que como Cotijuba é caracterizada

por receber um turismo de massa que, conforme a entrevistada, "[...] a gente trabalha com ele querendo ou não [...]", a rede seria uma ótima opção.

Em uma breve retrospectiva sobre a criação do Fórum de Gestão do Turismo de Base Comunitária do Pará, João Hüffner explana que dentro da Fundação Escola-Bosque tem um programa chamado de Ecomuseu da Amazônia. Trata-se de um museu território, um museu comunitário, cujo patrimônio a ser trabalhado não é um patrimônio estático, mas um patrimônio das comunidades, dos saberes e fazeres, um patrimônio cultural e natural. A proposta do Ecomuseu, segundo o entrevistado, se assenta em quatro eixos: o meio ambiente, o turismo de base comunitária, a cultura e a cidadania.

Como coordenador do eixo de TBC, o entrevistado João Hüffner assumiu a responsabilidade de empreender um trabalho nas ilhas de Caratateua e Cotijuba. Por conhecer mais a ilha de Cotijuba, como parte de atuação do Ecomuseu da Amazônia, onde atua a Escola-Bosque, surgiu a ideia de realizar um mapeamento, um inventário cultural, turístico, histórico e patrimonial da Ilha. Assim, pontuou-se, junto com a comunidade, vários patrimônios materiais e imateriais. E esses patrimônios foram expressos em forma de bio-mapas e deram origem a um roteiro patrimonial de visitação. Foi assim que se deu início ao projeto de TBC do Ecomuseu da Amazônia na Ilha de Cotijuba.

Ao complementar esta caminhada, o entrevistado menciona que houve pesquisas, capacitações, e dentro dessas foram realizados cursos sobre hospedaria familiar, de cama e café, de hospitalidade, de gastronomia, de condução de visitantes nas comunidades e de empreendedorismo. Continua o informante João Hüffner a dizer que todo esse processo foi se fortalecendo e resultou no aumento de participantes até que chegaram ao MMIB.

Em sequência, o mesmo informante diz que esse projeto criou raízes enfincadas e cresceu como parte do desenvolvimento das ações do Ecomuseu da Amazônia em parceria com a Faculdade Pan-Amazônica

(FAPAM) e com a Associação Brasileira de Bacharéis em Turismo (ABBTUR/PA). Daí, surgiu a ideia de encampar o TBC como uma bandeira, como um objetivo a ser alcançado para fortalecer um modelo de desenvolvimento sustentável do turismo dentro da Região, e com isso idealizou-se um evento que reunisse pessoas que trabalhem com o TBC e que desenvolvem algum projeto no Pará.

A finalidade era fazer uma troca de experiências para coletar opiniões, críticas e sugestões para melhorar suas propostas. Redundou disso o I Primeiro Fórum de Gestão de Turismo de Base Comunitária, em 2016, na Casa de Plácido, organizado pela FAPAM, ABBTUR e Ecomuseu da Amazônia. Na ocasião, foram apresentados os projetos do Marajó, da comunidade dos Chicanos, dos Quilombolas dos Filhos dos Quilombos, do Magno e do Acará, do Marajó. No último dia do evento, houve uma visita de campo no Roteiro Patrimonial de Visitação na Ilha de Cotijuba, nas comunidades da Fazendinha e do Porção. Com essa visita, surgiram várias propostas e ideias, e uma delas foi a criação da Rede Açaí de Turismo de Base Comunitária, que se materializou em 2017, com a parceria do Ecomuseu, ABBTUR e MMIB.

Sobre a articulação do MMIB para se criar a Rede Açaí, Maria Lídia Santos detalha que a primeira tentativa foi quando fez o projeto para a Cáritas, mas não foi efetivado, inclusive porque o núcleo local do Movimento não funcionou. A partir desse ponto, foi-se observando diversas matérias em alguns lugares e constatou-se que certas associações não estavam em Rede, mas sim desenvolvendo projetos. Em seguida, vieram umas orientações de Ana Gabriela Fontoura, da Estação Gabiraba, e veio a Vivenciar, dirigida por Marianne Costa.

Com esses acúmulos de conhecimentos, diz a interlocutora Maria Lídia Santos, foi-se formatando uma espécie de Rede. Por conseguinte,

foram contactados, por exemplo, o motorista do bonde, o rapaz do barco e os mototaxistas, sempre se preocupando com a consciência da prestação de serviços. Fez-se uma seleção daqueles que têm perfis mais adequados para se trabalhar com o TBC. E ainda as próprias associadas-empreendedoras começaram a participar da Rede. Essa preparação perpassou pela oferta de vários cursos para aqueles que iriam trabalhar nesse projeto.

Enfatiza ainda Maria Lídia Santos que a Rede começou com 25 integrantes, mas em decorrência do compromisso da formação, esse número teve um pequeno decréscimo. Então, esse é um critério que se utiliza, e agora far-se-á uma nova avaliação para agregar outras pessoas e fazer uma melhor seleção.

b) Lançamento da Rede Açaí

No arco de parcerias, tão necessárias à engrenagem de uma Rede, Maria Lídia Santos afirma que se destacam o Ecomuseu, na pessoa do João Hüffner, o SENAR e a UFPA, que se distinguem como parceiros institucionais e que ajudam na formação. Por exemplo, ao dar-se o lançamento da Rede Açaí (Fotografias 30 e 31) e de sua logomarca (Fotografia 32), no dia 20 de fevereiro de 2019, a Professora Ligia Simonian, do NAEA/UFPA, trouxe o Museu do Açaí e deu sua contribuição para reflexões importantes. Portanto, quando essas entidades se aproximam, a história começa a descortinar-se. Agora, têm-se os gerenciadores de projetos, por exemplo, a bióloga Rosiléia, que está à frente de projetos ligados ao extrativismo e à agricultura. Tem-se também o Adriano, com a questão da biojoia e provavelmente do turismo.

Fotografia 30 - Lançamento da Rede Açaí no MMIB



Fonte: Acervo: Ligia T. L. Simonian, 2019.

Fotografia 31 - Convidados no lançamento da Rede Açaí



Fonte: Acervo: Ligia T. L. Simonian, 2019.

Fotografia 32 - Logomarca da Rede Açaí



Fonte: Acervo: Ligia T. L. Simonian (2019).

Dessa maneira, vai-se conseguir agregar parceiros e ter-se um melhor gerenciamento do projeto, o que por sua vez exige tempo para ir-se amadurecendo ao longo do processo. Outra dificuldade interna diz respeito à comunicação entre os associados e de quem participa como coadjuvantes da Rede, o que precisa ser urgentemente melhorado para o trabalho fluir com rapidez e clareza.

A prosseguir, Adriana Lima comenta que em 2018 conseguiu-se ter uma dimensão do que seria trabalhar em Rede. No ano seguinte, maio de 2019, via II Fórum de Turismo de Base Comunitária, foram apresentados dois roteiros. Um deles é "VEM VIVER COJITUBA", que é o roteiro da Rede Açaí. Em se fazendo uma avaliação do roteiro, sentiu-se a necessidade de se criar um Conselho Gestor, como também regras para gerir a Rede. Ela também fez a seguinte avaliação:

> [...] a gente ficou muito feliz por já ter apresentado um roteiro, porque deu para a gente avaliar e ver os pontos fracos, e ainda estamos esperando as respostas de alguns participantes com as suas avaliações mais objetivas. Mas, no todo assim, eu acho que ele teve o sucesso, mesmo com alguns pequenos ajustes que a gente precisa fazer, mas eu acho que a gente está no caminho certo (informação verbal).

Assim, portanto, realizou-se o primeiro movimento organizativo da Rede Açaí, e conclui-se que o processo está em formatação. E são necessários mais conhecimentos e informações, de modo dialogal e participativo. E sobretudo, tem-se que dar importância à formação imediata do Conselho Gestor, como instância de governança.

Em síntese, Adriana Lima espera que se possa conseguir agregar mais empreendedores para a Açaí, tanto do setor de transportes, quanto do de restaurantes, além do de hospedagem, porque é imperativo que um número maior de pessoas participe.

c) Planejamento, estruturação e capacitação

No que concerne ao planejamento estratégico da Rede Açaí, ainda não existe, pois se está voltado nesse momento para a eleição da direção do MMIB e de estruturação administrativa da Rede, que provavelmente aconteceria até agosto ou setembro de 2019. Após esse período, se estará fazendo o planejamento estratégico do MMIB e da Rede, quando se tecerá um olhar mais distanciado do que se quer para depois.

Ao ser perguntada sobre a estruturação da Rede Açaí, Rubenita Justiniana afirma que ela se configura em roteiro que se utiliza dos serviços já oferecidos pelos empreendedores da cadeia de turismo local, que lidam tanto com o turismo de massa quanto com o de base comunitária. Ela diz ainda: "[...] ninguém tem um roteiro independente dentro da nossa Rede" (informação verbal). No entanto, ela acha que o TBC pode influenciar a mudança desse turismo de massa que é destrutivo.

Quanto à gestão da Rede Açaí, esta é feita por meio de reuniões e sempre a contar com um membro que faz parte da Coordenação do MMIB. E depois tudo é compartilhado com um grupo de *WhatsApp*, para que mesmo que uma pessoa não tenha participado saiba o que está acontecendo. Por isso, vai-se formalizar o Conselho Gestor em três ou quatro pessoas a serem indicadas.

A entrevistada Rubenita Justinina diz o TBC vai crescer bastante, e que essa pesquisa que ora se faz vai lhes ajudar como base para que se possa ver essa empreitada com um pouco mais carinho, visto que o negócio vai ser útil tanto no que diz respeito à parte financeira, quanto para melhorar a qualidade do turismo oferecido aos visitantes.

No que tange à agenda de capacitação para a REDE AÇAÍ, Rubenita Justiniana diz que se está em processo de organização. O Ecomuseu, o Instituto de Desenvolvimento Florestal (IDEFLOR) e a Secretaria Municipal de Turismo (BELEMTUR) já têm um olhar outro para Cotijuba. Com respeito

ao IDEFLOR, este vem fazendo algumas formações na área ambiental, o que já vem sendo feito pelo Ecomuseu há algum tempo. Sobre a gastronomia, ela estará em pauta e terá uma programação para a comunidade, que será muito útil.

No entanto, por entender-se que a capacitação deve ser uma constante, a entrevistada afirma ser necessário fazer cursos tanto na área de gestão da rede quanto para a gestão do seu negócio. E isso está relacionado à contabilidade, administração e relações humanas. Além disso, são necessárias capacitações na rede sanitária de fossa, de água servida, bem como de alternativas ecológicas. E ainda diz que se precisaria de mais formações, como, por exemplo, para condutores locais, exatamente porque, atualmente, conta-se apenas com uma condutora.

Ao complementar a questão da capacitação, a informante Rubenita Justiniana da Silva[24], que é proprietária de uma pousada de estrutura familiar (hospedaria familiar), diz que precisará contratar uma pessoa para trabalhar no empreendimento, e que esta já tenha recebido capacitações pela Rede. É provável que a demanda por novos trabalhadores venha a acontecer com os empreendimentos da Rede Açaí e isso significa que serão gerados novos postos a partir do momento em que o TBC comece a se fortalecer. Fica patente no discurso da entrevistada a preocupação com o futuro do TBC e o que se terá que fazer para dar contar de todo esse processo.

Um outro depoimento acerca de capacitação é o de Odilene Lemos, a proprietária do Restaurante Sonho Meu, que solicitou cursos ao SENAR, e este ofereceu o de camareira e o de qualidade no atendimento. Mas também houve o de manipulação de alimentos, de doces finos, de confeitaria e glacê e o de gastronomia, que está sempre a ser reciclado. Aguarda-se também o curso de panificação. E mais, pelo projeto do Cidade Criativa, ter-se-ão os cursos vegano e vegetariano, dentro da concepção da culinária paraense.

---

[24] Condutora de Turismo de Base Comunitária e conselheira fiscal do MMIB.

De modo semelhante, Rubenita Justiniana menciona que recebeu capacitação também pelo SENAR, por algumas Secretarias, pelo Ecomuseu, como o Cozinha Brasil, e o de camareira, e ressalta:

> [...] eu tenho vários cursos, eu acho que uns dez Certificados já. E também tive um acompanhamento com o professor Gutemberg que fez um trabalho muito bom aqui de pesquisa dentro da ilha de Cotijuba, em 2007, e ele repassou para mim alguns dados que eu não sabia, eu pesquisei, né? Ganhei alguns livros, ganhei alguns documentos, que isso contribuiu muito para o papel que eu exerço aqui dentro da comunidade como condutora do turismo de base comunitária (informação verbal).

Ao ser perguntada sobre a capacitação e a consultoria dessas empresas que trabalham na Rede, a entrevistada Maria Lídia Santos disse que, por não existir nenhum empresário e apenas poucos microempreendedores, já se está trabalhando a questão da formalização com estes. Diz que sua formação foi feita em grupo, em reuniões realizadas em 2017 e 2018. Passaram-se informações sobre o histórico da ilha com relação a determinados ícones desta, como o casarão. Portanto, fez-se primeiro todo um trabalho informativo para terem uma visão geral da história da ilha. Menciona ainda o trabalho do professor Gutemberg, que por três meses pesquisou tudo, desde o Moinho de Arroz até a época pregressa de 2000.

O interlocutor Celito Júnior afirma que tem recebido capacitação pelo MMIB, por exemplo, como trabalhar com passageiros entre outros cursos. Diz que não houve treinamento para pessoas com deficiências. Essa debilidade, que desconhece sua importância, deve ser incorporada com urgência pelo Movimento, alinhando-se às novas políticas públicas de inclusão, esquecidas outrora.

d) Perfil e controle de visitantes

No que respeita ao perfil do público interessado no TBC, além de estudantes, microempresários, afirma a entrevistada que existe também

um grande número de pessoas envolvidas com o meio ambiente e a cultura, que querem participar desse turismo. É possível identificar isso porque se trabalha com as operadoras. Segundo a informante:

> [...] em cada encontro, em cada roteiro que a gente faz, as pessoas ficam muito surpresas. Tanto que disseram assim: Ah! mas eu já fui em Cotijuba. Aí a agente de viagem insistiu. Vamos lá que é um outro olhar para Cotijuba. A pessoa que veio saiu daqui maravilhada, né? Então, ainda tem esse público que não tem esse conhecimento (informação verbal).

Diz também que o público que vem hoje, em torno de 70%, já tem esse conhecimento da Ilha, mas existe outro tipo de público que a desconhece sob o olhar do TBC.

Para complementar as informações acerca do perfil dos visitantes que viajam pela Rede Açaí e pelo roteiro patrimonial de visitação, João Hüffner vai relatar que, a partir de suas pesquisas, foi constatada a presença de estudantes e pesquisadores de áreas diversas, e principalmente as ligadas ao meio ambiente, pessoas com idade entre 19 e 40 anos. E mais, pessoas ligadas a setores culturais, além das que viajam para ter novas experiências em lugares fora dos roteiros tradicionais. Acrescenta o informante que esse público é por demais fechado e difícil de atingir.

Ao ser indagada sobre como é feito o controle de visitantes do TBC, Maria Lídia dos Santos diz que ainda não dispõe de informações sobre o perfil desses visitantes, o que acha que é uma falha. Ela diz que no Fórum foi chamada a atenção para isso, o que a informante reputa como grande dificuldade para se fazer. Tudo, segundo a entrevistada, acaba centralizado no setor administrativo, então ela faz o seguinte relato: "[...] eu tenho a Priprioca, eu tenho o Tucumã, eu tenho o TBC, eu tenho marido, filhos e ainda todos os trabalhos que surgem, né?" (informação verbal). Diz ainda que o MMIB é composto por seis administradores e que está na entidade há cinco anos como sócia-fundadora, e que só agora está conhecendo o MMIB de verdade, quando assumiu esse cargo na gestão.

Além de não possuir o registro de visitação, a entrevistada alega que outras informações sobre a história do TBC, que já completa 12 anos: "[...] tudo na cabeça da Adriana Lima e não tem nada escrito, e sempre foi assim. E isso que me atrapalhou um pouco de estar fazendo agora serviço" (informação verbal). Faz-se necessário tomar providências para que dados importantes fiquem registrados e que dificuldades de várias ordens não continuem a ocorrer, como o que foi relatado acima.

e) Comercialização

Ao iniciar-se o processo de comercialização do TBC em Cotijuba, foram quatro operadoras a participar, ou seja: a Guajará, a TBC, a Vivenciar e ainda a Estação Gabiraba, que teve alguma uma participação. Houve também a Marion Tur, que é agência que trabalha com TBC nas ilhas de Ananindeua, mais precisamente em João Pilatos, todas no Pará. Entretanto, apenas duas destas continuaram no processo: a Vivenciar e a Guajará.

Em termos elucidativos, para se compreender como se deu esse processo de comercialização imediatamente citado, João Hüffner faz uma retrospectiva histórica deste e revela que tudo teve seu início com o Roteiro Patrimonial de Visitação do Ecomuseu da Amazônia, que depois se expandiu para a Rede Açaí, e clarifica que sempre houve uma preocupação com a comercialização.

Entretanto, o entrevistado achava que a etapa mais complicada se referia à sensibilização, ou seja:

> [...] como sensibilizar as pessoas? Como fazer com que elas participassem e acreditassem no Projeto, nas reuniões, nas capacitações? Mas, não! Depois, eu percebi que a etapa mais difícil era a comercialização. Desde a precificação, a formatação dos serviços, dos produtos até a venda, diretamente ao consumidor (informação verbal).

Urgia, então, envidar mais esforços no sentido da comercialização.

Por conseguinte, o entrevistado diz que se debruçou sobre uma ampla pesquisa bibliográfica sobre o TBC no Brasil, bem como em outros países da América Latina, além de ter consultado várias teses de doutorado. Em síntese, toda a pesquisa feita diagnosticava que a comercialização era o grande desafio do TBC de todas as etapas.

Portanto, diz o entrevistado, que se buscou uma solução e conseguiu-se encontrar na parceria, mesmo que direta com as agências que têm foco nesse modelo de turismo. Como dito anteriormente, apenas duas abraçaram a proposta. Destaca ainda que as agências que trabalham com este tipo de segmento são em número reduzido, porque a porcentagem que essas recebem é pequena e, naturalmente, o maior percentual é para a comunidade. Segundo ele: "O turismo de base comunitária prega isso. Ninguém pode ganhar mais do que a comunidade, senão tu não tens o TBC, tu não tens o que queres alcançar, que é o desenvolvimento endógeno".

Uma observação que merece destaque, ainda segundo o informante, é que inicialmente buscou-se a participação das operadoras e das agências. Pensava-se em um grande número de agências fazendo parte da Rede Açaí e a comercializar os projetos por meio de roteiros. Essa estratégia tem se mostrado correta. Desde 2015, conseguiu-se trazer vários grupos para Cotijuba. Também se teve a ideia de formar dentro das próprias comunidades outras estratégias, que era utilizar agentes de vendas diretas ligados ao MMIB que já comercializaram diretamente roteiros.

Nesse conjunto de agentes, de acordo com o informante, tem-se ainda os condutores, que trabalham diretamente com o público consumidor para fechar novos pacotes sem a intermediação de agências. E isso tem um significado especial porque dá uma maior autonomia às comunidades. Em suma, a saída é a parceria com várias agências, sendo assim o modelo de comercialização mais viável.

Outrossim, diz que outra estratégia mais efetiva é a realização de eventos técnico-científicos em que se participa da programação desses. Nessa direção, consegue-se captar uma diversidade de grupos e pessoas para conhecerem os projetos nas comunidades. Cita como exemplo de participação o do próprio Fórum Estadual de TBC, segunda edição, e da Feira Internacional da Amazônia (FITA), dentre outras realizadas pela UFPA.

Destaca ainda que se participou do Congresso Internacional de Etnobiologia, quando se ofertou e se vendeu um roteiro dentro da programação, idealizado pelas comunidades de Cotijuba, não efetivamente pela Rede Açaí. Constatou-se nesse roteiro, a presença de turistas internacionais. Então, conclui-se que essa estratégia pode ser assimilada pela Rede, pois foi importante e efetiva para se conseguir captar grupos e visitantes, e que continuará a ser novamente aplicada e constantemente renovada.

No que respeita ao material promocional e à possibilidade da Rede Açaí receber uma demanda internacional, informa o entrevistado João Hüffner que se está estruturando: "[...] ainda este mês de maio, teremos uma reunião de planejamento, para traçar o restante das Ações de 2019. Precisamos nos estruturar tanto fisicamente quanto com relação à parte de pessoal para este atendimento do turista estrangeiro" (informação verbal). Isto posto, é essa a configuração que permite que a Rede Açaí inicialmente busque alternativas para driblar o principal gargalo do TBC, como colocado anteriormente pelo entrevistado e por outros autores que pesquisam sobre o tema. E nota-se ainda a preocupação dos idealizadores do projeto com essa questão, a considerar que nada adianta ter um produto estruturado de TBC se este não é passível de comercialização.

A respeito da comercialização da Pousada Quarto Crescente, Adriana Lima diz que colocou a pousada no *booking*, e esta está sempre com hóspedes. Afirma ainda que está com 60% de ocupação e que costuma hospedar casais. Diz que os hóspedes fazem uma boa avaliação no *site* e, a

partir disso, enviam mensagens para serem curtidas, o que resulta, além da divulgação, no interesse de novos visitantes.

Portanto, considera que a estratégia de usar internet conquista clientes que chegam a qualquer tempo: "Tem gente que vem dia de semana, eu já comecei a fechar para julho, e quando acabar julho já começa a fechar para dezembro, então, tu tens que não ficar esperando, tu tens que te mexer, senão tu fechas" (informação verbal de Adriana Lima). Assim, tanto nessa pousada como em outras, constata-se que é imprescindível que o gestor esteja sempre atento à necessidade de comunicação com seu possível público-alvo. E a internet é uma boa ferramenta para isso. Ressalta ainda que a questão da Rede é fundamental para se ter em foco. E mais, é importante que se atente para o fato de que a referida pousada não tem um profissional de *marketing* que cuidaria dessas questões de comercialização do negócio.

f) Dificuldades principais

No que se refere às dificuldades que se mostram para operar-se o TBC, a informante Maria Lídia Santos se reporta à época em que se recebia grupos de Bragança (Pará), do Maranhão e internacionais. Afirma que não existia ainda a ideia de um TBC e exemplifica que hoje esse turismo já está em processo de consolidação. Faz-se, por exemplo, um café no Farol, um almoço no Vai Quem Quer ou no Poção. Antes era algo muito centralizado, o que sobrecarregava por demais as pessoas. Quando do advento da Rede Açaí, aconteceu a segmentação dos lugares e dos serviços prestados, o que ficou melhor para se trabalhar, uma vez que cada um fica responsável pelo que lhe cabe e, ao mesmo tempo, faz-se tudo de modo integrado.

Com relação às principais dificuldades para se operacionalizar o TBC com as integrantes da Rede, diz Maria Lídia Santos que a principal é a falta de paciência com relação a eventuais lucros. Somada a essa, tem-se a da comercialização, que se vai debater no momento. Sugere que se tem que

agregar à Rede pessoas que venham de fora para vender o TBC, e agora está-se trabalhando com as empresas Vivenciar e a Guajará para melhor divulgar o trabalho e comercializá-lo em busca de clientes nas universidades, nas escolas e hotéis de Belém. Ela demonstra ainda sua preocupação com o fato da possível extinção da Secretaria de Estado do Turismo (SETUR). Veja-se o que diz:

> [...] vai acabar a SETUR. E aí? Aonde a gente vai ficar com esse imenso potencial de Turismo se a gente não tem uma Secretaria de Turismo específica para tratar do assunto? E a quem a gente vai recorrer para repor os nossos cursos de Gastronomia oferecidos por aquele órgão? (informação verbal).

Reclama, ainda, que apesar de, quando da realização do projeto Cidade Criativa, ter ganho o Prêmio, e consequente visibilidade, não houve investimentos na localidade. As dificuldades continuaram, no que tange, por exemplo, aos transportes. O que existe, de fato, é o entrave de sair da ilha para vender no continente, o que se espera ser superado com as operadoras.

Destaca ainda uma outra informação que diz respeito à relação entre o TBC e o MMIB como gerador de renda. No Estatuto da organização, existe a cláusula que diz que tudo que se faz em termos de prestação de serviços, tem-se que deixar 10% para o MMIB. E isso é um complicador, devido ao fato de os associados acharem ser pouco o seu ganho e ainda terem que passar esse valor para o MMIB. Segunda Maria Lídia, tem-se que pensar o valor da associação para os que estão participando deste.

Perguntada como as pessoas ficam a saber da existência do TBC na comunidade, a informante diz que não trabalha com operadora em São Paulo. Tem-se, entretanto, as operadoras Vivenciar e Vivejar com o roteiro feito em 2017, que é o "*Temperos e Sabores*", quando foram conseguidos grupos para esse roteiro que ainda não era em Rede. Diz ainda que antes não havia operadoras e que nesses novos tempos outra etapa foi inaugurada, quando se deu em maio de 2019 o primeiro pacote do TBC (Fotografia 33), enquanto Rede Açaí, que

> [...] vocês fizeram. Então, é por isso que a gente diz que vocês foram as cobaias em tudo e por tudo, porque vieram nesse final de semana e realizaram o roteiro, testando as comidas, experimentando os doces e as frutas, o que foi um outro diferencial (informação verbal).

Portanto, a Rede Açaí, de modo paulatino, está se profissionalizando, o que resulta em novos delineamentos de expansão no seu modo de comercializar.

Fotografia 33 - Parte do grupo do primeiro roteiro de TBC



Fonte: João Hüffner, 2019.

Para este primeiro roteiro estruturado supracitado, imediatamente acima, a informante relata que foi feito de modo coletivo, no entanto, ficou estipulado que cada um venderia seu produto/serviço e que definiria seu valor. Isso se deu a partir da organização do II Fórum Estadual de TBC do Pará, cuja iniciativa foi do Sr. João Hüffner junto com a Guajará e a Vivenciar.

Uma curiosidade a ser assinalada é que outras comunidades se interessam por conhecer, como o MMIB, que está funcionando há 20 anos, o que o torna um atrativo exemplar aos olhos de outras comunidades.

Ao fazer um comparativo sobre o TBC a partir de uma experiência que entrevistada teve na Colômbia, em áreas rurais, por ocasião de um encontro latino-americano de TBC, a informante Adriana Lima diz que viu como se pode fazer com o profissionalismo e participação do poder esse tipo de turismo. Que as estradas que levam às comunidades são asfaltadas e que estas têm luz elétrica, o que naturalmente facilita a vinda para esses lugares de pessoas para os conhecerem. Conclui que o TBC colombiano é desenvolvido em áreas distantes da capital daquele país, e que Cotijuba, que fica a 45 minutos de barco de Icoaraci, não consegue cumprir com o mínimo de políticas locais.

Nesse arco de análise, Adriana Lima acrescenta que elementos estruturais básicos em uma sociedade, como água potável, energia, saneamento básico, são fundamentais para o desenvolvimento e fortalecimento de comunidades. A falta destes se constituem como obstáculos para o desenvolvimento não apenas do TBC, mas também das comunidades em geral. E diz mais, que o movimento coletivo como o MMIB, as universidades e as empresas podem juntar-se e cumprir um papel de catalisadores para que o TBC seja implantado e posteriormente consolidado.

Um outro relato que diz respeito às experiências de TBC, como o do Rio Grande do Sul, é o da condutora ambiental Rubenita Justiniana, quando há aproximadamente 15 anos militava no Movimento Sem Terras (MST). Descreve a entrevistada que fazia parte de um programa de extensão de estudantes da UFPA junto com o pessoal do Maranhão, além de todos os estados do Brasil que têm o MST. As experiências aconteciam dentro dos assentamentos. Chamava-se de vivências, mas, segundo a informante, já era algo relativo ao TBC, não oficialmente falando, mas já era o TBC que se praticava. Diz assim:

> A gente levava o pessoal para conhecer o nosso trabalho, o nosso desenvolvimento dentro do Movimento, o que a gente produzia, o que

> a gente tinha, o que fazia a gente atrair os jovens para o Movimento. Então, a gente usava muito essa questão do potencial dentro da comunidade e dentro da área que a gente ocupava, né? Então, a gente mostrava também isso. E já era um trabalho de um Turismo de Base Comunitária isso, porque se discutia, porque começou com o pessoal do Rio Grande do Sul. Depois a Colômbia que nos visitou, e de outros países que nos visitaram como a França além dos estados do Maranhão e do Ceará (informação verbal).

Fica evidenciado nesses dois depoimentos dados pelas entrevistadas que estão à frente da Rede Açaí, a importância que tem os movimentos sociais para o TBC, uma vez que este foi engendrado a partir da organização de ideias dentro desses movimentos.

No que tange aos principais entraves para se trabalhar com o TBC, o entrevistado Fernando Santos diz que no momento não há dificuldades, devido aos treinamentos recebidos. Às vezes, acontece um problema que altera o trajeto dos turistas por motivo de acidente natural, mas depois tudo volta ao normal.

Contudo, o referido entrevistado acredita no potencial do TBC, por conta das qualificações já mencionadas, o que cria uma expectativa positiva de que a comunidade, junto com seus integrantes, venha a melhorar nos seus mais diversos aspectos. No entanto, acrescenta que seria primordial que as agências de turismo de Belém dessem algum apoio, porque os empreendedores da Rede Açaí estão prontos e aptos para atender os turistas. E isso acontecendo, a frequência de turistas aumentará e, por conseguinte, haverá uma dinamização maior na economia local.

Então a Ilha de Cotijuba encontra-se por parte do Poder Público com total abandono, tanto que nessas comunidades em que a gente trabalha, o único Órgão que chega até essas comunidades da Fazendinha e Poção é o Eco-Museu da Amazônia e a Rede Açaí.

Com relação ao que falta para que o TBC se consolide mais, o informante João Hüffner vai tecer algumas considerações. Diz, por exemplo,

que é fundamental melhorar o envolvimento das pessoas, principalmente daquelas que trabalham com o TBC, pois há ainda aquelas que não acreditam.

Mais um dado já apontado também por outra informante Adriana Lima é a falta do Poder Público no sentindo de encetar ações de controle de ocupação da Ilha, como o controle do desmatamento, o controle de acesso à ilha visto que não há controle de entrada e saída. Além da falta de um programa de capacitação, sobretudo aquelas que trabalham com o setor turístico, pois, no caso, encontram-se no lugar pessoas querendo empreender e não conseguem por falta de conhecimento administrativo e de gerência de negócios.

Nesses sentidos, é preciso oferecer uma melhor estrutura aos visitantes, com postos de informações turísticas para divulgar o que a ilha tem a oferecer, como, por exemplo, os Roteiros da Rede Açaí, que deveriam ser melhor divulgados, dentre outras questões fundamentais, como a segurança.

No que tange às principais dificuldades de se desenvolver o TBC na Ilha de Cotijuba, a informante avalia que, de modo geral, apesar de o TBC ser uma construção do MMIB, é necessário que os órgãos do governo estejam presentes para evitarem os desmatamentos que estão sendo feitos em áreas primárias da Ilha. Por meio desse roteiro formatado, criam-se possibilidades de que o poder público venha a se manifestar. A ilha é promissora em turismo, no entanto, há muitos problemas, sobretudo de ordem ambiental.

Porém, há também problemas de ordem estrutural sob a responsabilidade do Governo, como a estrada de 12 km que há muito necessitava de melhoria. Em outras, o maior obstáculo para o TBC é o Poder Público, que não age. Fica, por exemplo, impraticável trazer um grupo de Terceira idade ou alguma pessoa com deficiência de locomoção com uma estrada nessas condições. Portanto, diz Adriana Lima que o Poder Público está totalmente ausente da Ilha.

Afirma ainda que apesar do Ecomuseu, que embora seja uma organização independente, faz parte da Prefeitura de Belém, mas ela não se mobiliza para fazer alguma coisa.

No momento, está-se a participar do Comitê das Cidades Criativas de Gastronomias, e a Companhia de Desenvolvimento e Administração da Área Metropolitana de Belém (CODEM) agora é parceira de um Projeto de Gastronomia, o que vai propiciar ao TBC a desenvolver uma culinária mais regional. Alega a entrevistada Adriana Lima: "[...] a gente continua trabalhando, a gente continua crescendo, mas, se fossem governos um pouco mais inteligentes, poderiam ganhar junto com a gente, tanto em ter uma área mais apresentável, quanto em Proteção Ambiental" (informação verbal). A entrevistada termina sua crítica afirmando que a falta de ação, tanto do governo municipal quanto do estadual, tornam-se um obstáculo par o desenvolvimento do TBC das comunidades das ilhas

A falta de comunicação e de logística, segundo Rubenita Justiniana, são dois empecilhos apontados por esta para a operacionalização do trabalho da Rede Açaí. Sobre as operadoras turísticas que ficam no centro de Belém, ela relata: "[...] nós de Cotijuba, somos uma Ilha distante de Belém e nós temos uma dificuldade muito grande de falta de internet, e-mail, 'uma hora pega outra não pega' e a comunicação fica muito a desejar" (Informação verbal). Isso acarreta uma série de transtornos, pois quando não se consegue comunicação com Belém, fica inviável.

No quesito logística, para se chegar até Cotijuba, precisa-se de dois transportes, a partir de Belém: pega-se um ônibus e depois um barco. Ao chegar à ilha, pega-se um outro transporte, uma motorete (Fotografia 34), um bondinho (Fotografia 35) ou um mototáxi. Se se levar em conta que pode ser um grupo pequeno, além de difícil, fica bem mais caro de se fazer um roteiro para Cotijuba. Mas, em decorrência da compreensão das pessoas com quem se está trabalhando, consegue-se um preço melhor para um ou outro roteiro, porque o turista avalia que compensa, por ser um lugar encantador.

Fotografia 34 - Motoretes



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Fotografia 35 - Bondinho



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Além dos problemas apontados imediatamente acima, Odilene Lemos reforça também as dificuldades que as operadoras têm em vender o TBC, e acrescenta a questão dos transportes que trafegam em estradas precárias (Fotografia 36) e incomodam pessoas de idade avançada. Sobre os transportes internos, ela exemplifica:

> [...] essas motoretes, daqui, estão um desconforto total. Elas balançam tanto que até a sua "tripa" sai do lugar, porque tem muito buraco. E também devido às ruas estarem muito esburacadas, os bondes balançam muito. Mas, eu ainda acho que o bondinho é o transporte mais seguro que nós temos aqui (informação verbal).

Alega que não há preparo também para receber pessoas que tenham deficiências físicas, e cita o exemplo da rampa quando da descida de barco, na qual não existe nenhum suporte (Fotografia 37) para descer-se da embarcação. Nota-se, assim, que o que corresponde ao poder público fazer para melhorar a vida dos ilhéus não faz.

Fotografia 36 - Ruas não pavimentadas



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Fotografia 37 - Rampa sem estrutura para a descida de passageiros



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

g) Componentes, dinâmica e associativismo

Em conformidade com João Hüffner, os componentes da Rede são os empreendedores da área da alimentação, dos transportes turísticos, dono do bondinho, donos de motoretes, donos de barcos e da área da hospedagem. Dentre estes, a Rubenita Justiniana, que trabalha com a hospedagem familiar, além dos empreendedores das Pousadas da Comunidade do Vai Quem Quer e do Farol. E mais, os condutores locais, os artesãos, como a Dona Antônia, e o pessoal do MMIB, que trabalha com as biojoias, além de outros ceramistas e artesãos da Ilha.

Especificamente, com relação aos meios de hospedagem que a Rede Açaí dispõe, outra entrevistada, Gláucia Silva, informa que há: a da Rubenita, que é hospedaria familiar; a da Adriana, Pousada Quarto Crescente (Fotografia 38); a da Dona Lídia, da Pousada Sol e Lua (Fotografia 39); como também a Pousada Farol, de propriedade desta interlocutora. Essas quatro

pousadas fazem parte diretamente da Rede. Existem outras, mas foram se desinteressando pela Rede, pois alegam que é algo para longo prazo e que não podem esperar. Em termos de restaurantes, têm-se: o da Dona Lene; o da Pousada Farol; e o da Silene, que fica próximo ao da Odilene Lemos.

Fotografia 38 - Pousada Quarto Crescente



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Fotografia 39 - Pousada Sol & Lua



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Para João Hüffner, no que tange às decisões com relação ao funcionamento da Rede Açaí, são tomadas por meio de reuniões. No entanto, quem coordena todo esse processo, diz o entrevistado, é ele, via Ecomuseu da Amazônia, e a dona Maria Para João Hüffner Santos, pelo MMIB. As decisões são tomadas coletivamente com a participação de todo o grupo. Reafirma que é o grupo quem decide.

A continuar, diz o informante que as pessoas que estão a participar mais ativamente das reuniões contribuem para a elaboração dos roteiros. Por exemplo, o senhor Fernando (do Bonde), o Celito (do Barco Vitória), a Adriana e a Lídia (das Pousadas), a Lene (dos Restaurantes) e a Rubenita (Condutora) são os que participam do processo de planejamento. Percebe-se, portanto, que esta aliança que está se construindo contém o propósito de levar adiante o processo de organização da Rede Açaí. Estar a se configurar como um desenho de consequente governança.

Na composição do quadro de integrantes da Rede Açaí, entrevistou-se o Senhor Celito de Jesus Barbosa, maquinista e proprietário do barco "Vitória de Cotijuba", com capacidade para 73 pessoas, que faz parte da Cooperativa dos Barqueiros da Ilha de Cotijuba (COOPERBIC). Diz que foi convidado pelo MMIB para participar desse projeto e assim ter uma renda complementar, independentemente de feriado e férias. A continuar, o informante diz que seu trabalho consiste em transportar – ida e volta – os passageiros de Icoaraci para a ilha e vice-versa, com a máxima segurança. Ao chegar em Cotijuba, entrega-os ao Sr. Fernando do bondinho.

No quesito transportes, o Sr. Fernando Santos, proprietário do bondinho, é praticamente um signo. Trabalha há 20 anos nesse *metier*. Fez parte do Projeto Escola-Bosque em pesquisas de trilhas e lagos da Ilha, como também área florestal. Foi assim que desenvolveu o interesse pelo turismo e se associou à Rede Açaí. Nos primórdios, trabalhava com turismo aleatoriamente, sem ligação com agências. Foi por meio de um convite feito pelo MMIB, uma vez que já prestava serviços a este, que começou a participar do projeto. Está na Rede desde a sua formação.

Ele relata ainda que trabalha com o turismo a partir de comunidades religiosas ou associações de outros locais, como Castanhal, Marudá, Marapanim e até mesmo comunidades do Maranhão. Estas entravam em contato e faziam os passeios para conhecer a região.

Ao ser questionado sobre como o seu transporte está integrado à Rede Açaí, este relata que o bondinho é um transporte oficial da Rede para os turistas. Há três tipos de bondinho: de 17, 35 e 70 assentos. Diz que o bondinho é um modal de ônibus artesanal traçado por trator e uma carroceria com bancos de madeira (Fotografia 40), é bastante arejado, pronto para circular nos ambientes, e, por ser aberto, pode-se visualizar toda a natureza em volta, o que valoriza o turismo. É um modal diferenciado. Nas andanças com o bondinho, são apreciadas as pousadas à beira da praia, os restaurantes e as plantações dos projetos do MMIB, além de outros valores atrativos.

Fotografia 40 - Interior do bondinho



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Para o turismo local, o bondinho constitui-se em atrativo em si. Por via de iniciativa própria, o Sr. Fernando Santos foi quem construiu os seus transportes que rodam na ilha, a base de charretes. Diz que criou o seu próprio bondinho e deu sequência aos poucos que existiam no local. Ele conclui: "Se você tem disponibilidade de trabalhar, em todo local tem trabalho" (informação verbal). Vê-se, assim, que o entrevistado, com seus próprios esforços, em 20 anos de vivência na ilha de Cotijuba, se destaca como um dos alicerces de toda uma cadeia de turismo.

Para o Sr. Fernando Santos, a maior dificuldade apontada é a estrutura das ruas, que são de terra e não têm asfalto, o que se constitui em um transtorno para todos. De quando em quando, sobretudo no período de férias, a Prefeitura de Belém passa uma máquina e ajeita tudo, provisoriamente, para um período de apenas quatro a seis meses.

O fato é que a Rede funciona no sentido de promover a capacitação na ilha, dentro do que se acredita ser necessário para o TBC, como também melhorar a gestão e a comercialização dos serviços oferecidos pelas pessoas, a ter por base os princípios de sustentabilidade econômica, ambiental e cultural.

Entre os empreendedores integrantes da Rede Açaí, está a Dona Odilene de Carvalho Lemos, proprietária do Restaurante Sonho Meu (Fotografia 41), especializado em comida paraense. Diz a entrevistada que, ao ser contratada para receber os turistas do TBC, geralmente, oferece lanche, almoço, jantar com show artístico (Fotografia 42) ou luau. O local apresenta um cardápio que oferece um leque de sugestões. Afirma que o restaurante, em caso de turistas de outros estados ou países, oferece uma culinária indígena que consiste no açaí, no tacacá, na farinha de mandioca e na maniçoba.

Fotografia 41 - Fachada do restaurante Sonho Meu



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Fotografia 42 - Show artístico



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Desse modo, conhece-se a gastronomia da terra. Além disso, prova-se de sucos e frutas regionais da Ilha. O restaurante trabalha, geralmente, com o que se tem na Ilha. Ainda menciona que só trabalha com temperos naturais. A entrevistada acredita que a gastronomia perfaz um grande diferencial. Menciona que os visitantes vêm exatamente atrás desse tipo de gastronomia, com seus temperos e receitas especiais: "[...] esses grandes *chefs* que vêm de fora, eles não vêm à toa, eles vêm para conhecerem as nossas receitas e acrescentam depois apenas uns ingredientes e pateiam e dizem que é deles" (Informação verbal). Assim, enaltece-se para o outro os signos culinários da terra.

No que diz respeito à participação das universidades – UFPA e FAPAN – com relação ao TBC, o informante reputa que estas desempenham um papel muito importante. Apoiam as ações que são implementadas nas comunidades. Diz João Hüffner que teve o auxílio de vários estagiários que ajudaram com pesquisas, sensibilizações, treinamentos com relação à operacionalização dos roteiros. Afirma ainda que o trabalho já se enraizou nas comunidades.

A prosseguir, João Hüffner diz que a UFPA, por exemplo, também, já tem uma história de 10 ou 11 anos junto ao MMIB, pois começou a induzir esse projeto de desenvolvimento do TBC trazendo vários conhecimentos por meio de palestras e treinamentos que foram basilares. Hoje, devido a isso e da atuação de diversos atores, construiu-se um crédito dentro das comunidades na ilha de Cotijuba. O resultado, portanto, é que as pessoas comentam e discutem, o que significa uma ideia do avanço, uma prova de que o trabalho está acontecendo, funcionando.

O tema do Associativismo é colocado em pauta pelo informante João Hüffner como meio de organização social fundamental para as comunidades. É por meio dele que as questões importantes, das quais a comunidade sobrevive podem ser solucionadas com vistas ao presente e à condução de possibilidades futuras. Portanto, o entrevistado afirma ser o Associativismo uma base.

E de modo correspondente para o TBC, enfatiza o informante que este necessita de atividades que sejam desenvolvidas, por exemplo, como a agricultura, o artesanato e o extrativismo. E por meio disso, desenvolve-se o Associativismo. Ele cita o exemplo do MMIB, que surgiu por meio de uma Associação de Produtores de Agricultura de Cotijuba. Diz ainda que o Associativismo consegue congregar as pessoas em torno de um objetivo comum, e complementa que o TBC é um modelo de gestão que visa a cooperação mútua das pessoas. E também comenta que o turismo por si só, sem que as pessoas se associem, não gera nada. Portanto, com o Associativismo, a comunidade se fortalece.

h) Roteiro da Rede Açaí

No que tange ao roteiro disponibilizado pela Rede Açaí, a entrevistada Rubenita Justiniana relata que, antes da Rede, se oferecia turismo de praia, mas com visão voltada para o meio ambiente. Não se oferecia um roteiro de turismo de massa ou de evento, mas, geralmente voltado para a agricultura. E isso porque grande parte do território é rural e não urbana. Então, o MMIB trabalha uma linha de turismo ligada à produção de hortaliças. E é nessa perspectiva que se elabora o roteiro para a Rede com ênfase na agricultura, além de oferecer-se um artesanato que se concretize em biojoias. Simultaneamente, é mostrado todo o potencial de empoderamento das mulheres de Cotijuba pelo que realizam no Movimento de mulheres que há na ilha.

Ao detalhar o roteiro oferecido pela Rede Açaí aos visitantes, Rubenita Justianiana diz que este inicia-se em Icoaraci, quando o turista vai a um passeio de barco e vendo descortinarem-se as paisagens, as garças (*Aldea alba*) a comer camarão (*Farfantepenaeus brasiliensis*) e a flora de várzea. Ao se chegar a Cotijuba, mostra-se um pouco da história da Ilha, quando se apresenta Cotijuba como um casarão, onde funcionava um presídio,

semelhante à Prisão de Alcatraz, onde ficavam os presos há 70 anos. Esse prédio é um patrimônio tombado, uma ruína (Fotografia 43) que também funcionou como educandário, isso no final do século XIX.

Fotografia 43 - Ruínas do antigo presídio e educandário



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Uma marca que a ilha traz do seu passado histórico é a memória da penitenciária, construída em 1968, segundo Vasconcelos e Bastos (2016) e, por algum tempo, educandário e presídio coexistiram. Porém, logo o educandário foi extinto e a ilha se transformou em ilha-presídio, recolhendo condenados e presos políticos, adultos e menores, com um sistema penal violento e arbitrário.

Em seguida, toma-se um bondinho, segundo Gláucia Silva[25], e vai-se tomar café neste empreendimento que desde 2012 está engajado no TBC a partir do MMIB. Trabalha tanto com hospedagem quanto com a alimentação e diz que prepara o café-da-manhã (Fotografia 44) com tapiocas coloridas (Fotografia 45), famosas pelos sabores, além de almoço, jantar e eventos que

[25] Proprietária da Pousada Farol e Restaurante.

são organizados. Ressalta que, como se trata de TBC, não se pretende receber muita gente, ou seja, em torno de 20 e no máximo 40 pessoas. No entanto, tem capacidade para receber bem mais por grupo e por vez.

Fotografia 44 - Mesa do café-da-manhã típico na Pousada e Restaurante farol



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Fotografia 45 - Tapiocas de coloração cor-de-rosa (beterraba) e amarela



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

É mister enfatizar que a entrevistada Gláucia Silva diz que o que oferece é produzido no seu próprio quintal, como as frutas regionais da época e os legumes. E no caso de faltar algum produto, recorre aos produtores da comunidade, o que significa que ela enceta ações de sustentabilidade.

Em seu empreendimento, Gláucia Silva diz que procura acolher o turista da melhor maneira possível, tanto na gastronomia quanto na hospedagem em si, para que o mesmo não esqueça de como foi bem atendido naquela pousada. Em outras palavras, para que aqueles "[...] dias passados ali tornem-se inesquecíveis",

> [...] que os turistas voltem, que eles lembrem do garçom, do nome da cozinheira, o que é muito importante, [..] que se agradem dos quartos, que estejam sempre limpos e que a gente esteja sempre pronta a atender. E que ele lembre da hospitalidade e volte sempre (informação verbal).

São essas, portanto, as estratégias adotadas pela empreendedora para garantir bons dias para sua pousada.

A referida entrevistada diz que, como empreendedora, sua relação com a Rede Açaí tem seus entraves e menciona:

> [...] nesses projetos, a gente está tentando separar muito o MMIB da Rede. Mas, em termos de Rede, é muito difícil a gente entrar em consenso, e é por isso que toda a semana a gente entra em reuniões para verificar os nossos pontos positivos e negativos para que todos estejam engajados e sabendo do que a gente está pretendendo para lá na frente a gente não bater com dificuldades (informação verbal).

Sob outra perspectiva, considera que a Rede Açaí veio com o intuito de ir contra esses projetos de turismo de massa e que, de certo modo, está-se procurando engajar ao máximo os empreendedores locais, com vistas a esses colaborarem para o fortalecimento do TBC.

Em seguida, faz-se um passeio guiado até a praia urbana (Fotografia 46) e vai-se até o MMIB (Fotografia 47), quando se fala da sua história no

decorrer de seus 20 anos de existência, como também se enfatiza que é o único movimento social que ainda permanece, pois já surgiram várias associações na ilha, no entanto, nenhuma se assemelha a esta associação de Mulheres, que é muito forte. Nessa visita ao MMIB, os visitantes têm a oportunidade de participar de uma oficina de biojoias (Fotografias 48 e 49).

Fotografia 46 - Passeio guiado à praia



Fonte: Mônica Araújo, 2019

Fotografia 47 - Reunião de acolhimento no MMIB



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Fotografia 48 - Demonstração de biojoias



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Fotografia 49 - Oficina de biojoias



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Na sequência, vai-se à praia do Vai Quem Quer, que é um dos atrativos do lugar. E depois, o turista pode visitar as comunidades de Fazendinha e Poção, que possuem 16 pontos de visitação:

> [...] já todos mapeados, fizemos croquis e apresentamos as ruínas onde se deu no século XIX que era o branqueamento de arroz lá". É a Casa das Ruínas, é o Muro Cinzal, é a Casa do senhor Haroldo que é uma casa toda rústica, onde este faz móvel com madeira morta, quando a maré no tempo das águas grandes traz. Essa arquitetura de lá tem 200 anos (informação verbal)[26].

Ao mesmo tempo que se faz a visitação, trilha-se à beira da praia.

A prosseguir, apresenta-se o senhor Justus, ceramista que faz réplica de arte tapajônica, bem refinada, cujo trabalho é comercializado no São José Liberto, antigo presídio de Belém. Nesse caminhar, o turista conhece o curral de peixes, cuja pesca é feita de forma tradicional, característico das comunidades ribeirinhas. Pode-se admirar a pesca do peixe vivo sem nenhum artifício de malhadeira. Depois disso, conhece-se a Dona Antonia Mesquita, ceramista da comunidade com formação no Ecomuseu, SEBRAE e MMIB. Dentre tantas mulheres que trabalharam nessa cerâmica, apenas o trabalho da Dona Antônia vingou; ela coloca em prática tudo o que aprendeu.

Tem-se ainda a mostrar-se aos turistas a trilha do Piri. Entretanto, essa visitação só é possível de acontecer no verão, porque no inverno fica totalmente alagada. Além disso, ocorrem visitas às casas de farinha e aos tanques de peixe que, por outros motivos, estão desativados, mas que se pretende ativá-los novamente.

i) Receptividade da comunidade com relação à Rede Açaí e ao meio ambiente

Quanto à receptividade da comunidade com relação à Rede Açaí, a entrevistada Rubenita Justiniana faz uma breve retrospectiva histórica de que quando o poder público se aproxima da comunidade, normalmente inicia um projeto e não conclui, fazendo com que esta fique desacreditada.

---

26 João Hüffner.

Então quando chega algo novo, a comunidade pergunta-se se isso vai resultar em algo positivo como empregos, como algum ganho de dinheiro. Cita a seguir que os projetos do pato, do Paysandu, do caipirão e do açaí nunca vieram a bom termo.

Com relação ao projeto do pato, segundo a entrevistada, foi à época do Governo municipal de Edmilson Rodrigues, do Partido dos Trabalhadores. Esse projeto, que se deu há 16 anos, objetivava aproveitar os lagos de várzea para criar patos, no entanto, quando acabou a gestão desse Prefeito, o projeto não fluiu mais. Assim também aconteceu com o projeto do açaí, visto que o acompanhamento técnico acabou. O que pode ser concluído é que nunca projeto algum tem continuidade, o que resulta na descrença à comunidade.

Ela segue a entrevistada evidenciando que, mais recentemente, está se fazendo TBC, congregando as lideranças locais que representam os barqueiros, os charreteiros, os bondinhos, bares e restaurantes, como também a própria associação de Associação de Moradores Ilha. No entanto, quando chamados a participar essas pessoas, não vêm e alegam que isso não tem importância para eles, que têm outras coisas a fazer. Na verdade, estão muito acostumadas ao turismo de massa, que não precisa de planejamento a longo prazo. Mas isso reside um problema: no período sazonal, os moradores ficam sem fazer nada.

Segundo a entrevistada, a real intenção do MMIB é divulgar seu trabalho, não é ganhar dinheiro de modo imediato. No entanto, tem-se trabalhado há três anos, junto ao Ecomuseu, a divulgar esse trabalho de TBC, que ainda não dá lucro, porém também não dá prejuízo. O que se ganha é apenas um complemento à renda: "[...] tudo que vem para mim e para as demais companheiras porque somos empreendedoras, praticamente é lucro" (informação verbal). Com o TBC, que é algo diferenciado, intenciona-se mostrar ao turista o diferente, e sabe-se que existe público para isso, embora tudo esteja a ocorrer em processo lento.

Uma preocupação grande manifestada pela senhora Rubenita sobre a relação da ilha com o meio ambiente e TBC é a de perder-se todo esse patrimônio natural. Afirma que já se estar a perder as árvores que produzem as sementes de onde são extraídos os óleos, ou seja, como andirobeiros (*Carapaguianensis*), os abacatizeiros (*Perseaamericana*) e o piquiá (*Caryocar brasiliense*).

Alerta, ainda, que o fato de se preocupar é que Cotijuba é esquecida pelo Poder Público, e segundo a sua visão é Terra de Ninguém, é Terra sem Lei. Para ter-se uma ideia, recentemente foi vendida uma área por mais de R$ 1.500.000,00 (um milhão e quinhentos mil reais) para uma empresa francesa que vai construir um *Resort* na ilha. Isso é preocupante, visto que se perderá uma parte do meio ambiente, o que significa que não se vai poder ter acesso à praia, porque se dependerá da permissão de seus proprietários.

Este caso do *Resort* que será construído na Flexeira, localizada nas proximidades da praia do Vai Quem Quer, também é comentado pelo Sr. Celito, que diz que possivelmente serão perdidas as áreas de Trilhas onde se fazia canoagem no igarapé. Para a compra dessa área, falta apenas a assinatura do Prefeito de Belém.

Acredita o entrevistado (Celito) que o TBC traz recursos de fora para a ilha: "[...] é um tipo de atrativo para valorizar mais a Ilha, pois todo mundo que vem para cá fica apaixonado por Cotijuba e falam bem daqui" (informação verbal). Ele diz ainda que o TBC despertou as pessoas locais a cuidar mais do meio ambiente. Entretanto, cita que não foi possível impedir que se derrube o casarão da ruína para construir um hotel.

No que diz respeito às principais ações com relação à conservação ambiental, diz (Rubenita) que o MMIB, o Ecomuseu e a Rede Açaí estão em processo de conscientização da comunidade em preservar o meio ambiente. Esclarece que, no que tange à questão do lixo, estes têm um trabalho com o Grupo da Endemia, que é da SESMA, que apoia e orienta a comunidade com relação aos pontos de visitação. Diz que se esse trabalho não tiver

continuidade em termos de conscientização da comunidade, o TBC na ilha não vai poder prosseguir, a exemplo de outros projetos já citados.

j) Desafios e potencialidades do TBC no Pará

Com relação aos desafios sobre a Rede Açaí, a entrevistada Maria Lídia Santos espera poder contemplar as expectativas que foram criadas a partir do Fórum e da criação da Rede para solucionar os problemas internos com relação ao pessoal. E ainda dentre outras iniciativas turísticas, se planejar o fazimento de roteiros, como o já discutido "Venha ser ribeirinho por um dia", que consiste em entrar com as pessoas no igarapezinho para tirarem e baterem o açaí. Isso é uma ideia que só precisa ser posta em prática. Existe também a possibilidade de que alguém da comunidade vá fazer uma especialização na UFPA e retorne com conhecimentos para contribuir com o desenvolvimento do TBC.

Para Odilene Lemos, o TBC tem um grande potencial para dinamizar a economia da comunidade e melhorar o capital. E em conformidade com João Hüffner, o TBC não deixa de ser uma realidade já estabelecida nas regiões do Estado e nas ilhas de Belém, mas é necessário avançar. Em termos acadêmicos, estão sendo cada vez mais discutidas as suas bases teóricas, isto é, está mais consolidado. No entanto, é importante que o Estado se preocupe mais com essas comunidades e no que diz respeito ao seu patrimônio.

Além do trabalho realizado na Ilha de Cotijuba, bem como a experiência da comunidade de Santo Amaro e de Itapuã-Mirim, no Acará, recebeu-se, conforme João Hüffner, outros convites como o feito pela Pastoral do Turismo (PASTUR), ligada à Basílica de Nossa Senhora de Nazaré, que pretende iniciar um trabalho de TBC como meio de evangelização. Entretanto, esta não tem *expertise* para isso e não sabe como começar.

Diz ainda que a PASTUR "[...] já nos convidaram para ir até lá e fazer esta troca de experiência, este intercâmbio para ver se conseguem conduzir um processo de desenvolvimento de alguma atividade ligada lá ao TBC" (informação verbal). Nesse contexto, o Ecomuseu da Amazônia, o MMIB e a Rede Açaí, como um grupo, estão desenvolvendo metodologias de aprendizagem para a implantação do TBC no Pará e quiçá em outros estados brasileiros.

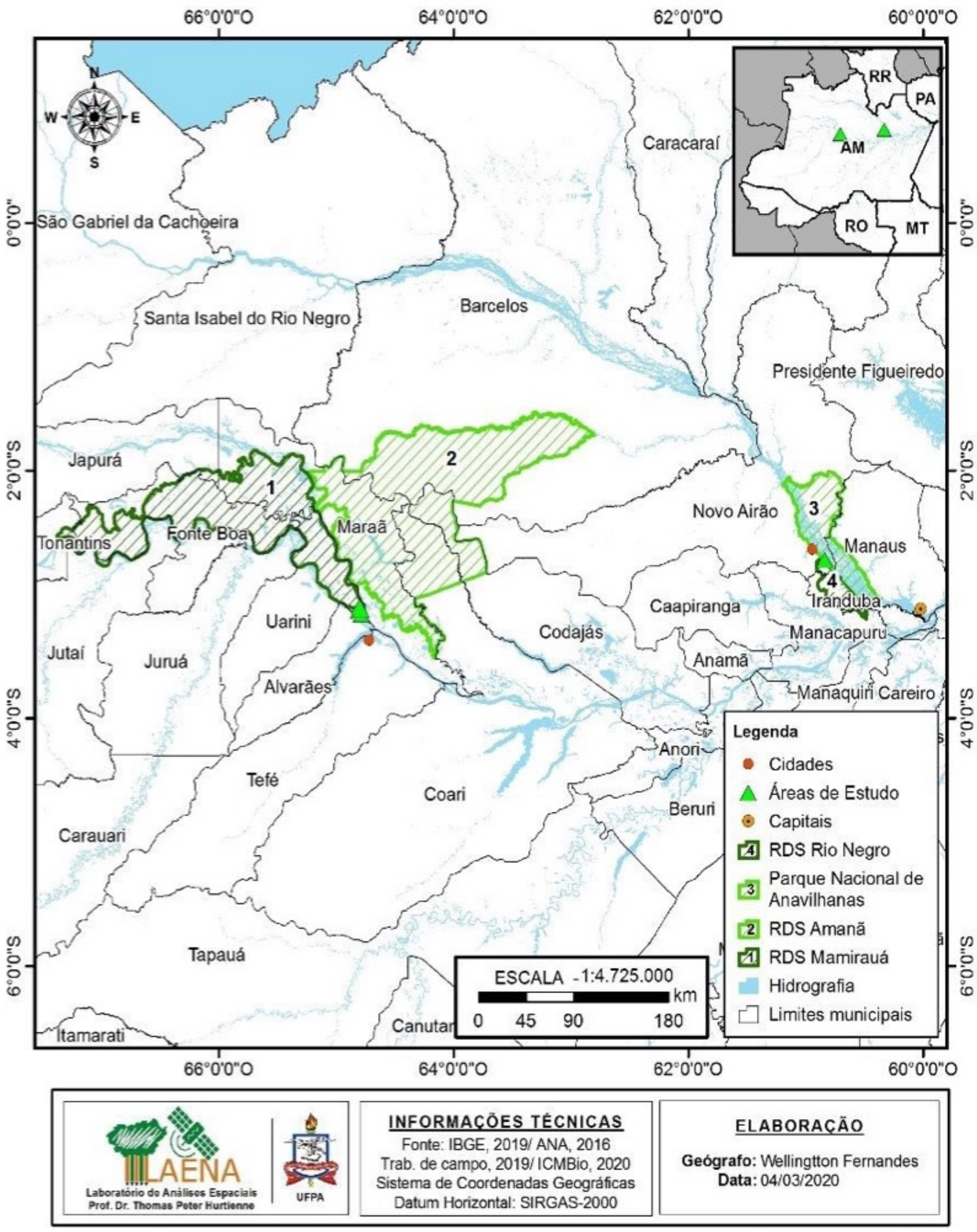
Afirma ainda o informante que com relação aos profissionais do trade turístico, estes devem considerar melhor o TBC, principalmente entre agências e operadores, porque se faz difícil convencer alguém a comercializar um produto ou um roteiro de TBC, ou seja, comercializar esse tipo de produto que não é voltado para um grande público, mas para grupos pequenos, no máximo de 20 a 30 pessoas, que possam vir a visitar essas comunidades.

Conclui dizendo que os desafios são no sentido de se estruturar a cadeia produtiva e, ao mesmo tempo, preparar a comunidade para que o produto turístico chegue ao consumidor final. O TBC traz uma série de benefícios para a comunidade, no entanto, diz que é necessário compreender toda essa noção, bem como é necessário apoio do poder público para que esse turismo ocorra.

3.2 Amazonas

A seguir, apresentar-se-ão os projetos de TBC localizados na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, a começar pela Pousada Uacari, seguida das iniciativas das comunidades de Boca do Mamirauá, Vila Alencar e Caburini. E ainda, abordar-se-á a comunidade do Tiririca, localizada na Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Rio Negro.

Mapa 3 - Localização das áreas de estudo no Amazonas



Fonte: Laboratório de Análises Espaciais Prof. Dr. Thomas Hurtienne (LAENA/NAEA/UFPA), 2020.
Autoria: Mônica Araújo, 2019. **Produção técnica**: Wellington Fernandes, 2019.

Caracterização da Área de Estudo: considerações breves sobre a Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá

A seguir, apresentam-se e discutem-se determinados aspectos que personalizam as RDS Mamirauá. Assim, vão-se referências às especificidades, de modo tangencial, quanto à sua configuração física. Trata-se, também, de apreciações focadas em algumas circunstâncias históricas e turísticas, além de apresentar os atrativos, serviços e equipamentos. Nessa discussão, remetem-se, com ênfase, às informações prestadas pelos interlocutores da pesquisa e sua participação na construção desses contextos.

RDS Mamirauá

A RDS Mamirauá localiza-se no Corredor Central da Amazônia, uma verdadeira extensão de áreas protegidas que dão unidade a terras indígenas (TI) e UC. A partir do noroeste do Pará, faz divisa com o Amazonas e a Guiana, se estendendo até o Leste do Amazonas, onde se encontram as fronteiras colombiana e peruana (Nassar *et al.* 2017).

A referida UC, que perfaz 1.124.000 hectares, situa-se entre os rios Solimões, Japurá e Auati- Paraná (Queiroz, 2005). A região caracteriza-se por ser de várzea, com períodos de inundações e seca. Nos meses de enchente-cheia, a floresta é submersa pelo rio Solimões por três meses.

Fato biogeográfico sobremodo importante é a RDS Mamirauá ter função de ilha na confluência Solimões-Japurá. Esse interflúvio atua como uma parede para organismos, o que leva a UC concentrar endemismos em demasia (Nassar *et al*. 2016). Malgrado as florestas de várzea não variarem em muito seus ambientes, pode-se encontrar outras espécies vegetais que têm certa influência, por exemplo, na avifauna. Existem 361 espécies de aves

já descritas. Afora as áreas de várzeas altas e baixas (sub-bosques), existem os chavascais de porte menor. São áreas densamente fechadas e alagadas por tempos, com arbustos e espinheiros.

Os autores supracitados, no que tange à sua Zona de Manejo Especial de Ecoturismo, destacam que esta tem uma área reservada em 3.500 ha, onde se pode encontrar todo um acervo fotofisionômico com possibilidade de singrar por seus canos e lagos, que variam substancialmente durante o ano.

A RDS Mamirauá foi resultado de vários desdobramentos quando da demanda solicitada à Secretaria Especial de Meio Ambiente (SEMA), em 1985. Esse pleito foi feito pelo biólogo e pesquisador José Márcio Ayres e por Luis Cláudio Marigo, fotógrafo, para que fosse fundada uma área protegida de cerca de 200 mil hectares. O motivo maior dessa urgência era haver uma espécie de primata passível de extinção, o Uacari-branco (*Cacajaocalvuscalvus*) (Fotografia 50) (Queiroz, 200). Portanto, em função disso, criou-se a Estação Ecológica Mamirauá (EEM), no ano de 1986, e posteriormente foi transferida para o governo do Amazonas via decreto nº 12.836, de 9 de março de 1990.

Fotografia 50 - Pôster do Uacari-branco



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

A seguir, a partir de seu plano de manejo e de nova proposta apresentada pelos pesquisadores da Sociedade Civil Mamirauá (SCM), foi a EEM recategorizada, no âmbito estadual, à categoria de RDS Mamirauá; isso deu em 1996. Com o intuito de melhor gerenciar as áreas protegidas, a SCM viabilizou gestões no sentido de contribuir para a criação, em 1999, do Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (IDSM). A continuar, Queiróz (2005, p. 186) diz que,

> [...] a necessidade de ampliação de trabalhos similares em outras áreas, o interesse do governo em transformar as reservas em um laboratório nacional de pesquisa aplicada, e a necessidade de apresentar contrapartida do governo aos apoiadores privados foram outros fatores que conduziram à formação do IDSM, uma das unidades de pesquisa do Ministério da Ciência e Tecnologia desde 2001.

Dentre os objetivos do IDSM (Fotografias 51 e 54) está o de produzir conhecimentos científicos para dar subsídios à conservação da biodiversidade; além disso, pretende promover a conservação da Reserva por meio do uso participativo dos recursos naturais na região Amazônica.

Fotografias 51 e 54 - IDSM



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

A RDS Mamirauá é composta de 26 setores, onde no Setor Mamirauá encontram-se 11 comunidades e uma Terra Indígena. Presencia-se nesta, determinadas atividades de cunho econômico que caracterizam a várzea como a agricultura familiar e a pesca artesanal, e com fins comerciais. Além dessas, explora-se madeiras e outros produtos não-madeireiros, apesar de florestais. E, também está se desenvolvendo o TBC.

a) O turismo de base comunitária e a Pousada Uacari

No que diz respeito às atividades que o Programa de TBC do IDSM desenvolve, Pedro Meloni Nassar[27] afirma que uma se constitui como principal: é a atividade na Pousada Uacari (Fotografia 55), porque demanda mais tempo e esforços. E, a seguir, explica que estão sendo preparadas as bases em conjunto com duas associações comunitárias – a Associação de Auxiliares e Guias de Ecoturismo do Mamirauá (AGEMAM), que faz serviços para a pousada, e a Associação de Produtores do Setor Mamirauá (APSM) –, com o fito de transferência da gestão da Pousada, já toda reformada, para que a mesma se torne mais autônoma administrativa e financeiramente.

Fotografia 55 - Vista aérea da Pousada Uacari na Reserva Mamirauá



Fonte: Gui Gomes, 2018.

[27] Biólogo, Mestre em Gestão de Áreas Protegidas e Coordenador do Programa Turismo de Base Comunitária do IDSM.

O entrevistado prossegue afirmando que:

> [...] só existe o turismo dentro do Instituto porque a pousada foi criada. Dessa maneira, o programa está ligado com a pousada. Então, à medida que diminuímos o trabalho com a pousada, passamos a assessorar as outras comunidades.

Informa também que foi realizado um projeto em equipe para a Floresta Nacional de Tefé envolvendo seis comunidades, localizada do outro lado do Lago. Este projeto – de um ano e meio – que a Floresta Amazônia Sustentável (FAS) organizou foi pensado para a estruturação do turismo naquela região, como, por exemplo, criação de trilhas, sinalização, apoio na divulgação, criação de um site, entre outros. Embora estejam sem projetos, estão recebendo turistas.

Outrossim, Pedro Nassar afirma que todo o arsenal de experiência levado para outras comunidades tem como base a Pousada Uacari, porque as ideias de planejamento, de organização de roteiros têm uma intrínseca semelhança. Outras comunidades do Mamirauá, como a Vila Alencar, que se tem mostrado bastante independente, aos poucos tem demandado turismo com a ajuda do IDSM. Semelhante a esta é a Boca do Mamirauá. Com relação ao Caburini, solicitou ajuda para planejar melhor o roteiro. É importante dizer que os diversos comunitários estão se empenhando em definir um empreendimento próprio com parte do dinheiro que provém da Pousada. Pontuou ainda a comunidade Jarupari, próxima ao Caburini, que tem ideias próprias sobre o turismo.

O informante salientou que na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã (RDS Amanã), o IDSM fez pesquisa sobre o turismo, quando teve a ideia de mesclar a Pousada Uacari com o Amanã, ou seja, "[...] fazer um pacote conjunto. Por exemplo: a pessoa vem para a pousada e fica por uns dois, três ou até quatro dias, e, depois, segue para Amanã e continua lá [...]". É outro tipo de ambiente. Nesse ínterim, cita o pesquisador Rodrigo Osório – que foi inclusive Coordenador do Programa de TBC do

IDSM e também pesquisou por dois anos, ou mais, os atrativos, as outras comunidades. Adiante, comenta que o pesquisador-bolsista Eduardo de Ávila Coelho[28] fez estudos sobre viabilidades do TBC naquela Reserva.

Ainda sobre as possibilidades de se desenvolver o turismo em Amanã, Pedro Nassar detecta um misto oscilante de ordem e de desorganização. O que implicava às vezes uma desmotivação, o que significava que ora as coisas estavam indo bem, ora desarrumadas. E evidencia que "[...] uma das comunidades que sempre esteve envolvida e que puxou para si começar o turismo foi a do Ubim. Estamos trabalhando junto com eles para fazer algo de turismo, lá na Amanã, começando por Ubim" (informação verbal). Dito isso, fica patente que esses esforços apresentados, em termos de discussão e de pesquisas, podem definir ações embrionárias para a implantação do TBC na RDS Amanã.

Ao ser indagado se os comunitários estariam preparados para receber o referido empreendimento, o entrevistado ficou em dúvida, aventando a possibilidade de capacitação ou não de isso ser feito em 2022 e sugerindo que talvez possa acontecer em 2030 ou 2050. E fala do financeiro, da contabilidade, das vendas, do *marketing* e ainda diz que não se pode cobrar deles que estejam preparados, porque isso é muito especializado.

Além disso, diz o informante que se tem que entender que o processo educacional do lugar é complicado, atingindo sobremaneira a comunidade. E fala em comentários sintéticos que as escolas não têm aulas e os professores não são muito bons. Então, segue o informante: "[...] querer cobrar que sejam especialistas em finanças, isto é muita injustiça". A ideia primeira é que eles tenham um domínio sobre a gestão e que contratem pessoas para fazerem o que não entendem. Contudo, as comunidades precisam estar atentas a

---

[28] Relatório Técnico final das atividades de bolsa/CNPq. Título: Viabilidade do Turismo de Base Comunitária na RDS Amanã. Período da Bolsa: 01/05/2011 a 31/08/2012. Responsáveis: Ana Rita Pereira Alves Coordenadora do PCI do IDSM e Nelissa Peralta Bezerra, Orientadora da pesquisa. Tefé, Amazonas (2012).

essas pessoas contratadas e mensurarem de alguma maneira se o trabalho está sendo realizado com qualidade. Porém, não espera, nem a médio prazo, que esses comunitários assumam posições tão bem específicas.

Quanto ao processo decisório, segundo Pedro Nassar, todas as 10 comunidades participam das tomadas de decisão, incluída a Terra Indígena. Entretanto, as mais antigas e principais que são "A Vila Alencar, a Boca do Mamirauá, o Caburini e o Sítio São José – este último talvez menos hoje, porque tem muita gente trabalhando na Pousada – participam de todas as instâncias de governança" (informação verbal). Estas participam mais ativamente em todos os processos. Algumas outras têm mais pessoas que trabalham na Pousada, mas não querem envolvimento em decisões.

No que respeita à relação do IDSM com a Secretaria de Estado do Meio Ambiente do Amazonas (SEMA), o entrevistado afirma que existe uma cooperação que dá margem para a atuação do Instituto, para que se possa realizar as pesquisas e os trabalhos de manejo.

Perguntado sobre as parcerias que ajudam a consolidar a Uacari no mercado, o informante relatou que dentre elas destacam-se, as agências de turismo que mais vendem pacotes: a SEMA, o IDSM, a AGEMAM, a APSM e as comunidades. A Pousada Uacari foi construída com recursos internacionais, do governo britânico, mas esta parceria já findou. Eventualmente, conseguem-se recursos de algum órgão nacional ou internacional.

Indagado sobre os principais problemas de hoje da Uacari, que de uma maneira ou de outra estariam dificultando o desenvolver do trabalho, o informante relatou que sempre têm problemas. Segundo ele, o principal entrave é a revitalização da infraestrutura esteada em 15 anos de construção. Só para dar um exemplo, os quartos passaram por reformas pequenas e a depreciação na Amazônia, por outro lado, é muito grande.

Outro problema crucial é o gasto de modo mais racional com o combustível, que é muito alto, o que onera sobremodo a Pousada. Isso se dá porque o que se faz é de barco ou de lancha. O terceiro ponto a pensar é

organizar a AGEMAM, que é um desafio, embora se saiba que é um problema das associações em todo o Brasil. Revela que a diretoria não trabalha em conjunto com os sócios. Esta mentalidade da associação precisa mudar, pois isso deve ser feito coletivamente. E mais, é importante refletir o que está acontecendo fora daqui porque, caso ocorra uma crise do turismo no Brasil, isso vai afetar os trabalhos diretamente de alguma maneira, o que não tem controle, uma vez que não depende de qualquer esforço produzido por quem está à frente da Pousada.

Para Pedro Nassar, o maior desafio a se transpor é transferir a gestão da Pousada de modo que ela se perpetue. É dar termo a este processo, que já tem seis anos e que, por outro lado, está caminhando devagar e cauteloso, e que daqui a uns 15 anos se poderá avaliar se a comunidade deu conta ou não. Portanto, que isso não fique só no papel para depois não se acabar. É evidente que terão dificuldades, pois isso acontece com todos, mas que dure tempo suficiente para que os comunitários achem que têm que continuar.

Segundo o entrevistado, devido às dificuldades, ele acredita que o modelo de gestão da Pousada estabelecido tem que ser eminentemente inclusivo, porque isso pode ser replicado para outros lugares. Diz que o caminho é difícil, porém é interessante, porque tenta absorver o máximo possível das pessoas. Cita a legislação no que se refere, por exemplo, à questão do rodízio dos trabalhadores, que não é nada fácil de ser encontrada nas leis trabalhistas. Portanto, é preciso ser cauteloso. De certo modo, o rodízio é uma forma mais inclusiva de ver pessoas prestando serviços por algum tempo. É melhor, segundo constatação, contratar algumas pessoas em sistema de rodízio. A ideia é que todo mundo participe de todas as decisões e instâncias do empreendimento.

O referido entrevistado acredita que o modelo de TBC da RDS Mamirauá é um dos mais antigos e pioneiros da Amazônia. Provavelmente, com uma grande estrutura, mas diz que existem outros modelos menores que não se conhece. Mas, ao seu ver, a pousada tornou-se grande, por força

do IDSM, e ainda ajuda e muito com a sua própria imagem. É um f*eedback* de duplo sentido, um ajudando o outro. Enfim, o modelo de governança se estabeleceu ali, podendo se replicar em maior ou menor escala.

b) Comercialização da Pousada Uacari

Os dados provindos de pesquisas de campo, no que se refere à elaboração de estratégias de marketing da Pousada Uacari, tiveram como base, sobremuito, os relatos do seu ex-gestor, Gustavo Pinto[29]. Entretanto, outros atores sociais deram bem definidas contribuições para a compreensão da formação de tais estratégias. Assentou-se também sobre outras referências bibliográficas, que deram linhas complementares para o entendimento de como a Pousada se coloca diante das questões de posicionamento no mercado turístico.

Concernente a essa discussão, Gustavo Pinto explicita que o surgimento da estrutura de hoje da Uacari remonta aos anos 2002-2004, ocupando uma face do mercado que crescia por demais rápido. Isso se deu devido a atender uma demanda do mercado à época. Estava-se diante do Ecoturismo ligado ao desenvolvimento sustentável, dos anos 1990 até 2000. Com isso, houve um crescimento comercial rápido e orgânico. Não foi necessário fazer investimento em marketing e estratégias de comercialização. A Pousada foi descoberta assim como seus serviços pelos operadores e agentes de viagens. E com isso, deu-se um bom relacionamento com os atores, que perdura até hoje.

No entanto, um fator preponderante abalou de modo definitivo e repentino o relacionamento entre as operadoras/agentes e a pousada. Segundo as palavras do informante Gustavo Pinto, com o fechamento do Aeroporto de Tefé, que se deu de 2005 para 2006, os clientes oriundos,

---

[29] Turismólogo, consultor de comercialização em marketing e em turismo, responsável pelas estratégias de marketing da Pousada Uacari.

sobretudo dos Estados Unidos e da Europa, ficaram sem voos para Tefé, acarretando prejuízos diversos, tanto para a Uacari quanto para os operadores turísticos.

Nesse cenário de quebra de logística, Gustavo Pinto diz que:

> [...] dezenas de reservas confirmadas para a Pousada precisavam encontrar uma nova acomodação para estes clientes ou tentar convencê-los individualmente a fazer viagem de barco de Manaus para Tefé, que é um tempo muito maior.

Afirma ainda que, mesmo depois da volta do funcionamento do aeroporto, o mercado não se sentia confiante o suficiente para continuar a trazer os clientes. Além de tudo isso, havia a presença do lixão no perímetro de segurança do Aeroporto de Tefé, o que ocasionou seu fechamento e que perdura até hoje.

Esmiúça o interlocutor ainda que, no momento do encerramento das atividades do aeroporto, a Pousada Uacari movimentava de 800 a 850 turistas por ano. Só para se ter uma ideia do achatamento das atividades, o empreendimento comunitário somente voltou a receber seus 1.000 (mil) turistas por ano – esse número refere-se à sua capacidade máxima de carga – apenas em 2014. Simplesmente passaram-se longos oito anos para que a Pousada recuperasse a confiança do mercado. Devido a tudo isso, inúmeros prejuízos tiveram que ser cobertos pelo IDSM, o que levou a parcos investimentos na área de marketing e em comercialização.

E mais, informa também, como resultado disso, que a Uacari deixou de estar presente em redes sociais, nas buscas com o Google, na participação em feiras de turismo e em viagens de treinamentos de equipes de operadoras, além de não estar mais presente em feiras de turismo internacionais. Portanto, vê-se quão, de certa maneira, é frágil a atividade turística. Quando uma das peças de um sistema descarrila com relação às outras, todo o setor desmonta, integralmente ou parcialmente. Isso pode acontecer por motivos internos ao sistema ou externos.

Em meio a tudo isso, houve uma tentativa de reversão desse quadro partindo da reestruturação de um Plano de Negócios da Pousada Uacari, a partir de 2012. Foi previsto para o ano de 2013, um novo suporte, um gestor operacional para dar conta das estratégias de comercialização e marketing. Exatamente em 2013, a Pousada volta a ter verbas do IDSM para investimentos nessas estratégias supracitadas. Uma nova etapa, portanto, é inaugurada.

Assim, a Pousada ressurge nos meios digitais como *Facebook* e *Instagram*, fundamentais para o *marketing*, com o objetivo de reversão da imagem tão prejudicada pela catástrofe da história de voos que a levou a uma forte crise financeira. Ademais, um outro fator se apresentou, diminuindo as vendas da Pousada: sua infraestrutura depauperada (Fotografia 56). Como, por exemplo, telhados de palha estragados, infiltrações: "[...] então, quando chovia, chovia dentro do quarto" (informação verbal). Em suma, quem visitava a Pousada, reportava esses problemas de ordem infraestrutural, o que afetava sua imagem e, por conseguinte, quem a vendia, os agentes de viagem e as operadoras. Fez-se, portanto, um trabalho de reconquista do mercado.

Fotografia 56 - Chalés flutuantes



Fonte: Lucas Ramus, 2022.

Ainda sobre esse assunto, Gustavo Pinto tece considerações afirmando que o IDSM fez um aporte financeiro muito alto para a recuperação infraestrutural. Em assim feito, a Uacari tinha segurança de retorno ao mercado, sem falar que o Aeroporto de Tefé já estava estabilizado e, portanto, não se tinha o risco de colapso. Isto posto, paulatinamente, o mercado voltou a ter confiança em comercializar novamente a Pousada Uacari. Mas essa confiança não se deu de um modo completo, pois:

> [...] Sabe-se que uma determinada operadora sediada em São Paulo ou Rio de Janeiro, chamada de Turismo Clássico que até 2005 era a mais importante vendedora da Pousada, e até hoje, apesar de a gente entrar em contato com ela, não vende a Pousada devido ao risco de que o aeroporto seja fechado.

Diz ainda que o desafio é constante. Os grandes vendedores da Pousada de hoje eram os mesmos de 2005, e voltaram a comercializar a Pousada, resultando em um alto índice de satisfação. Portanto, a partir de 2013, foi constatada a recuperação do empreendimento.

A continuar, a Pousada, em 2014, voltou a receber seus 850 visitantes por ano, como em 2005. O recorde de visitantes foi alcançado em 2016, ultrapassando sua capacidade de carga. Em um ano, perfaz 2.500 turistas, e em 2017 foram 1.049 clientes. Isso foi possível naturalmente devido ao impulso de eventos internacionais como a Copa do Mundo e as Olimpíadas, acontecidos no Brasil, mas também pelos investimentos realizados em infraestrutura e *marketing* da Pousada Uacari.

Mas 2017 chega e com ele vem uma crise político-econômica no Brasil, que também afeta mais uma vez a imagem da Uacari. Houve ainda os grandes problemas com o Zika Vírus e a Chikungunya, resultando em uma queda do turismo internacional brasileiro, uma imprevisão para a Pousada. Impactada com a queda do número de visitantes e conjugada com a crise financeira que o IDSM passou, teve que refazer todo o seu Plano de Negócios, que era de 2012. Revisitando o Plano, previu-se um cargo que não existia na

estrutura da Pousada, ou seja, uma pessoa que se responsabilizasse única e exclusivamente pelo *Marketing*.

Ainda esclarece que "[...] antes, a mesma pessoa que fazia reservas e vendas também atendia a operadora e o cliente do modo direto, além de definir a forma de pagamento, promoção e marketing da Pousada" (informação verbal). Então, em 2017, tem-se uma divisão em dois cargos: uma pessoa responsável pelas vendas diretas – pagamentos, reservas, recepção do turista – que ficaria em Tefé; e outra admitida em novo cargo, que se aproximaria mais dos grandes Centros, onde as operadoras e as agências estão concentradas – regiões Sul e Sudeste do Brasil.

Em 2018, o novo Plano revisitado entra em execução. O Edital para ocupar o cargo é lançado:

> [...] eu fiz a minha inscrição e inseri minha empresa e começamos um contrato, que é renovado anualmente pela Pousada. Hoje, a minha incumbência é investir em estratégias e comercialização de vendas diretas da Pousada Uacari, sem nenhum intermédio, tratando diretamente com o cliente (informação verbal)[30].

O informante diz que essa nova estratégia se dá prioritariamente em crescimento orgânico e pago nas Redes Sociais, isto é, a produção de conteúdo em *Facebook* e *Instagram.*

Adicionalmente, foi criado um *Blog*, no qual informações foram compartilhadas. E, além disso, dispõem-se de uma *Newsletter* mensal, com um banco de *mailing list* que identifica quem nos visitou. Há também aqueles que preferem navegar pelo site da Pousada. Encontra-se também a presença de buscadores, principalmente do *Google.* Em síntese, é feito todo um trabalho estratégico que posiciona a Pousada no mercado no que tange a seus concorrentes. Uma outra tarefa de fundamental importância é o monitoramento nos buscadores (*Google*) e nas redes sociais, em que se checa o posicionamento com relação à concorrência.

---

30 Gustavo Pinto.

Gustavo Pinto destaca ainda a procura pela otimização das vendas indiretas, via agentes e operadoras, em que é realizada, com regularidade constante, a qualificação da equipe de vendas de operadores de turismo e agentes de viagem, tanto no Brasil quanto no exterior. O informante tece comentários adicionais sobre os movimentos estratégicos utilizados:

> Nós participamos de eventos de turismo do setor não para o público direto de Turismo, e sim, com objetivo de captar novos clientes que a Pousada não tem relacionamento, sem esquecer a fidelização com aqueles que mais vendem a Pousada. Com isto, o relacionamento com as operadoras que já têm uma boa "fatia" das vendas é reforçado. Enfim, este é o nosso trabalho.

Exemplificou ainda que no início de novembro foi feito um treinamento com as operadoras de turismo em Londres, qualificando-as. São essas as dinâmicas de marketing tratadas da Uacari.

Ao ser questionado sobre os possíveis mercados que concorrem com a Pousada em termos de Pan-Amazônia, o entrevistado não tem dúvidas que os seus concorrentes não estão no Brasil e diz que outros hotéis de selva localizados na Amazônia Brasileira oferecem um produto por demais diferente da Uacari. Ou são hotéis luxuosos, ou populares, e também com relação ao produto, que tem características próprias. Ressalta que os hotéis de selva não dispõem de um índice tão significativo de avistamento da fauna que é encontrado na RDS Mamirauá, além da possibilidade de relacionamento com as comunidades locais.

O informante ainda enfatiza que só existe um empreendimento hoteleiro no Brasil que ele considera concorrente da Pousada Uacari, de nome Cristalino Lodge, no Mato Grosso. Este meio de hospedagem oferece um produto semelhante no que tange ao relacionamento com a comunidade. Tem também uma ampla relação de responsabilidade socioambiental e disponibiliza ainda avistamento de fauna, talvez até melhor que a Pousada Uacari.

Entretanto, falta ao Cristalino Lodge iniciativa de TBC. E nem poderia ter, porque é uma iniciativa privada, não está preocupado com questões de relacionamentos com os comunitários. Comunidade para esse tipo de empreendimento é espaço de mão de obra. Apenas deixam no local algum tipo de verba.

O entrevistado afirma que o turista que visita os países Pan-Amazônicos não necessariamente passam pelo Brasil ao decidirem ir para a Amazônia. Evidencia por sua vez, que "[...] o turista escolhe qual Amazônia visitar. Então, eu acredito neles como concorrentes sim. Desse modo, o Chalalan da Amazônia Boliviana é um concorrente, assim como o Kapawi, no Equador e a Posada Amazonas, no Peru" (Informação verbal).

Em Letícia, na Colômbia, também fronteiriça, existe um grande número de iniciativas de TBC, porém são pequenas, mas mesmo assim são concorrentes, devido ao acesso a elas ser o mesmo, via rio Solimões.

No que diz respeito, atualmente, às dificuldades que a Pousada encontra para vender-se, um desafio predominante é a criação e operacionalização de novos produtos de modo contínuo, porque hoje o mercado necessita de novidades, constantemente. Aponta que, no decorrer da história da Pousada, só foi trabalhado um produto. Em 2014, foram lançados outros produtos que eram pequenas variáveis do que já era feito. Cita, por exemplo: os pacotes de *birdwatch* e fotografia, em que o hóspede poderia sair em horários diferentes e o serviço era privativo, porém isso não constituía uma grande inovação.

O entrevistado ainda comenta que, recentemente, foram lançados novos produtos inovadores. Diz que foram disponibilizadas duas noites em Tefé e o visitante, assim, teria a possibilidade de conhecer regiões que não havia visitado. No entanto, isso se impõe como de difícil operacionalização.

Tanto clientes quanto empresas têm tecido comentários sobre as condições deterioradas da Uacari. Somente este ano, foram recebidas cinco empresas e todas comentaram que são necessárias reformas. No

entanto, o mais interessante é que a renovação da Pousada não depende de finanças. Verbas em caixa a Pousada tem, inclusive para as emergências. Ou seja, existem possibilidades de iniciar essa reforma. O valor, para tanto, custaria aproximadamente R$550.000,00 (quinhentos e cinquenta mil reais), inclusive dispõe atualmente de um fluxo bom de caixa para possíveis emergências.

Informa ainda que, para iniciar uma reforma, é preciso passar por três vertentes. Em um primeiro caso, tem-se todo um processo burocrático no IDSM, que está vinculado ao Ministério da Ciência e Tecnologia. Então, tudo o que está relacionado à Pousada passa por um processo de Edital de Concorrência, similar ao do Governo Federal:

> [...] e isso é um processo longo, toma tempo e precisamos de vários concorrentes. Temos a questão da estrutura física, que é única, sem falar que ninguém consegue executar o projeto aqui. E isso leva bastante tempo (informação verbal).

Segue o entrevistado tecendo comentários sobre a aprovação da reforma pela comunidade, por ser tratar de um projeto de alto investimento. Afirma que, no início de 2019, houve um grande encontro com os representantes das comunidades. E é sabido que para um projeto desse porte ser aprovado é necessário esse tipo de reunião que acontece uma vez por ano. O problema é que não se conseguiu aprovar nada ainda e o mercado não espera. Resultado: acaba-se perdendo vendas, pois os "[...] operadores só vão voltar a vender a Pousada depois da reforma, e isso é um desafio grande que estamos vivendo".

Alega o informante que a terceira vertente implica na imagem do Brasil no exterior. O país vive uma crise político-econômica bastante acirrada, que decorre das queimadas na Amazônia, o óleo que está chegando na costa brasileira, e por fim, a violência descontrolada no Rio de Janeiro, principal destino turístico brasileiro. Desse modo, isso vai gerando um impacto na intenção de visita do turista internacional.

O informante, quando perguntado acerca do que mais preocupa os operadores de turismo no exterior, analisa essa questão sob dois aspectos: um micro e outro macro. Com relação ao micro, diz que este está mais diretamente ligado à operacionalização da Pousada. E no âmbito do macro, diz que o turista para chegar à Pousada, viaja pelo Brasil todo e o pacote inclui: Foz do Iguaçu, São Paulo, litoral e o interior do Rio de Janeiro, região de Brasília, Pantanal e Nordeste. O operador turístico, ao montar esse pacote, precisa que o cliente pernoite em Manaus, além de reservar um segundo voo para Tefé. Por fim, chegar a Uacari de barco é um fator dificultador. Ele explica que:

> [...] quando o turista chega em Manaus, o Anavilhas Lodge pega ele direto enquanto que eu, ou arranjo um Hotel para ele em Manaus e tenho que fazer um *transfer* no aeroporto e, depois, *transfer* de volta para o aeroporto, e ainda pegar um avião que é mais um custo. Este ponto é uma dificuldade inerente à Pousada Uacari. É por isso, que temos um custo inferior que os outros hotéis de selva da Amazônia para conseguir concorrer um pouco com estas empresas.

Fica evidente neste depoimento as dificuldades que pairam sobre o operador, uma vez que para a vender a Pousada envolve toda uma logística que termina por encarecer seus custos.

Com relação ao perfil dos visitantes da Pousada Uacari, Gustavo Pinto esclarece que 65% são estrangeiros e apenas 35% são brasileiros. Dentre os turistas internacionais, 25% destes são norte-americanos. Os britânicos – em crescente demanda pela Pousada – perfazem um percentual de 12% a 15%. E demais visitantes divididos entre italianos, franceses, canadenses, holandeses, japoneses, australianos e alemães. Com relação aos latino-americanos, a visitação é baixa, muito embora sejam vizinhos. Essa baixa visitação se dá também com os asiáticos.

Para o entrevistado, a Pousada não é procurada pelos chineses, muito embora tenha interesse bastante em atingir esse mercado. Segundo ele, o perfil de viagem do turista chinês não se coaduna com o que a Pousada

Uacari oferece. Ele acredita que o desejo desse viajante se aproxima mais com aquilo que o entorno de Manaus oferece, e comenta o seguinte:

> [...] não digo nem os de luxo, os mais populares mesmo. Infelizmente é um turista que não é muito responsável. Não se importa muito com animal em cativeiro, em domesticação de fauna, eles querem ver uma dança de índio que seja encomendada, e não autêntica. Isso acontece muito com o oriental de uma maneira geral. O japonês, também, tem este perfil, por exemplo. Do africano (África do Sul), temos pouca demanda, vez ou outra.

Portanto, a Pousada Uacari é procurada por uma ampla diversidade de nacionalidades e tem a intenção de buscar novos mercados.

A Pousada Uacari trabalha suas estratégias de comercialização utilizando os mais diversos veículos de comunicação. Produz documentários, está constantemente aparecendo em programas de televisão nacionais e internacionais, em revistas tanto de informações gerais, quanto especializadas, além de revistas de bordo de companhias aéreas.

No que tange às ações de monitoramento das estratégias de comercialização da Pousada, o interlocutor explica que tudo que é produzido com relação a ela, esta é feita pela empresa contratada e também pela assessoria de comunicação do IDSM, que as divulga no seu site. Tem-se ainda a mídia estimulada, que recentemente lançou um programa novo do Ronaldo Becker que irá produzir uma reportagem sobre os pacotes da Pousada. Diz ainda que ao participar de eventos internacionais, contata a mídia e a convida para produzir conteúdos.

Ademais, Gustavo Pinto ressalta que as três comunidades (Boca do Mamirauá, Vila Alencar e Caburini), que historicamente prestam serviços à Pousada, estão iniciando seus próprios trabalhos de modo independente. Isso é por demais importante porque a Pousada tem um alto público ainda não atendido. As iniciativas comunitárias vão, de certo modo, interagir com a Uacari, resultando em um crescimento conjunto.

Quanto ao público nacional, Deuzeny de Oliveria Martins[31] diz que foi observado um aumento dos visitantes nacionais, como os militares do Exército de Tefé que, ao entrarem de férias, vêm para a Pousada passar em média dois dias, o que incrementa a movimentação turística. Além desse grupo visitante, casais também vêm de Tefé para a Uacari em número reduzido. A continuar, a referida entrevistada diz que a Pousada é procurada por investigadores – no período da cheia –, que pesquisam sobre a onça (*Phantera onca*). Ainda relata:

> [...] quanto ao Boto, os pesquisadores realizam palestras dos projetos aos turistas. Recebemos, também, pesquisadores da Água e Esgoto, que verificam o grau de poluição da água. Eles nos visitam pelo Instituto Mamirauá. Ressalto que os funcionários do Instituto ficam hospedados numa base. Agora, quando tem presença de pesquisadores estrangeiros, eles, os turistas, ficam hospedados na Pousada.

c) Relação da Pousada Uacari com o IDSM

Ao ser inquirida sobre a relação da Pousada com o IDSM, a informante diz que a relação é boa, amigável e intensa, praticamente seria o único parceiro com quem a Uacari pode contar, pois afirma que a Prefeitura de Tefé não demonstra nenhum interesse em participar de nenhuma parceria. O IDSM está sempre presente quando da realização de cursos, de capacitações, de viagens, para buscar novas premiações. Enfim, a todo momento, o Instituto está presente. Enfatiza que no processo em curso de transferência de gestão, o IDSM tem demonstrado um grande empenho, facilitando o entendimento e incentivando seu caminhar.

---

31 Gerente da Pousada Uacari e Vice-Presidente da Comunidade do Caburini.

d) Transferência da Gestão da Uacari

Segundo Deuzeny Martins, no que tange à transferência de gestão, informa que os comunitários não estão preparados, no entanto, bastante empenhados para receber a gestão. Contudo, diz ainda a entrevistada que o que falta mesmo é interesse, união, conhecimento e informação dos próprios comunitários. Prossegue afirmando que as pessoas das comunidades precisam se empenhar mais e finalmente entender o porquê da existência da Pousada Uacari lá, bem como saber os benefícios que ela proporciona e futuramente o que pode trazer a mais para as comunidades. Mas todo esse quadro informativo não chega aos moradores mais distantes. Esse conhecimento só é disponibilizado para os que trabalham na Pousada, que são sabedores da importância de se abraçar essa causa, que pode se traduzir como fonte de renda para os comunitários.

Com relação à transferência da gestão da Uacari, a entrevistada Divina Coelho Rodrigues[32] acha que a Pousada deve ser gerenciada por comunitários e que se faça uma boa Governança. Manifesta também que se sejam colocadas à frente desse processo pessoas capacitadas e com experiência para dar continuidade ao trabalho. Cita também a necessidade de serem feitas parcerias que venham contribuir para a Governança e assim afastar o risco que esse trabalho termine e acabe por prejudicar a comunidade. E ainda acrescenta que sem fiscalização é impraticável manter o Ecoturismo.

A interlocutora Divina Rodrigues finaliza com palavras que expressam sua consciência ecológica: "[...] precisamos ter fiscais atuantes, e não deixar pessoas acabarem com os peixes, com as onças, com os macacos, com as aves, com as árvores, porque sem eles nós não somos nada" (informação verbal).

---

32 Guia local da Pousada Uacari e moradora da Vila Alencar.

e) Visão dos atores sobre o turismo de base comunitária

Atualmente, a informante Deuzeny Martins tem uma visão sobremodo larga do TBC. Para ela, o TBC é um lugar para viajar, um lugar de conhecimento, de descoberta de valor e de determinação. Ela diz que quando esse modelo de turismo chegou foi para incentivar, para valorizar o meio ambiente, que a atividade turística os ensinou a dar mais valor para tudo:

> Antes, a gente jogava lixo no chão, desmatava. Então, quando a Pousada foi criada nos trouxe este incentivo para nós. A gente observava no rio a jangada cheia de tora de madeira, fazíamos queimadas, matávamos os pássaros. Hoje, nós não fazemos mais isso. A chegada da Pousada nos fez enxergar que estávamos acabando com o nosso meio ambiente e, que, futuramente, íamos sofrer. Então, o Instituto trouxe uma luz para a comunidade. Antes, a gente achava que estávamos fazendo a coisa certa, mas não, estávamos agindo errado.

Outra argumentação que a gerente da Pousada apresenta para o entendimento do TBC é que seu genitor antigamente "[...] ia rapidinho no Rio e pescava um peixe Tambaqui enorme para o almoço. E para a nossa janta também. Ele relata que começaram a acabar com os peixes, tudo mais escasso. Até o Peixe-boi (*Trichechus manatus*) era fácil de vê-lo, agora, está mais difícil". Conclui dizendo que, em trabalhando na Pousada, adquiriu a consciência da necessidade de preservar a natureza. E sente que os outros moradores ainda não têm essa consciência e continuam maltratando o meio ambiente natural.

Segundo Divina Rodrigues, o TBC praticamente revolucionou sua vida. Deu-lhe consciência de sua realidade, da importância do turismo para a comunidade, além de lhe garantir uma renda:

> [...] antes não tínhamos uma Renda Familiar, trabalhávamos diretamente na roça. Hoje fazemos um pouco de cada, roça e trabalho externo. Antes, só trabalhava quem era professor, quem tinha nível de estudos, e nós não tínhamos como trabalhar. Hoje com o Ecoturismo,

> ajudou muito as famílias da comunidade. Com a nossa renda, fruto do trabalho, podemos comprar outras coisas, como construir uma boa casa, adquirir TV, ventilador, cama, parabólica, bens, igual como os moradores da cidade.

E finaliza sua visão sobre o TBC afirmando da necessidade de se receber bem o turista. Insiste também na importância de ajudar no que diz respeito às informações sobre a comunidade, realçando a transmissão de conhecimentos sobre o modo de viver dos locais.

Indagada sobre o TBC na localidade, a entrevistada Diana Mayra comenta que é um trabalho por demais bem planejado e organizado, e conseguindo se valorizar, o que se encontra no Brasil. O que se espera disso é que os turistas saiam daqui com uma boa visão do que vivenciaram. Então, relata a entrevistada:

> [...] o trabalho realizado aqui não tem como descrever, principalmente por se tratar de um Turismo de Base Comunitária, onde lidamos com pessoas que não tem um nível alto de esclarecimentos/instrução mas, mesmo assim, isso não é um problema para elas, em virtude da organização. Os comunitários sabem a importância que é fazer este trabalho e buscam sempre o aperfeiçoamento de suas tarefas, melhorando os seus conhecimentos sempre.

Em cômputo geral, o trabalho de TBC satisfaz em muito tanto os turistas estrangeiros quanto os brasileiros principalmente no que diz respeito à sua organização.

f) Estrutura organizacional e dinâmica da Uacari

De acordo com a gerente, a estrutura organizacional da Pousada está feita da seguinte forma: a Gerência propriamente dita; a Coordenação de lazer, responsável pelos passeios; a Supervisão de manutenção, que lida com reparos e consertos na Pousada; a Supervisão de A&B, incumbida de

alimentação e bebidas, bem como a verificação dos trabalhos de camareiras e a zeladoria, que faz a limpeza dos flutuantes.

A seguir, Deuzeny Martins explicita como é o seu labor no dia a dia. Ao chegar ao trabalho pela manhã antes das 6h30, a gerente verifica se há novos turistas e em seguida procura se certificar sobre a mesa do café-da-manhã, recebendo e dando boas-vindas aos hóspedes. Logo depois, se reúne com a equipe de trabalho (Fotografia 57) para saber das ocorrências da noite anterior. No caso de haver algum episódio, procura os coordenadores para repassar o ocorrido e corrigir falhas. Encarrega-se também da prestação de contas e verificação de e-mails. Na sequência, realiza contatos com Tefé, para ficar inteirada da logística, por exemplo, quem está embarcando, como será o transporte para a semana, o número de turistas e se tem alguma demanda de pedidos especiais para ser providenciada.

Fotografia 57 - Parte da equipe de trabalhadores da Uacari



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

E mais, a entrevistada analisa as planilhas dos trabalhadores – quem terminou o Plantão e quem precisa ser substituído –, controla a reserva de

Turista, procura as camareiras para verificar a situação dos quartos, verifica o estado das goteiras e repassa para o Supervisor de Manutenção. Além disso, organiza o grupo de Turistas que não vão aos passeios com os Supervisores de Lazer, e sim com ela. Por fim, lança mão da planilha de combustível.

No que concerne à preparação dos alimentos aos turistas, a Pousada, segundo Deuzeny Martins, disponibiliza sua alimentação de acordo com cada grupo de turista. Todos os dias são pratos diferentes, tanto no almoço quanto no jantar, servidos no restaurante (Fotografia 58). No café-da-manhã (Fotografia 59), são servidos tapioca, omeletes, ovos fritos, dentre outros itens. Ela diz que a equipe da cozinha é muito criativa na elaboração dos cardápios (Fotografia 60). Essa diversidade se encontra também na preparação das sobremesas.

Fotografia 58 - Restaurante da Uacari



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Fotografia 59 - Mesa do café-da-manhã



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Fotografia 60 - Almoço



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Deuzeny Martins comenta que é importante que se diga que o staff da cozinha está sempre pesquisando na internet o que melhor oferecer aos hóspedes, uma vez que a Pousada não dispõe de nutricionista. Em se tratando de hóspedes vegetarianos ou com restrições alimentares, isso é anotado no controle de reserva para que se providencie os ingredientes, antes da chegada do visitante à Pousada.

Ao ser indagada sobre sua experiência como guia local, Divina Rodrigues relata que trabalha na Pousada há 16 anos. Diz assim:

> [...] fui experimentando devagar cada área da Pousada. Eu comecei a trabalhar em 2004 como Copeira, fiquei nessa primeira função durante três anos. Como Auxiliar de Cozinha permaneci por dois anos. Já como Cozinheira, passei dois anos e como Camareira eu demorei mais tempo, foram oito anos. Em abril de 2018, eu fiz o curso para Guia Local, então tenho mais de um ano trabalhando nessa função, somente aqui na pousada.

Com essa trajetória na carreira da informante, verifica-se que galgou os mais diversos setores de um meio de hospedagem, e o seu conhecimento dessa realidade a levou para a sua atual função de guia local.

No que diz respeito a essa nova função, a informante Divina Rodrigues esclarece que, apesar de julgar seu trabalho leve, ele é pleno de responsabilidades. Na época da estação seca, ela pede para que as pessoas não peguem pedaços de madeira durante o percurso de uma trilha, pois poderia haver bichos escondidos, como cobras (*Serpentes*) e escorpiões (*Scorpiones*). Da mesma maneira, ela alerta os cuidados de não se colocar a mão em água por causa dos jacarés (*Alligatoridae*) e piranhas (*Pygocentrus nattereri*). Acredita ainda que é necessário que tenha responsabilidade com relação aos hóspedes que se está guiando. A informante conclui que para ser guia local, precisa conhecer bem o ecossistema e, por outro lado, nunca deixar o turista sozinho.

Em fazendo uma reflexão, a informante vai se reportar a tempos anteriores, quando observava outros guias trabalhando e não achava a função importante. Hoje, sua visão mudou, a entrevistada tem a devida consciência do que é participar de cada área de trabalho para entender a responsabilidade de cada um.

Ao ser entrevistada sobre o seu fazer diário de trabalho como estagiária e orientadora de ecoturismo da Pousada Uacari, a entrevistada Diana Mayra Coller[33] relata que, após a chegada dos turistas na pousada (Fotografia 61), ela os recepciona e faz o *check-in.* Em seguida, apresenta a equipe (Fotografia 62) e repassa informações e regras, assim como os horários de passeios.

Fotografia 61 - Chegada de visitantes na Uacari



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

[33] Estudante de Ciências Biológicas na Universidade Estadual de Maringá, Paraná.

Fotografia 62 - Momento de integração entre o staff e visitantes



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

A continuar, a entrevistada, acompanha os guias locais aos passeios (Fotografia 63), transmite informações aos turistas sobre a fauna e a flora, faz o avistamento de animais e fala sobre a biologia destes. Além disso, descreve-os em inglês, respondendo a perguntas e dúvidas. No dia seguinte, acompanha os turistas estrangeiros no café-da-manhã e ajuda a equipe da cozinha, entregando os pedidos e interagindo com todos.

Fotografia 63 - Passeio guiado



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

No que concerne às dificuldades apontadas pela entrevistada durante o tempo de trabalho na pousada com relação aos guias locais, como costumam receber turistas estrangeiros, e sabem que a estagiária domina o inglês, ao chegarem brasileiros também querem que esta os acompanhem, o que é desnecessário, segunda a informante. Percebe-se, portanto, nessa questão um ruído de relacionamento profissional.

O idioma inglês acaba sendo uma falta muito grande para os guias locais, segundo a informante. Ocorre que o visitante sempre pergunta primeiro para mim para poder se comunicar com eles. Então, tem-se que estar de prontidão para atender ao turista estrangeiro em diversas situações: com relação ao pagamento da pousada, algum problema técnico com relação à camareira, enfim, sempre há esse empecilho da língua na comunicação.

Acerca do *tour* nas comunidades, diz que é uma atividade muito interessante, precisamente porque a maioria dos turistas que vêm à Amazônia, acham que vão encontrar indígenas vivendo uma realidade por demais primitiva. Ao chegarem, deparam-se com uma situação sobremodo diferente. Percebem que os comunitários, mesmo tendo uma baixa renda, são mais desenvolvidos do que se imaginava. Portanto, o seu olhar muda e começam então a enxergar as dificuldades pelas quais os comunitários passam. O preconceito cai por terra.

Segundo a informante há diversas categorias de turistas. Em primeiro lugar, aqueles que gostam de observar os pássaros, os *birdwatchers* (Fotografia 64). Outros dão importância aos primatas e querem observar o macaco Uacari. Ainda há aqueles que querem ter um contato mais estreito com a comunidade, e assim compreender a cultura local. Tem também os turistas que se interessam pela vegetação (Fotografia 65) e há quem esteja aberto a tudo, sem foco.

Fotografia 64 - Observadora de pássaros



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Fotografia 65 - Grupo de turistas em passeio

Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Ao fazer um breve relato sobre a vivência dos turistas na área, constata-se que há turistas que reclamam por não conseguirem, às vezes, visualizar o macaco Uacari. Outros protestam com os passeios à comunidade de

barco, são os querem fazer muitas trilhas. No entanto, no geral, o visitante sai contente. Com relação à hospedagem na pousada, reclamam por falta recorrente de energia e pelo pessoal que trabalha não dominar plenamente o inglês. Mas no que diz respeito aos serviços prestados em sua localidade, a Pousada agrada.

O modo de viver das populações locais, bem como seus aspectos socioculturais retratam ainda o produto ecoturístico da Pousada Uacari, que está localizada em área remota e protegida, o que adiciona um elemento a mais de autêntica experiência e, sem dúvida, é um diferencial para os visitantes. Um atrativo a mais é a possibilidade de haver interação entre os visitantes e os pesquisadores (Fotografia 66) que desenvolvem estudos na área, o que aprofunda o conhecimento dos interessados sobre o ecossistema.

Fotografia 66 - Grupo assistindo palestra



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

g) Ações para a preservação do meio ambiente

Diz a entrevistada no quesito meio ambiente da RDS Mamirauá: "[...] a Pousada não trabalha com questão de ação de preservação. Mas o Setor Mamirauá disponibiliza de um Grupo de Fiscais Comunitários que fazem

um rodízio dos trabalhos percorrendo todas as comunidades" (informação verbal). A Pousada tem uma preocupação em separar tanto alimentos quanto recipientes, no entanto, não faz reciclagem. Nesse sentido, o Barco da troca vai uma vez por mês à Pousada e se encarrega de levar papéis, latas e vidros para Tefé. Com relação ao restante de material orgânico, as próprias pessoas da Pousada se encarregam de depositá-los em cavidades na terra.

h) Melhorias e desafios da Pousada Uacari

Quando perguntada sobre possíveis melhorias que podem ser feitas na Pousada, Deuzeny Martins afirma que a AGEMAM precisa ampliar as parcerias, para que o trabalho não se torne tão difícil. Além disso, aponta para a necessidade de uma reforma estrutural na Uacari. Elenca também, no que tange aos principais problemas que o empreendimento enfrenta, o atraso no pagamento dos trabalhadores e explica que:

> [...] antes, isso não acontecia. Um outro fator são os trabalhadores que só comparecem de dois a três dias e depois não vêm mais, deixando os outros na mão. Precisamos, também, de mais diálogos para se entenderem, porque sem união não podemos crescer e realizar um bom trabalho.

A respeito dos desafios da Pousada Uacari, a guia local Divina Rodrigues salienta que os comunitários precisam agir com maior responsabilidade e não comparecer apenas para receber salários. Além disso, insiste na maior participação dos comunitários com suas ideias, apoios e interesses para a transferência da Pousada.

Menciona Diana Mayra como um dos principais desafios a serem suplantados no TBC é a dificuldade de falar-se o idioma inglês, o que, a seu ver, já deveria estar mais avançado o processo de domínio da língua. Outro ponto a destacar-se é a rotatividade de pessoal que é muito alta: "[...] não sei se tem algum critério para a escolha das pessoas aqui, mas percebo

que tem uma organização bem elaborada, pois são bem preparadas para que este serviço não seja desvalorizado" (informação verbal). Evidencia-se que, apesar de a organização do TBC ser bem elaborada, continua como um entrave para o turismo, ainda mais a falta de domínio da língua inglesa, visto que o estrangeiro é o que mais procura a pousada.

A entrevistada paranaense diz ainda que a oportunidade de trabalhar em meio à maior biodiversidade do mundo, a Amazônia, vai melhorar em muito o seu currículo. E que seu trabalho de estagiária está contribuindo com a RDSM.

i) Papel da Associação de Auxiliares e Guias de Ecoturismo do Mamirauá (AGEMAM) e Associação de Produtores do Setor Mamirauá (APSM) e suas respectivas dinâmicas

Ao entrevistar o Presidente da AGEMAM, principal associação comunitária local que presta serviços à Uacari – nem todos os comunitários são associados, mas podem vir a ser –, Jonata Coelho Martins[34], ele afirma que a mesma pertence a todas as comunidades do Mamirauá, pois, " [....] Antes éramos dez comunidades, hoje, somos oito comunidades, que são: Caburini, Vila Alencar, Boca do Mamirauá, Sítio São José, Jaquiri, Tapira e Sítio Promessa (informação verbal). Os sócios da Associação pagam uma taxa de R$15,00 (quinze reais) e todos exercem algum tipo de trabalho na Pousada. Explica que os sócios foram contratados pelo IDSM e têm um Convênio com este. Detalha que no setor de Alimentos e Bebidas, a AGEMAM, tem 51 associados, partícipes de todas as comunidades e na área de guiamento local são 48 associados. Em breve, serão abertas mais 100 vagas, que significa mais pessoas associadas trabalhando, conclui o entrevistado.

---

[34] Guia da Uacari e artesão.

Segue explicando que quando o turista paga a hospedagem, o dinheiro vai para o Instituto, que, por sua vez, repassa-o para a AGEMAM para, posteriormente, ser efetuado o pagamento aos trabalhadores. E por conseguinte, revela o fluxo de como esse recurso é distribuído: cada comunidade tem uma pontuação de até dez pontos durante o ano. Quando chega o final desse período, faz-se uma avaliação e verifica-se quais comunidades estão envolvidas e exemplifica o seguinte:

> A comunidade da Boca do Mamirauá, ela tem que estar envolvida em qualquer atividade que o Setor esteja fazendo, seja em reuniões, ou em vigilância, ou se é em trabalho conjunto com as outras comunidades, entre outras. [...] Então, quando a comunidade não participa das reuniões do Setor durante o ano, já vai perder um ponto. Se encontramos alguém da comunidade invadindo alguma área que não pode, é menos um ponto.

Assim, conclui que a comunidade que tem menos pontuação tem menor lucro. E, por outro lado, aquela que sempre está colaborando ganha uma pontuação bem mais alta. Portanto, essas são as regras praticadas e acordadas entre o IDSM, a AGEDAM e os comunitários.

O Presidente da AGEMAM informa que em 2018, as comunidades recebem em média R$12.000,00 (doze mil reais). Esse dinheiro é usado de diversas maneiras. Na Boca do Mamirauá, por exemplo, segundo o informante, foi aplicado na reconstrução da caixa de água e também no projeto da Casa Comunitária.

Diz ainda, Jonata Martins, que está sendo investido em outros projetos como o do Caburini, que é o projeto da Casa Canarinho. Em resumo, o dinheiro não é distribuído individualmente, mas utilizado de modo coletivo, somente para projetos comunitários, o que significa que todo mundo se beneficia. Com relação à aprovação dos projetos, se dá não apenas pelo Presidente, mas por meio de uma reunião ou assembleia com toda a comunidade, porque a comunidade é quem sabe do que se está necessitando.

Jonata Martins comenta que por meio da Diretoria da AGEMAM, buscam-se recursos e conhecimentos, e enfatiza que devido estarem em processo de transferência, a Associação tem um papel fundamental dentro da Pousada, ou seja, é o coração, porque todos os trabalhos são focados na Uacari.

Sobre a questão da discussão acerca da transferência da Pousada, o Presidente da AGEMAM diz que estão preparados para assumir. Já dispõe de mão de obra e sabem como expandir a Pousada para outros lugares. Por outro lado, afirma que ainda faltam conhecimentos de marketing, de computação e inglês. Esses fatores emperram o processo de transferência de gestão por dois anos. Mas, diz que, em 2019, foi criado um grupo para tratar da transferência, composto por seis pessoas distribuídas equitativamente entre a AGEDAM e APSM.

A dar continuidade, o entrevistado diz que a ideia é:

> [...] ir até o ano de 2022. Este é um projeto, totalmente do Instituto Mamirauá, e não das comunidades. Então, como eles iniciaram o projeto, eles têm um sonho de transferi-lo para as comunidades e, também decidem se as comunidades estão preparadas para receberem. Eles podem estender o processo, visto que não temos nenhum papel assinado com o Instituto, dizendo que em tal dia será repassada a pousada para nós. Então, se não tivermos preparados podemos prolongar a data da entrega.

Entretanto, afirma que o IDSM não pode repassar o projeto com essa envergadura de 20 anos sem total segurança. É necessário ter absoluta confiança no que se está fazendo, e completa: "[...] ambos estão inseguros, porque não podemos aceitar um projeto desse tamanho, sem um conhecimento local do mesmo. O Instituto é um parceiro nosso. Nós já trabalhamos há um longo tempo juntos" (informação verbal). Nota-se que a questão da transferência da gestão da Pousada para os comunitários ainda está em processo de construção, apesar de já encaminhada e bastante discutida.

Ao ser indagado sobre a visão que a AGEMAM tem sobre o TBC, o Presidente responde que a Associação tem uma visão ampla dessa realidade pois:

> [...] a gente pensa em todos, a gente vai ter esse grupo aqui, pensa em incluir todos. Em expandir o nosso trabalho para outros lugares. Hoje o projeto das pousadas é um projeto pioneiro que ocorreu. Precisamos estender. Tem lugares aqui, que não tem o que a gente tem. E mostrar para outras pessoas entenderem, e fazer esta proteção que a gente faz.

A partir dessa compreensão, pode-se afirmar que o que está sendo feito nessas comunidades está obtendo um relativo sucesso. As pessoas estão conscientes do que se está realizando – inclusive com relação ao meio ambiente.

A Pousada Uacari responde bem a essa visão pelo trabalho que desempenha e por sua influência nas comunidades que têm sido beneficiadas pelo TBC. E isso fica patente quando o entrevistado coloca que se pode pensar em expansão desse tipo de projeto para outros espaços na região, o que ele não diria se não tivesse um respaldo para tanto.

No que respeita ao trabalho que está em desenvolvimento pelas três comunidades mais envolvidas com o TBC na RDS Mamirauá, o entrevistado destaca a primeira comunidade, a Boca do Mamirauá, com mais de cinco anos de iniciativas. Fala que a segunda foi o Caburini, que atualmente está com um "super projeto", inclusive essa ideia se abriu para outras. A última comunidade a aderir ao projeto de TBC foi a Vila Alencar. Todavia, muitas pessoas não querem sair da sua comunidade para trabalhar na Uacari, pois estão desenvolvendo suas próprias ideias no espaço onde residem.

E isso é importante porque a essência do TBC é justamente a tomada dessa consciência de autogestão, o que faz com que as pessoas comecem a desenvolver e oferecer produtos e serviços turísticos com base comunitária, independentemente de quaisquer outras instituições, apesar das necessidades de parcerias.

Um dado a ser comentado é que a maioria das pessoas que trabalham na Uacari é jovem, estão sobremodo envolvidos e incentivados com o que estão fazendo, junto com outros jovens. Vê-se o depoimento de Jonata Martins: "[...] somos nós, jovens, que precisamos levar adiante este trabalho, porque as pessoas antigas que iniciaram naquela época estão mais idosas e, portanto, cansadas [...]" (informação verbal). Em certas comunidades que estão iniciando o turismo, os jovens dão apoio ou estão tentando ser protagonistas da atividade turística.

Um dos principais problemas apontados por Jonata Martins sobre a participação dos sócios na AGEMAM é que as pessoas não se sentem envolvidas com o trabalho, e diz que a Diretoria da entidade busca recursos sozinha. Completa afirmando que a causa, segundo ele, é a falta de divulgação sobre a importância do trabalho para os comunitários. Finaliza o entrevistado fazendo uma indagação: O que adianta termos 100 associados, se poucos participam?

Em fazendo avaliação desses 20 anos de existência da Pousada, esta é vista como ponta de lançamento do turismo na região. Jonata Martins afirma que o espaço havia sido quase que totalmente destruído. As pessoas matavam os jacarés, pescavam em demasia, derrubavam árvores, dentre outras ações deletérias.

Prossegue o entrevistado enfatizando que hoje o trabalho realizado dentro da Reserva mudou sobremodo essa realidade, e mais, transformou o morador em outro tipo de pessoa que agora pensa no próximo, que cuida do ambiente. Porque o TBC é pensado não apenas como busca de dinheiro, mas também é visto como um protetor para a floresta. E esta é vista como um bem precioso para cada um dos comunitários. O turismo que é realizado hoje trouxe uma nova visão sobre a natureza, algo que os antigos não viam. Além do mais, o turismo propiciou a recuperação de espécies de peixes, de macacos, quelônios e outros. Em resumo, o turismo nos apoia de diversas maneiras.

Os próximos desafios da AGEMAM, segundo seu Presidente, são muitos. No momento, de acordo com o entrevistado, está centrando esforços na transferência no sentido de buscar conhecimentos com a língua inglesa. Isso se dá na feitura de um projeto para trazer pessoas voluntárias para o setor. O projeto destina-se a ajudar a comunidade trazendo um professor de inglês para que as pessoas possam interagir melhor com os turistas. Em suma, é extremamente necessário que os guias aprendam esse idioma, tenham conhecimento sobre computação, bem como de gestão de pessoas. Um dos objetivos principais da AGEMAM é capacitar e encetar parcerias para essa transferência futura da gestão do empreendimento.

A APSM, associação-mãe, presidida pelo Sr. Antônio Marião Cardoso, foi criada com o objetivo de atender a vários trabalhos, como o manejo de pesca e da madeira, o artesanato, bem como o Ecoturismo, dentre outros benefícios. Essa associação engloba oito comunidades: Boca do Mamirauá, São José do Mamirauá, Pirarara, Comunidade do Promessa, Comunidade Vila Alencar, Caburini e Aldeia Jaquiri.

Diz seu Presidente, ainda, que era imprescindível uma associação que estivesse próxima às comunidades. Então, foi realizada uma pesquisa durante dois anos para se medir a necessidade de sua fundação. Foi verificado como a mesma poderia ser mantida, que fundos seriam utilizados até se concluir que a criação dessa entidade seria fundamental para o Setor. Hoje, essa associação tem 120 sócios que pagam uma taxa de R$ 1,00 (um real) mensalmente. Isso se dá devido à APSM não viver desse tipo de mensalidades, e sim de outros fins que a Associação traz dos próprios recursos, como o de vigilância.

Ressalta o Sr. Antônio que o Setor Mamirauá se destaca, principalmente na área financeira. Este setor engloba o ecoturismo e parte do manejo. Diz que já produziu muito e não para de produzir. E ainda fala: "[...] trabalhamos 12 meses por ano, ininterruptamente. Isso produz um recurso financeiro bem significante para o Setor, sendo o mais importante dentro da Unidade

da Reserva Mamirauá" (informação verbal). Utiliza o entrevistado uma especial metáfora dizendo que o Mamirauá é um "Estado" que comporta uma região que comporta de quatro ou cinco municípios, divididos em 18 setores. O Mamirauá é um deles.

A APSM tem uma parceria muito sólida a une à Pousada e ao IDSM, que é o responsável pela gestão. Ressalta o Presidente da Associação que não está ainda totalmente com a gestão da Pousada, mas existe uma previsão que ela se complete. Informa ainda que as áreas pertencentes à APSM foram repassadas do Estado para esta. Dessa maneira, a entidade tem ainda a função de vigiar e cuidar para que não haja invasão das madeireiras e também com relação aos pescados. Por conseguinte, a Uacari repassa para a APSM parte de seu recurso financeiro. Anualmente, recebe um percentual equivalente a R$ 15.000,00 (quinze mil reais) e R$ 18.000,00 (dezoito mil reais).

A APSM conta também com outra parceria, a pesca esportiva que ajuda bastante na área. Essa alternativa, segundo o entrevistado, buscou-se com mais um parceiro para atrair mais turistas. É uma atividade que interessa muito à Pousada, porque movimenta a cozinha e a hospedagem. Informa que a empresa com a qual a APSM se ligou é quem vende os pacotes de pesca esportiva, tanto no mercado nacional quanto internacional. Com esse tipo de ajuda, são pagas as diárias dos vigilantes, porque esses não são mais voluntários. Com relação à nacionalidade dos turistas, os estrangeiros mais frequentes são os norte-americanos, os alemães, os japoneses, os peruanos, os argentinos, os colombianos. Já os brasileiros são poucos, conclui o entrevistado.

Sobre a visão que a APSM tem sobre o Ecoturismo de Base Comunitária, o Sr. Antônio Cardoso reputa como muito importante o papel que o IDSM desempenhou, trazendo para os comunitários um novo olhar sobre o Ecoturismo. Atualmente, não só se fala sobre o turismo de fauna, mas pesca esportiva também, conquista demorada que, no entanto, conseguiu-se vencer por meio de pesquisa de projeto-piloto. Estava-se repleto de

dúvidas, não se acreditava que os peixes daqui seriam enganados comendo iscas artificiais. Mas, sabe-se hoje que isso é um fato.

No que tange aos benefícios para as comunidades durante estes anos, com a implantação do turismo, o entrevistado afirma que se conquistaram muitos benefícios, até emprego direto, que proporcionou a retirada de cima da natureza daquele peso de só pescar ou explorar a madeira para vendê-la. Ao chegar o turismo, tudo isso mudou.

Existem dois tipos de ajuda financeira: benefício individual – quando se trabalha, recebe-se o próprio recurso; e o benefício social – quando a comunidade recebe a verba da Pousada, relata o entrevistado. Decidem-se, então, as necessidades para a compra de bens, como gerador, alimentação, tanques para água, canoa de madeira e de alumínio, motor de poupa, motor rabeta, telhas, dentre outros.

No que respeita aos benefícios culturais, o entrevistado diz que os bens da cultura vêm junto ao já relatado. É importante dizer que com relação a esses aspectos, está-se resgatando a história de antepassados indígenas, sem falar no esporte, importante para a comunidade, bem como o envolvimento das mulheres com essa área esportiva.

Ao perguntar-se sobre qual seria a comunidade do Setor Mamirauá mais beneficiada em termos de geração e renda, o Presidente da APSM diz que as comunidades próximas são as mais beneficiadas. Porém, enfatiza que todas se beneficiam de alguma maneira, e cita a si próprio como exemplo:

> Eu trabalho nessa gestão. Se disponibilizamos 50 vagas numa temporada, eu divido com todos os membros. Mas, é necessário ser sócio da APSM e participar sempre das capacitações como a de cozinheiro, merendeiro, guia de motor para pesca, curso de capitânia. Sabemos que o turista precisa de pessoas qualificadas, quando precisar que dirija a sua lancha, e com conhecimento sobre a área, identificando locais no rio com pontas de madeira, evitando riscos e/ou acidentes.

Isto posto, revela a importância que se deve dar à capacitação para as pessoas que estão trabalhando na Pousada e nas comunidades, visto que o turista necessita de informações e capacidades para serem bem orientados.

A prosseguir, o informante revela que aproximadamente 95% dos associados trabalham com o setor de turismo. Diz que se o associado não trabalha na Uacari, este vai ser beneficiado de outro modo, ou seja, vendendo artesanato ou como guia comunitário, orientando os turistas que passam dias na Pousada. Ou seja, tudo é fator de geração de renda. Entretanto, não se diz satisfeito porque quer muito mais, chegar a 100% de satisfação. E finaliza com a seguinte frase: "Sabemos que é difícil, mas vamos lutar para alcançar" (informação verbal).

Na opinião do Presidente da APSM, no que concerne à transferência de gestão da Pousada, afirma que alguns comunitários acham que não estão preparados. No entanto, na sua apreciação, diz que está sim, e para isso reforça que tem parceiros que os ajudarão mais na frente. A Pousada, a seu ver, vai trabalhar muito mais de acordo com o que pensa. Fez-se a parte financeira e de gerência. A APSM tem gerado mais de R$ 200.000,00 (duzentos mil reais) por ano, e tudo passa pelo controle da Associação. Alega ainda, que já está no sexto mandato, o que pode significar para ele competência.

Sobre os principais problemas da APSM atualmente, o informante tece comentários acerca de alguns desafios a serem enfrentados, como o fortalecimento em recursos financeiros para a melhor a vigilância na observação da RDS Mamirauá. Informa que se trabalha em períodos de quinzena, agendando trabalhos com pessoas de diferentes comunidades. Essa vigilância é realizada durante a noite e é feita de lancha, e se percorrem 22 quilômetros de área.

Segue o entrevistado dizendo que entre outros desafios encontra-se o aprendizado da língua inglesa, que não é obrigatório, mas é necessário. Espera-se que isso seja definitivamente implantado nos próximos anos. No

entanto, mesmo depois de muitas conversas com ISDM, nada foi realizado nesses termos. São pouquíssimas as pessoas que, de fato, dominam a língua, com exceção dos guias naturalistas, como o de pesca, que comanda, sozinho, os grupos de turistas.

Mas, o maior desafio de todos, de acordo com Antônio Cardoso, é manter a Pousada por 20 ou 30 anos. O que realmente se quer é que a Uacari não seja um projeto que termine e sim se constitua um processo que estará à frente dessa geração atual e assim continue. Outrossim, salienta que o mercado é um desafio por demais forte para conseguir-se manter isso aqui do modo como está, e cita como exemplo o trabalho que os vigilantes desenvolvem, que garante o mínimo de impacto possível. E o resultado disso é que o turista quando chegar na Reserva encontrará os animais, as aves e os peixes no seu real estado de natureza.

Como relação a iniciativas próprias no que tange ao meio ambiente, a ASPM faz um rodízio de trabalho nos meses de janeiro a abril. Dessa maneira, cada comunidade específica cuida de sua área por uma semana, e por outro lado, encaminha de cinco a quinze comunitários para zelar o espaço, e isso se dá de modo voluntário. Em se falando de participação comunitária da mulher, as mesmas têm sua função. Antigamente, diz ele, elas viviam na cozinha, mas agora elas se reúnem para participarem de discussões e exercerem outras atividades, como a de vigilância, por exemplo, recebendo o mesmo que os maridos.

A comunidade de Boca do Mamirauá e o Turismo de Base Comunitária

O subitem ora apresentado tratará da comunidade de Boca do Mamirauá em seus vários aspectos, perpassando pela sua história, mesmo que modo resumido, por questões infraestruturais e turísticas, dentre outras.

a) Considerações iniciais sobre a história da comunidade

Para se compreender como o TBC apresenta-se na comunidade Boca do Mamirauá (Fotografia 67), é importante que se atente para os relatos de seu Presidente, Tito Jonas Cavalcante Martins, que é guia, barqueiro, esportista e pescador, que ainda trabalha na Coordenação de esporte do Interior pela Prefeitura. Revela que gosta de dar entrevistas e que apareceu no Globo Esporte, como também na Band e na Record. Participou também em uma televisão do Rio de Janeiro, como ator comunitário para o Globo News.

Fotografia 67 - Comunidade Boca do Mamirauá



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Far-se-á um breve histórico sobre o surgimento da comunidade, que tem 42 anos de idade.

Diz o Sr. Tito Martins que a comunidade foi fundada pelo seu genitor, Joaquim Martins, já falecido. Relata que a Boca do Mamirauá começou com três casas, em 1978: a do seu pai, a do seu cunhado e a do seu Iziel. Depois de algum tempo, chegou outro cunhado, que foi trazendo aos poucos outros parentes. Assim, foi iniciada essa primeira comunidade. Tinha-se, então,

o apoio do Prefeito de Alvarães, que doou sete casas para outras pessoas. Depois de seis anos, esses moradores se foram. Em seguida, chegaram outros, que estão na comunidade até hoje, a perfazer um total de 20 famílias, o que dá, aproximadamente, 110 moradores. Muito interessante, diz o informante, que antes do seu pai falecer, ele deixou "[...] como conselho que cuidasse da nossa Boca do Mamirauá. Então, decidimos que não abandonaríamos esta comunidade, porque foi uma herança" (informação verbal).

Revela o Sr. Tito Martins que hoje na comunidade existem pessoas que não são da sua família, o que ele considera preocupante para dirigir a comunidade. Por outro lado, existe o caso de uma família com muitos filhos, e a sua cunhada, que era Presidente, os convenceu a morar na Boca do Mamirauá, o que foi aceito.

Com relação às atividades principais da Boca do Mamirauá, o informante vai dizer que no princípio era a pesca e a agricultura, pois não havia outras formas para subsistir. Atualmente, a atividade primordial é o turismo, que traz renda para a comunidade (Fotografia 68). Os moradores, na sua grande maioria, trabalham na Pousada Uacari, o que envolve praticamente 110 pessoas em atividade naquele empreendimento. A pesca e a agricultura são praticadas de modo mínimo, somente para consumo próprio. Hoje, praticamente toda a comunidade vive dos rendimentos oriundos da Uacari e, segundo suas próprias palavras:

> A pousada é a nossa Prefeitura, que faz o pagamento e proporciona trabalho aos moradores. Por isso, temos que cuidar da Pousada Uacari, porque dependemos dela para sobreviver, ela é o nosso Patrimônio. Hoje está difícil viver da pesca e da agricultura, estamos acostumados com o trabalho mais leve, vamos estranhar muito.

Depreende-se desse depoimento uma relação de dependência, já histórica, entre os comunitários da Boca do Mamirauá com a Pousada. Criaram-se laços de dependência bastante fortes de difícil desenlace.

Fotografia 68 - Vista a partir da comunidade



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

No que concerne a outras atividades desenvolvidas na comunidade, o fundamento disso está na roça. Planta-se melancia (*Citrulluslanatus)*, milho (*Zeamays*), maniva (*Manihotesculenta Crantz*), banana (*Musa*) e jerimum (*Cucurbita moschata*). Ao chegar a colheita, vende para Alvarães. Também o que é produzido é utilizado para consumo próprio e para as duas pousadas.

a) Aspectos sobre o abastecimento de água, energia elétrica, sistema de esgoto e educacional e ações para preservação do meio ambiente

Menciona o entrevistado, Tito Martins, no que concerne ao abastecimento de água na comunidade, que antes bebia-se água do rio e se utilizava em todas as atividades domésticas. Mas antes não havia flutuantes nem a Pousada. O resultado disso é que a água parou de servir para a alimentação. Apesar do IDSM colocar bomba de água e filtro, este

não funciona mais. Por isso, a água que se consume é da chuva: apanha-se a água da biqueira do telhado, faz-se um tratamento dessa água aparada e bebe-se. Diz que não se pode tomar água do rio, pois terão problemas de saúde, como diarreia e outras complicações.

No que respeita à energia elétrica, esta não existe para todos. Porém, está-se no aguardo de um projeto de energia solar dos governos federal e estadual, para que essa energia chegue para todas as comunidades, incluso as isoladas. Comenta que os postes de concreto visto pela comunidade são dos municípios e não do Programa Luz para Todos.

Com relação ao sistema de esgoto, menciona o entrevistado que cada casa tem seu próprio banheiro, dentro ou fora. Foi conversado que se fizesse uma fossa bem funda, para não prejudicar o meio ambiente. Mas ainda existe a necessidade de uma vistoria por técnicos, embora em algumas comunidades isso já tenha sido realizado. Continua dizendo que as fossas a céu aberto se constituem em um problema para todos – turistas e comunitários. Para amenizar essa situação, em um determinado dia, a comunidade para e faz a limpeza. O problema é que dos 110 moradores que existem, apenas 20 comparecem a esse tipo de trabalho, que é voluntário.

O sistema educacional da Comunidade de Boca do Mamirauá abrange os ensinos infantil, fundamental e Médio, segundo a professora, Claudenice Alves dos Santos, que ainda exerce as funções de guia local da Pousada Uacari, agente ambiental, Segunda-secretária da Comunidade e Primeira-secretária da AGEMAM. Na comunidade de Boca do Mamirauá, os alunos do pré e do jardim – educação infantil – começam a estudar com a idade entre três a quatro anos, todos juntos pela manhã no mesmo espaço (Fotografia 69) em que são dadas as aulas do ensino fundamental.

Fotografia 69 - Escola da comunidade



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

No fundamental, relata a entrevistada, trabalham professores que moram na comunidade e que são formados pelo município. Comporta apenas 16 alunos. Por sua vez, no ensino médio, trazem-se professores da Rede Estadual de Ensino para ministrar aulas na comunidade. Esse tipo de ensino é conhecido como ensino Tecnológico, e as aulas são realizadas, no período noturno e assistidas através da televisão. Conta com cinco alunos.

Ao tratar do ensino fundamental, a professora menciona os problemas concernentes a isso, diz que o Município não se interessa em pagar vários professores, como é o caso da cidade grande. Então, o que acontece é que existem bastantes alunos estudando em outras comunidades, mas morando na Boca do Mamirauá.

Outro fator elencado pela entrevistada, no que tange ao ensino fundamental – turno matutino – é que as salas de aula são divididas em várias séries, o que dificulta o aprendizado, ocasionado pela dificuldade de concentração dos alunos. Diz ainda que é necessário que se utilizem diversas estratégias de ensino para os alunos aprenderem, caso contrário

não se obtêm resultados. Outra questão crucial para o aprendizado é que muitas vezes os pais não conseguem levar seus filhos à escola, nem mesmo na própria comunidade, sem falar na questão do diesel, que é outro fator complicador para os alunos do ensino médio, pois quando não há esse combustível, não tem energia e, por conseguinte, não tem aula.

Enfatiza também a informante que a dificuldade maior que se tem com os alunos está na falta da merenda escolar, assim como na ausência de material, e ainda mais na longa distância para o Uarini, quando é necessário buscar material escolar, pois parte do trajeto faz-se a pé e outra, depois, de moto. Em síntese, segundo a entrevistada, a área educacional enfrenta problemas que precisam ser resolvidos. Mais uma dificuldade é a proximidade da RDSM com Alvarães e Tefé. Por mais que se tente orientá-los, continuam a depositar lixo no chão.

No que tange às ações de educação ambiental na escola, segundo a entrevistada, já existem desde 1998, iniciadas pelo IBAMA. No ano de 2009, teve-se cerca de 20 capacitações, em pareceria com o IDSM, envolvendo professores das áreas do Japurá e Jarauá.

Perguntada se existe algum trabalho da escola com a Pousada Uacari, a informante revela que não foi praticada nenhuma ação com aquela. O que acontece de verdade são as visitas feitas pelos turistas à escola para uma breve apresentação. Descreve a entrevistada como é a dinâmica dessa visitação e diz que os visitantes vão se quinze em quinze a uma determinada comunidade, em sistema de rodízio:

> [...] através de um agendamento, ocorrendo uma alternância no lugarejo. Geralmente o grupo de turistas chega com o guia local por volta das 8:30. Primeiramente, eles reúnem-se embaixo da árvore castanheira, onde lá são repassadas informações sobre a história da comunidade [...].

No segundo momento, ocorre uma visita à escola, em que conhecem as salas de aulas, o número de alunos e quais matérias são ensinadas.

Por vezes, diz a entrevistada, faz-se uma dinâmica de grupo com eles. Depois, vão conhecer a biblioteca, que fica dentro da escola, e faz parte do Projeto Vaga-Lume com quem se faz parceira. Com esse projeto, recebe-se capacitação para a elaboração de livros artesanais e aprende-se a fazer mediação de leitura com os alunos.

A entrevistada explica que, por meio desse projeto, recebem-se livros novos para as crianças. Esse material é muito importante para as aulas explicativas, visto que os alunos ficam curiosos em saber o que está escrito sob as gravuras/ilustrações. Isso conta muito para o processo ensino-aprendizagem. Os livros ficam na escola, para serem mostrados aos alunos e aos visitantes, e logo depois voltam para o acervo da biblioteca. Essa biblioteca foi construída com recursos da pousada.

Em um terceiro momento, visita-se a rádio comunitária. Em seguida conhece-se o artesanato local e algumas peças são compradas pelos turistas. E, na última etapa dessa caminhada, explica-se sobre o gerador, o nível das águas e as enchentes, continuando o percurso até o final do trajeto, quando retornam à pousada por vota das 10:30.

Dentre as ações desenvolvidas por iniciativa da Boca do Mamirauá, uma é eminentemente pedagógica, se dá com as crianças, no que diz respeito ao meio ambiente, o seu significado para a vida, e fala-se também dos efeitos nefastos da poluição. A comunidade já está, de certo modo, consciente de como lidar com o que é descartado. Veja o exemplo a seguir:

> Ontem, tivemos um evento aqui. Você está vendo sujeira? Foram realizadas várias vendas de produtos: milhito, bombons, cervejas, entre outros. Porém, espalhamos vários sacos e a nossa comunidade já está conscientizada. Hoje, com esses cuidados com o meio ambiente mostramos a diferença na água e no sol. O nosso dia não foi tão quente devido o nosso verde. Se não cuidássemos dos nossos rios não teríamos peixes saudáveis. Eu quero convidar pessoas para virem dar palestra de conscientização (informação verbal)[35].

[35] Informações fornecidas por Tito Martins.

Vê-se a preocupação ecológica que o Sr. Tito tem na relação comunidade e meio ambiente. Ele está sempre ressaltando, na sua fala, a importância de se ter um maior cuidado para que a natureza permaneça em equilíbrio e a comunidade possa usufruir dela da melhor maneira possível.

Para a entrevistada Claudenice, não há ações de preservação do meio ambiente, pois a comunidade costuma pôr os lixos em sacos plásticos e queimá-los. Já as latas são enterradas em um local distante e fecham uma cavidade quando é tempo de água, para evitar que estas flutuem.

c) Aspectos turísticos e o artesanato

Quanto aos principais atrativos turísticos da Boca do Mamirauá, Sr. Tito Martins diz que a natureza lhes oferece duas grandes árvores de castanheiras (*Bertholletia excelsa)* antigas que remontam a uma grande história. O lugar, antes de ser uma comunidade, era uma propriedade. Sob as árvores são dadas palestras (Fotografia 70). Esse cenário é como se fosse um cartão. Ali, conta-se sobre a vida e o crescimento da comunidade. Há uma lojinha e uma escola. Também se fala de cada morador e de sua origem.

Fotografia 70 - Castanheiras



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Relata ainda o Sr. Tito Martins que a comunidade, quando se iniciou, antes de tornar-se evangélica (Fotografia 71), construiu um Campo Ecológico (Fotografia 72), onde são realizados campeonatos esportivos de voleibol e futebol, além de festas. E o ponto alto dos festejos da comunidade é o da Igreja, realizado no dia 10 de dezembro.

Fotografia 71 - Igreja Evangélica



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Fotografia 72 - Campo Ecológico



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

No que tange ao artesanato local, segundo a Sra. Ivanilde Dolaia Meza Gomes, Presidente da Associação do Artesanato da Boca do Mamirauá, criada em 1995, esta consiste em um grupo composto por seis artesãs além de quatro homens. O artesanato produzido, segundo ela, representa uma "caixa" na qual é guardado o dinheiro. O que se vende é repartido. Por exemplo, se a peça custa R$ 10,00 (dez reais), é vendida a R$ 12,00 (doze reais), e os R$ 2,00 (dois reais) que sobram vão para a caixinha.

De acordo com Ivanilde Gomes, são diversas as matérias-primas utilizadas na confecção dos artesanatos (Fotografias 73, 74, 75 e 76). São sementes de tento – o da boquinha preta e o normal que é vermelho –, de Santa Luzia, de Chatinha, de feijão Orana, de bico de arara e de açaí. Com estas sementes, são feitos cintos, cordões, pulseiras, tiaras, tornozeleiras, peixe-boi e abajur. Já as peças dos botinhos são preparadas pelos homens.

Fotografias 73 e 74 - Loja de artesanato



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Fotografias 75 e 76 - Peças artesanais



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Ao tratar da capacitação dos artesãos, ela diz que foi realizada em Tefé. Revela, também, que naquele município, havia um ateliê do Sr. Falcan e Sra. Donaia, que foi nesse lugar que receberam capacitação. Assim, ao retornar para a comunidade, a entrevistada diz:

> [...] já sabia fazer este trabalho. Nós tivemos uma reciclagem e um curso com a senhora Marília, do Instituto Mamirauá. Vou dizer uma história de pescador: - eu fui a cabeça aqui na comunidade, confeccionando as peças de artesanato, conversando com a minha sogra, e começamos o trabalho. Na época, éramos só quatro, e quando o turista chegava nós ainda não tínhamos a lojinha do artesanato, vendíamos na frente de nossas casas os produtos.

Diz ainda a Sra. Ivanilde que foi construída uma casinha do artesanato com o recurso que se ganhava da pousada e da Fundação Amazonas Sustentável (FAS). Ao ficar pronta a loja, a Sra. Marília ajudou a fazer um financiamento para aquisição de furadeiras, luvas, entre outros. Depois, Dona Marília conseguiu dois cursos de artesanato para a comunidade, e mais na frente, participou de outro em Tefé.

Ao ser indagada sobre a comercialização das peças artesanais, responde à entrevistada que elas são adquiridas pelos turistas da pousada,

os pesquisadores da onça e os visitantes das pousadas do Caboclo e Uacari. Sem falar daqueles que vêm do município de Alvarães, apesar de não comprarem muito.

Comenta a entrevistada[36] que quando o turista chega na comunidade, além de mostrarem o artesanato, conta-se a história da Boca do Mamirauá e mostra-se a escola. O tempo de permanência dos visitantes é de 3 horas e meia – de 07:30 às 11:00. A visita deles à comunidade é muito bem-vinda, está afeiçoada a eles, pois, segundo ela, esta comunidade foi a primeira a receber turistas (Fotografia 77).

Fotografia 77 - Grupo de visitantes



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

No entanto, diz a entrevistada que, por hora, o turismo da Boca do Mamirauá anda com poucos visitantes, que não compram nada. Hoje, recebe-se apenas dois ou três turistas, antes chegavam até 15 ou 20. Resta o fato de que a Sra. Ivanilde não sabe o que está acontecendo.

A entrevistada ressalta que a Pousada Uacari poderia oferecer mais um curso para os artesãos, pois o último aconteceu há oito anos. Em suas

---

36 Ivanilde Gomes.

palavras: "É necessário que possamos nos desenvolver. Melhora mais as nossas técnicas e nos reciclarmos e fazermos produtos diferentes" (informação verbal).

c.1) A Casa do Caboclo

Quanto às origens do turismo na Boca do Mamirauá, Jonata Martins relata que no começo, a comunidade recebeu um agente de viagem que era amigo de seu avô e que resolveu ajudar financeiramente, observando que no local poder-se-ia trabalhar o turismo. E assim, foi construída a Pousada Casa do Caboclo (Fotografia 78), e a comunidade apoia o empreendimento que está sob responsabilidade do Sr. Valdenilson. Relata ainda que esta iniciativa gera renda para a comunidade, além de outros benefícios.

Fotografia 78 - Pousada Casa do Caboclo



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

O entrevistado faz alusão a um projeto com indígenas, comunidade do Jaquiri, com o intuito de angariar parcerias, porém é proibitivo pela FUNAI que entrem em TI.

No que respeita à atividade turística na Boca do Mamirauá, foi criada a Pousada da Casa do Caboclo, para cortar o laço de dependência absoluto com a Pousada Uacari e para que a renda permanecesse em toda a sua completude na comunidade. Com certeza, é uma pequeníssima Pousada que, segundo o Sr. Tito Jonas, recebe em média seis turistas. No entanto, mesmo sendo tão poucos os recursos alcançados, seria repassada uma parte desses aos comunitários.

Entretanto, comenta o entrevistado Tito: "[...] por ora, isto não aconteceu, porque temos que sentar com o proprietário e nós estamos aguardando o repasse desse recurso. Estou há cinco meses como Presidente e as coisas estão caminhando devagar" (informação verbal).

Ao ser questionado sobre a capacitação de pessoas na comunidade para trabalhar com o turismo, o Presidente da Boca do Mamirauá diz que, por meio da Casa do Caboclo, foi feita uma capacitação via SEBRAE e SETAM para cursos de culinária e manuseio de alimentos. O entrevistado mostrou-se empenhado também em realizar, no próximo ano, curso de capacitação em liderança, bem como cursos para tratar sobre projetos. Ressalta-se a preocupação do Sr. Tito com relação aos comunitários em capacitá-los para o mercado de trabalho fora dessa plaga. E realça a importância de que se aprenda o idioma inglês, porque a maioria dos turistas que visitam a RDS M se expressa em inglês.

No que concerne aos jovens da comunidade que trabalham na Pousada, o informante acima diz que os poucos que lá trabalham pararam de estudar. Mas, a maioria que estuda vai de "rabetinha" para Alvarães, que dista uma hora da Boca de Mamimauá. No caso das crianças, as de cinco a nove anos estudam na comunidade. Revela ainda o entrevistado:

> Sei que o estudo é o futuro deles. Eu não tive o conhecimento da leitura, mas eu incentivo eles. Hoje com a dificuldade de não ter a leitura, você não conseguirá emprego. Com um bom grau de estudo você consegue um bom trabalho. Até garimpeiro precisa ter o ensino médio. Sempre estou ensinando eles a estudarem, para não terem que ir para a roça ou a fazerem um trabalho muito pesado.

Com o advento da pousada, muitos deixaram de estudar, o que é preocupante, diz o entrevistado. Justifica essa inquietude ao falar que os jovens somente querem o dinheiro pelo trabalho realizado e não estão preocupados em subir de cargos, por isso não investem em nenhuma formação.

Convém ressaltar que o que foi explicitado imediatamente acima provém apenas de um informante dentre tantos que foram entrevistados, a considerar que esta pesquisa não tem como objeto questões dessa natureza. Mas, resta o fato de que a pousada pretende ter um futuro que vai depender de mão de obra cada vez mais qualificada e, se não houver quaisquer tipos de investimentos que tenha isso como foco, além do prejuízo para os jovens, terá consequências bastante negativas para o projeto de TBC como um todo e também para a comunidade.

Sobre a relação da comunidade com o IDSM, o interlocutor enfatiza que quer ter um relacionamento mais próximo com o Presidente do Instituto, pois foi precisamente este órgão que lhes deu a oportunidade de terem esta reserva. O mesmo diz que naturalmente necessita, junto com o Instituto, buscar mais conhecimentos. Para ressaltar isso, diz que todas as pesquisas foram iniciadas na Boca do Mamirauá e ela cresceu. Alega ainda que o Coordenador desse Setor não quer trabalhar junto com o Instituto.

Para o Presidente da Boca do Mamirauá, o Setor insiste que é preciso logo uma tomada de decisão sobre essa transferência. Diz ele que é necessário "bater o martelo" e repassar logo, apesar das dúvidas. Sobre o IDSM, faz a seguinte declaração:

> [...] está desconfiado, tipo: será que vão ter capacidade de segurar a Pousada? Para mim, acho que eles não têm que ter esta dúvida. Um exemplo: você não sabe usar um arpoador com a haste para pescar. Eu te ensino durante três dias. No terceiro dia você diz que já sabe ir pescar sozinho para não passar fome. Então, se a gente se garante, temos que confiar (informação verbal)[37].

[37] Tito Cavalcante Martins.

A prosseguir, diz que os comunitários estão pressionando o IDSM a adiantar a entregar para 2021. Afirma que estes estão se preparando, inclusive por saberem da existência de pessoas de fora a contratar, que estariam à disposição.

No que tange a um dos principais desafios do TBC, o entrevistado menciona que seria a venda de pacotes turísticos para as ONGs, operadoras e agências, bem como pactuar a questão financeira.

No que concerne à Casa do Caboclo, ela se constitui como uma pequena pousada de base comunitária, segundo o proprietário Waldenilson Aparício Costa, que é um líder que discute com a comunidade as questões dos repasses de verbas da Pousada Uacari.

Segundo o entrevistado, o empreendimento foi construído para angariar mais renda para os moradores. A pousada nasceu em 15 de junho de 2014, com o objetivo principal de atender somente brasileiros. Mas, como estávamos em época de Copa, recebeu 12 norte-americanos. Relata o entrevistado que estes estrangeiros vieram para o jogo da seleção dos EUA em Manaus, e como a Pousada Uacari estava lotada, hospedaram-se na Casa do Caboclo. Ou seja, desde a inauguração do empreendimento recebe o público internacional. Com esse fato, marca-se aí o embrião de uma parceria entre a Pousada Uacari e a recém-criada Casa do Caboclo.

No processo de concepção da pousada, menciona o entrevistado que foram realizadas várias reuniões com a comunidade. E sempre se colocou nesses eventos que seria algo bom: "[...] não só para mim, como empreendedor, mas, para eles também, porque desenvolveríamos o conhecimento e algo mais, como a Educação, que é importante" (informação verbal). Complementa que o financiamento dessa foi feita por um parceiro empresário amazonense, Sr. Marcos Lima, que trabalha com cruzeiros internacionais e que sempre envia turistas para a pousada.

No que tange ao investimento inicial, este foi na ordem de R$ 34.000,00 (trinta e quatro mil reais) e o resto foi coberto com recursos

próprios de R$ 41.000,00 (quarenta e um mil reais). Então, o total foi de R$ 75.000,00 (setenta e cinco mil reais). No entanto, a obra deu uma parada por causa de protocolos que existem na RDSM. O projeto primeiro foi feito pelos comunitários, mas o entrevistado revela o seguinte: "Temos uma planta de como seria um hotel de selva feito pelo IPHAM. Então, vamos procurar seguir da melhor maneira a planta da casa". Verifica-se, portanto, que houve uma interveniência de aporte financeiro de um agente externo para que o empreendimento fosse realizado.

Ao tratar sobre a mão de obra utiliza na Pousada, o informante vai dizer que possui uma equipe constituída por guias de turismo, cozinheiros e camareiras, que trabalham para obter renda. O intuito é sempre criar mais oportunidades para os comunitários da mesma maneira que a Uacari os mobilizou para desenvolver o turismo na região. Exemplifica o informante que para um quantitativo de dez clientes, contratam-se sete colaboradores.

Quando indagado sobre a situação da Casa do Caboclo, Pedro Nassar não teceu detalhes sobre o empreendimento por este ser uma Pousada familiar e particular dentro da comunidade. Na verdade, diz ele não saber como está o turismo no lugar, mas ressalta que desde o princípio desta iniciativa foi acordado que o empreendimento iria pagar uma taxa para a Comunidade.

A continuar-se a comentar sobre a preparação dos colaboradores, o informante diz que realizou parcerias com os governos federal e estadual, em que é encontrado o Centro de Educação Tecnológica do Amazonas (CETAM). Além disso, contou com o SEBRAE para capacitar os colaboradores. Então, segue falando que se adquiriram vários cursos. Há um ano, exemplifica ele, os cozinheiros da pousada fizeram cursos de retirada de espinha de peixe e peixes confeitados, quando ainda se aprendeu a utilização da própria matéria-prima para a decoração dos pratos. O CETAM e o SEBRAE também passaram a oferecer cursos para guias e piloteiros de lanchas.

É importante que fique bem dito que a qualificação dos colaboradores está sempre sendo feita, porque se defende não somente a comunidade do Boca do Mamirauá, mas o Amazonas, a RDSM e o Brasil para o mundo. Persegue-se sempre o melhor para oferecer aos clientes, enfatiza o entrevistado.

No que respeita à capacidade máxima de atendimento, a Casa do Caboclo, segundo o informante, comporta 16 pessoas e são disponibilizados seis quartos. No entanto, o projeto tem 12 acomodações. Nessas unidades habitacionais, dispõe-se de camas duplas e duas camas de solteiro em cada uma delas, sem falar que se conta ainda com quartos com cinco camas. Existem também redes para descanso para depois do almoço.

Sobre o tempo médio de permanência do hóspede na Pousada, este é de cinco dias, diz o Sr. Valdenilson Aparício Costa, mas quando outros tipos de hóspedes chegam, por exemplo, para filmagens, fotografias e gravações de programa, a permanência é maior. Há casos de terem passado um mês hospedados. Menciona, contudo, que a Casa do Caboclo, é mais frequentada pelos turistas nacionais. Como se está começando, precisa-se "[...] conquistar o nosso público. Estamos melhorando, conforme a demanda, que é pequena, as exigências, enfim. Não podemos cobrar que nem os hotéis de selva, mas cobramos um preço justo pelos nossos serviços", enfatiza o entrevistado.

No que diz respeito aos entretenimentos que a Pousada oferece ao visitante ao chegar, são diversos. Cada dia, segundo Valdenilson Costa, disponibilizam-se dois ou três roteiros turísticos e em um dia específico da semana realizam-se três saídas, em que se inclui a focagem noturna de jacarés. Mas, a depender do grupo, trabalha-se conforme o pedido. É exatamente por isso que não é divulgado no site o roteiro ou pacotes fechados, pois quem decide o que quer fazer é o turista.

O importante é que quem define esses passeios é o clima amazônico, porque se chove, os pertences dos turistas podem se danificar; além disso, a chuva, por exemplo, pode dificultar a visualização de determinados animais,

diz o informante. Inclusive, o atrativo que mais se sobressai, quando em passeio pela floresta, é o macaco Uacari (*Cacajao calvus*), que foi ameaçado de extinção em determinada época. Visitantes do mundo inteiro chegam na RDSM para conhecê-lo. O animal vive quase que exclusivamente nessa UC. Um outro atrativo que também se encontra nessa UC é o dos jacarés, sem falar do pássaro Miguá, conhecido como Mergulhão (*Mergus octosetaceus*), que é migratório.

No que respeita à participação da comunidade no processo de TBC, Valdenilson Costa afirma que esta não se dá em sua completude, mas que é suficiente para que o processo continue. Entretanto, acredita que a comunidade deposita confiança no trabalho, e isso é refletido para o turista. Fala ele que até dentro de uma canoa o turista precisa se sentir seguro com relação aos guias.

Dentre os principais problemas mencionados pelo informante Valdenislon Martins para o desenvolvimento do TBC, este elege as questões burocráticas relativas aos licenciamentos e documentação. Além disso, diz que a demanda é muito grande e que são poucos os colaboradores. Lembra também que a RDSM é, sobremodo, grande e só dispões de três gestores e apenas um coordenador. Ele ainda fala que uma Reserva desse porte com o manejo do pirarucu (*Arapaima gigas*), jacarés e de madeira, sem falar nos licenciamentos ambientais, é muita responsabilidade para apenas uma pessoa.

Acerca da visão do proprietário da Casa do Caboclo sobre o TBC, este afirma que está mais consolidado. No entanto, diz também que o turismo está muito atrasado no Médio Solimões. Ainda comenta que se tem muito a caminhar. Diz que passando dessa área, só se vai encontrar turismo em Tabatinga e em Manaus. Segundo o entrevistado, é necessário se desenvolver muito mais: "[...] temos uma biodiversidade para mostrar ao mundo inteiro, que na Amazônia, ainda, existem espécies naturais, como peixes e animais [...]", além da Floresta propriamente dita e os rios.

É imprescindível, em primeiro lugar, que se eduque as crianças com relação ao meio ambiente, que estas entendam que é preciso proteger a floresta no futuro. O entrevistado diz que a escola tem um papel fundamental na educação ecológica das crianças.

No que tange ao relacionamento da Caso do Caboclo com a Pousada Uacari, ela se configura como um "espelho" e nunca como corrente, diz o entrevistado. É um parceiro. De igual modo, a relação da Casa do Caboclo com o IDSM é muito importante, principalmente no que diz respeito à pesquisa. O Instituto está dentro da UC para apresentar resultados da pesquisa com diagnósticos positivos, e reconhece que as investigações realizadas pelo IDSM deram uma base para que o TBC fosse implementado.

Acentua também que existem projetos de melhoria e de adaptação para desenvolver o Turismo, de observação da fauna e da flora, da pesca esportiva e artesanal. Além disso, existe também o turismo científico, e na RDSM existe um espaço muito propício para as pesquisas. Mas é importante dizer que se precisa ter avanços para que tudo funcione a contento.

Prossegue o informante que o turismo tem como se desenvolver não só na Boca do Mamirauá, mas em outras comunidades também. Ressalta ainda que é importante atentar para o fato de que se não tiver capital, o turismo vai se deteriorar. E em síntese, diz que existe hoje na região quatro iniciativas que são: a Pousada Uacari, a Casa do Caboclo, a Vila Alencar e o Caburini.

Quanto ao maior desafio da Casa do Caboclo, o Sr. Valdenilson Costa enfatiza que são as invasões de vizinhos da cidade, exatamente onde está se desenvolvendo o turismo. A atividade pesqueira na área é muito intensa, sem falar que atiram nos macacos. Por outro lado, falta apoio da fiscalização, o que obrigar os comunitários a fiscalizar. Outro desafio de menor relevância é o da internet, mas se está resolvendo, por meio de parcerias e convênios. Ainda comenta que não recebem da Prefeitura e que do Estado recebem somente um apoio na criação de alguns projetos.

Sobre a transferência da gestão da Pousada, a Sra. Ivanilde diz que, por um lado, é bom, mas por outro deveria ficar como está. Isso se dá porque existem comunitários que podem levar o negócio para frente. No entanto, há outros que não saberiam administrar.

Ao ser perguntada sobre sua visão com relação ao TBC, a entrevistada diz que as visitas dos turistas são boas para a comunidade, mas a Pousada Uacari recebe mais visitantes. Diz ainda que, em termos gerais, o TBC trouxe muitos benefícios. Por exemplo, todos os anos recebem gorjetas decorrentes da Uacari e, com isso, renovam-se os artesanatos ou compram-se madeiras para a construção do centro comunitário, ou ainda máquinas de capinar. E sempre são feitas reuniões para se decidir em que aplicar o dinheiro que se ganha na pousada, sempre pensando coletivamente.

Entretanto, a informante observa que nos encontros foi dito que a pousada da Boca do Mamirauá daria um ganho para a comunidade, o que não aconteceu: "[...] combinamos que toda vez que chegassem cinco turistas na pousada, eles deixariam um lucro para nós. Mas, até agora, isso não aconteceu". Já a Pousada Uacari foi quem empregou os comunitários da Boca para exercem as funções de guias e cozinheiros. Relata que também:

> [...] trabalhei lá como guia, durante sete anos. Mas, agora trabalho aqui como guia. Quando a Pousada Uacari precisa de guia, eu indico os nossos, que são seis e todos têm os seus certificados. Então, o que a pousada trouxe foram os empregos. Não recebemos muito, mas é de coração o valor.

Depreende-se daí que, embora os esforços dos empreendedores - comunitários tenham a sua importância, a Uacari continua como centro de apoio para os comunitários na questão da geração de renda.

Destaca a informante Claudenice que o principal problema é a alagação: "Quando a água chega, destrói tudo, depois temos que refazer todo o trabalho trocando as madeiras das casas. Que é outra dificuldade de conseguir, tudo muito distante, não é fácil trazer a madeira. Temos o

maior cuidado com a nossa bomba d'água". Para ela, a Casa do Caboclo é um complemento para esta comunidade, porém não se sabe se está sendo divulgado, além de não constar no nome da comunidade. Vê-se que se fosse no nome da comunidade, ela a gerenciar, ter-se-iam mais lucros, o que não ocorre hoje.

Em termos de benefícios que a entrevistada aponta da Pousada Uacari com relação à Boca do Mamirauá, esses se mostraram de muita valia. Foram construídas a Casa da biblioteca e o Centro Comunitário, como foi possível também se compra a caixa de água, entre outras coisas. Resta dizer que tanto a comunidade em si quanto as famílias que trabalham foram beneficiadas. Embora os recursos sejam parcos, se se souber trabalhar, consegue-se construir as próprias casas. A complementar, todos estão adquirindo benefícios, inclusive as pessoas que moram nas adjacências indígenas.

Segue a informante Claudenice Santos, em sendo diretora da AGEMAM, a Pousada está preparada para receber os visitantes. E com vistas ao gerenciamento, já se tem um comunitário em processo de capacitação. No entanto, não se dominam outras áreas, e para que isso ocorra, necessita-se da ajuda do IDSM, por exemplo, nas capacitações. A resumir: há atividades com as quais se sente dificuldade e se fica meio perdido, por isso existe a necessidade de mais envolvimento. Um exemplo sobre isso é o fato de que se precisa de pessoas capacitadas par aprender como funciona a pousada, em sentido lato. Sonha-se em não abandonar o IDSM, ao contrário, tê-lo sempre do lado nesse processo de transferência.

A aldeia de Vila Alencar e o TBC

A seguir, abordar-se-á a aldeia de Vila Alencar em seus aspectos diversos, incursionando por fragmentos de sua história, mesmo que

de maneira sucinta, por questões de saneamento básico, educacionais, ambientais, infraestruturais e turísticas –, a considerar também sua produção e comercialização artesanal – dentre outras.

a) Considerações iniciais sobre a história de Vila Alencar

Acerca de fragmentos históricos da Aldeia Vila Alencar, o segundo Tuxaua e agricultor desta, Roney Carvalho dos Santos, relata alguns detalhes de como se dá a vida no lugar. Diz ele que a Aldeia tem quase 80 anos, época em que chegaram os primeiros moradores, o senhor Marcolino e a dona Aerotilde (etnia Mayuruna), que remonta ao ano de 1941. Em 1942, eles se firmaram. Passaram-se três anos, e aí veio a família de meu avô, Alfredo de Carvalho, da etnia Kaixana. Estes continuam morando no local até hoje.

Antigamente, diz o entrevistado, a terra era muito fértil, plantavam no quintal de casa banana (*Musaspp*) e cacau (*Theobromacacao*). Ressalta-se que, à época, não havia tanta enchente quanto hoje. Relata que tem ano, quando chove que toda a terra é encoberta, e em outros anos isso não ocorre. O problema é que as inundações devastam as plantações, mas, mesmo assim, planta-se, pois se sabe que se pode perder tudo o que foi feito.

Ao ser transformado o espaço em Reserva, houve oportunidades de serviços para apenas algumas pessoas. Por isso, é necessário trabalhar-se o Ecoturismo na Aldeia, que é composta por 43 famílias, o que totaliza 130 pessoas que moram na comunidade. Sem falar no fato das pessoas que foram morar em Tefé, Alvarães e Manaus em busca de sustento para os seus familiares, não encontrando oportunidade em Vila Alencar.

b) Aspectos sobre a saúde, educação, meio ambiente e esportes

Quanto ao sistema de saúde, o entrevistado diz que a Vila Alencar não dispõe de um Posto de saúde, apenas de uma Agente Comunitária de Saúde

(ACS), moradora da Aldeia. Esta verifica a questão da água e marca o dia do cloro, além de programar alguns atendimentos e levar o paciente ao médico. A comunidade está tentando conseguir um técnico de enfermagem para aplicar uma injeção e fazer, de certo modo, uma consulta e dar um remédio a quem precise.

Revela ainda o entrevistado que, por exemplo, em caso de emergência, chega-se em Uarini em duas horas em um bote pequeno de motor, mas de rabetinha chega-se em quatro ou cinco horas, a depender do período. Na seca, é muito ruim o acesso da comunidade a Uarini, pois se levam seis horas para chegar. Portanto, a questão da urgência é muito importante, e segundo ele, só lhes restam rezar. Pessoas com problemas sérios de saúde e idosos não podem permanecer na comunidade, e muitos tiveram que ir morar na cidade, exatamente por falta de recursos na saúde. Conclui dizendo que a comunidade foi, praticamente, abandonada pelo Estado.

Conforme informações do professor do multisserial indígena, Arinildon Martins Carvalho, a escola local atende às crianças do Pré-1 até os jovens do nono ano, a perfazer um total de 42 alunos matriculados. Ele enfatiza que a escola tem um papel fundamental na questão da educação ambiental. Isso se deu graças à chegada do TCB desenvolvido pelo IDSM. Nesse processo de aprendizagem, os professores ensinam às crianças a não jogarem lixo pela comunidade e catá-los da frente de suas casas. Como também as ensinam a separar os resíduos de vidro, plástico, metal, dentre outros. Ressalta-se que antes do advento do TBC, a comunidade era totalmente suja e ações melhoraram significativamente a resolução do problema.

Ao tratar sobre o tema meio ambiente, Leonardo Carvalho[38] diz que para os comunitários da Aldeia de Vila Alencar esta é uma questão de prioridade máxima: a sua conservação. Como exemplo, diz o informante que no ano de 2018 foi vetada a pesca dentro dos lagos de malhadeira, o que

[38] Gestor, professor do Multisseriado indígena e conselheiro.

levou as pessoas que sobrevivem dessa pesca a encontrarem outra estratégia de vida. Isso não foi feito à toa, faz parte de uma política de preservação.

Uma questão da maior importância diz respeito ao que foi desenvolvido pelos comunitários para evitar invasores oriundos de Alvarães e de Tefé, de adentrarem no seu lago central, o Paraná. De uma feita, o lago foi invadido por 50 canoas, que levaram muitos peixes dessa área e não se conseguiu tirá-los, segundo Leonardo Carvalho.

Em seguida, relata que, costumeiramente, faz-se um alerta para todos os comunitários, inclusive para os que moram na cidade, com o intuito de ajudar a proteger a área. Porque, segundo o informante, é uma invasão desmedida. Os invasores levam peixe, o plantio de banana (*Musa spp*) e de andiroba (*Carapaguianesis*), o mel, os passarinhos dos ninhos, como o periquito (*Melopsittacusundulatus*), o papagaio (*Amazona*) e o bem-te-vi (*Pitangussulphuratus*). Diz ainda que os ninhos desses pássaros, assim como os peixes, leva-se o ano inteiro para preservar, mas estes chegam e destroem tudo.

Ainda sobre a questão ambiental, de preservar o meio, o informante fala que muitas pessoas levam seu lixo de volta para a cidade. E o lixo produzido localmente, como plástico e papel, é queimado na própria comunidade. Com relação a recipientes de vidros, estes são carbonizados na aldeia. Há que se ressaltar que a comunidade instituiu um mutirão para limpar os lugares públicos, como o campo.

No que tange ao esporte, atividade muito forte na comunidade, existe uma relação importante entre este e o artesanato. Quando os jovens saem para outras comunidades para jogar, estes levam o que adquiram com a venda de seus artesanatos para comprarem uma merenda, uma sandália ou uma chuteira, diz Leonardo Carvalho.

c) Aspectos turísticos, artesanato e tour na Aldeia

De acordo com Arinildon Carvalho, a Pousada Uacari ajuda, sobremodo, os comunitários a obterem renda, pois antes os comunitários trabalhavam na agricultura e na pesca para garantir o seu sustento. Agora não precisam mais vender os produtos cultivados porque o turismo garante a renda de suas famílias.

Os principais atrativos da comunidade são a casa da farinha – como é feita a farinha – e o pássaro Anambé, tanto na seca quanto na cheia (Fotografia 79), além da coleta de verduras. Relata o entrevistado Arinildon[39]:

> Na enchente, aqui é totalmente diferente e eu acho mais bonito que na seca, pelo menos é o que eu acho aqui. A água fica bem pretinha, é bom para tomar banho. Pelo menos o turista que gosta de tomar banho. É diferenciado na seca para a cheia.

Aponta o entrevistado que a seca e a falta de água persistem como problema.

Fotografia 79 - Acesso à Vila Alencar na cheia



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

39 Professor do Multisseriado indígena e vice-presidente do esporte da comunidade.

Ao ser indagada sobre a produção de artesanato (Fotografias 80 e 83) de Vila Alencar, a artesã Arinete Martins Carvalho – que também exerce a função de Segunda-Tesoureira do Grupo de Artesanato da Vila Alencar e Segunda-Secretária da Aldeia – relata que a comunidade possui 30 artesãos. Inclui nesse grupo, crianças de todas as idades. Diz que a matéria-prima para confeccionar os artesanatos provém da própria natureza local, ou seja, são os molongos, os cocos, escamas do peixe pirarucu, sementes de Santa Luzia, do açaí e a seringa, além da cuia, que não é semente. As crianças também confeccionam pulseiras, cordões e cuias.

Fotografias 80 e 83 - Produção artesanal de Vila Alencar



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Revela a entrevistada que este grupo de artesanato começou com a sua genitora, sua tia Edileuza, e com a Sra. Marildez. Isso se deu porque essas

senhoras, no início, trabalhavam com hortas e vendiam seus produtos para a pousada, mas isso não deu certo. Então, foram trabalhar com o Cipó (tala) Arimã e Ambé. O problema é que o Arimã só tem em terra-firme e é difícil de encontrar. Mas mesmo assim confeccionavam os balaios e os tupés. Hoje, trabalha-se com sementes, madeiras e ouriços de castanhas. É uma renda extra que entra para a comunidade. A maioria dos turistas estrangeiros e dos de outras cidades próximas compram as peças de artesanato produzidas.

Segue a entrevistada dizendo que esta comercialização se dá mais na Aldeia. No entanto, algumas peças são vendidas em Tefé, na reunião do Conselho. Ao chegarem os convites, participa-se e leva-se o artesanato. No que tange à capacitação, somente algumas artesãs realizaram os cursos de acabamento e precificação de produtos.

Ao tratar sobre o roteiro que o turista da pousada Uacari faz dentro da Aldeia de Vila Alencar, Leonardo Carvalho diz que, a depender da seca, estes chegam entre 10 e 11 horas, vindo por uma trilha de 45 minutos de caminhada (Fotografia 84). Então, o guia comunitário já os espera na beira do campo (Fotografia 85) e os entretém a contar história desta, sua fundação.

Fotografia 84 - Trilha para o Caburini



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Fotografia 85 - Chegada dos visitantes pós-trilha



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Destaca nesse relato, o entrevistado, que no matagal, havia uma jiboia preta (*Boa constrictor*), que resolveram não matar naquele dia. Depois, munidos de espingardas e machado, ao olharem dentro do tronco, não a encontraram mais. Pelo rastro que deixou, descobriram que o réptil foi para a cacimba, que hoje virou lago, chamado de Pocinho, que fica atrás do campo. São esses pormenores que os guias vão contando para o turista, o que é parte da história da Aldeia. Contam, também, onde era a casa dos patriarcas, quando foi criada a comunidade, ao chegar o primeiro morador, o Sr. Marcolino, que foi na época da quebra da borracha.

Narra o entrevistado que no decorrer do *tour*, falam sobre as casas, a política da comunidade, sobre as reuniões de quando o Tuxaua presidia e de sua troca de quatro em quatro anos. Passam pelo Centro Comunitário (Fotografia 86), pelos pontos de referência como a Igreja (Fotografia 87), passam pelo motor de luz, onde se avista uma Cuiera (*Crescentiacujete*) (Fotografia 88), grande e bonita e diz que somente tem energia de 18:00 às 22:00, e às vezes até às 23:00. Depois, os turistas seguem até a casa do Tio

Gregório, que é o Sr. Antenor, um dos patriarcas da comunidade, que é um dos filhos do fundador da comunidade. E param também na casa do Sr. Marcolino e de outros comunitários.

Fotografia 86 - Centro Comunitário



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Fotografia 87 - Igreja católica



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Fotografia 88 - Parte da Cueira



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

A seguir, dirigem-se até a escola e o guia explana para os visitantes como ela se organiza. Diz também que a escola, graças à renda que vem do ecoturismo da pousada Uacari, dispõe de computador e impressora, que ajudam, em muito, os professores na sua dinâmica com os alunos. Diz que se o projeto Anambé der certo, comprarão mais equipamentos para a escola, como televisão e placa de energia solar, o que diversificará muito as aulas. Segundo o entrevistado:

> A gente quer poder adaptar um modelo bem legal para o nosso aluno da comunidade, para ele aprender mesmo, e saber o que acontece no mundo, e porque moramos aqui nessa comunidade que a gente quer preservar. Não é para ninguém mesmo, é só para a nossa sustentabilidade, que é o que a gente vive hoje, a gente tem lago, a gente tem toda esta área preservada, mas a gente não desmata, a gente não mata as espécies, a gente não tira peixe em grande demanda, porque a gente tira só para o nosso sustento [...].

Há de se notar nessa projeção que o entrevistado pensa de modo grande e equilibrado sobre as possibilidades de se melhorar a educação local e, de modo correspondente, a vida na comunidade.

Para o informante, é importante que a lida com a roça também continue a ser feita, diante de tantas queimadas na Amazônia. Esses projetos são relevantes para a comunidade porque trazem renda para a família de maneira diferente e diversificada. No entanto, não se quer deixar que eles abandonem seus roçados, porque isso faz parte da cultura, que é o plantio familiar. Isso tudo é ilustrado para o visitante no passeio.

Então, depois que conhecem a escola, visitam umas das fontes de gerações e renda que é a Casa do Artesanato. É nesse espaço que grande parte dos moradores da comunidade demonstram um pouco de sua arte. Explica o informante:

> [...] os moradores fazem os artesanatos deles desde as criancinhas até o mais velho. Eles raspam a cuia que é um dos artesanatos, que vendem mais, eles desenham na cuia. Alguns usam os Molongós, que é um tipo de madeira e faz o boto, faz o Pirarucu e fazem outros tipos de desenhos lá. Faz o remo, e faz outros tipos de artesanatos lá. Existem, também, as outras madeiras que eles, também, fazem o artesanato lá, mas que já são artesãos que vivem só disso, eles fazem tipo uma cobra enrolada num pau da árvore da Paracuuba, que é um tipo de madeira que dura muito, tipo: a gente morre e ela ainda fica. Ainda fazem em outras madeiras de lei. Então, quem faz nessas madeiras, são artesãos profissionais.

É importante notar que esse artesanato vendido ajuda financeiramente em muito as famílias. E mais, o jovem aprende com isso que é importante sua participação com a venda do seu próprio trabalho.

Acerca da capacitação para a produção artesanal, o entrevistado diz que, em geral, muitos deles aprendem a arte do artesanato com os mais velhos. Inclusive as crianças se habilitam nessa arte e conseguem vender suas peças até por R$10,00 (dez reais), o que lhes facilita a compra de um lápis, de uma roupa, entre outras coisas.

Para o entrevistado, Leonardo Carvalho, no que concerne aos principais benefícios que a Pousada Uacari trouxe, um dos mais importantes

foi o conhecimento de como preservar a RDSM. Diz também que lhes foi ensinado a desfrutar de outros pratos da culinária, porque antes, diz que se comia apenas alimentos cozidos, assados ou fritos. Hoje, há uma grande variedade no modo de preparar os pratos. Aprendeu-se também a conversar com outras pessoas. Sabe-se agora receber as pessoas que vêm de fora, o que reputa como avanço para a comunidade.

Do ponto de vista econômico, o informante diz que os benefícios foram muitos, mas com a chegada das associações que cresceram dentro da RDSM, os trabalhos na pousada diminuíram. Além disso, a AGEMAM trabalha apenas com um número reduzido de pessoas, e isso significa que não se pode ir à pousada trabalhar. Portanto, estão se empenhando para conseguir um espaço próprio.

Referente à relação da Aldeia com a Pousada Uacari, diz o entrevistado que é uma boa relação, que ela lhes ajuda em tudo. E com a SEMA também, apesar de nunca terem visitado a Vila Alencar, segundo o informante. Diz ainda que quando em visita a este órgão, foram bem recebidos: "[...] conversamos sobre o nosso projeto de ecoturismo de base comunitária (EBC), e disseram que estão prestes a nos ajudar no que for preciso, que é só avisá-los". E com relação à Prefeitura de Uarini, receberam, em 2018, um apoio de passagens aéreas.

c.1) Projeto Anambé

Ao ser indagado sobre o projeto de EBC, que está sendo engendrado pela comunidade, Tuxaua revela que o intuito é trazer os aldeãos que estão fora para dentro da aldeia, porque muitos são capacitados e precisa-se deles na comunidade. Esse projeto iniciou em 2009 e deu uma parada, mas em 2011 teve continuidade e, no ano de 2014, o Sr. Leonardo Carvalho e o entrevistado conseguiram um Fundo para ele.

Atualmente, como não se tem verba para dar um start ao projeto, vai-se primeiro **c**omeçar a hospedar os turistas nas próprias casas dos moradores.

A previsão inicial é em dezembro de 2019, "[...] porém temos uma Reunião do Conselho, em Tefé, no dia 18, onde eles devem nos liberar. Dependendo dessa reunião, podemos inaugurar em janeiro de 2020". Diz ainda que o desafio maior do projeto é buscar mais conhecimentos e também colocar em prática o que se tem aprendido. Ressalta ainda:

> Logo no início do projeto eles não estavam muito envolvidos, porque não sabíamos sobre o projeto. Hoje, temos dois jovens que estamos tentando trazê-los, acompanhando-os nas oficinas e nos cursos oferecidos pelo Instituto ou pela pousada, e até pelo Estado.

Apesar das descontinuidades de tempo com relação à realização do projeto e da falta de recursos, a iniciativa agora já está se formatando.

A seguir, a partir da fala do Sr. Leonardo Martins Carvalho, professor do multissetoriado indígena e conselheiro indígena, coordenador do projeto Anambé, a comunidade aposta na realização do projeto.

Diz o informante que ao chegar na comunidade, em 2014, foi com o objetivo de verificar como andava a mesma e o que poderia ser feito para gerar mais renda. Segundo ele, a comunidade vivia meio triste, na escola também havia poucos alunos. Passou ele então a estudar como poderia gerar renda na comunidade.

Viu-se, por exemplo, a questão do Camu-camu (*Myrciaradubia*), que é uma fruta cítrica, e como se poderia lucrar com isso, com o plantio dela, que é de grande extensão. Entretanto, o projeto foi deixado de lado.

Foi-se verificando outros modelos de projetos e soube-se, por meio de uma Ata de 2009, que a comunidade queria estruturar o EBC. Então, houve reuniões com líderes da comunidade, para sondar se havia interesse ainda na realização do projeto. A partir disso, a comunidade fez uma reunião, em 2018, e mais recentemente, em 2019, e o indicaram para coordenador do projeto Anambé (*Cotingidae*)[40].

---

[40] Nome dado ao projeto em homenagem ao pássaro endêmico da América do Sul, encontrado somente em algumas partes da Amazônia. Na RDSM, pode-

Em seguida, começou-se a estudar as possibilidades para a feitura projeto. Segundo Leonardo Carvalho, a título de esclarecimento, a Associação da Comunidade de Vila Alencar hoje é chamada de Associação Comunidade Aldeia da Vila Alencar, devido esta ter trabalhado para a obtenção do título de demarcação das terras indígenas da aldeia.

Então, foi a partir daí que se passou a envidar esforços para iniciar a estruturação do TBC da comunidade, a ter como um dos seus focos principais o resgate da cultura, parte da dança, do artesanato, da pesca artesanal, e outros artifícios dentro da aldeia, sem mencionar que se está a desenvolver outros projetos, por exemplo, na educação, na saúde e no esporte.

O projeto Anambé, segundo o entrevistado, pretende receber os turistas nas próprias casas dos comunitários – hospedaria familiar – e no futuro, quando a Associação estiver mais consolidada, vai-se construir uma pousada pequena, mas também com a opção de continuar a hospedá-los nas casas, isso porque:

> [...] é o ponto mais forte que temos dentro do nosso turismo, que é receber o turista dentro da casa do morador, e é onde a gente vai investir em qualidade de vida para o caboclo da Amazônia, colocando talvez energia solar, um banheiro de qualidade, um banheiro seco, que não afete tanto a natureza, e outras coisas que a gente pode investir neles assim, que é para o turista chegar e ver que dentro da Amazônia existem locais desenvolvidos. Desse modo, espero que dê certo, que gere esta renda, e a gente possa investir muito nessa qualidade de vida dos moradores [...].

---

se encontrá-lo. Como também, na área da Vila Alencar, na ilha do Juruamã, também é achado em grande quantidade. São cinco a seis espécies desse pássaro. Dentre estas, o Anambé-pombo (*Gymnoderusfoetidus*), o Anambé-trovão (*Cephalopterusornatus*), que é difícil de vê-lo, e o Anambé-azul (*Cotingacayana*), que é pequeno, encontrado nas copas das árvores. Com relação ao Anambé-trovão, é um dos mais belos e tem esse nome porque quando canta emite um som semelhante a um trovão (informação verbal, concedida por Leonardo Martins Carvalho).

Essa iniciativa vai possibilitar que os moradores que se ausentaram à procura de trabalho voltem para a aldeia, caso contrário, é possível que a comunidade venha a se acabar.

Ao descrever o Plano de Negócios do projeto Anambé, o entrevistado diz que praticamente são os próprios comunitários – diretores da associação, os líderes da comunidade – que estão à frente para realizar esse plano para o turismo no Anambé, com o objetivo de gerar renda para a comunidade.

Além de preservar sua área e os lagos, onde se encontram tambaquis e pirarucus, existem os peixes miúdos que são o Tucunaré (*Cichlaocellaris*), o Aruanã (*Osteoglossidae*) e o Carauaçu. São 38 lagos e em cada lago cria-se uma espécie diferente. Têm-se os lagos Tarauacá 1 e 2, onde são criados Tucunarés, Pirarucus (*Arapaima Gigas*) e Tambaquis. Além desses, tem-se o lago da Queimada e o do Curaçá Cumprido. Nesses lagos, fez-se o manejo do Tambaqui, quando conseguiram-se tirar uns cinco mil peixes, e enfatiza que foram realizadas pesquisas sobre essa espécie.

Observa o interlocutor que, além de preservar toda essa fauna de rio, esse criatório também é importante para quem vive da pesca. Cita ainda o Lago do Geraldo, que serve tanto para criar Tambaqui quanto Pirarucu. Existe ainda o lago do Azul, que no futuro, em conjunto com o Tarauacá, oferece a pesca esportiva do Pirarucu e do Tucunaré. Nesse lago, encontram-se todos os tipos de peixes, tanto na cheia quanto na seca. Tem-se também o Surubim, o Caparari, a Pirapitinga e o Pacu. Em outros lagos, encontram-se os quelônios. Diz ainda o informante que existem os Jaririzaus, que são lagos de procriação, onde não se pesca.

No que tange à participação da comunidade na construção do projeto Anambé, o entrevistado detalha como se dá esse envolvimento, com o fito de conseguirem-se as decisões referentes ao projeto. Como exemplo dessa decisiva participação, esta acontece no Centro Comunitário, no qual são tomadas as decisões que envolvem a vida dos comunitários, como, por exemplo, a de reformar a Casa de Apoio. No entanto, não havia dinheiro

para isso, nem para a reforma, nem para mobiliá-la. Então, decidiu-se que os turistas iriam ser atendidos dentro das casas dos moradores.

d) Principais problemas e desafios da comunidade

No que tange aos principais problemas da Aldeia, a questão primordial revelada pelo segundo Tuxaua é a invasão da terra, pois esta é muito extensa. Para confirmar isso, diz que pessoas de Tefé e Alvarães insistem em pescar em suas águas, mesmo sabendo que é proibido. Além disso, caçam o macaco Uacari, como também as aves. Outro problema também é a retirada de madeira. Escuta-se, de quando em vez, o barulho da derrubada de árvores. Na Aldeia, encontram-se 38 lagos reservados para a reprodução de peixes, o que não é respeitado por eles, que ainda continuam a insistir na pesca.

Para, Leonardo Carvalho, o principal desafio que a comunidade teria que suplantar para desenvolver o TBC seria resolver a parte jurídica para liberar documentos. Em segundo lugar, ter internet, pois seria muito importante para a comunidade, visto que ajudaria em muito a divulgação do projeto. No que diz respeito à questão do marketing, há pessoas treinadas para isso, bem focadas para conversar com os turistas ao longe e trazê-los para a comunidade. Ele conclui dizendo que a Associação está bem estruturada para recebê-los.

Dentre os desafios da comunidade para o TBC, Arinete Carvalho, outra entrevistada, reputa como um maior deles o aprendizado da língua inglesa. Mas também cita a falta de água e de energia, além do conhecimento sobre computação. Apesar dessas dificuldades, a entrevistada afirma que o turismo, caso seja implantado na comunidade, vai melhorar a vida de todo mundo.

Elenca outro entrevistado, Arinildon Carvalho, que os desafios que a Vila Alencar teria para implementar com relação ao projeto Anambé são os seguintes: construir a pousada, o que não estaria bem encaminhado, e fazer as trilhas.

Comunidade do Caburini o turismo de base comunitária

a) Considerações iniciais

A comunidade do Caburini (Fotografia 89), segundo o guia comunitário e agricultor, Renato Brandão de Oliveira, passou por quatro mudanças de lugar, devido às enchentes, e diz: "É várzea aqui. A natureza de Deus, tem floresta aqui, árvores, aqui tem muitas sementes aí, aqui, por exemplo, aqui o rio quando sobe alaga tudo" (informação verbal). Relata que na primeira comunidade havia uma praia. Depois, devido ao aterramento, foi surgindo mato, árvores etc., dificultando a chegada à beira. O resultado disso é que os alunos, por exemplo, que estudam em Alvarães, praticamente eram obrigados a sair de madrugada. E isso aconteceu sucessivamente, tornando-se cada vez pior.

Fotografia 89 - Vista da comunidade do Caburini e plantação de feijão.



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Relata ainda que as águas destroem a roça. Por isso, necessita-se colher e guardar sementes para o ano vindouro. Segundo ele:

> [...] quando está alagado e quando a enchente é muito longa aqui ela chega aqui na bica, ou seja, no primeiro assoalho aqui, como a gente chama. Aqui as nossas casas eram tudo de dois pisos aqui. Todas as casas. Hoje elas estão só em um piso, porque a terra aterrou o primeiro piso. Aí todo ano nós plantamos aqui.

Esse, portanto, é um dos problemas amazônicos e, por conseguinte, do Caburini também, que, segundo Renato Oliveira, é uma comunidade com 13 famílias, a perfazer um total de 104 pessoas, com 57 morando na localidade e o restante ficam entre a cidade e a comunidade.

As principais atividades econômicas da comunidade do Caburini, segundo Isaías Brandão de Oliveira[41], é o turismo, a pesca (para sustento) e a agricultura – com plantio de melancia (*Citrulluslanatus)* (Fotografia 90) e maniva *(Manihotesculenta Crantz)*, que são vendidos para angariar recursos para a comunidade. Atualmente, dos 100% de comunitários, 70% trabalham na Pousada Uacari, os outros são funcionários da Prefeitura.

Fotografia 90 - Plantio de Melancia



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

---

41 Secretário de Comunicação do Caburini e Coordenador do Projeto de Turismo do Caburini.

A comunidade do Caburini contava com uma escola, segundo o informante. À medida que as crianças foram crescendo, a escola foi acabando, porque o Município só libera professores para as comunidades que tenham pelo menos dez alunos, o que não é o caso desta comunidade. Então, os alunos estudam na cidade. É um ir e voltar todos os dias.

No que tange à saúde, o Caburini só possui um agente de saúde, que mora na Boca do Mamirauá. São duas visitas semanais. Verifica-se o que está se precisando, retorna à Secretaria de Saúde e comunica ao secretário para autorizar o atendimento médico. Caso seja necessário, o paciente é encaminhado ao Posto de Saúde do município mais próximo.

No que tange ao abastecimento de água no Caburini, segundo Isaías Oliveira, grande parte dos comunitários não conta com poço artesiano. Por isso, cada família faz a sua "biqueira" no telhado para aparar a água da chuva. Têm-se planos de comprar um motor-bomba para armazenar a água. Em resumo, a falta de água no dia a dia é o problema principal de cada família.

Como a comunidade pretende desenvolver seu próprio empreendimento turístico no futuro, já está separando o lixo, de modo que cada resíduo fique em seu devido lugar. Em seguida, far-se-á uma compostagem. Com relação à energia elétrica, a comunidade dispõe de um grande gerador, no entanto, ele não funciona, por isso, será colocado um sistema de energia solar na pousada, que está em construção.

b) Aspectos turísticos, artesanato e o *tour* na comunidade

Acerca de sua visão sobre o TBC, a artesã Maria Eliete dos Santos Brandão diz que este proporciona emprego e renda, além de ter formado copeiros, guias e auxiliares de cozinha, como também estimulou o artesanato que é demandado pelos turistas. Diz que acredita no turismo e revela que praticamente toda a sua família trabalha com essa atividade, o que proporciona uma boa renda familiar. Além de trabalharem com o

plantio de maniva, feijão, melancia e milho. E sobre a pousada que se está construindo no Caburini, a entrevistada pensa ser mais um meio de renda.

Ao abordar a produção de artesanato (Fotografias 91, 92,93 e 94) no Caburini, a artesã menciona que existe uma associação composta de seis pessoas que trabalham com sementes como, por exemplo, balão de São João, açaí e óleo de Santa Luzia. Diz também que confecciona cuias. Seu aprendizado nessa arte tem referência observando as amigas trabalhando até "tirar a criatividade da mente". Já está nessa lida criativa há cinco anos. Diz a artista – que antes era auxiliar de cozinha na Uacari – que os turistas compram colares, ouriços de castanhas e também Pirarucu em miniatura. Relata, ainda, que não há encontros com outras artesãs para se discutir o artesanato que é feito.

Fotografias 91 e 94 - Peças artesanais do Caburini



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Segundo Isaías Oliveria, os turistas que chegam à Pousada Uacari para passar sete noites, ficam por um dia na comunidade com direito a almoço feito pelos comunitários e pago pela Pousada Uacari. Este *fullday* (Fotografia 95) inicia-se com uma visita guiada pelo Caburini, quando o guia local apresenta o cotidiano de cada família. Detalha o entrevistado: "[...] o roteiro inicia-se da última casa localizada na parte de cima da comunidade e vem descendo até aqui. Depois eles voltam para fazer a trilha com muitas plantas aquática de Vitória-régia. Dependendo da opção do turista, acontece a pesca artesanal" (informação verbal). Logo em seguida, acontece a pausa para o almoço, servido na casa do comunitário onde o turista está descansando.

Fotografia 95 - Barco chegando ao Caburini



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Na sequência, conta-se a história da comunidade, em que são relatados fatos, inclusive aquele que diz que a comunidade já mudou de lugar umas quatro vezes. Por volta das 17:00, muitos turistas desejam pernoitar, só que o combinado é que estes voltem no mesmo dia. O que mais deslumbra o turista é o avistar dos pássaros, como também do pôr do sol (Fotografia 96), sem falar das histórias que escutam sobre a comunidade.

Fotografia 96 - Pôr do sol no Caburini



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Segundo Isaías Oliveira, a comunidade do Caburini participa de oficinas que são ministradas pelo IDSM. Quando dessas reuniões, é dada orientação para que não sejam feitas queimadas, devido a se morar em área de conservação. Além disso, alerta-se que não se deve jogar lixo no chão nem nas trilhas.

Sobre o TBC, conforme a visão do entrevistado, essa atividade trabalha de modo sustentável, incentivando os comunitários e trazendo lucros e benefícios. É o caso da Casa do Artesanato na comunidade, onde são confeccionadas peças que são expostas para o turista na casa de um sócio.

b.1) Pousada Canarinho (Fotografia 97)

No que concerne à iniciativa do Caburini quanto a investir em um projeto de pousada (Fotografia 97) para a própria comunidade, o interlocutor Isaías Oliveira diz que o objetivo é gerar renda para os associados e lucros para os comunitários, principalmente para beneficiar pessoas que não querem sair da comunidade para trabalhar na pousada Uacari.

Fotografia 97 - Construção da Pousada Canarinho



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Ressalta o entrevistado que:

> A iniciativa do projeto se deu porque eu fui estudar no Centro Vocacional Tecnológico (CVT), que aloja alunos da Reserva do Mamirauá, onde temos a opção de escolher um projeto para desenvolver na comunidade, e eu escolhi o Turismo.

Vê-se assim nascendo na comunidade o desenvolvimento de ações que visam muni-la de meios para que ela mesma se autogestione, isto é, seja a protagonista do seu presente, princípio preconizado no TBC. Todo o processo que resultou na emergência dessa ideia concluiu-se pela aprovação em reuniões dos comunitários no ano de 2013. Acredita o informante que o projeto será exitoso.

Segundo o informante, o projeto está aberto para receber turistas do mundo inteiro como e os da Pousada Uacari. Ele cita que o empreendimento comporta dois quartos, com uma cama de casal e uma cama de solteiro, cozinha, bar, sala espaçosa e varanda na lateral. No que tange ao *tour* que

será oferecido pela Pousada, será consultado um turismólogo, pois já se tem o apoio técnico do Orientador de Turismo do IDSM. Recorrer-se-á ainda a pessoas capacitadas que trabalham na Pousada Uacari, para ministrar cursos.

A prosseguir, o informante diz que a pousada está sendo construída com recursos próprios advindos da taxa de trabalho recebida da Pousada Uacari, que todo final de ano é dividido com as dez comunidades, e o Caburini é uma delas. Recebem-se, portanto, dois benefícios, tanto o que diz respeito à taxa socioambiental quanto o que diz da pesca esportiva, que gera um lucro de R$ 10.000,00 (dez mil reais). Além de R$ 7.000,00 (sete mil reais) recebidos da Uacari. Decidiu-se, assim, investir todo esse dinheiro na construção do empreendimento. E presta-se contas anualmente sobre essas taxas.

Com relação à arquitetura da pousada, foi realizada por um carpinteiro local, que está executando a obra junto com um ajudante. No que tange à mão de obra a ser utilizada para operar esse empreendimento, tem-se uma previsão de que sejam empregadas aproximadamente 40 pessoas. E conforme o andamento do turismo na pousada, serão construídos mais quartos e aumentar-se-á o número de funcionários. Para que o funcionamento da pousada seja liberado, é necessária a aprovação do Conselho Deliberativo do Estado, via DEMUC e IPAM (IPHAN). Estima-se que os trabalhos terminem em janeiro de 2020 para em março começar a funcionar.

Com relação à Pousada Canarinho, Renato Oliveira comenta que esta está sendo construída com o objetivo de produzir renda para a comunidade, e é apoiada por todos os comunitários. Ressalta que este empreendimento é resultado de um curso feito por seu irmão Isaías Oliveira, que apresentou este projeto para a comunidade, resultando na sua aprovação. O maior desafio, a seu ver, é fazer os turistas felizes, mostrando o que há de bom para os visitantes, os lagos, além de tudo que existe na comunidade para ser preservado.

Caracterização da Área de Estudo: considerações breves sobre o Município de Novo Airão e a Reserva de Desenvolvimento Sustentável Rio Negro

a) Novo Airão: aspectos gerais e turísticos

O Município de Novo Airão localiza-se na 7ª sub-região – rio Negro/ Solimões – compondo-se com mais quatorze municípios. Sua área de maior abrangência fica à margem direita do rio Negro, precisamente na mesorregião do norte do Estado do Amazonas, segundo o IBGE (2018). Tem uma área de 37.805,257 km² e faz limite com os municípios de Presidente Figueiredo, Manaus, Iranduba, Manacapuru, Caapiranga, Codajás, Barcelos e o Estado de Roraima.

A superfície de Novo Airão perfaz uma área de 38.706 Km² e estima-se que sua população seja de 18.974 pessoas, em que 70% da população mora na zona urbana e 30% na rural, que é disposta em 25 comunidades. Constata-se que seu Índice de Desenvolvimento Humano (IDHM), conforme o IBGE (2018), é de 0.570.

No que respeita ao setor produtivo de Novo Airão, este é incipiente e tem sua base na produção agrícola, como a farinha e a banana, o que supre com certa dificuldade a demanda local. No entanto, na última década, a piscicultura sobressaiu-se. Além disso, existe o extrativismo da borracha, castanha, cipós, copaíba e sorva, entre outros. Em outras épocas, construir e recuperar barcos regionais foi importante para a economia local, mas nos dias hodiernos, a atividade turística está sendo fundamental para engrandecer a economia do lugar.

De acordo com Suzianne Fonseca de Oliveira, Secretária Municipal de Indústria, Comércio e Turismo de Novo Airão (SEMINTUR), o turismo é uma oportunidade auspiciosa para o município, segundo suas lideranças locais. Afirma que, no decorrer de 10 anos, houve um pequeno crescimento da atividade turística, fato este verificado pelo aumento em números de

equipamentos no setor de hospedagem, alimentação e bebidas. Comenta ainda que o fomento da ampliação do fluxo turístico será consequente da aplicação das estratégicas que atualmente estão sendo engendradas no plano municipal de turismo em elaboração.

Ademais, a informante ressalta que muitas instituições como SENAC, SENAI, CETAM, com apoio da AMAZONATUR, vêm realizando cursos de capacitação variados quando são abordados temas dos mais diversos, e isso acontece desde 2005 até os dias de hoje. Dentre os assuntos, destacam-se os cursos sobre hotelaria, eventos e cerimonial, camareira, gastronomia típica, ecoturismo, informática, inglês, higiênico e manutenção, guia de turismo, empreendedorismo, condutor ambiental, dentre outros.

Nota-se no quesito capacitação, que a SEMINTUR entende que a formação dos profissionais que se inserem na cadeia produtiva é componente fundamental para que a engrenagem do turismo funcione com a devida qualidade.

No entanto, pondera Suzianne Oliveira, para que os programas contidos no plano tenham êxito, deve-se considerar os seguintes nortes: adesão dos prestadores de serviços turísticos; estímulo ao envolvimento comunitário; adequação do planejamento à realidade; incentivo às atividades turísticas de todos os matizes; gestão e sustentação autônomas dos projetos; atividades contínuas independentes das mudanças pós-eleitorais; e, por último, que os atores sociais que trabalham com as atividades ecoturísticas visem efetivar diretrizes e estratégias indicadas.

A respeito dos atrativos históricos-culturais-naturais da cidade de Nova Airão e do seu entorno, citam-se alguns em que se teve a oportunidade de conhecer durante a pesquisa. Entretanto, Suzianne Oliveira informou que esses atrativos ainda carecem de um inventário, e segundo o Plano de Turismo (2019), são seguintes:

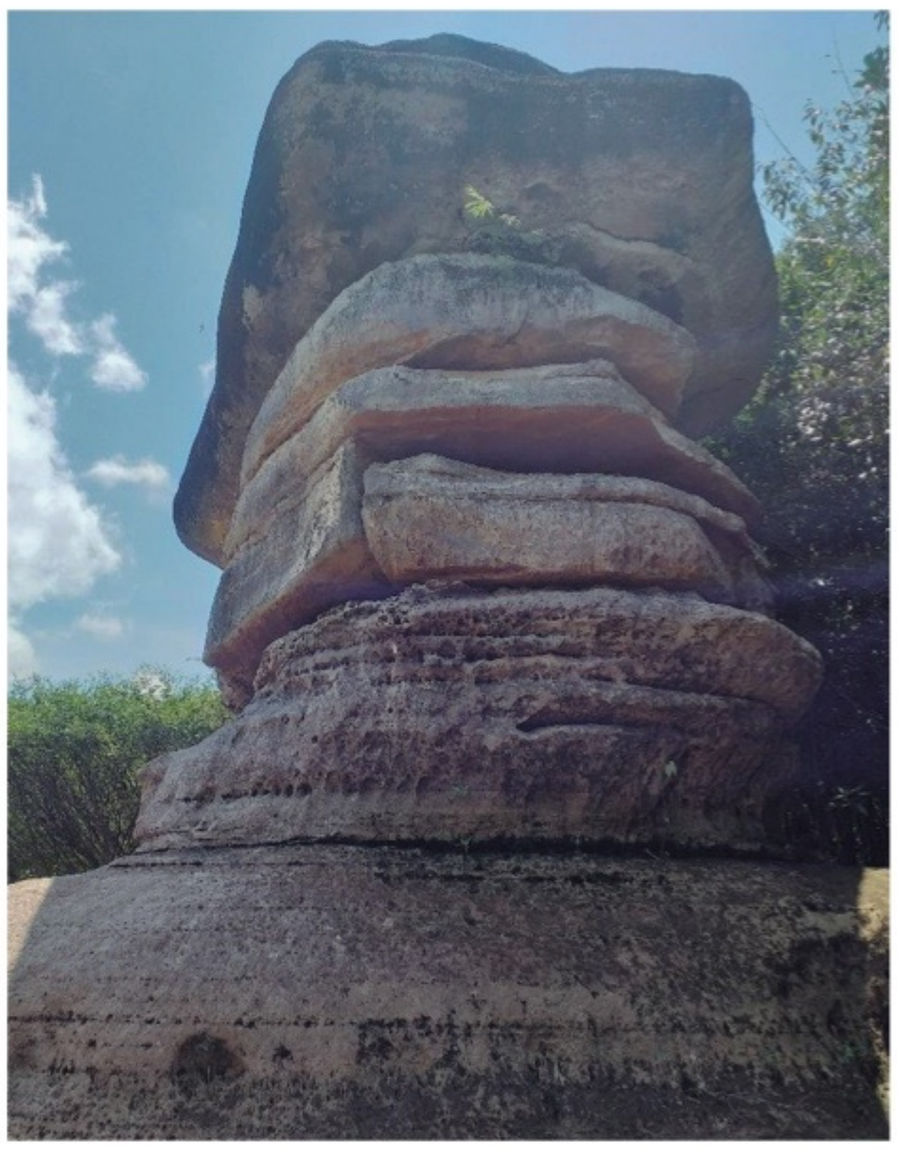
a) Atrativos naturais: observação da fauna, flora e paisagem em Novo Airão; trilha Ekobé; balneários; Parque Nacional do Jaú; árvores grandiosas; rios espelhados; praias do rio Negro; banho e contemplação da natureza nos rios Carabinani e Jaú; canoagem e outras atividades esportivas em águas; trilhas terrestres; trilhas aquáticas/excursões de canoas; observação de aves (*birdwatching*), observação dos petrógligos; observação noturna; fotografia; escalada em árvores; soltura de quelônios; Parque Nacional Anavilhanas (Fotografia 98); pedra do sanduíche (Fotografia 99) e gruta do Madadá (Fotografia 100); floresta de macacarecuias (*Couroupita guianensis*) (Fotografia 101); praias do arquipélago (Fotografia 102) e da orla de Novo Airão (Fotografia 103); observação e fauna, voo panorâmico e escalada em árvore; Parque Estadual do Rio Negro Setor Norte; APA Margem Direita do Rio Negro - Setor Paduari/Solimões; possíveis áreas para a prática da pesca esportiva; APA Margem esquerda do Rio Negro Setor Aturiá/ Apuauzinho; RDS do Rio Negro; e TIWaimiri Atroari.

Fotografia 98 - Parque Nacional Anavilhanas



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Fotografia 99 - Pedra do sanduíche



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Fotografia 100 - Gruta do Madadá



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Fotografia 101 - Floresta de macacarecuias



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Fotografia 102 - Praia de Anavilhanas



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Fotografia 103 - Macacarecuias



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Fotografia 104 - Praia de Novo Airão



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

b) Atrativos históricos/culturais: sítio de inscrições rupestres, perto do Parque Nacional do Jaú; ruínas de Velho Airão; artesanato; estaleiros de construção naval; manifestação cultural; ecofestival do peixe-boi; povo airãoense; Makui Tá e quilombolas.

c) Outros atrativos (*city tour*): cervejaria Sarapó, polo moveleiro e gastronomia típica.

No que concerne à infraestrutura urbana e equipamentos de apoio, é possível chegar a Novo Airão por via fluvial ou terrestre. São os seguintes os equipamentos e serviços turísticos:

a) Meios de Hospedagem: existem diversos modos de hospedar com preços e serviços que se diferenciam. Destacam-se, entretanto, dois equipamentos hoteleiros de categoria luxo: o Hotel Mirante do Gavião (Fotografia 105) e *Anavilhanas Jungle Lodge.*

Fotografia 105 - Hotel Mirante do Gavião



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Fotografia 106 - Anavilhanas Jungle Lodge



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

No quesito serviço de alimentação, o entrevistado Valmir Borges Monteiro, condutor ambiental e guia de turismo, comenta que Novo Airão oferece bons serviços de alimentação distribuídos em bares, lanchonetes e restaurantes. Com relação à operação do turismo, a cidade possui agências e operadores como também centrais de artesanato.

Em se tratando de artesanato, existe no município a Fundação Almerinda Malaquias (FAM) que colabora com a sustentabilidade do turismo de Novo Airão, isto é, propõe alternativas para criar produtos artesanais (Fotografia 107) que se destacam como sendo um dos melhores do Brasil, em conformidade com o SEBRAE (2013) e com Kellany Bezerra da Silva, gerente substituta da FAM. Esta entidade tem como missão:

Desenvolver soluções econômicas, sociais e ambientais que se integrem e se harmonizem como modelo sustentável piloto no município de Novo Airão, replicável para a bacia do baixo rio Negro e o Estado do Amazonas. E sua visão é tornar-se referência no trabalho de valorização da floresta Amazônica em pé, através de programas e projetos de educação e conservação ambiental, qualificação profissional e uso sustentável dos recursos naturais (Plano de turismo de Novo Airão, 2020).

Em conformidade com Kellany Bezerra da Silva, a FAM se atém a trabalhar com a reciclagem e reutilização de alguns tipos de resíduos sólidos, que, por sua vez, é feita partir de coletas realizadas pela entidade ou provindas de doações. Tais materiais são restos de madeiras, papel, papelão, formas de ovos e garrafas pet de diversos tamanhos. Com relação à madeira, esta é colhida pelos artesãos, e se distinguem como resíduos da construção civil, madeiras mortas e fragmentos que vêm das movelarias de Novo Airão. E ainda produzem sabonetes artesanais (Fotografia 108), o que fica a cargo das mulheres. É importante ressaltar que toda essa variedade de produtos está à disposição para venda na loja da Fundação. Ademais, pôde-se apreciar o fazimento pelos artesãos desses produtos *in locus.*

Fotografia 107 - Peças de madeira



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Fotografia 108 - Sabonetes artesanais e objetos de papel reciclado



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

A sensibilização ambiental é uma das premissas do trabalho da FAM, que é traduzido em programas como o de capacitação para o Artesão e o de educação ambiental para as crianças de 6 a 12 anos. Em 2015, estendeu-se para adolescentes de 13 a 16 anos de idade e ainda oferece cursos de capacitação relacionados a resíduos sólidos. Como resultado, foram capacitadas mais de 700 pessoas em Novo Airão. Esse trabalho tem sido por demais importante para dar autonomia financeira à comunidade, ao mesmo tempo que dinamiza a cadeia produtiva do artesanato e, por conseguinte, é mais um atrativo para compor a oferta turística local.

De acordo com Plano de Turismo (2020), ele preconiza que os mercados nacional e internacional possibilitam a ampliação de produtos resultados de resíduos; no entanto, apontam a necessidade de que os comunitários estejam interessados para que isso aconteça.

Com relação a isso, há determinados pontos que devem ser trabalhados de modo conectado, ou seja, priorizar gestões, seja de ordem produtiva, administrativo-financeira ou de marketing (Plano de Turismo, 2020). Nesse

sentido, toda essa produção pode gerar uma agregação de valores, visto que o comprador tem consciência de que, ao adquirir tais produtos, colabora com o meio ambiente e possibilita que a comunidade seja beneficiada com renda oriunda dessas vendas.

Dito isso, pensa-se que essa atividade produtiva contribui para o desenvolvimento do município, uma vez que esta força econômica está em plena expansão, pois já existe a Associação dos Artesãos de Novo Airão (AANA), ente apoiado por duas ONGs: Fundação Vitória Amazônica (FVA), cuja atuação se dá por meio do projeto Fibrarte; e da FAM.

Ao analisar os macroprogramas – gestão, produto, marketing, infraestrutura, informação e estudos turísticos – contidos no Plano Municipal de Turismo de Novo Airão – 2019-2022 – (2019), tem-se que este município integra o polo turístico do Amazonas, inserto no grupo intitulado Polo Amazônico, visto que congrega importante potencial turístico, natural, cultural e histórico como assinalado anteriormente.

É de se perceber neste documento a intenção de desenvolver o turismo em comunidades ribeirinhas e realizar um mapeamento delas, bem como de seus respectivos produtos potenciais (Plano de Turismo, 2019). Isso está a contento contemplado no macroprograma de gestão, precisamente em seu item atração de investimentos à elaboração de projetos turísticos mirados nas comunidades indígenas, negras e ribeirinhas, a ter como parceiros a AMAZONASTUR, o Ministério do Turismo e/ou entidades não governamentais.

Tem-se, ainda, um programa de estruturação de produtos que visa a organização e implementação, em parceria com a Fundação Estadual dos Povos Indígenas (FEPI), de um Programa de "Identificação de Potencialidades e Entraves ao Turismo em Comunidades indígenas". Além disso, propõe constituir um fórum de discussão sobre esse eixo temático, conectado a representantes de povos indígenas diversos no referido município, como também implementar programa de sensibilização e capacitação.

Compreende-se que é esta a configuração do turismo em Novo Airão, inclusas aí as propostas para o desenvolvimento do TBC no Amazonas. Ressalta-se a importância que tem o chamamento para as parcerias de vários matizes que são fundamentais para a viabilização dessa construção que pretende ser coletiva no que tange ao turismo, apesar de esse processo já ter sido iniciado.

A seguir, far-se-á uma apresentação da pesquisa que foi realizada na RDS Rio Negro, mais precisamente na comunidade do Tiririca.

Reserva de Desenvolvimento Sustentável Rio Negro

A RDS Rio Negro integra o Corredor Central da Amazônia e o Mosaico de áreas protegidas do Baixo Rio Negro, perfazendo onze UC, distribuídas em uma área aproximada de 103 mil hectares. Esta constitui-se de Floresta Ombrófila densa. Na sua biologia, encontram-se espécies endêmicas em estágio de vulnerável, como também espécies novas com uma formação vegetal de valor significativo para a conservação. Há na floresta múltiplos ambientes, uma série de nascentes de igapós, igarapés, lagos e praias. Sem falar de sua fauna e flora endêmica existente no interflúvio Negro/Solimões, o que resulta em potencial rico para fins de turismo (CEUC; ARPA, 2013).

A criação da RDS Rio Negro foi resultado da iniciativa do Poder Público, que teve o respaldo das manifestações de moradores da UC, cujo desmatamento, a ter em vista a construção da ponte sobre o Rio Negro, os preocupava (Silva, 2014). Reuniram-se o antigo SDS/CEUC, atual SEMA e moradores da APA da Margem Direita do Rio Negro – Setor Paduari Solimões, no ano de 1997, quando foi proposto redefinirem-se os limites desta UC e criar-se uma UC com outro tipo de categoria, ou seja, de uso sustentável.

A continuar a mobilização para a criação dessa UC, por todo o ano de 2008, realizaram-se ações de sensibilização envolvendo as comunidades,

bem como se fizeram estudos sobre a área, em conformidade com SEMA (2016). Em sequência, realizou-se na comunidade Saracá, uma Consulta Pública, quando participaram 200 pessoas entre comunitários e representantes da SDS, Instituto de Terras do Amazonas (ITEAM), e prefeitura de Iranduba.

O eixo de discussão do encontro versava sobre a redelimitação da UC estadual APA do Rio Negro (Setor Paduari/Solimões) para criar-se, enfim, a RDS do Rio Negro, abrangendo 102.978,83 ha, por meio do Art. 2º da Lei n°. 3.355 de 26 de dezembro de 2008. Ela situa-se entre os municípios de Manacapuru, Iranduba e Novo Airão, contando 19 comunidades, compostas de uma população de pequenos agricultores, estimada em 600 famílias (ISA, 2009), que têm na agricultura, no manejo madeireiro florestal e no turismo suas principais atividades.

Tem como objetivo principal a manutenção da floresta em pé e a valorização da cultura ribeirinha. Visa também desacelerar os impactos de âmbitos socioambientais e econômicos que são frutos da extração de madeira e do uso inadequado dos recursos naturais (Moura, 2019). Propõe-se também a promover atividades de lazer e o TBC.

Comunidade do Tiririca e o turismo de base local

A compreensão da dinâmica do turismo para o desenho do modelo de gestão centrada na comunidade do Tiririca (Fotografia 109), que está dentro da RDS Rio Negro, é vista pelo presidente comunitário local e agricultor aposentado, Raimundo Oliveira da Silva, como desafiadora.

Fotografia 109 - Vista da comunidade do Tiririca



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Em conformidade com este, a comunidade é formada por famílias que chegaram por volta do ano de 1960. A atividade econômica inicial era a agricultura que, com o passar do tempo, teve que ser reorganizada, em face ao aumento do número de famílias, que forçou a criação de um grupo para receber benefícios da Prefeitura e do Governo do Estado do Amazonas. Tais benefícios só seriam recebidos se tivessem um grupo comunitário entre as famílias, e com isso foram chegando os amigos, quando se conseguiu fazer um grupo bem maior.

A prosseguir, o Presidente aponta o rácio de 14 famílias, totalizando 38 pessoas. É uma comunidade feita para a família, uma vez que esta é a proprietária de tudo, pois se criou para viver com respeito e decência, além de ser formada por uma maioria de evangélicos. Também destaca que o meio ambiente e o governo não se responsabilizam por quem vem para cá, uma vez que os moradores da comunidade são responsáveis pelo acesso dos que vêm de fora. E por conta disso, a comunidade não tem interesse em aumentar o número de pessoas, pois é um espaço eminentemente familiar.

Ainda segundo o presidente, no ano de 1984, teve início uma Associação de Agricultores que ainda está em atividade. Em relação ao turismo, o que o motivou foi o desenvolvimento dessa atividade no estado do Amazonas, com apoio governamental, principalmente com a oportunidade dada ao Projeto de Turismo, Agricultura e Pesca que é um trabalho viável e que já vem sendo há muito tempo realizado, e isso complementa a renda de cada família.

Ademais, o mesmo reforça que essa comunidade tem uma história, pois foi criada pelo seu genro, já falecido, o senhor Ednor Marcos Barroso, primeiro morador do Tiririca. O presidente ressalta que casou com uma filha do Ednor e sua irmã casou-se com o filho deste senhor. Daí, vieram os filhos, que foram crescendo, e a família foi aumentando, e depois chegaram os amigos. Então, conseguiu-se desenvolver um trabalho comunitário e em grupo. Hoje, tem-se um restaurante (Fotografia 110) que foi feito por um projeto da via FAS, com o qual se tem uma parceria.

Fotografia 110 - Restaurante Cantinho do Japiim



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Nessa perspectiva, tem-se a FAS como um ente não governamental importante na assessoria à comunidade. O presidente ressalta que a FAS doa, por meio de projetos, do Governo do Estado e de alguns Bancos, alguns benefícios que eles recebem sobre o Bolsa Floresta. E por conta desse lucro, desse recurso, esta repassa uma renda para algumas famílias das comunidades da RDS Rio Negro, que tem como critério o número de pessoas que naquele lugar residem. Nesse aspecto, concorda-se com Cañada (2015) acerca do apoio dos entes políticos. Segundo o presidente:

> Nós já tivemos o Projeto do Polo Madeireiro, e, em virtude de morarmos em um local protegido por Lei, a gente tem que trabalhar com tudo legalizado e dentro das regras da Lei da Reserva. Então, com isso, aprendemos há muito tempo a preservar isso aqui, há mais de 40 anos, e, naquela época, não tinha fiscalização, mas a gente já sabia que precisava cuidar disso (informação verbal).

Tem-se, portanto, uma grande responsabilidade com as crianças, com os jovens, com os adultos, de conservar esta Floresta Amazônica. Por conta disso, a comunidade sofre, pois não tem quase benefícios. Esta tem o papel de fiscalizar, preservar, e muitas vezes, por conta, dessa preservação a comunidade não tem um recurso que seja digno de sobrevivência.

Prossegue afirmando que a comunidade se sobre-esforça para complementar a renda familiar. Alguns são aposentados e outros trabalham na produção, na carpintaria, na roça, na pesca, no artesanato, e no turismo que está a começar.

Entretanto, detalha o entrevistado que existe uma expectativa na formação dos comunitários para trabalhar na atividade turística, uma vez que esse tipo de trabalho é muito complicado e tem que ter muita delicadeza em atender pessoas.

Alega ainda que "o próprio ser humano precisa ter uma recepção boa, vender uma comida saborosa, ter uma higiene 100% e, dessa forma, nós temos, Graças a Deus, conseguido, e quando começou foi com muito sucesso".

Verifica-se que o entrevistado tem pleno conhecimento de sua realidade no que tange à importância do turismo. Está cônscio da complexidade do turismo e, por outro lado, de como resolver os desafios que se apresentam para que se possa desenvolver essa atividade econômica.

A considerar, Peralta, Vieira e Ozorio (2015, p. 116-117) indicam que:

> Entendemos o turismo de base comunitária como um processo composto de um conjunto de ações com o objetivo de avançar com vistas ao objetivo comum de consolidação de uma atividade ambiental e socialmente sustentável, gerando benefícios diretos para as comunidades receptoras e o controle efetivo destas em sua gestão.

Assim sendo, percebe-se que o TBC produzido é o ordenamento territorial do protagonismo comunitário.

Ainda em relação ao turismo, o Presidente destacou que a discussão começou na comunidade com a FAS, quando esta trouxe o pessoal da culinária, da agricultura, do Polo Madeireiro, do Pesqueiro e Turismo, foi quando surgiu o Projeto para o Turismo. Segundo as próprias palavras do Presidente:

> [...] o doutor Virgílio, que é o Presidente da FAS, ele é muito amigo da comunidade, e fez o convite para realizar uma conversa e/ou um Encontro de Líderes para ver quem queria, e se dava resultado capacitar para o Turismo (informação verbal).

Percebe-se, a partir da literatura de Giampiccoli, Saayman e Jungmohan (2015) que o processo indutor para o TBC parte de algum ente interessado em transferir a tecnologia social, por meio de processos participativos, da conhecida aprendizagem social.

Como incentivo aos demais, o Presidente decidiu participar do curso, e isso aconteceu entre os anos 2011 e 2013, sem precisar bem a data. A promessa, durante o curso, era de fazer um projeto de pousada e restaurante

para receber o turista. Percebe-se, entretanto, que a comunidade ainda não está bem estabilizada, pois precisa, urgentemente de um refrigerador para armazenar os alimentos. Cita-se o projeto *Quem Tem Luz 24 horas*, que oferece um gerador que funciona da 6h às 9h, e conta com algumas prioridades para seu uso. Resta dizer que a comunidade não dispõe de recursos para a compra de combustível para que o gerador funcione por mais horas.

Este limitante de energia, com certeza, restringe muita a comunidade tanto em suas atividades domésticas cotidianas quanto de lazer e, por conseguinte, a de turismo. Cita também o entrevistado o projeto das placas solares que foram colocadas no restaurante, mas infelizmente as baterias não foram adequadas para o tipo de equipamento, de modo que os *freezers* não funcionaram. Assim, a comunidade só recebe turistas quando o grupo faz encomenda com antecedência, uma vez que o pessoal do restaurante tem que pensar toda uma logística para preparar as refeições.

Em termos de infraestrutura para o turismo, a comunidade dispõe de um restaurante, "Canto do Japiim", com capacidade para 50 pessoas por almoço (Fotografias 111 e 114). O Presidente cita o exemplo de um evento-almoço, para os professores da comunidade de Novo Airão, quando foram atendidas cerca de 40 pessoas. O equipamento já está preparado para eventos dessa natureza e pode também oferecer café-da-manhã e jantar. Essa preparação se dá, paulatinamente, desde a sua inauguração em junho de 2017.

Fotografias 111 e 114 - Cozinheiras e detalhes das refeições





Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Ressalta ainda o Presidente que a comunidade tem um equipamento de alojamento, em madeira, denominado de pousadinha, ainda em construção (Fotografia 115), que tem quatro quartos, com capacidade para atender de oito a dez pessoas, ou um casal em cada quarto, ou ainda um casal e uma criança, pois há onde se armar uma rede. Pode-se também improvisar, se forem todos da mesma família, hospedando-se três pessoas no quarto. Há também dois banheiros bastante espaçosos, um masculino e outro feminino.

Fotografia 115 - Pousadinha em construção



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

A continuar, o interlocutor informa que, além da infraestrutura de apoio ao fomento da atividade turística, a comunidade oferece aos seus visitantes, atividades como a canoagem e a trilha na floresta. Nesses momentos, o visitante tem a possibilidade de avistar a fauna, como por exemplo, as araras (*Psittacidae*), o gavião (*Accipitridae*), o papagaio (*Amazona*) e o bicho preguiça (*Folivora*) (Fotografia 116). É de se notar que os turistas apreciam muito vê-los e fotografá-los. Entretanto, afirma que não se tem ainda um guia comunitário, mas conta com o apoio do guia-intérprete dos hotéis de Novo Airão, que acompanham os turistas quando em visita ao Tiririca. Oferece-se, ainda, a pesca esportiva.

Fotorafia 116 - Bicho preguiça



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Segundo o Presidente, quando o turista chega à comunidade, este vai conhecer a casa de farinha, em que tem a oportunidade de experienciar todo o processo de fazimento desta, e ainda a retirada e o modo de fazer e preparar o tucupi sem e com pimenta, tirando a goma e fazendo o beiju.

Sobre a produção do artesanato, Jéssica Oliveira, cozinheira auxiliar e artesã, informa, que a comunidade dispõe de uma lojinha de artesanato (Fotografias 117 e 118), confeccionando os colares, as pulseiras, os brincos, as zarabatanas, os suportes para as cuias do açaí, os jogos americanos, os bichos feitos de madeira, como o boto (*Iniageoffrensis*), a *Folivora*, a cobra (*Serpentes*) e outros animais, entre outras peças.

Fotografias 117 e 118 - Lojinha de artesanato



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Enfim, segundo a entrevistada, as artesãs estão sempre fazendo e buscando novidades, e quando o turista procura por um determinado produto, caso não tenham ou não saibam fazer, compra-se em outras comunidades, por meio de parcerias. A matéria-prima encontra-se na região da RDS Rio Negro.

Destaca-se que o grupo de artesanato está organizado, composto por cinco ou seis famílias que não fazem parte da Associação, mas tem uma liderança. A lojinha é particular, e cada uma pessoa expõe e vende o seu produto.

Entretanto, existe uma versão dada pela Secretária Municipal de Indústria, Comércio e Turismo de Novo Airão (SEMINTUR), Suzianne Fonseca de Oliveira, que este artesanato é comprado em lojas manauaras e revendido na lojinha de Tiririca. Entretanto, a pesquisadora não teve tempo de averiguar a veracidade das informações sobre a produção artesanal daquela localidade.

Em relação às capacitações dos comunitários, estas já foram realizados. E acredita-se que ainda em 2019 haverá mais eventos dessa natureza, principalmente o de arte culinária, em que as mulheres participaram, o de manejo florestal, o de empreendedorismo e o de pesca.

A considerar o contexto da RDS Rio Negro, a relação da comunidade com a SEMA, tem-se a ACS, que é a Associação-mãe que conta com uma diretoria e um Presidente, responsáveis pelas 19 comunidades dentro da Reserva. E com a FAS, tem-se uma boa relação, inclusive com a coordenação, que é responsável pela logística, distribuição de material e compras.

Ao ser questionado sobre a visão do turismo que a comunidade desenvolve, o TBC, o Presidente manifesta-se relatando que se trabalha tanto com o turista europeu, que é mais sofisticado, que intenta conhecer o indígena, o caboclo e seu cotidiano, e também se interessa em apreciar as belezas naturais do Amazonas. Diz que, com relação ao turista brasileiro, estes são paulistas, os cariocas e os catarinenses e não se interessam em conhecer a realidade comunitária.

Percebe-se que o entrevistado não está bem afinado com o significado do conceito de TBC e por isso não compreende de todo o que é um modelo de gestão, segundo as características deste. Visivelmente, a comunidade compreende TBC como algo relacionado ao conceito de turista. Isso é clarividente na maioria das comunidades amazônicas, em que a falta de conhecimento acerca da importância do desenvolvimento comunitário para o turismo é notória, precisando, talvez, na maioria das vezes, de um agente externo para estimulá-las.

A questão vai além do simples entender sobre o TBC. O fato que importa é que é necessário vivenciar essa engrenagem por demais complexa da atividade turística para compreender o conceito e como deve ser operado. Ressalta-se que para isso acontecer, no mínimo, a comunidade tem que ter o seu tecido social consolidado e um estoque armazenado de capital social.

Ainda, segundo Raimundo da Silva, a meta da comunidade está voltada para o tipo de turista dito rústico, aquele que é aventureiro e que está propenso a dormir sem grandes sofisticações. Enfatiza ainda que o turista quando chega almeja segurança, atenção, boa recepção e, no mais, proteção. São essas, portanto, as expectativas deste.

Quanto ao processo de comercialização, ainda não se conseguiu captar o turista via *internet*, mas o *start* para isso se conseguir já foi iniciado. No momento, segundo Ana Cecília Ferreira, Chefe de atendimento sênior do *Anavilhanas Jungle Lodge*, a demanda turística é oriunda deste meio de hospedagem por meio do qual se faz passeios, compras de artesanato e refeições.

Na avaliação do entrevistado, a comunidade já tem uma noção de como fazer o TBC, pois tem outras comunidades como exemplo. A comunidade de Acajatuba é uma delas, é um Polo de Turismo, pois há um investimento grande e a maioria dos seus habitantes trabalha com o turismo. Esta fica localizada perto da Pousada Uacari onde existem muitas comunidades que trabalham diretamente com o Turismo.

Prossegue o entrevistado, mencionando que há uma preocupação com o meio ambiente, pois a extração de madeiras atualmente já está bastante dificultosa para vender. Além disso, existe uma burocracia desgastante e o que se paga para fazer o inventário não compete com o que se vai investir. Sem falar que a fiscalização não consegue combater o tráfico de madeiras que é grande no Amazonas e no Pará. Diante disso, vê-se muito desmatamento, pois os madeireiros que trabalham de modo clandestino lucram bastante.

Assim sendo, a comunidade tem essa perspectiva de trabalhar com o turismo para conseguir manter as crianças na escola. Diz o entrevistado que

> [...] as crianças aqui todas são educadas para terem o cuidado de preservarem, não jogarem os plásticos no chão e já com o lixo a comunidade faz a coleta todos os dias e junto com as crianças. E estão tentando sobreviver aqui de uma maneira digna por conta do turismo, que é um negócio que está dando certo e já tem parcerias com os amigos políticos como vereadores, prefeitos e deputados. E estão bem articulados, e a comunidade já tem o acesso ao Governo, via seu líder comunitário e presidente (informação verbal).

Quanto aos benefícios do turismo para a comunidade, o Presidente ressalta que a Casa de Farinha foi construída por conta do projeto de turismo da FAS e que o *Anavilhanas Jungle Lodge* também contribuiu muito na compra dos materiais para a construção desse equipamento.

Além disso, por meio da FAS, o restaurante "Canto do Japiim" foi financiado, e a comunidade entrou com a mão de obra. Segundo o presidente, esse empreendimento é da comunidade e da Associação de Produtores Agrícolas do Tiririca. Tem-se na comunidade vários projetos que precisam ser concluídos como o projeto da Pousada. E para o ano de 2020, a comunidade pretende realizar o projeto de ampliação de um sistema solar, de luz e de placas por conta do Governo. O entrevistado menciona, por exemplo, que:

> [...] os moradores da comunidade dormem sem o ar condicionado e de janelas abertas e não tem luz 24 horas. O clima é natural, e muitas vezes o turista dorme em uma rede, ele não quer saber de uma cama sofisticada, ele quer saber da cerâmica, de um telhado de palha, de um piso de madeira rústica, e é isso o que ele quer. Mas, a perspectiva é de criar mais coisas, de fazer um Porto para recebê-lo, facilitando a sua chegada e a sua saída, e precisa-se criar algo para atraí-lo. O turista ele é assim, quer ver a realidade e a comunidade como ela é. [...] aqui não tem uma terra tão fértil e, não tem uma assistência técnica para trabalhar com o plantio, mas é uma coisa que dá certo aqui é a agricultura e o turismo (informação verbal).

Identifica-se na fala do entrevistado que este sabe exatamente os diferenciais que o turista procura, e nessa perspectiva está-se tentando melhorar as condições físicas para poder propiciar, a estes, momentos de lazer com conforto, embora mínimo.

Destarte, há na comunidade um projeto de uma horta comunitária, em que serão produzidas as verduras para o restaurante, livres de agrotóxicos. Está-se a pensar em criar frangos, e quanto ao peixe e às verduras, já existem na localidade.

Enfatiza o Presidente que a comunidade quer que o visitante, ao sair do Tiririca, tenha a seguinte lembrança: "Poxa, eu fui lá no Tiririca, eles têm uma horta, uma cozinha organizada e tudo o que é preparado por eles é bem feito". Assim, se pode oferecer ao turista os componentes básicos do produto turístico: a segurança, hospedagem e alimentação, de modo adequado e valorizando o ambiente natural. Estas são, portanto, as premissas que tanto se persegue no TBC de modo geral.

Outrossim, questionou-se quanto à renda do restaurante, como é dividida, quantos colaboraram, e o Presidente apontou que são 17 trabalhadores. A continuar, o informante diz que todos os associados deveriam fazer parte desse grupo de trabalho, mas há alguns que não querem porque têm outras fontes de renda. Existem associados-contribuintes também, que são poucos, que exercem outras funções como vigia, artesão, comércio de espeto de carne para churrasco, venda de peixes, galinhas, abóboras e melancias. Sem falar dos que plantam macaxeira. Este, portanto, é o perfil das atividades que a comunidade exerce para complementar a renda familiar. Afirma o entrevistado ainda que o que a comunidade sonha é em ter o próprio restaurante, horta e frango, uma vez que já tem o peixe, mas não a carne, que é mais difícil de ser comprada.

Em conformidade com o presidente, a renda é dividida assim: no setor administrativo, há uma Associação com a tesouraria, um secretário, um conselho e o presidente do poder executivo. Menciona que o presidente é autorizado a retirar 10% do faturamento para o caixa, como capital de giro. Além disso, paga-se energia (motor de luz) e a água, e o restante é dividido pelos 17 trabalhadores, em partes iguais.

No quesito recrutamento, há regras para se trabalhar no restaurante: fazer capacitação, ser associado e estar em dia com seus pagamentos. Em suma, é necessário que se sigam os procedimentos de uma cozinha industrial, embora o uso de uniformes não seja exigido.

Nessa direção, Fabrino, Nascimento e Costa (2016) destacam que a geração de benefícios diretos para as comunidades receptoras representa um componente de destaque no TBC. Por exemplo, no restaurante, trabalham um casal, a mulher na cozinha e o homem. Trabalha-se por grupo diariamente. Cada grupo – em número de quatro – é composto por quatro pessoas, e em escala de revezamento. Entretanto, quando se recebe um número por demais grande, todos os grupos entram em ação simultaneamente.

No que concerne aos principais problemas enfrentados pelo Tiririca, o presidente enfatiza a questão da falta de energia, já que o motor funciona por poucas horas, o que atrapalha em muito o trabalho. As outras dificuldades se referem à inadimplência com relação à Associação e ao tema da água, que às vezes falta, por defeito no motor. Então, os comunitários têm que recorrer ao rio.

Ao mencionar que a comunidade está em uma UC, indaga-se sobre as ações principais para a conservação ambiental. Nestes termos, o presidente discorre que a comunidade se reúne e mobiliza todo o grupo e faz-se uma conscientização de que não se pode deixar lixo na rua, não se pode atear fogo em qualquer lugar, porque isso gera impacto ambiental negativo. Com relação ao escoamento da água encanada, tem-se tentado resolver essa situação. Outra questão que preocupa são os invasores que chegam à noite, e que fazem uma pesca predatória, derrubam árvores e desmatam. Essas práticas, embora não sejam muito frequentes no Tiririca, acontecem nas comunidades de Camará, Tumbira, Igarapé-açu e Travaco.

4 PROJETOS DE TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA DESENVOLVIDOS NA AMAZÔNIA BOLIVIANA

Este capítulo refere-se a diversos aspectos que abordam os projetos de Turismo Comunitário (TC) e de Turismo de Base Comunitária, que estão por acontecer na Amazônia boliviana. Isso se dá dentro do destino Rurrenabaque-Madidi-Pampas, precisamente no interior e na zona de amortecimento do Parque Nacional e Área Natural de Manejo Integral Madidi (PNANMI Madidi), abrangendo os Departamentos de Beni e La Paz.

Os passos sequenciais de apresentação do conteúdo dão seguimento à pesquisa de campo, que foi realizada em La Paz, Rurrebanaque, San Buenaventura e nas comunidades de Villa Alcira e San Miguel del Bala, quando se teve a oportunidade de entrevistar ainda os atores dos empreendimentos comunitários do Albergue Ecológico Chalalan, Villa Alcira Cabanas, San Miguel del Bala Ecolodge e Madidi Jungle Ecolodge.

Apesar de não serem tão simétricas em termos de questionamentos com relação as suas realidades, devido ao fator tempo e distância, algumas são mais profundas no que respeita aos interesses e objetivos da pesquisa.

Como base investigativa, ateve-se às falas dos entrevistados e suas respectivas análises que se refletem com a montagem do discurso, o que foi imprescindível para se compreender os contextos e realidades do modelo de gestão do TC e do TBC.

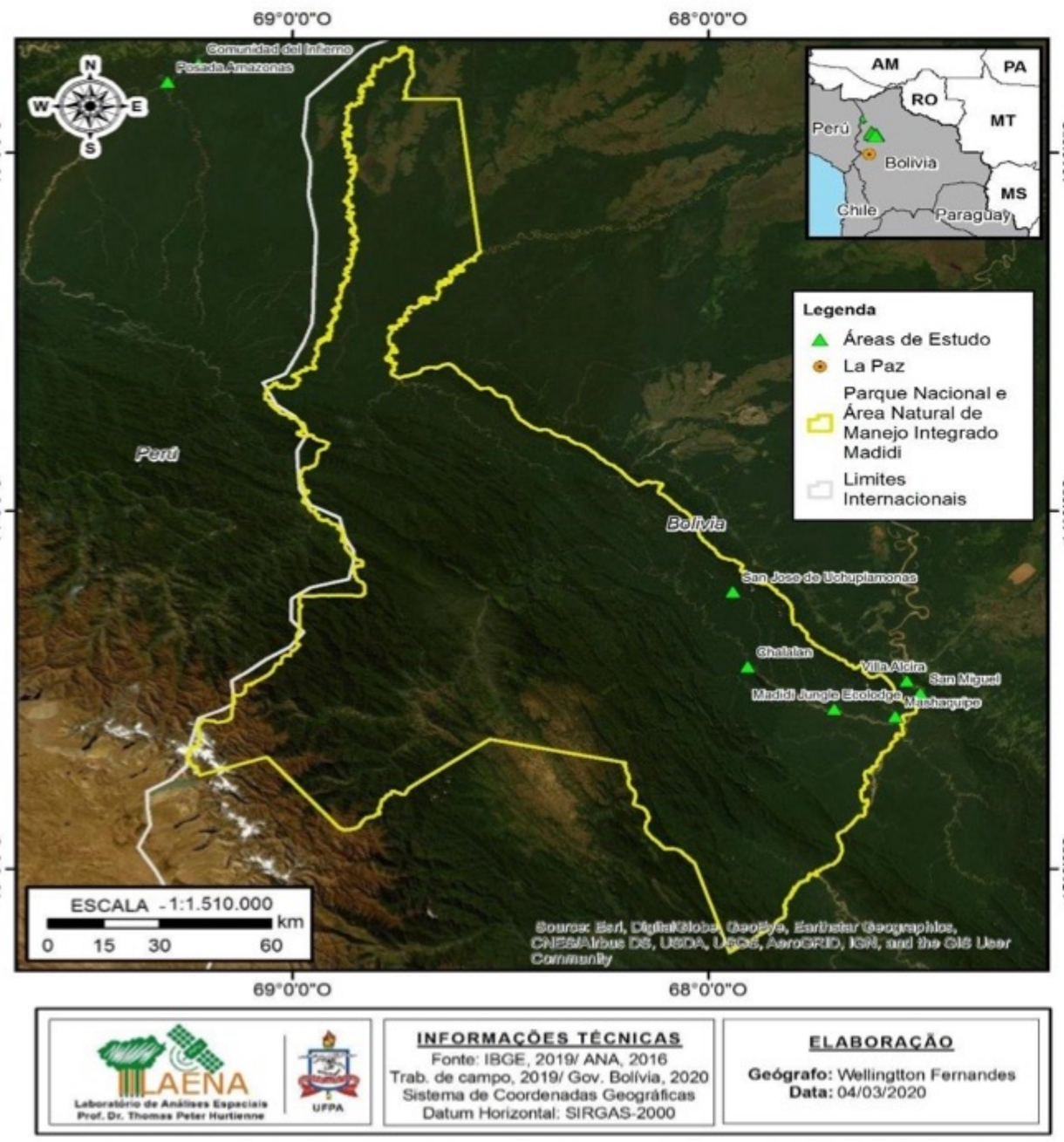
O objeto de estudo, refere-se aos seguintes recortes temáticos: políticas públicas e seu marco político-institucional do Turismo Comunitário, participação da Rede TUSOCO e do projeto INCAmino, contextualização do destino Rurrenabaque-Madidi-Pampas e do PNANMI Madidi, história das comunidades e do início do TC/TBCC, problemas a serem transpostos tanto da comunidade quanto, especificamente, do TC/TBC e visão sobre estes. Além disso, fazem-se referências às condições infraestruturais e de

serviços – sistema de hospedagem e de alimentação –, atividades de lazer, produção artesanal das comunidades, perfil da demanda, comercialização, organização comunitária e políticas públicas que interferem no TC/TBC. E mais, remete-se à capacitação, aos benefícios advindos do turismo, à participação social, à governança das comunidades, e às ações de conservação implantadas e desafios a serem suplantados.

4.1 O Turismo na Bolívia: institucionalidades, contextos e olhares

A seguir, apresentar-se-á o arcabouço institucional das políticas públicas do TC na Bolívia (Mapa 4), perpassando por seus variados matizes como os que vêm a seguir.

Mapa 4 - Localização das áreas de estudo na Bolívia



Fonte: Laboratório de Análises Espaciais Prof. Dr. Thomas Hurtienne (LAENA/NAEA/UFPA), 2020.
Autoria: Mônica Araújo, 2019. **Produção técnica**: Wellington Fernandes, 2019.

No destino Rurrenabaque-Madidi-Pampas, investigaram-se os empreendimentos Albergue Ecológico Chalalan, pertencente à comunidade de San José de Uchupiamonas, e Madidi Jungle Ecolodge, no Parque Nacional e Área de Manejo Integral Madidi. Além de seu entorno, Villa Alcira e San Miguel de Bala, propriedades dessas comunidades tacanas.

Considerações sobre a Política Pública de Turismo Comunitário e Turismo de Base Comunitária na Bolívia

Para Adhemar Veja[1] (Fotografia 119), ao ser questionado sobre a visão do governo nacional sobre o TC, diz que, desde 2012, o Presidente Evo Morales vem apoiando bastante o que está definido na Constituição de 2009, quando a Bolívia se tornou um Estado plurinacional. Nessa direção, o país vem reforçando a política de TC e elaborou-se um projeto no valor de U$ 20.000.000 junto ao BID, que foi de 2012 a 2017. Apoia-se diretamente, com investimentos de base comunitária, a infraestrutura dos principais destinos turísticos bolivianos.

[1] Técnico Departamental e Municipal da Unidade de Gestão e Desenvolvimento do Turismo Comunitário do Vice-Ministério de Turismo Boliviano.

Fotografia 119 - Técnico de Turismo Comunitário e a autora



Fonte: António Méndez, 2019.

As principais regiões que se têm priorizado são cinco: o *Salar de Uyuni* (Fotografia 120), o Lago Titicaca (Fotografia 121), Yungas, Madidi (Quadro 1)[2] e Sajama.

Fotografia 120 - Salar de Uyuni



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

[2] Os meses de fevereiro, março, abril, setembro, novembro e dezembro são os que representam cifras mais baixas de fluxo turístico, enquanto que nos meses de maio, julho, agosto e outubro demonstram um incremento notável no número de ingressos de turistas aos empreendimentos comunitários dentro do PNANMI Madidi.

Fotografia 121 - Lago Titicaca



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Fotografia 122 - Rio Beni, Parque Nacional e Área Natural de Manejo Integrado Madidi



Fonte: Mônica Araújo, 2019.



Fotografia 123 - Parque Nacional Sajama

Fonte: Tusoco Viajes, 2019.

Quadro 1 - Número de turistas no Parque Nacional e Área Natural de Manejo Integral Madidi

ANO	JAN	FEV	MAR	ABRIL	MAiO	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
2016	21	23	8	36	76	54	68	84	18	86	34	55
2017	69	23	8	4	109	53	41	32	39	61	30	22
2018	26	15	42	35	27	22	111	79	83	90	60	18
2019	116	61	58	75	212	129	220	195				
TOTAL	**232**	**122**	**116**	**150**	**424**	**258**	**440**	**390**	**140**	**237**	**124**	**95**

Fonte: Direção Departamental de Turismo/Normas e serviços de Rurrebanaque/Governo Autônomo, 2019.

A política de TC está contida no Plano Nacional de Turismo (PLANTUR) 2015-2020, com uma agenda até 2025, cujo maior objetivo é fortalecer e desenvolver o TC, permitindo melhorar a qualidade de vida das comunidades.

A política de TC na Bolívia está configurada na Constituição Política do Estado e tem sua própria Lei de Turismo, assim como no PLANTUR e no regulamento de TC que, à época da pesquisa que se realizou, estava em discussão, e que mais recentemente, em 2020, foi aprovado.

A preocupação do governo com esse tema de TC deu-se com o reconhecimento que o Estado teve em relação às comunidades interculturais, afrobolivianas e todos os indígenas do território nacional. Tem-se, então, que essas culturas estão tanto em áreas rurais quanto urbanas. Comenta Adhemar Veja que existe um investimento de aproximadamente U$ 24.000.000 para o fortalecimento do TC nos municípios.

No que tange à relação entre o governo nacional e o mercado que opera o TC, diz que se está trabalhando em um projeto vinculado trinacionalmente, ou seja, Peru, Equador e Bolívia. Tem-se o componente de TC, o promocional, e de capacitação e apoio direto aos empreendimentos comunitários. E ainda cinco projetos que envolvem equipamento e desenvolvimento do TC. Com relação ao mercado, está-se trabalhando a nível internacional, participando em feiras de turismo, quando então leva-se a proposta do TC em mercados internacionais como Londres e Argentina. Interessa também o mercado peruano, o francês e o suíço, além do sul-americano. Enfatiza também que o próprio mercado interno tem demonstrado interesse em visitar os empreendimentos comunitários, e por isso está-se a apoiar feiras nacionais de TC.

Quanto ao perfil da demanda para o TC na Bolívia, é aquele tipo de turista que quer viver a experiência comunitária, ou seja, realizar atividades com a comunidade e apreciar a natureza. Esse turista respeita muito os valores culturais e busca novas alternativas para apoiar diretamente a

comunidade, com interação. Há também outros que vêm fazer trabalhos como voluntários e conhecer a cultura boliviana.

Esclarece o entrevistado Adhemar Veja que existem duas redes de TC na Bolívia: a TUSOCO (Red Boliviana de Turismo Sostenible y Comunitario) – com maior número de empreendimento –, e a Apthapi. A relação do governo com estas está na coordenação dos trabalhos com os respectivos empreendimentos na linha de capacitação e promoção. A rede APTHAPI está na região do Lago Titicaca e a TUSOCO opera em todo território nacional.

No que respeita aos principais obstáculos para implementar programas de TC na Bolívia, o entrevistado vai expressar que uma grande dificuldade é a ausência de uma Normativa, pois não se pode dar apoio direto com fomentos aos empreendimentos comunitários. Para ficar melhor compreendido, o código de comércio boliviano não os reconhece como empreendimentos comunitários, mas como empresas privadas ou como associações, pois estão como sociedade anônima. Outra dificuldade que se nota é a necessidade de definir-se precisamente o que é o empreendimento de base comunitária, quais são seus requisitos. Tem-se o conceito de base comunitária, mas não se tem as características e isso só vai se resolver quanto tiver a classificação que estará no Regulamento como o Manual para fazer-se as inspeções nos empreendimentos de TC.

Quanto ao tema de TC na Amazônia boliviana, Adhemar Veja ressalta a importância desse modelo de turismo para o país, visto que aquela região foi pioneira e tem os exemplos mais exitosos que os da região do Altiplano.

No PLANTUR, menciona que existem empreendimentos comunitários que são associados de TC e empreendimentos que não são, e isso se dá porque a política dos empreendimentos é de livre associação, isto é, podem ou não fazer parte das redes e, além disso, comenta que, como política, deve zelar por todos os empreendimentos comunitários de acordo com a Lei. Em se tratando de esferas de poder, tem-se, em primeiro lugar, o Ministério, em seguida os Estados chamados de Governações e, por fim, os

municípios. Tais entes territoriais têm funções e obrigações que estão sob a Lei Geral de Turismo para poderem desenvolver e fomentar o TC.

No que diz respeito à capacitação para os empreendimentos de TC, tem-se trabalhado com o BID e também com a cooperação suíça, com o objetivo de apoiar outros destinos turísticos que são priorizados por esses projetos.

Em se falando de instâncias de governança, têm-se os conselhos departamentais e por territórios. Estes abordam temáticas para o desenvolvimento de políticas, projetos e programas, dentre outros assuntos. Neles, estão envolvidos os empreendimentos comunitários, sendo partícipes desses conselhos. Com o regulamento que ora se elabora, vai-se ter um Conselho específico de TC.

Adicionalmente, Adhemar Veja explica que se tem coordenação com o Ministério do Meio Ambiente e Águas. Diz que quando os empreendimentos estão dentro de uma AP, em sua maioria na Amazônia, são demarcadas as normativas emitidas por meio do Servicio Nacional de Áreas Naturales Protegidas (SERNAP), as quais regulam o cumprimento sem que haja dano ambiental.

O informante (Adhemar) acrescenta que o TC, em termos institucionais, está vinculado ao de Ministério de Culturas e Turismo, mais precisamente ao Vice-Ministério de Turismo, que se orienta por duas direções. Uma delas é a Direção de Controle da atividade turística, responsável por todas as normativas e controle dos prestadores de serviços turísticos. No que concerne à parte de legislação, tem-se a Direção Geral de Turismo, encarregada da promoção e difusão dos destinos turísticos. Assim, dentro desta direção está a Unidade de Gestão e Desenvolvimento de Turismo Comunitário a qual o entrevistado está lotado. Esta unidade trabalha e coordena os departamentos e se articula com as entidades territoriais e municipais para disponibilizarem assistência técnica para os municípios e empreendimentos de TC.

A respeito de colaboradores que atuam nesta unidade tem-se uma chefia e dois técnicos que trabalham para o desenvolvimento do TC. E, além disso, tem-se uma Regional que funciona como uma sucursal do Vice-Ministério, instalado no Departamento de Santa Cruz, que por sua vez, tem um representante que atua mais com o turismo de modo geral.

No âmbito do projeto Campaña, tem-se trabalho com o Brasil, Peru e Ecuador com temáticas de capacitação e intercâmbios de experiências. Ressalta-se que se tem trabalhado com experiências de TC tanto do Peru como do Equador, inclusive com a parte técnica desses países.

Apesar de não dispor de dados estatísticos amplos sobre o TC na Amazônia, o entrevistado diz que, em 2018, o empreendimento *Mashaquipe* recebeu aproximadamente 400 pessoas e projeta receber mais nos próximos anos pela implementação de espaços, ampliando sua infraestrutura, o que vai permitir albergar muito mais visitantes.

No arco de alianças com atores de outras esferas, Adhemar Veja enfatiza que se trabalha diretamente com as Universidades, com empresas de turismo, institutos e outras organizações não governamentais que são coadjuvantes do desenvolvimentos do TC. No que respeita às universidades, estas fazem pesquisas com apoio técnico aos empreendimentos, e as ONGs estão apoiando com financiamentos e capacitações, inclusive com equipamentos que doam aos empreendimentos. Portanto, são aliados estratégicos e estão coordenados com o Vice-Ministério do Turismo.

a) Rede TUSOCO: trajetória, organização, articulação e desafios

A partir do relato proporcionado pelo Coordenador da TUSOCO, Sandro Saravia[3], criou-se uma linha de tempo apresentando um panorama da criação e gestão desta Rede de Turismo Comunitário, que opera nacionalmente em território boliviano. No ano de 2004, inicia-se a gestação

[3] Engenheiro industrial e elétrico.

da Rede, quando se organiza pela primeira vez na Bolívia um Fórum sobre Turismo Sustentável. Tal evento foi patrocinado pela Embaixada da França e por algumas organizações de pequeno porte.

A seguir, em 2005, voltou-se a organizar o Fórum, que contou com a participação de mais algumas organizações, de comunidades que possuíam projetos de turismo, cooperação internacional, entidades governamentais, ministérios etc.

> [...] ahí es donde estas organizaciones de las comunidades que tenían proyectos con diferentes entidades de cooperación decidieron unirse, formase una especie de bloque para primero difundir lo que era esa otra forma de hacer turismo, que las otras empresas de turismo operadores de turismo tradicionales, convencionales, entendiera de que esa manera de hacer turismo contribuía más bien al desarrollo local y que también contribuía a innovar lo que es la oferta turística en Bolivia. Entonces, para eso se dijo tiene que haber una entidad que nos una, y nos represente, Además, era la necesidad de cambiar la Ley de turismo. La ley de Turismo empujaba a todos a cumplir unas normas del Código de Comercio que era muy complicada para las comunidades indígenas poder inscribirse en el Código de Comercio. Estos motivos y la vez haber conocido en este evento de 2005, los emprendimientos conformaran un Comité. Y este Comité durante el 2005 empezó a hablar de cómo se trabajaría, que se haría y para el 2006 ya las entidades de la Cooperación internacionales de Holanda, de Francia, empezaran a ayudar (informação verbal)

Assim, os objetivos da Rede seriam: apoiar seus associados no desenvolvimento de seus produtos de qualidade; criar espaços de reflexão para esse modelo produtivo; e valorizar e conservar o patrimônio local. Além de fortalecer a autogestão de cada um desses empreendimentos.

À luz desses objetivos, o que se buscava era a independência dos projetos de cooperação internacional. A considerar que, em consonância com as informações obtidas nesses fóruns de Turismo Comunitário, percebia-se que quase todos os projetos vinham das mãos de "[...] coperación. Entonces, había que desarrollar la auto gestión porqué la cooperación no es infinita y

terminaba, y tenían que caminar solos. Y es asi que és!" (informação verbal).

No ano seguinte, 2006, conseguiu-se obter os documentos da Rede TUSOCO, então se elaborou o seu estatuto, as normas e, posteriormente, elegeu-se o primeiro Diretório desta. Assim, iniciaram-se os primeiros trabalhos da TUSOCO.

Portanto, já nos anos de 2007 e 2008, uma vez constituída a Rede, iniciou-se – com apoio de outras associações – o desenvolvimento de capacitações, eventos de reflexão e sensibilização. Desse modo, a Rede TUSOCO começou a desenvolver produtos turísticos novos e ofertá-los durante esses dois anos.

O entrevistado Saravia relata que, em 2009, a ter por base o trabalho desenvolvido, as organizações detectaram que a falta de comprovantes de fatura se constituiria em um grande problema. Veja o que se diz:

> [...] problema que las empresas nos criticaban que nosotros siempre vamos a ser informales, nunca íbamos a poder, por ejemplo, ¿darles una factura y como hacemos eso? Y en la realidad, las comunidades indígenas no podían inscribirse en puestos ni dar factura. Y por esos motivos y además porque nuestra organización es una asociación civil sin fines de lucros, entonces no podría entrar directamente en la comercialización, entonces segundo las normas bolivianas para hacer comercio teníamos que tener una empresa y creamos TUSOCO VIAJES (informação verbal).

Uma vez estabelecida em 2010, a TUSOCO VIAJES (Fotografia 124), que é de propriedade de todos os membros da Rede TUSOCO, encarregou-se da comercialização e da promoção desta, além de já estar apta a emitir faturas. Resulta daí que o processo de comercialização dos serviços/produtos da Rede foi feito mediante sondagem de mercados. E teve o objetivo de conhecer os custos e a demanda turística, em função do que se tinha para oferecer naquele momento. O informante afirma que:

> [...] en algunos momentos hemos cometido erroles a veces, con el mercado. Hemos llevado una propuesta tratando que al mercado

> asimilen y les gusten de nuestra propuesta, algunos sí otros no. Pero, ahora hemos aprendido que lo tenemos que hacer as veces. Tenemos toda nuestra potencialidades y vemos en el mercado que es lo que está buscando, lo que más le interesaría y también tratamos de diferenciarlos y si vemos un segmento de mercado que dice que les interesa mucha la naturaleza, el contacto con la selva, con la naturaleza, pero que también quiere algo diferente, no quiere un resort en medio de la selva, si no quiere algo mucho más natural entonces nosotros vemos eso y ese es nuestro seguimiento y aquí vamos a organizar nuestra oferta y ahí empezamos (informação verbal).

Então, a partir de 2011, começou a comercialização, e foi um processo interessante, "[...] aunque nosotros habíamos pensado solo comercializar nuestros emprendimientos, nuestra oferta" (informação verbal). Mais adiante, em 2012, percebem que comercializar apenas seus produtos era muito limitante, o que levou a TUSOCO Viajesa iniciar a venda do turismo convencional. Vendiam-se serviços de *transfer*, reservas de hotéis etc., e "[...] pensamos en continuar como una empresa y nos empiezamos a irnos muy bien" (informação verbal).

Fotografia 124 - Tusoco viagens



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Entretanto, em 2013, verificaram-se mais debilidades:

> [...] cuando empezamos a vender más, entonces, volvíamos a trabajar de nuevo en un plano para apoyarlos, había que trabajar la cualidad y a otros aspectos también. Nos habíamos dedicado mucho a solo pensar en la buena comida y la una buena cama, pero habíamos descuidado en el aspecto comunitario de encuentro con la comunidad de las actividades que el turista podría hacer con la comunidad. Y también encontramos que los modelos de cómo se maneja cada emprendimiento nos provocaban altos y bajos de calidad (informação verbal).

Em 2014, iniciou-se um trabalho de maior envergadura, no que se refere à gestão e administração dos empreendimentos:

> [...] para tocar esos puntos y todavía hasta hoy estamos todavía trabajando en optimizar, vamos a dicir, en mejorar los modelos de gestión y de administración de los emprendimientos porque nos es fácil. Esos modelos están muy arraigados a la cultura local a las costumbres y sacarlos así a un modelo empresarial es muy complicado, pero estamos justo ahora con este proyecto que tenemos con la Coperación Italiana y en este sentido vamos a tratar sin anular las costumbres, etc., vamos a procurar mejorar esos modelos de gestión y administración que hemos encontrado que es muy débil durante todos esos años. Por ejemplo, las rotaciones de personales, eso hace muy débil a la gestión(informação verbal).

Portanto, vê-se, pelos relatos imediatamente acima, que o processo de estabelecimento do TC é por demais complexo. Assim, fez-se necessário que, passo-a-passo, essa construção fosse constante monitorada e reavaliada, com o fito de solucionar os problemas que se apresentavam.

No que tange à sua estrutura, atualmente a TUSOCO tem sob sua responsabilidade diferentes empreendimentos em várias regiões do país: nas Montanhas, no Altiplano, na Amazônia, nos Vales e Cânions, considerados pisos ecológicos da Bolívia. De acordo com Adhemar Veja), a Rede TUSOCO apoia aproximadamente 22 empreendimentos de TC, em nível nacional, e na Amazônia boliviana, seis desses.

A TUSOCO possui um Diretório, eleito por uma Assembleia geral, e este

> [...] se organizan en una gran Asamblea de representes o delegados de cada organización para elegir un Directorio y se procura que el Directorio este equilibrado entre regiones y también entre niveles de desarrollo de cada emprendimiento. Tenemos emprendimientos um poco mejor desarrollado, pero también tenemos emprendimientos todavía motivados, todavía iniciantes en las actividades. Entonces, procuramos ese equilibrio. Después del Directorio, si tiene de la parte técnico-administrativa que es la coordinación. Y después de la coordinación tenemos algunas otras áreas técnicas de apoyo. Entonces, el Directorio es la representación oficial de la Red y el presidente del Directorio es el representante legal (informação verbal).

Portanto, é essa a configuração que se desenha para o funcionamento da TUSOCO.

Entre as dificuldades da Rede TUSOCO, para se trabalhar o TC na Amazônia boliviana, verifica-se que:

> [...] seguimos creyendo junto con las comunidades que se pueden desarrollar emprendimientos colectivos, de gente conjunta. Pero al mismo tiempo, eso se convierten a veces en un aspecto de debilidad porque son mucha gente, muchas, ideas, muchos intereses particulares que a veces no logran concretarse es una solo visión y esto provoca, a veces, diferencias en la organización y cuando la organización se debilita empieza a debilitar la gestión, los servicios, etc. y estas debilidades que casi todos los años la Red TUSOCO tiene que estar reflexionando con los emprendimientos para supéralos (informação verbal).

Ademais, a encarregada da TUSOCO Viajes, Wendy Lugano, aponta que as principais atividades, no que diz respeito à comercialização da Rede TUSOCO, são as vias de acesso para se chegar até os empreendimentos e a necessidade de preços diferenciados para nacionais e estrangeiros. Diz que:

> [...] la poca información que se tiene, hay lugares que a uno se desconocen que existen nuestro empredimientos y el acceso, que las vias de aceso en Bolivia si han ido evolucionando pero aun tenemos problemas de aceso donde seria una desvantage ante un turista o un visitante estranjero y talves la relación balance entre precios para nacionales y estranjeros (informação verbal).

Entre os principais desafios que a Rede TUSOCO pretende alcançar, segundo o informante, destacam-se: a Bolívia tenha a marca do TC; o TC seja assimilado e compartilhado por todos os que fazem turismo na Bolívia, a considerar que:

> [...] muchos no dicen que ya dejen de insistir en modelos colectivos, en modelos asociativos, que nunca llegan a sus objetivos, y de una vez que empiezan a trabajar familiarmente es más fácil maneras una familia empresarial que todo un gran colectivo en el modelo empresarial. Pero nosotros vimos que hay mucho mejores beneficios haciéndolo de manera colectiva, no solo beneficios para los participantes sino beneficios para los alrededores de territorios de la comunidade (informação verbal).

Além disso, que haja reconhecimento, de fato, de toda a contribuição dada pelo TC ao país. E ainda que também tenha o aporte necessário de valorização e conservação do patrimônio, e que o desenvolvimento comunitário seja considerado como um vetor de desenvolvimento para o país.

No que concerne à avaliação da relação da Rede TUSOCO e de seus empreendimentos como PNANMI Madidi – localizados dentro dessa área e em sua zona de amortecimento –, esta é considerada boa. Isso porque, segundo o informante Saravia, os seus atores têm realizado, por exemplo, vários eventos conjuntos.

Menciona ainda o entrevistado a existência de uma articulação com duas Universidades em Cochabamba, uma pública e outra privada. Isso tem permitido aos jovens desenvolver seus trabalhos acadêmicos para a Universidade, ao mesmo tempo, em que esses gerem resultados que podem beneficiar as comunidades.

> Con la Universidad de Cochabamba se estaba trabajando un poco también do que son los modelos de gestión, pero que el final se abandonó esta tesis que la vía muy complicada la muchacha. Entonces, se dedicó más a la parte de administración, de gastronomía y se cambió a sus tesis. Entonces, pero hay esas relaciones con las Universidades. Hay intereses por saber, por tratar de investigar más sobre eso que es el Turismo Comunitário (informação verbal).

Portanto, verifica-se a intenção da Rede TUSOCO em se aproximar das Universidades, embora essa articulação ainda seja incipiente.

Entre os benefícios de pertencer à TUSOCO, encontra-se o de dispor de constantes capacitações aos sócios em diferentes áreas, de acordo com o interesse da gestão do empreendimento. Tem-se como exemplo, as capacitações nas áreas de gestão e de administração direcionada aos líderes. Veja o depoimento a seguir:

> [...] Esto con el objetivo uno de seguir desarrollando la calidad en los emprendimientos, pero también seguir fortaleciendo este modelo de gestión turística, de fortalecer esa idea de que podemos lograr desarrollo de manera colectiva y conjunta. [...] Tratamos de encuentra a los líderes en el emprendimiento para esos aspectos y para las áreas de servicios de hospedaje, de guías, de alimentación, tomamos a las personas que tiene decisión en estos emprendimientos (informação verbal).

De certo modo, o que se percebe é a constante preocupação da TUSOCO em persistir no incentivo às lideranças comunitárias, via capacitações, a buscar melhorias na oferta de seus serviços. E ainda a manter o princípio do trabalho coletivo, tanto a nível de gestão quanto de operação dos empreendimentos.

Em que pese o trabalho e a trajetória desenvolvidos pela Rede TUSOCO, uma associada, Amália Gonzales[4], emite a seguinte justificativa para a sua possível desfiliação, uma vez que considera que seu empreendimento não é prioridade para a Rede:

---

[4] Administradora da Zip Line Canopy pertencente à Villa Alcira Cabañas.

> Nos otros estamos a punto de salir de laRed TUSOCO. Si estamos con el pie más afuera do que adentro. Uno de los temas que la Red TUSOCO y nosotros hemos pensado de que podemos afiliarnos a la Red TUSOCO podíamos tener mayor ayuda, o sea, para poder mejorar lo que es nuestro empredimiento con el tema de poder. No tanto de los recursos sino pudiera apoyar con el tema de la publicidad que nosostro estean presentes en la feria, todo eso, ¿no? Para que podamos sobresalir. Pero lamentablemente no es asi. [...]tenemos como una trava para nosostros para no poder ejecutar o conocer algun proyecto alguna publicación que queremos hacer nosotro no podemos hacer, [...] porque ellos dicen Villa Alcira, San Miguel, Chalalan todos eso están afiliado a nosotros y cuando nosotros queremos hacer algo por nuestro próprio medio ahí nos trucan porque nos dicen "no, ustedes no pueden obtener un proyecto porque están afiliados a la Red TUSOCO, o sea, tendria que ser por medio de la Red TUSOCO (informação verbal).

Vê-se, portanto, uma insatisfação por parte do empreendimento por não poder participar nem buscar outras alternativas de projetos de turismo, justificado pelo fato de pertencer à Rede, o que é um fator limitante.

Ademais, para o Gerente Geral de Empreendimentos Mashaquipa, Wilmar Junco[5], este manifesta uma opinião muito similar à da entrevistada acima – embora não seja afiliado à Rede. Afirma este que a Rede TUSOCO não é uma organização que represente os interesses dos empreendimentos comunitários da Amazônia boliviana. Veja a seguir o relato:

> Todavía no hay una institución que represente ese modelo de turismo em la Amazonia boliviana. La institución, a nivel nacional, es la Red TUSOCO. La Red TUSOCO que nace muchos años atrás y desde entonces comenzó aglutinar a solo tres emprendimientos que hay en la Amazonia que es Chalalan, San Miguel del Bala. Antes, también, había Mapajo y actualmente Villa Alcira, pero como te digo, Villa Alcira es um grupo reducido de socios, pero se han inscrito a la Red TUSOCO hace varios años atrás por eso pertenece. Y en la actualidad se están trabajando para ver se van a permanecer a la Red TUSOCO y o vamos a hacer otra Red de turismo comunitario, pero ya te digo con

5 Licenciado em Turismo.

> una nueva visión, dándonos cuenta de las cosas que se son aplicables, que se han sido buena, pero dejando un poco las cosas que no han permitido que el turismo comunitario puede tener un crecimiento interessante (informação verbal).

A partir dos relatos acima, percebe-se que está sendo discutida a possibilidade de criação de uma nova Rede de TC.

b) Projeto Incamino: conexões e estratégias de cooperação

Dentro do conjunto de atores que estão à frente do TC na Bolívia, tem-se o projeto Incamino, que se constitui em um importante parceiro. Para discorrer sobre este, que foi iniciado em junho de 2018 e vai até 19 de julho de 2021, entrevistou-se a coordenadora local do referido projeto, Luciel Rios Camacho[6], que explicou sua atuação na Bolívia. Trata-se de um consórcio de uma ONG que engloba o projeto Mondo Mlal y Instituto de Cooperação Econômica Internacional (ICEI), e que a nível de estratégia local possui duas parceiras-rede na Bolívia. Uma é a TUSOCO e a outra é a Rede de Organizações Econômicas de Produtores Artesanais/ Identidade Cultural (OEPAIC).

Detalha a entrevistada Luciel Camachoque que o projeto se viabiliza economicamente com os fundos da Cooperação Italiana e com o *know-how* da ICEI, que é uma ONG com experiência de mais de 30 anos de atuação na Bolívia, junto ao projeto Mondo Mlal, e que atua em outras frentes também com a Rede TUSOCO.

Assim, esses quatro parceiros articulados trabalham no marco do fortalecimento e desenvolvimento de capacidades para o turismo em 11 empreendimentos comunitários, do total de 22 que estão na TUSOCO. Tais empreendimentos estão localizados na parte ocidental de La Paz, Oruro e Potosí. Entretanto, não estão mais intervindo na Amazônia e evidencia

---

6 Licenciada em Turismo e especialista em Gestão Empresarial.

que o projeto foi desenhado conjuntamente com a Rede TUSOCO, que já tiveram, em tempos pretéritos, o apoio de outras cooperações. Diz que "[...] talvez sea sido para apoyar a esa parte de el Ocidente que estaba bastante débil. [...] ahora están caminando un poco más independente, con más capacidades" (informação verbal).

Destaca, também, a informante Luciel Rios que, apesar da existência de uma política de TC em nível nacional, esta carece que os empreendimentos tenham mais incentivos reais e que lamentavelmente ainda não se consolidou como um modelo de gestão. Para e entrevistada, o TC não é um tipo de turismo, mas sim um modelo de gestão. Ela afirma que o TC está gerando capacidades e cita como exemplos os empreendimentos turísticos comunitários que mais se sobressaem, isto é, o Chalalan (Fotografias 125 e 126), na Amazônia, e o Tomarapi (Fotografia 127), no Ocidente – mais precisamente no Parque Nacional Sajama.

Estes já dispõem de um fluxo turístico considerável e de um posicionamento no mercado, tanto nacional como internacionalmente.

Fotografias 125 e 126 - Albergue Ecoturístico Chalalan



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Fotografia 127- Albergue Ecoturístico Tomarapi



Fonte: Wordpress.com, 2019.

Diz Rios, ainda, que a principal dificuldade de intervenção do INCAmino é a distância para se locomover no país. Menciona, por exemplo, que para se realizar atividades como esta que ocorre no momento em La Paz, a oficina de capacitação de gestão e administração de empreendimentos turísticos comunitários do sistema andino, (Fotografias 128 e 129), foi necessário que acontecesse toda uma articulação e logística para que todos os representantes desses empreendimentos pudessem participar. Esta informante ainda acrescenta, detalhando:

> [...] tratamos de que ellos salgan de aqui porque nosotros, también bien nosotros vamos a sus comunidades pero reunilos en uno solo lugar el problema es por la distáncia muy larga. Es un âmbito geográfico muy grande porque desde La Paz hasta Potosí se recorre bastante quilômetros, no? Pero si ustedes ha visto el tema de la participación de nuestro 11 empredimentos, los 11 han participado de esse taller, no? Estamos tenindo un muy buena aceptación al proyecto, ha mucha interactuación con la Red y obviamente con el proyecto, entonces si no fuera las distancias nosotros quisieran hacer muchas atividades más rápidas pero la distancia no han cortan ese tema [...]. Estamos iniciando el segundo año del proyecto, se empiezo en julio de 2018 hasta junio de 2021 (informação verbal).

Portanto, apesar dos esforços dos atores para que haja participação de todos os interessados, os encontros se tornam dificultados pela distância. No entanto, existe, mesmo dentro desse contexto, uma larga aceitação ao projeto.

Fotografias 128 e 129 - Oficina de capacitação em La Paz



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

No entendimento do Coordenador do projeto INCAmino, Luciano Lucchesi[7], a maior dificuldade em se trabalhar com o TC está na parte organizativa da Rede TUSOCO. Cada empreendimento possui sua modalidade de gestão interna em função da organização das comunidades. Assim, as pessoas que desempenham funções administrativas nos empreendimentos, como o gerente, o encarregado da gastronomia ou da comida, são substituídas a cada ano.

Nesse sentido, sempre há necessidade de se ter uma formação contínua de parte do empreendimento, o que, do contrário, gera uma debilidade para o crescimento deste. Ademais, como regra, é obrigatório que todos os sócios do empreendimento tenham, ao menos uma vez, um cargo de responsabilidade. Esse, portanto, trata-se, de um típico modelo comunitário andino e o entrevistado Lucchesi apresenta uma melhor explicação sobre o assunto quando exemplifica que:

---

7 Arquiteto.

> Cada empredimiento tiene su história, hábitos, sus problemáticas, y a nivel organizativo obviamente. Hay empredimiento que cuando he proyecto aumentan el nível de turistas, tiene proyecto, as veces se mantem estable, as veces se cae porque a nível organizativo no logran hacer las actividades necessárias a dar continuidade con la cuantidad de turistas, depués hay una variedade de situaciones diferentes. Hay empredimiento que está ubicado en una ruta estratégica, entonces el turista llega, el turista como albergue no como Turismo Comunitário, como albergue, alimentación, alojamento y en otro dia se van. Cuando el empredimiento tiene oferta o producto turístico más amplio, tiene una convivéncia con la comunidade, con el património y esas otras cosas (informação verbal).

Assim, segue afirmando que nem todos os empreendimentos logram êxito no que tange ao incremento de turistas, e que, às vezes, estes não obtêm sucesso na venda de produtos de TC, limitando-se apenas a comercializar a hospedagem:

> [...] la agéncia turística, o la operadora turística boliviana o internacionales utilizan somente como albergue sin involucrar la actividad más amplia, seguido también por mala organización de la comunidad porque la empresa privada no confia tanto en esa parceria con las comunidades. El otro empredimiento que están tendo su oferta turística, es que cada uma tiene su historia. La dificuldade de intervención es adaptar la intervención a cada necesidad de cada empredimiento, en cada situación (informação verbal).

No que tange aos desafios do projeto INCAmino, e ao fazer essa projeção – a partir dos próximos três anos de execução –, diz Lucchesi que estão planejadas muitas atividades ao longo desse processo de formação, "[...] tanto lo que es gestión y administración y también en la parte do que son servicios turísticos". Complementa que a primeira parte já foi feita, a de serviços turísticos, e que o projeto possui uma metodologia adequada já testada nas comunidades, utilizando de muita didática e práticas.

Explica a interlocutora Luciel Rios que tais capacitações são dirigidas, trabalhadas e validadas, também, no campo, e que agora estão iniciando a

segunda fase – gestão e administração. Mais à frente, trabalhar-se-á com a assistência técnica, mais focada nas partes nevrálgicas que requerem cada um dos empreendimentos. Detalha essa informação da seguinte maneira:

> [...] unos necesitaran más administración, otros necesitaran reforzar, por ejemplo, el tema de organización de su empredimiento, otros talvez la promoción, la comercialización. Entonces, en ese sentido pues vamos a ir puntualizando la asistência técnica. [...] La segunda parte, que es muy importante que tenemos es también la promoción y la comercialización. Dentro de eso, hay una metodologia que nos está llegando también por parte de ICEI, y es la metodologia del mapeo que hemos iniciando también con los empredimientos y esa base de información turística y de património va a servir para crear una plataforma virtual. [...] el tema "art planet" de que manejan los de Coliseo de Roma. Entonces, si quiere implementar una plataforma similar para los empredimientos turísticos comunitários en el pais. Serian en la base hacer esos 11, pero que se puede pasar a los 11 de la Red y dejar la capacidade instalada en el país (informação verbal).

E, para finalizar, avalia a informante que o processo é bastante lento, uma vez que no Turismo Comunitário tem-se que trabalhar a sensibilização dos moradores de como, por exemplo, podem elaborar e posteriormente vender seus produtos. Para essa entrevistada, o processo de Turismo Comunitário é um modelo de gestão.

Além disso, muitos desses modelos estão dentro desses empreendimentos, o que torna o processo mais complicado por todas as características que "[...]tiene nuestra gente, nuestra cultura. Ellos tiene mucho enraizado por ejemplo, el tema cultural, pues en cada empredimiento hay diferencias a pesar de que son ocidental pero se diferencian, no?" (informação verbal). O fato é que, de acordo, com esses dois últimos informantes, o que prepondera com mais acentuação é a questão cultural com suas singularidades.

Ainda sobre os desafios do TC boliviano, Lucchesi espera que os empreendimentos funcionem bem, que disponham de capacidades para atender turistas, no sentido de seu retorno. Considera, também, que este setor de mercado orientado para o Turismo Comunitário é um mercado que geralmente conduz ao turismo responsável. Ilustra, explicitando, que a expectativa de quem vai, geralmente, às comunidades é um turista consciente, em sua maioria os europeus, que buscam conhecer uma cultura diferente, de confrontar-se com essa cultura e de apreendê-la e não esperar tanto encontrar um serviço hoteleiro sofisticado.

E por fim, o entrevistado complementa a sua fala dizendo que a "[...] promoción és la mentalidade empresarial, un poquito lejos de la mentalidade de los empredimientos. Entonces, son cerca de dos mundos: mundo comunitario y empresarial" (informação verbal). Assim, vê-se uma certa dificuldade em se aliar dois universos: o dos comunitários, que traz uma gama de características culturais bem particulares; e o dos empresários, com seus modelos de realizar negócios como requer o mercado. Tem-se, portanto, um desafio a ser transpor.

4.2 Destino Rurrenabaque-Madidi-Pampas: aspectos institucionais e de mercado

O turismo, no que diz respeito ao destino Rurrenabaque-Madidi-Pampas (Quadro 2), segundo a Diretora Municipal de Turismo e Cultura GAM/ Rurrenabaque, Yexenia Piloy Chávez[8], está configurado por cinco municípios. Estes são Ixiamas e San Buenaventura. E correspondente ao Departamento de La Paz, Rurrenabaque, Reys e Santa Rosa, ao Departamento de Beni.

---

8 Licenciada em Turismo.

Quadro 2 - Número de turistas que visitan el Destino Rurrenabaque-Madidi-Pampas

AÑO	APM PAMPAS DEL YACUMA	PNANMI MADIDI	RB TCO PILON LAJAS	RESERVA SERERE	TOTAL
2016	13438	5415	7	98	18958
2017	12009	5381	6	182	17578
2018	14005	5333	0	205	19543
ENE-AGO 2019	9098	4256	161	292	13807
Total Geral	48550	20385	174	777	69886

Fonte: Direção Departametal de Turismo/Normas e serviços de Rurrebanaque/ Governo Autônomo, 2019.

Tem-se também nesse destino turístico, duas áreas protegidas em nível nacional que é o Pilón-Lajas e o Parque Nacional e Área de Manejo Integrado Madidi (PNAMIM). Tem-se ainda áreas protegidas municipais em Santa Rosa, em Ixiamas, e os grupos indígenas que são Ese' Eje, Tacana I, Tacana II, e as comunidades que também estão nesse destino turístico. Cada município, área e ator têm suas particularidades.

O município de Rurrenabaque (Fotografias 130 e 131) destaca-se por possuir a planta turística, isto é, os serviços turísticos de hotelaria, gastronomia, agências de turismo, bancos, transportes e lojas de artesanato. Então, oferecem-se facilidades aos turistas para que possam descansar e entreterem-se.

Fotografias 130 e 133 - Cidade de Rurrenabaque



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Em Santa Rosa de Yacuma, têm-se os Pampas de Yacuma, que oferecem também serviços. A topografia é diferenciada, pois pode-se ver mais animais, a selva é baixa e pode-se fazer passeios em bote. Além de visualizar, por exemplo, anacondas (*Eunectes*) e golfinhos cor-de-rosa (*Inia geoffrensis*). Já na Selva alta, no PNANIM, pode-se avistar o Jaguar (*Panthera onca*). Portanto, tem-se dois biomas. Tanto os Pampas quanto o Madidi oferecem passeios similares, mas cada qual tem a sua peculiaridade.

O município de Reys está a 30 minutos de Rurrebanaque e faz parte desse destino. Implementa diferentes tipos de turismo, como cavalgadas, turismo rural (pecuário), de acordo com as normas que estão em elaboração.

Em Ixiamas, oferece-se um serviço semelhante ao de San Buenaventura. Oferecem ecoalbergues, caminhadas e também a visualização de pequenas ruínas. Além disso, pode-se ver lagos, lagunas e fazer passeios. Portanto, Rurrenabaque é o portão de entrada para quem quer chegar ao destino, pois possui aeroporto, disponibiliza serviços e vias de acesso. Ou seja, Rurrenabaque é o município aonde o visitante pode chegar de avião ou ônibus e, em seguida, se deslocar para os Pampas ou Madidi.

No que tange ao perfil do turista que visita o destino, a entrevistada Yexenia Piloy diz que esse é jovem, pois a maioria dos pacotes que as operadoras oferecem são caminhadas. Ocasionalmente, há um público de mais idade que faz essas atividades, só que de maneira mais lenta. Portanto, é um perfil de turista jovem, de 18 a 35 anos, de sexo masculino que faz esses tours. É o turismo de aventura. Existe também outros *tours* que são mais familiares, mais tranquilos.

As operadoras têm a particularidade de se adequarem às necessidades do turista. O itinerário é feito de acordo com os interesses do turista (*forfait*) e o tempo médio de permanência no destino é de três a seis dias. A maioria dos visitantes vem em grupo e existem bastantes turistas que, após terminarem a Universidade, vêm para o destino. Em certas épocas do ano, há um maior fluxo de turistas nacionais, por exemplo, o que estão em férias escolares, no final de ano. Também, tem-se mais captação de turistas nacionais, que vêm de La Paz. Mas, a maior demanda é de estrangeiros.

Com relação à promoção turística do destino Rurrenabaque-Madidi-Pampas, como municipalidade, houve um avanço com o Plano Estratégico de Turismo que demarca a necessidade de realizar diversas atividades tais como: assistência em feiras, confecção de material promocional. Detalha a entrevistada que:

> Nosotros como dirección viajamos para diferentes ferias, las cuales consesuamos con la Cámara Regional de Turismo para poder assistir. Una de ellas es la FIT Bolivia una de las más importantes, si puede dicir y que ese año no se ha realizado por motivos de desastres

> naturales pero el año si se va a realizar. Consensuamos, lo que son las ferias con el sector, el sector la aprueban entonces, nosostros como municipios no vamos solos. Como municipio tenemos materiales y lo promocionamos que es el municipio, como se llega, que servicio hay, que se puede hacer (informação verbal).

Então, segue a informante afirmando que se trabalha de modo coordenado com outras operadoras do local, por exemplo, o Chalalan, que participa no stand da feira. Assim, o município promove o destino de modo geral e os empreendimentos/operadoras fazem suas vendas. Portanto, é assim que acontece a promoção de destino turístico.

Ao ser indagada sobre os principais problemas que apresentam no destino Rurrenabaque-Madidi-Pampas sobre a competitividade, a Yexenia Piloy aponta que pode ser Madidi ou os Pampas existam em outros lugares da América do Sul. As paisagens são similares, mas acredita que um dos pontos fortes que se tem em Rurrenabaque, que não são encontrados em outras regiões, é que os dois lugares estão próximos. Isto é, o turista chega a Rurrenabaque e vai ao Madidi, e logo em seguida ao Pampas. Há um contraste de paisagens e em tão pouco tempo pode-se se ver muitos animais. Então, acredita-se que esse destino é o segundo mais importante da Bolívia – o primeiro é o Salar de Uyuni. Tem-se muito potencial para se desenvolver mais produtos turísticos.

Em se tratando de TC no referido destino, a entrevistada afirma que está respaldado pela Lei 292, Lei Geral de Turismo, cujo slogan é "Bolivia Te espero", lei básica para o movimento turístico no país; essa lei fomenta a promoção do TBC. Tem-se uma força grande que se expressa por meio de várias operadoras de turismo que oferecem serviços.

Yexenia Piloy afirma que é um patrimônio que se tem que cuidar, e explica que:

> Son personas que viven en las comunidades igual podemos dicir que los bosques, los rios, ellos tiene sus costumbres y ellos son los guardiones de la naturaleza. Ellos lo cuidan, ellos son los que están

> en constante movimiento en ese lugar, no? Y nos han mostrado eso, nosotros tenemos que cuidarlo, nosotros ahora agaramos y haciemos un tour pero eso para nosotro es un invalorabel, es una de nuestras riquezas más fuerte que tenemos aqui en el destino igual que nuestra naturaleza (informação verbal).

Ao levar-se em consideração o que foi informado sobre o TBC, percebe-se a existência de um marco político-institucional para o TBC e em consequência, os gestores municipais do turismo incorporam a importância desse modelo de gestão comunitária.

A seguir, a entrevistada comenta sobre os empreendimentos comunitários no destino: os de TC são Chalalan Ecolodge, *Villa Alcira* e *San Miguel de Bala* (Quadro 3) e os de TBC são *Madidi Jungle* e *Mashaquipe Ecolodge*. Afirma que a atividade turística se divide por "cabezas" de setor. Tem-se uma presidente da Câmara Regional de Turismo e uma pessoa que está à frente dos operadores de turismo, que é a senhora Ady Mendia, que conclui que todos esses empreendimentos, tantos os comunitários/base comunitária, como os convencionais, estão organizados na Associação de Operadores de Turismo de Rurrenabaque (ASOPTUR).

Quadro 3 - Número de turistas que visitam os empreendimentos comunitários

AÑO	EMPRENDIMIENTOS COMUNITÁRIOS (Chalalan, Villa Alcira e San Miguel del Bala) EN EL PN ANMI MADIDI
2016	**563**
2017	**491**
2018	**608**
ENE-AGO 2019	**424**
TOTAL GRAL.	**2086**

Fonte: Direção Departametal de Turismo/Normas e serviços de Rurrebanaque/ Governo Autônomo, 2019.

Ao ser questionada sobre a dificuldade de se operar com o TC/TBC, a entrevistada cita que Mapajo é um exemplo de que quando não há coordenação na comunidade, o empreendimento deixa de existir. Alega ser um pouco difícil trabalhar com as comunidades, pois pensa que:

> [...] tu te estás llevando dinero que yo trabajo con turistas y lo otro piensa lo mismo. Entonces "no yo no quiero que él traiga porque hay como la rivalidad" y yo creo que esa es la más grande dificuldad para poder realizar ese turismo de base comunitaria, no?" (informação verbal).

Diz ainda que devido à falta de coordenação entre o responsável pela empresa, que geralmente é um comunitário, com a comunidade, fica difícil de trabalhar. Então, Mapajo fechou as portas por causa de certos conflitos.

O turismo do destino Rurrenabaque-Madidi-Pampas possui um nicho grande de mercado, diz a entrevistada, não apenas pela demanda dos Pampas ou da selva, mas também pelo turismo de aventura, pelo TC/TBC e ainda pelos segmentos de observadores de insetos e aves.

O tema da capacitação no destino, segundo a informante Yexenia Piloy, é realizado periodicamente em hotéis, restaurantes e operadores de turismo. Menciona que uma das capacitações mais usuais é a atenção ao cliente, uma vez que o destino está se encaminhando para receber a Certificação de Turismo Sustentável. Explica que serão os primeiros a receber este certificado até meados de novembro, dezembro de 2019, e estão com expectativas grandes. Por isso, é importante fazerem mais oficinas, para que se cuide da natureza, do manejo de resíduos sólidos, e que se faça troca de luminárias, o que levará o destino à Certificação. Ressalta que as oficinas aconteceram em maior número no ano passado para os setores hoteleiros, gastronômicos, operadores de turismo e capacitações em boas práticas.

No que respeita às questões relativas a parcerias, a informante Yexenia Piloy diz que a Direção Municipal de Turismo, por exemplo, no dia 27 de setembro, realizou celebrações referentes ao Dia Mundial do Turismo

em Rurrenabaque. Menciona também que estão se realizando atividades diferentes, coordenadas diretamente com as Universidades. Exemplifica que os alunos da *Universidad Autónoma de Beni* e a GAM estão organizando um *stand* de informações turísticas sobre o destino e sua história. Enfatiza que houve um interesse grande por parte dos alunos e se está planejando fazer uma caravana turística "[...] en base a los que es el material reciclados, entonces vas a ser una atividade que estamos haciendo, viendo también al tema de que son los incêndios, menos contaminación" (informação verbal). Vê-se, portanto, indícios de esforços coletivos empreendidos tanto pela Universidade quanto pela GAM, na busca de parcerias para um turismo sustentável.

A GAM, em conformidade com a entrevistada, diz que a Prefeitura de Rurrenabaque tem a Unidade de Meio Ambiente que combate o comércio de animais silvestres, fiscaliza obras públicas no município, além de detectar focos de incêndios na região. O trabalho é realizado em parceria.

Dentre o conjunto de atores envolvidos com o trabalho da GAM, está a direção do PNAMIM e o Pilón-Lajas, que trabalham com os operadores de turismo, os guias de turismo, as cozinheiras, os hotéis, os gastrônomos, ou seja, com todo o setor. Nessa articulação, são realizadas oficinas em conjunto. Exemplifica a informante Yexenia Piloy que, para a atividade do Dia Mundial do Turismo, 27 de setembro de 2019, todos serão convidados para se apresentarem com seus respectivos *stands*. Em suma, o trabalho é feito de maneira coordenada com esses atores.

Esta informante ainda acrescenta que é importante recordar o processo de certificação que se está empreendendo. Nesse momento, é importante para o turismo que todos tenham consciência de sua sustentabilidade e do dano ao planeta que se está fazendo. Acredita que Rurrenabaque está recebendo um turista com mais consciência ambiental, pois anteriormente se captava, desde os anos 1980, os turistas israelitas, que não eram muito conscientes com a natureza. Estes chegavam, e caçavam os animais e cortavam as árvores. Decidiu-se, portanto, não receber mais este perfil de turista.

Adiciona a entrevistada em sua fala que se está a caminho da sustentabilidade e tentando mudar um pouco o nicho de mercado com turistas com mais consciência ambiental. Está-se também introduzindo, nessas oficinas citadas anteriormente, uma nova consciência, sobretudo nos guias de turismo, uma vez que alguns ainda praticam a depredação do meio ambiente. O turismo é uma atividade bonita, que traz benefícios econômicos, não havendo, portanto, a necessidade de descaracterizar e destruir o patrimônio ambiental.

Compete ao Governo Autônomo Departamental de Beni como Direção Departamental de Turismo (DDT), de acordo com Eliane Duran Languidey[9] proporcionar e promover políticas de turismo departamentais. Além disso, autorizar, realizar e controlar o funcionamento dos serviços turísticos que desenvolvem atividades dentro do Departamento de Beni. O município de Rurrenabaque é autorizado a normatizar todos os prestadores de serviços turísticos, ou seja, restaurantes, agências operadoras de viagens e tudo o que diz respeito aos meios de hospedagem. Esse trabalho vem sendo feito desde julho de 2015.

Em se falando da Certificação do destino turístico Rurrenabaque-Madidi-Pampas, a informante Eliane Duran vai dizer que a Direção Governamental de Beni vem trabalhando em coordenação com o Vice-Ministério de Turismo e com Rurrenabaque, os quais têm avançado bastante. Está-se há praticamente dois anos trabalhando fortemente com o tema da sustentabilidade. Menciona que a certificadora *internacional* se chama *Biosphere.* Esta regula e normatiza para poder-se seguir trabalhando esse tema, no qual entram cinco municípios, que são Rurrenabaque, Reys, Santa Rosa del Yacuma, San Buenaventura e Ixiamas.

Para a informante Duran, o fluxo de turismo é relativo e comparativo porque depende da afluência e da sazonalidade. Depende ainda da promoção

---

9 Responsável de Normas e Serviços Turísticos DDT-TAD-BENI, Especialista Turismo Europeu Internacional com Idiomas integrados.

que acontece no país. Com relação à anualidade, tem-se uma média de 20 mil chegadas de turistas. Há cinco anos, se mantém essa média. A demanda maior é de estrangeiros, no entanto, na temporada de férias nacionais, tem-se um fluxo alto, sobretudo de La Paz. A maioria desses visitantes, tanto nacionais quanto internacionais, faz um tour combinado – Madidi e Pampas. Entretanto, diz que os Pampas recebem um pouco mais de turistas do que Madidi. O tempo médio de permanência do turista é de dois a três dias e caracteriza-se por ser na maioria turistas em grupo, de no mínimo três pessoas.

Comenta a interlocutora Duran que se recebem diversos tipos de turistas e existem empresas diferentes que prestam serviços de alta categoria. O único segmento de turismo não autorizado em Madidi é a pesca desportiva, mas, possivelmente, está-se a ver uma mudança na normativa para que isso aconteça.

Acerca do TC, a interlocutora Duran diz que se tem três empresas e que o fluxo de turistas tem baixado um pouco. Comenta que muitas vezes se espera bastante do Estado em termos de promoção, porém, o setor privado não faz a sua parte em termos de investimento. Tem-se, portanto, que se trabalhar mais na promoção turística.

Quanto à existência de uma política específica para as empresas comunitárias, Eliane Duran explica que essa cabe ao Vice-Ministério de Turismo. Enfatiza que a função departamental é promover todo o conjunto de ações para o turismo. Tem-se feito *famtrips*, *presstrips*, participado de feiras internacionais na Argentina, Chile, Inglaterra e Alemanha.

Além disso, a informante Duran ressalta que se faz presença como Governo de Beni, promovendo a nível Departamental e Municipal em coordenação com a Prefeitura e também com o Vice-Ministério. O Departamento de Beni é um braço operativo do Governo e logo em seguida vem o município. Assim, é trabalhado conjuntamente o tema da promoção, e segue-se agora inclusive em feiras nacionais. Está sempre presente em La

Paz, Cochabamba e Sucre. Vê-se ainda a possibilidade de se poder assistir à feira do Chile que acontecerá em 2020. Acrescenta também que:

> Quizas Inglaterra posiblemente otra ves, vamos a ver porque hay un mercado muy bueno igual de Chile. El mercado chileno es muy alto, temporada buena ahora para nosotro de turistas chilenos (informação verbal).

De certo modo, a partir da fala da entrevistada acima, evidencia-se que os empreendimentos comunitários, o Vice-Ministério, o Governo de Beni e a Prefeitura de Rurrenabaque não estão medindo esforços para promover esse destino turístico.

A complementar suas explicitações sobre o TC, a entrevistada Duran vai discorrer que é a mesma dinâmica que se tem comas empresas de turismo convencional. Porém, por serem comunitários, requerem ajuda do Vice-Ministério de Turismo. Com relação ao TBC, exemplifica que a empresa Mashaquipe também é ajudada para que possa investir e ter seus equipamentos hoteleiros.

Em se remetendo às causas do baixo fluxo de turistas, a informante Duran vai comentar que a inundação que houve em fevereiro de 2019 foi o principal fator. Além disso, houve um falso alarme do vírus do Rato, o Arenavírus, o que nunca tinha acontecido na região. Isso, sem dúvida, influenciou na baixa do fluxo turístico.

Em conformidade com a informante Duran, o problema dos turistas israelenses é que eles precisam de um visto por mais de 90 dias. Explica que o Governo somente lhes dava esse visto por 60 dias, gratuitamente. Agora, a partir de 60 dias, os israelenses podem ficar mais tempo, desde que efetuem um pagamento diário, ou seja, têm que pagar a imigração que já conta com o selo em Rurrenabaque. Portanto, se efetuam o pagamento, podem ter a estadia estendida. A questão é que estes querem que seja gratuito e o Governo não concorda com isso.

Esta entrevistada acrescenta ainda que o israelita é diferente dos demais turistas. Precisamente porque quando ele termina de prestar seus serviços militares de dois anos, o governo de Israel lhe dá, praticamente, um ano para que possa viajar e conhecer outros países. Ela menciona que:

> [...] ellos les gustan mucho de estar aqui, entonces ellos siempre se quedan dos meses, três meses, girando en toda Bolivia, no solamente aqui. Entonces por eso que ellos pieden más de 60 dias [...] entonces nosotros bolivianos tampoco nos dan grátis en ninguna parte de el mundo, entonces no veo correcto también eso (informação verbal).

Assevera também que o israelita tem pouca capacidade de gasto, mas deixam o dinheiro circular ao alugar, por exemplo, motos, comer em bons restaurantes em Rurrenabaque. Há uma certa precaução do setor hoteleiro para hospedá-los, porque pagam pouco. Em Rurrenabaque, com a categorização, o pernoite é acima de USD 14,32 e esses turistas procuram o mais barato, o que significa que para certos setores hoteleiros não interessa. Exemplifica expondo o seguinte:

> Los israelistas praticamente 4 empresas se beneficiaran y nada más, porque Chalalan no maneja israelita. Chalalan maneja europeo, de dinero que puedan pagar unos tours más caro, ellos son más de aventura que pagan poco para hacer un tour de aventura, pagan poco. El turista europeo no hace ese tour de aventura hace un turismo organizado, diferente. Entonces, eso custa más dinero. Que salien menos turistas pero con más capacidad de gasto que antes habia más pero con poca capacidad de gasto. (informação verbal).

Assim, fica evidente que tanto o governo boliviano quanto os empresários de turismo do destino Rurrenabaque-Madidi-Pampas adotaram medidas que, de certo modo, reprimem a entrada de turistas israelenses. Consequência dessa restrição é a queda de turistas estrangeiros no destino.

No quesito capacitação, a entrevistada aponta que houve oficinas de primeiros socorros a todos os prestadores de serviços turísticos e aos guias,

inclusive as cozinheiras participaram dos cursos de atenção ao cliente e manipulação de alimentos. Enfatiza que as empresas se envolveram e as oficinas foram realizadas no escritório do Departamento de Turismo em coordenação com o PNANMI Madidi.

No que tange à relação da Direção Departamental de Turismo com o PNANMI Madidi, Eliane Duran afirma que é excelente, que existe uma boa articulação. A Direção do PNANMI Madidi remete seus fluxos turísticos e elabora-se uma planilha, mensalmente, com essas informações.

Indagada se os turistas têm reclamado, de alguma maneira, dos serviços prestados, a informante Duran vai relatar que, há tempos atrás, os visitantes se queixavam que os guias não davam a atenção devida. Isso levou a Direção Departamental de Turismo a exigir que o guia seja capacitado e não tenha nenhum tipo de problema ou antecedentes penais. Estes são os requisitos prévios que os profissionais têm que cumprir para adquirir uma credencial, para poderem guiar turistas e evitar todo tipo de problema. Ademais, exige-se também que as empresas de turismo disponham de uma apólice de seguros de acidentes e que estejam legalmente estabelecidas em Rurrenabaque para poderem operar.

Referente ao tema de sustentabilidade, a informante sustenta que se está trabalhando em coordenação com o PNANMI Madidi assim como o Pilón-Lajas com as empresas de turismo. Evidencia que "[...] vamos a ver de que manera puede ser un poco mejor, porque na verdade hace mucha falta el tema de turismo sotenible y si nosotros tenemos que trabajar en el porqué es parte de la certificación del destino" (informação verbal). Portanto, existe um arco de aliança entre os atores sociais da região em busca da Certificação, tornando o destino mais qualificado.

Para a representante da Direção Departamental de Turismo, tem-se como desafio, em coordenação com o Vice-Ministério de Turismo, normatizar todos os prestadores de serviços turísticos e suas respectivas categorias. Menciona que há alguns meses foi aprovada a normativa que se

refere aos módulos de ecoalbergues, em que as operadoras de turismo e seus albergues têm que estar normatizados como prestadores de serviços. Todos os albergues que se encontram nos Pampas de Yacuma devem cumprir essa normativa, uma vez que estão sob a Jurisdição de Beni. Já o PNANMI Madidi não necessita, visto que está no Departamento de La Paz.

a) Câmara Regional de Turismo: considerações sobre a certificação do destino e contextos

Para a Presidente da Câmara Regional de Turismo de Rurrenabaque (CARETUR) e proprietária do Hotel Boutique Maya, Maritza La Torre[10], esta organização aglutina todos os prestadores de serviços turísticos de Rurrenabaque. Isto quer dizer que na CARETUR se encontram o setor da hotelaria, o gastronômico e os *tours* operadores de natureza privada ou de Turismo Comunitário. Também agrega a Associação de Guias de Turismo, a Associação de Transporte Fluvial e a Associação de Transporte Terrestre. A CARETUR é um ente que organiza todas as instituições para levar em curso um turismo responsável, trata para que as concorrências sejam leais e que haja uma estrutura pacífica entre todos, para que se possa trabalhar com o mesmo objetivo, ou seja, a sustentabilidade do destino.

Acerca da Certificação do destino, isto se dá com uma instituição internacional, a *Wild life Conservation Society* (WCS), visando um destino sustentável. Nesse arco de alianças para a obtenção da Certificação, estão incluídos os prestadores de serviços turísticos, cinco governos municipais: Rurrenabaque, Reys, Santa Rosa, San Buenaventura y Ixiamas, que está a 100 km de Rurrenabaque. Além desses, os Departamentos de Benie La Paz.

A continuar-se, a entrevistada La Torre diz que fazem parte desse processo também as áreas protegidas nacionais, o PNANMI Madidi e o Pilón-Lajas como cinco áreas protegidas municipais, todas integrantes

[10] Licenciada em Comunicação Social.

desse destino. Na realidade, o que estão sendo certificados são mais de 5,3 milhões de áreas protegidas. O objetivo é ter um turismo de qualidade, que ajude a conservar o que se tem, que seja consciente e responsável.

A respeito de como está sendo instaurada essa Certificação, a interlocutora La Torre afirma que está sendo feito um plano estratégico do destino. Logo, ter-se-á um plano de ação e de boas práticas implantados paulatinamente. Assim, esse delineamento, no presente momento, já avançou em 80% sobre o tema e está sendo incluído na Plataforma de Bayofr todo o diagnóstico do destino e seus verificadores, que seriam a pauta para poder obter uma certificação internacional. Afirma ainda que o compromisso desse Conselho de Turismo Sustentável, assim chamado pelo ente responsável, tem como objetivo apenas a certificação mais que o destino seja sustentável por muitos anos.

Para a entrevistada La Torre, na realidade, o TC é bom. Ressalta que *Albergue Ecológico Chalalan* é um dos empreendimentos mais antigos da Bolívia, é o líder há mais de 17 anos. Foi o primeiro empreendimento de TC, e a partir dele, as comunidades deixaram de desmatar e encontraram uma maneira de atrair recursos para sobreviver. Além de *Chalalan*, tem outros empreendimentos, como Villa Alcira e San Miguel de Bala. Explica que também existe o TBC, em que os empreendimentos estão nas jurisdições de uma comunidade, embora não seja da comunidade, mas trata-se de um convênio para contribuir e melhorar a qualidade de vida dos moradores via turismo.

Sobre a existência de uma política específica para o TC/TBC, a informante afirma que neste ano de 2019 priorizou-se muito o TC. Afora isso, os prestadores de serviços privados tiveram o compromisso não somente de apoiar aqueles que prestam serviço, dando-lhes uma maior prioridade, pois não é apenas uma empresa que se beneficia, uma só família, mas a comunidade em si. A partir disso, está-se tratando de consumir os produtos produzidos pelas comunidades. Dentro da certificação, criou-se esse compromisso para melhorar a qualidade de vida dos moradores.

Ao pensar o turismo no destino Rurrenabaque-Madidi-Pampas, La Torre analisa que se tem superado a fase crítica vivida em 2014/2015 na referida destinação devida a uma inundação grande. Mas, isso não significa dizer que se está a 100%, crer que se chega a 50%, pois existem muitas empresas em estado de competição. Por conseguinte, necessita-se seguir trabalhando, pois a situação foi superada.

Essa mesma informante acrescenta mais um problema nesse mesmo período acima, que diz respeito às medidas tomadas pelo governo, de impor restrições aos israelitas. Naquela época, Rurrenabaque era um destino que recebia esses turistas que tinham uma estadia longa, e a partir dessa medida pararam de vir, o que foi muito preocupante para o setor. Tratava da maior demanda de Rurrenabaque-Madidi-Pampas. Entretanto, isso também foi superado.

A informante La Torre destaca ainda que se tem recebido nichos de mercado europeu que estão a chegar paulatinamente ao destino. Neste contexto, tem-se podido evidenciar que no período que corresponde às férias europeias – julho e agosto – receberam muitas famílias vindas daquele continente. Assim, pressupõe-se que o ano de 2020 será melhor, pois se pensa em promover o destino a partir de uma perspectiva sustentável em decorrência da Certificação Internacional.

Acerca do perfil de turistas que aportam no destino Rurrenabaque-Madidi-Pampas, La Torre afirma que é um turista de classe média, que fica em Rurrenabaque por um dia e visita tanto Madidi como os Pampas. Ademais, é um turista europeu que se constitui em nicho de mercado forte, que vem todos os anos. Acrescenta a esse perfil, os turistas nacionais, com chegadas pré-determinadas, em julho, quando acontecem as férias no inverno. São famílias que vêm, em sua grande maioria, de La Paz para Rurrenabaque dada a proximidade do destino. Isso ocorre também nos meses de dezembro e janeiro.

Ao complementar a caracterização do turista segundo o período, a informante afirma que se espera que o turismo seja permanente durante os 12 meses do ano. No entanto, há épocas de chuva, como fevereiro, março e abril, em que recebem poucos turistas. A partir desses meses, o fluxo turístico começa a aumentar.

A relação da CARETUR com o PNANMI Madidi, em conformidade com a entrevistada, é por demais boa. Está-se a trabalhar no momento com vários atores – o PNANMI Madidi, o Pilón-Lajas, a área protegida municipal dos Pampas – para a elaboração da marca do destino, quando foi realizada uma primeira oficina. Acredita-se que para o mês de outubro, já se terá essa marca.

b) Associação de Operadores de Turismo de Rurrebanaque: posicionamentos sobre a atividade turística

Para a entrevistada Ady Mendia[11], Presidente da Associação de Operadores de Turismo de Rurrebanaque (ASOPTUR) e proprietária da agência de turismo Monkey Travel, o TC é algo à parte, separado dos empreendimentos privados. O turismo em Rurrenabaque está dividido em duas partes. Uma se refere aos empresários privados, cujo investimento é próprio. Não é apoiado por nenhuma instituição, associação ou pelo Estado. Já os empreendimentos comunitários recebem ajuda de instituições, do governo, de ONG e de fundações. Por isso, esses empreendimentos têm a facilidade de estabelecerem-se muito melhor que os privados. Enfatiza que a diferença fundamental entre esses é que:

> [...] para poder llevantarnos desde el inicio hasta poder llegar a donde estamos a promocionarlo y eso todo. No tenemos una coperación y ninguna alluda de ninguna indola, de ninguna instituición como le digo. La diferencia de emprendimiento comunitário es que ellostiene muchas coperaciónes (informação verbal).

[11] Auxiliar contábil.

Segue a entrevistada queixando-se que, como empresas privadas, ficam à margem de apoios ou benefícios, apesar de estarem também preocupadas com a conservação e preservação do meio ambiente. Alega que cumprem as mesmas normas, regras que as das comunidades e ainda têm que cumprir com todas as obrigações para ingressar e operar em uma AP.

Ao complementar a sua fala, Ady Mendia diz que não se faz distinção nesses aspectos entre essas duas categorias. Entretanto, enfatiza na sua fala que isso é algo injusto, porque todos trabalham para o mesmo fim, que é a conservação, a preservação do meio ambiente e o cuidado com a floresta. Detalha que, como empresa privada, não recebe nenhuma facilidade, nenhum crédito rápido para o turismo, pois:

> [...] los emprendimientos comunitários simplesmente apresentan un proyecto ya tiene la aportación de un fondo, digamos, o una alluda tanto del gobierno o de qualquiera instituición que venga a eso a apoyar el Turismo Comunitário. En realidade, para mi deveria ser todo igual para mi deveria ser apuntar a lo mismo, digamos, si tienes apoyo al turismo comunitario, una agencia que trabaja contursmo comunitário y una agencia privada que los dos están haciendo el mismo trabajo de conservación, la única diferencia que esa otra trabaja con una comunidade que también nosotro como empredimiento privado trabajamos drecta o indirectamente con las comunidades, por que? Porque nosotro normalmente se trata de consumir lo que las comunidades producen lo que son las verdura o sea toda la alimentación que nosostro provemos al turista tratamos de que sea orgánico normalmente y de alguna otra forma estamos apoyando a las comunidades pero no metido en si pero de alguna manera apoyamos, entonces para nosotros por eso nos parece algo injusto, algo injusto es forma de dividir (informação verbal).

Evidencia-se que, de certo modo, a entrevistada revela sua insatisfação em não serem contemplados com nenhuma espécie de ajuda dos entes envolvidos com o turismo, visto que os empresários da iniciativa privada cumprem suas obrigações legais, além de contribuírem com as comunidades no que tange à compra de produtos ofertados por estas.

A informante Ady Mendia, presidente da Associação de Operadores de Turismo de Rurrebanaque (ASOPTUR) e proprietária da Monkey Travel, agência de turismo, diz que essa entidade possui 12 afiliados. Menciona ainda que existem empresas privadas que não estão dentro da associação, aproximadamente sete empresas, e mais as que operam com TC/TBC. As empresas privadas são caracterizadas por serem familiares e se dedicam a oferecer pacotes para os Pampas – área protegida municipal de Santa Rosa de Yacuma – e Selva – PNANMI Madidi e Pilon-Lajas, além de passeios curtos e *full-day*.

Explicita a entrevistada que os pacotes para os Pampas normalmente duram três dias e duas noites, e os da Selva são de um a 15 dias. No que diz respeito aos pacotes que oferecem hospedagem, a informante comenta as empresas têm seus próprios albergues, e, quando não têm, fazem convênio ou alugam com os proprietários de albergues dentro da AP. Quanto aos transportes utilizados nos programas, poucas empresas têm barcos próprios e, normalmente, trabalha-se com o transporte turístico. A SUSSE, que é uma associação de transporte fluvial, é quem presta serviços de aluguel de barcos. Ela ressalta que:

> En realidade, nosotros distribuímos y no nos quedamos con todo de una venta de tour. Nosotros distribuímos desde el transporte terrestre, transporte fluvial, pagamos al guia, pagamos al cocinera, pagamos la alimentación, pagamos la carne, pagamos los viveres, pagamos el albergue en caso de que no tenemos, pagamos todo. Entonces, de alguna otra forma aludamos a uma grand parte de la comunidade, en realidade, porque al dinero está distribuído desde el más pequeno hasta al más grande (informação verbal).

Essa, portanto, é a configuração do trabalho realizado pelo segmento de agências de viagens e suas respectivas participações na cadeia produtiva do turismo do destino Rurrenabaque-Madidi-Pampas.

No que diz respeito à conservação específica nas AP em que a ASOPTUR atua, Ady Mendia respondeu que quando se começou a trabalhar

com turismo dentro das AP – Pampas e Madidi – não havia uma norma vigente. Todos que entravam, por exemplo, nos Pampas, faziam o que queria desde 2012. A partir da Declaração da Área Protegida Municipal de Santa Rosa de Yacuma, começaram-se a elaborar os regulamentos da AP para que cada agência ou operadora cumprisse os requisitos exigidos para a conservação ambiental. Assim, segundo a entrevistada, cumpriu-se a norma para o manejo de resíduos sólidos e a proibição de alimentar os animais. Porém, tais condutas não foram possíveis mudar repentinamente. Entretanto, desde aquele ano, tem-se avançado bastante na conscientização e na conservação de áreas naturais.

Reportando-se à demanda de israelitas para o destino, a entrevistada Ady Mendia diz que este público teve sua origem a partir da história do israelense Yossef, que marcou o turismo da região. Ela acrescenta que: "El turismo aqui nació con el turismo israeli, gracias a esa história tambiény que lo hecho a dar vida y lo sigue haciendo a dar vida, digamos a mismo personaje porque tenemos la visita, as veces constante al cada año"(informação verbal). Essa entrevistada afirma que, com a restrição a esse perfil, perdeu-se essa demanda, porque chegavam a passar de dois a três meses hospedados, movimentando a economia, além de, em alguns casos, fazerem trabalhos sociais com os locais.

4.3 Parque Nacional e Área Natural de Manejo Integrado Madidi

O PNANMI Madidi foi criado, de acordo com o Decreto Supremo Nº 24123, de 21 de setembro de 1995 e sua extensão é de 1.895.750 hectares, em conformidade com Identidad Madidi, SERNAP (2016). Esta AP está localizada ao Norte do Departamento de La Paz, nas províncias Abel Iturralde, Franz Tamayo, Larecaja e Bautista Saavedra, abrangendo os municípios de Ixiamas, San Buenaventura, Apolo, Pelechuco, Curva, Charazani e Guana e a oeste limita-se como Peru. Pertence à macrobacia do rio Amazonas e forma parte das bacias do rio Madre de Dios e Beni, onde grande parte da superfície desta AP encontra-se no Beni (Fotografias 134 e 135).

Fotografias 134 e 135 - Trechos do rio Beni



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

O PNANMI Madidi possui 33 comunidades que estão dentro da AP, de acordo com Marco Uzquiano. Em sua grande maioria, são de origem Quechua, que estão na Província Franz Tamayos, no município de Apolo, localizado um pouco ao sul do parque. Tem-se uma sobreposição territorial com quatro territórios indígenas, o povo de San Jose de Uchupiamonas, que é o protagonista do Ecoturismo no parque. Tem-se também o Povo Leco de Apolo, o Tacana e o Lequi.

a) Questões iniciais sobre o Turismo Comunitário no PNANMI Madidi

Perguntado sobre sua visão acerca do TC que acontece dentro do PNANMI Madidi, o Diretor do parque e licenciado, Marco Uzquiano, vai, em primeiro lugar, esclarecer que as AP na Bolívia têm uma especificidade por demais importante devido serem povoadas por comunidades em seu interior. Tal condição leva à necessidade de articulação para reforços de conservação, o que, por outro lado, remete a gestão da AP a uma convivência harmônica com a conservação da natureza e necessidade de criação de mecanismos para a geração de recursos para a população indígena campesina original que habita a área.

Esse enfoque, segundo o entrevistado Marco Uzquiano, leva a compreender que uma dessas alternativas é TC entendido como uma atividade ou uma oportunidade econômica produtiva que pode ser gerada dentro do parque e que é capaz de integrar-se à vida social comunitária. Isso permite canalizar os ingressos, os recursos e os benefícios que podem ser gerados pelo TC na AP, associados aos esforços de conservação realizados nessas áreas. Enfatiza ainda que a cosmovisão que têm esses povos sobre a conservação da natureza e a importância de uma AP, associadas, remete à ideia de proteção, de conservação que repercute de uma maneira positiva no âmbito econômico, social, familiar e comunitário. Em suma, é esse o aporte que gera, nesse caso, o TC. É a partir dessa concepção que se vê como a população se integra à gestão da AP por meio do turismo compatível com os objetivos de conservação que têm o PNANMI Madidi.

Atualmente, os projetos de TC que estão sendo desenvolvidos no PNANMI Madidi têm passado por uma etapa muito importante, por serem projetos relevantes, tanto em âmbito local quanto nacional, inclusive regional, pelo contexto de TC na América do Sul. Tais empreendimentos comunitários vêm enfrentando uma situação bastante crítica por uma queda no fluxo de turistas (Quadro 4). Então, há visitantes, porém há maior concorrência, porque surgiram outros empreendimentos turísticos privados na região do parque que são de pessoas da comunidade e que também prestam um bom serviço.

Quadro 4 - Número de turistas que visitan el PN ANMI Madidi

AÑO	PNANMI MADIDI
2016	**5415**
2017	**5381**
2018	**5333**
ENE-AGO 2019	**4256**
TOTAL GRAL.	**20385**

Fonte: Direção Departametal de Turismo/Normas e serviços de Rurrenabaque/ Governo Autônomo, 2019.

O perfil do visitante que vai ao parque é constituído de 85% de turistas estrangeiros, europeus do Reino Unido, da Alemanha e principalmente da França, sem falar dos 15% de turistas nacionais. O fluxo está entre 6 a 7 mil turistas por ano. Recebem pouco turistas sul-americanos, como os chilenos, alguns argentinos e, muito raramente, brasileiros.

b) Relações institucionais com os empreendimentos comunitários e benefícios

No que tange à relação do PNANMI Madidi com os empreendimentos comunitários, Marco Uzquiano afirma que o Sistema Nacional de Áreas Protegidas (SENARP) é responsável pela gestão e funcionamento da AP. Diz que o papel específico do parque é fiscalizar os diferentes empreendimentos, quer sejam comunitários, quer sejam privados. Então, o que se faz é supervisionar se esses empreendimentos se adequam e se cumprem as normas, em termos ambiental, turístico e de prestação de serviços, dentre outros, além de eventualmente apoiarem promoções turísticas.

Em termos adicionais, o entrevistado Uzquiano enfatiza que fazem o trabalho objetivando a proteção e o monitoramento dos atrativos turísticos que, além de os proteger, evita que pessoas alheias ao parque o invadam, como os caçadores e madeireiros. Revela que tais atividades não têm 100% de eficácia porque falta pessoal para fazê-lo e orçamento. Na medida das possibilidades, o que se está a fazer é proteger os empreendimentos e toda atividade turística, para que satisfaça as expectativas do visitante.

O entrevistado Marco enfatiza também que os ingressos gerados pelo turismo não beneficiam apenas os empreendimentos comunitários, mas também servem para manter o funcionamento do referido parque, uma vez que se cobra um ingresso individual. Esclarece que se cobram USD 28,99 para cada turista estrangeiro e para o nacional, 7,25.

Este mesmo informante acrescenta que, a princípio, a maioria das pessoas que visitavam o parque era para fazer TC, mas que com o passar do tempo, surgiram iniciativas privadas das próprias pessoas do lugar e têm

melhorado em muito os serviços que não são propriamente comunitários. Por exemplo, cita Mashaquipe que não é considerado como um TC, mas gera muitos benefícios às comunidades e capta muitos visitantes e realiza eventos, e comenta que:

> Mashaquipe es de una familia de lugar, es de uma familia que siempre vivió ahi, entonces han constituido una empresa familiar pero que lo interessante de eso componente de que ellos através de el funcionamiento de la empresa generan mano de obra para la gente de lugar tambien los generan ingresos, no? Los ingresos directos a la comunidades que son partes, por ejemplo al Pueblo Tacana, ellos generan un aporte por cada turista que visitan, no? Entonces, es un enfoque. Algo distinto de Turismo Comunitário porque sino es comunitário pero se generan mucho beneficios para la gente de território (informação verbal).

Portanto, independentemente do empreendimento ser ou não comunitário, resta o fato de que essa empresa familiar gera também benefícios para a comunidade.

c) Reflexões sobre a concepção do Turismo Comunitário

Uma importante colocação que o entrevistado marco faz sobre o TC é que é preciso revisar muito este conceito. Diz que a dinâmica que se tinha do TC há 20 anos continua sendo a mesma de agora. Pensa que seria importante analisar em que estado se encontra o TC e questiona: "Qué lo es que realmente viene a ser Turismo Comunitário?" Por conseguinte, diz que o conceito está muito bem definido, porém o que talvez tenha mudado é a dinâmica de como antes se movimentava o TC e como se movimenta atualmente. Exemplifica que, às vezes, as mesmas comunidades têm desconformidades:

> [...] al Turismo Comunitário de mi comunidad solamente beneficia um grupo de dirigentes que están encargo de la empresa y a lo

> general los beneficios que generan antes para la comunidad, para la sociedade en su conjunto de su Pueblo y como le digo que hay modelos interessantes que podrian servirnos de apoyo talves para hacer esa analise de que no es Turismo Comunitário propriamente dicho segun el concepto que se tiene como la experiencia de Mashaquipe que yo le dice. Si viene por un lado, no esta considerado como Turismo Comunitário pero valeria a pena analizar la dinámica el como esa manera de hacer turismo por parte de una empresa, digamos, privada, o familiar en esse caso, está generando benefícios para una comunidade o para dos o más comunidades o familias, en ese caso que son de las comunidades (informação verbal).

Outrossim, na visão do entrevistado, houve um corte no conceito de Turismo Comunitário e isso é expresso quando este sugere o modelo de Mashaquipe, que é privado e que tem outra dinâmica de gerenciar o empreendimento.

Adiciona ainda o entrevistado Marco Uzquiano que antes em San Jose de Uchupiamonas, a maioria das pessoas estava satisfeita porque a empresa comunitária recebia dividendos, benefícios, e atualmente, por diferentes fatores, recebem bem menos ou quase nada. Isso necessita de uma análise do problema, ou seja, se por falta de turista, ou se é um problema da empresa versus a comunidade. Ou ainda, da maneira como são administrados os empreendimentos comunitários. Então, o interlocutor reforça que talvez tenha que se fazer uma reengenharia do que venha a ser o funcionamento do TC dentro de uma AP, para ver como se dão essas dinâmicas.

Nesse arco de informações, é difícil de entender como o PNANMI Madidi não sabe o que se passa dentro dos projetos comunitários de turismo, como Chalalan e San Miguel. O que se observa nessas comunidades e que preocupa o Diretor do parque, é que as pessoas começam a sentir uma espécie de desilusão e até dizer:

> No el turismo ya no me genera ingresso entonces, no me es útil la empresa para mi como comunario y eso nos preocupa mucho porque eso significa que se cae todo ese concepto de Turismo Comunitário Chalalan, San Miguel o las otras que pueden haber o se fracassa el Turismo Comunitário en el parque pues eso también se implica

> un fracasso en la gestión de Parque Nacional Madidi con las comunidades y eso nos preocupa mucho (informação verbal).

Isso implica que a conservação, a proteção da AP, a geração de ingressos por meio do TC seriam um fracasso, e é isso que está se levando a fazer uma análise, de, por exemplo, quais seriam as tendências que podem levar a melhorar o que atualmente é o TC. Isso passaria pelo seu conceito. Em suma, se a gestão do TC fracassa na área administrativo-financeira, isso obviamente afeta a conservação do parque, pois este também se beneficia dos ingressos.

d) Saneamento sanitário, gestão e plano de manejo

No que concerne ao saneamento sanitário da área, Marco Uzquiano esclarece que cada empreendimento comunitário tem uma licença ambiental e maneja a água potável. Tem-se ainda câmaras sépticas ou piscina de estabilização para água. Cada empreendimento tem o seu modo específico de tratar a água. Faz-se uma inspeção da água a cada seis meses, e a AP dispõe de um engenheiro ambiental e um técnico em turismo, que também inspeciona o lixo e as condições infraestruturais dos empreendimentos. Caso encontre algo fora da normalidade, remete-se uma nota aos responsáveis com observações e recomendações.

Quanto às dificuldades para se trabalhar com esses empreendimentos, que estão dentro e na zona de amortecimento do parque, o informante revela que começa quando os responsáveis recebem os relatórios com as recomendações, pois se sentem incapazes de resolver os problemas devido à situação financeira ser complicada. Cita o caso de uma piscina de estabilização da água, já antiga, e que não há recursos para renová-la.

A título de esclarecimento, o entrevistado diz que há um regulamento de operações turísticas que permite aos locais, mesmo que residam fora do parque, solicitar uma permissão para construir um albergue. Assim, não se autoriza que estrangeiros nem pessoas de outras cidades possam senhorear atividades turísticas dentro desse AP.

No que diz respeito à gestão do PNANMI Madidi, o informante Marco explica que o funcionamento deste é de responsabilidade do Servicio Nacional de Áreas Protegidas (SERNAP), não estando vinculado ao Ministério de Meio Ambiente, apesar de ser uma entidade estatal no âmbito de gestão e articulação social dirigida por um Comitê de Gestão. Tal direção vem a ser uma representação social da população civil, que é responsável pela fiscalização e controle da AP. Neste Comitê, estão parte de cinco municípios – San Buaventura, Apolo, Pelechuco, Ixiamas e Guanay –, que têm território dentro do parque, como também os povos indígenas San José de Unchupiamonas, a Central do Povo Tacana, a Central do povo Leco (CIPLA), Pilcol, Leco e outras comunidades originárias tropicais que têm territórios no mesmo.

Quando perguntado sobre o número de pessoas que trabalham na AP, o informante diz que são 26 guarda-parques, dois responsáveis pela proteção, e os da parte administrativa – uma administradora, um técnico em Turismo, dois técnicos de apoio produtivo e outros. O escritório do PNANMI Madidi funciona no município de San Buenaventura (Fotografia 136). Em síntese, é algo em torno de 32 colaboradores no presente momento.

Fotografia 136 - Escritório do PNANMI Madidi em San Buenaventura



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Questionado sobre a presença de alguma ONG nos trabalhos da AP, diz que a *Wildlife Conservation Society* (WCS-Bolivia) é a única que está trabalhando no momento com esta AP. Em 2018, a Cooperação italiana finalizou um projeto que se constituía no apoio a um programa de formação de Guarda-parques, de nível nacional, e foi por meio deste que se construiu um centro de capacitação para os guarda-parques na área, dotado de infraestrutura, equipamentos e mobiliário.

No que diz respeito ao plano de manejo do PNANMI Madidi, este está em sua segunda edição e tem sete programas, dentre eles, o de gestão e administração da AP e o de participação social, que instalou o Comitê de Gestão. Embora não tenha um programa de educação ambiental, fazem-se com frequência atividades de sensibilização e educação nas escolas das comunidades. Tem-se também um que é de arranjo produtivo, que também articula o café Madidi produzido nas comunidades, precisamente no setor de Apolo, além do mel de abelha, produzido em algumas comunidades.

Isto posto, as comunidades em sua maioria se dedicam à agricultura, à pecuária, à pesca e algumas à mineração artesanal, à caça de autoconsumo dentro das comunidades. Porém, também para movimentar a atividade turística associada à produção do café Madidi (Fotografias 137 e 139), que é uma das iniciativas que estão funcionando muito bem atualmente, as cafeterias Alexander & Coffee, a nível nacional, têm promovido e apoiado a compra do produto e também o estão difundindo e promovendo junto aos operadores turísticos de San Buenaventura e de Rurrebanaque.

Ressalta ainda o entrevistado Marco que são os próprios produtores que manejam e administram todos os benefícios provindos da produção do café. Por seu turno, o PNANMI Madidi apoia com assistência, acompanhamento e, em alguns casos, com equipamentos e infraestrutura, o projeto.

Fotografias 137 e 138 - Embalagem do Café Madid



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Ademais, existe outra iniciativa que atualmente não se está apoiando por falta de financiamento, que é a do cacau que se está trabalhando nas comunidades tacanas.

Para o Diretor do PNANMI Madidi, um dos principais problemas deste é a mineração, na parte alta da AP, vales e cordilheiras onde existem muitas concessões minerais e cooperativas, que querem mecanizar a produção. Por outro lado, estão os megaprojetos do próprio governo, que querem construir represas dentro da AP. E ainda os projetos de ligação rodoviária de Apolo e de Ixiamas que partiria a AP em dois, o que causaria um sério problema. Têm-se ainda nessa temporada, de agosto/setembro, os incêndios florestais, que demandam muito trabalho pelos guarda-parques. Existem também a caça e a pesca ilegais, sem falar do turismo desordenado. Além de tudo isso, há as concessões de hidrocarbonetos, que no momento não estão ativas, mas estão afetando aproximadamente 85% da jurisdição da AP.

Comunidade de San José de Uchupiamonas e o Turismo Comunitário

a) Notas breves sobre a comunidade e os primeiros passos do turismo

Na comunidade de San José de Uchupiamonas, segundo Olvidio Valdéz[12], encontram-se 75 famílias, o que equivale a aproximadamente 650 pessoas. Entretanto, nem todas vivem na comunidade por motivos de trabalho. Estão a migrar para outros lugares, porém, no final do ano, reúnem-se em Assembleias para a tomada de decisões.

A principal atividade econômica de San José de Uchupiamonas era o turismo até pouco tempo atrás, de acordo com o informante Lino Illimuri[13]. Diz que, hoje a maioria das pessoas tem começado a diversificar suas atividades. Isto é, pode-se optar pela pecuária e mineração artesanal. Com a melhoria dos acessos, está-se a cultivar laranjas, papaias entre outras que podem ser vendidas.

Ao falar-se sobre os principais problemas da comunidade de San José de Uchupiamonas, o informante Olvidio Valdéz comenta que atualmente quase não há os problemas que havia antes, pois a maioria foi solucionada. Diz que a saúde seria um problema por conta do acesso, porém já existe uma clínica, com um médico e seus assistentes.

Albergue Ecológico Chalalan

a) Algumas considerações sobre a história do Chalalan e o projeto comunitário de turismo

Os povos indígenas da Bolívia, até meados de 1990, não eram integrados às atividades nem a projetos de ecoturismo e Turismo Comunitário, como

12 Guia de turismo do Albergue Ecológico Chalalan.
13 Vice Presidente do Diretório de Chalalan/Rede TUSOCO.

parte das ações de manejo de recursos naturais (Peredo, 2011). Ao final do mesmo ano, Albergue Ecológivo Chalalan, um projeto comunitário de manejo integrado natural do Parque Nacional e Área de Natural de Manejo Integrado Madidi (PNANMI), na Amazônia boliviana, surgiu despontando como uma oportunidade de rendas e trabalho, favorecendo as famílias indígenas.

Sobre o significado da palavra Chalalan, Lino Illimuri diz que seu significado provém do barulho que é provocado por uma queda de utensílios – colheres e pratos, por exemplo. Conta o entrevistado que a área do Chalalan era de caça. Conta-se que, certa vez, os caçadores de San Jose de Uchupiamonas vinham pelo rio Tuichi, por uma balsa, e ela chocou-se com uma grande onda, e os pratos e colheres fizeram um som semelhante à palavra Chalalan. Eis a origem do nome.

O projeto Chalalan Ecolodge começou a empreender-se como uma iniciativa comunitária a partir de 1989, segundo o guia de turismo, Olvidio Valdéz. Ele revela que, como à época havia muita migração de comunitários, nasceu a ideia de fazer um TC, pois a comunidade estava ficando despovoada. Os líderes comunitários sugeriram que o empreendimento poderia ser assentado no Lago Chalalan. Em seguida, reuniram-se 25 pessoas, incluindo duas mulheres, e foram até a área para encetar uma atividade comunitária para beneficiar a comunidade de San José de Uchupiamonas. Começou-se a desmatar. Foi uma ideia, sobremodo, importante para o futuro.

Para dar mais esclarecimentos sobre as origens do TC, precisamente do Albergue Ecológico Chalalan, Lino Illimuri se reporta aos anos 1980, contando que mais de 40 famílias abandonaram sua terra em busca de melhores condições de vida. Nessa época, viviam da exploração de madeira, da caça, vendiam peles de animais e suas carnes. Então, muitas pessoas não podiam viver bem na comunidade e, por isso, tiveram que migrar para lugares como San Buenaventura e Rurrebanaque. No final da década (anos 89-90), estava a construir-se a estrada La Paz-Rurrenabaque.

Segue dizendo o entrevistado Illimuri que nesta mesma década, chegou o francês Pierre Bernand e se estabeleceu na Lagoa de Santa Rosa (Fotografia 139) que dista meia hora do Lago Chalalan. Este estrangeiro criou uma empresa de nome Tawa e começou a operar. Fez ainda uma pista de aterrissagem para levar turistas de La Paz em aviões pequenos. Revela que a essa época os comunitários eram responsáveis por carregarem as mochilas dos turistas, outros dirigiam a balsa para chegarem ao destino. Analisa que os comunitários eram sempre utilizados para realizar esses tipos de atividades, porém não recebiam adequadamente, mas que de alguma maneira era uma fonte de renda.

Fotografia 139 - Placa de localização da área



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

No ano de 1989, diz o informante Lino Illimuri, que outra agência de La Paz, de nome Colibri, começou também a operar. Esta se associa às pessoas do lugar e constroem pequenas cabanas às margens do Lago

Chalalan. Com dinâmica semelhante à Tawa, utilizam os comunitários para carregar mochilas, para cozinhar e para guiar nas trilhas, entre outras coisas. Então, os líderes de San José de Uchupiamonas se conscientizaram de que era importante criar seu próprio empreendimento, ou seja, serem atores do turismo e não apenas expectadores.

Tal visão é devidamente expressa quando o entrevistado comenta que "[...] los turistas han passados por nuestros narizes y solamente dician ya bien, vengan caregar nuestra maletas y eso y ya nos vamos con ellos" (informação verbal). Portanto, surge aí a ideia de que os comunitários poderiam tornar-se também, de certa maneira, empreendedores comunitários.

Então, foi a partir dos anos 1989-90, que os comunitários pensaram na criação de um espaço conjunto com a Colibri. Entretanto, essa aliança de trabalho durou pouco, se consolidou apenas de 1990-1992. A partir daí, problemas internos entre os comunitários e a Colibri começaram a surgir. E foi precisamente em 1993 que os líderes decidiram ser protagonistas da atividade. Segundo Lino Illimuri, começou-se a buscar pessoas que entendiam de turismo, que podiam ajudar na elaboração do projeto e de apoio financeiro para este. Procuraram nesse momento o israelense Yossef, que ajudou a fazer o projeto como agradecimento à comunidade, por tê-lo encontrado quando este se perdeu na selva.

Em seguida, Yossef retorna para os Estados Unidos e organiza um jantar denominado "Os amigos de Chalalan" e arrenda a quantia de $10.000 dólares para que se possa elaborar o projeto de um empreendimento comunitário.

A continuar-se, o entrevistado Olvidio Valdéz diz que o turismo se constitui em um mercado muito importante. E nos anos subsequentes, 1991, 1992 e 1993, o governo foi instado a realizar um projeto que se apresentou no valor de $200.000, o qual se propunha, em contrapartida, conservar aquela área natural. Entretanto, o governo alegou que não havia recursos para tais atividades.

Em seguida, logo depois de 1994, conforme relato de Olivio Valdéz, chegou à Bolívia a Conservação Internacional (CI), e os comunitários, conjuntamente com os amigos do Colibri, foram visitar o escritório da CI e apresentaram o referido projeto. Em decorrência desse projeto, a CI na Bolívia se tornou bastante importante. Foram, então, ao Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), que pediu um prazo de 15 dias para analisar o projeto. Após essa data, teve-se uma resposta positiva do BID no valor de $1.500.000 a ser destinado ao projeto Chalalan. Entretanto, a comunidade não estava de acordo com esse valor, pois não teriam como devolver o empréstimo.

Na sequência, o informante Olvidio afirma que o BID retrucou que daria 100% do montante, desde que os comunitários administrassem o projeto. E mais, que as receitas oriundas dos turistas fossem investidas para a educação, saúde e água potável. Então, o acordo foi fechado.

Assim, o BID repassou os recursos para a comunidade de San José de Uchupiamonas, porém, a movimentação desses recursos ficou a cargo da CI. Além disso, ficou responsável pela contratação de pessoas que pudessem dar capacitação como *rafting*, cozinha, guias de barcos, guias de turismo, garçom, *barman* e outros. Complementa o informante Olvidio Valdéz que depois disso, em 1995, já se cria o projeto Chalalan. Em 21 de setembro de 1995, cria-se o PNANMI Madidi, logo depois do Chalalan.

Alega o entrevistado que, graças a esse projeto Chalalan, criou-se o PNANMI Madidi, com muitas comunidades dentro dessa AP, isso porque a ideia era seguir conservando e não destruindo as árvores da região. Conclui-se, portanto, que essa ideia não era do governo, mas sim dos comunitários, que foram decisivos para a criação do parque.

A partir de 1995, até 1997, começaram os cursos de capacitação, de guiamento e de cozinha. Em 1997, formaram-se apenas cinco guias dos 19 que iniciaram o curso. Em 1998, terminou-se a edificação do Chalalan e em 1999 o BID a entrega para a comunidade administrar. Desse momento

em diante, a comunidade passa a ser responsável por gerenciá-lo e cuidar do dinheiro. Além disso, o BID comunica que não há necessidade de que os recursos sejam devolvidos, pois alega que o projeto foi 100% executado, como consta na proposta original.

O entrevistado afirma que o Chalalan é um sonho que

> tenemos todo posesanos tenemos un Ecolodge por eso digo Chalalan es un sueño hecho realidade, esse es el nombre y gracias e este nombre de Chalalan hay muchos turistas que nos visitan hoy em dia y gracia a eso se hay mejorado la educación, la salud, se hay mejorado el agua, por ejemplo, el agua tenemos el agua potable hoy em dia, tenemos eletricidade, tenemos escuela, hay primaria, hay secundaria, despues de eso ya se van a la Universidad y desde 2000 empieza como único papa Chalalan, despues de 2007, 2008, 2009 hasta 2013, full de turistas em Chalalan, despues empieza a bajar porque empiezan a nacer otros empredimientos comunitários solos.Entonces ahí empieza a bajar el turismo (informação verbal).

Portanto, vê-se pelos relatos imediatamente acima que houve um comprometimento por parte tanto dos comunitários quanto da CI e do BID (Fotografia 140) em concretizar a ideia que, na verdade, mudou para melhor a vida de tantas pessoas. Ademais, pode-se verificar, a partir do exemplo do Chalalan, que no TC, além do interesse da comunidade em ter um negócio, há também a necessidade de se terem fontes externas para o financiamento de iniciativas como essa.

Fotografia 140 - Pedra comemorativa do Chalalan



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Um outro dado relevante que o interlocutor indica é que o *Albergue Ecológico Chalalan* não recebe ajuda do governo. E mais, alega que paga seus impostos ao governo e estes não se revertem em benefícios para San José de Uchupiamonas. Resta o fato de que a comunidade necessita sobremaneira do seu Ecolodge.

A prosseguir-se, na sua entrevista, o informante comenta sobre o pouco ingresso de receitas atualmente no *Chalalan Ecolodge*. Está-se trabalhando apenas para manter o Albergue, uma vez que não se consegue obter lucros neste preciso momento.

No que tange aos principais problemas da comunidade de San José de Uchupiamonas, a raiz de criação de sua empresa, Lino Illimuri faz uma retrospectiva da década de 1990 até 2000. Afirma que esta foi, por muito tempo, esquecida pelo Estado e que nem em mapa existia. Segue dizendo que, ao ser criado o Chalalan, foi decidido pelos comunitários que o Chalalan significava a identidade do povo Uchupiamonas.

Prossegue o entrevistado Lino Illimuri que, até recentemente, o Estado não os reconhecia. E sabe-se que ali moravam pessoas que recebiam turistas. Quando o Chalalan começou a operar, sentiram a sua existência. Começou-se a construir escolas, fossas sanitárias, a melhorar os caminhos para poder transitar e assim, conseguirem-se mais ingressos de turistas. Então, obtiveram-se apoios internacionais, porque quando os turistas que os visitavam se solidarizavam, diziam que queriam contribuir para, por exemplo, que fossem construir escolas. Portanto, se está evoluindo, melhorando a qualidade de vida dos moradores. Comenta que ainda hoje não se tem médicos especialistas, porém tem-se uma auxiliar de enfermaria que atende e está se lutando para terem especialistas na comunidade. São esses os desafios atuais de São José de Uchupiamonas.

Acerca da diferença entre o TC e o de TBC, Sérgio Apana dá um exemplo dizendo que o TBC é uma organização entre uma família ou com amigos, sem ser diretamente com a comunidade. Já o Turismo Comunitário

se dá diretamente com as famílias de uma comunidade, ou ao menos 90% dessas, envolvidas inclusive com as autoridades locais, com as associações sociais e o que mais há de comunitário, ou seja:

> [...] nuestro modo de entender es que yo soy de una comunidade, mi hermano es de una comunidad, el otro de la misma comunidad pero somos ses o siete, pero no llegamos ni al 5% por ciento de toda la comunidad. Entonces, eso para mí es como que somos de una comunidad. Tenemos la base en la comunidad, pero no somos directamente responsables de toda la comunidad (informação verbal)[14]

Fica bem nítida a diferença entre esses dois modelos. O comunitário, que deve envolver toda uma comunidade e o de base comunitária, que congrega apenas alguns elementos dessa própria comunidade. Nesse sentido, por exemplo, em termos econômicos, toda a comunidade é beneficiada e no TBC apenas algumas pessoas.

b) Dinâmica, estrutura, caracterização da oferta, estrutura e serviços

A organização administrativa do Chalalan Ecolodge é composta de uma Assembleia de 74 sócios da comunidade, em conformidade com o informante Lino Illimuri. Neste fórum, elege-se um Diretório e se estabelece com Presidente, Vice-Presidente e Secretário de Atas. Por sua vez, o Diretório elege a gerência e ela contrata colaboradores, como um contador, a pessoa encarregada pela logística e guias. Assim, toda a operação está sob a responsabilidade de um gerente. Então, o Diretório é quem delineia uma política a ser posta em prática e acompanha o trabalho da gerência.

O *modus operandi* do Chalalan começa com a premissa de que todos que trabalham no escritório da empresa, em Rurrenabaque, tem que ser de San José de Uchupiamonas, de acordo com Lino Illimuri. Já no Chalalan,

---

[14] Sergio Apana, Gerente geral do Albergue Ecológico Chalalan.

o sistema de oportunidade de trabalho é rotativo, permitindo que todos da comunidade trabalhem. Exemplifica que a cada três meses se fazem mudanças.

> [...] yo fue de administrador a Chalalan por trés meses, suponhamos y yo tengo que hacer mi grupo, ya, suponhamos que me toca em Octobre irme a Chalalan, Octobre, Noviembre y Deciembre, três meses, pero tengo que tener, ya, para trabajar en el Albergue, para darme el servicio, ya tengo que tener quien van a assumir conmigo. Entonces, que teneria la cocinera, tengo que teneria todo mi equipo listo. Un día antes, nos vamos a Chalalan y el grupo que ya va a salir nos hacen la transferência interna alla. Dicen, miran nos estamos dejamos 30 platos, 60 vasos, 15 olas. Nosotros recibiemos y la gente que estaban trabajando ahí se va a la comunidad y nos quedamos nosostros los trés meses. E primero de Enero ya llega otra gente tambien, outro grupo con su administrador y su cocinera también, o sea de esa manera vamos a rotando toda la comunidade. Esse es el sistema de trabajo que manejamos nosotros (informação verbal).

Sobre Albergue Ecológico Chalalan, Lino Illumiri comenta que:

> Chalalan hay sido el primero empredimiento comunitário que se puede dicer a nível nacional, uno de los proyectos más exitosos que hay tenido Bolivia, se puede dicer en la Amazónia, el proyecto más existoso de Turismo Comunitário por eso somos referentes nosostros y como te dicia que Chalalan hay sido la escuela y la Universidad para muchos, los Uchupiamonas, ahora tenemos 6 empredimientos comunitários, no? empredimientos familiares ya que oferecen, turismo, turismo sostentable, turismo responsable, turismo ecológico como quiera llamarse en la zona. Esta Sadidi lodge, esta Madidi Jungle, esta Corazón del Madidí, Beaco del Madidi, Juruna Journey, esta Santa Rosa Ecolodge y Chalalan. Estamos hablando casi de siete empredimientos, pero el papa hay sido Chalalan (informação verbal).

Esses empreendimentos são de famílias da comunidade, não são comunitários complementa Lino Illimuri

> Entonces, por eso nossotros como território mostran diferentes Chalalan. Entonces todos los empredimientos que están nasciendo dicen “no que Chalalan, Chalalan, que todo es Chalalan, que gracias a

> Chalalan han nacidos también a las otras empresas. Y obiviamiente no es competência porque el tipo de servicio que oferece Chalalan y el modo de operar Chalalan es muy diferente a las otras companias pequenas que están de las famílias, entonces incluso hay muchos empredimientos familiares que estan conectando a sus tour Chalalan. O sea dentro de sus programas turísticos están incorporados a la visita a Chalalan, no? Como una noche de visita, digamos a Chalalan. Porque el turista llega e dicen "Yo quisiera ir a Chalalan. No he ido pero porque no tengo la posibilidad de pagar. Entonces, que te facilita? Si mi empresa de mi, te cobra 250 dolares de Chalalan, esta cobrando 429 dolares. Entonces te vienes conmigo porque son 250 que te llevan a la Selva pero y me dicen "me quiero ir a Chalalan". Entonces, yo hablo com ellos de Chalalan y te va por una noche a Chalalan, por una noche te va a Chalalan y por ejemplo una noche está 60 dolares, no? Entonces, ya yo me descuento de mi 250 dolares que te he cobrado ya yo descuento los 60 porque tengo que pagarles Chalalan porqué quiero que vayas a conocer a Chalalan. Entonces esta en una noche ala por la tarde la embarción ya está te traendo a mi albergue. Entonces este tipo de cosa estamos haciendo con la gente que no tiene la posibilidad de pagar pero quiere ir a visitar Chalalan (informação verbal).

A operação de hospedagem no Albergue Ecológico Chalalan, segundo o administrador Dom German Mawapa[15], começa com o envio de turistas de Rurrenabaque para este, indicando que tipo de turista vai chegar. Ao chegarem ao Chalalan, depois de aproximadamente seis horas de viagem de barco (Fotografia 141) – é servido um lanche (Fotografia 142) – e mais 45 minutos de caminhada (Fotografia 143), são recepcionados com um suco de frutas regionais e comunicados como se tratam os visitantes no albergue, indicando-lhes a capacidade e a funcionalidade deste. Em seguida, é mostrado como os setores estão organizados, tanto o administrativo quanto a cozinha, os quartos e a logística. Em suma, todo o conhecimento sobre o albergue é repassado ao turista, inclusive o sistema de trabalho dos guias, de acordo com o interesse daquele.

---

15 Professor de Matemática básica e auxiliar contábil.

Fotografia 141 - Trechos da viagem de barco



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Fotografia 142 - Lanche servido



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Fotografia 143 - Trilha e marcação de acesso ao Chalalan



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Toda a estrutura física do Chalalan é feita com material do lugar, o teto, as paredes e os pisos, em madeira e pedras (Fotografias 144 e 147). De uma arquitetura herdada de seus ancestrais, os alojamentos apenas foram se adaptando com o passar do tempo. Possui dez cabanas avarandadas (Fotografia 148), distribuídas e compartilhadas, todas com banheiros, sendo três matrimoniais, três triplas e uma dividida por quartos. E mais duas cabanas com capacidade dupla para seis pessoas. As cabanas triplas têm capacidade para nove pessoas. No entanto, quando há famílias com crianças, têm-se cabanas para hospedá-las. Acomoda-se, portanto, até 40 pessoas. As instalações do Chalalan não albergam apenas estrangeiros, mas também visitantes nacionais. Estes vêm em grupos, em casais e sozinhos.

Fotografias 144 e 147 - Estrutura com material do lugar



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Fotografia 148 - Cabanas avarandadas



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Existe, também, um restaurante para atender de 80 a 100 pessoas (Fotografia 149) e em seu interior acomoda-se uma pequena venda de artesanatos locais, feitos com sementes e madeira talhada, um bar pequeno e uma biblioteca, além de um serviço permanente de chá e café.

Fotografia 149 - Restaurante e seus serviços



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Ainda faz parte desse complexo, uma sala de interpretação (Fotografia 150), que funciona como uma espécie de escola para formação de guias. Nesse espaço, são também repassadas informações sobre a história do lugar. No momento, está um pouco deteriorada, mas pretende-se reestruturá-la.

Fotografia 150 - Sala de interpretação



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

No que tange à estrutura do setor de alimentos e bebidas, a cozinha (Fotografia 151) dispõe dos serviços de uma cozinheira e uma ajudante, o restaurante de uma garçonete, e do bar, em período de temporadas de alta estação, conta-se com um barman. Já na área da administração, existe apenas um administrador, e nas áreas das unidades habitacionais, conta-se com duas pessoas que atuam no setor da governança (Fotografia 152). Além de todos esses colaboradores, existe uma pessoa que exerce múltiplas funções, ou seja, de logística, ajudando os passageiros a trazer suas mochilas e caixas com produtos que chegam de Rurrenabaque, por exemplo. Esse, portanto, é o quadro de pessoal e serviços disponíveis no albergue.

Fotografia 151 - Cozinha



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Fotografia 152 - Abertura de cama



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

No que respeita às dificuldades de gerenciar o empreendimento, Dom German Mawapa diz que são poucas, porque foram capacitados para os postos de trabalho. Entretanto, afirma que há pequenas dificuldades na parte operacional, mas que aos poucos vão sendo solucionadas.

No que concerne ao sistema de abastecimento de água, segundo Mawapa, é bombeada do lago, utilizando-se um absorvente que só filtra a água limpa. Bombea-se a mesma para o tanque pelo qual passa por dois controles, um que é o carbono, denominado de filtro purificador, e outro de sedimentação para que a água chegue limpa, controlada e mantida constantemente. Esse filtro tem ligação direta com a cozinha, então, com a água que se prepara a comida não existe problema algum. Para os turistas, oferece-se água mineral engarrafada.

Quanto ao sistema de energia, esta é produzida a partir de um painel solar à bateria, e posteriormente se dá o processo de traslado por meio de cabos controlados em diferentes lugares com controles térmicos especiais, que por sua vez chegam até as cabanas. Pode-se dizer que esse sistema é ecológico, já que não se utilizam motores e por isso, investe-se em consumo eficiente de energia solar.

No que diz respeito ao abastecimento de alimentos, obedece-se à seguinte logística: tem-se um pequeno armazém, tanto em Rurrenabaque quanto no Chalalan, para produtos não perecíveis, e para manter as verduras, as frutas e as carnes saudáveis e bebidas geladas, têm-se pequenos refrigeradores no albergue. Para atender à necessidade do albergue, faz-se um pedido, via requerimento à Rurrenabaque, que imediatamente os atende. É importante ressaltar que os pedidos são feitos em uma ordem cronológica, para que não haja desperdícios.

Complementa o administrador Mawapa:

> [...] seguimos en los benefícios buscando siempre para el futuro, bueno el interese que ustedes viene a hacer, de repente, también, muy en particular nos puede alludar. [...] Chalalan es como una leyenda, tiene una reseña histórica, lo podemos hablar más y más pero en general eso es el proposito y eso es el proposito y hice hay sido el interese y el sacrifício que la gente de San Jose de Uchupiamonas tenemos logrado y la misma gente tenemos el orgullo y la capacidad de manejar este Chalalan tanto aqui en el campo en las oficinas que están en Rurrenabaque o sea todos son gente de San José de Uchupiamonas (informação verbal).

Vê-se que na fala de Dom German há um certo orgulho em fazer parte da realidade do Chalalan e que sua preocupação maior é que todo o esforço despendido pelo povo de San José de Uchupiamonas não seja em vão, e que possa sempre gerar frutos bons.

De acordo com Lino Illimuri, Chalalan oferece um circuito de trilhas (Fotografia 153), em que se pode fazer diferentes atividades. Tem-se, por exemplo, observação de aves, passeios de canoas (Fotografia 154), focagem de jacarés e caminhadas noturnas. Faz-se interpretação de bosques tropicais úmidos e conta-se com o tema da medicina tradicional, quando o guia, por exemplo, explica no decorrer do trajeto as propriedades das distintas plantas medicinais. Outro atrativo é a "Noite Tradicional" (Fotografias 155 e 158), quando se desvela parte da cultura local, sua história, música, dança, jantar de comidas típicas e, além disso, oferece-se um safári fotográfico. Entretanto, o atrativo principal é o lago Chalalan, com seu píer (Fotografia 159), e em suas margens o Albergue. Um atrativo a mais é uma trilha de aproximadamente três horas para se observar alguns restos arqueológicos de uma cultura da Amazônia já em investigação.

Fotografia 153 - Circuito de trilhas



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Fotografia 154 - Passeio de canoa



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Fotografias 155 e 158 - Noite Tradicional



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Fotografia 159 - Lago Chalalan com seu píer



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

A continuar a caracterização da oferta do empreendimento comunitário, o interlocutor Olivio Valdéz diz que, ao cruzar o lago Chalalan, chega-se, percorrendo 350 metros, ao Mirador para se observar o entardecer e regressar em passeio de canoa. Existe, também, um centro de interpretação que, por hora, está desativado.

Com relação à organização das atividades oferecidas no Chalalan Ecolodge em que os guias estão à frente, o informante diz que as excursões de barco duram aproximadamente duas horas e as caminhadas são de quatro a oito horas, pelas 16 trilhas, conectados à principal, que é a Jaguar.

c) Perfil do turista, comercialização e capacitação

Quanto ao perfil do turista que chega ao Chalalan Ecolodge, o entrevistado Olívio Valdéz diz que este faz parte de um segmento de mercado de médio e alto nível de gastos. Trabalha-se com turistas europeus, norte-americanos e canadenses, que são os que mais visitam o Albergue. São turistas muito responsáveis, que amam a natureza.

Perguntado sobre a dinâmica do serviço de guia, Olivio Valdéz menciona que vêm turistas com interesses diferentes para o *Ecolodge*. Há turistas que são observadores de aves, os que gostam de caminhar e os que apenas querem aprender sobre a natureza, ou seja, são dos mais diversos perfis. Em síntese, está-se capacitado e preparado para receber qualquer tipo de se turista que apresente.

Com referência à comercialização, o Chalalan, em conformidade com o interlocutor Lino Illimuri, a faz mediante página da web e das redes sociais. Faz-se vendas diretas por meio de correios eletrônicos e ainda via agências de turismo, que trabalham com o empreendimento. Ademais, o empreendimento dispõe de uma agência de viagem (escritório) (Fotografia 160) exclusiva de propriedade da comunidade, no centro comercial de Rurrenabaque.

Fotografia 160 - Escritório - agência de viagem do Chalalan



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

No que concerne às dificuldades de se comercializar Albergue Ecológico Chalalan, Sergio Apana Honrosa, gerente do Albergue, diz que o mercado tem sido uma referência fundamental no negócio. Afirma que o principal obstáculo é apresentar o empreendimento ao mundo, pois muitas vezes não há recursos para se fazer propagandas em televisão e periódicos,

e especialmente não se tem material digital nem impresso. Enfatiza que, infelizmente, o Estado boliviano pouco ou nada entende sobre o turismo na Bolívia e está preocupado prioritariamente com a mineração, a pecuária, a agricultura e, principalmente, com o petróleo.

A prosseguir-se, comenta que o ecoturismo, o turismo de natureza, ou turismo de cultura, não têm nenhuma assistência do Estado. Então, o que restam são os fóruns internacionais sobre turismo. Alega que para participar desses eventos, tem que se dispor de uma boa quantidade de dinheiro, além do fato de ter que levar bastante material promocional. Diz que as estratégias adotadas pelos empreendimentos são os convites que fazem à CNN, a *National Geographic*, a *Footprint* e a *Lonely Planet*. Conclui que é por meio destas que tem se chegado ao mercado internacional, isto é, por sua própria iniciativa, pois os municípios, governos e o próprio Estado desconhecem o que existe nos empreendimentos comunitários como o Chalalan.

Ao destacar uma política nacional para o Turismo Comunitário, o entrevistado Illimuri afirma que existe uma Lei Geral de Turismo. No momento, está-se a trabalhar sua regulamentação, porém não há interesse do governo nacional de que a Bolívia possa posicionar-se entre os melhores destinos de TC do mundo, apesar de o país ser reconhecido internacionalmente pelo *World Travel Award (WTA)* como o melhor destino verde da América do Sul. Nesse sentido, afirma que são os empreendimentos comunitários os responsáveis por isso, pois se promovem participando de feiras internacionais.

A continuar-se, Illimuri ressalta que para se ter uma ideia, o Chalalan recebeu prêmio da WTA como a primeira empresa comunitária em 2007. Não obstante ter-se recebido esse reconhecimento a nível internacional, o governo não faz o menor esforço para fomentar o turismo no país. Então, não se tem medido esforços para viajar até a Alemanha, EUA, Espanha para participar dos eventos promocionais de turismo.

Ao dar uma panorâmica sobre a capacitação do Albergue Ecológico Chalalan, Alex Villa fala que este começou com cursos para preparar os jovens para fazer o trabalho administrativo relacionado ao mercado e às normas. Entretanto, ressalta que com as vendas em si, torna-se um pouco mais difícil, e então se recorre a terceiros, pessoas que passaram pela Universidade, porque isso requer especialização. Mas, se há um indígena que reúne as condições para ocupar o cargo de vendas, de contabilidade, de mercado ou de administração, então essa pessoa começa a participar. Mas isso é um desafio grande.

No que se refere à capacitação no Albergue Ecológico Chalalan, o entrevistado Illimuri afirmou que aproximadamente 25 senhoras receberam treinamento na área da gastronomia – cozinha internacional, nacional e local –, e que, inclusive, já estão ensinando. Sempre se faz uma atualização para o pessoal, bem como para os novos que têm interesse em trabalhar no Albergue. Atualmente, trabalham 15 pessoas no empreendimento entre guias transportistas, garçons e garçonetes (Fotografia 161), camareiro e cozinheiras.

Fotografia 161 - Comunitária-garçonete



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

d) Parcerias, reflexões sobre o Turismo Comunitário e a Rede TUSOCO

No que respeita à relação do Albergue Ecológico Chalalan com o PNANMI Madidi, a responsabilidade é compartilhada e bem coordenada em termos de trabalho, segundo o entrevistado Lino Illimuri. Tem-se como prioridade o controle de caçadores e de pescadores na área protegida.

Ao ser indagado se existe alguma relação de trabalho com as Universidades para o TC, o entrevistado Illimuri vai dizer que isso não acontece. Mas, recentemente, está-se a querer firmar um convênio com uma Universidade privada, com o fito de que os jovens da comunidade possam estudar nesta. Paralelo a isso, pretende-se firmar convênios com a Universidade para que esta realize alguns estudos com o objetivo de beneficiar a comunidade na implantação de novos sistemas administrativos.

Acerca do TC na Amazônia boliviana, Lino Illimuri analisa que este está a se estabelecer muito isoladamente e justifica afirmando que:

> [...] cada empredimento comunitário puede desplasarse em su território, gracias a que cada nacion indígena hay titulado a su território, y ahí es donde se esta haciendo el turismo pero en áreas fiscales donde pertenencen al estado, no se pueden hacer turismo porque esta tierra ya está siendo destinados a los campesinos, los interculturales que no cren en el turismo. Lo único que creen es taller el bosque, destruir el bosque y todas esas cosas. Pero si nosotros no hubieramos titulado nuestro território como naciones indígenas, no hubieramos desarollo el Turismo Comunitário, es uma das las ventajes que hay ahorita dentro de la Amazónia. La mayoria de território que hay se titulado em nombre del pueblos indígenas, sus comunidades están desarollando el Turismo Comunitário (informação verbal).

Na visão do entrevistado, existe pouca intervenção positiva por parte do governo para promover essas iniciativas comunitárias na Amazônia boliviana. Resta o fato de que os empreendedores-comunitários precisam encontrar as melhores alternativas para atrair e manter um fluxo de turistas no local.

Ademais, o interlocutor Illimuri afirma que se está a pensar em desenvolver o turismo dentro do TCO. Explica que intencionam levar os turistas para que estes conheçam como os indígenas estão cultivando suas terras, como estão realizando a pecuária e mineração sustentável. Então, está-se trabalhando com esses temas no território já zonificado, pois tem-se um plano de gestão, chamado de plano de vida dos povos indígenas. Nessa área onde se realiza o turismo, é o setor 5, classificado como de alto nível ambiental e destinado ao desenvolvimento do turismo, de ecoturismo sustentável. É uma área de quase 60 mil hectares. Conta-se também com outra área destinada ao aproveitamento florestal e pensa-se em criar uma estação biológica para pesquisas. Em suma, planeja-se explorar, de modo sustentável, cada área, segundo suas potencialidades.

Ao fazer algumas considerações mais gerais sobre o TC, Lino Illimuri salienta que todo o trabalho de criação da Rede TUSOCO está sendo fortalecido pela incorporação de novos empreendimentos. Reforça que se está trabalhando para que o TC na Bolívia possa ser reconhecido a nível internacional. Justifica-se esse merecimento pelos serviços oferecidos, pelas melhorias que se está a fazer, pela segurança que se oferece e pela capacitação constante de jovens.

Sobre a rede Tusoco, Sérgio Apana diz que Chalalan é sócio fundador desde 2006, sendo o pilar fundamental da rede que foi criada para aglutinar um maior número de empresas comunitárias e também para ser um espaço de discussão, uma vez que, alega o entrevistado que o Estado não se importa se o turismo é comunitário ou não. E que, além disso, apenas está interessado em ser beneficiado. São por essas razões que é importante ter-se uma rede que se envolva nas atividades que se empreende.

A continuar sua explanação, Lino Illimuri enfatiza ainda que os Uchupiamonas estão trabalhando muito e seus jovens estão se profissionalizando graças ao projeto Chalalan, que tem sido uma escola, praticamente uma Universidade para estudar turismo.

Ao observar ainda, o entrevistado Illimuri diz que o empreendimento Chalalan tem expandido seu modelo e sua experiência em países, por exemplo, como o Peru e Equador. Revela que foram convidados para compartilhar na Pousada Uacari, Brasil, a experiência com relação ao processo de transferência do Chalalan, que estava sob responsabilidade, da CI para a comunidade. Entretanto, não puderam socializar essa informação, pois houve um impedimento burocrático de voos.

No que tange ao desenrolar do processo de transferência de CI para a comunidade, Ilimmuri relata que esse foi muito longo. Explica que havia a necessidade de o projeto ser transferido da CI para uma entidade reconhecida pelo estado boliviano, de acordo com as normativas vigentes. Não se podia entregar o Chalalan para a comunidade simplesmente operar. Então, a CI criou uma empresa de responsabilidade limitada, uma sociedade anônima, pois a lei só permitia empresa com até 25 sócios e estes eram em número de 74.

Hoje, pensam que foi um erro criar essa sociedade anônima, porque os impostos estão altos, e não existe diferença para o Estado se a empresa é comunitária ou privada. Complementa Lino Illimurique que, na verdade:

> Chalalan no es una empresa super grande, somos uma pequena empresa que estamos desarollando turismo pero en base a la gestión de la comunidade. No somos empresários inversionistas, no que há venido y hay puesto 200 mil o 10 mil dólares, digamos, no? No somos empresários, de esa taller. Por eso que estamos dentro de Turismo Comunitário nosotros porqué nuestra vision es otra, no tenemos la misma visión de los empresários, por ejemplo de la cervejaria boliviana, que ellos son sociedade anómima pero estan ellos anualmente facturan milliones y milliones de dólares y los sócios ganan bien. Entonces, de nosostros como le dijo las utilidades se distribue en la comunidade, se distribuem en los sócios. Entonces, haciemos el tema de responsabilidade social en doble (informação verbal).

Foi esse, portanto, o arranjo legal que foi construído para tornar Albergue Ecológico Chalalan em uma sociedade anônima. Portanto, foi assim que a comunidade se tornou proprietária de uma empresa comunitária.

e) Principais desafios de Albergue Ecológico Chalalan

No que respeita aos principais desafios do Chalalan pensados para o futuro, Olvido Váldez afirma que é seguir promovendo o empreendimento. Diz também que o grande desafio que existe é enfrentar o governo, que está ameaçando os parques nacionais. É um domínio ancestral titulado de 211 hectares. Explica que essa conquista foi conseguida por via da receita obtida dos turistas e por advogados bons. Portanto, o ingresso de turistas ao Chalalan foi importante porque possibilitou recursos para legalizar seu território. Eis um benefício do TC para San José de Uchupiamonas.

Para Sergio Apana, o maior desafio do Albergue Ecológico Chalalan é retomar sua linha empreendedora do que é o Chalalan:

> En algún momento era el ícone, la bandera del turismo, pero por ciertas competencias de otras agencias, de otros que se llaman ser comunitarios, pero que no lo son en el fondo. Entonces se ha ido, en pocas palabras decimos se ha ido desinformando. Qué es ecoturismo? ¿Qué es el turismo naturaleza? Entonces teníamos un valor bastante elevado en el mercado mismo. Entonces, lo que ahora requerimos nosotros es hacer mayor promoción, realizar nuevamente lo que es Chalalan a través del turismo de naturaleza, el ecoturismo y la cultura. Entonces se valorizar eso y llegar a mayor cantidad de gente que lo de personas que deseen conocer lo que es Chalalan, explorar lo que es la comunidad San José de Uchupiamones es lo que queremos. Nuestro mayor reto es llegar directamente hasta la comunidad de San José de Uchupiamonas y, por supuesto, también desde ahí hacer los servicios hacia el albergue de lo que es la comunidad ecológica (informação verbal).

Portanto, no que tange ao Albergue Ecológico Chalalan, no momento pretende-se ir mais longe, ou seja, incrementar a promoção turística e também lançar um novo produto que consistiria em levar o turista para dentro da comunidade dos e Uchupiamonas e oferecer toda uma logística para mostrar o que significa uma comunidade ecológica.

A visão que Dom German Mawapa tem do Turismo Comunitário é particular e diferente de outras. Entende que para seguir mantendo o meio ambiente, necessita-se fortalecer a compreensão deste turismo para as pessoas mais jovens, para que esta nova geração tenha a oportunidade de ter uma relação boa com a natureza. Também se espera que se tenha um fluxo econômico que possa contribuir para as gerações posteriores, ou seja, despertar para que estes jovens sigam trabalhando dentro da área, pois, segundo o entrevistado, é importante transmitir conhecimento tanto ao que diz respeito ao que faz na cozinha, quanto com relação aos guiamentos, e sobretudo a preservação do ambiente natural.

Sobre o TC, Olivio Valdéz explicita que somente existem três: o Chalalan, que é considerado o Pai, Villa Alcira e San Miguel de Bala. Os demais não são considerados como de TC. O Chalalan é um empreendimento de grande significado, pois somente os comunitários podem trabalhar nele. Enfatiza que se uma pessoa fora da comunidade trabalhar nesses empreendimentos, já não são considerados comunitários, pois todos que trabalham são da comunidade.

Comunidade de Villa Alcira e o Turismo Comunitário

a) Aspectos gerais da comunidade e sua relação com o turismo

Segundo Roberto Valdez, Corregedor da comunidade de Villa Alcira – que tem 107 anos de existência – está localizada na TCO Tacana, que é parte de 20 comunidades. Normalmente, trabalha-se com o TC, pois o território é pequeno e pretende-se conservar a área (Fotografias 162 e 163), e alega que são esses os motivos para se trabalhar com o TC. Essa atividade começou por não haver uma área extensa para o cultivo em grande escala. Plantam-se arroz, milho, banana, amendoim e batata para autossustento.

Fotografia 162 - "Porto" de Villa Alcira



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Fotografia 163 - Trilha de acesso à Villa Alcira



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Percebeu-se, assim, que o turismo estava rendendo um pouco mais de dinheiro para ajudar as famílias de baixo rendimento. Menciona Roberto Valdez que alguns comunitários ganham pouco com a venda de produtos agrícolas, e com o turismo, estes podem apoiar a escola com a compra de materiais e adquirir medicamentos. Afirma que 50% do que se arrecada vai para a comunidade e os outros 50% são destinados para a educação e saúde.

A comunidade trabalha também com um pouco de pecuária:

> [...] trabaja todo misto, no? Los agricultores solo tiene opción de sacar a la venta sus produtos. En Rurrenabaque, hay una feria al final de semana en domingo, entonces saca todo sus produtos y de eso viven (informação verbal).

Diz ainda que antigamente havia a extração da madeira. Entretanto, isso não ocorre mais, pois perceberam que estavam desmatando a floresta e, por conseguinte, debilitando o meio ambiente e o TC surgiu como uma possibilidade de renda e de preservação da área. Portanto, essas são as atividades econômicas de Villa Alcira.

A comunidade (Fotografia 164) está organizada em um Diretório composto de Presidente, Vice-Presidente, secretário e vocal, que vão sendo mudados a cada ano. Existe a figura do corregedor e os caciques. Villa Alcira possui 26 famílias com aproximadamente 70 pessoas. Essas são remuneradas após pacote finalizado, quando vão ao escritório em Rurrenabaque e recebem seus pagamentos. Diz a entrevistada, Isidora Apuri, gostar de trabalhar com TC, pois, na sua visão, ele envolve toda a comunidade, terminando por auferir lucro.

De acordo com o informante Roberto Valdez, são apenas 12 sócios que trabalham, e, com apoio, tem-se conseguido prosseguir com o projeto de TC. Nem todas as pessoas estão envolvidas com o turismo.

Fotografia 164 - Casa em Villa Alcira



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Sobre o porquê de a comunidade Villa Alcira receber esse nome, a Presidenta de Turismo da Comunidad Villa Alcira, Isidora Apuri Limaco, explica que isso se deu em homenagem à primeira professora do lugar, quando não havia ainda uma instituição educacional formalizada.

No que tange aos principais problemas de Villa Alcira, Roberto Valdez alega que a comunidade, por estar muito próximo a Rurrenabaque, não tem muitas dificuldades. Entretanto, no mês de janeiro fica por demais, difícil fazer-se a colheita.

Ao ser entrevistado, o mais antigo morador da comunidade Villa Alcira (Fotografia 165), Anselmo Apuro Vergara, de 80 anos, diz que chegou em 2003 e que se instalou no lugar por ser bonito e ter trabalho. Podia-se criar galinhas e porcos, além de oferecer bastante trabalho no campo. Relata que:

> [...] nosotros, desde que ya hemos llegado a esta tierra, al lugar, ya somos lugar de Tacana, ya no pueden decir que soy de allá y de aquí no, pisamos el lugar para tener derecho igual, la igualdad, pero si al comenzar los trabajos hemos caminado arto. Las dificultades que vienen ahorita Licenciada, aquí hay un poquito de problema, hemos tenido en el tiempo que hemos empezado a trabajar bonito hemos empezado con un compañero llamado Miguel Kblim hemos empezado el turismo, hemos sido socio con él ya hemos trabajado

> 50/50 con el, a un tiempo y hemos ido trabajando de el [...] Y el entonces el habito y se hace su albergue, ya. Y nosotros también nos hemos hecho nuestros albergues ya aquí en la comunidad, antiguo abajo como estábamos en nuestras cabañas hemos preparado ya la convivencia para hacer la compañía. ¿Cómo llega la gente para llegar a convivir con el turismo? Juntos, ya (informação verbal).

Portanto, o entrevistado avalia que para se fazer turismo é preciso envidar esforços conjuntos. E diz ainda que se tem que investir no turismo, pois na comunidade não se tem a oportunidade de fazer outros negócios. Ressalta que por estarem em uma zona de amortecimento, não se pode cultivar muito e por isso querem manter o turismo e simultaneamente manter o lugar como área de proteção, que ficará para os filhos e netos.

Fotografia 165 - Anselmo Apuro e Isidora Apuro



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Enfatiza o entrevistado Apuro que o trabalho é contínuo e que não termina. Está-se a trabalhar pouco a pouco com oficinas e estudos, pois a

> [...] capacitación pueden seguir, cuenta. Estudiar inglés es otro, otros muchos castellano todavía no, porque nos falta eso, lo que nos falta. El taller de inglés puede ser incluso más comprensible. Pero yo sé que no estamos tan lejos como. Estamos trabajando poco a poco, así sueño (informação verbal).

São essas, portanto, as considerações e expectativas de um comunitário já idoso, com larga experiência e que percebe a importância de se cultivar turismo, apesar das dificuldades. A continuar-se, o informante Anselmo comenta que já trabalhou muito para o turismo e espera que os jovens deem continuidade ao projeto.

Villa Alcira Albergue e o Turismo Comunitário

Quanto aos principais atrativos da comunidade, Roberto Valdez diz que existem as piscinas naturais, nas quais os turistas são convidados a banharem-se. Além disso, tem-se pedras antigas talhadas pela natureza que podem ser dos tempos dos Incas. Tem-se ainda passeios à moenda (Fotografia 166), para apreciar os artesanatos que estão inclusos no pacote. Geralmente, leva-se o turista a conhecer a comunidade e, às vezes, visualizam-se macacos. Além disso, encontram-se alguns animais como o chanco del monte e a onça, o que requer muita sorte para vê-los. Apreciam-se, também, aves, insetos e borboletas durante as caminhadas por diferentes trilhas, que são numeradas.

Fotografia 166 - Moenda de cana de Villa Alcira



Fonte: Wilmon Junco, 2019.

A comunidade possui um equipamento de hospedagem, o Villa Alcira Albergue, constituído de sete cabanas (Fotografia 167), com a capacidade para até 40 pessoas, com banheiros. Dispõe ainda de um refeitório (Fotografia 168) e de uma cozinha completa. Conta a entrevistada, Isidora Apuri, que a atividade de TC começou quando o senhor Miguel Calbi agrupou comunitários para erigir esse albergue.

Fotografia 167 - Cabana do Villa Alcira Albergue



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Fotografia 168 - Refeitório do Villa Alcira Albergue



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Os turistas que visitam a comunidade geralmente são estrangeiros e bolivianos também. Às vezes, chegam em grupos de 5 a 10 pessoas, mas também individualmente.

Segundo o entrevistado Roberto Valdez, a gestão da comunidade no que respeita ao TC, tem procurado realizar projetos com enfoque nessa área. Tem-se o turismo de aventura, a tirolesa. Ele cita o caso da tirolesa, que, às vezes, existem muitas pessoas que se aproveitam de alguma comunidade, e exemplifica que um particular usou o seu nome para obter recursos e realizar um projeto em benefício próprio. Menciona que

> él hizo el zipline o sea comezamos a trabajar y luego comezamos a investigar como habia logrado, entonces ha sacado al nombre de comunidade Villa Alcira un proyecto, logro un dinero para hacer

> el zipline entonces ya comezamos a buscar entonces y pienso que lo hice en su território pero más bien que lo hice en território de la comunidade todo el extendido de cables, las plataformas todo. Entonces, ya nosotro dicimos no da el 50% trabajamos y si nos no da el 50%. El nos daba el 15% la utilidades que ganaba en zipline, entonces era muy poco y la comunidade dice nos paramos al como 4/5 nos para lograr a vuelver porque cuando están en proceso no se puede trabajar. Entonces, comezamos ganamos lo problema y comezamos a adquiri tambien los equipos porque teniamos extraviado pero ya estaban un poco pregado, comezamos a cambiar con pequeño proyecto que también logramos ya ahora este empreedimiento es neto de la comunidade (informação verbal).

Vê-se assim, pelo relato acima, que as lideranças comunitárias precisam estar sempre atentas a projetos turísticos de pessoas estranhas à comunidade que fujam de seu controle, para que não sejam ludibriadas e, por fim, não tenham prejuízos futuros.

A respeito da relação da comunidade com o turista, Roberto Valdez ressalta que há os que gostam muito mais de caminhar nas comunidades onde se faz as atividades na moenda (Fotografia 169). Alguns visitam as plantações de arroz e mandioca e vêm a conhecer como se cultiva. Aprendem como se prepara o chocolate em pasta. Oferecem-se também pratos típicos como o *majadito del lugar,* que é preparado com arroz, carnes e ovos por cima. Outro prato é o *duno cuabe*, que se cozinha com folhas da selva que se chama de *paturu,* feito com o pescado. Também se faz o *pescado en taquara*, e em bambu. Oferece-se garapa de cana, sucos de toronja e laranja, além de coco. Tudo natural e cultivado no local.

Fotografia 169 - Comunitário produzindo mel de cana



Fonte: Wilmon Junco, 2019.

Ao ser indagado sobre os principais problemas que dificultam o TC na comunidade, Roberto Valdez, informante, afirma que antes era bonito ter um empreendimento de TC, mas agora não, pois atualmente existem muitas empresas de TBC, de natureza privada que competem com os empreendimentos comunitários. Portanto, vê-se que a concorrência se instaurou naquele espaço, o que dificulta, de certo modo, o trabalho dos sociocomunitários.

No que tange à ajuda do governo nacional ao TC, o informante Roberto Valdez afirmar que, em geral, o Vice-Ministro do turismo está mais próximo de dar apoio ao TC, o que não acontecia anteriormente.

Ao prosseguir dando sua percepção sobre o TC, Isidora Apuri o vê como algo que pode ser constante, o que antes não lhe chamava tanto a atenção. Ela revela que:

> Mi papa trabaja y siempre nos dicia, no? Pero yo no, porque estaba ahora recien ya veo que es importante, no? Porque más despues vamos a vivir de turismo y no más porque es lo más importante de uno, no? por eso a mi hija igual le ando diciendo de que no hay más fuente de trabajo que va ser eso, el turismo (informação verbal).

Nota-se, por meio de sua fala, que a ideia de turismo tem passado para gerações seguintes e que a fonte de trabalho doravante vai ser o turismo.

Quanto à participação da comunidade no TC, Isidora, a informante, relata que algumas pessoas não querem se envolver, mas na realidade todo mundo sai ganhando com isso. Comenta que, às vezes, as pessoas não se dão conta da importância disso, apesar de estarem se beneficiando, e exemplifica:

> [...] la comunidad mismo porque se tenemos alguna fruta, nosostro traemos a los turistas y consumimos a ellos pero ellos no dan ese valor a dicer de que tambien se estan si beneficiando, no? Son as veces ellos, no? A mí no me dan nada dicen pero estamos comprando as veces para los turistas igual están ganando. Cada uno asi vamos escalando y ahora que yo siempre digo no que seguimos adelante pués vamos a estar mejorar, no? (informação verbal).

Assim, apesar de muitos comunitários ainda não se darem conta da importância do turismo, a comunidade pretende ir adiante, ou seja, melhorando sempre.

Com as dificuldades que a comunidade tem em trabalhar com turismo, uma delas é não estar apta a falar inglês, e precisam da ajuda de alguns que conseguem traduzir o que o turista está falando. Contudo, quando o turista vem com o tradutor, o trabalho fica mais fácil. Portanto, essa é uma dificuldade muito séria.

Em termos complementares, Isidora Apuri revela que os problemas da comunidade ocorrem devido ao isolamento provindo da inundação de 2014, o que resultou da imigração para outros lugares, porque havia se perdido tudo, mas no momento estão de volta. Ressalta que ficaram somente nove famílias em uma luta constante para que não houvesse a perda do que se havia conquistado com o turismo. Ainda explica que a sua comunidade não se encontrava onde hoje está, ficava um pouco mais embaixo. E diz que já estão acostumados com o turismo, faltando apenas falar o inglês.

Um outro aspecto que o entrevistado Anselmo Apuri aborda é que as escolas da comunidade são benefícios oriundos de todo um processo empreendido pelo turismo e por isso pode-se ir melhorando cada vez mais a atividade. Está-se a pensar em reformar as cabanas, já de algum modo deterioradas, aos poucos, e tentar conseguir dinheiro de fontes externas.

a) Comercialização

A agência de viagem Zip Line Canopy (Fotografia 170), que comercializa o empreendimento Villa Alcira, segundo a administradora Amalia Gonzales, tem oito anos de existência e é de propriedade da comunidade de Villa Alcira, que está a 30 minutos de Rurrenabaque, onde se localiza o albergue Villa Alcira.

Fotografia 170 - Agência de viagem Villa Alcira em Rurrebanaque



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

A comercialização do empreendimento Villa Alcira está muito claudicante, porque se tem dificuldade de comunicação e o que fazem é participar de feiras, quando podem contactar com muitas operadoras de diferentes países. Interagem também com redes sociais como o *Facebook*, o *Instagram*, além de terem sua própria página na web. A complementar, diz que a rede Tusoco já opera com o empreendimento há quase seis anos e:

> en realidad sin hablar mal de Red TUSOCO o sea no estamos tenindo o sea el la mayor prioridad poder tenerlo a nuestro publicidad. Lo estamos haciendo solo o sea solo la agencia, la comunidad. Y es como ya le dicia se han aprovechar la feria, aprovechar todo lo que son eventos que hay y en las redes sociales (informação verbal).

Explica ainda que a comercialização tem se constituído em um grande problema, pois existe muita concorrência com outras agências que se passam por TC, quando na realidade não o são. Tem-se trabalhado com voluntários estrangeiros no tema de marketing, mas alega que estes têm um tempo limitado.

b) A rede TUSOCO e o empreendimento

Em que pese o trabalho e a trajetória desenvolvidos pela Rede TUSOCO, uma associada emite a seguinte justificativa para a sua possível desfiliação, uma vez que considera que seu empreendimento não é prioridade para a Rede:

> Nosotros estamos a punto de salir de la Red TUSOCO. Si estamos con el pie más afuera do que adentro. Uno de los temas que la Red TUSOCO y nosotros hemos pensado de que podemos afiliarnos a la Red TUSOCO podíamos tener mayor ayuda, o sea, para poder mejorar lo que es nuestro empredimiento con el tema de poder. No tanto de los recursos sino pudiera apoyar con el tema de la publicidad que nosostro estean presentes en la feria, todo eso, ¿no? Para que podamos sobresalir. Pero lamentablemente no es asi. [...] tenemos como una trava para nosostros para no poder ejecutar o conocer algun proyecto alguna publicación que queremos hacer nosotro no podemos hacer, [...] porque ellos dicen Villa Alcira, San Miguel, Chalalan todos eso están afiliado a nosotros y cuando nosotros queremos hacer algo por nuestro próprio medio ahí nos trucan porque nos dicen “no, ustedes no pueden obtener un proyecto porque están afiliados a la Red TUSOCO, o sea, tendria que ser por medio de la Red TUSOCO (informação verbal).

Vê-se, portanto, uma insatisfação por parte do empreendimento, por não poderem participar nem buscar alternativas de projetos de turismo justificado pelo fato de pertencer à Rede, o que é um fator limitante. Complementa a dizer que a rede está a trabalhar o tema do Altiplano com o projeto Incamino, isto é, o setor da Amazônia está completamente esquecido e alega que se tem que trabalhar por conta própria.

Sobre a participação do empreendimento na Rede TUSOCO, Roberto Valdez não se manifestou a respeito. Entretanto, ao ser questionado sobre a participação de jovens no projeto e se existe algum trabalho de educação ambiental, este diz que às vezes são visitados pelos guarda-parques, quando oferecerem oficinas para os comunitários. Menciona também o trabalho dos professores, que orientam as crianças sobre o meio ambiente. Além disso, algumas ONGs promovem oficinas também com a temática ambiental.

c) Meio ambiente, distribuição de recursos e parcerias

Sobre a educação ambiental, a informante Isidora Apuri diz que o PNANMI Madidi vem procurando socializar informações por meio de oficina de turismo, apontando como se deve tratar o ambiente para o turismo. E no que tange aos resíduos sólidos, diz que para o orgânico se faz um buraco e se deposita o lixo neste. Quanto aos resíduos plásticos, coloca-se em um saco específico.

Com o tema da conservação da biodiversidade, Amália Gonzales diz que por estarem trabalhando com o turismo, tem-se reduzido o trabalho de roçado para manter a selva.

No que tange à distribuição dos recursos econômicos para os comunitários, esta é feita a partir de toda receita gerada durante o ano. No final do ano, vê-se quanto se tem e o que se economizou, para então fazer a distribuição entre os comunitários. Entretanto, verifica-se a necessidade do que se vai investir no próximo ano, por exemplo, com a publicidade, com

o pessoal, com a manutenção, enfim com o que se tem que pagar. Detalha ainda que, do dinheiro reservado, um aporte de 50% vai para a comunidade, que é aplicado na educação e na saúde.

Em termos de transmissão cultural, costumes e saberes ancestrais, diz a informante que já acontece deste os tempos de seus avós, quando se falava a própria língua. Atualmente, não se pode aprendê-la 100%, o que é uma debilidade. Entretanto, comenta que, com este governo, está-se a se recuperar línguas originárias, tradições e culturas, que vêm sendo praticadas inclusive na escola, quando as crianças têm a opção de aprender melhor com livros didáticos que veiculam o próprio idioma.

Ao comentar sobre a existência de alguma parceria com as universidades, Amália Gonzales diz que no momento isso não ocorre, mas que de modo incipiente isso já começou a acontecer, pois há três anos já começou o curso de turismo na universidade em Rurrenabaque. Então, existem incentivos para que os estudantes e docentes visitem as comunidades para conhecê-las. Entretanto, reconhece que para eles o que mais lhes interessa é obter informações sobre a comunidade nativa. Às vezes, conviver com a família é o que se está a fazer agora. Recentemente, as universidades também têm dado apoio com relação meio ambiente, o que é sobremodo importante.

A relação com o governo local, segundo a interlocutora Amália não é muito boa, porque há muitos povos e comunidades para atender. No que tange aos principais problemas da comunidade, a entrevistada alude ao meio ambiente. Diz que o lixo é de difícil controle e que as pessoas não entendem isso. Porém, já se está a trabalhar com esse tema, que interessa a todos e que se pode fazer da comunidade um espaço limpo.

No que respeita à relação da comunidade tacana com as demais comunidades que trabalham com o TC, como Villa Alcira e San Miguel, é boa, pois, há ajuda mútua.

d) Capacitação

Quanto à capacitação para o TC, Amália Gonzales relata que no início o projeto demorou dois anos para acontecer, porque na realidade a comunidade vivia da agricultura e os comunitários queriam alternativas de sobrevivência.

Conta a entrevistada que uma ONG, por intermédio de um agente privado, insistiu para que se trabalhasse com o turismo, então, aceitou. Ressalta, entretanto, que a comunidade não sabia o que era trabalhar com o turismo, e, paulatinamente, foi aprendendo via capacitações diversas. Reforça que é necessário ter um pouco mais de capacitação para entender melhor como tratar o lixo e finaliza dizendo: "Eso es uno de que me gostaria poder seguir teniendo capacitación para que toda la gente o sea reflejione y todos vayanos por uno solo lado. Y asi vamos a marchar todos bien". Percebe-se em seu discurso que tais capacitações, embora tratassem de resíduos sólidos, não conseguiram sensibilizar a comunidade para os cuidados que se deve ter com o lixo. Portanto, é necessário um investimento educacional sobre essa temática e deve-se envolver, sobremaneira, as escolas.

Quanto ao idioma inglês, Amalia Gonzales tem certo conhecimento e continua a estudar. Com relação ao guia de turismo, ele se comunica bem nesse idioma.

No que concerne aos colaboradores que trabalham na agência de turismo, a informante Amália diz que de modo permanente são apenas duas pessoas, e que os guias são eventuais, por temporada.

No que concerne a discussões para decisões mais gerais, faz-se a cada três meses uma Assembleia com as pessoas envolvidas e a cada final de ano, uma geral, para que se tenha uma base sobre as debilidades da empresa, como melhorar e o que está a faltar.

e) Os principais desafios

Para Amália Gonzales, os principais desafios da comunidade de Villa Alcira para continuar empreendendo o TC é obter mais recursos para investir na melhoria dos serviços, com o fito de beneficiar ainda mais a comunidade, e isso, diz a entrevistada, é

> [...] un sueño para nosostros, aqui para delante poder mejorar y que nuestro hijos no puedan migrar a otro lugar por falta de trabajo porque esa es la idea de que hemos criado el turismo para que nuestro hijos en el futuro o sea ellos sean los que manejen todo eso puedan ellos talvez mejorar lo que no otros estamos haciendo todo el trabajo porqué siempre, cada trabajo que se hace es con una visión asi para más adelante, no? (informação verbal).

Pelo exposto, vê-se que há mais a ser conquistado pelos comunitários que ainda não estão satisfeitos de todo, e esperam que o futuro seja mais promissor. Diz ainda que

> [...] tenemos en la comunidad es un pequeño cemeterio antíguo de lo que es mayormente ahí contamos o sea talvez antes no le dabamos mucha importância a lo que es nuestra propia cultura, do que teniamos com atractivo, creo que hasta hoy el día si iba descobrindo un poco más y más acerca do que tenemos o sea ahí dentro, no? Y hace como tré o caurto años trás que recín es descobierto lo que es todo eso. Y porqué hemos descobierto, porqué? Por el río, porque el río crece mucho y esse lo deruban y hai es donde lo podemos observar (informação verbal).

Nesse sentido, percebe-se que há uma possibilidade de se ter mais um atrativo, o que pode ampliar a oferta por Villa Alcira.

Comunidade de San Miguel e o Turismo Comunitário

a) Considerações iniciais sobre a história da comunidade e do turismo, a educação formal e outras questões

Ao entrevistar a liderança e o sócio do empreendimento, Don Alfredo Naiy Rada[16] comenta que antes do projeto de ecoturismo de San Miguel vingar, seus avós e pais viviam, à época, na região, da extração da borracha, da venda da pele de animais e do corte de madeira. Entretanto, em 1995, foi criado o PNANMI Madidi, e revela que:

> [...] cuando acordamos, ellos nos ponen guardaparques. Nosotros somos um Pueblo indígena pertencemos al pueblo tacana Ya y cuando vemos que estamos ya no podemos tocar nada, no podemos ir a pescar, no podemos ir a cazar, porqué ya es prohibido. A nosotros no nos consultaran como originarios, como dueños de acá porque nosotros nos consideramos duenos de toda esa área, no nos consultaran para decretar lo Parque Madidí y que nos pongan y nuestra gente se estaban imigrando, se estaban de ir al el outro lado, ya estabamos nos quedando vacío porque no habia fuente de trabajo, la gente ya no tenía ya de donde sacar, de donde alimentarse porque ya era prohibido tocar ya. Ahí, ya entre nosotros ya unos cuantos que más o menos teniamos um poquito la visión, he visto de que manera podemos no descarta a nuestra gente que no se vayan (informação verbal).

Continua o entrevistado mencionado que em Rurrenabaque já havia empresas privadas que trabalhavam substituindo as pessoas de San Miguel. Então, pensaram em criar uma empresa para a comunidade, e chamou todos para uma reunião, e as pessoas aceitaram a ideia. A meta era buscar financiamento para realizar o projeto.

Para se ter uma ideia da comunidade, no passado, Don Alfredo comenta que as casas eram distantes umas das outras e não havia água nem

---

16 Estudo básico completo.

saneamento básico, e agora são próximas. Naquele tempo, o entrevistado era a autoridade da comunidade. Com a chegada da ONG Care Bolivia, o gerente o procurou para saber de que maneira poderia ajudar a comunidade. Então foi acordado que os comunitários iriam se unir para estruturar o saneamento básico de San Miguel.

> [...] si ustedes señor une a su gente, hacen uma urbanización vamos a poder nosotros a brindarles ese servicio pero asi a quilômetros no vamos a poder porque es mucha la inversión. Entonces, yo como la autoridade, llamo a mi comunidade a reunir y la gente acepta, todito, dejan todo y el único que no me fue fue yo porqué no estoy lejos de aqui, a 15 minutos pero la propuesta era Don Alfredo ustedes se viene, todito no han apegamos, listo, yo también me voy, entonces (informação verbal).

Foi dessa maneira, portanto, que se obteve o projeto de ecoturismo – San Miguel del Bala Ecolodge – para a comunidade, evitando, assim, que as pessoas não migrassem e por conseguinte tivessem trabalho no local. Então, essa ONG buscou a ajuda da CI, que enviou um representante à comunidade para uma oficina em Rurrenabaque, com o fito de definir uma proposta na qual a comunidade iria participar com a sua mão de obra para a construção do albergue.

Em termos complementares, Don Alfredo comenta que no decurso de três anos e meio foi erguido o empreendimento. Alguns comunitários não conseguiram trabalhar e foram saindo, e no final restaram apenas 34 famílias, com grupos de 10 pessoas. O trabalho foi concluído e começou a operar, o que resultou em ganho financeiro substancial para a própria comunidade.

Segue o entrevistado Don Alfredo informando que a CI não teve gerência sobre a gestão do empreendimento. Teve-se capacitação e seguiram trabalhando até 2014, quando ocorreu a inundação que destruiu parte do empreendimento, e as pessoas por isso se desanimaram e, por

conseguinte, se desagregaram por um tempo. Passado um período, começou-se a reconstruir o que havia se perdido, e recentemente recomeçou-se. Reuniram-se 28 sócios, que participaram dessa empreitada. O entrevistado comenta sobre a dificuldade que é se organizar para se administrar uma empresa comunitária, totalmente diferente de uma empresa privada, pois é a própria comunidade que a gestiona.

Perguntado em que constitui essa diferença, o interlocutor vai dizer, segundo o seu ver, que numa empresa privada não se considera os particulares dos colaboradores e, caso a empresa não esteja satisfeita com estes, os demitem e contratam outros. Exemplifica que na comunitária, quando os colaboradores faltam ao serviço, contínuas vezes, não se pode reclamar nem os dispensar, pois são donos também do empreendimento. Então, alega que esse é o problema da empresa comunitária. Ele diz que:

> El comunitário hay que manejar la gente más que todo porque manejar gente es lo más dificultoso, as veces se enojan, as veces se enborajan, as veces se vay, ya no están em el trabajo y como somos comunitários ya lo no podemos hacer como los hacen un empresário privado (informação verbal).

A relação da comunidade com o PNANMI Madidi, a princípio não era bem compreendida, revela Don Alfredo. Não se entendia que o objetivo maior da instauração do parque era proteger o meio ambiente e conservar a fauna. Depois que o turismo começou a ser pensado, ficou compreendido que o parque seria um de seus maiores aliados e hoje o defendem justamente por entenderem que podem se beneficiar da atividade turística.

Sobre o regulamento específico de TC que está sendo elaborado, o entrevistado diz que acredita que estão trabalhando no momento. Afirma que tem muitas empresas que dizem que são comunitárias quando, na verdade, não são. Cita Mashaquipe, que é uma empresa familiar sem sócios e que querem se passar por comunitária. Comenta ainda que na empresa comunitária de San Miguel, a maioria decide o que fazer. E mais,

> [...] aquí es esta gestión, tu eres el gerente y la outra te agaro y te sacan y entra outro, ellso se manejan, ellos se cambian solitos, entonces eso no es comunitário. Esa es la cosa y se hay algo de dinero, agaran y se hay algun enfermo bueno también la empresa alluda todo eso (informação verbal).

Percebe-se que com a introdução do TC, os comunitários foram aos poucos mudando seu ponto de vista com UC, sem descaracterizá-los enquanto comunidade.

Ademais, o entrevistado se reporta a Mapajo, que era um empreendimento comunitário que faliu porque tinha uma má administração. Menciona ainda a TES que também fechou. E ainda se queixa de que, às vezes, os próprios comunitários fazem comentários maldosos uns sobre os outros. E com o tempo, isso vai desestabilizando a unidade da empresa comunitária. Comenta ainda que não há cooperação entre as empresas comunitárias no momento, e que o governo central começou a expulsar as ONGs, que eram benéficas para eles, exemplificando que a comunidade só tem água devido às ONG.

As principais atividades econômicas de San Miguel são a pesca – as crianças pescam desde pequeno – e a agricultura, como a banana (*Musa*) (Fotografia 171). Também têm algumas famílias que trabalham com madeiras, movimentando a economia local. Existe ainda o turismo, mas em pequena escala, com algumas famílias que se dedicam ao trabalho de guiamento, por exemplo.

Fotografia 171 - Plantação de banana



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

No que concerne à dimensão educacional da comunidade, segundo Pedro Torrez Bravo, Diretor-encarregado, a Unidade Educativa San Miguel (Fotografia 172) atende a três níveis de ensino: inicial, primário e secundário. Menciona que antes havia pouco professores, mas com as exigências do governo, são atualmente em número de 11. Para níveis pré-inicial e inicial, há apenas um docente, e para o primário (Fotografia 173) dispõem de três professores. Já no secundário, que vai do primeiro ao quinto ano (Fotografia 174), cada curso tem seu respectivo assessor e os assessores que são formados por professores da área secundária principal.

Fotografia 172 - Aula ao ar livre



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Fotografia 173 - Aula no anexo da escola



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Fotografia 174 - Sala de aula (anexo)



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Quanto ao número de estudantes que frequentam a escola, o informante diz que se inicia geralmente o ano letivo com 85. Porém, no transcurso do ano, há transferências.

Ao término do ensino secundário, dos 100% de estudantes egressos, apenas 2% a 4% procuram continuar os estudos. As condições econômicas de algumas famílias, às vezes, são lamentáveis, diz o professor Pedro. E complementa afirmando que é necessário dar-lhes esperança, pois muitos saem da comunidade para a cidade para procurar trabalho.

Com relação aos principais problemas que dizem respeito aos estudantes, está a evasão por questão de trabalho, uma vez que estes buscam outros lugares para terem melhores condições de vida, pois a comunidade não oferece condições de trabalho além da pesca e da roça. Por isso os jovens se evadem da escola.

Acerca do projeto de TC de San Miguel, Pedro Bravo avalia que para a comunidade o TC intenta melhorar a vida dos comunitários por meio da afluência de turistas. Tem conhecimento de que existem iniciativas para aprimorar o aspecto das peças artesanais para a comercialização. Comenta que com a proximidade da festa do padroeiro, dia 29 de setembro, os artesãos já começam a envidar esforços na preparação de seus objetos artesanais.

Aponta o entrevistado Pedro Bravo sua preocupação com o trabalho do lixo e lamenta não haver professor para educação ambiental nem de ciências naturais na escola.

Segundo a visão de Hermosinda Supa, o TC está relacionado ao trabalho e renda pois

> [...] nosotros empiezamos han sido 3 años, entre esposo y esposa que no hemos ganado uno solo centavo. Hemos trabajado para formar todo el albergue que tenemos. Y desde los 3 años recién ha podido ganhar un ingreso lo mínimo que se ha podido a base de los turistas que llegavan (informação verbal).

Isso posto, percebe-se que muitas vezes o trabalho empreendido pelos comunitários para o TC se estabelece, a princípio, como voluntário e de ensaio, e apenas depois de algum tempo, já bem fincado, começa-se a receber um mínimo a partir da receita oriunda do pagamento que os turistas fazem ao comprar seus pacotes.

No que concerne aos benefícios econômicos provindos do turismo para a comunidade exemplica que este acontece, pois: “Los esposos trabajan de motorista, de guia, de ayudante, entonces al final de cuenta entre mujeres y varones tenemos el trabajo. Tenemos que ganhar el dia, no?” (informação verbal). E comenta que recebem o apoio financeiro de alguns turistas para contribuir na educação das crianças.

San Miguel de Bala Ecolodge

a) Aspectos gerais, dinâmica, estrutura e serviços

O empreendimento San Miguel de Bala Ecolodge iniciou com um projeto, com o qual se passava a dar a opção de mudança de atividade para as pessoas da comunidade. Revela Maria Alejandra Velasco que, anteriormente, a comunidade se dedicava ao comércio ilegal de madeira, mas agora, com o projeto de TC, se tem uma opção de renda que, coincidentemente, se deu com a criação do PNANMI Madidi.

Acrescenta a informante Maria Alejandra que, nos idos de 1991, foi assinado um decreto que estabelece a temática da conservação. Por isso, não é mais possível extrair madeira e outras espécies, o que nessa época estava no auge, ou melhor, tanto a extração de madeira quanto o tráfico de pele de animais – tanto da onça, como do lagarto. Portanto, o que se faz é procurar uma opção por meio da Conservação Internacional (CI) e do PNUD, que fazem o projeto com enfoque no ecoturismo objetivando desenvolvê-lo à comunidade.

A dinâmica e o funcionamento do Albergue de San Miguel del Bala, segundo o encarregado Richard Limpias, se dá quando o escritório envia o turista ou o grupo – acompanhado pelo guia – que é recebido e albergado. Então, o guia, a cozinheira e o motorista já estão programados para atendê-los, para que estes se sintam bem em estando no albergue. Existem sete cabanas (Fotografia 175), uma de casal e as outras duplas ou triplas. Ainda se dispõem de um refeitório (Fotografia 176) e uma cozinha.

Fotografia 175 - Cabana do Albergue San Miguel del Bala



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Fotografia 176 - Refeitório do Albergue



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Com relação às atividades oferecidas no pacote, está a ida à comunidade (Fotografias 176 e 179), a mostrar os costumes e a cultura local aos turistas. Fazem um *tour* de um dia e meio, e em seguida pela tarde, vai-se ao cânion de bala (Fotografia 180). Este atrativo tem uma altura de 150 metros e sua parede tem quase 50 centímetros, o que muito os encanta. Às vezes,

fazem pesca esportiva e à noite fazem uma caminhada para verem aranhas e macacos. Existem três trilhas: a de plantas medicinais, a da comunidade (Fotografia 181) e a do cânion. Os turistas são europeus e nacionais.

Fotografias 177 e 179 - Comunidade de San Miguel de Bala



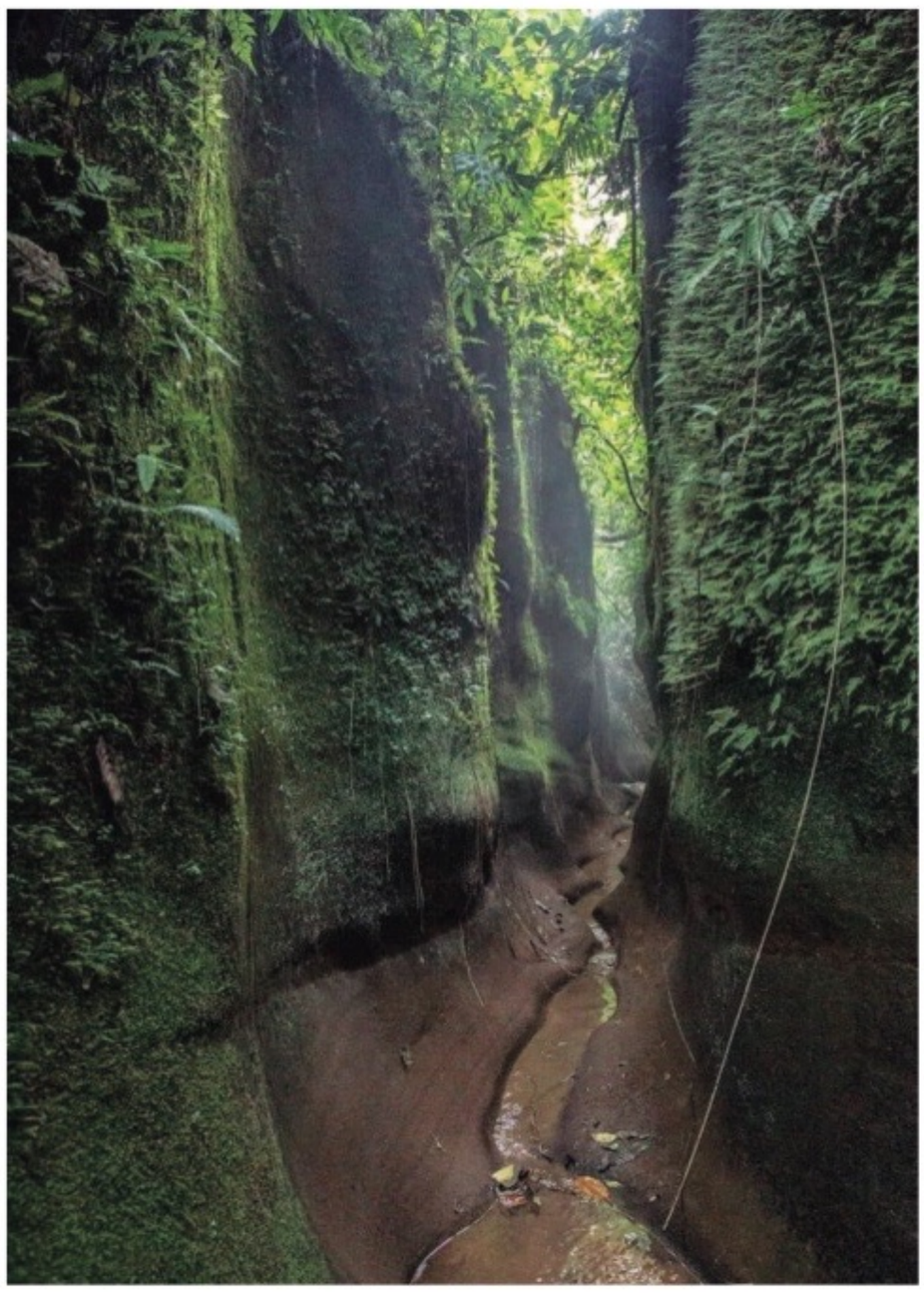
Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Fotografia 180 - Trilha da comunidade



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Fotografia 181 - Cânion de bala



Fonte: Cedida pela agência de San Miguel de Bala, 2019.

Ainda tem a festa de São Miguel e, segundo o entrevistado Pedro Bravo, tem duração de seis dias, com diversas atividades: campeonato de futebol, apresentação de festa e procissão ao santo. É um produto a mais para se trabalhar com o TC.

Em linhas gerais, Maria Alejandra esclarece que a comunidade tem aproximadamente 45 famílias que estão envolvidas com o TC e que, destas, 35 são sócias do empreendimento. Enfatiza ainda que são os próprios associados que prestam os serviços. São guias, cozinheiras e motoristas que recebem capacitação de agentes externos, "[...] traemos chef, por ejemplo, para la gastronomia, tema para inglés, tema para guiamiento[...]". Por meio do empreendimento, é gerada uma renda que é transformada em benefícios, projetos e atividades para a comunidade.

O ingresso de Hermosinda Supa Puro[17] na função de cozinheira no Albergue San Miguel de Bala, se deu há oito anos. Diz a entrevistada que o seu trabalho no TC se deu por necessidade econômica, acentuando a possibilidade de seus filhos seguirem estudando. Ademais, foram feitas capacitações para poderem atender aos turistas. Então, fez cursos, como de comida regional, e teve-se capacitações por seis meses para 18 senhoras. Estas resultaram do apoio de algumas instituições e ONGs.

Os trabalhos do albergue são diversos: de cozinha, lavandeira e de outras ocupações que são feitas em sistema de rodízio, ou seja, quando os grupos de visitantes chegam, a administração os aciona para o labor.

Quanto ao fato de cozinhar para os turistas, a interlocutora Hermosinda ressalta que eles gostam da culinária que é oferecida em pescados frescos, especialmente feitos ao forno ou a lenha, uma comida tradicional feita a base de produtos naturais.

Prossegue Maria Alejandra esclarecendo que o albergue está na zona de amortecimento do PNANMI Madidi, que está no Departamento de La Paz, e o escritório prestador de serviços, de operações, está no Departamento

[17] Primário completo.

de Beni, em Rurrenabaque. Então, por conta disso, por exemplo, tem-se que obter duas licenças em dois Departamentos, conforme o Regulamento de TC que está se elaborando no momento.

Quanto ao TC, Richard Limpias diz que gosta de receber os turistas e que trabalhar com o turismo é mais confortável do que trabalhar com a agricultura, porque "[...] as veces es más descansado, no es tanto como trabajar en la agricultura porque turismo as veces no esta tanto en el sol, no vas a caminhar tanto en el sol y en la agricultura no tiene que esta dando las espadas al sol" (informação verbal).

b) Perfil do turista, comercialização e gestão

Com relação ao perfil de turistas que procura San Miguel de Bala, a entrevistada Maria Alejandra vai revelar que antes da inundação de 2014 era de visitantes europeus – França, Itália, Alemanha e Suécia – e da América do Sul chegam os venezuelanos e chilenos e norte-americanos. Entretanto, a partir desse período, tanto de inundação como da limitação de vistos por parte do governo central, houve uma mudança no tema de turismo, e o que aconteceu é que as operadoras começaram a reduzir o preço e acessar outros mercados. Então, somado a isso, durante a inundação, houve a destruição de parte da infraestrutura do empreendimento, tanto da cozinha quanto do centro de interpretação.

Sobre o movimento de turistas, Hermosinda Supa diz que no momento não há muito turista em decorrência do incêndio que houve em Rurrenabaque. Afirma que a temporada alta de turismo é de março a outubro, e depois, quando começa o período chuvoso, o fluxo turístico diminui. E complementa dizendo acreditar que, nos próximos anos, aumente o número de turistas para a localidade.

No que tange à dinâmica do empreendimento San Miguel de Bala Ecolodge, Maria Alejandra Velasco enfatiza que a comercialização de seus

produtos começa a partir de reservas feitas pela internet e que com relação ao marketing faz-se mais promoções por este meio do que pelas feiras. Além disso, fazem-se vendas diretas no escritório em Rurrenabaque. E mais, realizam-se alianças estratégicas com outras empresas de Rurrenabaque e de La Paz.

Atualmente, em conformidade com a entrevistada Maria Alejandra, está-se a realizar um processo de reativação do que significa promoção e *marketing* para o empreendimento. Está sendo feita uma aliança com uma cooperação internacional, além de está-se começando a fazer a formação de pessoas da comunidade, que estão concluindo o ensino médio, para que estas possam adquirir capacitação e técnica em turismo e *marketing*, e cita uma comunitária que estuda em Cochabamba e está se especializando em etnoturismo. Acrescenta que se está diante de uma nova visão de mundo em que predominam as redes sociais focadas em marketing e promoção, com sentidos distintos de outrora, e que por isso é preciso uma readaptação.

A relação de San Miguel de Bala com o Vice-Ministério de Turismo nesse momento, segundo a informante Maria, se dá pelo trabalho que estão desenvolvendo no processo de elaboração do Regulamento nacional de TC, e participou-se de duas das quatro seções que houve. Tem-se mudado um pouco a lógica desse primeiro documento com a participação da Red Tusoco, que segue fazendo observações de modo legal e técnico. Enfatiza que o Vice-Ministério tem conhecimento das particularidades do que é San Miguel. Aponta a entrevistada que se tem conseguido benefícios, porém desvantagens também se apresentam.

No que respeita à gestão do empreendimento, segundo Maria Alejandra, esta está intrinsecamente relacionada à mesma lógica de gestão da comunidade, que se dá por meio de uma Assembleia dirigida por um Diretório e sob uma gerência para serem discutidas questões relacionadas à administração. Tais assembleias são realizadas a cada três meses, precisamente no dia 20 de cada mês.

Todavia, Maria Alejandra aponta que tem havido problemas de tomada de decisões pela gerência, devido ao trabalho no escritório ser lento; porém, o Diretório não interfere nesse trabalho. O que se espera da gerência é que faça propostas para serem analisados os prós e os contra sobre os benefícios que se pode ter. Ela esclarece:

> [...] hay que tomar en cuenta la realidad de la comunidade y de que ellos no tiene el aceso muchas veces a toda la información y cuando la gerencia hace la presentacion de todos los informes tiene que hacerlo de manera completa, eso quiere dicir que, las decisiones que se han tomados los actos, las compras, etc. Además que estos están estabelecidos en el reglamiento, en un limite, por ejemplo para disposición del dinero, hasta cuando puede disponer sin autorización de la directiva (informação verbal).

Compreende-se, portanto, que muitas das decisões são tomadas pela gerência, independentemente da comunidade, uma vez que um empreendimento não pode aguardar meses para decidir sobre questões muitas vezes de irrisória importância.

c) Principais problemas e desafios

Aponta Richard Limpias que a principal dificuldade em administrar o albergue é contar com a disposição da cozinheira para vir trabalhar.

Quanto aos principais desafios de San Miguel de Bala Ecolodge, a informante Maria Alejandra frisar que definitivamente um deles é o tema de investimento na infraestrutura para poder prestar um melhor serviço e manter a qualidade. Constata ainda que isso é um desafio, porque o turismo está mudando muito, está a exigir novas coisas e por isso tem que haver uma adequação. Ressalta ainda que o marketing digital no momento é outro desafio. Conclui que suplantar desafios como esses é um dos objetivos do empreendimento que pode gerar oportunidade aos jovens, evitando assim a migração da comunidade.

Os principais desafios apontados pela entrevistada Hermosinda para o TC é que, ao oferecer seus produtos, todos naturais, e serviços, há necessidade de melhorá-los. Menciona ainda a importância de divulgar mais seus atrativos, como as piscinas naturais e os cânions, e fazer publicidade inclusive na internet. Alega ainda que, antes de se operar com o turismo, tinham que trabalhar com a agricultura e vender seus produtos em Rurrenabaque, o que demandada gastos com transporte e tempo, além de que:

> [...] los productos son muy barato para nosotro es algo que tenemos que pagar transporte todo para vender unas 100 naranjas pero entonces que el albergue, con el TC, las frutas tenemos que venden ahi mismo. Entonces no hay necesida de irse a Rurrenabaque. Entonces eso se pueden vender a la comunidade y eso es un ingresso bueno para nosotro es muy importante (informação verbal).

Nesse sentido, vê-se que o TC se incorporou à comunidade e a fez não depender tanto da agricultura como meio de subsistência nem de viagem para Rurrenabaque.

Segundo Don Alfredo, o principal desafio é fazer com que as pessoas entendam que o empreendimento é deles, e diz que:

> [...] yo ahorita soy viejo, he iniciado eso, soy pioneiro en eso, pero ahora yo debo de piensar en mi hijos porque yo manaña me muero, entonces mi clamor es que es empredimeinto no desaparezca, ni muera tampoco, porque simplesmente los lideres se fueron, se mueriran, esse empredimiento no deve de mourir nunca. Ese empredimento de deve se queda ahí para las futuras generaciones, quizas ellos, alguien em daqui a unos 10 años, 15 años, le tomem quizas mucha más consciência que nosostros y lo hagan prevalecer esse para mi um deseo que al futuro le tomen, de dicir "Yo soy el dueño de ese empredimiento y devo de cuidarlo y debo de trabajar porque ahí viene de mis beneficio" y gracias a esse empredimiento mucha gente hemos cambiado de vida, vamos a dicir, porque más antes no sabíamos que era proteción, el outro dicir, bueno sí yo porqué no debo de botar una basura, un plástico, porqué debo de recorelo,

> porque debo me buscar hacer um buen basurero, todas esas cosas no han enseñado. Entonces, cuidarse del médio ambiente más que todo. Ahorita, vivimos con tanto calor, como tu ves, nosostrosno somos depredadores. Nuestra generación, nuestros ancestros, han vivido ahi mismo donde nosostros seguimos trabajando pero ahorita los depredadores más grandes son las empresas, las empresas grandes solo trabajan con maquinarias, trabajan con todo eso. Entonces yo una cosa que ahorita esta sucedendo en la Chiquitanía, dicen la causa de los chaqueos, que campesinos y indígenas chaquean, mentira, eso no. Nosostros aqui chaqueamos pro generaciones y nunca hemos ocasionando un incéndio. Entonces que no se busque um pretexto de eso y de dicir, sacamos uma ley y vay se prohibido el chaqueo, aqui nosotros por generación hemos vivido eso y si no chaqueamos quién nos va dar? Aqui el gobierno no llega a nosostros, como llega por el Altiplano, llega por todo. Ahora, que dicimos, nos reunimos as veces esta bien no vamos hacer el chaco, no vamos a queimar porque chaco vamos a hacer hasta quando mouramos y porque de eso pienso que vamos a vivir. Entonces, que debo a dicir a qualcuier gobierno que entre que nos de un tractor, un maquinário para poder hacer nuestro sembladito y así no vamos a queimar, no ves? (informação verbal).

Com esse discurso, fica por demais patente o nível de consciência de Don Alfredo sobre o seu "negócio" comunitário.

Acerca do TC, Maria Alejandra tece alguns comentários sobre as diferenças da administração de um empreendimento de TC dos de empreendimentos privados ou familiares. Essas diferenças repousam no fato de que o TC incorpora toda a comunidade, inclusa aí a lógica de manejo territorial. Esse modelo de turismo preza um espaço comunitário no qual se mescla a atividade de turismo com as normas comunitárias. Então, isso é bem complexo, pois deve seguir funcionando desse modo. Nesse espaço, por exemplo, a comunidade pode receber outros turistas que não sejam dos pacotes provindos de sua própria agência, pois a comunidade lhes cobra um percentual de acesso ao lugar. Nessa direção, a comunidade vai percebendo que se pode gerar recursos, mesmo que pequenos, por meio do turismo, sem depredar o ambiente natural.

Outro aspecto assinalado pela informante Maria Alejandra é que San Miguel de Bala, frente à necessidade de encontrar uma atividade opcional, escolheu o TC, uma vez que este não implica na destruição dos recursos naturais. Posto isto, recebeu um apoio econômico da CI de aproximadamente 180 mil dólares para a implementação do projeto de TC como tal, a formação de recursos humanos e o que mais implica na institucionalidade e do estabelecimento do escritório. No entanto, menciona Maria Alejandra, que a comunidade deu sua contraparte no que se refere à construção das cabanas com material do lugar por via de seus conhecimentos típicos. Assim, tudo o que é construído pressupõe uma lógica e saberes comunitários. Esse processo levou em torno de três anos longos para começar a operar, que foi de 2002 a 2005. Teve acompanhamento da CI na área administrativa e de fortalecimento institucional.

Por trás dos três empreendimentos que trabalham com o TC, existe um Conselho de Turismo Sustentável composto por pessoas que fazem o turismo compatível com a natureza. Então, essa associação se apresenta de um modo completamente diferente das empresas privadas enquanto operadores de turismo.

O turismo de base comunitária e o Madidi Jungle Ecolodge

A seguir, faz-se uma abordagem sobre os conceitos de turismo comunitário e turismo de base comunitária na região, a partir dos entrevistados que operam com a atividade turística.

a) Considerações iniciais sobre o Turismo Comunitário e base comunitária na região

No que concerne ao desenvolvimento dos projetos de TC/TBC e ecoturismo na Amazônia boliviana, Alejandro Álvarez Uticas, comunitário

de San José de Uchupiamonas e guia de turismo do *Madidi Jungle Ecolodge* – segue estudos na Universidade para obter um título acadêmico reconhecido a nível nacional –, relata que o turismo tem sido uma utopia que começou a gestar-se em 1992, antes da criação do PNANMI Madidi.

A ideia, segundo Alejandro Álvarez, para escolher esta atividade nasceu devido à sua comunidade ser muito longe dos centros urbanos, por isso houve a necessidade de se conseguir um projeto para vir a beneficiá-la. Essa foi a razão primordial para se realizar uma atividade turística como uma alternativa para a comunidade, visto que havia muitas famílias que emigraram a outros centros em busca de melhores condições de vida, inclusive de educação para os filhos. Assim, teve um momento em que a comunidade começou preocupar-se devido à saída da maioria das famílias e a correspondente perda da tradição. Portanto, a cultura entrava em decadência e por conseguinte a comunidade desapareceria.

A prosseguir, o entrevistado Alejandro diz que foi exatamente nesse fulcro que nasceu a ideia do que se poderia fazer com as famílias dos Uchupiamonas. Daí, brota a alternativa de se desenvolver uma atividade turística com o projeto Chalalan, que obteve uma ajuda externa e a comunidade começa a executá-lo em 1992, e no de ano de 1995 é criado o PNANMI Madidi. Posteriormente, em 1997, foram suspensas as atividades de extração da madeira, caça e pesca em grande escala. Com isso, o Albergue Ecológico Chalalan começou a destinar-se, a empreender a atividade turística a partir de 1998/1999, operando com grupos de alto nível. A partir do ano 2000, começa a ficar independente. Conta ainda que 100% das famílias da comunidade tomam a frente da administração, com guias, administradores, contadores, cozinheiras e motoristas, com êxito.

Em termos adicionais, o entrevistado comenta que, com o passar dos anos, percebe-se que nem todos poderiam exercer essas atividades ao mesmo tempo. Então, vai-se abrindo espaços para novos comunitários. A partir dessas raízes de experiências, nascem outros projetos como *Madidi Jungle*

Ecolodge, Sadidi Ecologde, o *Berraco Del Madidi*, e outros empreendimentos que não são da comunidade, como o Mapajo, que hoje não funciona mais. Depois veio o *San Miguel del Bala Ecolodge*, da comunidade de Villa Alcira e muitos outros empreendimentos na Bolívia, a exemplo do Tomarapi, no Parque Nacional Sajama, na região andina. Essa é a história de como evoluiu a implementação do TC/TBC e ecoturismo na Amazônia boliviana.

Para Alejandro Álvarez, sua experiência como guia tem dado a ele a descoberta de que esta é uma das alternativas de se utilizar os recursos naturais sem, no entanto, danificá-los, ou seja, ensinando quais são as características de uma árvore, de um animal, como este se comporta em seu meio, como vive, como se alimenta e a que horas pode encontrá-lo. Diz que, ao ensinar aos visitantes, aprende, porque muitos deles são biólogos e cientistas. Portanto, é uma bela experiência. Ensina-se e aprende-se.

Segundo Villca, o TC/TBC tem muito a ver que os desafios que a pressão do desenvolvimento impõe. O modelo econômico capitalista relaciona-se com o extrativismo, que é um modelo de negócio que requer envolver a todos, mas, por outro lado, põe em riscos os pequenos negócios. Então, se tem um projeto extrativista que diz respeito à monocultura, isso pode significar a destruição de todo o ecossistema, de toda a selva, toda a cultura, ou seja, vão destruir tudo. Portanto, não há possibilidade de lutar contra isso. Se por suposto decidem investir em mineração, agronegócio ou construção de represas, então isso se constitui em uma grande ameaça para o ecoTurismo Comunitário ou de base comunitária, porque esse tipo de negócios requer conservar, proteger e ter cultura nativa. Logo, esse modelo econômico capitalista extrativista põe em risco tudo isso. E fica claro que esse modelo é incompatível com o TC.

Para Alex Villca o TC, TBC são alternativas para o desenvolvimento local, porque não compromete, não põe em risco nem o ecossistema, nem os povos indígenas. Constitui-se, assim, em uma possibilidade de se manejar de modo menos complexo comparado aos grandes. Ele cita que a

pecuária necessita de grandes extensões de terra para poder se sustentar, ao passo que o ecoturismo, o TC necessitam das mesmas para trabalhar com a interpretação, com o ensino e para poder mostrar aos visitantes porque a natureza é por demais importante para esse negócio comunitário. O desmatamento, a matança de animais com objetivos de deixar a área vazia para plantar cana, arroz, milho e algodão não é compatível com projetos de índole comunitária. Nesse sentido, os projetos capitalistas e os de natureza comunitária são absolutamente distintos. O EC diz respeito à proteção do território, do ecossistema e do envolvimento da comunidade.

Alex Villca diz que se trabalha pouco com as comunidades, mas que há alguns trabalhos de pesquisa de interação com os povos indígenas, porém, a seu ver, nada muito significativo.

b) Madidi Jungle Ecolodge: discussões primeiras, dinâmica do empreendimento, perfil do visitante e comercialização

O empreendimento *Madidi Jungle Ecolodge* é um projeto de ecoturismo de base comunitária. Isso significa, segundo Alex Villca, cofundador da empresa, que o mesmo é de propriedade de famílias indígenas, de San José de Uchupiamonas, e que ele pertence a uma das quatro famílias que criaram o empreendimento, ou seja, é cofundador desse projeto. Ao arquitetar o produto, os serviços, ao contratar pessoal, ao fazer todos os circuitos, tudo foi feito por 100% de indígenas que operam e gestionam o empreendimento reconhecido como de TBC.

Ao complementar sua visão de TBC, o entrevistado Alex Villca diz que sua consistência está baseada em território coletivo, que envolve recursos naturais, flora e fauna. A diferença é que a propriedade é de poucas famílias que decidiram criar o negócio, e não de toda a comunidade. O *Madidi Jungle Ecolodge* oferece serviços de transportes, alimentação, hospedagem e guias indígenas para fazer os passeios, visitar lugares específicos, aprender sobre

a naturaleza, observar a flora, a fauna e aprender sobre plantas medicinais. Inclusive fazer outras atividades que têm a ver com a pesca. E isso tudo é operacionalizado pelas famílias e não por toda a comunidade. Portanto, quando se fala de TC, refere-se à comunidade, e ao falar-se de TBC, refere-se às famílias de uma dada comunidade que estão a empreender um negócio.

A dinâmica do *Madidi Jungle Ecolodge* começa a partir do momento em que os turistas fazem as reservas e tomam conhecimento dos programas. Quando aquele chega ao albergue, o guia se encarrega de explicar as diferentes atividades para os turistas, que consistem em caminhadas, observação de aves ou plantas, inclusas aí as medicinais, revela Alejandro Álvarez. A grande maioria desses turistas é de origem europeia – franceses, alemães e italianos –, os outros, norte-americanos e australianos, e poucos sul-americanos. A média de idade desses turistas é de 20 anos e há aqueles que estão acima de 50 anos. Para esses, são designadas outras atividades, pois não se pode misturar grupos de jovens com grupos de adultos de 50 anos. O tempo médio de permanência do turista é de quatro dias, normalmente são três noites e quarto dias.

O Madidi Jungle está localizado dentro do PNANMI Madidi, em um ponto bem específico que abrange aproximadamente 50 hectares, onde se faz toda a operação turística. É uma área onde se fazem trilhas (Fotografia 182) e onde estão as cabanas (Fotografias 183 e 184), o refeitório (Fotografias 185 e 188) e o centro de interpretação (Fotografia 189). Existe em Rurrenabaque um escritório que comercializa os serviços turísticos como os de transporte fluvial (Fotografia 190), uma vez que se demoram três horas para se chegar ao empreendimento. Neste, dispõe-se de todo um sistema de trilhas e de interpretação natural, sempre com o auxílio de um guia para percorrer os espaços na selva. O pacote mais longo é o de quatro noites.

Fotografia 182 - Trilhas



Fonte: cedido por Alex Villa, 2019.

Fotografias 183 e 184 - Cabana e área interna



Fonte: cedido por Alex Villa, 2019.

Fotografias 185 e 188 - Refeitório e refeições do Madidi Jungle Ecolodge



Fonte: Mônica Araújo, 2019; Alex Villa, 2019.

Fotografia 189 - Centro de Interpretação



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Fotografia 190 - Transporte próprio do Madidi Jungle



Fonte: Cedida por Alex Villa, 2019.

No que diz respeito ao perfil de turista que vem para o *Madidi Jungle Ecolodge*, o entrevistado informa que, geralmente, são profissionais, seguidos de estudantes, que vêm sozinhos, ou em casal e aposentados em menor número, que viajam com seus netos. Em seguida, vêm as famílias em quarto lugar. É assim que se afigura a demanda do empreendimento.

No que tange à comercialização do Madidi Jungle Ecolodge, usa-se a internet por meio de uma página web que difunde o projeto e também traz explicações de quem são as famílias envolvidas. Além dos programas oferecidos, que são de um a cinco dias, de acordo com as atividades. Enfatiza-se que o empreendimento ressalta a importância de se ter cuidado com o meio ambiente.

Os principais problemas da comercialização do *Madidi Jungle Ecolodge* dizem respeito ao pouco conhecimento com relação à tendência global no que diz respeito à tecnologia. Exemplifica Alex Villca que a página da

WEB teria que estar adaptada a um celular, e não estando, fica complicado de comercializar, de chegar às redes sociais. Assim, adaptar-se às novas tecnologias que estão surgindo é um desafio, pois tem que administrar e atualizar, permanentemente, a página na internet.

O entrevistado Alex relata que no momento está a visitar outras experiências de TC no Peru, qual seja, a da *Posada Amazonas*, que está na comunidade nativa de Inferno, os Ese'Eje, e no Equador, o Kapawa dos Quechua. No Peru, a ideia era conhecer um pouco como estão manejando ou se envolvendo com o turismo, tanto a parte administrativa quanto a de operações para melhor entender essas experiências. E isso se deu no guiamento, na logística de transporte, na alimentação e na hospedagem, e como lidam com a comercialização, com o mercado, a venda, a administração nos dois países citados. Chegou-se então à conclusão de que é fundamental conhecer as experiências de outros países, de outras comunidades indígenas para entender melhor os seus próprios problemas e poder preparar-se para as exigências do mercado.

Segundo o entrevistado, no Peru, fala-se muito de ecoturismo comunitário (EC), de ecoturismo rural comunitário, porém isso tem muito a ver com as maneiras de como estão a fazer essas atividades. Há muitas semelhanças em como administrá-las, em como manejá-las e de como se dá a comercialização desses produtos. E mais, como são divididos os benefícios com essas famílias e essas comunidades. Então, compara afirmando que, no caso da TCO Uchupiamonas, se maneja de forma parecida ao ecoturismo comunitário peruano. Faz uma distinção quando diz que o EC significa que isso envolve toda a comunidade indígena, porém se diz que ecoturismo de base comunitária são apenas as famílias de uma comunidade indígena, o que corresponde às mesmas linhas de significado da Bolívia.

O informante Alex Villca tem alguns conhecimentos sobre lugares de TC no Brasil, e cita Manaus, onde há experiências em que estão envolvidas as comunidades que manejam o ecoturismo. Entretanto, enfatiza que

muitas vezes se maneja também como uma estratégia de marketing, pois ressalta que se vende um Turismo Comunitário ou um ecoturismo de base comunitária, porém, na realidade, não isso não existe; ou melhor, é uma estratégia para captar clientes.

Quanto à avaliação dos serviços oferecidos pelo *Madidi Jungle Ecolodge*, aplica-se um questionário para saber o grau de satisfação do cliente e leva-se muito em conta as sugestões deste para melhorar o empreendimento, diz Alejandro Álvares

A principal dificuldade de se operar com o turismo é fazer os turistas chegarem de La Paz a Rurrenabaque por via aérea, ou seja, se por alguma razão os voos forem cancelados, tudo por sua vez é cancelado também.

c) Capacitação e relações institucionais

Ao abordar a questão da capacitação no caso de *Madidi Jungle Ecolodge,* isso tem sido a base para criar-se esse empreendimento. Tem-se recorrido a pessoas com experiência, mas isso não ocorria com projetos mais antigos como Chalalan e San Miguel de Bala, nos quais havia algumas pessoas que tinham preparação para poder figurar como guias, ou algumas senhoras que podiam trabalham na cozinha. Assim, o empreendimento se sustentou em pessoas que tinham um treinamento anterior, não começou do zero. O projeto teve ainda um desafio, que foi dar formação a novas pessoas em áreas distintas para que fosse sustentável. Em outras palavras, essas experiências serviram para empreender o negócio.

Como presidente da Associação de Guias da Natureza, Alejandro Álvarez diz que ela possui 40 associados e que todos deveriam ter uma mínima formação em história natural para ser guia e membro da associação.

Para Alejandro Álvarez, o TC é complicado, pois é necessário saber tomar decisões. Tem-se que ter consenso de todas as famílias que estão envolvidas no empreendimento. Então, torna-se embaraçoso para os

que dirigem, porque essa atividade requer deliberações rápidas, sem a necessidade de reunir-se em assembleias. Outro ponto que o entrevistado coloca é que, antes de se implementar um projeto de turismo na comunidade, deveria haver um estudo prévio para saber se os comunitários estariam dispostos a abdicar de suas atividades sociais rotineiras para se dedicar ao turismo, e exemplifica:

> [...] cuando empiezas a hacer turismo hablando de la cultura de las comunidades, fin de semana no trabajan. A veces es de sábado en la tarde del domingo se descansa, hay cumpleaños, hay fiestas, hay promociones, hay Navidad y Año Nuevo, hay carnaval y cuando te metes al turismo todas estas cosas no va más. Entonces, por eso me refería a que tiene que ver con la cultura. Entonces, cuando haces turismo tienes que dejar todas estas cosas a un lado, porque tienes programas, tienes actividades, tienes que cumplir con la gente para que esa gente se vaya contento con lo que las ofrecido, con lo que le has vendido (informação verbal).

Nota-se pelo que foi dito pelo entrevistado que se trata de sua experiência individual como guia e não da comunidade como um todo.

De sua experiência com o turismo, Alejandro Álvares diz que atualmente está trabalhando somente aos fins de semana, devido à necessidade de continuar sua faculdade, o que o deixará mais livre para seguir seu trabalho de guia.

Quanto às relações institucionais do *Madidi Jungle Ecolodge* com o PNANMI, Madidi diz que este é a instância de controle do território indígena, que é menor que a AP. Para poder operar dentro do parque, foi necessária uma autorização e estão sob a supervisão e controle do parque (Fotografia 191). Revela ainda que existe uma estreita relação entre o território indígena e o parque.

Fotografia 191 - Posto de controle "El Bala"



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Perguntado se existe alguma instância de governança na área, Alex Villca diz que, como são cinco empreendimentos em uma área de Território Comunitário de Origem (TCO), foi criado um mecanismo de coordenação. Há uma associação de projetos de ecoturismo que tem mais ou menos um ano, que foi criada para ter-se em conjunto como se deve trabalhar a gestão do ecoturismo, isto é, como adequar a parte operativa com a administrativa. Então, é algo que a comunidade tem controle também.

A despeito de projetos de cooperação com outros países, informa que Chalalan atualmente tem uma independência, não tem cooperação externa, não trabalham com empresas privadas nem ONG ou governo que esteja subvencionando, embora possam buscar essas parcerias, porque são um TC. Avalia Villa que isso é uma vantagem do TC, o que já não acontece com o TBC.

d) Perspectivas

Para Alex Villca, o TC na Bolívia tem sido uma política de governo, uma política estatal. A ideia era possibilitar às comunidades indígenas originárias e campesinas manejar o turismo a partir de sua própria experiência/vivência e que fossem eles os beneficiados da atividade. Assim, seria possível terem produtos e empreendimentos consolidados. Ele aclara que:

> Tu puedes hablar de un Turismo Comunitário a nível de Bolívia para eso hay que tener productos, servicios e distintas regiones de Bolivia, sino, no tiene en distintas regiones de Bolivia es muy difícil hablar de um Turismo Comunitário a nível de toda Bolivia, puede ser que solo o tengas en el Altiplano, en la zona de Salar, em la Zona de el Lago Titicaca o solo tengas en Salar de Uyuni pero lo no tienes en otra regiones entonces, es un poco difícil, no? El turismo de base comunitária es igual manera. Tendrías que tener experiências entodos los sítios, en todos los destinos turísticos esta experiência que te permita dicer vamos hacer el turismo de base comunitária em Bolivia entonces visitan Amazónia, visitamos Lago Titicaca, visitamos Coroico, visitamos Salar de Uyuni, Chiquetanía, todo Bolívia, pero a partir de essas experiências. Por ahora quizas es un poco difícil, pero en el tempo posible hacer (informação verbal).

Pelo exposto, fica evidenciado que só se pode falar de TC apenas em algumas regiões, pois não há experiências consolidadas em todas elas.

Sobre as perspectivas de que o turismo venha a ser melhorado na região amazônica boliviana, Alejandro Álvarez comenta que, apesar dos esforços envidados pelas famílias proprietárias dos empreendimentos não, há apoio maior do governo central, o que, sem dúvida, se constitui em um impedimento para uma melhora da atividade turística, porque não é prioritário, como o petróleo e ou a mineração.

Mashaquipe Ecolodge

O Mashaquipe Ecolodge (Fotografia 192) se constitui como empreendimento de base comunitária que oferece serviços ecoturísticos, no destino *Rurrenabaque-Madidi-Pampas*. Em sua infraestrutura, encontram-se empreendimentos em formato de cabanas ecológicas que são, Mashaquipe Ecolodge, Manantiales del Duke e Tortugas Ecolodge, localizados no Parque Nacional Madidi e em *Las Pampas* del Yacuma. Tem como base de operações um escritório na cidade de Rurrenabaque.

Fotografia 192 - Placa de Boas-vindas do Mashaquipe ecolodge



Fonte: Wilmon Junco, 2019.

De acordo com o gerente geral dos Emprendimientos Mashaquipe, Wilmon Junco, este nasceu no ano de 2005, portanto, há 14 anos. Evidencia o informante que já havia outros empreendimentos ecoturísticos no local, que serviram como referência e inspiração. O objetivo maior era

contribuir com o enfoque social, visto que a participação dos comunitários era fundamental. E diz que o Chalalan é um exemplo a ser considerado, portanto:

> [...] nosotros también tuvimos la idea de crear un producto turístico que permita hacer que los comuneros, la comunidad sea propietaria, sea la que gestione, sea la que maneje el recurso económico, pero también al mismo tiempo sea la que pueda comenzar a gestionar las diferentes áreas que se necesita a un emprendimiento (informação verbal).

Esse processo ocorreu ao longo de aproximadamente quatro anos para poder definir-se como se queria fazer, qual seria o produto turístico a ser oferecido e que estrutura se queria dar a esse empreendimento. Ressalta ainda que:

> [...] tenemos como 14 años ya desde que nos hemos fundado, pero son como que 10 años que estamos como que funcionando legalmente, pero también como una empresa dentro de la actividad turística [...] vendiendo productos turísticos dentro de lo que es el destino Rurrenabaque-Madidi-Pampas (informação verbal).

Logo, percebe-se que a criação de um empreendimento dessa natureza requer tempo de maturação desde a sua concepção até chegar ao produto final.

Atualmente, 12 famílias estão envolvidas nesse projeto. Com isso, existe uma discussão sobre a natureza comunitária ou de base comunitária deste empreendimento. De acordo com o gerente de Mashaquipe Lodge, este possui como visão "Hacer un turismo comunitario", e diz que nessa perspectiva:

> [...] actualmente lo que nuestra forma de ver el turismo comunitario, especialmente, pasa más en el sentido de cómo llega el beneficio a la comunidad; como le generamos un beneficio a la comunidad en los diferentes aspectos, social, económico, no? Mejorar su calidad de vida de la comunidad o de los comunarios [...] cuando tú puedes generar un

beneficio lo que pasa en la región, en esa parte de región, por lo menos hay turismo o emprendimientos de turismo comunitarios, pero que no han logrado desarrollase, que no han logrado inclusive ni siquiera sus socios poderle generar un beneficio. Eso no es lo que sucede acá, hemos logrado que en esos años, hemos logrado estructurar una empresa, ¿ te das cuenta? (informação verbal, Wilmon, Junco).

Porém, outros atores que atuam em outros empreendimentos da região têm considerado que esse discurso e essas práticas estão equivocadas, pois esse tipo de empreendimento como o *Mashaquipe* não é comunitário. A seguir, leia-se o discurso de Alfredo Nairy Rada sobre essa questão:

> Hay muchas empresas que dicen "Sí, nosotros somos comunitarios" y en realidad no lo son. Están queriendo "acaparar" en lo que es comunitario, Por ejemplo yo te veo hablar de Mashaquipe, es una empresa familiar, no hay otro socio, y ellos quieren a hacer pasar por comunitario, ¿lo es? La empresa comunitario es aquí, la mayor parte de San Miguel decide. "Bueno, aquí es esta gestión, tú eres el gerente y la otra te agarra y te sacan y entra otro". Ellos se manejan, ellos se cambian solitos, entonces eso no es comunitario (informação verbal).

Vê-se, portanto, que cada empreendimento tem suas características particulares, embora este último depoimento faça uma distinção bem clara sobre o que significa TC e turismo familiar.

Adicionalmente Marco Uzquiano realça a importância do empreendimento para a comunidade pois:

> [...] es necesario analizar la dinámica, como esa manera de hacer turismo por parte de una empresa, digamos, privada, o familiar en ese caso, está generando beneficios para una comunidad o para dos o más comunidades o famílias, en ese caso que son de las comunidades (informação verbal).

A ter em conta todo esse contexto, verifica-se que a tomada de decisão realizada no Mashaquipe Ecolodge é de âmbito empresarial, perpassa por um grupo pequeno de pessoas e não por toda a comunidade. Isso resulta, em conformidade com o entrevistado:

> [...] en benéfico económico para todos, pero la gestión, las decisiones un grupo más reducido, ¿no? Es grupo reducido si tendría que estar controlados por la comunidad, por ejemplo, tu estás a la cabeza del emprendimiento y nosotros a cada cierto tiempo, tenemos que evaluar tu trabajo, como está andando? ¿Que has pasado? (informação verbal).

A natureza deste empreendimento é clara para instituições como o SERNANP, via diretor do PNAMI Madidi, entre outros. Ademais, é patente o reconhecimento do sucesso alcançado pelo Mashaquipe Ecolodge, pois,

> [...] en principio la mayoría hacían turismo comunitario, pero, con el pasar de tiempo han ido naciendo otras iniciativas privadas, de gente del lugar que hay mejorado mucho sus servicios. No es un servicio comunitario propiamente dicho, son empresas privadas, de gente de lugar. Por ejemplo, Mashaquipe que no es considerado como turismo comunitario, pero genera muchos beneficios a las comunidades, han hecho muy buen trabajo, muy buen servicio. Entonces, han logrado captar mucho cliente, muchos visitantes, o también, más eventos que es una empresa local (informação verbal)[18].

Pontua-se, após esses relatos, que dado os resultados do TC, por meio da iniciativa do Chalalan, que foi pioneiro na região da Amazônia boliviana, surgiu um outro modelo de turismo que envolve a comunidade, mas com uma proposta diferente: a de gestão empresarial. Entretanto, o que têm em comum é que ambas são capazes de gerar trabalho e renda para os comunitários.

Dentre as atividades econômicas da região onde está localizado o Mashaquipe Ecolodge, encontra-se o turismo como a principal. Porém, segundo o entrevistado, o governo local prioriza a produção agrícola, e menciona:

> [...] 15 años, 20 años atrás, nos hemos dado cuenta que este municipio es turístico, porqué llegaban creo que mucho más turistas. Pero

[18] Marco Uzquiano, Director de PNAMI Madidi.

> el gobierno cree que no, que es la producción. Entonces, han incentivado mucho más esos años, han gastado mucho más dinero en la producción que el a apoio a las empresas comunitarias o al turismo en general.

O Mashaquipe lodge (Fotografia 193) dispõe de cinco cabanas de acentuadoestiloamazônico,comarquiteturatradicional.Oempreendimento tem seus pisos revestidos de madeira, paredes feitas de palmeiras e tetos de jatata. O Ecolodge tem capacidade de hospedar 24 pessoas em quartos duplos, triplos e dormitórios com cinco camas, e a maioria possui banheiros compartilhados. Contam apenas com duas cabanas e banheiros privados.

Fotografia 193 - Refeitório



Fonte: Wilmon Junco, 2019.

O Mashaquipe tem capacidade para hospedar 24 pessoas em quartos duplos, triplos e dormitórios com cinco camas, e a maioria possui banheiros compartilhados. Contam apenas com duas cabanas com banheiros privados. Também oferecem trilhas (Fotografia 194) aos seus visitantes.

Fotografia 194 - Trilhas



Fonte: Wilmon Junco, 2019.

Eis, portanto, a estrutura e os serviços do Mashaquipe Ecolodge que vem se destacando na região.

5 PROJETOS DE TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA DESENVOLVIDOS NA AMAZÔNIA PERUANA

O presente capítulo diz respeito a aspectos variados que têm por referência os projetos de Turismo Rural Comunitário (TRC) que estão a acontecer na Amazônia peruana (Mapa 5). Isso ocorre nos Departamentos de Madre de Díos e Cusco, precisamente na zona de amortecimento da Reserva Nacional Tambopata (RNTAMB) e no interior do Parque Nacional Manu (PNM).

Os seguintes pontos sequenciais de apresentação do conteúdo dão seguimento à pesquisa de campo, que foi realizada primeiramente em Cusco, quando ocorreu a oportunidade de entrevistar os atores institucionais e comerciais que estão envolvidos direta e indiretamente com os representantes do empreendimento comunitário Casa Matsiguenka, do PNM, da Direção de Turismo de Cusco e de uma agência de viagem que opera com este. Muito embora não ter sido possível ir em visita de campo à Casa Matsiguenka, no interior do PNM, devido ao alto custo da viagem e demasiado tempo para se deslocar, tentou-se adquirir o máximo de informações durante essas interlocuções acima. Ademais, as comunidades de Takacome e Yomibato, proprietárias do empreendimento, vivem sobremodo isoladas, o que torna muito difícil ir até elas. Ressalta-se que os resultados dessa área estão no final do presente capítulo.

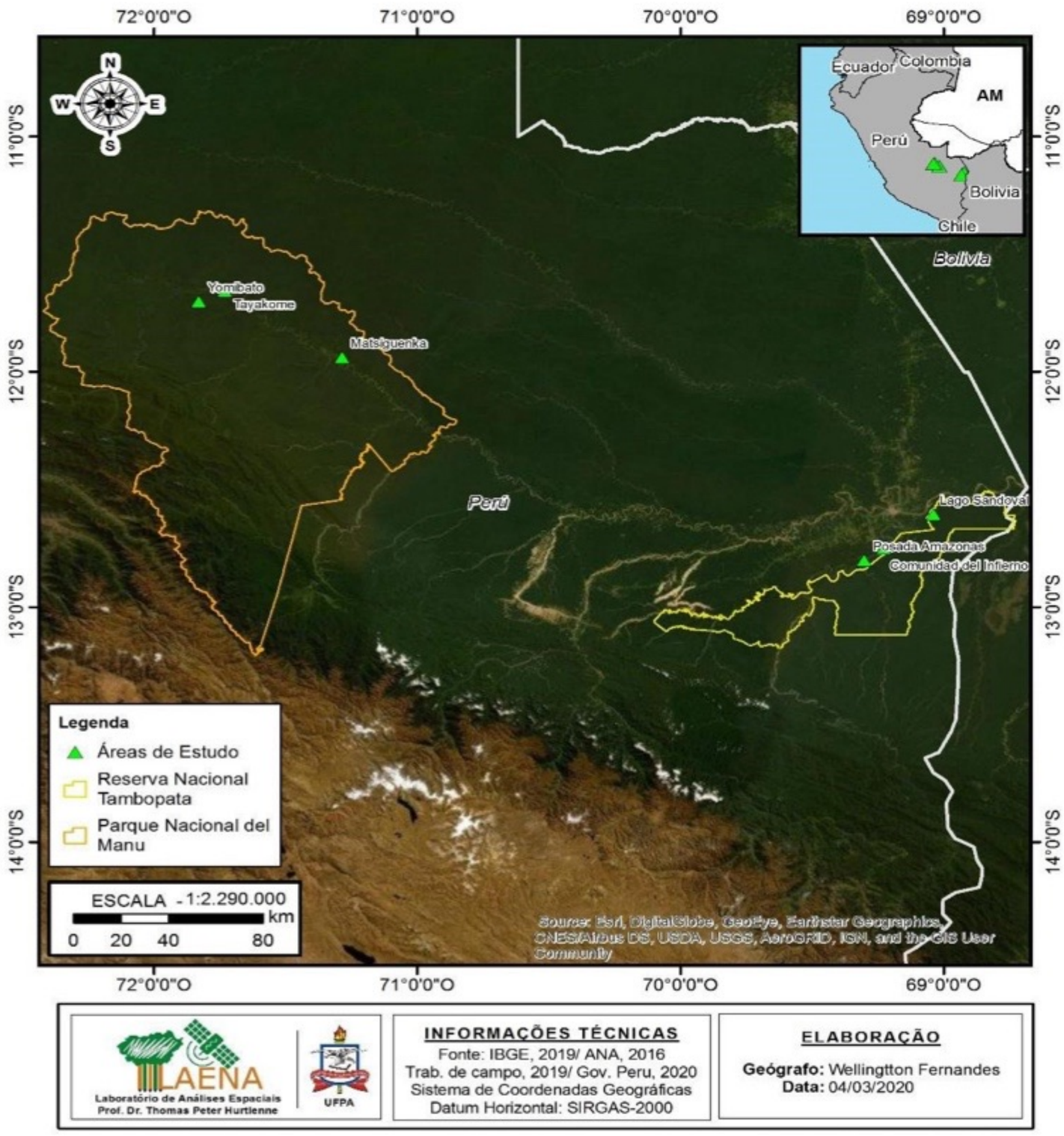
Em seguida, adentrou-se no Departamento de Madre de Díos, quando se teve a oportunidade de fazer-se pesquisas em Puerto Maldonado e foi-se em visita à Comunidade Nativa de Inferno e em seus empreendimentos comunitários de turismo: Nãpe Lodge e Posada Amazonas. Enfatiza-se que

também se colheram dados com o gerente do Tampobata Guest House, entretanto, não foi possível ir a este empreendimento, por questão de tempo.

Muito embora não sejam tão simétricas em termos de questionamentos com relação as suas realidades, devido ao fator tempo e distância, algumas informações são mais esclarecedoras no que diz respeito aos interesses e aos objetivos da pesquisa.

O objeto de estudo refere-se aos seguintes recortes temáticos: políticas públicas e seu marco político-institucional do turismo e rural comunitário; contextualização da região de Madre de Díos e da RNTAMB; história breve da CNI e do TRC; problemas a serem transpostos, tanto da comunidade quanto especificamente do TRC; e visão sobre estes. Além disso, fazem-se referências às condições infraestruturais e de serviços – sistema de hospedagem e de alimentação –, atividades de lazer, produção artesanal das comunidades, perfil da demanda, comercialização, organização comunitária e políticas públicas que interferem no TRC. E mais, remete-se à capacitação, aos benefícios advindos do turismo em seus variados aspectos, à participação social, à governança das comunidades, e às ações de conservação implantadas e aos desafios a serem transpostos.

Mapa 5 - Localização das áreas de estudo no Peru



Fonte: Laboratório de Análises Espaciais Prof. Dr. Thomas Hurtienne (LAENA/ NAEA/UFPA), 2020.
Autoria: Mônica Araújo, 2019. **Produção técnica**: Wellington Fernandes, 2019.

Alguns dados sobre o Turismo no Peru

Em conformidade com a Conta Satélite de Turismo (CST), o Produto Interno Bruto (PIB) do turismo, no ano de 2015, atingiu S/23,5 milhões, com aporte de 3,9% do PBI Nacional, o que gerou aproximadamente 1,3 milhões de empregos diretos e indiretos, valor que representa 7,4% da População Economicamente Ativa (PEA) (PERU. MINCETUR, 2015). A mesma fonte esclarece, no que tange às atividades de transporte de passageiros (27%),

provisão de alimentos e bebidas (22,6%), alojamentos para visitantes (14%) e agências de viagens (3,2%), isso representa em conjunto de 66,8% do PIB turístico.

A respeito da demanda, o Consumo Turístico Interno – gastos que realizam os visitantes receptivos e interno – alcançou, no ano de 2015, aproximadamente S/42 milhões, o que corresponde a 6,9% do PIB nacional, dos quais o gasto turístico interno representa o equivalente a 62,2%, o gasto turístico receptivo 31,4% e outros gastos 6,4% (PERU. MINCETUR, 2015). Por outro lado, o Consumo Turístico se encontra influenciado pelas viagens de cerca de 10,8 milhões de turistas internos, o que significa 1,3 milhões a mais que em 2011 e mais de 13 milhões de pessoas que realizaram uma excursão (visita de um dia), ou seja, 800 mil a mais que em 2011.

Sobre o turismo receptivo, de acordo com PERU. MINCETUR (2015), o Peru tem mantido um crescimento econômico contínuo em termos de chegadas de turistas internacionais durante o período de 2011-2015, registrando, portanto, um crescimento médio anual de 7,4%, convertendo-se assim em um motor de desenvolvimento socioeconômico capaz de contribuir com a inclusão social, a redução da pobreza, entre outros. Nessa direção, segue como o segundo setor gerador de divisas em relação às exportações não tradicionais, sendo apenas superado pelas exportações do setor agropecuário.

No ano de 2011, de acordo PERU. MINCETUR, 2015, registrou-se a chegada de 2,6 milhões de turistas internacionais no Peru, que geraram cerca de US$ 2 814 milhões de ingressos de divisas por turismo receptivo. Em 2015, recebeu um total de 3,5 milhões de turistas internacionais, o que significa um crescimento de 7,5% com relação a 2014 – 858 mil turistas internacionais a mais que 2011.

A considerar os mais importantes mercados emissores do Peru, segundo PERU. MINCETUR (2015), existe em torno de 22 países, ou seja: Estados Unidos, Chile, Colômbia, Espanha, França, Brasil, Reino

Unido, Argentina, Alemanha, Canadá, Austrália, Equador, Japão, México, Itália, Holanda, Coreia do Sul, Índia, Rússia, Uruguai e China. Desses, os principais são o Chile e os Estados Unidos, e no ano de 2015, ambos países representaram o total de 44,3% da parcela de mercado. Em primeiro lugar, está o país chileno, com 985 mil turistas, seguido do norte-americano, com 545 mil, o do Equador, com 256 mil, o da Argentina, com 171 mil e o da Colômbia, com 165 mil turistas.

Destaca-se, ainda, que a maioria dos turistas vindos dos EUA registra-se em Lima, no Aeroporto Internacional Jorge Chávez, enquanto, o mercado chileno registra suas chegadas no Complexo Santa Rosa, em Tacna.

No tocante ao perfil do turista estrangeiro, em 2014, conforme PERU. MINCETUR (2015), detectou-se que aproximadamente 60% dos turistas que visitam o Peru são do sexo masculino. O motivo principal da visita é conhecer Machu Picchu (Fotografia 195) e tem-se uma estadia média de 10 noites com gasto médio de US$ 992 durante a viagem pelo país.

Fotografia 195 - Machu Picchu



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

5.2 Considerações sobre a política pública de turismo rural comunitário na Amazônia peruana: institucionalidades, contextos e olhares

Para compor o quadro de características pertinentes à questão do turismo na Amazônia peruana, optou-se, preliminarmente, por delinear os aspectos do setor público nacional, departamental, municipal e comunitário, a tomar como base as entrevistas realizadas com os principais interlocutores, localizados nos Departamentos de Cusco e Madre de Dios.

O Ministério da Cultura, em termos organizacionais, tem Direções em todos os Departamentos peruanos. No caso do Departamento de Madre de Díos, a Direção Desconcentrada do Ministério tem as funções de promover a identidade cultural tanto das populações originárias quanto das indígenas, porém também das populações andinas, incluindo as amazônicas, andinas e afro, segundo Carlos Manrique Bautista[1], especialista em Interculturalidade. Diz o entrevistado que sua Divisão ainda promove o patrimônio cultural material e imaterial da Nação. Tem-se três áreas principais: a área de interculturalidade, a de patrimônio cultural e a de arqueologia.

Ao ser questionado se o Ministério da Cultura trabalha com o turismo nas comunidades nativas, Carlos Manrique afirma que diretamente não, e faz um resumo dos trabalhos realizados pelo órgão. Diz que, este primeiro, identifica o que são os saberes ancestrais da cultura tradicional, a cultura dos povos indígenas. Faz-se o trâmite de patrimonialização, quando lhes é dado o reconhecimento de acordo com a Lei. Também identificam-se os saberes ancestrais das línguas originárias de Madre de Dios, que são dez línguas indígenas ou originárias. Tudo isso é documentado e registrado. Tem-se, também, alguns trabalhos com a Direção Regional de |Comércio Exterior e Turismo, o que poderia ser um atrativo, como as manifestações culturais ou da cultura viva, ou cultura material.

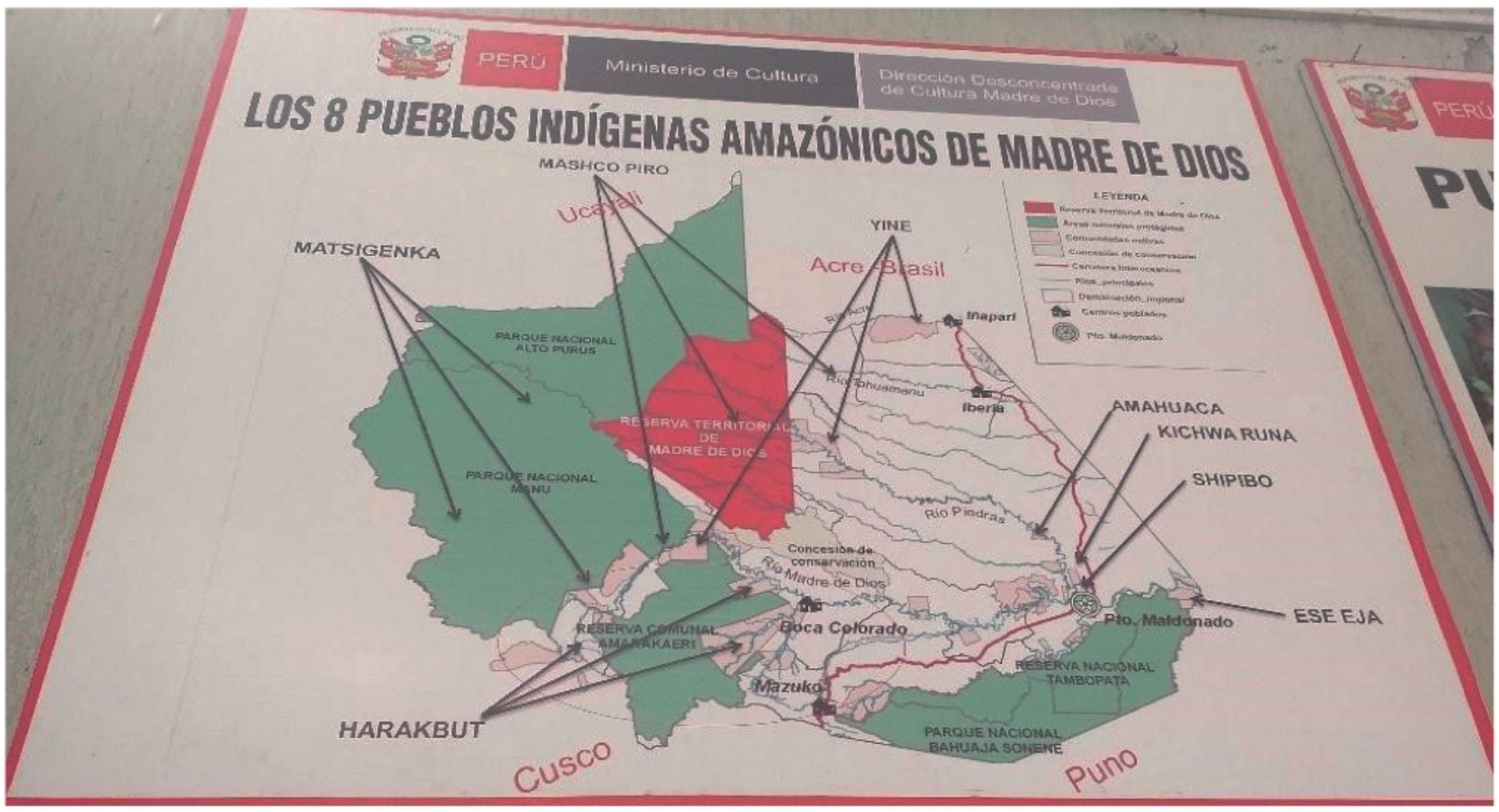
---

1 Antropólogo.

Complementa o entrevistado haver uma série de artefatos arqueológicos que estão em processo de patrimonialização, como Patrimônio Cultural da Nação. E um deles é o "rostro Aramburo", da Casa Inca. Assim, isso é uma alternativa para a área de Turismo, que pode difundir e promover como um componente cultural.

No departamento de Madre de Dios, de acordo com Carlos Manrique, existem 37 comunidades nativas oriundas de oito povos indígenas distribuídos na região (Fotografia 196). Tem-se registrado os *Harakbut*, *Ese'Eja*, *Yine*, *Quichua*, *Aru*, *Amahuaca* e os *Mashco piro*, que estão em total isolamento, e ainda há os *Iñapari*, que têm seu idioma sendo estudado, especialmente pelo Ministério da Educação. Porém, trabalha-se com populações andinas, não somente indígenas, mas também com os Q*uechuas*, falantes que vêm de Cusco e os *Aymaras*, de Puno. Ainda têm outras culturas de populações, como a japonesa, que imigrou no princípio do século passado, e a migração atual de venezuelanos.

Fotografia 196 - Mapa-Ilustração dos oito povos indígenas



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Sobre os *Ese'Eja*, o interlocutor diz que se trata de um povo que está no Baixo Tambopata, vindo pelo rio *Heath*, na fronteira com a Bolívia. Menciona ainda que neste país, os Ese'Eja falam três variantes linguísticas: o *Ese'Eja* de *Bahuaja*, o *Ese'Eja* do Tambopata e o *Ese'Eja* propriamente do Beni. Talvez o *Ese'Eja* que se fala na comunidade nativa de Inferno seja diferente do que se fala em Palma Real. Trata-se, portanto, do mesmo idioma com variações originárias de Madre de Dios.

Adicionalmente, o informante Carlos Manrique comenta que a CNI se tem destacado bastante no tema da medicina tradicional, com o *Ayahuasca*, por exemplo, em suas danças e com relação ao idioma que estão tratando de revitalizá-lo. Aponta o turismo como uma das razões para isso, pois os jovens não falam muito o *Ese'Eja*. Comenta a seguir que:

> [...] al menos en los colegios muy poco apesar que la institución educativa está categorizada como colegio EIB que significa Educación Intercultural Bilingüe. Pero qué es el tema más del sector Educación. No se habla mucho, hemos tenido reuniones para tratar de revitalizar el idioma con los padres de familia, con las comunidades con la comunidad en sí pero estamos en proceso también podría ser el turismo como una alternativa de recuperar o revitalizar el idioma para que ellos se interesen conocer su propia lengua (informação verbal).

Pelos ditos, vê-se que uma amálgama de culturas perpassa a vida dessas populações, mas que o governo central, de uma maneira ou de outra, tem conseguido organizá-las no sentido de sua continuidade histórica. E o turismo tem se mostrado como uma atividade importante para contribuir com essa perpetuação de culturas.

Acerca das 17 comunidades da Província de Tambopata, Carlos Manrique, afirma que nem todas essas estão envolvidas com o turismo. À parte a comunidade de Inferno, tem-se Boca Pariamano, com sua medicina tradicional de plantas e a comunidade nativa de Santa Teresita, porque está próxima de Puerto Maldonado, que vende artesanato eventualmente.

No entanto, não existe um convênio entre os operadores turísticos e essas comunidades, como tem a CNI.

Em geral, as comunidades indígenas independentes do turismo, de maneira módica, desenvolvem a agricultura e a pesca para subsistência; vendem um pouco de artesanato, apesar de não se dedicarem muito ao tema – pois poderiam potencializar sua cultura. Muito poucos se dedicam à agricultura, à madeira, à coleta de castanha e à mineração.

No que tange aos principais problemas dessas comunidades, Carlos Manrique, ressalta que, geralmente, nos postos de saúde não há pessoal nem professores nas escolas com condições adequadas. E com relação aos serviços básicos, não existe água corrente. A maioria recorre às "quebradas" ou a qualquer fonte próxima. Isso ocasiona problemas, muitas das vezes, de desnutrição nas crianças. Existem, ainda, problemas internos nas comunidades e nas Juntas Diretivas.

Em termos complementares, Carlos Manrique diz que a comunidade de Inferno não é uma comunidade genuinamente Ese'Eja, pois há parentesco com pessoas de outros lugares como Cusco e Puno. Se comparada à Palma Real, por exemplo, ela domina mais sua língua. E enfatiza que trabalhar com comunidades é um pouco especial, pois tem-se que compreendê-los nas reuniões, e isso tornar-se muito complexo.

No âmbito da Política pública de apoio ao turismo no Peru, conforme preconizada no PLANTUR (2015), está a Política de Inclusão Social do Setor Turismo, que tem como um de seus eixos a Estratégia Turismo Rural Comunitário, com seus 11 destinos e suas respectivas áreas (Figura 1 e Quadro 5) – inclui-se aí, o destino Tambopata, com o Corredor Ecoturístico Tambopata[2] e a Posada Amazonas.

---

[2] É uma iniciativa de turismo sustentável desenvolvido pela Associação de Operadores Agroturísticos de Bajo Tambopata (AOATAM), com o compromisso de proteger a zona de amortecimento da Reserva Nacional de Tambopata, Madre de Dios. Constituem-se em um grupo de 11 empreendedores associados em cogestão inovadora e pertence à Red de Conservación de la Biodiversidad de Madre de Dios (issuu.com/ visitperu/docs/ presentación _n_corredor_tur_stico_t).

Figura 1 - Localização dos 11 destinos de TRC



Fonte: PERU. MINCETUR (2015).

Quadro 5 - Destinos e comunidades do Turismo Rural Comunitário

DESTINO	COMUNIDADE
Ruta Moche	• Chaparrí
Cajamarca	• Granja Poncón
Kuélap-Gocta	• San Pablo • Cocachimba • Kuélap
Cordillera Blanca	• LlamaTrek • Vicos • Humacchuco

Valle de Lurín y Nor Yauyos - Cochas	• Lomas de Lúcumo • Laraos
Valle del Colca	• Sibayo • Yanque • Coporaque
Río Amazonas - Perú	• Rumbo al Dorado
Alto Mayo	• Tingana • Santa Elena
Tambopata	• Corredor Ecoturístico Tambopata • Posada Amazonas
Valle Sagrado de los Incas	• Andean Lodges • Parque de La Papa • La Tierra de Los Yachaqs • Maras • Mullak'as Misminay • Chinchero • Raqchi • Cuyuni • Huilloc • Patabamba • Pataconcha • Chichubamba
Lago Titicaca	• Amantaní • Uros • Taquile • Llachón • Atuncolla • Ccotos - Ticonata • Luquina - Karina • Chifrón - Paramis

Fonte: PERU. MINCETUR (2015); Plantur, 2015.

Esse eixo, que se desenvolve em três linhas de ação, busca, por sua vez:

> - Fortalecer las competencias y capacidades de los emprendedores rurales para el adecuado manejo de sus negocios turísticos.
> - Constituir productos únicos y altamente competitivos, que permita la articulación comercial mediante las Jornadas de Comercialización y otras plataformas de promoción.
> - Fortalecer la política institucional orientada a generar un turismo sostenible a través del rol protagónico de los emprendedores y el acompañamiento técnico del Mincetur, así como del posicionamiento del país como líder latino-americano en Turismo Rural Comunitario (PLANCTUR 2025, 2015, p.73).

Verifica-se, portanto, nessas propostas de ações, a preocupação com o manejo dos negócios comunitários, da comercialização dos produtos, do protagonismo das comunidades e da intenção do Peru em liderar esse modelo de gestão do turismo na América latina.

A seguir, a Flor de Matilde Zuñiga Quispe[3] comenta que o programa Turismo Rural Comunitário (TRC) está instaurado desde 2014 no Peru e que este promove a realização de jornadas, oficinas, além de oferecer projetos e programas mediante incentivos econômicos, como, por exemplo, concursos não-reembolsáveis para que as comunidades possam melhorar seus negócios.

Aponta, a mesma entrevistada, os exemplos exitosos de TRC na região de Puno e Cusco, e relata que em Madre de Dios este ainda está em processo recente para implementar esta atividade rural e que, portanto, tem-se um longo processo a seguir, sobretudo porque as 37 comunidades oficialmente reconhecidas na referida região têm por base outras atividades econômicas não ligadas ao turismo, como, por exemplo, a agricultura, a agrossilvicultura, a caça e a coleta de castanha. Entretanto, cita a Comunidade Nativa do Inferno como um exemplo da região, sobretudo devido ao convênio firmado com a empresa *Rainforest Expedition* e essa comunidade, logrando grandes

---

[3] Diretora de Turismo da Regional de Comércio Exterior e Turismo (DIRCETUR)/ Madre de Dios/Puerto Maldonado, licenciada em turismo.

êxitos, a considerar que estão colocando como principal atividade o turismo e o ecoturismo e que, por sua vez, são conscientes disso. Contudo, enfatiza que devem ser feitos ajustes, mas considera um caso de êxito a aliança que tem a comunidade com essa empresa privada (informação verbal).

A complementar as informações acerca do TRC em território peruano, Karen Nin Monterroso[4], da DIRCETUR/Cusco, destaca que o Peru possui Costa, Serra e Selva, e o TRC se dá em todos os níveis, principalmente na Serra, ou seja, em Cusco (Fotografia 197), Arequipa e Ayacucho. Isso significa as iniciativas das comunidades que estão dispostas a trabalhar no tema de turismo, mas não como uma atividade principal, e sim como complementar, pois alega que, em geral, as comunidades se dedicam principalmente à agricultura. Entretanto, nessa região existem alguns empreendimentos que são considerados exitosos e outros que existiam, mas que ficaram pelo caminho.

Fotografia 197 - Cusco, Patrimônio Cultural da Humanidade



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

4 Diretora de Turismo da Regional de Comércio Exterior e Turismo. Licenciada em Turismo.

Ressalta a referida informante Karen Nin que, em nível de Serra, a referência é o TRC que vem sendo desenvolvido pela comunidade andina *Tierra de los Yachaqs*:

> [...] que se han unido que pertenence a todo lo que es Calca y Uru Bamba y a diferentes distritos está Lamay, está Pisac se han unidos ellos y com apoyo de una Fundación CODESPA que es una ONG española.

A Tierra de los Yachaqs (Fotografia 198) já vem desenvolvendo seu produto e está em outro nível, pois estão fazendo seu merchandising, atendendo a eventos e já se constituíram em uma empresa: "[...] Entonces, eso es lo que se busca con los otros empreendimeintos, no? Pero nosostro brindamos apoyo a todos los que son emprendimientos de TRC, pero en la región Selva de la región Cuzco son pocos".

Fotografia 198 - Tierra de los Yachaqs



Fonte: peru-travel.com, 2020.

Nesse sentido, a partir dessas duas gestoras de turismo da região, vê-se que o turismo emerge como uma atividade complementar às comunidades. Entretanto, a informante Karen Nin alega que, por muitos anos, o governo não estava considerando muito, em termos de investimentos no turismo, a parte da selva da região de Cusco, e explica o motivo:

> la selva que nosotros tenemos está en la Convención y colide con lo que es Ayacucho, lo que es el VRAE que es el Valle de los Ríos Apurímac, Ene y Mantaro], esa es la parte de la selva de la región Cusco. Entonces, son unas zonas que han sido por muchos años y hasta ahora inclusive consideradas zonas perigosas, por qué? Por la producción de hojas de Coca. Entonces, no son lugares a los cuales facilmente llega turista o han llegado turistas. Recién hoy en dia se esta empiezado a impulsar el tema de turismo en esa zona. Entonces se viene trabajando estratégia que pueden ser aplicadas. Ahora, el detalles también son bastante alejada, el tema de el inglés en estas zonas es muy difícil, no? Estamos hablando que por ejemplo la Convención que es Sera de Selva pero no es Selva en si, estamos hablando de que esta a cinco horas y este de Kimbiri, Echarate estas zonas el punto de Machinique ya estamos hablando de que se requiere dos o trés dias por al menos para llegar ahi, no? Entonces para hacer un pequeno recorrido. Entonces, muchas veces los turistas cuando llegan acá ya no tiene esse tempo, no? De cusco prefere a irse a Arequipa, a Puno o Machu Picchu, pero hay turistas que viene para el tema de la selva, el Manu, si hay turistas que combinan lo que es Machu Picchu con la Selva, no? (informação verbal).

Fica claro com o dito há que ter cuidados ao montar estratégias para o desenvolvimento do TRC que não comprometam a segurança dos turistas, visto que existem áreas em potencial, porém não propícias, devido à insegurança ao turismo.

A seguir, observa-se mais um depoimento de Jimmy Layche, que analisa a configuração do TRC na região de Madre de Díos:

> [...] Como que recién se está comenzando a tratar de organizar como decíamos no? no tenemos un han estado trabajando en realidad independientemente privados con iniciativas y esas iniciativas

> privadas lo no tiene bien identificado, lo que identifica uno es Infierno, Tres islas, con lo que tienen ¿no?, pero un ejemplo de turismo comunitario lo podemos ver a Infierno que está cerca no haber trabajo bien tema del uso de su carretera, biodiversidad, todo es un ejemplo típico y también la zona de mano con Mojarras que están comenzando a articular y trabajar más pequeños los pueblos Harakmbut y Coximba, son una etnia netamente Madre de Dios ya entonces porque en caso de ingresar adaptándolos la comunidad Shipiba que es la comunidad que vienen de otro lado ha decidido migrar pero los negros de acá son Harakmbut, todos ellos están trabajando, quieren trabajar en un turismo comunitario, pero lo hacen como empresa privada no lo están haciendo como asociatividad. Entonces, al no hacerlo como asociatividad están limitadas un poco de poder participar en los fondos concursables que el Estado va a dar, mejor dicho, el Gobierno regional, pero si participan en los fondos del Estado nacional, entonces esa innovación que ellos tienen de poder articular está siendo que bueno desde el punto de vista informal han comenzado, pero ahora se están alineando, el tema de la formalidad está comenzando a crecer porque Puerto Maldonado no tiene un atractivo turístico (informação verbal).

O informante acredita que a única maneira de se poder desfrutar ou de poder fomentar o turismo seria por meio do TRC, que é um atrativo e que em outros lugares está mais desenvolvido em termos numéricos:

> [...] y ahorita estoy en una reunión internacional en Bolivia para poder impulsar el tema de turismo comunitario estarán los tres de Innovate y varios representantes nosotros Universidad y todo. Ver esa articulación del turismo comunitario entre ambos países utilizando el eje carretero. Esa es la proyección que se quiere hacer ahorita, pero la gran mayoría son iniciativas privadas, de inversión privada. Lo que vi que es una empresa que hay Rainforest le contrata a iniciativas privadas que nacen a partir de iniciativas privadas grandes Rainforest la apertura de varias iniciativas. Ahora incluso los guías son nativos que han estudiado tienen un billetito y casi la marea de gente que tienen terrenos en Cartagena en sus terrenos o hacen en sus terrenos esas iniciativas. Y lo que ellos buscan el asesoramiento técnico para formalización, cocina y otras cosas que está bien (informação verbal).

Depreende-se, portanto, a partir do relato do entrevistado, que na região de Madre de Dios, em termos institucionais, o TRC está ainda iniciando, com exceção para comunidade de Inferno e para os Mojarras, este último em estado embrionário. Alerta, também, para o fato de que os Harakmbut estão trabalhando como empresa privada e não como associativismo, o que, de certa maneira, mais adiante, não terão a oportunidade, por exemplo, de participar de fundos estaduais que promovem o TBC. Ele acredita que o TRC é uma alternativa ímpar para Puerto Maldonado (Fotografias 199 e 200) e que, no momento, o governo está em articulação com a Bolívia para discutir novas possibilidades para o TRC nessa região peruana.

Fotografias 199 e 200 - Puerto Maldonaldo (Tambopata)



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Para Willians Berríos, os termos turismo vivencial e Turismo Comunitário têm o mesmo sentido. Para alguns, é vivencial, para outro é comunitário ou ainda alternativo, ou seja, isso depende de como se vê as teorias. O que importa realmente é conviver com as comunidades, seus usos e costumes. É necessário vivenciar seu cotidiano para que o turista aprenda e compreenda seu comportamento e as carências que se tem, pois, muitas vezes, o visitante conhece a comunidade apenas por um dia.

Diz o entrevistado Willians Berríos que, geralmente, é o turista europeu que vem. São jovens, estudantes a fazer algum estudo ou conhecer como vivem as pessoas do lugar. Como se está com a ecologia tão deteriorada, tratam de buscar alternativas e ensinar as comunidades nativas a cuidar de seus bosques; é uma maneira de se construir, porque se está em uma Era de depreciação. Tem-se na região, lamentavelmente, a mineração ilegal que está avançando. Com uma economia sustentável, é possível buscar mecanismos de energia renovável, para que não façam uso de energia fóssil.

Sobre o tema mencionado imediatamente acima, o Ministério de Energia e Minas está desenvolvendo alguns projetos, instalando os painéis solares para o desenvolvimento de suas tecnologias. Isso deve aliviar suas necessidades por serviços básicos como luz e água.

O TC é um impulso às comunidades, para que trabalhem com uma economia limpa e cita o exemplo de quando esteve recentemente na CNI para participar de uma festa que reúne todas as comunidades da região, com o fito de apresentar suas danças, sua gastronomia, seu artesanato e seus desportos.

A continuar, o interlocutor Willians Berrios comenta que a CNI é uma referência para as demais comunidades. Ele explica que:

> Todas quieren ser como Infierno, un por la cantidad de visitantes otra por la cantidad de ingresos que tiene y todas las comunidades ya empiezan a ver a Infierno como un piloto o un ejemplo que quiere desarollar una económia limpia, sin chaminé, que es turismo vivencial y para eso hay comunidade haciendo sus trabajos, KOTSIMBA que también tiene un Albergue otra tambien tiene es Boca Pariamano tiene una maloca que son los albergues también para el turismo ya recibi turistas externos también internos, nacionales o internacionales esta recibindo y Chunonaveia por el Rio Madre de Dios, las piedras, uno vien en la travesia de ese turista estranjero que también van con lo botes, algunos por comunidades vino desarollando pesca, caza com ellos, vino el avistamiento de aves, otros vino buscando la naturaleza que puede brindar más esa oportunidad para el ser humano en caso de la medicina tradicional que se está perdiendo (informação verbal).

Pelo exposto, vê-se que a CNI é exemplo de TC que está fazendo escola, ou seja, se reproduzindo como modelo para outras comunidades de como se fazer uma economia limpa.

De maneira geral, segundo Williams Berríos, o TC na CNI tem se traduzido como modernização no que tange à economia do lugar. Os albergues já têm seus painéis solares, serviços básicos já estão disponíveis para o turista, o pessoal já sendo capacitado para oferecer um turismo de qualidade para que possam vender melhor seus produtos. Diz que:

> El turismo es un inversión que existe es un proyecto a corto y largo plazo. El modelo de Infierno, bueno, ya viene de muchos años atrás mejorndo cada ves más su cualidad de atención al turista, no? Nacional o estranjero. Ellos tiene buenos sítios y tambien estan se capacitando, se están modernizando, no? El ingresso que ellos tinen me parece también que se distribue por la población eso es un beneficio que hay ese tipo de economia turistica, no? Y eso es bueno porque sé que este ejemplo para otras comunidades que están tratando de imitar a lo que es Infierno, por su mismo ingresos porque ya estan asi a nível nacional y internacional y por segundo porque yo tengo entendido que Kotsimba que hacindo algo similar a Infierno y la que sigue Boca Pariamanu en ese sector que dentro de la jurisdicion de la Provincia, no? (informação verbal).

Em suma, pelo fato de a CNI ter logrado êxitos que se expressam em benefícios, outras estão seguindo na mesma direção.

Acerca de outras iniciativas da CNI, Williams Berríos comenta que o Ñape Lodge está crescendo, oferecendo serviços turísticos. Menciona ainda que, assim como a CNI existe outros corredores turísticos pequenos que levam em barcos de três a quatro horas onde está localizado o Lago Valencia, o Lago Sandoval e a "cachoera planta", que é um novo circuito que está sendo criado, visto que, cada vez mais, o Departamento de Madre de Díos recebe turistas, pois estes vêm de Cusco e em seguida para a Selva. Esses destinos para o turista, tanto nacional quanto internacional, são espetaculares, por causa das mudanças de paisagens.

Complementa em sua fala, Williams Berríos, que existe também a comunidade Monte Salvado, que também tem uma casa, e de certo modo recepciona turista com os melhores serviços. De maneira geral, o turismo chega a quase todas as comunidades porque vêm pilotos, evangelizadores, e técnicos de organismos de cooperação internacional que estão buscando novas alternativas de energia renovável e assim vão visitando todas as comunidades, no sentido de apoiá-las para que sigam cuidando da floresta amazônica.

Perguntado se a subgerência de comunidades nativas e participação trabalham com o meio ambiente, Williams Berríos afirma que os programas sociais e municipais estão sendo articulados em benefício das comunidades. Diz que as

> [...] ayudas municipales que llevamos salud llevamos este Registro Nacional de Identificación para que ellos puedan acceder a una cédula, a un DNI para que tengan acceso a los programas sociales empadronamos para que tenga los beneficios del Estado que son "Vaso de Leche", "Programa Juntos" y "Pensión 65", a través de una ficha que nosotros manejamos con el Ministerio de Desarrollo Social. Nuestra labor es articular con todos los organismos que hagan labor hacia las comunas nativas y a la vez impulsar el desarrollo de las comunidades que revalorizar sus usos y costumbres y la cultura ancestral que se está perdiendo y nosotros buscamos también articular con cooperantes que quieran hacer sus trabajos de investigación con las comunidades, para eso nosotros tenemos como aliado estratégico de FENAMAC, que es el Federación Nativa del Río Madre de Dios y Afluentes) que es nuestro aliado principal quienes ellos manejan y mapean todas las comunidades del departamento pues la adjudicación es regional de ellos. Nuestra función es provincial y es nuestro aliado principal para nuestras actividades con las comunidades nativas (informação verbal).

Ademais, o entrevistado explica que a municipalidade impulsiona feiras de empreendedores aos sábados. Buscam com que as comunidades

impulsionem sua economia, seus produtos. Outorgam-lhes permissões de uso nas ruas. Trata-se de uma zona comercial e turística disponível para operadores. Existe outra feira artesanal que está no Cais, mas que não vêm muitos turistas estrangeiros. São esses, portanto, os trabalhos desenvolvidos por essa Subgerência municipal.

Por outro lado, diz o informante que está a procurar uma zona fixa para que esses possam trabalhar, dinamizar a economia, porém, esse tipo de feira incomoda outras pessoas por isso estão suspensas. Há várias reclamações por causa dessa paralisação temporária desses eventos, pois é uma forma de impulsionar suas atividades. A ter como exemplo, há feiras programadas por ano com diferentes organismos. Cita o Ministério da Cultura com o qual trabalha. Há feiras gastronômicas e artesanais e no dia 10 de setembro, ter-se-á uma feira intercultural de crianças, que vão a diferentes comunidades de Puerto Maldonado para mostrar sua cultura. É uma expressão de turismo vivencial para o turista que está de passagem, que pode ver danças e outras manifestações de suas culturas.

No que concerne às relações do turismo com as comunidades nativas, o informante Williams vai discorrer sobre preços justos e serviços que sejam confortáveis para que as comunidades consigam se sustentar. Porém, para tanto, há que se trabalhar com muitas comunidades porque estas não estão a par do significado de qualidade que muito turista busca. Por essa razão, é preciso capacitar as comunidades para que estas estejam preparadas para recepcionar turistas. Esse trabalho está sendo articulado pela Subgerência de turismo com a Direção Regional de Turismo. Isso é importante porque há necessidade de preencher certos requisitos para que se possa promover por meio da página do Ministério de Comércio Exterior e Turismo (MINCETUR).

Sobre o relacionamento entre o MINCETUR, o governo e a prefeitura com relação ao turismo nas comunidades, Williams Berríos declara que o MINCETUR se articula com o governo regional que é representado pela

Direção Regional de Turismo que, por sua vez, se articula com a Subgerência de Turismo e Meio Ambiente, a qual coordena as atividades por meio de um trabalho com aliados estratégicos. Detalha que, para evento que se faz, forma-se um comitê multisectorial e fazem-se trabalhos para lançar projetos de turismo, seja em lagos, seja na rua da Cachuela, seja no Inferno. Faz-se um trabalho articulado para impulsionar o turismo.

Para Williams Berríos, um dos principais problemas para implementar o turismo vivencial ou comunitário seria a capacitação e outro seria o investimento, pois, segundo este, primeiro se capacita, depois investe-se e na sequência se promove.

Quanto ao potencial que as comunidades têm para trabalhar com o turismo, o interlocutor Williams Berríos explana que todas têm algum potencial e explica que as *Arazaire* têm suas cataratas e *Kotsimba* tem parte uma parte de cataratas e um rio espetacular. Nesses espaços, pode-se fazer turismo vivencial porque há avistamento de animais como felinos e aves, além de mariposas e outros insetos. Todos têm sua cosmovisão, seu atrativo, porém, umas melhores, que outras devido à localização e ao seu formato. Por fim, todas têm algo a mostrar com relação a sua vegetação.

A exemplificar, o entrevistado Willians Berríos menciona que se se capacita bem uma comunidade que se dedica a cultivar flores ornamentais. Existe um público visitante que compra esse tipo de flores como os biólogos que estudam sobre essas, e se tem isso no lugar. Cita as orquídeas e diz que se pode impulsionar esse tipo de negócio. E ainda fala de lugares especiais onde se pode avistar araras e papagaios (*Psittacidae*), além de onças, tigres e outros mamíferos.

Além das atividades de sobrevivência como a caça, a pesca e a venda de artesanatos, o turismo é algo muito rentável em algumas comunidades, e em outras ainda não, pois precisam estar preparadas para isso. Segundo Williams Berríos, existe a ajuda do governo com os programas sociais como, por exemplo, o “vaso de leite”, quando se dá as crianças leite com farinha

fortalecida, e o Ministério dá aos estudantes de Colégio o *Qali Warma*, que são cafés da manhã e almoços escolares. Esses tipos de programas têm ajudado às comunidades.

A política de turismo no Peru está desenhada da seguinte maneira: existe um MINCETUR, em Lima, que é o ente encarregado de estabelecer as políticas e os delineamentos, em nível de Peru, de todos os assuntos relacionados ao turismo e a ter por base o Plano Estratégico Nacional de Turismo (PENTUR), conforme Pentur (2019). Cada região peruana deve ter seu Plano Estratégico Regional de Turismo (PERTUR), conforme a lei orgânica dos governos regionais, e no caso do Departamento de Cusco, este documento está sendo atualizado. A Direção de Turismo está na estrutura organizacional e integra a Diretoria Regional do Comércio Exterior e Turismo (DIRCETUR/CUSCO), que, por sua vez, compõe a Gerência de Desenvolvimento Econômico do Governo Regional de Cusco.

A diretora de turismo da DIRCETUR/CUSCO, Karen Nin Monterroso[5] relata também que "[...] nosotros somos los encargados de hacer cumplir a nível regional todas esas normativas. No instante, depiende del gobierno regional y tenemos certa autonomia en las actividades que realizamos" (informação verbal). Esta, portanto, é a configuração da institucionalização nacional e estadual da política de turismo peruano.

No que respeita aos governos locais, tomou-se por embasamento para o desenho institucional do terceiro nível de governo, a informação dada pelo Especialista de Turismo da Municipalidade Provincial de Tambopata, pertencente ao Departamento de Madre de Dios, Alfredo Herrera Quispe, que diz:

> [...] los gobiernos locales más tienen un rol de promotor y articulador. En función a las políticas que se dictan tanto a nivel nacional y regional. Dentro de la Municipalidad, nosotros, orgánicamente estamos o dependemos de la Gerencia de Gestión Ambiental.

[5] Licenciada em Turismo.

Entonces parte de esa gerencia es la Subgerencia de Medio Ambiente y Turismo. Así es entonces y a partir de ahí nosotros trabajamos dos, los temas, por un lado, el tema ambiental y por otro lado el tema de turismo. Esa es la estructura orgánica que tenemos (informação verbal).

No que concerne ao que se pode chamar de nível comunitário de governo, está a Sub-gerência das Comunidades Nativas e Participação Cidadã da Municipalidade Provincial de Tambopata, que, de acordo com o Subgerente, Willians Berríos Arbulo[6], esta depende da Gerência de Desenvolvimento Social e que tem como principal trabalho auxiliar os grupos vulneráveis, neste caso, as comunidades nativas no que diz respeito ao fomento do desenvolvimento de suas línguas, sua educação, serviços básicos, e ainda implantar mecanismos para ajudar suas respectivas economias. Exemplifica o entrevistado algumas atividades que esta Sub-gerência promove junto às comunidades:

> en ese caso haciendo ferias para que ellos puedan vender sus produtos, impulsando también con la Subgerencia de turismo, el turismo vivencial en algunas atividades que tiene ya su malocas, que son sus cuartos que brindan a los visitantes, no? Ya hay comunidades que ya están brindando este servicio. La más cercana de acá que hay es Boca Pariamanu que tiene su maloca para ocho o nueve personas, tenemos la de Infierno que es la más conocida y todas las comunidades de la jurisdición de la Provincia de Tambopata que son 17, todas tiene un lado turístico que mostrar, unas más que otras, no es verdade? Y también estamos viendo la forma de capacitalos para que ellos puedan acender a diferentes programas de el gobierno para que puedan serem capacitados y brinda um servicio de cualidad a todo lo turista que necessite conocer la parte de Selva y hacer algunas investigaciones, no? Por hemos plantas, tenemos animales, tenemos microclimas em diferentes lados y la naturaleza que es cambiante, no? Tenemos toda una cierta gama de servicios que brindar a la humanidade porque

[6] Licenciado em Sociologias e doutorando em seguridade nacional.

> somos uno de los pulmones que esta quedando y segimos trabajando para ellos, no? Y seguimos trabajando para que las comunidades sean autosostenibles em diferentes formas: una seria el turismo vivencial, basando en la economia de mercado y tratando que ellos elaboren sus produtos, que son muchas veces los colares, las pulseras, canastras, tejidos, têxtil pintado que ellos oferecen al visitante y oferecen a sus comunidades no? También outra forma de subsistencia de ellos es la pesca, la caza y el auto semblio (informação verbal).

Em linhas gerais, o gestor aponta para as questões de comercialização dos serviços turísticos, da possibilidade de capacitação nas comunidades que já desenvolvem o turismo e da cadeia produtiva do artesanato, além de indicar a necessidade da subgerência seguir trabalhando junto com as comunidades para que elas se tornem autossustentáveis.

5.3 Notas breves sobre o turismo de selva no Peru

Ao realizar uma panorâmica do turismo de selva na Amazônia peruana, o informante Andrés Salazar[7], responsável pelo posto de informação da IPeru de Puerto Maldonado (Fotografia 201), diz quais seriam as principais cidades e seus respectivos Departamentos: Puerto Maldonado, no Departamento de Madre de Dios, Pulcallpa, no Departamento de Ucayali e Iquitos, no Departamento de Loreto. Há também Tarapoto, mais próximo à selva, no Departamento de San Martín. Como a metade da selva está em Pulcallpa e Tarapoto, estas recebem um pouco mais de turistas nacionais e Puerto Maldonado e Iquitos, mais turistas estrangeiros.

---

7 Assistente em exercício, Ordem de Serviço.

Fotografia 201 - Posto de informação e assistência ao turista



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

A maior cidade da Amazônia peruana é Iquitos e seu acesso apenas pode ser por via fluvial ou aérea. No caso de o visitante optar pela fluvial, pode-se deslocar de barco até Pulcallpa, o que em média leva cinco dias, ou de Tarapoto até Yurimaguas, usando carro e depois barco, o que demora em média três dias e três noites aproximadamente, com um gasto médio de USD 27,19 a USD 40,79. Avalia o entrevistado Andrés Salazar que Puerto Maldonado é o destino mais caro, por causa da mineração e por causa do Parque Nacional Manu (PNM), que se constitui no produto turístico mais dispendioso daquele país, em termos de turismo de selva.

Em uma análise ainda sobre o turismo de selva, outro entrevistado, Jimmy Layche, informa que Iquitos tem feito, por muitos anos, uma promoção boa deste destino, e consegue vender bem o que chamam de turismo vivencial nativo, muito mais que o apelo em biodiversidade. Seria um turismo mais cultural, porque se vendem os pratos típicos amazônicos.

> [...] el Juane, también vende el pescado, vendes lo que sea y casi es una gastronomía paralela a la ecuatoriana o la brasilera, en casi toda la Amazonía vas a encontrar ese tipo de gastronomía muy parecida, como te decía el tema de gastronomía lo que vende Iquitos, vende Pucallpa, vende Tarapoto y hay que tener en cuenta que también las conexiones aéreas a pesar que Loreto no tiene conexión terrestre ¿no? es fluvial pero ese tipo de turismo es lo que vende, también. Van a hasta San Martín y agarran una carretera la carretera Yurimaguas y de ahí se van en bote tres días en lancha grande, en lancha de tres o cuatro pisos y es un tema de todas maneras de poder aprender y disfrutar y las rutas aéreas son mucho más cómodas. Lo que te sale venir a Puerto Maldonado un pasaje que te sale 800 soles o 300 soles a Iquitos te sale 300 soles, son 50 soles, depende de la temporada y tiene las cosas, ya tiene un turismo mejor trabajado, pero en estos últimos años este el incremento turístico en Madre de Dios se está dando bastante por el tema de biodiversidad ¿no? los albergues y la fuerza que se estaba haciendo de promoción de biodiversidad en especies endémicas en peligro de extinción (informação verbal).

No entendimento do entrevistado, o tema da mineração também tem incrementado o turismo, mesmo que indiretamente, mas também aponta o aumento da delinquência em outras cidades como Iquitos, fator este que tem diminuído bastante seu fluxo turístico. No que tange à questão da conectividade e de custos afirma que:

> ha hecho que un montón de todas maneras fluyan, pero las agencias de viajes han puesto en pilas más acá, el tema de competitividad, [...] entonces, conozco el tema del flujo turístico también involucra, Loreto es un monstruo por la extensión territorial [...] y las conexiones son muy largas están en la ciudad para ir a otra ciudad tienes que ir en lancha en bote y te involucre un costo más alto, pero esos son factores que puedes trabajar el tema del ecoturismo. Entonces, Madre de Dios más bien se ha hecho corto en Loreto y otros lugares no haya una especie de fauna cerca. Fíjense que anda horas acá en Madre Dios te vas al Puerto o cinco minutos aulladores, caimanes, ronroco porque no hay una costumbre de consumo. Pero lo que ha hecho

> de Madre de Dios no ser tan difundido como Amazonía desde hace mucho tiempo porque no cuenta con la identidad amazónica propia (informação verbal).

A complementar e seguindo ainda a análise do entrevistado acima, afirma que tanto Pucallpa como Iquitos são os principais portos de conexão dentro da Amazônia peruana, porque Pucallpa abastece Iquitos através de seu porto principal, utilizando a estrada que vai de Lima ao Norte. Portanto, essa via é a única conexão direta, uma vez que San Martín se conecta somente com o Cerro de Yurimaguas, em Loreto, e não se pode ir ao Puerto de Iquitos, um enorme porto amazônico, igual ao de Pucallpa. Informa ainda que tanto Madre Dios como San Martín não contam com um porto comercial, somente dispõem de malha aérea.

Turismo na Região de Madre de Dios: aspectos gerais e do TRC

Ao caracterizar o turismo na região de Madre de Dios, a informante Flor de Matilde Zuñiga comenta que:

> El turismo que se viene desarrollando acá, más que turismo es una especialidad, porque implica Amazonía implica biodiversidad; no es el turismo tradicional que tenemos a nivel Perú, es 100% turismo de biodiversidad por tanto ecoturismo, sé que el ecoturismo es una especialidad y que se necesita sacar a muchos documentos y reconocimientos, es todo un proceso y todos los moradores de la región deberíamos estar en este proceso. Caso Costa Rica ¿no? pero estamos muy lejos de esta realidad (informação verbal).

A seguir, ainda a linha de análise da entrevistada e também sob a perspectiva da Direção Regional de Comércio Exterior e Turismo, diagnostica que a atividade turística não deva ser apenas turismo simplesmente, mas ecoturismo. E ainda aponta o turismo de aventura

também com uma conotação ecológica, porque a região é biodiversa. Quase todo esse território está dividido entre cinco áreas naturais protegidas: Parque Nacional Alto Purús, Parque Nacional Manu (PNM), Reserva Nacional Tambopata, Parque de Bahuaja Sonene e Reserva Comunal Purús. Assim, por todos os lados existem áreas naturais protegidas, o que não sobra muito espaço para produzir, por exemplo, produtos agroflorestais em quantidade e comenta que:

> [...] es más poco, entonces nuestro producto de nuestros productos a nivel de la región debería ser vendidos a nivel de especialidad, a nivel de nichos de mercado para poder llegar a un determinado grupo de personas y no todo un bloque, no más sino cosas específicas, específicas definitivamente y el turismo es eso, lo que se vende acá ¿no? son cosas específicas, observación de aves, caminatas de noche, observación de mamíferos, insectos, cosa que en la parte de los Andes o la Sierra no hay pues, en la mañana hacer turismo de aventura o turismo histórico o tradicional, las visitas de referencias históricas, visitas a museos, o galerías. Pero no es tanto turismo de naturaleza como acá (informação verbal).

Sem desviar da explicação da informante, segundo Araújo (2015), é importante sublinhar que hoje uma das maiores inquietações, com relação à criação de UC, não é somente a proteção daquela biodiversidade, mas, sobretudo, as conexões desta com as populações humanas que moram na mesma área, uma vez que essas UC são criadas em áreas habitadas.

Segundo dados estatísticos, coletados no escritório da IPERU/ Puerto Maldonado, o Departamento de Madre de Dios, no quesito recursos turísticos mais visitados por estrangeiros e nacionais (% de participação dentro do total) recebeu no ano de 2017, na Reserva Nacional de Tambopata, 93,0% e no PNM, apenas 7,0. Com respeito aos visitantes estrangeiros e nacionais aos principais recursos turísticos a região, ver quadro abaixo:

Quadro 6 - Visitantes estrangeiros e nacionais aos principais recursos turísticos (2013-2017)

Visitantes	2013	2014	2015	2016	2017
Estrangeiros	34.432	39.859	40.923	45.746	49.055
Nacionais	6.956	6.967	9.042	12.421	10.250
Total	41.388	46.826	49.965	58.167	59.305

Fonte: PERU. MINCETUR, 2015, ajustes e elaboração da autora.

A partir desses dados, pode-se apreender que o número de visitantes vem aumentando anualmente e que o principal visitante das áreas naturais – RNTAMB e PNM é o turista estrangeiro. Note-se ainda, menos de 10% de visitantes ao PNM.

Outro dado importante, que auxilia na caracterização do turismo em Madre de Dios, diz respeito à origem de procedência de seus visitantes e ao tempo de permanência médio (por noite) de acordo com a tabela 1 a seguir:

Tabela 1 - Procedência de seus visitantes e tempo de permanência médio de Madre de Dios.

País	Nº de turistas	Permanência média (pernoite)
Estados Unidos	18.782	2,2
Brasil	9.879	1,1
Reino Unido	8.556	2,3
Outro país da Europa	7.355	2,3
Oceania (Austrália &)	7.017	2,2
Alemanha	5.913	2,2
Canadá	5.524	2,1
França	5.377	2,0
Demais países	18.918	2,0

Fonte: PERU. MINCETUR (2015).

Verifica-se que a liderança dos turistas norte-americanos na região reflete a chegada desses ao Peru, entretanto, não aparecem na tabela acima os turistas chilenos, que são a maior fatia do mercado peruano, depois dos estadunidenses, o que significa que estes não visitam a região.

No que diz respeito à oferta de hospedagem na região, verifica-se um crescimento moderado no total de equipamentos tanto os não-categorizados quanto os categorizados. Ver quadro 7:

Quadro 7 - Oferta total de hospedagem na região de Madre de Dios (2013-2017)

Oferta	2013	2014	2015	2016	2017
Não categorizado	201	218	239	245	258
Categorizado	14	17	22	23	26
Nº de leitos	**2013**	**2014**	**2015**	**2016**	**2017**
Não categorizado	3.072	3.149	3.327	3.522	4.107
Categorizado	392	509	640	733	852

Fonte: PERU. MINCETUR (2015).

Percebe-se no quadro acima, também, um aumento, tanto em meios de hospedagem não categorizado quanto categorizado. Isso sinaliza, portanto, que o setor de turismo em Madre de Dios está em ascensão. No quadro abaixo (X), essa mesma análise pode ser feita com relação ao aumento de leitos, menos na categoria Ecolodge, onde há um decréscimo um pouco significativo.

Quadro 8 - Oferta segundo a categoria na região de Madre de Dios (2013-2017)

Categoria	2013	2014	2015	2016	2107
3 estrelas	3	5	3	4	5
2 estrelas	3	4	7	8	9
1 estrela	2	2	4	4	4
Albergue	3	3	6	7	8
Ecolodge	3	3	3	-	-
Leitos					
3 estrelas	107	165	123	174	192
2 estrelas	80	108	179	216	234
1 estrela	29	40	76	82	87
Albergue	64	84	176	261	339
Ecolodge	112	112	86	-	-

Fonte: PERU. MINCETUR (2015).

Perguntado acerca do turismo na região estudada, Jimmy Layche tece algumas considerações capitais. Em primeiro lugar, afirma que, recentemente, fez-se um trabalho de articulação, uma vez que este encontrou a Direção, no mês de abril de 2019, com um pouco de informalidade. E ainda em um momento muito crítico, porque entre os meses de janeiro e fevereiro deste mesmo ano, ocorreu um assalto a um albergue da região, o Inkaterra, onde assassinaram um guia de turismo e logo em seguida houve outros assaltos a vários centros turísticos.

Adicionalmente, o entrevistado diz que isso se deu à medida que o Governo, no mês de janeiro, interditou a zona La Pampa – zona da mineração ilegal. Ao fazer a interdição militar, bombardeando tudo, menciona que são capazes de fazer um plano de contingência para visualizar para onde poderia ir toda essa gente: "[...] esa gente informal y cuando hicieron o comenzaron

a irse a otro lugar estamos hablando de 5.000 personas de informales en el lugar que se metieron a acciones de trabajo muy muy privadas".

E em decorrência dessa ação governamental, o turismo, em geral, teve uma queda bastante acentuada e explica Jimmy Layche que:

> [...] no lo que estuviéramos más o menos 300, 300 mil ¿no? Sí, 20 mil a 300 mil arribos por año ¿no? Se bajó bastante, bastante más de la mitad, ni siquiera teníamos 20 mil arribos a mitad de año, arribos internacionales y nacionales durante el cual de todas maneras tratamos de impulsar y generador desde el Gobierno las acciones inmediatas para desarrollo (informação verbal).

Ressalta ainda o referido informante que:

> [...] estamos recuperándonos se tuvo la acción inmediata de fortalecer el tema de protección al turismo nacional el cual presido con las Fuerzas Armadas Policía y todo para resguardar el tema al turismo ¿no? solamente extranjeros nacional ni local. Felizmente todo se tranquilizó y se comenzó a hacer el tema de la promoción fuerte con el Gobierno Nacional. Le pedí al gobierno nacional que se dé un tema de promoción y seguridad. Las dos cosas obtuvimos incremento el número de policías de turismo. Tuvimos una tercera en 5 millones para adquisición de carros y vehículos para policía. El Ministerio de Comercio Exterior al Ministerio del Interior. Entonces, esto va a ayudar a fortalecer y aumentar y a tener la garantía de seguridad de las principales agencias internacional del cual estamos comenzando a entender el tema de la confianza (informação verbal).

Avalia o informante que nos últimos trimestres houve um pequeno crescimento, como se pretendia, mas se projeta que no próximo ano, de 2020, haverá uma melhoria no fluxo turístico. No que diz respeito aos grandes albergues da região, comenta que não foram afetados, porque já possuem um posicionamento no mercado e trabalham com operadoras internacionais. Conclui que, ainda, a mineração é uma atividade muito forte na economia local e que ao interditá-la na sua totalidade, teve-se uma recessão econômica bastante grave porque é a Câmara de Turismo que:

> se encarga de ver el turismo local, hoteles y restaurantes, tuvo un bajón muy grande se puede decir que prácticamente llegaron a tener ocupabilidad cero en los primeros días teniendo nuevamente completo y los flujos de comercio que involucra el comercio también con este centro del turismo local y nacional más aún por visitas de negocio que supuestamente se presume que es por la actividad de la minería comprada y todo lo demás (informação verbal).

Além da questão posta imediatamente acima, o entrevistado coloca o tema do abuso sexual infantil feminino em alguns hotéis, e que o governo está tomando providências urgentes, a partir de denúncias, para evitar a prostituição ou qualquer coisa dessa índole. As ações consistem em:

> "[...] un barrido a los diferentes hoteles en temas de formalización estamos hablando hoteles de ciudad, no albergues, los albergues están en el marco de la ley, no hay ningún problema pero los hoteles de ciudad para que cumplan los requisitos y puedan cumplir con el Programa Nacional de Trata de Personas ¿no? (informação verbal).

No entanto, complementa que, apesar de se estar fazendo alguns ajustes, depara-se com algumas contradições como, por exemplo, a falta de orçamento, pois se trata de um trabalho multissetorial do qual:

> [...] nuestro objetivo y el objetivo del gobierno es impulsar el desarrollo en la ciudad como tal y la región, estamos haciendo la identificación de principales productos turísticos y ver la oferta exportable turística y la oferta exportable comercial a través de la carretera interoceánica, de un flujo entre el Atlántico y el Pacífico (informação verbal).

Acrescenta, ainda, que este tipo de trabalho não está sendo feito somente a nível de Madre de Dios, mas, a nível de toda a macro sul com as regiões em que estão Cusco, Puno, Arequipa, em todo o eixo da Interoceânica, como o fito de promover o turismo regional no sul. E assim, ter um mercado potencial, tanto do Brasil como da Bolívia para quem quiser conhecer Cusco. Trabalham ainda com a possibilidade de aproveitar esses turistas para que fiquem ao menos uma noite em Puerto Maldonado, a considerar que as rotas de Iñapari, Iberia ou Cuzco possam almoçar aqui e seguir até Cusco.

Além disso, menciona que "Ahorita se ha mostrado una arrone en Cusco y tenemos bastante influencia de ciudadanos brasileros y bolivianos", e segue afirmando:

> [...] queremos ver qué quedamos en Puerto Maldonado porque casi las similitudes geográficas, ecológicas entre Brasil, Bolivia y Puerto Maldonado son iguales todos nosotros vendemos biodiversidad, al menos una capital de biodiversidad y más bosque más biodiversidad. Tenemos que impulsar porque eso está focalizado en otro grupo de viajeros extranjeros no europeos y estadounidenses pero que podemos dar dentro de la ciudad para estos viajeros que están en camino por descartar este tema. Cómo se está abriendo el pase frontero con Bolivia. No el cual va a haber dos cosas. Uno es el desarrollo fronterizo entre Bolivia y el otro es que va a disminuir el paso de frontera de Iñapari Porque usted Cobija es un paso brasilero, no? (informação verbal).

Ademais, é mais fácil entrar pela fronteira brasileira a Cobija e retirar o passe fronteiriço boliviano, porque as exigências aduaneiras bolivianas são mais flexíveis que as brasileiras e os empresários brasileiros estão pretendendo usar mais o passe de fronteira boliviano para seguir o fluxo comercial direto, uma vez que o Brasil cuida bastante do tema de impostos e de outros, de modo normativo. Segue afirmando que

> Ellos te meten todo tipo de productos, pero son muy exquisitos porque los productos peruanos pasan al mercado brasileño, pero esta vez es diferente el mercado boliviano que sea una externalidad directa y eso tiene que ver con el flujo también turístico porque hay mucha gente que quieren conocer ese corredor turístico para la ruta del pescado o la ruta de la chiringa que es la goma el caucho y otras rutas más productivas que se puede hacer en ese camino que tenemos dos horas de Puerto Maldonado. Y tratar de impulsar eso es un trabajo que tenemos que hacer a nivel de gobierno central el Gobierno regional y con la Oficina de Comercio Exterior de Relaciones Exteriores para ver temas de pases por hoteles que es prioridad y eso articular todas las macros. Eso es lo que estamos haciendo en el resumen prácticamente ahorita trabajando, pero para eso tenemos que hacer una identificación y una formalización de todo, poner en regla

> prácticamente todo el marco la ley, había mucho trabajo informal, trabajaba en lo informal pero ahora estamos trabajando en un foro como la minería siempre ha hecho una actividad que generaba trabajo informal todos iban a la informalidad y había buenos ingresos, dividendos y el costo de vida muy alto acá. Entonces, una coca cola que te cuesta todo dos soles un sol acá estaban vendiendo a cinco soles y si tú pones un sol más seis soles te llevas el ciclo económico estaba encapsulado en una economía cerrada informal y dentro de estos bien una actividad extractiva como la minería la madera que han estado número uno de la región tenemos actividades productivas dentro de esto el turismo que está comenzando a tener una posición más alta (informação verbal).

No tocante à perspectiva com relação à questão turística, o informante Jimmy Layche avalia que o objetivo é que o turismo seja uma das atividades produtivas e ecológicas fundamentais dentro da realidade da região e não concorda com a proposta de cobrar imposto a turista, pois alega este gera mão de obra dentro de albergues, a considerar que são pessoas da cidade que, indiretamente, movem toda uma economia e, consequentemente isso ajuda no desenvolvimento.

Diante desse quadro, e uma vez que Madre de Dios já tem um mercado fixo, a projeção é que haja um crescimento do turismo internacional, desde que seja levado em consideração o tema da segurança. O grande desafio é promover o turismo local e nacional, que também é um mercado potencial para vender Madre de Dios e fazer articulações para voos, pois o aeroporto local tem muito boas conexões e é o segundo aeroporto melhor implementado em nível nacional, com voos noturnos, e isso é porque, segundo Layche:

> tenemos un acuerdo con el gobierno boliviano ver cómo hacemos el aeropuerto de enlace con el aeropuerto de Cobija y con Brasil lo que están queriendo es proponer la utilización de un aeropuerto en Puerto Maldonado para que tenga una conexión directa con Manaos pasando la selva amazónica y poder tener una conexión directamente con Lima. Entonces, sería un puente aéreo que reduciría los costos

> de vuelo aéreo, pero para nosotros está bien, pero que se queden una noche es suficiente para mover la economía de la región, [...] una noche suficiente para llenar hoteles, eso mueve un restaurante, mueve todo y ahora lo que queremos trabajar es con el turismo de carretera también el flujo de la Interoceánica, pero tiene más que ver con las agencias de viajes. Todavía no entramos ahí, pero va a ser nuestro siguiente paso (informação verbal).

E, por fim, comenta sobre a triangulação de destinos, pois os turistas internacionais fazem os seguintes trechos: Lima-Cusco-Puerto Maldonado-Lima, ou vice-versa, Lima-Puerto Maldonado-Cusco-Lima. Algumas agências de viagem e outros departamentos, como Loreto, estão oferecendo preços melhores: "[...] te sale más barato ir a Iquitos, a Pucallpa, pero lo que nos favorece a nosotros es Machu Picchu es lo que jala".

A complementar a análise acima, segundo Alfredo Herrera, o que acontece é que o maior fluxo de turistas que vem a Madre de Dios passa primeiro por Cusco, e os operadores, tanto de Cusco, de Lima e de Madre de Dios, já venderam os pacotes turísticos. Então, o turista que geralmente vem ao Peru, vai à Machu Picchu, regressa e vem para Madre de Dios e depois logo vai a Lima. Portanto, desce-se do avião e recorre-se a qualquer operadora que, [...] lo llevan al albergue disfrutaran de su estadía de dos o tres días, regresan van otra vez al aeropuerto y están de vuelta en su país. Ese es el problema".

Nesse sentido, para a cidade, o benefício do turismo é indireto – é certo que o turismo gera divisas tanto para o país como para a região, mas neste caso, fica mais para os operadores turísticos, e isso se constitui como uma das preocupações da Municipalidade Provincial de Tambopata. Nessa direção, foram criados os famosos circuitos turísticos municipais, dentro da cidade, com os poucos atrativos que se tem, de tal modo que, na maioria das vezes, oferecem-se aos visitantes nacionais passeios locais aos atrativos dentro dos circuitos da cidade. Esclarece o entrevistado Alfredo Herrera:

> Arrancamos o empezamos acá por la Plaza de Armas. Algunos tenemos un mirador al costado la Plaza de Armas que es parque Group, por donde está el puente. Algunos pueden ir de visita a conocer las costumbres hacia Pueblo Viejo que es el que dio origen a Puerto Maldonado y a la provincia de Tambopata. Luego se puede hacer un circuito por río si es que lo desean los turistas o en su defecto un pequeño zoológico que tenemos denominado "Jaguar" que es de manejo privado. Luego van hacia el mariposario que es crianza de mariposas que también es de gestión privada y pueden terminar en el mirador de la biodiversidad al que nosotros denominamos obeliscos, que es una infraestructura diríamos (informação verbal).

Ainda, Alfredo Herrera aponta outros problemas do turismo na região. Além da questão da segurança, o tema de infraestrutura e a identificação dos atrativos turísticos estão deixadas de lado. No que diz respeito à infraestrutura, entende-se que o tema do turismo é transversal a toda a atividade, tanto de transportes como de alimentação e hospedagem. Explica ainda que:

> [...] todavía a nosotros nos falta implementar todo este tipo de servicios. En función a la necesidad del tipo de turista que visita Madre de Dios. Si bien es cierto que hemos avanzado, pero hay mucho todavía que falta por implementar en materia de infraestructura turística diríamos en la provincia de Tambopata. [...] hay proyectos que se están trabajando. Por ejemplo, hay un proyecto de mejora inclusive pavimentado del corredor turístico Bajo Tambopata, ¿no? entonces esperemos que esto se pueda implementar pronto. [...] acerca de la identidad de puestos, Madre de Dios tiene un gran potencial de biodiversidad quizás identificación de atractivos, de atractivos turísticos. Entonces, esto nos brinda la posibilidad de ir identificando aquellos atractivos turísticos que aún todavía no han sido plenamente inventariados y puedan entrar al servicio de esta actividad turística. Entonces, lo que nos falta es a nivel de la provincia en este caso nosotros como gobierno local. Y estamos en eso de ir identificando aquellas zonas que tienen particularidades a la que nosotros denominamos "atractivos turísticos" que hay que

> recuperarlos, poner en valor y poner en servicio o al servicio de los visitantes ¿No? estamos hablando por ejemplo de especies arbóreas o forestales. El tema místico. El tema de Lagos, lagunas ¿no? estamos hablando de Collpas de aves, de mamíferos entre otras cosas. Entonces, ahorita estamos trabajando con un emprendedor que está viendo el tema de la Castaña que está mostrando los centros de interpretación de la castaña, en este caso. [...] hay muchas cosas por rescatar. Identificar rescatar ponerlo en valor y ponerla al servicio del visitante. Entonces estamos trabajando en eso y esperamos contar con el apoyo del Gobierno Nacional y del Gobierno regional (informação verbal).

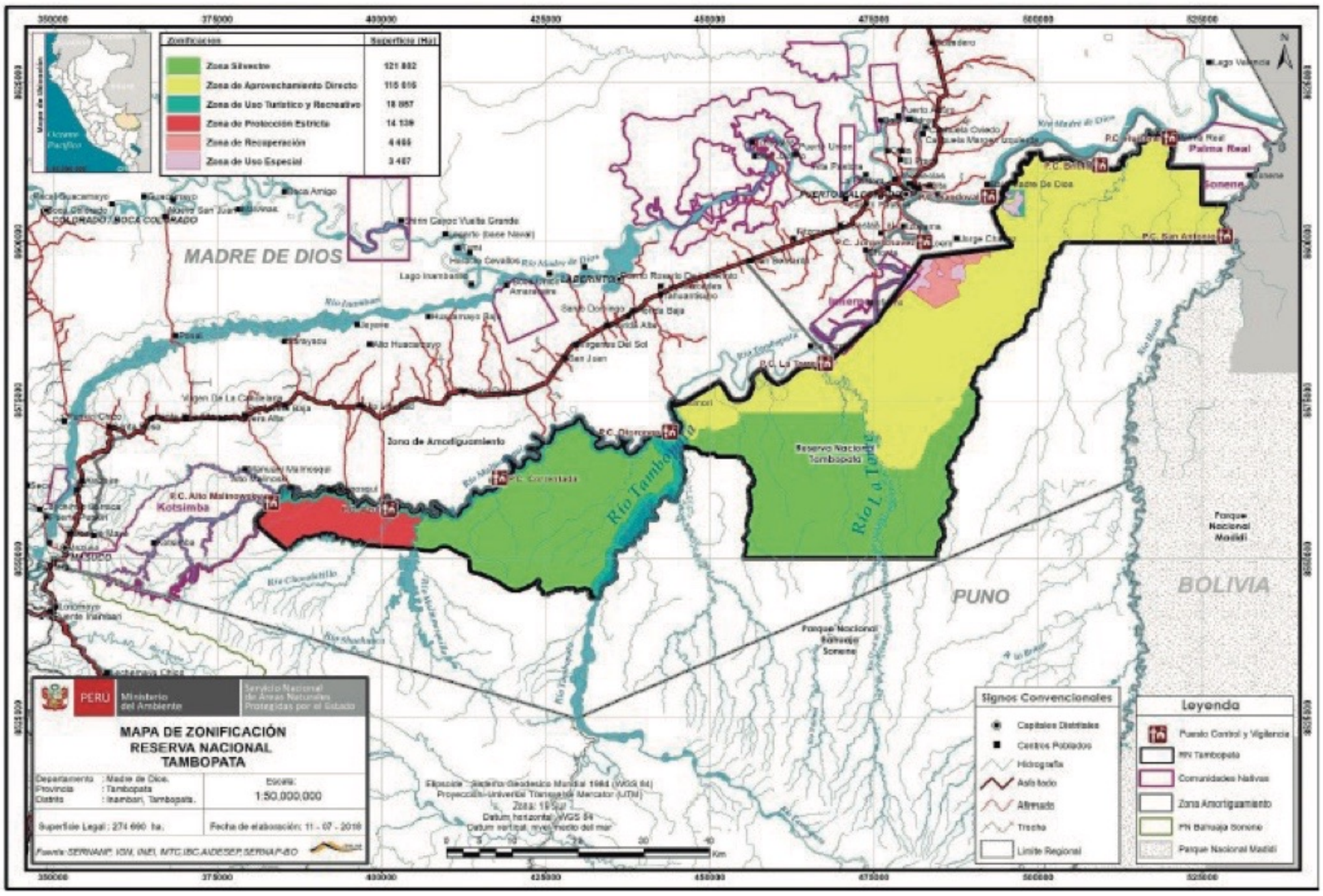
São esses, portanto, os constituintes do arcabouço do turismo na região com suas particularidades, problemas e soluções já encontradas.

5.4 Caracterização da Reserva Nacional Tambopata

A Reserva Nacional Tambopata foi criada no ano de 1977 e, em seguida, no ano de 2000, categorizou-se mediante o decreto DS N° 048-2000-AG, e se estabeleceu a RNTAMB com 274 690.00 ha, situada na província de Tambopata, do departamento de Madre de Dios. Ademais, tem sua localização de modo contínuo ao Parque Nacional Bahuaja Sonene que a rodeia integramente pelo sul, a formar com este uma unidade de proteção de alta importância para o país (SERNANP, 2019).

A visualizar-se em um contexto mais amplo, o Plano mestre da RNTAMB 2019-2023 ressalta a conectividade existente com as áreas naturais protegidas do departamento – a Reserva Comunal Amarakaeri e os parques nacionais Alto Purús e Manu – e os da vizinha Bolívia, que sustenta a existência do proposto corredor biológico Vilcabamba - Amboró (SERNANP, 2019).

Figura 2 - Zonificação da Reserva Nacional Tambopata



Fonte: SERNANP (2019).

A informação obtida em campo sobre a RNTAMB foi proporcionada de primeira mão pelo chefe da referida Reserva, Engenheiro Wladimir Prada, que descreve a estrutura geográfica da reserva ressaltando as seguintes características:

> [...] la zona Este, del lado Este, está conformado por terrazas altas en la cual ha desarrollado un ecosistema donde se han ubicado bastante lo que son las castañas, que son más de 70 mil hectáreas. En la parte media de la reserva están los atractivos turísticos. Y en la parte del lado oeste también estaba diseñada para zonas turísticas, pero allí ha habido efectos de la minería ilegal por lo que está en otras características [...] En la zona de amortiguamiento nosotros no somos autoridad, pero sí podemos dar una opinión vinculante ante cualquier proyecto que hubiera incluyendo los de turismo, siempre y cuando estos no afecten al área protegida pero estas actividades

> generalmente son benéficas. No son nocivas, son amigables con el ambiente y promocionamos bastante actividad turística, en la zona de amortiguamiento (informação verbal).

O SERNANP, como ente superior, possui especialistas que atendem de modo exclusivo ao manejo da RNTAMB e possui diretrizes a serem cumpridas na reserva e, assim, garantir a sua conservação.

Em conformidade com Joey Centeno, guarda-parque, existem na RNTAMB nove postos de controles e 39 guarda-parques na área. O entrevistado afirma que o turismo é uma alternativa para as populações, sobretudo às de Puerto Maldonado, pois têm se dedicado a atividade turística e não ao desmatamento da floresta, o que considera uma excelente opção para a conservação da natureza.

a) Algumas questões sobre o turismo

O entrevistado Wladimir Prata explica que trabalha exclusivamente na RNTAMB, tendo a conservação como objetivo maior. Entretanto, segundo ele, o turismo se constitui em uma importante ferramenta desenvolvida nessa UC, pois oferece aos cidadãos benefícios sociais e econômicos. Para tanto, são identificadas as zonas nas quais se pode realizar a atividade turística.

Ante a consulta sobre a existência de um programa especial para turismo no plano de manejo da RNTAMB, o chefe da reserva explica:

> [...] Nosotros tenemos una planificación la cual empieza desde el Plan Director que es la Estrategia Nacional sobre las actividades que se tiene que realizar, ahí tenemos un Plan Maestro para cada área protegida en la cual está el turismo. También ahí, debidamente planificada para cinco años y dentro de la actividad turística, está lo que es el Plan de Sitios, es una planificación solo para turismo. Entonces tenemos tres niveles de planificación nacional y local (información verbal).

Ainda conforme o chefe da RNTAMB, a existência de iniciativas de empreendimentos de turismo rural relacionados à RNTAMB são instrumentos para poder oferecer aos cidadãos benefícios sociais e econômicos, e exemplifica esta realidade com o seguinte caso:

> Nosotros tenemos con la única comunidad nativa que tiene emprendimientos de turismo, es la comunidad nativa de Infierno. En las cuales hacemos una gestión conjunta en el sector donde ellos están trabajando. Además, ellos tienen una asociación o un convenio con Rainforest, entonces ellos les proveen digamos el "know how" para desarrollar esto ¿no? y creo que ya tiene más de 20 años en este interactuar entonces han desarrollado bastante y es un modelo de gestión turística comunitaria (informação verbal).

Portanto, a RNTAMB (Fotografia 202) é um espaço natural que propicia atividade turística comunitária, sob regras bem estabelecidas, atentando para a conservação. Alia assim, uma atividade econômica a uma ambiental.

Fotografia 202 - Reserva Nacional Tambopata



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Quanto aos dados sobre o fluxo de turistas que visitam anualmente a RNTAMB, o entrevistado Wladimir menciona um número de 64 000 visitantes por ano, motivados por seus diversos atrativos naturais: o lago Sandoval (Fotografia 203), que é o primeiro, e enumerados a seguir tem-se:

> [...] el segundo es la Collpa Chuncho, es para guacamayos y después otros lagos menores. Hay un mirador natural, pero estamos construyendo [...] estamos actualizando haciendo una reingeniería de todo el acceso a los 12 atractivos turísticos que tenemos, accesos por carretera, accesos por caminos puentes, centros, para que puedan visitar más rápidamente los doce atractivos turísticos y de esta manera podamos brindar más facilidades al turismo para que puedan visitar más personas sin afectar obviamente el ambiente, estamos en ese proceso (informação verbal).

Portanto, são esses os principais atrativos e facilidades da RNTAMB.

Fotografia 203 - Lago Sandoval



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

A ter em conta o perfil do turista, bem como o fluxo anual de visitantes, fez o seguinte questionamento: "Que tipo de capacitação se dá para as pessoas que trabalham na reserva quanto aos guarda-parques e aos guias? Wladimir Prada responde que há capacitações para atender essa população de visitantes, e explica:

> Si, tenemos capacitaciones que se les da a los guardaparques acerca de los planes de sitios, es decir, es una planificación donde el turista entra y ahí debe tener cuidado de no ingresar a la zona cero, en la zona 1 si se puede visitar en la zona 2 donde hay construcciones y ahí puede desenvolver toda la actividad turística, en la cual hay una serie de infraestructuras que le facilita para que el turista pueda. Ahora solo pueden entrar empresas legalmente constituidas y que estén reconocidas por la reserva, en grupos de 10; un guía puede llevar 10 turistas como máximo (informação verbal).

Entre os principais problemas da RNTAMB assinalados pelo interlocutor Wladimir Prada, ele menciona a mineração e cortes ilegais, a caça e a pesca. Detalha que a mineração ilegal está controlada, assim como o corte de madeira, porém em pequena proporção. No que tange à caça e à pesca, estão controladas, mas também em pequena proporção. No que diz respeito à atividade turística, embora seja intensa, é muito pouco nociva, pois seu impacto ocorre em um grau menor.

5.5 Comunidade Nativa do Inferno e o turismo rural comunitário

A Comunidade Nativa Ese'Eja de Inferno (CNI), que faz uso de seus recursos e atrativos naturais da Amazônia peruana, de acordo com seu líder, Ruhiel Aguirre Mishaja, diz que vivem nela 200 famílias, perfazendo um total de aproximadamente 600 pessoas.

a) Considerações sobre a comunidade, educação, saúde, abastecimento e turismo

A CNI ainda mantém viva sua memória histórica sobre a origem do nome "Infierno". Este informante conta que quando colonizada por religiosos dominicanos, estes ensinavam o idioma espanhol e catequizaram as comunidades. À época, enfermidades como sarampo e rubéola os afetaram. Explica Ruhiel Aguirre que os sintomas dessas doenças eram febres em altas temperaturas e as pessoas acabavam morrendo. Nesse ínterim, os dominicanos que iam à comunidade, um dia, avistaram o rio cheio de corpos flutuando e exclamaram: "*Eso parece un infierno*!". Foi assim que surgiu o nome da comunidade.

Ante a pergunta de que e como vivem as pessoas de Inferno, quais as atividades econômicas e o que desenvolvem as pessoas da comunidade, Ruhiel Aguirre menciona que ela basicamente vive de uma agricultura pequena, praticamente ancestral. Produzem mandioca, mamão, frutas cítricas como laranjas e tangerinas. Plantam-se também arroz e diferentes variedades de bananas, sem falar das atividades de ecoturismo e conservação. Atualmente, a comunidade dispõe de incentivos para a conservação por parte do Estado.

> [...] El Estado por conservar te paga S/10 por hectárea. Nosotros hemos destinado como comunidad 6300 hectáreas de nuestro territorio. En total, tendremos como 10 mil hectáreas de la comunidad y 6300 ha. están dedicadas a la conservación y preservación, donde damos uso para la actividad turística, y en realidad ahorita la actividad turística para la comunidad es el soporte para las otras actividades, el soporte económico (informação verbal).

Adicionalmente o líder ressalta que o dinheiro gerado é reinvestido na comunidade, que pode ser por meio de empréstimos, sem juros, aos comunitários que necessitem de apoio para sua agricultura.

As atividades de caça, pesca ou fazer um "mitayo"[8] são costumes que dizem respeito à subsistência dos comunitários, assim como outras atividades de temporada, como a coleta de castanhas, de frutos da palmeira como o buriti, o patauá e coleta da folha de *crisneja*, utilizada na construção de casas.

Quanto aos principais problemas da comunidade, apontados por Magali Jiménez[9], destaca-se a delinquência. Por isso, a comunidade se dispôs a colocar uma barreira de segurança na entrada de Inferno para controlar o trânsito de pessoas. Essa medida foi a que deteve a delinquência. Um outro problema a ressaltar é a questão da saúde, por não haver muita atenção a esta. Explica que:

> [...] el personal que viene acá, digamos son practicantes y nada más. Por ejemplo, ahora poco mi hijita estuvo grave y yo le traje aquí, "no tiene una infección" pero mi hijita estaba con apendicitis. Entonces, tuvieron que hacer una operación y llevaban unos días con dolor. Entonces no la supieron atender, no la supieran auxiliar y sufrió mucho. Entonces, yo me queje bastante pero no hacen nada, no nos envían otro personal. Simplemente tenemos practicantes y un técnico, nada más y as veces ni atienden en los sábados, los domingos está cerrado (informação verbal).

Alega ainda que, no quesito educação, não se têm muitas aulas, pois as crianças estudam em escolas não muito bem adequadas em termos infraestruturais. Nessa direção, a comunidade tem tratado de apoiar no que pode, mas às vezes não tem dinheiro suficiente para melhorar a infraestrutura que, naturalmente, seria responsabilidade do Estado.

---

8 A mit'a (quechua; em espanhol mita) foi um sistema de reciprocidade de trabalho utilizado na América, especificamente na Região Andina, tanto na época incaica, como na anterior à conquista espanhola da América.

9 Técnica em Turismo, Secundária completo e atualmente estuda Administração de Empresas.

Detalha a entrevistada que o colégio (Fotografias 204 e 206) foi construído pelos méritos da própria comunidade e, às vezes, esta é criticada, pois alegam que tem turismo, e avalia o seguinte, com uma indagação seguida de uma explicação:

> ¿Porque no hacen? Por qué no se puede hacer una construcción tan grande porque como es rotativo y está en convenio con otra empresa, entonces no podemos agarrar y hacerlo. No es de decir que lo vamos a gastar y hacerlo, ¿no? Así viene varias personas y nos dicen, pero a veces en la realidad es muy diferente. Lo que hemos tratado en ese año es hacer la donación del Colegio del Estado para que el Estado pueda hacer una inversión. Y en eso está el director, el presidente, tratando de buscar, ¿no? Quien nos puede brindar a ese apoyo para que nos haga un Colegio para nuestros niños porque somos artos, somos bastante ya. A veces no hay ni aula, hay que entonces que juntar a los chicos ahí, apretaditos para que alcancen y a veces ellos como dicen "no queremos que nuestros niños se vayan a la ciudad, sino que se permanezcan en la su comunidad, pero sino tiene un buen colegio, entonces ellos as veces, invidian a la ciudad, quiere un colegio más bonito, aprender más cosas, digamos aprender a usar una computadora porque eso es lo que ellos no saben, ¿no? Algunos que tiene la posibilidad en su casa, tendrán su computadora, pero la mayoría no tiene. [...] Pero que no han salgan porque se pierden la naturaleza más bonita que tenemos. En Puerto, te metes a tu casa y no hay donde respirar. Acá si quieres por la tarde hay vista, los árboles, no se vean bastante (informação verbal).

São esses, portanto, os problemas relativos à educação, mas a comunidade tem se valido do turismo para melhorar essa situação, já que o Estado pouco contribui com algo mais pleno. De menor dimensão, há, às vezes, falta energia elétrica, o que pode a vir danificar os equipamentos, pois estão na zona rural de Puerto Maldonado.

Fotografias 204 e 206 - Colégio da comunidade







Fonte: Mônica Araújo, 2019.

A comunidade de Inferno conta com o ensino do idioma *Ese'Eja* (Fotografia 207), que é de responsabilidade do professor José Mishaja Shajos, que foi capacitado por três anos por uma senhora de nome Maria Coca Echeverría, que é linguista. Com relação à aprendizagem, o docente diz que os alunos estão aprendendo, estão recuperando a língua nativa.

Fotografia 207 - Banner bilíngue - Espanhol e Ese'Eja



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Menciona o entrevistado José Mishaja, que o resgate desse idioma e sua relação com o turismo deu-se a partir de 1999, quando foi feito o contrato com a *Rainforest expeditions* para construir o empreendimento comunitário. Daí, pensou-se, em seguida, na recuperação do idioma. E mais, diz que a comunidade, a cada ano, recebe seus lucros, que são utilizados para melhorar o bem-estar desta, e o que sobra é repartido entre os comunitários.

O Professor Mishaja menciona que os turistas procuram escutar o idioma nativo e que a sua família teve uma experiência de turismo vivencial, sendo um de seus filhos guia. Diz ainda que gosta bastante das pessoas que vêm de outras partes do mundo e de suas línguas, isto é, que vêm até a comunidade conversar. Em cômputo geral, o turismo para Mishaja é bom porque não contamina o bosque, ou melhor conserva-o.

Quanto ao abastecimento alimentar, segundo a entrevistada Magali, os comunitários consomem o que produzem, como banana, mandioca, frutas e milho. Diz que não existe mercado, porém, tem-se em torno de doze tendas *huaco,* pequenas e grandes, que na sua maioria oferece arroz, faltando-lhes verduras, e também quase não dispõe de pescados. Não

existem restaurantes, e quando querem vender algo, se dirigem à cidade e comercializam seus produtos agrícolas.

A comunidade de *Inferno* possui um posto de saúde (Fotografia 208) cuja administradora é a enfermeira Angie Valera. Diz esta que as maiores enfermidades são as diarreias agudas e as infecções respiratórias agudas, além das faringites. No momento, ressalta que as crianças adquiriram anemia, devido à desnutrição. Também são atendidas pessoas com enfermidades como diabetes, hipertensão e colesterol. Essas são as doenças mais comuns. Outras enfermidades são as dermatológicas, como as micoses.

Fotografia 208 - Posto de saúde de Inferno



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Quanto ao atendimento do posto de saúde, este se dá por um período de 12 horas, de 07:00 às 19:00. Há ainda horários de 6 horas, que vão de 07:00 às 13:00 e de 13:00 às 19:00. A equipe é formada por uma enfermeira, uma médica e uma técnica em enfermagem. Diz que, em geral, existem

enfermidades na comunidade que são trazidas por pessoas de outros lugares, como o sarampo. Houve, recentemente, uma campanha nacional de vacinação contra o sarampo, a caxumba e a rubéola. No momento, está-se vacinando contra a Influenza.

Sobre o turismo, Angie Valera afirma que é uma das atividades mais importantes do lugar, Madre de Dios, que é a capital da biodiversidade, e, por conseguinte tem-se beneficiado muito a comunidade com a chegada de turistas e também de algumas doações que estes fazem. E ainda trazem um pouco de sua cultura, sem falar na questão econômica, o que é bom.

Ademais, a entrevistada espera que os visitantes, além de virem conhecer o ambiente e a paisagem, se preocupem também com a saúde. Esclarece que:

> [...] tengo entendido que muy aparte de hacer investigaciones también ellos aportan cosas que tal vez ellos creen a su criterio de que nos puede favorecer como insumos, pueden capacitarnos tal vez a nosotros, a veces la salud, los medicamentos que usan en otros lugares es muy bueno, mejorar que la que nosotros podamos tener aquí (informação verbal).

Portanto, é importante que, de certa maneira, haja uma troca de informações entre comunitários e turistas, porque, no caso de saúde isso é fundamental.

b) Notas sobre o artesanato da comunidade e sua conexão com o turismo

Quanto à atividade artesanal desenvolvida pela comunidade, teve-se a oportunidade de entrevistar o senhor Pedro Mishaja Shojo, artesão antigo que trabalha com todo tipo de madeiras e também com ossos de animais existentes na selva como onças, o picudo, o tapir, o lobo do rio, a nutria e o cotomono. Ele faz objetos imitando o guacamayo, o tatu, a capivara, o lagarto e o achuni.

Quanto à comercialização dos produtos, Pedro Mishaja diz que, às vezes, a comunidade faz um pedido e compra, mas normalmente seus trabalhos são vendidos em Puerto Maldonado.

Atualmente, a oficina (Fotografia 209) possui três artesãos que trabalham com a madeira, mas, em cômputo geral, são 12 artesãos que, na sua grande parte, são mulheres que trabalham com tecidos, fazem colares, brincos, braceletes e abanos. Diz que a movimentação de turistas na comunidade antes era maior – há 20 anos –, porém, agora mudou bastante, e compram muito pouco colares e braceletes, e nada mais.

Fotografia 209 - Oficina de artesanato



Fonte: Jiménez e Mônica Araújo, 2019.

Ao ser perguntado sobre o turismo e seus benefícios para a comunidade, diz que no momento, por exemplo, se trabalha com a *Rainforest Expeditions* por meio da *Posada Amazonas,* estabelecendo um corredor turístico. Com relação ao artesanato, revela que a venda é baixa, que não há muitas saídas dos produtos, e por isso vai a Puerto Maldonado vender, além de comercializar nas feiras de Lima, uma vez ao ano. Ressalta que o turismo é a primeira atividade econômica da comunidade, mas que, atualmente, os turistas não se interessam muito por seus produtos, pois se tem apenas dois modelos e que quando vão para Lima há uma variedade maior de modelos expostos de todas as comunidades nativas.

A complementar, Pedro Mishaja comenta que se identifica como indígena *Ese'Eja* do rio Tambopata, de origem *Bawaja Kuñaji*, e que seus ancestrais sempre faziam trabalhos artesanais como flechas, barcos e botes, não como negócio, mas para diversão das crianças. Afirma que, depois do ano 2000, começou-se a trabalhar em um Comitê de artesanato e que se tinha apoio do Banco Mundial, o que foi de grande ajuda para poder construir a casa de artesanato, como também comprar ferramentas e maquinário.

A prosseguir, o artesão diz que, para ele, ter o turismo na comunidade, em parte é bom, porém, tem-se que fazer uma organização que possibilite trabalhos em quantidade. Sugere que, se todos os artesãos trabalhassem em conjunto, ter-se-ia uma loja cheia de produtos sortidos e que não estariam do jeito que estão. Aponta que falta uma capacitação por completo, pois as ONGs não dão uma oficina adequada.

> Si yo hago este y un jaguar lo termino, lo acabo, lo pinto lo laqueó todo y si nos hubieran capacitado así, bien seríamos en nuestros trabajos bien acabados, eso es lo que nos falta. Entonces a nosotros nos han capacitado, pero a medio no así bien acabado. Entonces, yo les digo: "pero esto falta lijar", ¿qué tal si le lijamos? ¿lo laqueamos todo?, les digo ¿le acabamos?, "no, nos dijeron qué no... hasta ahí no más nosotros vamos a terminar" y por eso es que acá los artesanos ya no quieren recibir lo que vienen las ONG a ofrecer (informação verbal).

Pelo que está exposto, precisa-se rever a atuação dessas ONGs, para que ofereçam um trabalho muito mais profissional. E mais, afirma que deveria ter um coordenador, inclusive, para dirigir os trabalhos em Lima, além de outros requisitos que faltam. Vê-se também que o setor artesanal carece, por exemplo, de uma associação que agregue os artesãos de um modo bem objetivo e coordenado, sobretudo no que tange ao design das peças, da capacitação e da comercialização.

A comunidade dispõe de uma loja (Fotografia 210) que comercializa o artesanato, localizada ao lado da oficina. Segundo a encarregada desta, Magali Jiménez, anteriormente, a comunidade tinha a intenção de juntar as artesãs para que os costumes não se perdessem, como no manuseio de tecidos e sementes. Explica que as artesãs estavam um pouco afastadas do seu trabalho, porque não conseguiam vender seus produtos mensalmente. Então, começou-se a pensar em construir uma loja para que elas pudessem comercializar seus trabalhos, uma vez que a loja fazia um pedido, e elas, no momento da entrega, recebiam outro pedido. Assim, tinham, mensalmente, alguma renda. Também havia o pedido feito pelos albergues, como a cestaria (Fotografias 211 e 2012). Em se fazendo assim, as artesãs tinham uma inspiração para seguirem trabalhando.

Fotografia 210 - Loja de Artesanato



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Fotografias 211 e 212 - Cestaria



Foto: Mônica Araújo, 2019.

Nessa perspectiva, foi assim que a cc munidade, munida de sua arte, decidiu por abrir a loja, e já há cinco me: es vem desenvolvendo essa estratégia de comercialização:

> [...] aquí los artesanos trabajan a a ños, tejiendo, enviando a los albergues pero pocas cuantidades que as veces no les ayuda a sustentarse pero ya mensualmente c omprándoles ya ellos ya tiene bastante pedidos, ya se movilizan má: , entonces así podemos ayudar a ellas a que ya no busque otro trabajo sino a que se dediquen a lo que ellas saben hacer (informação verbal).

Detalha que as artesãs disponibilizam p ara a venda, peças diversas (Fotografias 213 e 215), tais como colares de s mentes como de "guasahi", "ponas', "cachaponas" e "tacharina". Fazem, também, entalhes com "topas" e cedro. E ainda flechas, com "coio de chonta", além de tecidos em "tamixi". Diz, também, que fazem trabalhos com "xaxama", vassouras de "tamiz" (Fotografia 216) e desenhos de galinhas. Quanto ao sistema de trabalho da loja, a informante menciona que está à frente como encarregada e conta com oito artesãs que produzem e trazem suas peças para a comercialização.

Fotografias 213 e 215 - Peças artesanais



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Fotografia 216 - Remos, vassouras e adornos



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

No que diz respeito aos visitantes que chegam para comprar algo, são nacionais, de Arequipa e Cusco, e estrangeiros.

No que tange aos principais atrativos e serviços de Inferno, destacam-se, segundo a interlocutora Magali, o Centro Cultural, a oficina artesanal, a loja e a piscigranja, que está a alguns quilômetros mais à frente. Conta ainda com um restaurante, mas que no momento não está a funcionar, porém, aos sábados e domingos atende ao público. Ainda se tem o Ñape Lodge, que é administrado pela comunidade, e a Posada Amazonas, que tem administração compartilhada com a Rainforest Expedition.

No que respeita à integração do turista com a comunidade, Magali Jiménez diz que eles chegam e conversam com os comunitários e depois vão embora. Entretanto, há um senhor que traz um grupo de jovens estudantes estrangeiros para conviver com família, passando de três a quatro dias com intuito de observar seu cotidiano. Esse movimento turístico acontece por temporadas, os visitantes, inclusive, convivem com as crianças do colégio para observar como é a dinâmica da escola.

A complementar, a interlocutora comenta que os turistas os visitam de duas a três vezes por semana, quando se vende bastante. Relata ainda que, há pouco tempo, houve a tradicional "Fiesta de Mí Tierra", que foi uma oportunidade para vendas. Na ocasião, houve demonstração de artesanatos de todas as comunidades, quando se mostra as singularidades em cores e pinturas e acabamento das peças. Ademais, os artesanatos de cestaria são muito semelhantes.

Acerca da possibilidade do turismo trazer benefícios econômicos à comunidade, a entrevistada Magali avalia que por um lado sim, sobretudo para os que estudam e os que gostam de turismo; mas, por outro lado, para os agricultores, que são poucos, crê que se beneficiam em menor grau com essa atividade. Diz que, basicamente, se dedicam à sua chácara e à venda de seus produtos, não se envolvendo tanto com o turismo. Outrossim,

afirma que crianças e jovens estão estudando para trabalhar no albergue como camareiros, garçons ou cozinheiros, o que os beneficia um pouco. Complementa: "[...] "Entonces, yo como joven y ya, como los antiguos casi ya no, pero yo como mamá quiero que mi hija se dedique al turismo tiene que educarse porque si no también no va a poder conseguir un trabajo" (informação verbal).

Ao ser questionada se o turismo traz uma mudança para a cultura local da comunidade, a entrevistada Magali Jiménez acredita que com este se pretende revalorizar seus bens para mostrá-los. E diz ainda que, se não houvesse turismo, já se havia se perdido tudo como o artesanato e os entalhes. Um outro benefício pontuado é que com o turismo tem-se conservado os lagos, as *collpas* e evitado caçar animais. Além de tudo isso, preservam-se algumas zonas da comunidade. Portanto, conclui que o turismo tem contribuído para cuidar do local sob vários aspectos.

Acrescenta ainda no seu discurso que o turismo tem trazido mais benefícios para Inferno, pois ao associar-se a este, começou-se a gerar renda para a comunidade:

> [...] si no hubiera tenido ingresos del turismo no hubieran podido poner digamos la seguridad y no se hubiera podido crear este estanque de aguas, que nos abastece a aguas; no hubiéramos podido de repente arreglar las calles un poco y no hubiéramos podido crear más proyectos. La comunidad con lo que ha estado ganando ha creado su propio albergue, y ya. Tenemos nuestro propio albergue, Ñape. De ahí vamos a generar que a veces como. Es el nuestro ya es nuestro nada más no lo compartimos con ninguna empresa (informação verbal).

Sem dúvidas, o turismo tem contribuído em muito para que a comunidade visualize uma outra visão de mundo com novas perspectivas de crescimento.

Ñape Lodge

O Ñape *Logde* está localizado na zona de amortecimento da Reserva Nacional de Tambopata (RNT) e é de propriedade da CNI, Madre de Dios, tendo início no ano de 2014, de acordo com Ronald Mishaja Salazar[10]. Segundo o entrevistado o primeiro projeto ecoturístico desta comunidade foi a *Posada Amazonas*, implementada em parceria com a empresa *Rainforest Expeditions*.

a) Considerações sobre a história do empreendimento

Ao relatar como surgiu o projeto Ñape *Lodge*, Magali Jiménez diz que ao perceberem que tinham uma zona bonita, inclusive com lago, não queriam desperdiçá-la, isto é, perdê-la para pessoas que invadem suas terras e que destroem a natureza. Assim, almejando ter lucros com visitantes, decidiram trabalhar e construir o empreendimento com seus próprios esforços. Os recursos para isso provieram de um convênio que se tem com uma empresa. Fez ainda um empréstimo com algumas ONGs que confiaram na comunidade, que seguem pagando a dívida.

De propriedade da comunidade de *Infierno,* o Ñape *Lodge* (Fotografia 217) fica com uma parte dos lucros, segundo Magali Jimenez, e a outra parte vai para a comunidade, o que se dá anualmente. Assim, os comunitários utilizam esses recursos para melhorar a casa e comprar o que lhes falta, entre outras coisas, o que necessitam.

[10] Presidente do Cômite de turismo da CNI e proprietário do empreendimento Majosehne.

Fotografia 217 - Frente do Ñape Lodge



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

A movimentação de turistas nesse novo empreendimento não foi imediata, pois inicialmente não se deu a devida atenção, relata a informante Jimenez. Comenta que, antes de 2017, não se tinha ninguém dedicado a isso, ao funcionamento em si. Havia pouco ganho e, por outro lado, ainda se perdia dinheiro. No entanto, nos últimos dois anos, tem-se melhorado mais. Ou seja, tem-se mais ingressos de turistas, o que tem possibilitado a compra de barcos e de motores, a contratação de mais pessoas e a construção de mais quartos, o que significa que se está avançando. Adiciona ainda a informação de que, uma vez por mês, os comunitários se reúnem e apresentam o estado das coisas e assim vai-se melhorando, tendo mais receita.

Com relação à questão da confiança da comunidade na diretoria do albergue, diz que os comunitários têm estudado e possuem a capacidade para gerenciar o empreendimento. Exemplifica que houve um seletivo e foi escolhida uma pessoa para administrar o equipamento. Fica bem explícito na fala da informante que, para administrar o albergue, a pessoa escolhida tem que ser da comunidade.

A complementar, diz o entrevistado Ronald Mishaja, que foi em decorrência da gratificante e rentável experiência da CNI com o projeto *Posada Amazonas* que foram incentivados a iniciar um novo lodge, que fosse, desde o início, criado e manejado exclusivamente pela comunidade: "[...] abrimos Ñape para ver qué tanta capacidad tiene la comunidad de poder manejar un albergue solo. Y lo estamos llevando con un buen control. Y estamos creciendo cada año, estamos creciendo" (informação verbal). Foi nessa perspectiva, portanto, que os comunitários começaram a aprender a autogestionar seus negócios, sem ajuda de terceiros.

Assim, continua Ronald Mishaja, após uma série de gestões frente ao Banco de Interamericano de Desenvolvimento (BID), este outorgou um empréstimo de $ 470,000 dólares à CNI para a construção do empreendimento Ñape *Logde*, sob termos e condições específicas. E uma dessas exigências foi a permanência da relação comercial da comunidade com a *Rainforest Expeditions.* Em decorrência disso, decidiu-se ampliar o convênio entre Posada Amazonas (comunidade) e *Rainforest Expeditions*, por mais 10 anos, uma vez que, de acordo com o BID, essa relação representava uma garantia de pagamento. Por sua vez, a CNI logrou o objetivo de ter um *log de* 100% de propriedade da comunidade, sem interferência administrativa de outra empresa.

É nesse âmbito que o Ñape Lodge é considerado um filho da *Posada Amazonas*. A adicionar, Ronald Mishaja diz que isso é uma prova da proficiência da comunidade em administrar negócios próprios, considerando que já contam cinco anos de operação.

Faz-se necessário mencionar que, no entendimento de outro informante, Gilbert Arrospide Temuay, guia oficial de turismo da *Posada Amazonas*, no Ñape *Lodge* todo o investimento foi pago, ou seja, a diferença foi que na *Posada Amazonas* a mão de obra foi gratuita, proporcionada pelos comunitários que criaram o projeto e, ao contrário do Ñape, a sua mão de obra qualificada foi paga. Esclarece ainda, que, atualmente, toda renda que a CNI recebe é proveniente do que é gerado pela *Posada Amazonas*, pois o Ñape *Lodge* ainda não está gerando lucros à comunidade, uma vez que ela se encontra em uma etapa de consolidação e crescimento.

b) Aspectos estruturais, serviços, perfil do turista e outras dinâmicas

De acordo com informação obtida em campo, o Ñape Lodge conta com 16 unidades habitacionias, entre duplos, triplos ou simples (Fotografia 218). Leny Lavado, encarregada de reservas da Bawaaja Expeditions, descreve estrutura como bungalows do seguinte modo:

> [...] tenemos nueve cabañas, nueve bungalos. un bungalos de cuatro habitaciones. Estas habitaciones son divididas en habitaciones simples. Después tenemos cabañas de dos habitaciones. Estos son para familias, pueden ser matrimoniales, dobles matrimoniales, triples también, convertidas en triples, luego solo matrimoniales que son un bungalow de una habitación. Todas tienen este baño privado (informação verbal).

No que concerne às melhorias dos serviços nas habitações, comenta Leny Lavado que estes estão melhorando gradualmente, e que, em 2019, o lodge começou a oferecer novos serviços como água quente, zona de *wifi* e ainda tem aprimorado a sua infraestrutura. Cita ainda que foram construídas pontes de ligação (Fotografia 219, em madeira, para que todas as unidades habitacionais fossem conectadas a partir de seu lobby (Fotografia

220). Explica que: "[...] Cada año que va pasando nosotros también queremos mejorar el servicio, nosotros hemos empezado, por ejemplo, antes no teníamos electricidad todo eran alumbrados con velas" (informação verbal).

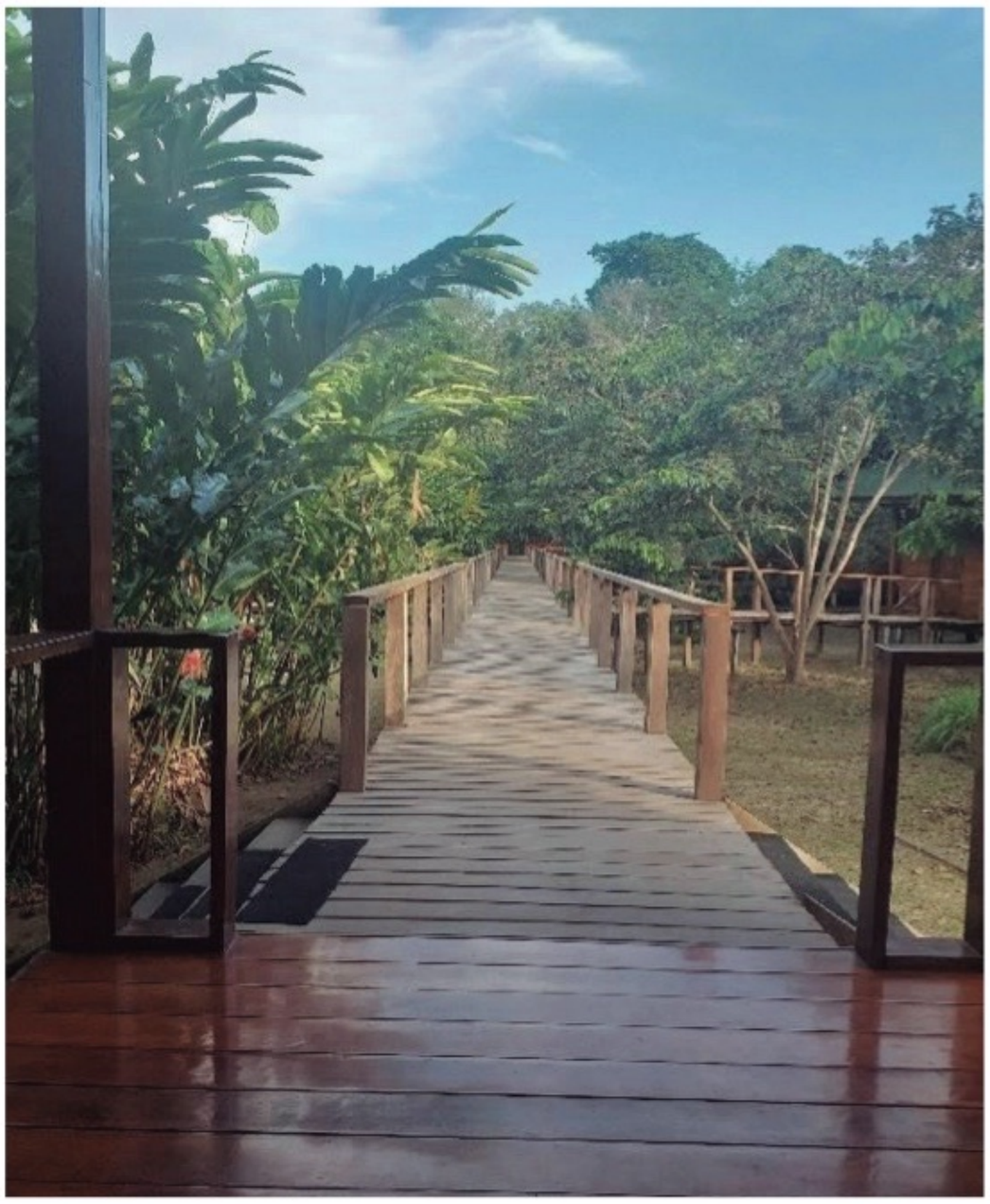
Outro entrevistado, Wilber Velasquez, administrador provisório do *lodge*, complementa que no lobby encontra-se um restaurante/refeitório (Fotografias 221 e 224) – onde são servidas todas as refeições, além de oferecer um serviço de café e chá permanente – um bar (Fotografia 225) e uma pequena boutique (Fotografia 226), todos conectado aos *bungalowns.*

Fotografia 218 - Unidade habitacional



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Fotografia 219 - Ponte de ligação



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Fotografia 220 - Lobby do Ñape Lodge



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Fotografias 221 e 224 - Restaurante



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Fotografia 225 - Bar no lobby



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Fotografia 226 - Boutique



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

No que respeita aos seus recursos humanos, o Ñape Lodge emprega atualmente 12 pessoas, segundo Daniel Villacorta, camareiro, entre as quais se encontram: os camareiros, que aumentam de acordo com a lotação do *lodge*; o pessoal de manutenção e os motoristas – um encarregado de transportar os turistas ao lago e outro que faz o transporte de barco, ida e volta, (Fotografia 227) para Puerto Maldonado. Ainda se tem um chef de cozinha e garçons. Possui uma cozinha arejada e grande e anexo a esta, uma dispensa (Fotografias 228 e 229). Pôde-se, portanto, constatar que durante as entrevistas no Ñape *Lodge*, os colaboradores estão cientes quanto às funções que devem desempenhar cada um, isto é, um garçom que é capaz de explicar toda sua rotina de trabalho, dando ênfase aos detalhes, pois eles trabalham em uma zona de selva. Observe-se o que se diz:

> [...] trabajando acá en nuestra empresa desde la 4 mañana, me preparo las cosas, mi herramienta de trabajo que es escoba, también nuestro uniforme de los cuartos para empezar desde la 4 madrugada, vamos haciendo labores, miramos nuestro guía que es una pizarra, es una pizarra que nos dice que el cuarto vamos a arreglar y empezamos a trabajar. A veces terminamos desde las cuatro hasta las 7:30 a.m. para nuestro sagrado desayuno. [...] una vez que hicimos los mantenimientos, una vez que hicimos los mantenimientos hacemos nuestro rol que es el que vemos en la pizarra para empezar qué habitaciones nos tocan matrimonial o simple o doble; Siempre jugamos con los cuartos cambiando de habitaciones las camas para hacer el triple o cuádruple y es un trabajo muy pesadito, pero vale la pena que los turistas llegan con emoción a encontrar los cuartos estén limpios y estén agradablemente saludable (informação verbal).

É esse, portanto, o quadro de pessoal do *lodge*, bem como a rotina de um dos colaboradores que trabalha bastante para manter o empreendimento em condições de bem receber os turistas.

Fotografia 227 - Barco



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Fotografias 228 e 229 - Cozinha e dispensa



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Quanto ao tipo de turista (Fotografia 230) que visita o Ñape Lodge, este tem uma permanência média de três dias e meio e "[...] son turistas jóvenes, más que todo, son jóvenes donde ellos pueden hacer actividades de aventura, donde pueden caminar y pueden caminar largo, em conformidade com Ronald Mishaja" (informação verbal). A complementar, diz que vêm

mais estrangeiros que nacionais. Geralmente, são australianos, alemães, belgas e canadenses. Vêm ainda peruanos, norte-americanos e ingleses. Normalmente, chegam em grupos e em casais.

Fotografia 230 - Grupo de turistas estrangeiros



Fonte: Mônica: Araújo, 2019.

Na sequência, o Administrador Wilber Nina Velasquez, em exercício, do *lodge* explica que o acolhimento do turista é explicado se dá da seguinte maneira,

> [...] para recibir al turista una vez llega primeramente le entregamos un refresco frío, las toallitas frescas y bueno se les da una charla de introducción, explicación del servicio que damos. [...] todos los servicios que damos acá, por ejemplo, acerca de sus alimentos acerca de sus habitaciones, cómo está construido y luego el guía les explica el primer tour que van a hacer y luego en la cena les expliqué el otro tour que van a hacer mañana (informação verbal).

Entre as atividades que o turista pode desfrutar durante sua permanência, tem-se o Full day, conforme descrição abaixo, de Leny Lavado:

> [...] en la tarde que llegan Torre de docel, en la noche cenan, una caminata nocturna y al día siguiente harían de repente una visita a la collpa del loros y ya estarían regresando a la ciudad. Ese es un

> *full day*; para un programa tres días dos noches, igualmente Torre de docel, cena una actividad nocturna al día siguiente en Collpa de loros. Un lago, visitan un lago dentro de la comunidad. También. Lago Tres Chimbadas. En la tarde regresan al *lodge* porque todas las actividades hacen fuera del albergue, utilizan bote o hacen caminatas. En la tarde, hacen almuerzo luego ya hacen visita al jardín medicinal, que anteriormente eso fue la idea al principio, el lugar donde está ubicado el albergue fue un centro de curación, fue un centro donde e llevan plantas medicinales para curar, donde también los primeros chamanes han ido a aprender allá a conocer, se juntaban diferentes chamanes de diferentes comunidades nativas y podían pasar allá para poder conocer más acerca de las plantas medicinales (informação verbal).

Adicionalmente, o guia de turismo e o administrador do *lodge* mencionam as principais atividades oferecidas aos turistas: atividades no lago; visita à torre com direito a avistar o pôr do sol (Fotografias 231 e 232); caminhadas noturnas (Fotografia 233); "focagem de jacarés", que consiste na busca de jacarés no rio; tour de pesca e observação da fauna para avistar o lobo do rio, capivaras e, às vezes, as onças. Ainda se vê aranhas e morcegos, entre outros.

Fotografias 231 e 232 - Torre e vista panorâmica da floresta amazônica



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Fotografia 233 - Caminhadas noturnas



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

O Ñape lodge oferece ainda degustação de frutas (Fotografia 234) de temporada como goiaba, ingá (Inga feuillei), laranja. Devido à diversidade de frutas, vegetais e árvores madeireiras, o informante ilustra: "[...] tenemos muchas cosas que el turista se viene y se asombra que tememos una maravilla, que es como un paraíso", menciona Daniel Villacorta. E o guia de turismo e estagiário, Alvaro Chavez, afirma: "[...] nosotros damos a conocer las tradiciones que tienen las comunidades nativas de aquí de Perú" (informação verbal). E assim se fazendo, não resta dúvida que o turista ao hospedar-se vai vivenciar um espaço pleno de natureza e conhecer como vivem as pessoas do lugar.

Fotografia 234 - Sucos de frutas regionais



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

c) Gestão e operação do empreendimento, tomada de decisão, capacitação e comercialização

No que tange à operação do Ñape Lodge, este admite colaboradores de outras cidades, e isso se constitui em uma diferença da Posada Amazonas, na qual somente se admitem pessoas da CNI. Neste empreendimento comunitário, trabalham pessoas de cidades circundantes à CNI. Pode-se dizer que são pessoas que enxergam, sobretudo, benefícios na atividade turística, ao menos no discurso a seguir, de Daniel Villacorta:

> [...] acá tenemos un buen sueldo y salimos también para esta familia que tenemos allá también nosotros mandarles dinero bueno sobre todo todavía mano a mis padres y bueno estoy acá me siento muy bien estoy ganando más dinero que mi ciudad y bueno tenemos también para uso personal como puede ser este nuestro jabón, cepillo, pasta dental. Una cosa que es secundario para nuestro servicio personal y eso es un benefício que tenemos nosotros acá aprendemos, tenemos experiencias, experiencias de otros y poco a poco, nos vamos beneficiando de esas experiencias que tiene cada uno (informação verbal).

Por meio desse discurso, avalia-se que o resultado do turismo para a comunidade é satisfatório, que ganha divisas e experiências.

No que concerne à tomada de decisões e, conforme comunicação verbal obtida no Ñape *lodge*, que pertence à CNI, designou um núcleo de decisões denominado Comitê de Controle, que faz parte da direção da CNI. Ronald Mishaja comenta:

> [...] Entonces, las cosas que nosotros podamos decidir lo que está dentro de nuestra facultad para decidir, nosotros lo decidimos, en coordinación solo, solamente con la junta directiva. Pero hay cosas que ya nosotros como Comité, como junta directiva no nos faculta a dar una aprobación, entonces ¿qué hacemos? Vamos a una asamblea comunal, fijamos una fecha para una reunión comunal y llevamos a consulta (informação verbal).

Nessa direção, a responsável pelas reservas do Ñape lodge, Leny Lavado, reafirma esta informação, mencionando a frequência de reuniões e o tipo de decisões que aprovam:

> [...] ellos tienen mensual reuniones, son seis miembros de la comunidad y tres miembros del Comité de Control, Comité de Control o comité de decisiones. Entonces ellos están, nosotros estamos regido también a ellos para tomar alguna decisión, nosotros tenemos que compartir con ellos y ellos ven si aprueban o desaprueban las decisiones que se toman (informação verbal).

Tal configuração de organização demonstra uma governança local certamente bem posicionada no que diz respeito ao turismo, embora se saiba que as decisões mais operacionais do lodge sejam tomadas pela gerência, porque seria inviável aguarda tais reuniões, sobretudo, pela dinâmica da atividade turística. Mas, não restam dúvidas que a organização turística funciona como um sistema de partes que se relacionam para obterem sucesso.

A respeito do tema capacitação e segundo Wilber Velásquez, muitas pessoas que trabalham no albergue já possuem outras experiências com o turismo, são pessoas capacitadas:

> [...] ellos vienen a capacitarnos y también se contrata a personas de otros lugares como de Lima, vienen haciendo capacitación por cada área, en cocina; incluso para guías también hay capacitación y ahí es cada año, ahí hay capacitación para todos los guías. Y cada año salen nuevos guías (informação verbal).

Ratifica tal explicação a encarregada de reservas do Ñape Lodge, Leny Lavado, pois menciona que teve sua capacitação feita em Lima com uma duração de 15 dias:

> recibieron la capacitacion de las personas las que trabajan en ventas y reservas de *Rainforest Expeditions*, [...] ellos con experiencia, nos motivaron también para trabajar, para conocer más acerca de esta carrera y luego lo hice, estuve practicando aquí también en la oficina de Rainforest pero financiado también por el proyecto de Infierno del proyecto de Bawaaja Expedition.[...]aquí tenemos dos personas que nos hemos capacitado también para poder trabajar, que es una persona, que es Lisbeth, la esposa de uno de los comuneros, que ella hace operaciones; y yo Leny soy estoy encargada del área de ventas y reservas para Ñape. También tenemos el área contable y ya pues en el albergue tenemos un administrador y él parte del staff de las personas que están trabajando allá (informação verbal).

Ainda acerca desse assunto, Alvaro Chavez menciona que já está capacitado, pois finaliza seu curso em Turismo e Hotelaria em 2019.

Complementa, também, que, no ano de 2016, foi aceito para realizar seu estágio de três meses no Ñape *Lodge*, e, em seguida, realizou outra prática na *Rainforest Expeditions*. Afirma, também, que o Ñape Lodge admite alunos-praticantes para que realizem seus estágios no empreendimento e, posteriormente, sintam-se preparados e atraídos a solicitar um emprego no referido empreendimento.

Adicionalmente, diz ainda o entrevistado que recebeu a capacitação: "[...]calidad de servicio [...] cómo puedo atender al pasajero para que el pasajero se vaya feliz a su país, que se sienta a gusto del paquete que ha comprado" (informação verbal). Outro entrevistado, Daniel Villacorta, explica que este recebeu duas capacitações: uma para atender aos turistas, "ser amable con los turistas"; e outra para assistente de vendas. Tais capacitações dão orientação no sentido de proporcionar ao hóspede uma experiência inesquecível para que este, ao final, a recomende. Detalha, assim, uma parte das recomendações recebidas:

> [...] la limpieza de los quartos, como debe ser el funcionamiento, cuáles son las funciones de una habitación y que no permiten en la habitación y que te permíte en las habitaciones. [...] estamos en el corazón de la selva y siempre va a haber insectos; en la habitación están prohibidos llevar fruta es muy riesgoso que es que algunos vienen de otros sitios y se asustan con animales (informação verbal).

Compreende-se pelo dito que as capacitações orientadoras permitem o desempenho de um trabalho, com relação aos turistas, bem profissional.

Quanto às considerações acerca da comercialização do Ñape lodge e conforme apontado por Ronald Mishaja, esta é realizada por operadores nacionais que atuam a partir de Lima. Em que pese a CNI seja reconhecida por parte das agências que operam com a Posada Amazonas, o Ñape lodge ainda não adquiriu a confiança plena dessas agências, e o informante diz que: "[...] yo voy con la comunidad porque la comunidad me va a dar el mismo servicio que me da Rainforest", e compreende tal posicionamento.

Analisa que a diferença é grande, pois a Posada Amazonas é um albergue categorizado em nível cinco estrelas, com 20 anos de trajetória no mercado, e que Ñape começou suas atividades recentemente, portanto estão em um nível bem diferente de posicionamento mercadológico. Reconhece a necessidade de que o trabalho de comercialização deve ser feito e comenta o que as agências têm dito sobre o *lodge*:

> [...] "yo me juego por la comunidad y voy a meter mis turistas a Baawaja, a Ñape, que es de la comunidad directamente, manejada por la comunidad. Y eso es lo que ha habido. Entonces, ha habido dos agencias, trés agencias que han ido así, han ido ingresando, metiendo turista (informação verbal).

Nesse mesmo contexto, Leny Lavado explica que, atualmente, contam com seis agências, que por seu turno, levam cada vez mais e mais turistas para o Ñape. Complementa ainda que no momento participam de feiras de turismo e que estas os ajudam a comercializar seus produtos, além de estarem se dedicando a ganhar a confiança dos operadores turísticos. Avalia que:

> [...] teniamos que trabajar poco a poco en lo que es este marketing, en ofrecer nuestro producto de Ñape como albergue, entonces, ya al segundo año íbamos mejorando también en habitaciones, el servicio todo esto y ahora te podemos decir que ya estamos trabajando con alrededor de ses agencias (informação verbal).

Notam-se os esforços do empreendimento em se posicionar a contento no mercado e a preocupação de, paulatinamente, obter a confiança do mercado turístico, a exemplo da Posada Amazonas.

O Ñape lodge dispõe de um escritório exclusivo de operações, localizado em Puerto Maldonado, o Baawaja Expeditions (Fotografia 235), que é uma empresa privada de propriedade da CNI e que funciona desde 2018, com a missão de fazer ecoturismo, pesquisa e tours em Tambopata. Na estrutura organizacional da agência, encontra-se um gerente geral, que é o senhor Frederico Durán. Explica a encarregada de reservas, Leny Lavado, que:

> Aquí tenemos dos personas que nos hemos capacitado también para poder trabajar, que es una persona, que es Lisbeth, la esposa de uno de los comuneros, que ella hace operaciones; y yo Leny soy estoy encargada del área de ventas y reservas para Ñape, También tenemos el área contable y ya pues en el albergue tenemos un administrador y él parte del staff de las personas que están trabajando allá, en Ñape (informação verbal)

Portanto, a comercialização do empreendimento está em fase de consolidação no mercado.

Fotografia 235 - Baawaja Expeditions



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

d) Conservação, problemas em geral e desafios

No que tange às práticas de sustentabilidade desenvolvidas pelo empreendimento, Wilber Velasquez explica que este possui biodigestores para o tratamento de águas residuais:

> [...] esas aguas no van al río, no contaminan, las aguas del río nada. Igualmente, en la cocina todos lugares tienen biodigestores donde va y tratamos de conservar como está, no estar cogiendo o matando animales, más bien protegerlos. [...] También, la basura por ejemplo se se junta los residuos, las bolsas plásticas, las latas, los vidrios, papeles separadamente. Y tenemos un pozo también para los orgánicos donde se vota solamente ese pozo todo lo que es comidas, orgánicos, lo demás enviamos a la ciudad y la ciudadanía lo distribuyen según su clasificación (informação verbal).

Esse sistema de água potabilizada tem na comunidade, e o entrevistado detalha que é

> [...] es bombeado del suelo de un pozo tubular, de ahí bombea a unos tanques elevados es tratada con el cloro y eso viene ya purificada a todos los caños, todas las piletas y aparte tenemos también en las piletas acá en la cocina. Hay filtros (informação verbal).

Assim, toda a comida é preparada com água filtrada.

No que respeita à energia elétrica, o empreendimento possui um gerador, que funciona à gasolina, e tem seu funcionamento limitado ao período de apenas três vezes ao dia.

Alguns problemas foram apontados por Ronald Mishaja, e um deles diz respeito à falta de clareza e de definição das atividades que são realizadas pelos turistas, e menciona que quanto à atenção ao cliente, o nível está bom, mas que os turistas reclamam quando as atividades não saem a contento, de acordo com as expectativas deles, pois se torna necessário lembrar que o turista que visita a selva amazônica é atraído pelo exotismo da flora e fauna. Segundo ele:

> [...] Esas actividades sino lo explican bien el turista al final te dice "no, mira... ¡pucha! he hecho una actividad larga, que no he visto nada y he hecho una actividad corta que he visto, son cosas en sí nos dicen ellos en sus encuestas que nosotros le damos para que ellos nos digan qué le pareció, Ahí te dicen, qué les gustó o que no le gustó, que está bien, que está mal; que está regular, que tenemos que mejorar (informação verbal).

Outro problema, desta vez pontuado por Leny Levado, é a delinquência, e que esta requer um acompanhamento policial constante:

> [...] este es casi complicado realizar esta actividad porque el turista normalmente turistas extranjeros vienen para acá. Entonces cuando llegan aquí ya es las tres de la tarde. Ahora estamos saliendo acompañados tenemos un acompañamiento policial, sin esto nosotros no salimos, estamos trabajando todas las empresas turísticas con el Gobierno regional de acá, que nos están apoyando con el resguardo policial por todos los antecedentes que han pasado anteriormente entonces es decir si el pasajero llega a las dos y media de la tarde sale de acá y llega al albergue casi cuatro y media de la tarde. Solo haría Torre. Torre de docel, es una visita, una actividad que hacen (informação verbal).

Então, essas medidas foram tomadas pelos empreendimentos em decorrência, como já mencionado anteriormente neste livro, do assassinato de um guia e de assaltos às empresas turísticas. Aqui cabe ressaltar que, quando esta pesquisadora esteve em pesquisa ao Ñape Lodge e à Posada Amazonas, suas duas viagens foram escoltadas pela força policial. Em acordo e horário pré-estabelecidos, as vans seguem em comboio, de um ponto no centro de Puerto Maldonado até o porto fluvial, onde saem os barcos para os *lodges*.

Um desafio a ser enfrentado pelo Ñape Lodge, segundo Alvaro Chavez, é que são poucos os jovens da comunidade que estudam e seguem a carreira técnica ou universitária para se dedicarem ao turismo, pois esta atividade requer pessoal especializado. Adicionalmente, isso foi confirmado por Ronald Mishaja, que avalia que, no momento, estão focados em criar

capital humano para atingir os objetivos da comunidade e suas diferentes iniciativas, e enfatiza que, para tanto, é necessário que esses profissionais sejam da própria comunidade.

Posada Amazonas

A Posada Amazonas Logde (Fotografia 236), de propriedade da comunidade nativa do Inferno, Madre de Dios, está na da área destinada para desenvolvimento de turismo, à margem direita do Rio Tambopata (Fotografia 237), na Zona de Amortecimento da RNTAMB, segundo José Justiano Santos[11], administrador da Amazonas. É um dos empreendimentos mais reconhecido em nível internacional. Para o MINCETUR, é um dos empreendimentos exemplares do Peru que trabalha como o TRC.

Fotografia 236 - Vista aérea da Posada Amazonas Logde



Fonte: Cedida por José Justiniano, 2020.

[11] Licenciado em Administração e Hotelaria.

Fotografia 237 - Rio Tambopata



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

a) Parceria com a Rainforest Expeditions, perfil do turista e serviços

Em conformidade com Willington Aucca Ortiz[12], gerente de finanças da Rainforest Expeditions, o empreendimento *Posada Amazonas* está sob as administrações compartilhadas entre Rainforest expeditions (Fotografias 238 e 241) e comunidade, que toma suas próprias decisões a respeito dos melhores investimentos a serem feitos, bem como sua infraestrutura e ampliações da Amazonas. A distribuição dos rendimentos líquidos é de 25% para *Rainforest Expeditions* e de 75% para a comunidade e pessoal que trabalha na *Posada*, que, em sua maioria, é gente da CNI.

---

12 Administrador e Mestre em Economia.

Fotografias 238 e 241 - Escritório da Rainforest expeditions em Puerto Maldonado



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

No que tange aos produtos, insumos e materiais como, por exemplo, folhas de crisneras, canas e madeira, com as quais o albergue é feito, foram comprados dos comunitários.

Quanto à venda do artesanato que está no Amazonas, é produzido pelos comunitários, bem como alguns alimentos como banana, mamão e mandioca também são ofertados. A mão de obra para as atividades de manutenção e construção também é da comunidade, assim como os postos de trabalho de garçom, motorista e guia. Já a capacitação está a cargo da *Rainforest Expetidions*, com cursos profissionalizantes especializados.

A visão de turismo da Rainforest Expeditions, de acordo com o entrevistado Willington Aucca, é a de promover as culturas ancestrais e o costume indígena por meio do turismo cultural e vender os serviços a todos os interessados em TRC. Com relação à sua política de negócios, se baseia nas operadoras de viagens e páginas de web, em que estão seus canais de venda. Faz sua promoção em feiras internacionais, blogs, jornais e revistas especializadas e tem representação no exterior. Seu mercado está em uma etapa de crescimento nos Estados Unidos, Canadá e na União Europeia.

O entrevistado ainda informa que a *Rainforest Expeditions* fez escola, pois os comunitários de *Inferno* tiveram a oportunidade de aprender com ela e abriram seus próprios, a exemplo do Ñape Lodge, de propriedade da comunidade, há três anos, que é agenciado pelo *Baawaja Expeditions.* Tem ainda como empreendimentos o *Tambopata Guest House,* antigo SAONA, e Majosehue, ambos de propriedade particular, embora de comunitários.

Segundo José Justiniano, a construção da infraestrutura da *Posada Amazonas* realizou-se de 1994 até 1998. Nesse sentido, a empresa *Rainforest Expeditions* participou junto com a comunidade para que o projeto se tornasse realidade. Atualmente, o referido empreendimento comunitário conta com 30 apartamentos, duas suítes *confort* e superiores (Fotografia 242), restaurante (Fotografias 243 e 246), bicicletário (Fotografia 247) e bar (Fotografias 248 e 249). Contam ainda com duas torres: de avistamento e torre de observação.

Fotografia 242 - Apartamento



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Fotografias 243 e 246 - Restaurante com serviço de buffets



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Fotografia 247 - Bicicletário



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Fotografias 248 e 249 - Bar e área de descanso



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Os turistas que visitam a *Posada Amazonas* provêm da Europa, Austrália, Estados Unidos e Canadá, segundo José Justiano. Um outro informante, Gilbert, diz que atualmente está a se expandir para o mercado asiático, ou seja, China e Taiwan. São turistas seletos e exigentes, e pressupõem uma programação e um destino organizado.

Os turistas que visitam a *Posada Amazonas* têm uma permanência de três dias e duas noites. O local conta com 11 atividades, ditas clássicas, e outra personalizada (carta), e o cliente tem a possibilidade de escolher a atividade que deseja realizar. Dentre as atividades clássicas, estão as seguintes:

1. A torre de observação que perfaz aproximadamente 40 metros de altura;

2. O lago, com grande possibilidade de avistar ver lobo de rios, caimanes negros, e aves típicas;

3. Avistamento de aves em Puerta de Guacamayos, que está entre dez a doze minutos caminhando a partir do albergue. E no dia seguinte, visita à Collpa de Papagaios guacamayos. Pela manhã, visualizam-se papagaios e periquitos;

4. Em caminhada de duas horas e meia (Fotografia 250), em que se visita a maior árvore do lugar, a Ceiba;

5. Visita a uma chácara de uma família local para conhecer os cultivos.

Fotografia 250 - Trilha para caminhada



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

E com relação à carta que está a implementar-se, são as seguintes atividades:

1. hiking caminata intensa;

2. O rafting ou a balsa; *River sunset* que é a navegação no rio pela tarde e a visualização do entardecer;

3. *Nigth walk* caminhada noturna;

4. Tatoo, pinta de polo, para fazer tatuagens com tintas naturais;

5. Ese' Eja day, que é um dia de visita à comunidade de Inferno.

Adicionalmente, o turista pode usufruir de outros serviços que dispõe a *Posada Amazonas*: um SPA e uma lojinha de artesanato. Todos esses serviços e funcionamento são apresentados aos hóspedes quando de sua chegada à Pousada, pela Chefe de Serviços (Fotografia 251).

Fotografia 251 - Recepção feita pelo Chefe de Serviços



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Quanto ao abastecimento de comida, o administrador da Posada Amazonas explica que se conta com um departamento de logística que se compõe de um Chefe de Compras e um assistente. Com relação aos pedidos, estes se realizam semanalmente, em dias específicos e detalha:

> Hacemos dos pedidos a la semana, los dias martes, y los dias viernes. Esos pedidos son llegados y enviados en los dias lunes y los dias jueves. De igual forma los productos de la region son proporcionados exclusivamente por la misma comunidad, [...] haciemos una alianza de un trabajo coperativo comunidad-empresa, empresa-comunidad (informação verbal).

Essa, portanto, é a maneira encontrada pela pousada para suprimir suas necessidades e atender a contento seus clientes. É indubitável a necessidade que o empreendimento tem de fazer um trato cooperativo com a comunidade. O detalhe dessa cooperação são os produtos locais que a comunidade produz.

No que tange à tomada de decisões, José Justianiano diz que as decisões operativas estão sob sua competência, embora exista um Comitê de controle e um gerente de finanças. E mais, toda decisão econômica que se encontra fora de um orçamento anual, quer seja um extra, um sobregiro, que requer uma quantidade muito alta de investimento, faz-se sempre uma consulta a estes comitês com vista a fazer-se um investimento eficiente.

b) Comercialização, capacitação e ações ambientais

Para a comercialização da *Posada Amazonas*, utilizam-se sites da *web*, como o *Trip Advisor*, agências de viagem de diferentes partes do Peru, e, assim, captam turistas de diferentes lugares do mundo. Vai-se ainda a feiras internacionais de turismo, em Amsterdã, na China, em Vancouver, em Sidney e nos EUA. Além dessas feiras, frequentam-se outros eventos internacionais de turismo, nos quais a *Rainforest Expeditions* conta com seu *staff* profissional.

Ainda segundo José Justianiano, todas as pessoas que trabalham na *Posada Amazonas* pertencem a Inferno, e um de seus maiores objetivos é o de promover a formação profissional turística entre seus habitantes. Segundo ele:

> Tenemos 25 personas que se les encuentran en un contrato por planilla, para garantizalo que no haya rotación de personal , tener un personal estable que te brinde seguridad y que no te brinde un quiebre durante la temporada. Persona capacitada. Persona preparada [...] Mi capacitación inicio en *Rainforest Expeditions*, como assistente de operaciones, luego como cordinador de operaciones, se me brindó la posiblidad y se me di el cargo de Jefe de Servicios aqui en Posada Amazonas, Hoy en dia ya yo tengo más de un año como Administrador en Posada Amazonas, mi trayecto y mi vida hoy en dia, después de estar en una Universidad, depues de regressar de la Universidad (informação verbal).

Pelo relatado, o empreendimento supracitado está nas mãos de quem entende do que faz e que tem uma formação voltada para o negócio do turismo. Ademais, a política de se colocar nas funções as pessoas da comunidade dá, de certo modo, um ar de pertencimento com relação à *Amazonas*. Considera-se essa estratégia como base do Turismo Comunitário, evitando, assim, um possível êxodo dos jovens para outras paragens.

A continuar sua fala, Jose Justiano explica que o manejo de resíduos e atividades de conservação da Posada Amazonas contam com o Plano Integral de Manejo de Energia, Água y Resíduos (PIMEAR) – e um das ações é capacitar as pessoas que entram para trabalhar no empreendimento.

Com relação ao lixo, tem-se um centro de *colpio*, no qual se armazena este em grandes sacos na cor preta, sinalizados. Nesses, encontram-se papel, plásticos, metal, vidro, o que, com muito cuidado, são rotulados, pesados e enviados para a Prefeitura de Puerto Maldonado, que se encarrega de os levar para o aterro sanitário, no qual são distribuídos para reciclagem. Com relação ao lixo orgânico, tem-se um poço séptico em que passam por um tratamento por meio de cal e também de um componente químico.

A complementar, José Justiniano enfatiza que a *Posada Amazonas* trabalha com poços biodigestores, que têm um sistema de perfuração no qual tudo é filtrado, para no final, ter-se uma água que não contamina os rios nem as áreas verdes. Além disso, trabalha com cisternas, ozônio e cloro. Ele ainda ressalta:

> Nuestros pasajeros, hoy en día, todos pueden consumir el agua tranquilamente. Nuestro produtos lo trabajamos através de soro, lo limpamos através de produtos Ecolab. El Ecolab es internacionalmente produtos ecosostenibles, es confiable donde este te brinda la mayor seguridad de que ese produto no te va contaminar (informação verbal).

Vê-se, portanto, que a *Posada Amazonas* tem uma preocupação com relação às práticas de conservação da sociobiodiversidade.

Uma outra vertente de cuidados é a que diz respeito à política Zero Plástico, um programa da Posada que consiste em educar os hóspedes e os seus clientes internos a deixarem de usar, de comprar e de não trazerem invólucros de plásticos. Enfatiza que já estão com "cero plásticos", enquanto norma.

No que tange à eletricidade, trabalha-se com gerador elétrico e já estão prontos a implantar paines solares que são sustentáveis, com energia renovável.

A finalizar com esse tema, José Justianiano diz que, hoje em dia, tem-se uma cultura que preza pela consciência de conservação. A comunidade nativa tem investido em sua população, para que haja conscientização ambiental com relação à flora e à fauna, por via de programas de empresas privadas e públicas como SERNANP, MINAN e CEFOR, que os apoiam. Por outro lado, a própria associação da comunidade nativa de Madre de Diós tem investido em conservação e recebido dinheiro por conservar.

c) Desafios e algumas reflexões sobre o Ñape lodge e a Posada Amazonas

Segundo ainda o entrevistado José Justianino, há desafios a transpor, e menciona que um desses é o de formar

> solamente la empresa como empresa, como comunidad. Es lo que hoy en dia están o se plantean o se quiere como comunidad. No lo digo yo, lo digo sus própios Directivos, los dicen los propios, personas que encabezan la comunidad, el Presidente de la comunidad, el presidente de Comité de control, la misma población, es lo que quieren: separase y enfocase en su negocio como comunidad, depender de ellos mismo (informação verbal).

Nessa direção, ter-se-ia, portanto, um empreendimento realmente de base comunitária a ser gerenciado pela própria comunidade, conforme os ditames que preconiza o TC.

Ao fazer uma comparativa sobre a *Posada Amazonas* e o Ñape *Lodge*, Gilbert Arrospide analisa que, embora estes dois projetos sejam diferentes – o projeto *Posada Amazonas* de propriedade da CNI associado a *Rainforest Expeditions* e o Ñape *Lodge*, também de propriedade da dita comunidade, com exclusividade da mesma na gestão –, estão focados no que é turismo e ecoturismo. A *Posada Amazonas* está centrada no que é o ecoturismo, porque trata de minimizar o impacto deste dentro do ecossistema no qual se desenvolve, e o Ñape *Lodge*, que tenta imitá-la. No entanto, o entrevistado avalia que muito tem que ser feito no Ñape *Lodge*, e corrobora essa avaliação enfatizando a necessidade de melhoria em alguns serviços para minimizar o impacto no lugar e que, obviamente, para se alcançar esse nível, precisar-se-ia fazer um investimento econômico para o controle, por exemplo, de produtos amigáveis com o meio ambiente.

O mesmo entrevistado, Gilbert Arrospide, diz que são projetos diferentes, no sentido de que durante a construção da *Posada Amazonas*, os comunitários participaram desta, a custo zero, o que significa que a mão de obra era gratuita e que as famílias se organizavam em grupos de 15 ou 20 pessoas para trabalhar na construção do albergue, por duas semanas ou uma semana e meia a custo zero, sem nenhum pagamento. E conclui dizendo que o único objetivo era esperar que este projeto tivesse, no futuro, um bom resultado.

Nessa perspectiva, muitos comunitários, a princípio, começaram entusiasmados, mas depois de três, quatro, seis meses, começaram a cansar-se e ainda tinham comentários negativos de muitos sócios, que não acreditavam no projeto. Relata Gilbert Arrospide que muitos se deixavam levar por estas pessoas, mas que outros persistiram, e, no final, todos viram o resultado do trabalho empreitado.

Entretanto, o informante continua a comparação ao avaliar que, no caso do Ñape *Lodge*:

> en el fondo de este proyecto que se quería realizar no era así. Nosotros como guías teníamos otra idea cómo realizar otro turismo en alla. No queríamos hacerlo. Mucho mejor que fue que Posada Amazona, para un turismo más elevado, más alto, pero sin embargo los líderes en esos momentos fueron los que decidieron y no escucharon la experiencia y las recomendaciones de los guías que somos nosotros. Para ver cómo trabajar y ver que sea un poco mejor que Posada simplemente no escucharon, se consideraron líderes que sabían de todo y es ahí donde estan es por eso es que el nivel de Ñape es un poco mucho más bajo en cuanto al servicio que Posada Amazonas ¿no? cuando nosotros queríamos que sea más alto desde el principio; va a tomar tiempo, pero creo que hasta cuando termine el contrato o el convenio con *Rainforest Expeditions* vamos a seguir ganando experiencia y ahora hay un grupo de personas que quiere que Posada Amazona se refuerce y se vuelva a reconstruir. Con mejores habitaciones, enfocada a turismo de clase social más, el más alto. Entonces, se está viendo ahorita lo que se quiere hacer con Posada Amazonas (informação verbal).

Similar concepção sobre o empreendimento Ñape *Lodge* tem outro informante, Jose Justianiano, quando observa que, devido a todo o *know how* que os comunitários tiveram ao longo desses 20 anos com a *Rainforest Expeditions* na execução e operação da *Posada Amazonas*, poderiam ter pensado em um produto superior a esta, uma vez que são similares e, por isso, concorrentes entre si.

Tambopata Guest House

O Tambopata Guest House, antes denominado de *Saona Lodge*, está localizado na CNI e se constitui no segundo empreendimento em turismo estabelecido nesta comunidade. Como explica William Duran, gerente do empreendimento e responsável pela boutique, bar e spa da Posada Amazonas, esse é de estrutura familiar e nasceu em 1995, por iniciativa de seu irmão Julio, conforme relato:

> [...] la idea era proteger las áreas que tenemos ahí; Entonces, nos reunimos con los hermanos y hemos puestos una cuota para poder legalizar y que el nombre Saona de la empresa este en registros públicos, desde ahí empezó, pero no ha sido tan exitoso esos años (informação verbal)

O entrevistado menciona que ele e seus irmãos nasceram na CNI, e considera sua esta iniciativa 100% de base local e diz que "[...] empiezamos a trabajar turismo, hemos tenido altos, bajos; hemos tenido así, pero ahora ya estamos teniendo más pasajeros. Gracias a la agencia 'Peru Green', que opera os pacotes para o referido empreendimento" (informação verbal). A *Peru Green Expeditions* está localizada no Boulevard Plaza de Armas (Fotografia 252), no centro de Tambopata, área em que está concentrada a maioria das agências turísticas locais.

Fotografia 252 - Boulevard Plaza de Armas



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Conforme entendimento do entrevistado, sua família considera que seu empreendimento de turismo se constitui em um empreendimento comunitário, porque dentro de suas atividades aborda-se parte da cultura local além de "[...] pasajeros o turistas visitan los hogares y ayudan en actividades como la chacra y a cocinar, entre otras". É o que se chama de turismo de base comunitária, quando apenas uma família de comunitários decide empreender na atividade turística.

Este referido empreendimento paga em torno de 5% de seus lucros anuais à CNI, conforme menciona o entrevistado

> [...] O sea, cualquier persona puede tener su iniciativa, puede tener su albergue, pero tiene que pagar a la comunidad un porcentaje porque utilizan los atractivos de la comunidad, así como es el lago. Por ejemplo, nosotros utilizamos la Torre de Ñape (informação verbal).

Entretanto, até o momento não existe uma associação que agregue empreendimentos dessa natureza.

a) Aspectos estruturais e de recursos humanos

O empreendimento dispõe de oito unidades habitacionais com banheiros coletivos, um restaurante (Fotografia 253) com área de descanso, um bar e um jardim. Os hóspedes podem usufruir de qualquer atrativo da CNI, como o lago e a torre, podendo praticar diversas atividades como caminhadas diurnas ou noturnas, visitas à CNI, passeios ao Lago *Três Chimbadas*, pesca de piranha e a Torre de canopy.,

Fotografia 253 - Restaurante com área de descanso



Fonte: Cedida por Robin Duran, 2019.

No que diz respeito aos recursos humanos do *Tambopata Guest House*, este conta com seis funcionários, dos quais três ficam lotados no Albergue da seguinte maneira: um responsável pela manutenção, uma cozinheira e um administrador, e os demais na agência, como o gerente da *Peru Green*, e mais dois colaboradores, que são responsáveis pelo setor de vendas. Com relação aos guias de turismo, estes são *free lancers*, uma vez que a agência trabalha com o sistema de rotação e apenas são chamados quando há grupos de turistas.

b Perfil de turista, capacitação, comercialização, ações de conservação, problemas e desafios

Com relação ao perfil do turista que recebem, estes são nacionais e estrangeiros, e chegam em grupos de seis a oito pessoas (Fotografia 254). O tempo de permanência dos turistas é de no mínimo duas noites e três dias,

podendo ser também de cinco noites e seis dias. Ainda oferecem o *full day*, quando pernoitam e, às vezes, ficam por uma ou duas noites.

Fotografia 254 - Grupos de turistas



Fonte: Cedida por Robin Duran, 2019.

A respeito das capacitações recebidas, menciona que foram realizadas oficinas de etiqueta social, de compromisso, de técnicas de guiamento e, na área da cozinha e demais dependências, receberam treinamentos sobre normas de limpeza e higiene.

Inicialmente, o *Tambopata Guest House* não teve muito êxito, o que se deveu ao escasso fluxo de turistas. Ante o problema, William explica que criaram uma agência de viagens chamada *Peru Green*, para captar turistas exclusivamente para sua hospedaria, e explica:

> [...] decidimos dos de mis hermanos, el año pasado (2018), decidimos crear una agencia para que pueda enviar turistas a Saona, al albergue que está en Infierno que pertenece a la familia. Hemos tenido altos, bajos; pero ahora ya estamos teniendo más pasajeros con la agencia que se llama *Peru Green (*informação verbal).

Portanto, essa agência é o braço comercial do empreendimento e conseguiu, segundo o relato, incrementar o fluxo de turistas para este, apesar da flutuação de visitantes na região.

Quanto às ações de conservação, o *Tambopata Guest House* informa que, como proprietários da CNI, cada irmão tem 30 hec. como "emparcelados", o que significa:

> [...] la comunidad te da 30 hectáreas para que tu trabajes, otros socios no se pueden meter en el terreno que te ha dado la comunidad. No eres dueño, pero eres como, como sería tu parcela. O sea esa tierra tú lo vas a trabajar de repente en agricultura o turismo, muchas actividades que puedes hacer, pero menos la minería, porque está prohibido (informação verbal).

Willian Duran explica que, entre todos os irmãos, estes possuem 500 hec. sob sua proteção.

> [...] Trabajamos, casi anual es con este Chris Kirby que lleva sus turistas, claro ellos pagan, pagan su pernoche y hacen conteo de árboles, conteo de animales toda esa información nos dejan a nosotros, sabemos cuántos Chiuaco hay, sabemos qué tipo de especies de aves tenemos, entonces ahí evitamos que también los comuneros ingresen a cazar porque ahí tenemos a Shachavaca o sea un Tapir, Tapir, tenemos venados, tenemos monos diferentes tipos de monos y otras especies más. Y ahí es donde se van los animales porque cerca la comunidad los comuneros han hecho mucha agricultura donde el bosque no está, así como en la parte Saona casi, casi casi virgen. Entonces con esa actividad nos estamos conservando (informação verbal).

Eis um exemplo que se pode aliar a atividade turística com a de conservação.

De acordo com William Duran, o problema maior que se enfrenta é a falta de conscientização dos comunitários com relação à caça, pois ainda se pratica essa atividade em demasia e ressalta que:

> [...] lo que buscan es enseñar a respetar las zonas donde se está desarrollando este turismo y el terreno que hay ahí es desde socios de la comunidad. Entonces, tenemos que invertir un poco más en capacitación a los mismos comuneros ¿no? para poder minimizar el impacto que tenemos más relevantes son justamente con los comuneros, que son unas 185 familias, 750 personas, entre niños adultos (informação verbal).

Apesar de organizados e levarem a frente essa iniciativa turística, inclusive almejando a sustentabilidade de suas áreas, o empreendimento

ainda se ressente da inconsciência de alguns comunitários com práticas que desvirtuam seus objetivos.

O gerente do *Tambopata Guest House* menciona que um dos desafios é administrar a concorrência, que atualmente é muito alta, sobretudo no que respeita aos preços. Tem-se que buscar outras opções além dos passeios aos lagos Tres chimbadas e Sandoval, que é normalmente oferecido por todas as empresas. Então, o empreendimento *Tambopata* seria um diferencial à disposição do mercado. As agências locais cobram bem menos, por isso, faz-se necessário estar atentos em criar e por conseguinte oferecer mais opções aos turistas.

Portanto, para William Duran, é necessário encontrar financiamento para melhorar a infraestrutura, além de realizar atividades de marketing. Dessa maneira, poder-se-ia contribuir para a geração de mais trabalhos para as pessoas da comunidade, "porque los que están ahí son comuneros, que están trabajando allí son comunero". Pelo depoimento, vê-se que o empreendimento turístico está em bom curso; no entanto, são necessárias medidas para que a atividade evolua, considerando que o turismo, dada a sua complexidade, requer diversos elementos que são intrínsecos à sua essência, uma atividade voltada para as pessoas.

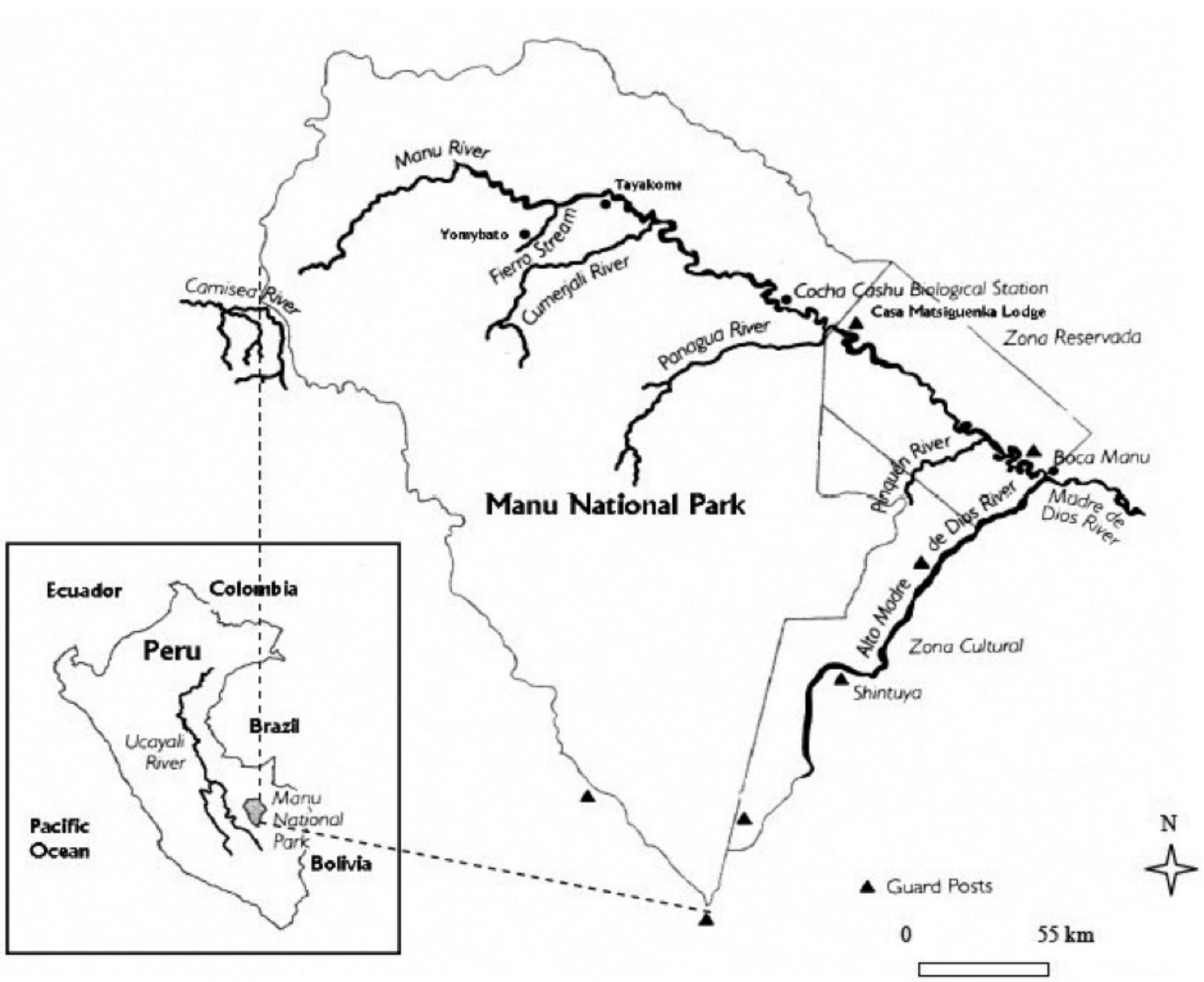
5.6 Parque Nacional Manu

O Parque Nacional Manu (PNM) foi estabelecido em 29 de maio de 1973, conforme SERNANP (2014), e é manejado de acordo a Estratégia Nacional para as Áreas Naturais Protegidas (Plano Diretor). Entretanto, foi somente no ano de 2001 que se categorizou definitivamente a Zona Reservada de Manu e incorporada ao PNM. Essa categorização finalmente efetivou-se com a promulgação do DS N° 045-2002-AG, e obteve sua ampliação territorial.

De acordo com o Plano Mestre 2013-2018 do PNM (SERNANP, 2014), esse conta com uma área total de 1.716.295,22 ha. A zonificação dessa Área Natural Protegida define as áreas de manejo do PNM da seguinte maneira: zona de proteção estrita (84,95%); zona silvestre (10,30%); zona de uso especial (2,31%); zona histórico-cultural (1,07%); zona de recuperação (0,92%); e zona de uso turístico e recreativo (0,71%).

O PNM (Figura 3) localiza-se ao sudeste do Peru, no setor oriental da Cordilheira dos Andes e na borda ocidental da bacia amazônica, nos departamentos de Madre de Dios e Cusco. Abrange especificamente o distrito Kosñipáta, na província de Paucartambo em Cusco, e os distritos Fitzcarrald e Manu, na província de Madre Dios (SERNANP, 2014)

Figura 3 - Localização do Parque Nacional Manu



Fonte: Herrera (2006).

a) Algumas questões sobre o turismo e as comunidades

A acrescentar informações obtidas em campo com o especialista em turismo do PNM, Royer Phocco Gutierrez, ele menciona:

> [...] tenemos aproximadamente en ese parque, un millón 700 mil hectáreas, un 15% pertenece a la región Cusco y lo demás a la región Madre de Dios. Entonces, a nivel geográfico tenemos trés ecosistemas, hablando a nivel general [...] estamos hablando de tres ecorregiones, de tres ecosistemas grandes, la hemos dividido para facilitar el proceso de gestión, la zona Altoandina, atendiendo Altoandina de Pajonal que va entre los 3700 a los 3500 aproximadamente. Tenemos el ecosistema del bosque nublado que es el intermedio que va desde los 3 500 hacia los 700 aprox. y toda la parte de la llanura Amazónica son toda la parte amazónica que sí, comprende a todo lo que es zona baja o parte amazónica. Entonces, eso da nivel a nivel de ecosistemas. También se tiene obviamente en nuestros documentos de gestión que hemos dividido de esa forma y también hemos puesto los cuerpos de agua que son los ríos, lagunas y coches (informação verbal).

Esse informante ressalta que também se encontram iniciativas turísticas na zona de amortecimento. Diz que, atualmente, tem-se apenas um empreendimento que está dentro do PNM com comunidades nativas. No entanto, existem os que estão fora da Área Natural Protegida, que são Chipetarie e Palotoa. Existem também empreendimentos, porém estão na zona de amortecimento. É dado assessoria para esses empreendimentos eventualmente, um certo apoio da gestão do PNM às comunidades Matsiguenka, precisamente, Tayakome e Yomibato, que estão dentro da área protegida. Então, uma das opções que se tem buscado para o desenvolvimento dessas comunidades é o ecoturismo por meio de um empreendimento comunitário, de um Albergue. Assim, esse empreendimento nasceu há aproximadamente 20 anos, por meio de um acordo com o PNM e as comunidades para o desenvolvimento dessa área.

Na área de influência de PNM, encontram-se 30 comunidades campesinas, que mantêm o *quechua* como sua língua materna, e várias populações nativas amazônicas. São estas a *Matsiguenka*, a *Kugapakoris*, a *Huachipaires* e a *Piros*, com algum ou nenhum contato como os *Arahuacas* e os *Yaminaguas*, segundo Royer Phocco. Parte do passado cultural destes grupos está conservado pelos petróglifos de *Pusharo*, na região.

A respeito dessa diversidade, não somente biológica, mas também cultural, Royer Phocco, especialista em turismo, detalha, a nível de gestão, o entorno da área de influência do PNM, mencionando o turismo como um pilar de desenvolvimento:

> Entonces, se ha trabajado en ese marco y en general, eso las comunidades nativas que comprenden estas dos en general y sus anexos que son que son dos, también tenemos Yomibato, Tayacome , Cacaotal y Maizal, que son los anexos. Entonces, esa complejidad hace que el Parque Nacional Manu tenga que tener un nivel de gestión para su desarrollo. Uno de ellos como ya sabemos es el turismo, pero también se viene si se quiere trabajar otro tipo de este no otro tipo de apoyo para su desarrollo aprovechamiento de árboles en pie como se dice no de tala sino de aprovechamiento sostenible de los bosques, apoyos de las propias comunidades en términos de mejoramiento de vivienda, mejoramiento de huertos familiares y ese tipo de cosas. En general salud, educación mayormente (informação verbal).

Vê-se assim que não resta dúvida ser o turismo um móvel de desenvolvimento para as comunidades inseridas na região.

De igual modo e frente às características relevantes do PNM, pode-se mencionar que, em 1987, a Unesco o incorporou na lista de Patrimônio Natural da Humanidade, em virtude de seu enorme valor para a conservação da diversidade biológica. Nessa direção, o PNM é uma das poucas áreas naturais protegidas do mundo que abriga uma diversidade grande de ecossistemas, desde campos de altura, a mais de 4.000 msnm, até os bosques tropicais chuvosos, passando pelos bosques nublados. O PNM protege toda

a sub-bacia do rio Manu (SERNANP, 2014). E, à medida que as pesquisas vão se desenvolvendo sobre diferentes aspectos de sua diversidade biológica e cultural, a importância do PNM tem aumentado e, em consequência, tem aumentado o interesse do Estado e da comunidade científica internacional por sua condição.

Do mesmo modo, a zona de uso turístico e recreativo de 12.211,81 ha, representa 0,71% da área total do PNM. Segundo SERNANP (2014), tem sido aproveitada pelas comunidades locais, as quais são incentivadas a realizar investimentos em projetos turísticos dirigidos a um mercado internacional, aproveitando, portanto, os diferentes atrativos naturais e culturais presentes no parque.

No que se refere aos atrativos turísticos, o especialista em turismo do PNM menciona que o PNM é detentor de muitas particularidades e interesses úteis ao turismo:

> [...] todo el perfil del turista que va al río Manu es un turista especializado en fauna, en aves, todo lo que es fauna o flora (informação verbal).
> [...] el proyecto de la ruta desde Cusco hasta el Manu es un atractivo, ¿a qué me refiero? es un atractivo turístico, toda esta ruta es reconocida por lo menos para el Aviturismo, el mismo se denomina *Manu road*.
> [...] toda esta parte por lo menos del bosque nublado es como un *hot spot* para avistamiento de aves está reconocida. Los turistas que van al Parque Nacional del Manu son especializados (informação verbal).
> La misma ruta donde esta es parte, es el atractivo que venden los operadores porque vas en la gradiente altitudinal es bien, bien grande va desde los 3 700 y llegas a ver Limonál a los 300. Entonces toda esa gradiente altitudinal hace que la diversidad sea bastante, por lo menos en aves, mamíferos. Ese el motivo por lo que se opera desde Cusco, a pesar de que desde Cusco hay una mayor afluencia turística, hay una mayor dentro del parque (informação verbal).

Tais afirmações são reforçadas por uma operadora turística, Carmen Salas, que menciona que

> [...] viajan al Parque de Manu, bastante joven que está interesado en ver vida salvaje dentro del parque. Eso es, bueno trabajamos con todo tipo de gente, con diferentes nacionalidades y básicamente más gente joven adulta en general (informação verbal).

As afetações do PNM, de acordo com o informante Royer Phocco, são as seguintes: em primeiro lugar, os incêndios na época de seca, que ocorrem entre os meses de julho e agosto nas zonas altoandinas; e o conflito Oso-humano, que ocorre nas comunidades que estão fora da zona de amortecimento, quando os animais do parque vêm e comem as plantações/hortas.

5.7 Casa Matsiguenka

As informações obtidas em campo, relativas especificamente ao projeto de Turismo da Casa Matsiguenka, foram baseadas em relatos decorridos, sobretudo, da administradora Ilven Metaki, do referido projeto, e da encarregada de uma agência que opera os tours, além de outros atores que, de uma maneira ou de outra, colaboraram para dar desenho significativo à compreensão sobre a atividade turística nesse empreendimento comunitário.

a) Operação, perfil dos turistas, capacitação e aspectos estruturais

De acordo com uma informante, Carmen Salas, que comercializa e opera pacotes turísticos para o PNM, a empresa Amazon Wildlife Peru (Fotografia 255) está localizada no centro comercial de Cusco e é uma agência de viagens, especializada em selva, que vende pacotes turísticos, em formato de *tours* ecológicos, com no mínimo quatro dias de duração e no máximo oito a nove dias, e tem como foco mostrar aos turistas a vida selvagem. Segundo a gerente do escritório, Carmem Salas, a empresa faz

trabalhos de reflorestamento na selva, durante a baixa temporada de turistas. Além disso, a entrevistada informa que a agência possui uma Reserva Ecológica privada, e fazem bastante reflorestamento, além de dispor de um albergue e de uma torre de: "observación de aves, tenemos Collpas de tapir porque es un atractivo más en nuestros tours cortos, [...] y ahí hacemos diferentes actividades y tenemos toda la infraestructura necesaria" (informação verbal).

Fotografia 255 - Amazon Wildlife Peru



Fonte: Mônica Araújo, 2019.

A seguir, explica que a Casa Multicomunal Matsiguenka, que pertence aos nativos de *Takacome* e *Yomibato* (Fotografias 256 e 257), é uma provedora de serviços e descreve:

> [...] programas completos, mínimo para llegar a la Casa Matsguenka son seis días y cinco noches, como mínimo, un programa. El viaje es en carro, posteriormente en bote con diferentes paradas, excursiones, caminatas, viaje en bote por el río Manu para llegar a la Casa Matsiguenka. Nuestros paquetes incluyen todo su alojamiento, alimentación, ingresos guiados, excursiones, todo desde el inicio de Cusco y retorno a Cusco (informação verbal).

Tal afirmação é confirmada por outra entrevistada, Ilven Metaki, que diz: "Nosotros por ahora trabajamos mediante otras agencias, entonces ellos dan todo el paquete y este con la Casa Matsiguenka entran hasta el Albergue" (informação verbal). Portanto, a Casa Matsiguenka, até a presente data, depende de outras agências para comercializar seus produtos.

Fotografias 256 e 257 - Etnia Matsiguenka



Fonte: casa-matsiguenka.com/tours, 2019.

A Empresa Multicomunal Matsiguenka (Fotografia 258) está localizada no centro comercial de Cusco e é um escritório de apoio à Casa Matsiguenka, gerenciando apenas o setor de reservas – uma pessoa trabalha no local –, conforme informação verbal de Ilven Metaki que diz: "Bueno, acá se hace la reserva, más que todas esas coordinaciones de la reserva, con los gerentes allá existe la radio comunicación que es por medio de donde nos comunicamos". A empresa possui o mesmo tempo de funcionamento que o albergue, isto é, 20 anos de existência como albergue para o turismo.



Fotografia 258 - Empresa Matsiguenka

Fonte: Mônica Araújo, 2019.

Referente ao perfil dos turistas que fazem esses roteiros, a informante (Ilven) comenta que: "los turistas son bueno, hay bastantes, por ejemplo, científicos, biólogos [...]" (informação verbal). A complementar tais informações, Ilven Metaki relata que a presença maior fica por conta dos turistas estrangeiros, oriundos dos Estados Unidos e do Canadá e, no que respeita aos nacionais, estes são em números bem menores.

Em resposta, ainda sobre a demanda turística àquela área, Royer Phocco Gutiérrez comenta que, na maioria, são turistas oriundos dos Estados Unidos, Inglaterra e França.

Ao ser questionada sobre o que está à disposição dos visitantes na Casa Matsiguenka (Fotografias 259 e 263), obtém-se a seguinte descrição da informante:

> Bueno, alojamiento solos se brinda con qué tipo de servicio, alojamiento, tienen habitaciones, *bungalows* con habitaciones, baños compartidos, tienen baños privados, generalmente son habitaciones dobles o matrimoniales con baño privado, servicio de duchas. obviamente tienen baños, comedor, cocina. Tienen una casa de interpretación donde los nativos muestran por ejemplo artesanías, tienen venta de artesanía, que ellos mismos lo realizan allá adentro de la Casa Matsiguenka. Dentro de nuestros tours está incluido una pequeña interpretación de parte de los nativos, demonstrar un poco cómo viven, cómo pescan, como cazan, qué materiales utilizan dentro de su vida diaria. Pero es algo pequeño. Generalmente en una llegada y un momento de interpretación. De las es que ustedes ven solamente (informação verbal).

A complementar a entrevista, Ilven Metaki enfatiza que os bangalôs são feitos do mesmo material daquela zona protegida e que tudo foi construído rusticamente aos modos da própria etnia *Matsiguenka*: "[...] no és como los otros albergues que tienen entonces es igual a ese mismo material de alla mismo". A referida entrevistada afirma que existem 14 bangalôs com capacidade para 32 visitantes, mas que estão em processo final para receber um documento de gestão que garante o direito de gerir o empreendimento.

Ainda dispõe de um refeitório. Com relação a esse processo de concessão para a Casa Matsigenka atuar, Royer Phocco comenta o seguinte:

> [...] Casa Matsigenka ha solicitado su concesión porque ellos tenían una infraestructura turística. Entonces ha solicitado su concesión ya tiene ese otorgamiento de Derecho firmado entonces ya está al nivel de las demás empresas turísticas como operador autorizado del Parque Nacional del Manu. Entonces, se le apoya en eso ahora están elaborando un último documento de gestión que se les exige un otorgamiento de derechos, Exigimos varias cosas y este documento es un instrumento de gestión ambiental. [...] y contempla todo el tema de sostenibilidad que debe tener el proyecto turístico. Entonces ya está en esa última etapa, centrada en el documento y ya finaliza ese proceso, entonces Casa Matsigenka se convierte en una empresa formal para la operatividad turística dentro del parque (informação verbal).

A partir, portanto, das informações acima, em breve sairá o Outorgamento de Direitos para que os Matsiguenka possam também gerenciar seu empreendimento, conforme a legislação sobre esse tema.

Fotografias 259 e 263 - Casa Matsiguenka e o artesanato





Fonte: casa-matsiguenka.com/tours, 2019.

A seguir, observam-se as principais respostas em que foram apresentadas as questões relacionadas à capacitação do pessoal que atua na Casa Matsiguenka, e que de acordo com essa informante, Ilven Metaki, ministram cursos no início do ano, nas altas e baixas temporadas de turismo. Nos meses de janeiro e fevereiro, quando se está na baixa temporada, por exemplo, os cozinheiros fazem capacitação em curso de manipulação de alimentos, já os guias têm cursos de primeiros socorros. Em suma, tanto os cozinheiros quanto os guias recebem capacitação antes de iniciar cada temporada. Menciona que se trabalha nos meses de março a dezembro, porém nos meses de janeiro e fevereiro, não se operam tours na selva, pelas condições climáticas vigentes, pelo estado precário das estradas e devido à impossibilidade de se trafegar com o barco. Então, dedica-se à venda apenas de pacotes no escritório.

Segundo ainda Ilven Metaki, os comunitários ainda estão em processo de capacitação, para que saibam como é o turismo e como ele é manejado e ainda comenta que participarão do "Programa Turismo Empreender". Nesse sentido, a Casa Matsiguenka receberá, conforme consta na relação de ganhadores do Concurso Público do MINCETUR, o total de S/126,000.00 (Turismo meprende.pe/index.html, acesso em 17.02.2020). Reforça ainda que, após essas capacitações, devem praticá-las no Albergue, pois:

> [...] se han hecho eso pero tienen que practicarlo eso se tienen que llevar a la práctica y trabajar en la Casa Matsiguenka o sea en el albergue mismo, [...] pero antes no ha sido así porque los llevaban a las capacitaciones y de ahí regresaban a sus comunidades y ahí están. O sea, no, pero este año queremos que digamos ahora queremos empezar de nuevo con las capacitaciones pero que si trabaja en el albergue que lo pongan en práctica para que ellos también. ellos mismos también sepan no ya realmente como se maneja el turismo (informação verbal).

Afirma ainda que, no que se refere ao envolvimento dos jovens comunitários com o turismo, alguns mostram interesse em querer trabalhar com essa atividade, e que, mesmo assim, a Casa Matsiguenka continua insistindo que estes podem um dia manejar tudo.

Referente ainda à capacitação, outro informante, Royer Phocco, contextualiza, em parte, como esta iniciou-se. Observe-se o que ele diz:

> [...] este emprendimiento nació hace aproximadamente 20 años en el que se tuvo un acuerdo con el Parque Nacional del Manu y las comunidades para el desarrollo de ésta. Entonces se inició con todo este proyecto no se hicieron capacitaciones. Hubo un proyecto con un monto específico en el cual se hizo la construcción de bungalows de espacios de habitaciones, cocina, comedor de recepción y todo lo que comprende la infraestructura para un albergue. Entonces, inició de ese modo con el objetivo de generar desarrollo, generar empleo y que ellos mismos puedan administrar esta empresa. Entonces a lo largo del tiempo ellos se han fortalecido en alguna medida de capas de conocimientos para la operación turismo. Entonces ellos al momento tienen el conocimiento de la logística para la operatividad turística.

> Entonces, seria apoyando con diferentes proyectos en el marco de su fortalecimiento empresarial tema de capacitaciones de apoyo para renovación de infraestructuras, para ampliación y así poco a poco ha ido creciendo Casa Matsiguenka este acuerdo que te comento que contemplaba 20 años en el cual acabó el anterior año. [...] Además, como le decía ¿no? se han ido buscando diferente tipo de financiamientos y proyectos para el tema de capacitación porque la capacitación en el tema de formación de personas es lo es lo básico para llevar a una empresa. Entonces por ejemplo por mencionar un último proyecto que se ha ganado a nivel del Estado, el Estado tiene programas de apoyo. Entonces uno de los programas de apoyo es ha sido "Turismo Emprende " entonces se ha postulado con Casa Matsiguenka a "Turismo Emprende" y se montó se ganó un monto en el cual hay diferentes tipos de actividades de mejoramiento y equipamiento, temas novedosos que de repente ellos puedan vender. También se ha puesto impuesto la actividad las actividades de capacitación. Entonces quien siempre está incidiendo en este tema de capacitación no para que ellos puedan fortalecer sus capacidades y puedan llevar de mejor forma a la empresa turística (informação verbal).

A respeito do Fundo "Programa Turismo Empreende" e a ter por bases legais peruanas o Decreto Legislativo Nº 1329, de 6 de janeiro de 2017, a Lei Nº 30547, de 5 de abril de 2017 e o Decreto Supremo, Nº 02, MINCETUR, de 26 de fevereiro de 2019, eles têm por objetivo promover a criação, desenvolvimento e consolidação de empreendimentos privados vinculados à atividade turística que contemple aspectos de conservação, uso sustentável e desenvolvimento econômico por meio do financiamento e/ou cofinanciamento de tais empreendimentos turísticos para promover a diversificação da oferta turística do país.

A partir dessas informações, verifica-se que não foi imediatamente após a construção do Albergue que se iniciou a preparação dos comunitários para trabalhar no empreendimento, mas que, na atualidade, está-se tendo uma maior preocupação com a capacitação profissional. Entretanto, verifica-se ainda sobre capacitação que esta foi apontada como um dos principais problemas da Casa Matsiguenka. Veja o que se afirma:

> Los principales problemas que ha tenido o que tiene Casa Matsigenka es el tema de su capacidad de operación, resumido en términos de que no hay personal capacitado. Con una buena capacitación para que ellos mismos puedan gestionar y administrar la empresa. Ya tenemos ese problema. en estos 20 años que es el que se tuvo que tuvo la existencia de Matsiguenka hubo administradores externos o administradores externos que acompañaban o directamente a nivel empresarial. Entonces, a partir del anterior año ya estos administradores externos han salido por decisión de las comunidades. Entonces, la administración completa lo tiene en sus comunidades Ilven Metaki es la gerente y ella lleva la administración. Entonces, se ha dificultado en eso en llevar una administración en el cual ellos puedan generar más cosas que ellos puedan generar un buen lobby de empresas. Este convenio de Asociaciones de ese nivel no se tiene todavía por la falta de experiencia y mayor preparación. Esa dificultad tiene ahora casa Matsiguenka más preparación profesional digamos si es esa es su dificultad no por eso está bueno. Nosotros como asesores o acompañantes estamos buscando tal vez una estrategia son estrategias para que ellos realmente puedan fortalecer esta parte porque buena infraestructura tiene, tienen espacios, tienen todo. Les falta fortalecer el tema de capacidades (informação verbal).

A apontar uma outra debilidade para se trabalhar com a Casa Matsiguenka, segundo Ilven Metaki, é a distância do lugar, pois analisa, por exemplo, como se pode manter os alimentos frescos durante quatro, cinco ou seis dias dentro do PNM, uma vez que a viagem é muito longa demandando três ou quatro dias. Diz ainda que, basicamente, estes não são *tours* que todo mundo quer ir. Exemplifica que só vai à selva quem realmente gosta, ou seja, não é qualquer tipo de turista. Para a selva, vão pessoas que gostam de animais e de desfrutar da natureza, e conclui que a distância é um fator limitante.

Ainda sobre a distância, Ilven Metaki coloca que este fator é o mais grave também, porque atinge as comunidades. Exemplifica dizendo que, quando alguém está doente, vai ao posto de saúde e não resolve seu problema, há todo um trabalho de evacuação para a retirada da pessoa da comunidade, o que demora dias até esta chegar na cidade para ser atendida.

b) Principais benefícios do turismo, comercialização e ações de conservação

No que concerne aos principais benefícios sociais, econômicos, ambientais e culturais oriundos da atividade turística desenvolvida pela Casa Matsiguenka, recebidos pelas comunidades de Tayacome e Yomibato, Royer Phocco afirma que a empresa Multicomunal Casa Matsiguenka compreende dois pontos: o tema do desenvolvimento empresarial como qualquer empresa, mas também compreende o tema da redistribuição de benefícios. Diz que a Casa Matsiguenka é importante porque gera benefícios, gera renda. Todos esses rendimentos que se tem são reinvestidos na manutenção, e um percentual se redistribui nas comunidades de Tayacome y Yomibato. Explica que a redistribuição se dá da seguinte maneira: se solicita aos presidentes das comunidades ajuda que pode ser traduzida em combustível, transportes, material educativo e outras demandas feitas pelos comunitários. Tais solicitações de benefícios ou apoios são registrados na Casa Matsiguenka.

A complementar, Royer Phocco informa que existem outros benefícios tais como a geração de postos de trabalho em sistema rotativo, que compreende o pessoal da logística, de manutenção e da governança. Diz que:

> [...] todo el tema operativo ven de familias de las comunidades para poder trabajar, a hacer a comida. Entonces, hacen todo el trabajo logístico y por períodos de cuatro meses. Entonces, por comunidad se baja una familia de Tayacome y otra de Yomibato, entonces tiene un periodo de cuatro meses para trabajar en Casa Matsiguenka y se renueva. Entonces, ese nivel de beneficio se tiene en forma directa como generación de empleo. Entonces, Casa Matsiguenka se está volviéndose en una empresa que está generando empleo, da beneficios y bueno ya a futuro se quiere fortalecer y consolidar en el tema de esta profesional, de fortalecimiento de sus propias capacidades, ya esté a nivel más profesional (informação verbal).

Ademais, outra interlocutora, Ilven Metaki, afirma que

> Más que todo digamos lo que es el apoyo en salud, educación y alimentación. Para eso es lo que se ha hecho o lo que es lo que digamos del ingreso de los pasajeros en lo que es economía. Entonces, digamos cada paciente a veces en las comunidades se pone mal entonces, la empresa Casa machiguenga apoya eso cuando sale o cuando quieren hacer sus gestiones. Esos apoyos existen (informação verbal).

Tais considerações apontam para, em especial, os aspectos socioeconômicos tais como geração de trabalho, educação, saúde, alimentação, logística de transporte e fortalecimento de capacidades, e ainda compreende a possibilidade de mais pessoas trabalharem com o turismo, devido à proposta de rotatividade de comunitários nos postos de trabalho.

No quesito tomada de decisão sobre a Casa Mastiguenka, constatou-se, segundo informação da entrevistada Ilven Metaki, que qualquer deliberação ou acordo sobre o empreendimento deve ser tomada pelas comunidades, mediante reuniões em datas previamente marcadas.

Perguntado para Carmem Salas acerca de como é feita a comercialização dos pacotes turísticos para o PNM, esta explica que se trabalha normalmente com a página web, e que 80% de seus clientes são captados por esta, mediante recomendações. Cita, como exemplo, o *Tripadvisor.* A internet se constitui, portanto, em um grande canal de vendas, atualmente. O restante da venda é realizado em Cusco, na agência.

Para a informante Ilven Metaki:

> Nosotros por ahora trabajamos mediante otras agencias, entonces ellos dan todo el paquete y este con la Casa Matsiguenka entran hasta el albergue. Ah sí por redes sociales, internet, por el correo, siempre de visita para la página web y todo eso. [...] Ahorita bueno como recién nosotros también estamos empezando todo eso entonces todo es como todo es un proceso todita entonces poco a poco ya la Casa Matsiguenka va a tener que igual implementar, también personal

> para que se encargue lo que marketing todo eso. Y aparte para que ya pueda tener su próprio servicio, ofrecer su propio servicio o paquete que le llama. Entonces para poder manejar, operar Cómo se le dice que la Casa Matsiguenka opere y ya tenga sus propios visitantes nada más de lo que a nosotros nos está faltando (informação verbal).

Assim, verifica-se que, a partir dessas duas declarações, a comercialização via agências de viagens para vender o produto Casa Matsiguenka se dá, em sua maioria, por recomendações de sites especializados na internet, e em escala menor direta, na própria loja. Por outro lado, a Empresa Multicomunal Matsiguenka ainda está, lentamente, a iniciar esse processo de comercialização.

Acerca dos cuidados que se tomam com relação à conservação do meio ambiente, a entrevistada Carmen Salas responde que existe o cuidado com o lixo, porque há bastante resíduos sólidos e plásticos. Tem-se muito cuidado com a natureza. Faz-se apenas ecoturismo, oferece-se turismo ecológico, não se pesca nem se caça. Todos os programas estão desenhados para mostrar animais em vida selvagem. Tomam-se cuidados especiais com a natureza e com o lixo, porque todos os alimentos vêm de Cusco e devem retornar para Cusco, tanto os sólidos quanto os plásticos, que são selecionados separadamente.

Esse depoimento indica que existe uma maneira de se recolher o que se consome durante o *tour* e que se tem conscientização de que se depende da natureza e da vida animal, pois isso é o principal atrativo. No que concerne a essa discussão, a informante Ilven Metaki relata que o pessoal do PNM os orienta de como se pode fazer para conservar o meio ambiente, não se matando animais nem deixando material plástico contaminar o lugar. Menciona também que existe uma coordenação e monitoramento do PNM.

Evidencia-se, portanto, a importância da preservação animal e os cuidados com a questão dos descartáveis, e ainda a presença do pessoal do PNM bem como seu papel de fiscalização naquela AP.

No que concerne ao aspecto relacional dos entrevistados com o PNM, segundo Carmem Salas, as relações são tranquilas. A empresa Amazon Wildlife Peru respeita as regulamentações, adquire os ingressos e que sempre trabalha de modo coordenado. Afirma, ainda, que não existe nenhum problema com o PNM, uma vez que, assim como a Casa Matsiguenka, o PNM quer ver também o desenvolvimento das comunidades.

Conforme o representante do PNM, Royer Phocco, acerca desse tema acima supramencionado, um dos objetivos do PNM é tanto a conservação quanto o desenvolvimento das populações, pois buscam o fortalecimento empresarial do turismo que tem sido uma das boas e melhores oportunidades que está acontecendo no PNM. Diz ainda que também existem outros tipos de atividades, mas que não é tangível, e o que se tem atualmente é o desenvolvimento do turismo realizado pela Casa Matsiguenka. Por isso, se faz o acompanhamento dos gerentes deste empreendimento comunitário no que se refere ao tema da gestão empresarial, como a assessoria, em vários processos, para que tenham suportes com relação ao turismo.

Portanto, a partir da análise dessas três falas, verifica-se que há uma relação institucional coordenada, cada ente cumprindo seu papel, a visar pelo desenvolvimento das comunidades mediante a atividade turística.

6 ANÁLISE COMPARATIVA E DISCUSSÕES: PROJETOS DE TURISMO COMUNITÁRIO, TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA E TURISMO RURAL COMUNITÁRIO NA PAN-AMAZÔNIA BRASILEIRA, BOLIVIANA E PERUANA

Neste capítulo, se propõe encetar determinadas análises de cunho comparativo sobre projetos que estão em curso nas comunidades amazônidas localizadas no Brasil, Bolívia e Peru, no que tange ao seu processo de implantação do TBC/TC/TRC. Para isso, elegeram-se os seguintes elementos comparativos: marco jurídico-institucional – com suas políticas públicas – origens históricas, participação na tomada de decisões e organização comunitária, parcerias, capacitação, comercialização dos produtos, mercados, ações ambientais, benefícios, problemas enfrentados, entendimentos sobre TBC/TC/TRC e desafios a serem transpostos. De outro modo colocado, tentou-se comparar como cada experiência de TBC/TC/TRC foi engendrada e como foi desenvolvida até o momento da pesquisa. E por fim, pontuam-se, de modo sintético, algumas lições aprendidas a partir do que foi colhido e pensado durante as investigações.

Ressalta-se ainda que, para fins comparativos (semelhanças, diferenças e particularidades), nem todos esses elementos serão encontrados, em decorrência de estarem em tempos históricos de implantação diferentes.

Ademais, enfatiza-se que, quando a referida pesquisa foi concebida, propôs-se, inicialmente, que se iria realizar investigação em apenas um empreendimento-referência em cada país. Entretanto, ao adentrar-se em campo, deparou-se com a oportunidade de aumentar o número de unidades

a serem pesquisadas, o que resultou em uma melhor compreensão de como o turismo, em sua versão comunitária, tanto em seu modelo de gestão coletiva quanto privada, foi desenvolvido.

Nessa direção, Silva (2017) reporta-se ao turismo em que os princípios da sustentabilidade não dizem respeito somente ao meio ambiente ou a questões econômicas. Está-se a falar de um desenvolvimento sustentável em outra escala, aquela que envolve a dimensão planetária: fauna, flora e seres humanos, uma visão que aponta para o bem-estar e a sustentabilidade das comunidades, bem como para o patrimônio turístico e do turista. Afirma ainda que as iniciativas de TBC explicitam impactos positivos e negativos, embora estes últimos possam ser administrados. Isso é possível de ser demonstrado a partir da participação da base, de maneira proativa do processo organizacional desse modelo de turismo nos locais que habitam e vivem o seu cotidiano.

Nesse âmbito, encontra-se o Turismo Responsável, que, para Goodwin (2011), trata de tomada de responsabilidade que concerne a medidas para solucionar problemas de sustentabilidade que aparecem nos destinos e que estão intrinsecamente, ligados aos contextos social, econômico e ambiental.

6.1 Resultados e discussões

Para iniciar-se, remeter-se-á aos marcos regulatórios de TBC/TC/TRC do Brasil, Bolívia e do Peru, que sustentam ou não as políticas públicas que movem a dinâmica desses modelos de turismo, comparando-os.

O TBC, em termos gerais, é exemplar como ato sustentável, segundo Barros e Leuzinger (2020), que perseguem uma ideia primordial de um Estado de Direito Ambiental que tenha como base o reconhecimento dos direitos das populações tradicionais e que por sua vez contribua para a

conservação da biodiversidade. Entretanto, implementá-lo com maior amplitude requer superar-se de desafios diversos com relação, sobretudo, ao seu marco legal e no que diz respeito também a formular e executar políticas públicas que tenham efeitos.

Assim, a ter por referência o preâmbulo observado acima, constatou-se que a Constituição Federal Brasileira, em seu art. 225, § 1º, VI dispõe que é obrigatório estimular a consciência pública no que respeita à preservação do meio ambiente (Barros; Leuzinger, 2020). E ainda, a Lei nº 9.985/2000 (Lei do Sistema Nacional de Unidades de Conservação – SNUC) diz, de acordo com suas diretrizes, que é necessário buscar guarida na cooperação das ONGs, nas entidades privadas e pessoas físicas. Seguindo esses passos, objetiva desenvolver atividades de lazer e turismo ecológico, além de propiciar a garantia às populações tradicionais de meios de subsistência alternativos dentro das UC ou, se for o caso, compensá-las pelos recursos naturais perdidos.

Dito isso, atenta-se para o fato de que tanto na Carta Magna brasileira, quanto na legislação do SNUC, encontra-se um arcabouço jurídico que pressupõe um leque de obrigações que prevê a responsabilização por entidades diversas, e também por pessoas físicas no que tange ao relacionamento entre população e meio ambiente físico. E nisso estão implícitas as premissas para se alcançar a sustentabilidade.

Entretanto, em pesquisa documental realizada pela pesquisadora, não se encontraram bases legais, a nível federal, para o TBC, apesar de existirem inúmeras iniciativas dessa natureza por todo o território nacional brasileiro. Esse resultado é enfatizado e constatado também por Barros; Leuzinger (2020), que analisa, no caso do TBC em UC, que se esse modelo, caso seja implementado adequadamente, será passível de honrar dispositivos contidos na Constituição e significar uma fundamental

alternativa de subsistência para as populações que moram tanto no interior quanto no entorno de UC.

A nível estadual, apenas os estados do Rio de Janeiro e de Minas Gerais dispõem de legislação concernentes ao TBC e, no que tange ao Amazonas e Pará, não há nenhuma legislação que diga respeito a essa política. Portanto, o TBC fica apenas restrito a princípios e diretrizes do ICMBIO (2018), no que tange às suas UC federais.

Em síntese, no Brasil, não se tem um marco jurídico-institucional que oriente as políticas para o TBC como também não existem políticas semelhantes nos estados pesquisados, quais sejam, Amazonas e Pará.

Na Bolívia, segundo PLANTUR (2015), a Constituição Política do Estado Plurinacional Boliviano preconiza, em seu Art. 337, que o turismo é uma atividade econômica estratégica que deve desenvolver-se de maneira sustentável a ter por base a riqueza das culturas e o respeito ao meio ambiente. Nesse sentido, este marco legal outorga à atividade turística importância e transcendência nacional, fortalecendo uma indústria com a geração de ingressos e empregos, reduzindo de modo significativo a pobreza do país. Assim, essa atividade é considerada estratégica, por ser um dos poucos setores econômicos que transformam as matérias-primas, como a natureza e a cultura, dando-lhes um valor agregado, sem, contudo, destruí-las.

Em outro aspecto, a Constituição Política do Estado dá sentido à transversalidade do setor turístico, por este significar uma indústria que requer a congeminação de vários outros setores da economia nacional. Tal situação, ainda em conformidade com PLANTUR (2015), é representada com maior profundez no setor rural, espaço em que mais de 90% dos atrativos turísticos do país são encontrados. Deste modo, no Art. Nº 406, a primeira norma boliviana estabelece que o Estado garantirá o desenvolvimento rural integral sustentável por meio de políticas, planos, programas e projetos integrais de

fomento à produção agropecuária, artesanal, florestal e ao turismo, com o objetivo de obter o melhor aproveitamento, transformação, industrialização e comercialização dos recursos naturais renováveis. Portanto, as ações e atividades que se relacionam com o turismo devem ser feitas de maneira coordenada e intersetorial, mirando-se em benefícios a nível nacional. Em assim fazendo, podem ser cumpridos objetivos e metas traçados.

A partir do marco definido, a visão projetada para 2025 que o Estado Plurinacional da Bolívia pretende alcançar no que diz respeito ao setor de turismo é a seguinte:

> El destino Bolivia es reconocido en el contexto internacional y nacional por contar con una oferta turística sustentable, integral, innovadora, auténtica y con identidad propia, dirigida a visitantes que buscan experiencias diferentes y basado en un modelo de gestión de base comunitaria que contribuye a la generación de beneficios socio-económicos equitativos, complementarios y solidarios para toda la población boliviana (PLANTUR, 2015, p. 7-8).

Cabe analisar essa projeção conceitualmente perfeita, que foi, de certo modo, problematizada devido ao surgimento da Pandemia do Covid-19 naquele país e, exatamente por isso, deve ser repensada para que o setor turístico não seja ainda mais prejudicado.

Ao apresentarem a fala de Sandro Saravia, Coordenador da Rede TUSOCO em um evento virtual na Bolívia sobre o Turismo Comunitário e seus efeitos pós-coronavírus (Covid-19), em 2019, Araújo, Mendéz e Ribeiro (2020) enfatizam que ele analisa que para compreender as afetações da referida Pandemia, apresenta o contexto atual do turismo internacional boliviano, que se encontra entre as três atividades exportadoras principais do país, de alto valor agregado, sendo considerado um instrumento importante que dinamiza a economia local. E menciona que, de acordo o Vice-Ministério do Turismo, em 2019, registraram-se 1,5 milhão de turistas

estrangeiros, sendo que, desse total, 70% foram atraídos para a região do Salar de Uyuni e da Reserva Eduardo Avaroa.

Ainda se menciona que esse setor é o que menos recebe apoio, e que em decorrência da referida Pandemia, é previsível que no ano de 2020 tenha uma baixa de 106.000 mil empregos. E mais, um percentual acima de 50% das microempresas turísticas pensa em fechar e/ou mudar de negócios, o que se inclui aí o TC. Nesse sentido, Rurrenabaque, Salar de Uyuni e Copacabana se consideram os destinos mais afetados com uma recuperação incerta em 2021.

Ao caracterizarem os empreendimentos afetados e pertencentes à Rede TUSOCO, foi mencionado que os mesmos são modelos de gestão que têm como fito um desenvolvimento sustentável. Simultaneamente, estes oferecem ao viajante experiências especiais, já que cada uma delas significa um adentramento autêntico nas comunidades campesinas e indígenas da Bolívia, e em seu patrimônio e na natureza.

Informam os autores, que estão filiados à Rede TUSOCO 22 empreendimentos de turismo solidário comunitário, entre os quais 75% se mantêm ativos em 2020. No entanto, no mês de março de 2020, a Pandemia de Covid-19 se fez presente, o que resultou nos cancelamentos de reserva, devido à quarentena até marco de 2021.

Ademais, enfatizam os autores que as informações que chegam até as comunidades sobre a Pandemia, como as suas consequências e proteção, geraram confusão em termos de esclarecimentos. Mesmo assim, consideram que a experiência mostrada até agora os manteve desamparados, pois a quarentena limita a mobilidade, priva-os de serviços de saúde e oportunidades de comércio disponíveis fora de sua comunidade. Ressalta-se ainda que os albergues turísticos estão relativamente abandonados e

exemplifica que estes não conseguem ter acesso aos créditos, sentindo-se desamparados pelos mais diferentes níveis de governo, o que expressa os sentimentos dos empreendedores da TUSOCO.

Dessa maneira, citam que diferentes propostas foram realizadas por diversas organizações que dizem respeito ao turismo. Para exemplificar, a Organização Mundial do Turismo (OMT) e a Biosphere têm proposto variados cenários e receitas para os novos rumos do setor turístico.

Com relação à Rede TUSOCO, esta define em sua proposta que se devem gerar ações e políticas de apoio e fomento ao TC. Isso pode se buscar no Estado e nas organizações internacionais pertinentes.

Ainda é considerado fundamental informar, de modo claro e oportuno, a todas as comunidades os efeitos da Pandemia, e com o mesmo teor, as ações do Estado para superá-la. E para finalizar essa análise, menciona-se que a proposta Pós-Covid-19 da TUSOCO é promover, urgentemente, o emprego rural, ou seja, que as empresas públicas facilitem bônus, créditos e outros incentivos. Isso significa que os empregados sejam estimulados a viajar para se desestressarem, e que as comunidades, que tenham empreendimentos de TC, contribuam para saírem da depressão econômica impingida às comunidades indígenas e campesinas.

Na Bolívia, no ano de 2020, foi aprovado o Regulamento Específico de Turismo Comunitário após ampla discussão e participação de diversos atores sociais envolvidos com o TC, entre eles, representantes da Rede TUSOCO, do Vice-Ministério de Turismo e dos empreendimentos comunitários. Em seu artigo 1º, que diz sobre o objeto, regulamenta o exercício do desenvolvimento comunitário por meio de empreendimentos turísticos das comunidades urbanas e rurais, nacionais e povos indígenas originários campesinos, comunidades interculturais e afrobolivianas

encontradas no território boliviano no marco estabelecido pela Lei Geral de Turismo, cujo slogan é "Bolívia te Espera" N° 292, e pelo Decreto Supremo N° 2609 (Regulamento, 2020).

Define ainda em seu artigo 3º (Regulamento, 2020), que tais atividades turísticas apenas podem ser feitas exclusivamente dentro dos limites de sua jurisdição territorial, e são as seguintes: hospedagem turística, serviços gastronômicos turísticos, transporte turístico, organização de eventos e guiamento turístico. Além disso, a gestão do TC se normatizará dentro da organização comunitária e deverá desenvolver-se, de modo harmônico e sustentável, com vistas à sustentabilidade econômica de longo prazo, e promovendo seu crescimento com base em um manejo racional responsável ambiental, cultural, social e econômico.

Outro aspecto do referido documento, que merece ser destacado, diz respeito às seguintes definições:

a) Circuito turístico: conjunto de rotas e percursos turísticos que contam com atrativos e serviços turísticos, cuja dinâmica implica em iniciar o percurso turístico com retorno ao lugar de partida, sem passar duas vezes pelo mesmo lugar.

b) Modelo de Turismo de Base Comunitária: modelo dinâmico de gestão, no marco do desenvolvimento sustentável de turismo, que nasce e se gestiona da base comunitária urbana, rural, de nações e povos indígenas originários campesinos, comunidades interculturais e afrobolivianas, e que encontra sustentação nos princípios de complementariedade, reciprocidade, redistribuição e outros que tutelam a vida em comunidade no marco do "vivir bien".

c) Turismo harmônico e sustentável: modelo de desenvolvimento baseado na viabilidade econômica da atividade turística, cujo objetivo é

resgatar e proteger os recursos naturais e culturais de uma região, a favorecer a estabilidade dos ecossistemas e de seus respectivos processos biológicos básicos, ao mesmo tempo, gerando benefícios sociais e econômicos ao fomentarem melhores níveis de vida para o visitante e a comunidade receptora. Isso deve se estabelecer a partir do aproveitamento racional e da conservação desses recursos, gerando o contínuo melhoramento da qualidade nos serviços e na diversificação da oferta turística, a considerar o marco legal estabelecido.

d) Turismo Comunitário: é a relação direta do empreendimento e a comunidade com os visitantes, desde um a perspectiva plurinacional e intercultural no desenvolvimento de viagens organizadas, com a participação consensual de seus membros, garantindo o manejo adequado dos recursos naturais, a valorização dos patrimônios culturais e territoriais das nações e povos para a distribuição equitativa dos benefícios gerados para o "Vivir Bien".

Esse conjunto normatizador revela sobretudo um avanço significativo das políticas públicas de TBC no território boliviano, uma vez que os empreendimentos, agora, dispõem de maneira mais precisa e clara de um instrumento que melhor oriente e direcione suas ações. E mais, que estas se concretizem em negócios bem mais arranjados, propiciando o evitamento de erros na condução desse modelo de turismo, como, por exemplo, o uso indevido do termo Turismo Comunitário pelos *free riders*.

Ao incursionar pelo Peru, averiguou-se que este país tem seu marco legal-institucional fundado na Lei Geral de Turismo Nº 29408, de 17 de setembro de 2009, que em seu Artigo 3º trata dos princípios da atividade turística que são: o desenvolvimento sustentável, a inclusão, a não discriminação, a descentralização e a identidade.

O TRC é toda atividade turística que se desenvolve no meio rural, de modo planejado e sustentável, baseado na participação das populações locais organizadas com o intuito de beneficiar a comunidade, tendo na cultura rural um componente-chave desse produto (Peru. Mincetur, 2015). Assim, o novo enforque do TRC tem como esteio a participação local como peça primordial que permite a sustentabilidade da atividade turística – como atividade econômica complementar – e a inclusão social e econômica das populações rurais via desenvolvimento de produtos e serviços diversos, a utilizar adequadamente seus ativos naturais, culturais, financeiros, humanos, sociais e físicos.

Nessa direção, a Estratégia Nacional de TRC peruana busca gerar a inclusão socioeconômica das populações rurais localizadas nos principais destinos turísticos do país e as impulsionar por meio de seus projetos e programas como o projeto TURURAL e o Programa Nacional de Turismo Rural Comunitário.

Dessa maneira, promove a geração de negócios turísticos rentáveis e competitivos, desenvolvidos por comunidades, e ainda, por vezes, com parcerias privadas, permitindo a criação de postos de trabalho e, finalmente, propiciando novas receitas à população rural.

Pelo exposto, conclui-se que, ao comparar as legislações que amparam o Turismo Comunitário nesses três países, constata-se que a Bolívia é o único país que adota um modelo de turismo dentro de seu marco constitucional, uma vez que dispõe de mais instrumentos legais para tanto. Mas é importante dizer que o Peru, embora não tenha suas leis turísticas de turismo na Constituição, tem, a exemplo da Bolívia, suas leis específicas sobre a matéria. Portanto, o único país que fica a dever nesse aspecto, é o Brasil, porque suas leis turísticas não estão inseridas na Constituição Federal Brasileira e nem em outros dispositivos legais.

É importante lembrar que, a nível internacional, em termos de América Latina, alguns atrás, houve um interesse por desenvolver políticas e programas para o fomento do TRC, segundo Lévano-Acosta (2016), o qual levou a subscrição de instrumentos diversos internacionais acerca desta temática, entre os quais se destacam a Declaração de Otavalo sobre Turismo Comunitário sustentável, competitivo e com identidade cultural, assinada por representantes da Bolívia, Equador e Peru, em 14 de setembro de 2001 em Otavalo, no Equador, por ocasião do Encontro Técnico Internacional sobre Gestão do Turismo Sustentável e Competitivo: alianças entre Estado, Empresa e Comunidade, organizado pelo Ministério do Turismo do Equador e também pela Confederação de Nacionalidades Indígenas do Equador (CONAIE), por município de Otavalo e Organização Internacional do Trabalho (OIT).

Foram acordados, entre outros pontos, os seguintes: o fomento à concessão de incentivos públicos ao TC que permita realizar, de modo pleno, seu potencial econômico e minimizar os efeitos que prejudiquem o meio ambiente, o patrimônio cultural e os valores dos povos indígenas, e, além disso, o fortalecimento das alianças institucionais e a execução de programas de interesse comum entre o governo central, os governos locais, as empresas privadas e as ONGs, com o fito de potencializar as vantagens do Turismo Comunitário sustentável, competitivo e com identidade cultural.

Nota-se, portanto, que o Brasil, por razões desconhecidas, não foi signatário da referida Declaração. Mas tal fato leva a crer que há vinte anos não havia preocupação por parte do país em participar e discutir sobre a temática, embora já houvesse iniciativas e reflexões sobre o TBC. Ademais, a Bolívia e Peru, que participaram, têm suas políticas de TC mais avançadas.

Cabe mencionar também a Declaração de San José sobre Turismo Rural Comunitário que foi assinada em 28 de outubro 2003 na Costa Rica

no decorrer de uma reunião organizada pela OIT, Instituto Costarricense de Turismo (ICT) e a Comissão Nacional de Assuntos Indígenas (CONAI) (Lévano-Acosta, 2016). Nesse evento, participaram representantes de organizações comunitárias e cooperativas turísticas da Bolívia, Brasil, Costa Rica, Equador, Guatemala e Peru, quando subscreveram o referido documento, e destaca-se, dentre alguns itens que existe, a consciência de que o turismo pode ser uma fonte de oportunidades, e por meio dele, propicia-se sua autogestão, de maneira que as comunidades assumam seus protagonismos correspondentes a seu planejamento, operação, supervisão e desenvolvimento.

Outro item a destacar na Declaração de San José é o convite às instituições nacionais e internacionais de cooperação, bem como aos organismos públicos e privados que respeitam o TC, a agregar forças para consolidação da *Red de Turismo Sostenible* (REDTURS) na América Latina, impulsada pela OIT. Acordou-se ainda que a missão é fortalecer e desenvolver as redes locais, nacionais e regionais de TRC, oferecendo-lhes serviços para o desenvolvimento sustentável de seus pequenos negócios.

Verifica-se que o Brasil, a Bolívia e o Peru tiveram a oportunidade de estarem juntos nas discussões na Costa Rica, mas que até hoje o Brasil ainda não tem políticas públicas que orientem esse importante modelo de turismo.

No que tange às origens históricas de concepção, fundação e implantação dos projetos de TBC, verifica-se que nos três países estudados cada um deles teve uma formação diferente embora tenham elementos comuns, em termos comparativos, em cada um deles.

Na Amazônia brasileira, mais precisamente no estado do Pará, pesquisaram-se três sistemas comunitários cujas origens deram-se de modo diferente. O primeiro, da Comunidade quilombola África-Laranjituba, teve a

iniciativa dos próprios comunitários, desenvolvendo-se a partir de contatos iniciais com estudantes e pesquisadores que queriam conhecer como se dava a vida em um quilombo e ainda em seu meio ambiente natural. Com isso, começaram a discutir e a se organizar para recebê-los e entretê-los da melhor maneira possível. O segundo projeto, o da comunidade de Santo Amaro, origina-se quando da identificação do IDEFLOR-BIO de que aquela comunidade poderia trabalhar com o turismo, proposta que foi acolhida por uma família da localidade e que mais adiante recebeu também a parceria do ECOMUSEU e do II Fórum de Gestão do Turismo Comunitário do Pará. E o terceiro, o da Ilha de Cotijuba, que culminou com a criação da Rede Açaí de Turismo de Base Comunitário, teve seu embrião a partir das discussões sobre a temática de ecoturismo levada por um professor de uma faculdade privada de Belém ao MMIB, o que redundou com a concordância da ideia.

Por sua vez, no estado do Amazonas, teve-se a experiência da Pousada Uacari na RDS Mamirauá, que se deu em torno de um processo de longa discussão, resultado de um movimento social e de um grupo de pesquisadores que teve precisa influência na criação desta reserva. A partir desta, foi estabelecida uma série de atividades que poderiam ocorrer na AP de modo que se pudesse encontrar uma fonte de renda complementar. Nesse sentido, foram propostos no plano, dentre outros, a gestão da pesca, o manejo florestal e as atividades ecoturísticas. Essas últimas tiveram o aporte financeiro da organização britânica DFID, que entrou em comum acordo em financiar o projeto de ecoturismo, desde que este garantisse uma política de minimização de impactos socioambientais das atividades, o que foi aceito pela coordenação do referido projeto. Assim, a gestão do ecoturismo de base comunitária se materializa na Uacari e ficou, portanto, a cargo do IDSM e das comunidades envolvidas.

Com essa iniciativa, que se tornou referência internacional, as comunidades de São José, Boca do Mamiruá, Vila Alencar e Caburini começaram a tecer seus próprios projetos, cada um deles com suas particularidades próprias, mas sempre com o envolvimento dos comunitários em suas discussões. Ressalta-se que: a Boca do Mamirauá recebeu os recursos financeiros de um empresário que doou uma quantia para a construção da Casa do Caboclo; a Vila Alencar ainda está em processo de captação de recursos, embora já tenha um projeto de TBC concebido; e o Caburini, que até a finalização desta pesquisa estava em fase se conclusão da Pousada Canarinho, captou recursos oriundos da taxa que a comunidade recebe anualmente da Uacari. Vê-se, portanto, que embora estas comunidades já recebam visitantes, uma vez que estão incluídas na programação da Uacari, cada uma delas está formatando, por fim, seus projetos turísticos com gestão da própria comunidade, que se acredita, teria, sem interferência do IDSM, condições gerenciais para conduzir seus próprios empreendimentos e/ou serviços.

Na Amazônia boliviana, tem-se como referência primeira o estabelecimento do Albergue Ecológico Chalalan, que começou a ser pensado e construído a partir da observação dos líderes de San José de Uchupiamonas, cujos comunitários eram utilizados pelas organizações privadas de turismo apenas como carregadores de bagagem e guias de turistas, atividades que, embora imprescindíveis, estavam relacionadas a algo de segunda ordem. Com o tempo, resolveram tomar a iniciativa de se organizarem para buscar as próprias maneiras de conceber um projeto de Turismo Comunitário em que os mesmos fossem proprietários de seu negócio. Nessa direção, organizaram meios como pessoas e ONG, e apresentaram o projeto para o BID, quando tiveram sucesso e receberam suporte financeiro total para a construção do referido empreendimento, tendo os comunitários como mão

de obra. E após findada a execução do projeto construtivo, a comunidade passou a ser sua gestora, sem interferência externa, apesar de passarem por um processo de capacitação intenso e longo.

Ademais, os outros dois empreendimentos de TC da região do Madidi, que também participam da rede TUSOCO, que são Villa Alcira e San Miguel de Bala, tiveram, a exemplo do Chalalan, ajuda financeira externa, como se verá a seguir.

No que tange à Villa Alcira, uma comunidade que vivia da agricultura e que precisava de uma alternativa de sobrevivência, o projeto de turismo que para lá foi pensado demorou longos dois anos para acontecer, sendo proposto por uma ONG que insistiu para que se trabalhasse com a atividade turística. Por conseguinte, a comunidade aderiu à proposta e pouco a pouco foi aprendendo e se capacitando das mais variadas maneiras.

No caso do projeto de San Miguel de Bala, o PNUD, via seu Programa de Pequenas Doações do Programa das Nações para o Desenvolvimento (PNUD) (PPD/PNUD), foi uma das primeiras instituições que apoiou a comunidade em diversas frentes, por meio do trabalho realizado pela Cooperative for Assistance and Relief Everywhere (CARE). Segundo Peredo (2011), essas duas organizações apoiavam iniciativas de manejo de produtos não madeireiros e consideraram o potencial ecoturístico na região do Madidi. Assim, San Miguel recebeu financiamento, por meio de um edital de projetos do PPD, em uma primeira etapa – março de 2002 a agosto de 2003 –, quando foi desenvolvida sua infraestrutura. Em parceria com a CARE apoiou a supervisão da construção, e a partir do projeto de água, desenhou banheiros ecológicos para o citado albergue e contribuiu na logística.

Da mesma maneira que ocorreu com a empresa Chalalan, São Miguel de Bala teve o apoio técnico da CI Bolívia para a formulação de seu projeto, que contou com a participação da comunidade no que diz respeito à mão

de obra para a construção do empreendimento. Segundo Peredo (2011), no âmbito do projeto "Desarrollo Sostenible y Ecoturismo", que apoiou o Chalalan, tinha como um dos objetivos buscar réplicas na região, para a qual haviam sido feitas prospecções nas comunidades do río Hondo (hoje TCO Lecos Apolo), Sani, Real Beni e Carmem Florida (TCO Pilón Lajas), San Miguel e Villa Alcira na TCO Tacana.

Findada a primeira etapa de construção, verificou-se a necessidade de se trabalhar na geração de capacidades, e, para a segunda fase, obteve-se um maior financiamento por parte da CI Bolívia para fortalecer habilidades, capacitar o pessoal e consolidar o equipamento inicial, como detalha Peredo (2011). Continuou-se com o apoio do PPD/PNUD e também da CARE, ainda que em menor grau.

Por sua vez, o empreendimento Madidi Jungle Ecolodge teve a própria concepção advinda de quatro famílias comunitárias, bem como sua operacionalização. Os recursos para investimentos na construção do equipamento hoteleiro provieram de fundos privados. De modo semelhante, isso aconteceu com o Mashaquipe Ecolodge.

No Peru, a ideia primordial de se encetar um projeto de TRC surge do proprietário da *Rainforest Expeditions,* que propôs à CNI a realização deste, e os recursos foram obtidos por meio de um empréstimo via BID. Assim, a operacionalização fica a encargo da RE, mas a referida comunidade é a proprietária, no caso, da Posada Amazonas.

Em se tratando no Ñape Lodge, também de propriedade da CNI, este teve seu projeto de TRC concebido pela própria comunidade, e foi financiado, também, por um empréstimo contraído pelo BID em uma negociação cuja garantia era de que a Posada Amazonas tivesse seu contrato de operacionalização firmado por mais dez anos pela RE.

O Tambopata Guest House, por sua vez, é um projeto cuja idealização partiu de um dos membros de uma família da CNI, que se reuniu com o objetivo de construir um empreendimento, já realizado, e o administra até os dias de hoje.

Do exposto, verifica-se que os três países tiveram, cada um a seu tempo e a seu modo, concepções diferentes com relação à formação de empreendimentos comunitários. No Brasil, na Bolívia e no Peru, as experiências retratam que tais iniciativas foram das próprias comunidades, sem intermediários externos e sem apoio financeiro. Outras tiveram o incentivo de terceiros, mas todo o trabalho foi realizado com recursos próprios e a logística delineada por um conjunto de articulações coletivas. E ainda se identificaram projetos cuja idealização foi realizada por uma instância de governança, de operadores e de entidades públicas. Ademais, houve ainda um projeto com financiamento internacional e outros com o investimento de uma instituição bancária internacional. Vê-se, portanto, a diversidade de concepções e investimentos de diferentes matizes.

A participação na tomada de decisões para o gerenciamento desses projetos também é diversa nos três países. Tanto no Brasil quanto na Bolívia e no Peru, verificou-se que há predominância de fóruns coletivos de duas ordens: se forem decisões de cunho operacional, uma vez que a natureza dos empreendimentos comunitários turísticos requerem agilidade, estas são tomadas por um grupo executivo pequeno; mas se forem decisões quanto a investimentos vultosos, estas são discutidas em grupos maiores, como, por exemplo, as assembleias comunitárias que decidem o que deve ser melhor para o benefício de seu núcleo comunitário.

No quesito alianças para parcerias, é unânime o envolvimento nos projetos dos três países, quer sejam eles de origem individual ou comunitária, como as ONGs, as cooperações internacionais, as UC,

instâncias de governança, bancos, governos, associações, operadoras de turismo e universidades – em menor escala. Constata-se, portanto, que a pesquisa realizada aponta que a parceria é condição *sine qua non* para que os projetos se realizem.

Em conformidade com Figueiredo (2022), as experiências de TBC não se apresentariam como contrárias ao já convencional turismo, e sim como uma espécie "[...] de um tipo de viagem cultural, ou viagem-intercâmbio, fundamentada na troca de experiências, na interculturalidade, organizada pela comunidade-destino, com o objetivo de promover trocas culturais". Ademais, para o autor, o TBC na Amazônia segue um leque de iniciativas latino-americanas, incluindo aí as que ocorrem em território brasileiro, a ter como os seguintes resultados: parte das experiências estão associadas às grandes operadoras turísticas; outras às pequenas agências, operadoras e coletivos de cultura, educação e viagem; algumas estão inseridas em rede de associações, cooperativas e outros formatos; muitas agrupadas em formas associativas; outra parte é intermediada e agenciada por ONGs; e, por fim, outras são intermediadas por Universidades, sindicatos de produtores rurais, institutos governamentais etc.

Isto posto, vê-se que existe uma série de agentes externos às comunidades, capazes de desenclausurar o turismo estático, ampliando suas alternativas de convivências entre pessoas, consolidando sua prática, abrindo, assim, possibilidades para dinamizarem um turismo que se coadune mais às expectativas dos que ali vivem e dos que os visitam. A complementar, Figueiredo (2002) afirma que a múltipla probabilidade dessas experiências significa as configurações com as quais as populações conseguem, na prática, realizá-las. Por conseguinte, singulares práticas remetem à compreensão e ao desenvolvimento do TBC amazônico, por

muitas ocasiões afastado de idealizações concebidas por políticas públicas setoriais ou, também, por academias.

Muito embora, Moraes, Irving e Mendonça (2018) apontem que o estabelecimento de alianças, articulado pela maior parte das redes de TBC estudadas na América Latina, se sustente em conexões na esfera local, nacional e internacional, abrangendo lideranças comunitárias, organizações públicas, operadores de turismo e ONG de feições variadas, a pesquisa, ora feita nos três países da Pan-Amazônia, detecta que independentemente dos projetos serem vinculados a redes ou não, as parcerias acontecem e são fundamentais para sua execução. Outrossim, os autores supracitados ainda acrescentam que um aspecto comum nesse processo é a vinculação dessas iniciativas com os movimentos indígena e de comunidades tradicionais, cujos resultados também foram encontrados nesta pesquisa. Similar resultado viu-se no modo de como essas alianças se originam, o que corresponde ao momento em que estas são fomentadas no que concerne à participação de modo ativo e à corresponsabilidade dos associados em ações de interesse comum, o que, por sua vez, possibilita a ressurgência de um sentimento de pertencimento e estreitamento de laços entre seus comunitários.

Seguem os autores afirmando que redes, como a Rede Argentina de Turismo Rural Comunitário (RATURC), dispõem do apoio de entidades governamentais, o que vem a favorecer o diálogo intersetorial que gera efeitos reais, em termos de políticas públicas. E mais, citam experiências como a da rede brasileira TUCUM, que tem apoio de ONG e que recebe, por vezes, assessoramento técnico para melhor organizar esta e articular as relações de comunitários (grupos) envolvidos. É significativo que as relações dessas redes com a Rede de Turismo Comunitário da América Latina (REDTURS)

agiliza o acesso às agências de cooperação internacional no domínio das Nações Unidas, como a OIT e a OMT. Dessa maneira, estabelecer alianças é, sem dúvidas, estratégico para o fortalecimento do desenvolvimento do TBC em rede na América Latina.

Como no universo pesquisado encontraram-se duas redes, a Açaí e a TUSOCO, cabe aqui esclarecer que no momento da coleta, a primeira ainda está em sua fase inicial e, portanto, não houve tempo de amadurecimento suficiente para aprofundar análises. Entretanto, como resultado da investigação, baseada nas respostas dos entrevistados, o TBC não encontra no poder público o devido apoio, uma vez que a pesquisa mostrou que este não se dedica, por exemplo, a melhorias das vias de acesso na Ilha de Cotijuba, à questão dos resíduos sólidos e do desmatamento, ou seja, não existe uma política local de turismo capaz de fomentar a atividade turística em seu sentido mais amplo. Já na Bolívia, a TUSOCO, existente há quase 20 anos, confirma a pesquisa dos autores supramencionados sobre a questão da parceria, embora a maioria dos entrevistados, que atuam nos empreendimentos comunitários vinculados a esta rede, diga que não há apoio governamental para o TC.

No que diz respeito à capacitação, nos três países, mostrou-se que essa variável está presente em todos os projetos de Turismo Comunitário estudados, quer seja por meio de iniciativas isoladas ou por via de programas. Ademais, ressalta-se que a capacitação não é um instrumento exclusivo para o bom funcionamento do TC, mas sim para o desenvolvimento da atividade turística como um todo, uma vez que esta é imprescindível na oferta de serviços.

Quanto à comercialização, verificou-se que na Amazônia brasileira, apenas um projeto de TBC, o da Pousada Uacari, possui uma estrutura mais adequada que condiz com as necessidades do mercado, porque possui

um escritório de suporte em Tefé e ainda conta com um consultor de comercialização e de marketing em turismo responsável para a viabilizar as estratégias pensadas para a referida Pousada. E mais, dispõe de websites e de redes sociais bem dinâmicas, alimentadas quase que diariamente, e participam, sempre que possível, de feiras e eventos nacionais e internacionais, expondo e comercializando seus produtos e serviços, sem falar que sempre estão sendo expostos na mídia das mais diversas maneiras. Isso se dá em decorrência de o IDSM ser, sobretudo, um órgão de pesquisas que, naturalmente, tem seus resultados amplamente propalados nos meios de comunicação, o que, de um modo indireto, resulta em propaganda para a RDS Mamirauá, em que está localizada a pousada em tela.

Ademais, os outros projetos da Amazônia brasileira têm uma comercialização muito amadora, frágil, no sentindo de que não existe uma organização estruturada, ainda que dê suporte para captar demanda e mantê-la, de acordo com as exigências do mercado turístico.

Tal fator – comercialização – se expressa de modo diferente tanto na Amazônia boliviana quanto na peruana, pois todos os empreendimentos comunitários pesquisados possuem uma agência de viagens específica para comercializar seus serviços em seus portões de entrada, o que resulta em uma profissionalização e em uma disponibilidade para o mercado. Além disso, participam de feiras de TBC e lidam com as redes sociais e seus websites.

Conforme Cabañilla e Gentili (2015), o mundo está cada vez mais internético, mais conectado. Essa ferramenta pós-moderna deve ser utilizada, com efeito, no setor turístico e os empreendimentos comunitários não estão isentos disso. Sua presença no mercado é menos custosa do que alternativas de comunicação comuns. A internet é perfeita para contatar pessoas, empresas, programas e outros que tenham interesses semelhantes

no mundo, além de aproximar, de modo direto, pessoas que residem nos mercados maiores emissivos do mundo, por isso, a importância de que sejam desenvolvidas competências no uso da Internet e de seus aplicativos no mercado de Turismo Comunitário. O autor finaliza afirmando da necessidade de se almejar a possibilidade de uma gama de estudos realizados em diversas comunidades do continente latino-americano, nos quais se visualiza a importância, de desenvolver a competência sobre o uso da internet em processos como a comercialização do produto turístico comunitário.

Um resultado a mais encontrado por Cabañilla e Gentili (2015) revela que as páginas de *web* das redes de TC não garantem um olhar pleno dos empreendimentos turísticos que integram as redes. E isso se dá devido às informações, muitas das vezes, desatualizadas e ao fato de não possuírem acessos diretos com a comunidade, e por hospedarem informações de uma variedade de atores, o que naturalmente vai resultar em não poder se distinguir, imediatamente, quais seriam as iniciativas comunitárias de outros tipos de empresas ou instituições. Explica também que as páginas das redes de TC contêm um amplo número de iniciativas, porém, se se comparar o número de comunidades dentro das redes, é muito maior do que o número de comunidades que têm uma página individual, gestionando-se autonomamente.

Enfatiza o autor que o processo local de implementação e desenvolvimento de competências para a comercialização via internet está muito aquém desse mesmo processo em termos regional, nacional ou internacional, conforme o alcance da rede em que se encontram inclusas as iniciativas locais. Tal fato gera uma dependência das comunidades com relação à rede, não somente ao que tange à comunicação com seus

clientes potenciais, mas, também, com a comercialização dos seus produtos turísticos. Portanto, uma pergunta se sobressai: quão favorável ou desfavorável é para uma iniciativa de TC o fato de haver comércio apenas por meio de uma rede de TC?

De modo complementar, face ao cenário da Pandemia de Covid-19 e das informações nos meios de comunicação de massa e científicos, a corrida por comunicação via internet se presentificou cada vez mais, já que em decorrência dessa doença foram impostas uma série de limitações impeditivas. Acredita-se que os empreendimentos que antes já dispunham dessa ferramenta tiveram que se aperfeiçoar ainda mais, visando permanência no mercado, e as que não tinham, trataram de se munir desse meio de comunicação e de tecnologias inovadoras para tentarem sobreviver.

No que respeita aos termos utilizados por cada um dos países acerca do turismo, com ênfase na comunidade, encontraram-se diferentes nomenclaturas, embora de homogeneidades de sentidos. No Brasil, utiliza-se o termo turismo de base comunitária com mais frequência, embora se tenha ouvido também ecoturismo de base comunitária. Na Bolívia, utiliza-se, com muita clareza, as terminologias Turismo Comunitário e turismo de base comunitária, de acordo com o que está preconizado na legislação. Em contrapartida, no Peru, utiliza-se o termo turismo rural comunitário.

Nessa direção, Costa (2013) apud Fabrino, Nascimento e Costa (2015) sintetiza bem o entendimento desses termos, independentemente de como são apresentados nesses países, pois o autor diz que este aponta para um modelo de desenvolvimento turístico, que tem por base determinados recursos de ordem humana, natural e infraestrutural – próprios de uma localidade. Ele traz em seu âmago o protagonismo das comunidades como gestoras e ofertantes de bens e serviços turísticos. Outros autores apontam

que, nos referenciais específicos e programas e projetos oficiais de fomento, o TBC se apresenta como uma proposta muito bem associada ao turismo com bases sustentáveis e com amplas possibilidades de gerar desenvolvimento local.

No que concerne ao entendimento sobre o significado do TBC, os entrevistados dos três países, basicamente o relacionam à geração de trabalho e renda para a comunidade, à conservação da natureza e à integração dos visitantes com os comunitários. Entretanto, ligam essa visão, também, à promoção da organização comunitária, à contribuição do turismo à construção de novos saberes, conhecimento da cultura local, resgate de cultura tradicional, criatividade, possibilidade da união de famílias comunitárias para oferecer serviços turísticos, desenvolvimento da economia local e possibilidades de trabalhos coletivos.

Sobre a discussão acerca da concepção do TC na América Latina, Cabañilla e Gentili (2015) afirmam que se está diante de processo eivado de aprendizagens, pois definições variadas têm sido elaboradas por diversos atores sociais, acadêmicos, pelo setor público e por ONGs. Com relação a esse aspecto, o autor, em uma pesquisa realizada, analisou uma série de documentos das mais diversas características com sistematicidade e crítica, e tratou de averiguar semelhanças e diferenças conceituais em torno do TC. Seu intuito maior não é apresentar um conceito unificado, mas apenas pontuar os avanços que se abrem para o debate acadêmico-social, no que tange à conceituação de TC na América Latina.

A continuar, considerando-se a construção conceitual, Cabañilla e Gentili (2015) indicam alguns pontos comuns que espelham o entendimento do TC: o Turismo Comunitário é um modelo de gestão de base local; observa-se nas comunidades ou organizações, tanto em grupos de indivíduos de etnias ancestrais, como de populações que não se consideram como tal; se

circunscreve aos territórios da comunidade ou em organizações campesinas, a destacar o território como um elemento transcendental; tais territórios podem ser lugares muito remotos, em espaços próximos às cidades, e inclusive em enclaves urbanos, geralmente na periferia; apresentam a cultura e seu relacionamento com a natureza como atrativos principais na relação visitante-anfitrião; enfatiza-se o grau de manejo, controle e aceitação da atividade turística na comunidade local; não se constitui como um único serviço, nem como uma tipologia de turismo, pois pode ofertar diversas modalidades e uma variedade de serviços, em conformidade com as características territoriais e com o grau de investimentos realizados no empreendimento turístico; está inextricavelmente ligado ao conceito de turismo sustentável, e aos parâmetros que devem ser respeitados na operação; reconhece a coexistência de modalidades variadas de empreendimentos turísticos comunitários, sejam exclusivamente comunitários, mistos ou privados – estes últimos com o aval da comunidade e com acordo tácito de benefícios; e por último, quando se fala de comunitário, o que se sobressai não é a geração de benefícios econômicos, mas buscar, de modo similar, a geração de impactos positivos nos entornos naturais e culturais, objetivando o bem viver de todos os comunitários. Em suma, a grande variedade de projetos, iniciativas, empresas, associações e redes de Turismo Comunitário encontradas, momentaneamente, em vários países latino-americanos, fortalecem a percepção sobre a presença de um novo modelo de gestão.

É importante ressaltar que, de um modo geral, o que o referido autor indica se coaduna com o que se encontrou quando das pesquisas realizadas pela pesquisadora nos três países.

Nesse contexto, o entendimento que se tem baseado no exposto acima, independentemente da nomenclatura estabelecida, é que o turismo, cujo cerne pretende ser a comunidade, é um modelo de gestão local organizado

por uma família ou mais famílias, ou ainda por toda a comunidade, que raramente é concebido por esta, mas sim por agentes externos como empresas privadas, universidades, ONG, cooperações internacionais, órgãos públicos e movimentos sociais. Independentemente da modalidade, intenciona trazer benefícios de várias ordens para a comunidade, e ao mesmo tempo conservar o meio ambiente que a compõe, além de integrar, por vezes, os visitantes e comunitários. Vale ressaltar que, em algumas situações, os lucros são repartidos com outras empresas, dado o acordo realizado, e, em outras, a comunidade se beneficia 100%.

Com relação às ações implementadas de cunho ambiental, encontraram-se duas vertentes: as que são desenvolvidas na própria comunidade pelos comunitários e por agentes externos e as que são realizadas nos empreendimentos turísticos. Cabe ressaltar que essas localidades estão em áreas protegidas ou em seu entorno. Nesse sentido, verificou-se que tanto no Brasil quanto na Bolívia e no Peru, essas, por suas localizações, recebem orientações dos órgãos especializados que gerenciam e fiscalizam tais espaços. Essas ações se dão a partir de um processo longo e contínuo de aprendizagem, pois demandam um certo tempo para que haja sensibilização e, por conseguinte conscientização ambiental, tanto por parte dos comunitários que querem trabalhar com o turismo, quanto por seus respectivos empreendimentos, por meio de seus colaboradores.

De acordo com Peralta, Vieira e Ozório (2016), na Pousada Uacari, em 2002, havia um entendimento de que as bases da atividade do ecoturismo eram seus atrativos naturais. Essa reflexão pode ser considerada comum para todos os envolvidos na referida atividade. Vê-se, portanto, fundamental o papel das escolas, das ONGs, dos governos, das Universidades para que, em um esforço conjunto, garantam a conservação ambiental e, por conseguinte, possam continuar a desenvolver o turismo de base comunitária.

Em sua dimensão ambiental, Castro e Pinto (2013) consideram que o TBC pode: minimizar impactos ambientais; fortalecer ações de conservação da natureza; respeitar normas de conservação; recuperar áreas degradadas; manejar de modo sustentável os recursos naturais; e utilizar energias renováveis. Posto isso, verificou-se que quatro empreendimentos se destacam nesse item: a Posada Amazonas e o Ñape Lodge, no Peru; o Chalalan Albergue Ecoturístico, na Bolívia; e a Pousada Uacari, no Brasil. Com exceção do Ñape Lodge, que possui menos de sete anos no mercado, os demais têm mais de 20 anos de operação.

No que respeita aos desafios a serem enfrentados, o conjunto dos entrevistados deu as mais variadas respostas nos três países. Cabe ressaltar que, apenas em um empreendimento na Amazônia brasileira – Posada Amazonas –, a maior parte dos interlocutores respondeu que os desafios seriam a transferência de gestão da referida pousada para os comunitários e a necessidade de aprender o idioma inglês.

Na Amazônia brasileira, apresentam-se os seguintes desafios:

a) Aprender como se opera o turismo. Nessa comunidade, seus moradores apenas observam que nas comunidades vizinhas a atividade turística acontece, entretanto, estes não têm conhecimento específico para desenvolver o processo de implantação no TBC, mas manifestaram o desejo de implantarem em sua localidade. Inclusive, a partir disso, no momento da entrevista, houve um convite informal para que a UFPA participasse com sua competência para auxiliar nessa implantação. Já se nota que existe na comunidade uma certa vocação para lidar com o turismo, uma vez que os comunitários demonstraram um princípio de hospitalidade com relação às pessoas que chegam na localidade.

b) Instituir em definitivo o TBC.

c) Congregar o maior número de comunitários nas iniciativas do TBC.

d) Efetivar um turismo que gere resultados para todos.

e) Contemplar as expectativas criadas a partir do Fórum Estadual de Gestão do Turismo Comunitário do Pará e da Rede Açaí, com intuito de solucionar os problemas internos com relação ao pessoal.

f) Planejar novos roteiros turísticos.

g) Estruturar a cadeia produtiva e se preparar para que o produto turístico chegue ao consumidor final.

h) Ampliar parcerias para facilitar o trabalho na atividade turística.

i) Reformar estruturalmente o empreendimento. É importante salientar que tal reforma já foi concluída recentemente.

j) Empreender ações de caráter responsável.

l) Disponibilizar um maior empenho do comunitário com ideias, apoios e interesses para a transferência de gestão do empreendimento a cargo dos comunitários.

m) Aprender a se comunicar no idioma inglês.

n) Diminuir a rotatividade do pessoal.

o) Aumentar os recursos financeiros para melhorar a vigilância da área protegida.

p) Manter o empreendimento por mais 20 ou 30 anos.

q) Vender mais pacotes às operadoras turísticas.

r) Resolver as questões jurídicas para que haja completa legalização do empreendimento.

s) Dispor de internet na comunidade para divulgar o produto turístico.

t) Treinar pessoas para o setor de marketing.

u) Resolver problemas de água e energia na comunidade.

v) Obter conhecimentos sobre computação.

x) Construir uma pousada comunitária e fazer trilhas.

Já na Amazônia boliviana apresentam-se os seguintes desafios:
a) Estabelecer uma marca de TC para a Bolívia.
b) Que o TC seja considerado um vetor de desenvolvimento para o país.
c) Que os empreendimentos funcionem bem para que os turistas retornem.
d) Que as comunidades tenham médicos especialistas.
e) Os comunitários devem seguir promovendo o empreendimento.
f) Os comunitários devem enfrentar o governo que está ameaçando os parques nacionais.
g) Os comunitários devem incrementar a comunicação turística e lançar novos produtos.
h) Os comunitários devem obter mais recursos para investir na maioria dos serviços.
i) Os comunitários devem investir em infraestrutura.
j) Os comunitários devem aprender a trabalhar com o marketing digital.
k) Os comunitários devem melhorar a qualidade de seus produtos.
l) A publicidade na internet deve ser imperativa.

E na Amazônia peruana, destacam-se os seguintes:
a) Que os comunitários se desvinculem da empresa que operam em cogestão e passem a gerir o empreendimento que é de sua propriedade.
b) Que os comunitários administrem a concorrência de preços.

Isto posto, verifica-se nos três países que não constou como desafio, na percepção dos entrevistados, a preocupação com as políticas públicas que, de um modo ou de outro, interferem nesse processo, por sua presença ou ausência. Ademais, nota-se que não foi mencionado como desafio a proteção ao meio ambiente. Talvez isso aconteça devido ao conjunto de interlocutores acharem que está resolvida essa questão, que não há motivos para se preocupar. Mas, isso poderia ser pesquisado com mais vagar, para dirimir dúvidas sobre essa questão, embora se presuma que isso deva ser um constante desafio, uma vez que essa causa está sempre em processo.

7 CONCLUSÃO E LIÇÕES APRENDIDAS

A ter em vista o que foi apresentado sobre os projetos de TBC/TC/TRC, que estão sendo trabalhados em unidade de conservação ou em seus entornos, independentemente do seu estágio de desenvolvimento em que esses estão inseridos, nos três países Pan-amazônicos – Brasil, Bolívia e Peru –, esta pesquisa propôs-se retratar e analisar, de modo comparativo, suas realidades a partir determinados pontos de importância para sua compreensão, enquanto uma totalidade. Apurou-se que nos países estudados o turismo se configura como uma fonte de renda suplementar que possibilita a diversificação de sua base produtiva em áreas rurais, bem como meio de conservação da natureza e de produção da cultura local. Foi visto também que, dependendo da comunidade, o turismo participa, em níveis diversos, da complementação de renda dessas localidades, em algumas mais, em outras menos.

Constata-se que as UC pesquisadas têm grande potencial turístico que, se trabalhado de acordo com os princípios da sustentabilidade podem desempenhar um importante papel para a conservação da sociobiodiversidade, desde que todos os atores não apenas tenham o entendimento de sua relevância para o meio, mas que pratiquem atos que estejam de acordo com o que defendem. E isso pressupõe que sua consciência ambiental aumente de modo significativo ao visitar áreas protegidas em que estão inseridas comunidades. Nesse sentido, o turismo de base comunitária se adequa ao contexto e à dinâmica das UC, a considerar que as comunidades o protagonizam e tentam fazê-lo de modo sustentável,

o que leva a valorizar suas práticas e saberes, redundando em geração de renda e promoção de qualidade de vida.

O modelo de gestão do turismo com bases comunitárias, sobretudo os empreendimentos Pousada Uacari, Albergue Ecológico Chalalan e Posada Amazonas, foram replicados em outros projetos nas mesmas comunidades, pois encontraram nele um exemplo de uma atividade que foi capaz de gerar grandes benefícios para as comunidades e, ao mesmo tempo, conservar o meio ambiente natural, independentemente de políticas públicas específicas. E muitas dessas que eram invisíveis, ao desenvolverem o turismo, passaram a ser vistas pelo poder público, embora restem muitos desafios no que tange à implementação, à formulação e à execução de políticas públicas nos três países.

No caso do Brasil, um dos problemas apresentados é a falta de uma regulamentação federal legal que vise o turismo de base comunitária, mas que conta com alguma legislação apenas em três estados brasileiros – Bahia, Minas Gerais e Rio de janeiro – nenhum na Amazônia. Outrossim, constata-se que isso fragiliza em muito o TBC e os seus ambientes, desordenando-os, ou seja, as iniciativas existem, muitas são bem sucedidas, mas, sem dúvidas, ter-se-iam melhores resultados se houvesse uma política pública que regulamentasse, de fato, essa atividade. E isso deveria ser uma frente bastante ampla de todos os atores que estão envolvidos com o TBC para fortalecer suas exigências quanto à formulação de uma política de estado voltada para os seus interesses e aos da nação.

Em se tratando da Bolívia, que dispõe de políticas públicas gerais, inclusive com regulamentação específica para o TBC/TC, ainda se percebem fragilidades, dado seu contexto socioeconômico e político. E o Peru também se assemelha a esse país no que tange a essas questões de legislação.

À guisa também de conclusão, percebeu-se que em todos os empreendimentos pesquisados na Bolívia e no Peru, no que se refere ao processo de comercialização, esses seguem uma ordem turística que se expressa por meio da participação em eventos do tipo feiras, páginas da web e redes sociais, além de possuírem uma agência própria para vender seus produtos. Entretanto, no Brasil, encontrou-se apenas um empreendimento que tem essa mesma dinâmica e estrutura de comercialização, que é a Pousada Uacari. As demais estão muito longe de se disciplinarem comercialmente, embora também tenham seus mecanismos de trabalho para oferecerem seus produtos ao mercado consumidor.

A questão da formação de recursos humanos para desenvolver projetos de turismo nos três países é uma constante, e os atores que lidam com essas ações de capacitação provêm de ONG, órgãos do governo, associações de classe, agências de cooperação internacionais, e universidades. Assim, esse conjunto de atores desempenha um fundamental papel para munir os comunitários dos conhecimentos necessários para manter seus respectivos projetos. No entanto, às vezes encontra-se em outras experiências, que não as que foram pesquisadas, e a falta de qualificação dos comunitários no espaço turístico pode se estabelecer como um problema, uma vez que restringe a compreensão sobre a atividade, e isso pode resultar em dificuldades e, consequentemente, dificultar o processo participativo de decisões a serem tomadas. Por conseguinte, isso vai contra os princípios do TBC, que requer participação comunitária e protagonismo local.

Dentre tudo o que foi exposto, se sobressai o fato de que esse modelo de gestão do turismo se opõe ao modelo de turismo convencional, pois além de estar vinculado a bases comunitárias, tem como premissa o cuidado com a natureza, minimizando os impactos sobre a biodiversidade e provendo trabalho e renda para os seus colaboradores.

7.1 Lições aprendidas

Este extenso trabalho de pesquisa, além de exigir um profundo esforço intelectual, propiciou um aprendizado dos mais vultosos, com novas descobertas e possibilidades de um futuro melhor para as comunidades estudadas e, ao mesmo tempo, um virtual espelho para outras, bem como uma base de referência para demais estudos de turismo. E é salutar ressaltar que a base comunitária é eivada de um forte perfil cultural próprio daquelas amazônidas, quer sejam do Brasil, da Bolívia ou do Peru.

Nessa direção, apresentam-se seis lições aprendidas que sintetizam o grande esforço despendido para buscar conhecimentos sobre essa temática. Eventualmente, pode ser que outros olhares tenham novas visões do que foi dito até agora, o que muito bem-vindo. A seguir, elenca-se a síntese que está sendo sugerida:

1) Em termos de iniciativas para se gestar o turismo com bases comunitárias, não existe prontuário único que possa ser aplicado para o conjunto das comunidades, pois cada uma encontrou sua equação que define seu procedimento com relação ao desenvolvimento do processo turístico.

2) O tempo de maturação de cada projeto em processo é diferente com relação aos atores; em consequência, as expectativas também são variadas e graduais, conforme os resultados que ora se apresentam. Aprende-se com as diversidades.

3) A participação de agentes externos quase sempre é notada nos projetos de desenvolvimento comunitário com eixo no turismo, desde a sua concepção até sua implantação e consequente monitoramento. É uma construção coletiva que busca sustentabilidade.

4) Os projetos dos empreendimentos de turismo, já consolidados, conseguiram ser modelos para outras iniciativas nas próprias comunidades, cujos comunitários adquiram *know how*, no momento em que foram partícipes de toda a conjugação do processo. Isso considera as etapas que vão desde a sua gênese, passando, em alguns casos, pela construção dos próprios equipamentos, capacitação nas mais variadas áreas, até o exercício de funções e de competências.

5) Os projetos já estabelecidos, e que são referências, ainda seguem por resolver questões dos mais diversos matizes – mercadológicos, gerenciais e infraestruturais –, o que reforça o detalhe de que este processo está sempre em movimento, quer seja este de avançar ou de recuar, obedecendo sempre à sua linha de tempo e aos contextos – político-institucionais, ambientais, territoriais e socioeconômicos. E mais, embora a pesquisa apresente lições aprendidas pré-Pandemia de Covid-19, inclui-se agora o contexto de saúde pública que envolve este vírus Sars-CoV-2, com consequências intangíveis para a humanidade.

6) O sentido de pertencimento dos comunitários é incorporado à medida que estes participam ativamente das atividades de turismo, o que se traduziria em valorizar os ambientes naturais, conservando-os. É uma condição identitária própria dos comunitários envolvidos que, espontaneamente, contagia quem deles se aproxima, quer como visitante, quer como parceiro.

Diante do propugnado, esse aprendizado revela que as bases do Turismo Comunitário estão bem estabelecidas, no entanto, em marcha, preparadas para futuras correções de caminhos, que sempre terão como referência uma história sólida de formação que possibilita estar-se sempre a ver e rever o que é feito, com autocrítica e responsabilidade.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Mapa 1 Localização das áreas de estudos na Pan-Amazônia 28
Mapa 2 Localização das comunidades quilombolas de Laranjituba-África, Moju-Miri, Ilha de Cotijuba e Santo Amaro 54
Mapa 3 Localização das áreas de estudo no Amazonas 140
Mapa 4 Localização das áreas de estudo na Bolívia 258
Mapa 5 Localização das áreas de estudo no Peru 391

Quadro 1 Número de turistas no Parque Nacional e Área Natural de Manejo Integral Madidi 262
Quadro 2 Número de turistas que visitan el Destino Rurrenabaque-Madidi-Pampas 282
Quadro 3 Número de turistas que visitam os empreendimentos comunitários 286
Quadro 4 Número de turistas que visitan el PN ANMI Madidi 302
Quadro 5 Destinos e comunidades do Turismo Rural Comunitário 398
Quadro 6 Visitantes estrangeiros e nacionais aos principais recursos turísticos (2013-2017) 418
Quadro 7 Oferta total de hospedagem na região de Madre de Dios (2013-2017) 419
Quadro 8 Oferta segundo a categoria na região de Madre de Dios (2013-2017) 420

Figura 1 Localização dos 11 destinos de TRC 398
Figura 2 Zonificação da Reserva Nacional Tambopata 428
Figura 3 Localização do Parque Nacional Manu 588

Tabela 1 Procedência de seus visitantes e tempo de permanência médio de Madre de Dios 418

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1	Cerâmicas produzidas na comunidade	57
Fotografia 2	Máscara ritualística	58
Fotografia 3	Grupo de pesquisadores e acadêmicos do NAEA	60
Fotografia 4	Caminhada pela trilha	60
Fotografia 5	Açaí parol com farinha de tapioca	62
Fotografia 6	Mesa Diretora do II Fórum de Gestão de TBC do Pará	64
Fotografia 7	A pesquisadora e a Sra. Rubenita Justiniana	65
Fotografia 8	Reunião antes do roteiro	66
Fotografia 9	Trapiche para Santo Amaro	66
Fotografia 10	Grupo de visitantes na lancha	67
Fotografia 11	Primeiro grupo de TBC para Santo Amaro	68
Fotografia 12	Casa da Família do Sr. Rosivaldo Silva	68
Fotografia 13	Trilha conduzida pelo Sr. Rosivaldo Silva	70
Fotografia 14	Pé da Samaumeira	70
Fotografia 15	Mesa posta do café-da-manhã	72
Fotografia 16	Demonstração do peixe frito e do camarão	72
Fotografia 17	Detalhe do açucareiro em cima da folha de bananeira	73
Fotografia 18	Mesa para oficina de chocolate	76
Fotografia 19	Embalagem com brigadeiros vendidos durante o roteiro	77
Fotografia 20	“Mimo” entregue no final do roteiro	81
Fotografia 21	Fachada da instalação do Movimento de Mulheres das Ilhas de Belém	87
Fotografia 22	Praia do Vai Quem Quer	92
Fotografia 23	Filhote (*Ceviche* de) servido no abacaxi para o jantar	92
Fotografia 24	Mesa posta para o jantar	93
Fotografia 25	Plantas no quintal	94

Fotografia 26 Peças artesanais 95
Fotografia 27 Panelas de argila 95
Fotografia 28 Óleo de pracaxi, andiroba e mel de abelha 96
Fotografia 29 Embalagem dos produtos 96
Fotografia 30 Lançamento da Rede Açaí no MMIB 104
Fotografia 31 Convidados no lançamento da Rede Açaí 104
Fotografia 32 Logomarca da Rede Açaí 104
Fotografia 33 Parte do grupo do primeiro roteiro de TBC 115
Fotografia 34 Motoretes 120
Fotografia 35 Bondinho 120
Fotografia 36 Ruas não pavimentadas 121
Fotografia 37 Rampa sem estrutura para a descida de passageiros . 122
Fotografia 38 Pousada Quarto Crescente 123
Fotografia 39 Pousada Sol & Lua 123
Fotografia 40 Interior do bondinho 125
Fotografia 41 Fachada do restaurante Sonho Meu 127
Fotografia 42 Show artístico 127
Fotografia 43 Ruínas do antigo presídio e educandário 130
Fotografia 44 Mesa do café-da-manhã típico na Pousada e Restaurante farol 131
Fotografia 45 Tapiocas de coloração cor-de-rosa (beterraba) e amarela 131
Fotografia 46 Passeio guiado à praia 133
Fotografia 47 Reunião de acolhimento no MMIB 133
Fotografia 48 Demonstração de biojoias 134
Fotografia 49 Oficina de biojoias 134
Fotografia 50 Pôster do Uacari-branco 142
Fotografias 51 e 54 IDSM 144
Fotografia 55 Vista aérea da Pousada Uacari na Reserva Mamirauá 145
Fotografia 56 Chalés flutuantes 152

Fotografia 57 Parte da equipe de trabalhadores da Uacari 164
Fotografia 58 Restaurante da Uacari 165
Fotografia 59 Mesa do café-da-manhã 166
Fotografia 60 Almoço 166
Fotografia 61 Chegada de visitantes na Uacari 168
Fotografia 62 Momento de integração entre o staff e visitantes 169
Fotografia 63 Passeio guiado 169
Fotografia 64 Observadora de pássaros 171
Fotografia 65 Grupo de turistas em passeio 171
Fotografia 66 Grupo assistindo à palestra 172
Fotografia 67 Comunidade Boca do Mamirauá 184
Fotografia 68 Vista a partir da comunidade 186
Fotografia 69 Escola da comunidade 188
Fotografia 70 Castanheiras 191
Fotografia 71 Igreja Evangélica 192
Fotografia 72 Campo Ecológico 192
Fotografias 73 e 74 Loja de artesanato 193
Fotografias 75 e 76 Peças artesanais 194
Fotografia 77 Grupo de visitantes 195
Fotografia 78 Pousada Casa do Caboclo 196
Fotografia 79 Acesso à Vila Alencar na cheia 209
Fotografias 80 e 83 Produção artesanal de Vila Alencar 210
Fotografia 84 Trilha para o Caburini 211
Fotografia 85 Chegada dos visitantes pós-trilha 212
Fotografia 86 Centro comunitário 213
Fotografia 87 Igreja católica 213
Fotografia 88 Parte da cueira 214
Fotografia 89 Vista da comunidade do Caburini e plantação de feijão 221
Fotografia 90 Plantio de melancia 222

Fotografias 91 e 94 - Peças artesanais do Caburini 224
Fotografia 95 Barco chegando ao Caburini 225
Fotografia 96 Pôr do sol no Caburini 226
Fotografia 97 Construção da Pousada Canarinho 227
Fotografia 98 Parque Nacional Anavilhanas 231
Fotografia 99 Pedra do sanduíche 232
Fotografia 100 Gruta do Madadá 232
Fotografia 101 Floresta de macacarecuias 233
Fotografia 102 Praia de Anavilhanas 233
Fotografia 103 Macacarecuias 234
Fotografia 104 Praia de Novo Airão 234
Fotografia 105 Hotel Mirante do Gavião 235
Fotografia 106 Anavilhanas Jungle Lodge 236
Fotografia 107 Peças de madeira 237
Fotografia 108 Sabonetes artesanais e objetos de papel reciclado 238
Fotografia 109 Vista da comunidade do Tiririca 242
Fotografia 110 Restaurante Cantinho do Japiim 243
Fotografias 111 e 114 Cozinheiras e detalhes das refeições 247
Fotografia 115 Pousadinha em construção 248
Fotografia 116 Bicho preguiça 249
Fotografias 117 e 118 Lojinha de artesanato 250
Fotografia 119 Técnico de Turismo Comunitário e a autora 260
Fotografia 120 Salar de Uyuni 260
Fotografia 121 Lago Titicaca 261
Fotografia 122 Parque Nacional e Área Natural de Manejo Integrado Madidi 261
Fotografia 123 Parque Nacional Sajama 261
Fotografia 124 Tusoco viagens 269
Fotografias 125 e 126 Albergue Ecoturístico Chalalan 276
Fotografia 127 Albergue Ecoturístico Tomarapi 277

Fotografias 128 e 129 - Oficina de capacitação em La Paz 278
Fotografias 130 e 133 - Cidade de Rurrenabaque 283
Fotografias 134 e 135 - Trechos do rio Beni 301
Fotografia 136 Escritório do PNANMI Madidi em San Buenaventura 307
Fotografias 137 e 138 - Embalagem do Café Madidi 309
Fotografia 139 Placa de localização da área 312
Fotografia 140 Pedra comemorativa do Chalalan 315
Fotografia 141 Trechos da viagem de barco 320
Fotografia 142 Lanche servido 320
Fotografia 143 Trilha e marcação de acesso ao Chalalan 320
Fotografias 144 e 147 - Estrutura com material do lugar 321
Fotografia 148 Cabanas avarandadas 321
Fotografia 149 Restaurante e seus serviços 322
Fotografia 150 Sala de interpretação 322
Fotografia 151 Cozinha 353
Fotografia 152 Abertura de cama 323
Fotografia 153 Circuito de trilhas 325
Fotografia 154 Passeio de canoa 326
Fotografias 155 e 158 - Noite Tradicional 326
Fotografia 159 Lago Chalalan com seu píer 327
Fotografia 160 Escritório- agência de viagem do Chalalan 328
Fotografia 161 Comunitária-garçonete 330
Fotografia 162 “Porto” de Villa Alcira 336
Fotografia 163 Trilha de acesso à Villa Alcira 336
Fotografia 164 Casa em Villa Alcira 338
Fotografia 165 Anselmo Puero e Isidora Apuri 339
Fotografia 166 Moenda de cana de Villa Alcira 340
Fotografia 167 Cabana do Villa Alcira Albergue 341
Fotografia 168 Refeitório do Villa Alcira Albergue 342
Fotografia 169 Comunitário produzindo mel de cana 344

Fotografia 170 Agência de viagem Villa Alcira em Rurrebanaque 346
Fotografia 171 Plantação de banana 355
Fotografia 172 Aula ao ar livre 356
Fotografia 173 Aula no anexo da escola 356
Fotografia 174 Sala de aula (anexo) 357
Fotografia 175 Cabana do Albergue San Miguel del Bala 360
Fotografia 176 Refeitório do Albergue 360
Fotografias 177 e 179 - Comunidade de San Miguel del Bala 361
Fotografia 180 Trilha da comunidade 362
Fotografia 181 Cânion de bala 362
Fotografia 182 Trilhas 374
Fotografias 183 e 184 - Cabana e área interna 374
Fotografias 185 e 188 - Refeitório e refeições do Madidi Jungle Ecolodge 395
Fotografia 189 Centro de Interpretação 375
Fotografia 190 Transporte próprio do Madidi Jungle 376
Fotografia 191 Posto de controle “El Bala” 380
Fotografia 192 Placa de Boas-vindas do Mashaquipe ecolodge 382
Fotografia 193 Refeitório 386
Fotografia 194 Trilhas 387
Fotografia 195 Machu Picchu 493
Fotografia 196 Mapa-Ilustração dos oito povos indígenas 495
Fotografia 197 Cusco, Patrimônio Cultural da Humanidade 401
Fotografia 198 Tierra de los Yachaqs 402
Fotografia 199 e 200 - Puerto Maldonaldo (Tambopata) 415
Fotografia 201 Posto de informação e assistência ao turista 414
Fotografia 202 Reserva Nacional Tambopata 430
Fotografia 203 Lago Sandoval 431
Fotografias 204 e 206 - Colégio da comunidade 436
Fotografia 207 Banner bilíngue - Espanhol e Ese’Eja 437
Fotografia 208 Posto de saúde de Inferno 438

Fotografia 209 Oficina de artesanato 440
Fotografia 210 Loja de Artesanato 442
Fotografias 211 e 212 - Cestaria 443
Fotografias 213 e 215 - Peças artesanais 444
Fotografia 216 Remos, vassouras e adornos 445
Fotografia 217 Frente do Ñape Lodge 449
Fotografia 218 Unidade habitacional 452
Fotografia 219 Ponte de ligação 453
Fotografia 220 Lobby do Ñape Lodge 453
Fotografias 221 e 224 - Restaurante 454
Fotografia 225 Bar no lobby 455
Fotografia 226 Boutique 455
Fotografia 227 Barco 457
Fotografias 228 e 229 - Cozinha e dispensa 457
Fotografia 230 Grupo de turistas estrangeiros 458
Fotografias 231 e 232 - Torre e vista panorâmica da floresta amazônica 459
Fotografia 233 Caminhadas noturnas 460
Fotografia 234 Sucos de frutas regionais 461
Fotografia 235 Baawaja Expeditions 466
Fotografia 236 Vista aérea da Posada Amazonas Lodge 469
Fotografia 237 Rio Tambopata 470
Fotografias 238 e 241 - Escritório da Rainforest expeditions em Puerto Maldonado 471
Fotografia 242 Apartamento 472
Fotografias 243 e 246 - Restaurante com serviço de buffets 473
Fotografia 247 Bicicletário 473
Fotografias 248 e 249 - Bar e área de descanso 474
Fotografia 250 Trilha para caminhada 475
Fotografia 251 Recepção feita pelo Chefe de Serviços 456
Fotografia 252 Boulevard Plaza de Armas 482

Fotografia 253 Restaurante com área de descanso 484
Fotografia 254 Grupos de turistas 485
Fotografia 255 Amazon Wildlife Perú 493
Fotografias 256 e 257 - Etnia Matsiguenka 494
Fotografia 258 Empresa Matsiguenka 494
Fotografias 259 e 263 - Casa Matsiguenka e o artesanato 496

LISTA DE SIGLAS

AANA - Associação dos Artesãos de Novo Airão

ABBTUR/PA - Associação Brasileira de Turismólogos e Profissionais do Turismo/Seccional Pará

ACS - Agente Comunitária de Saúde

AGEMAM - Associação de Auxiliares e Guias de Ecoturismo do Mamirauá

APSM - Associação de Produtores do Setor Mamirauá

ASOPTUR - Associação de Operadores de Turismo de Rurrenabaque

BID - Banco Interamericano de Desenvolvimento

CARE - Cooperative for Assistance and Relief Everywhere

CARETUR - Câmara Regional de Turismo de Rurrenabaque

CETAM - Centro de Educação Tecnológica do Amazonas

CIPLA - Central do Povo Leco

CODEM - Companhia de Desenvolvimento e Administração da Área Metropolitana de Belém

CONAIE - Confederação de Nacionalidades Indígenas do Equador

CONAI - Comissão Nacional de Assuntos Indígenas

COOPERBIC - Cooperativa dos Barqueiros da Ilha de Cotijuba

CNI - Comunidade Nativa Ese'Eja de Inferno

CRQLA - Quilombola Laranjituba - África

CST - Conta Satélite de Turismo

DDT - Direção Departamental de Turismo

DIRCETUR/CUSCO - Diretoria Regional do Comércio Exterior e Turismo

EEM - Estação Ecológica Mamirauá

FAEPA - Faculdade de Estudos Avançados do Pará
FAM - Fundação Almerinda Malaquias
FAPAN - Faculdade Pan-Amazônica
FAS - Fundação Amazonas Sustentável
FAS - Floresta Amazônia Sustentável
FEPI - Fundação Estadual dos Povos Indígenas
FITA - Feira Internacional da Amazônia
FVA - Fundação Vitória Amazônica
ICEI - Instituto de Cooperação Econômica Internacional
ICT - Instituto Costarricense de Turismo
IDEFLOR-BIO - Instituto de Desenvolvimento Florestal e da Biodiversidade do Estado do Pará
IDSM - Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá
ITEAM - Instituto de Terras do Amazonas
MINCETUR - Ministério de Comércio Exterior e Turismo
MMIB - Movimento de Mulheres das Ilhas de Belém
OEPAIC - Rede de Organizações Econômicas de Produtores Artesanais/ Identidade Cultural
OIT - Organização Internacional do Trabalho
ONG - Organizações não governamentais
PEA - População Economicamente Ativa
PENTUR - Plano Estratégico Nacional de Turismo
PERTUR - Plano Estratégico Regional de Turismo
PIB - Produto Interno Bruto
PIMEAR - Plano Integral de Manejo de Energia, Água y Resíduos
PLANTUR - Plano Nacional de Turismo
PNAMI - Parque Nacional y Área de Manejo Integral Madidí
PNM - Parque Nacional Manu
PNUD - Programa das Nações para o Desenvolvimento
RATURC - Rede Argentina de Turismo Rural Comunitário

RDS Mamirauá - Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá

RDS Rio Negro - Reserva de Desenvolvimento Sustentável Rio Negro

REDTURS - Red de Turismo Sostenible

RED TUSOCO - Rede Bolivariana de Turismo Sostenible y Comunitário

REVIS - Refúgio de Vida Silvestres Metrópole da Amazônia

RNTAMB - Reserva Nacional Tambopata

SEMA - Secretaria de Estado do Meio Ambiente do Amazonas

SERNAP - Servicio Nacional de Áreas Naturales Protegidas

SEMINTUR - Secretaria Municipal de Indústria, Comércio e Turismo de Novo Airão

SCM - Sociedade Civil Mamirauá

SNUC - Sistema Nacional de Unidades de Conservação

TBC - Turismo de Base Comunitária

TC - Turismo Comunitário

TCO - Território Comunitário de Origem

TRC - Turismo Rural Comunitário

WCS - Wildlife Conservation Society

WTA - World Travel Award

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, G. P. de; GELBCKE, D. L. Turismo Comunitário: uma perspectiva ética e educativa de desenvolvimento. **Revista Turismo Visão e Ação – Eletrônica,** v. 10, n. 03. p. 357 – 378, set./dez. 2008. Disponível em: www.univali.br/revistaturismo. Acesso: 20 abr. 2021.

ARAÚJO, M. N. F. de et al. **O Turismo de Base Comunitária em Santo Amaro do Maranhão:** estratégias para o fortalecimento das comunidades de Betânia, Travosa e Sede Municipal. São Luís: UFMA; UEMA; IFMA. Comunicação oral. Setembro de 2019. No prelo (Resumo).

ARAÚJO, M. N. F. de; MENDÉZ, K. L. ; RIBEIRO, R. T. Segundo Taller de Formación Sobre Turismo Comunitario y sus Efectos Post Coronavirus (COVID – 19). **Turismo e Sociedade.** Curitiba, v. 13, n. 2, p. 92 - 106, maio/ago. 2020.

BARROS, L. S. C.; LEUZINGER, M. D. Turismo de base comunitária e os desafios para sua implementação em unidades de conservação**. Revista Direitos Sociais e Políticas Públicas.** Bebedouro, SP, v.8, n.2, maio/ago. 2020. Disponível em: https://dspace.almg.gov.br/handle/11037/38441. Acesso em: 20 maio 2020.

BARTHOLO, R. et al. **Turismo de Base Comunitária diversidade de olhares e experiências brasileiras**. São Paulo: Letra e Imagem, 2009.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988.

BRASIL. Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000. Regulamenta o art. 225, § 1º, incisos I, II, III, e VII da Constituição Federal, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p.1, 19 jul. 2000. Disponível em: L9985 (planalto.gov.br). Acesso em: 6 mar. 2021.

BRUYNE, P. de et al. **Dinâmica da Pesquisa em Ciências Sociais.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

CABAÑILLA, E.; GENTILI, J. Caracterización de las páginas de la Internet de turismo comunitario en países de América: una aproximación desde el análisis de contenidos y la cartografía temática. PASOS. **Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**, v. 13, n. 1, p. 157-174, 2015.

CABAÑILLA, E. **El Turismo Comunitário en el Ecuador: evolución, problemática y desafíos**. Quito: UIDE (Universidad International del Ecuador), 2018. 329 p.

CABAÑILLA, E.; LASTRA - BRAVO, X.; PAZMIÑO, J. El turismo doméstico ¿Demanda potencial de los centros de turismo comunitario en Ecuador? PASOS. **Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**. v. 15, n. 3. p. 579 – 590. 2017. Universidad de La Laguna: El Sauzal (Tenerife), España. Disponível em: http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=88151417005. Acesso em: 10 abr. 2020.

CAÑADA, E. La Comercialización Del Turismo Comunitario En América Latina. **Anuario de Estudios Centroamericanos,** Universidad de Costa Rica, 2015, p.159-189.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede.** São Paulo: Paz e Terra, 1991. v.1.

CASTRO, L. L. C.; PINTO, R. Sustentabilidade e Turismo Comunitário: aspectos teórico-conceituais. **Caderno Virtual de Turismo.** Rio de Janeiro, v.13, n.2., p. 213-226, ago. 2013.

DENCKER, A. de F. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo.** São Paulo: Futura, 2002. 286 p.

DEPARTAMENTAL DE TURISMO. Normas e serviços de Rurrenabaque/ Governo Autônomo, 2019.

ERKUS-ÖZTÜRK, H.; ERAYDIN, A. Environmental governance for sustainable tourism development: colaaborative networks and organisation building in the Antalya tourism region. **Tourism management,** n. 31, p.113-124, 2010.

FABRINO, N. H.; NASCIMENTO, E. P. do; COSTA, H. A. Turismo de Base Comunitária: uma reflexão sobre seus conceitos e práticas. **Caderno Virtual de Turismo.** Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 172- 190, dez. 2016.

FABRINO, N. H.; NASCIMENTO, E. P. do; COSTA, H. A. Turismo de Base Comunitária: uma reflexão sobre seus conceitos e práticas. **Caderno Virtual de Turismo**. Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 172- 190, dez. 2016.

FIGUEIREDO, S. L. Alternativas de Turismo de Base Comunitária na Amazônia Legal brasileira, **Confins** [En ligne], 54 | 2022, mis en ligne le 30 mars 2022, consulté le 21 août 2024. URL : http://journals.openedition.org/confins/45154 ; DOI : https://doi.org/10.4000/confins.45154

GIAMPICCOLI, A.; SAAYMAN, M.; JUGMOHAN, S. Developing community-based tourism in South Africa: Addressingthemissing link. **African Journal for Physical, Health Education, Recreation and Dance,** v. 20, n. 2/3, p. 1139-1161, 2015.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 996. 159 p.

GOELDNER, C. R.; RITCHIE, J. R. ; MCINTOSH, R. W. **Turismo**: princípios, práticas e filosofias. 8. ed. Porto Alegre: Bookman, 2002. 478 p.

GÓMEZ, C. R. P.; FALCÃO, M. C.; CASTILLO, L. A. G.; CORREIA, S. N.; OLIVEIRA, V.M. de. Turismo de Base Comunitária como Inovação Social: congruência entre os constructos. **Pasos:** Revista de Turismo y Patrimonio Cultural, v. 13, n. 5, p. 1213-1227, 2015.

GOODWIN, H. **Progress in Responsible Tourism**. Editors: Harold Goodwin and Xavier Font. v. 1, n. 1, p. 134-135, nov. 2011.

GÜNTHER, H. Pesquisa qualitativa *versus* pesquisa quantitativa: esta é a questão? **Psicologia:** Teoria e Pesquisa. Brasília. p. 201-210, 2006. Disponível em http://www.scielo.br/pdf/ptp/v22n2/a10v22n2.pdf. Acesso em: 09 jun. 2019.

ICMBio. **Turismo de base comunitária em unidades de Conservação Federais:** Princípios e Diretrizes. 2018.

IRVING, M. A.; MENDONÇA, T. C. M. Turismo de base comunitária: a participação como prática no desenvolvimento de projetos turístico no Brasil - Prainha Do Canto Verde, Beberibe (CE). **Caderno Virtual de Turismo**, v. 4, n. 4, p. 12-22, 2004.

JACOBI, P. R.; SANTOS, V. M.N. Educação, ambiente e aprendizagem social: metodologias participativas pra geoconservação e sustentabilidade. **Estudos Rev. Bras. Estud. Pedagog**. v. 98, n. 249, May/Aug. 2017.

LEE, T. H. ; JAN, F. Can community-based tourism contribute to sustainable development? Evidence from residents' perceptions of the sustainability. **Tourism Management,** v. 70, p. 368-380, feb. 2019.

LÉVANO - ACOSTA. R. I. Informe temático N° 22/2015-2016 Regulación del turismo rural comunitario en países de latinoamérica Lima, 14 de enero de 2016 - Perú Disponível em: http://www.congreso.gob.pe/dgp/Didp/index.html. Acesso em: 10 maio 2021.

LEY General de Turismo Peru. Disponível em: https://www.conadisperu.gob.pe/ observatorio/normativa/ley-n-29408-ley-general-de-turismo/. Acesso em: 28 maio 2021.

MALDONADO, C. **Pautas metodológicas para el análisis de experiencias de Turismo Comunitário.** Ginebra: Organización Internacional del Trabajo. SEED: Serie Red de Turismo Sostenible Comunitario para América Latina (REDTURS). 2005. Documento de trabajo, n. 73.

MARTINS, H. T. de Souza. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e Pesquisa,** São Paulo, v.30, n.2, p. 289-300, maio, 2004.

MORAES, E. A. de; IRVING, M. A.; MENDONÇA, T.C.M. Turismo de base comunitária na América Latina: uma estratégia em rede. **Revista Tur., Visão e Ação,** v. 20, n. 2, p. 249 – 265, maio/ago. 2018.

MORAES, E. A.; IRVING, M. A.; MENDONÇA, T.C.M. Turismo de base comunitária na América Latina: uma estratégia em rede. **Revista Tur., Visão e Ação**. v. 20, n. 2, maio/ago. 2018.

NARDELLI, M. A.; VIANNA, T. E.; NITSCHE, L. B. Integração comunitária: Red Tusoco como um modelo de gestão participativa na organização do turismo local. **Caderno Virtual de Turismo**. Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 111-125, ago. 2016.

NASCIMENTO, Raimundo Magno Cardoso. **Comunidades quilombolas África e Laranjituba um estudo das práticas e fenômenos que constituem sua gestão territorial tradicional.** 2017. 92 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável) - Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

NEIMAN, Z.; BARROS-FREIRE, J.M. de Definição do modelo jurídico de gestão da pousada Uacaro, na Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) Mamirauá (Tefé, AM): busca da minimização de conflitos entre os atores sociais participantes. **Revista Direito Ambiental e Sociedade, v**. 10. n.1, p. 205-236, 2020.

OLIVEIRA JÚNIOR, A. B. de. **Ecoturismo:** conflito entre teoria e prática. Salvador: Universidade Federal da Bahia. Bahia. 2010.

OZORIO, R. Z.; PERALTA, N.; VIEIRA, F. S. Gestão participativa da Pousada Uacari: um processo em construção. In: OZORIO, R. Z.; PERALTA, N.; VIEIRA, F. S. (org.). **Lições e reflexões sobre o turismo de base comunitária na Reserva Mamirauá.** Tefé, AM: IDSM, 2016. p. 115-133.

PENTUR. Plan Estratégico Nacional de Turismo 2025. Disponível em: https://www.mincetur.gob.pe/wp-content/uploads/documentos/turismo/documentos/. Acesso em: 10 maio 2020.

PENTUR/PENTUR_Final_JULIO2016.pdf. Acesso em: 10 fev. 2021.

PERALTA, N.; ALENCAR, E. F. Ecoturismo e Mudança Social na Amazônia Rural: efeitos sobre o papel da mulher e as relações de gênero. **Campos,** v. 9, n. 1, p. 109-129, 2008.

PERALTA, N.; VIEIRA, F. S.; OZÓRIO, R. Gestão participativa da Pousada Uacari: um processo em construção. In: OZORIO, R. Z.; PERALTA, N.; VIEIRA, F. S. (org.). **Lições e reflexões sobre o turismo de base comunitária na Reserva Mamirauá.** Tefé, AM: IDSM, 2016. p. 240- 257.

PEREDO - VIDEA, B. (2011). En la comunidad tacanha de San Miguel hay futuro: estudio del emprendimiento de turismo comunitario implementado por la comunidad indígena tacana San Miguel ubicada en la región del Madidi en Bolivia. 2011. 77 p.

PERU. Ministerio de Comercio Exterior y Turismo. Comisión de Promoción del Peru para la Exportación y el Turismo – PROPERU. Lima, 2015. Folhetos informativos.

PLAN Nacional de Turismo 2015-2020. Agenda Turística al 2025. Construyendo el futuro de Bolivia. Resumen. La Paz: Ministerio de Culturas y Turismo, 2015.

PUTNAM, Robert. **Comunidade e democracia:** a experiência da Itália moderna. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

QUARESMA, H. D. de A. B. **Turismo na terra de Macunaíma**: sustentabilidade em parques nacionais da Amazônia? 2008. 423 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido) - Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.

REALE, H.G.; AGUIAR, R. **Entre África e Laranjituba:** a construção de uma experiência fotoetnográfica. Belém: Unama, 2015.

REGLAMENTO específico de turismo comunitário. Disponível em: https://docplayer.es/95533490-Reglamento-especifico-de-turismo-comunitario-capitulo-i-normas-generales-articulo-1-del-objeto-el-presente-reglamento-tiene-como-objeto-normar.html. Acesso em: 6 maio 2021.

RODRÍGUEZ, S. **Turismo comunitario en Colombia**: ¿retórica de Estado? Turismo y Sociedad, xxii, p. 195-212, 2018. DOI: https://doi.org/10.18601/01207555.n22.10. Disponível em: Turismo comunitario en Colombia: ¿retórica de Estado? | Turismo y Sociedad (uexternado.edu.co). Acesso em: 10 maio 2020.

SCHNEIDER, S.; SCHIMITT, C. J. O uso do método comparativo nas ciências sociais:

SERNAP. **Informe de la expedición cientifica Identidad Madidi 2016:** relevamientos de biodiversidad en el Parque Nacional y Área Natural de Manejo Integrado Madidi. La Paz, Bolivia, 2016 200 p.

SERVICIO NACIONAL DE AREAS NATURALES PROTEGIDAS POR EL ESTADO – SERNANP. Plan Maestro de la Reserva Nacional Tambopata 2019-2023. Lima, 2020.

SERVICIO NACIONAL DE AREAS NATURALES PROTEGIDAS POR EL ESTADO (SERNANP). Parque Nacional Manu. Plan Maestro 2013-2018. Lima, 2014.

SIMONETTI, S. R.; NASCIMENTO, E. P.; CHAVES, M. P. S. R. As representações sociais sobre turismo em comunidades do Rio Negro (Iranduba-AM). **Caderno Virtual de Turismo**. Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 183-199, ago. 2016.

SIMONIAN, L.T. L. Uma relação que se amplia: fotografia e ciência sobre e na Amazônia. In: KAWAGE, C.; RUGGERI, S. (org.). **Imagens e pesquisa na Amazônia:** ferramentas de compreensão da realidade amazônica. Belém: Alves, 2007. p. 15-52.

SOUZA, A. J. A.; SIMONIAN, L. T. L.; MAUÉS, R. H. Contradições no campo da saúde: a ausência de política pública de saúde local e fortalecimento da medicina tradicional na Comunidade Remanescente Quilombola Laranjituba e África. In: PEZZUTI, J.; RAMOS, C. A. (org.). **Desafios amazônicos**. Belém: NAEA/UFPA, 2006. p. 425-455.



Mônica de Nazaré, natural de Belém - PA, é turismóloga e pedagoga, doutora em desenvolvimento socioambiental, professora, extensionista e pesquisadora do Departamento de Turismo e Hotelaria da Universidade Federal do Maranhão - UFMA. Desde 2018, coordena projetos de extensão de turismo de base comunitária na região dos Lençóis Maranhenses com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão - FAPEMA. É líder do Grupo de Pesquisa Turismo e Desenvolvimento Comunitário e coordena o Núcleo de Pesquisa e Documentação em Turismo da UFMA.

Este livro é fruto de uma pesquisa feita durante o pós-doutorado, realizado no Núcleo de Altos Estudos da Amazônia - NAEA, da Universidade Federal do Pará, iniciada em 2019.

Trata-se de uma genealogia do turismo de base comunitária cujo objetivo é analisar projetos desenvolvidos em diversas comunidades da Pan-Amazônia, precisamente nos países Brasil, Bolívia e Peru.

Constatou-se como se mostram as articulações e a promoção de ações referentes ao turismo de base comunitária. A investigação teve como propósito analisar, de modo comparativo, a constituição do turismo de base comunitária, bem como suas particularidades.

Outrossim, tomou-se em conta também que o turismo de base comunitária é fator de conservação dos recursos naturais e de geração de trabalho e renda.

Ressaltou-se, ainda, que é imprescindível haver uma conexão equilibrada de todos os agentes envolvidos no TBC, ou seja, comunitários, ONG, instituições públicas, operadoras turísticas e cooperações internacionais.

O Turismo de base comunitária na Pan-Amazônia - Tecnologias sociais do Brasil, Bolívia e Peru é um livro que nos traz diferentes experiências de Turismo de Base Comunitária (TBC) na Amazônia brasileira, boliviana e peruana, com uma grande riqueza de informações e detalhes, sob o olhar investigativo de uma experiente professora e pesquisadora, que buscou compartilhar com os leitores da obra suas descobertas, de uma maneira muito generosa, como se estivesse em uma sala de aula do Curso de Turismo ou de Hotelaria da Universidade Federal do Maranhão.

O livro apresenta um vasto repertório de experiências de TBC, protagonizado por caboclos, ribeirinhos, quilombolas e indígenas da Pan-Amazônia, com diferentes estratégias de gestão, com arranjos institucionais envolvendo famílias, comunidades, organizações comunitárias, órgãos governamentais, organizações não governamentais, além de redes compostas por diversificados atores em prol do desenvolvimento do TBC.

Apesar de as iniciativas reportadas na Amazônia brasileira – nos estados do Pará e Amazonas, bem como na Amazônia boliviana e na peruana – apresentarem diferentes estágios de implementação, diferentes desafios, diferentes realidades e singularidades, existem importantes semelhanças que as unem. Por trás de todas as iniciativas, fica evidente a necessidade de autoafirmação de suas identidades, a defesa de seus territórios, com toda sociobiodiversidade, e a busca pela dignidade e proteção de seus modos de vida. Portanto, isso confirma a importância do TBC como instrumento de luta e agente de transformação na defesa dos territórios, conservação e melhoria da qualidade de vida das comunidades tradicionais.

Por fim, alerto os leitores que preparem suas mochilas, pois ao final da leitura, ficará a vontade de experienciar o turismo em cada uma das iniciativas, em cada comunidade apresentada nesta obra, com o devido respeito e admiração que merecem, considerando a importância destes trabalhos, sobretudo em tempos de emergência climática, para a educação e sensibilização das sociedades, para a defesa da maior floresta tropical do mundo, com a maior sociobiodiversidade, composta por povos e comunidades tradicionais que resistem a todas as adversidades e são as verdadeiras mantenedoras deste valoroso patrimônio para todo o planeta.

Esta, se dúvidas, é uma obra imprescindível para quem deseja entender o Turismo de Base Comunitária!

Bruno Gueiros
Analista ambiental
Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade
Núcleo de Gestão Integrada ICMBio São Luís

ISBN 978-85-7143-235-2